

# MEMORIAL

## GRANDE SERTÃO... (TRANS)DOCÊNCIAS:

Travessias dialógicas de uma  
educadora nas múltiplas e  
sinuosas veredas acadêmicas

IVANDA MARIA MARTINS SILVA





**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA – UAEADTec**  
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa – EAD  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em EAD – PPGTEG  
Pós-Graduação *Lato Sensu* – Linguagem e Formação Docente – LINFOR

IVANDA MARIA MARTINS SILVA

## **MEMORIAL ACADÊMICO DESCRITIVO**

**GRANDE SERTÃO... (TRANS)DOCÊNCIAS:  
travessias dialógicas de uma educadora nas múltiplas e sinuosas  
veredas acadêmicas**

Recife,  
2024

IVANDA MARIA MARTINS SILVA

**GRANDE SERTÃO... (TRANS)DOCÊNCIAS:  
travessias dialógicas de uma educadora nas múltiplas e sinuosas  
veredas acadêmicas**

Memorial Acadêmico Descritivo apresentado pela professora Dra. Ivanda Maria Martins Silva, docente do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD e dos programas de pós-graduação PROGEL, PPGTEG, LINFOR - Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia – UAEADTec, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito parcial à Promoção Funcional para a Classe E - Professora Titular, conforme Resoluções UFRPE nºs 086/2014, 120/2018, 009/2019 e 065/2020 - CONSU/UFRPE, Portaria MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013.

Recife,  
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

S586g Silva, Ivanda Maria Martins  
Grande Sertão...(Trans)Docências: travessias dialógicas de uma educadora nas múltiplas e sinuosas veredas acadêmicas / Ivanda Maria Martins Silva. Recife, 2024.  
446 p. : il.

Inclui bibliografia.  
Inclui anexos e apêndices.

Memorial Descritivo (Professor Titular) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

Silva, Ivanda Maria Martins 2. Memorial acadêmico 3. Narrativa autobiográfico 4. (Trans)Docências 5. Linguagem 6. Literatura 7. Educação Grande Sertão: Veredas 8. Rosa, João Guimarães I Título

CDD 920





**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE  
PERNAMBUCO - UFRPE**

**Reitora**

Maria José de Sena

**Vice-Reitora**

Maria do Socorro de Lima Oliveira

**Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PREG**

Danielli Matias de Macedo Dantas

**Pró-Reitoria de Pós-Graduação - PRPG**

Rinaldo Aparecido Mota

**Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania  
– PROExC**

Renata Valéria Regis de Sousa Gomes

**Pró-Reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão  
PROGESTI**

Tália de Azevedo Souto Santos

**Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas – PROGEPE**

Renata Andrade de Lima e Souza

**Pró-Reitoria de Administração – PROAD**

Rodrigo Gayger Amaro

**Pró-Reitoria de Planejamento e Gestão  
Estratégica - PROPLAN**

Manuela Medeiros Gonçalves



**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A  
DISTÂNCIA E TECNOLOGIA – UAEADTec**

**Direção Geral e Acadêmica**

Elidiane Suane Dias de Melo Amaro

**Substituta Eventual da Direção Geral e  
Acadêmica**

Juliana Regueira Basto Diniz

**Coordenadora Geral de Cursos de Graduação**

Paula Basto Levay

**Substituto Eventual da Coordenação Geral de  
Cursos de Graduação**

Francisco Luiz dos Santos

**Coordenação da Universidade Aberta do  
Brasil - UAB**

José Temístocles Ferreira Júnior

**Coordenação Adjunta da Universidade  
Aberta do Brasil - UAB**

Paloma Pereira Borba Pedrosa

**Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Letras EAD**

Eduardo Barbuio

IVANDA MARIA MARTINS SILVA

**MEMORIAL**

**GRANDE SERTÃO...(TRANS)DOCÊNCIAS:  
travessias dialógicas de uma educadora nas múltiplas e sinuosas veredas  
acadêmicas**

*Comissão Especial de Professores(as) Titulares*

**Profa. Dra. Vicentina Maria Ramires Borba**

*Presidente – Examinadora Interna*

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

**Profa. Dra. Livia Suassuna**

*Examinadora Externa*

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

**Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves**

*Examinador Externo*

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

**Prof. Dr. Sérgio Paulino Abranches**

*Examinador Externo*

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

**Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza**

*Suplente Externa*

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

**Profa. Dra. Valéria Severina Gomes**

*Suplente Interna*

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

*Comissão de apoio à Defesa do Memorial*

**Prof. Dr. Eduardo Barbuio**

Representante da Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) – UFRPE/UAEADTec

**Carolina Santos Bakun**

Secretária Executiva – UFRPE/UAEADTec

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa (Rosa, 2019, p. 76).

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia (Rosa, 2019, p. 53).

Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem são. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado (Rosa, 2019, p. 136).

*Grande Sertão: Veredas* – Guimarães Rosa

Uma página para a dedicatória já não é suficiente para este Memorial. Mas, tento fazer este exercício e dedico esta narrativa autobiográfica:

Aos meus pais, José Martins (*in memoriam*) e Josefa Silva (Nena), pela sabedoria infinita, construída além dos muros das escolas, e pela minha formação ética/cidadã que orienta minhas trilhas nas travessias da vida e nas trajetórias acadêmicas.

À minha filha, Clara Beatriz (Clarinha), por ter me ensinado a caminhar mais leve nas ilimitadas veredas da vida, descortinando as múltiplas potencialidades de (re)fazer o caminho para continuar as travessias sempre em frente, com muita fé, amor e esperança.

Ao meu esposo, André Augusto, educador e companheiro de imensas travessias no *Grande Sertão... (Trans)Docências*, pelo amor infinito, pelo apoio incondicional diante dos desafios e das aprendizagens da vida, e pelos compartilhamentos no universo mágico da docência na área de Literatura.

À minha família, irmãos, irmãs (Ivania, Ivanice, Ivanildo, Ivancy), cunhados(as), sobrinhos(as), tios(as), em especial, ao meu tio Padre, D. Frei Severino de França, primos(as), aos que não estão mais por aqui nesta dimensão, mas que ficaram “encantados”, como já disse Guimarães Rosa, foram eternizados em nossas memórias, pela união e colaboração em todos os momentos nas jornadas e experiências vividas.

Às queridas orientadoras da UFPE, professoras Maria da Piedade Moreira de Sá (Pia) (*in memoriam*), e Amara Cristina Botelho, e ao querido professor José Ricardo Paes Barreto, pelos ensinamentos e pelas oportunidades de trabalho no campo da docência, experiências que me transformaram e contribuíram para consolidar a minha identidade docente.

Ao eterno orientador, professor Luiz Antônio Marcuschi (*in memoriam*), por ter me ensinado a trilhar caminhos no campo da pesquisa científica na área da Linguística, desde as travessias iniciais no Programa de Iniciação Científica da UFPE.

Aos(Às) queridos(as) educandos(as) que compartilharam suas trilhas de aprendizagens nas múltiplas travessias de minhas *(Trans)Docências* e me ensinaram o encantamento de ensinar aprendendo a aprender a cada instante.

Às mães pesquisadoras, professoras, profissionais que lutam diariamente para conciliar os desafios da maternidade e as demandas da carreira docente nas escolas, universidades, faculdades e instituições diversas de ensino deste país.

Por fim, dedico este Memorial a todos(as) educadores(as), Severinos e Severinas no *Grande Sertão... (Trans)Docências*, pela resiliência na luta diária do ofício de ser docente para transformar a educação em um país, tão desafiador e, ao mesmo tempo, tão encantador, como o Brasil.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Grande Sertão... (Trans)Docências:** travessias dialógicas de uma educadora nas múltiplas e sinuosas veredas acadêmicas. Memorial Acadêmico. Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia – UAEADTec, Recife, 2024.<sup>1</sup>

## RESUMO

“Grande Sertão... (Trans)Docências: travessias dialógicas de uma educadora nas múltiplas e sinuosas veredas acadêmicas” é um Memorial Acadêmico compreendido como registro da história de vida de uma educadora que (re)elabora narrativas de si como professora dialógica e reflexiva no repensar de suas ações pedagógicas nas múltiplas travessias acadêmicas e profissionais. Como docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE/UAEADTec, elaboro este Memorial com o objetivo geral de apresentar as minhas travessias acadêmicas e profissionais nos eixos de ensino, pesquisa, extensão e gestão, considerando processos formativos contínuos e vivências como discente e docente, nos cenários da Educação Básica e da Educação Superior. Em termos teórico-metodológicos, este Memorial destaca a noção de “(Trans)Docências”, tendo em vista a multiplicidade de interfaces na constituição de minha(s) identidade(s) docente(s), tais como: a *docência dialógica*, a *tecnodocência*, a *polidocência*, a *docência polifônica*, a *docência exotópica*, a *docência cronotópica* e a *docência Severina*. Destaco, ainda, a história de vida como aprendizagem biográfica reflexiva e prática de (auto)formação, com base nas noções de ateliê biográfico, fotobiografia, escrevivência(s), autoetnografia, ethos discursivo e o *framework* do TPACK - *Technological Pedagogical Content Knowledge*. Em uma imersão autobiográfica intertextual, em constante diálogo com a obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e outras vozes da literatura universal, traço múltiplos autorretratos, sob um olhar plural que busca estreitar as conexões entre presente, passado e futuro à luz do viés cronotópico bakhtiniano. Narro as minhas vivências no “Sertão” das múltiplas docências, evidenciando percursos trilhados nos cenários da Educação Básica e da Educação Superior em contextos públicos e privados de ensino. Minha narrativa confunde-se com outras histórias que destacam o início das atividades no âmbito da Educação a Distância, na UFRPE, em sintonia com reflexões sobre o lugar desta modalidade educacional no cenário brasileiro. Conto, também, experiências que vivi no cronotopo pandêmico da Covid-19, um tempo-espaço marcado por intensos desafios, momento de rever rotas, traçar outros caminhos no repensar de processos de ensino e aprendizagens mediados pelas tecnologias. Busco elaborar um panorama reflexivo quali/quantitativo das atividades realizadas nos eixos de ensino, pesquisa, extensão e gestão, tendo em vista as diferentes fases da trajetória acadêmica. Destaco a escrita de si como estratégia articulada ao processo de biografização das experiências na construção das múltiplas identidades discentes e docentes (re)construídas durante as travessias acadêmicas. Faço esta imersão autobiográfica, resgatando memórias e lembranças nas interações dialógicas entre docências e discências que consolidam minha(s) identidade(s) como professora esperançosa e resiliente. Procuo (re)encontrar-me nas múltiplas e sinuosas veredas desse *Grande Sertão... (Trans)Docências*, permitindo-me (re)leituras e (re)descobertas como educadora em contínuas e ilimitadas travessias, sempre aprendendo a aprender a cada instante.

**Palavras-chave:** Memorial Acadêmico; Narrativa Autobiográfica; (Trans)Docências; Linguagem; Literatura; Educação; *Grande Sertão: Veredas*; João Guimarães Rosa.

---

<sup>1</sup> A defesa pública do Memorial *Grande Sertão... (Trans)Docências: travessias dialógicas de uma educadora nas múltiplas e sinuosas veredas acadêmicas* foi realizada em 05/09/2024 e a gravação está disponível na plataforma do YouTube, no Canal do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE - UAEADTec, link de acesso: [https://www.youtube.com/watch?v=hRrha7iK0\\_A](https://www.youtube.com/watch?v=hRrha7iK0_A)

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Great Hinterland... (Trans)teaching: dialogical crossings of an educator in the multiple and winding academic paths.** Academic Memorial. Federal Rural University of Pernambuco – UFRPE, Distance Education and Technology Academic Unit – UAEADTec, Recife, 2024.

## ABSTRACT

Great Hinterland... (Trans)teaching: dialogical crossings of a teacher the multiple and winding academic paths is an Academic Memorial understood as a record life's story of a teacher who (re)elaborates narratives about herself as a dialogical and reflective teacher in rethinking their pedagogical actions in multiple academic and professional crossings. As a teacher at the Federal Rural University of Pernambuco – UFRPE/UAEADTec, I created this Memorial with the general objective of presenting my academic and professional crossings in the areas of teaching, research, extension and management, considering continuous formative processes and experiences as a student and teacher, in the basic and higher education scenarios. In theoretical-methodological terms, this Memorial highlights the notion of “(Trans)Teaching”, considering the multiplicity of interfaces in the constitution of my teaching identities, such as: dialogical teaching, technoteaching, polyteaching, polyphonic teaching, exotopic teaching, chronotopic teaching and Severina teaching. I also highlight life history as a reflective biographical learning and (self)formation practice, based on the notions of biographical studio, photobiography, writing, autoethnography, discursive ethos and the TPACK - Technological Pedagogical Content Knowledge framework. In an intertextual autobiographical immersion, in constant dialogue with the Guimarães Rosa's work *Grande Sertão: Veredas* and other voices from universal literature, I draw multiple self-portraits, under a plural perspective that seeks to strengthen the connections between present, past and future in the light of bakhtinian chronotopic bias. I narrate my experiences in the “Great Hinterland” of multiple teachings, highlighting paths taken in the settings of basic and higher education in public and private teaching settings. My narrative intertwines with other stories that highlight the beginning of activities within the scope of Distance Education, at UFRPE, in line with reflections on the place of this educational modality in the Brazilian scenario. I also talk about experiences during the Covid-19 pandemic chronotope, a time-space marked by intense challenges, a time to review routes, trace other paths in rethinking teaching and learning processes mediated by technology. I seek to develop a qualitative/quantitative reflective overview of the activities carried out in the areas of teaching, research, extension and management, taking into account the different phases of the academic trajectory. I emphasize self-writing as a strategy articulated with the biographical process of experiences in constructing multiple student and teacher identities (re)constructed during academic crossings. I undertake this autobiographical immersion, retrieving memories and recollections in dialogical interactions between teachings and learnings that consolidate my identity as a hopeful and resilient teacher. I try to (re)find myself in the multiple and winding paths of this Great Hinterland... (Trans)teaching, allowing (re)readings and (re)discoveries as a teacher in continuous and unlimited crossings, always learning to learn at every moment.

**Keywords:** Academic Memorial; Autobiographical Narrative; (Trans)Teaching; Language; Literature; Education; *Grande Sertão: Veredas*; João Guimarães Rosa.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Panorama global de disciplinas ministradas - graduação e pós-graduação (período: 1996 a 2024) .....	402
Gráfico 2: Panorama quantitativo de disciplinas ministradas na UFRPE – graduação e pós-graduação (período: 2008 a 2024). .....	403
Gráfico 3 – Áreas das disciplinas ministradas na graduação da UFRPE (período: 2008 a 2024).....	404
Gráfico 4 – Disciplinas ministradas e turmas na pós-graduação da UFRPE (período: 2011 a 2024)...	405
Gráfico 5: Panorama quantitativo de turmas na UFRPE - graduação e pós-graduação <i>stricto sensu</i> (período: 2008 a 2024) .....	406
Gráfico 6: <i>Timeline</i> de turmas de graduação e pós-graduação – UFRPE (período: 2008 a 2024).....	407
Gráfico 7: Formação de Recursos Humanos: orientações - graduação e pós-graduação .....	410
Gráfico 8: Orientações na pós-graduação <i>lato sensu</i> .....	411
Gráfico 9: Participação em bancas – TCC, Mestrado, Doutorado, Concursos e outras .....	412
Gráfico 10: <i>Timeline</i> da produção científica – publicação de artigos em periódicos e artigos completos em anais de eventos .....	413
Gráfico 11: <i>Timeline</i> da produção científica – livros publicados/organizados, capítulos de livros e materiais didáticos.....	414
Gráfico 12: Produção científica: visão panorâmica .....	415
Gráfico 13: Atividades de Extensão .....	416
Gráfico 14: Eixo de gestão: síntese de atividades administrativas.....	417
Gráfico 15: Participação em Comissões da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia – UAEADTec/UFRPE (2008 a 2024).....	421
Gráfico 16: Participação em Colegiados de Cursos de Graduação EAD – UFRPE/UAEADTec .....	422

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Grande Sertão... (Trans)Docências: travessias cronotópicas.....	54
Quadro 2: 10 princípios da Tecnodocência .....	60
Quadro 3: Tipos de conhecimentos e organização do TPACK.....	79
Quadro 4: Dados Funcionais na UFRPE .....	104
Quadro 5: Trilhas da Formação Acadêmica.....	107
Quadro 6: Disciplinas ministradas na graduação da FIR- Faculdades Integradas do Recife (período: 1998 a 2008) .....	141
Quadro 7: Disciplinas ministradas na graduação FAINTVISA .....	142
Quadro 8: Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso- FIR.....	144
Quadro 9: Relação de projetos de pesquisa e orientandos(as) - PIBIC/FIR.....	145
Quadro 10: Disciplinas ministradas na pós-graduação lato sensu da FIR.....	146
Quadro 11 : Disciplinas ministradas na pós-graduação <i>lato sensu</i> FAINTVISA.....	147
Quadro 12: Disciplinas ministradas na pós-graduação <i>lato sensu</i> de instituições privadas e na URCA .....	148
Quadro 13: Síntese da carga horária em cursos de pós-graduação no contexto privado da Educação Superior e na URCA .....	149
Quadro 14: Disciplinas ministradas na graduação da UFPE .....	155
Quadro 15: Disciplinas ministradas na pós-graduação <i>lato sensu</i> - UFPE.....	156
Quadro 16: Disciplinas ministradas na graduação - UFRPE.....	163
Quadro 17: Discentes bolsistas de Iniciação Científica da UAEADTec .....	173
Quadro 18: Projetos de Pesquisa – UFRPE (Período: 2008 a 2024).....	174
Quadro 19: Orientações de Iniciação Científica - PIBIC/PIC na UFRPE (2008 a 2024). .....	176
Quadro 20: Orientações de monitoria, estágio docência, PIBID, PRP, BEXT/extensão e outra natureza .....	178
Quadro 21: Núcleos do Programa Residência Pedagógica – Língua Portuguesa – EAD/UFRPE .....	183
Quadro 22: Atividades do Núcleo de Letras/Língua Portuguesa EAD – PRP/UFRPE .....	184
Quadro 23: <i>Caravana de Formação Docente</i> – Núcleo de Língua Portuguesa EAD.....	189
Quadro 24: Disciplinas ministradas na pós-graduação <i>lato sensu e aperfeiçoamento/</i> UFRPE .....	192
Quadro 25: Disciplinas ministradas na pós-graduação <i>stricto sensu</i> - UFRPE.....	194
Quadro 26: Ateliê de Literatura e outras Linguagens – PROGEL/UFRPE .....	196
Quadro 27: Panorama de orientações de pós-graduação lato sensu (período – 2011 a 2024). .....	199
Quadro 28: Orientações de Mestrado na UFRPE – Concluídas.....	201
Quadro 29: Panorama de orientações de discentes - graduação e pós-graduação .....	204
Quadro 30: Regulamentação do MEC .....	224
Quadro 31: Grupos de Trabalho - PREG/UFRPE (período 2020 a 2022). .....	227



Quadro 32: Relação de lives e outras atividades realizadas no cronotopo pandêmico .....	231
Quadro 33: Atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão na Educação Superior .....	243
Quadro 34: Outras atividades na docência EAD .....	244
Quadro 35 : Artigos completos publicados em periódicos.....	246
Quadro 36: Livros organizados .....	255
Quadro 37: Capítulos de livros publicados.....	262
Quadro 38: Materiais didáticos publicados .....	274
Quadro 39: Relação de Grupos de Pesquisa - CNPq.....	282
Quadro 40: Linhas de pesquisa cadastradas nos Grupos de Pesquisa- CNPq.....	283
Quadro 41: Coordenação de Projetos de Pesquisa - UFRPE.....	283
Quadro 42: Participação em Projetos de Pesquisa - UFPE .....	284
Quadro 43: Coordenação de Projetos de Ensino e Extensão .....	286
Quadro 44: Relação de Atividades – 1ª edição do LABFOR 2020 .....	290
Quadro 45: Síntese do quantitativo de participantes - Programa MULTILAB .....	291
Quadro 46: Descrição total de atividades extensionistas do Programa MULTILAB .....	291
Quadro 47: Atividades realizadas na 2ª Edição do Projeto de Extensão LABFOR (2021 a 2022). .....	293
Quadro 48: Relação de periódicos na avaliação ad hoc de artigos científicos.....	317
Quadro 49: Relação de participações em bancas .....	327
Quadro 50: Relação de discentes do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE aprovados(as) em Concurso Público - Seleção de Professor(a) de Educação Básica do Governo do Estado de Pernambuco.....	329
Quadro 51: Participação em Bancas de Concurso Público.....	342
Quadro 52: Colegiados e comissões em cursos de graduação e de pós-graduação na UFRPE .....	375
Quadro 53: Atividades Administrativas – Gestão – UFRPE.....	376
Quadro 54: Trilhas inov-ativas para práticas de leituras literárias .....	386
Quadro 55: Trilhas das atividades de ensino: caminhos das (Trans)Docências .....	400
Quadro 56: Relação de Polos EAD – disciplinas de graduação EAD .....	399
Quadro 57: Atividades Administrativas – Gestão - UFRPE .....	418

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Evolução da carreira docente para promoção funcional a(à) Professor(a) Titular .....	42
Figura 2: Máquina de escrever .....	61
Figura 3: Modelo PC - anos 1990 .....	61
Figura 4: Timeline de minha tecnobiografia .....	63
Figura 5: Síntese dialógica das (Trans)Docências .....	69
Figura 6: Framework TPACK e a integração dos seus componentes.....	79
Figura 7: Autorretrato com vestido vermelho de veludo.....	87
Figura 8: Manteau Rouge - Autorretrato – Tarsila do Amaral.....	87
Figura 9: Obra de Tarsila do Amaral - Autorretrato com flor vermelha (1922).....	88
Figura 10: Autorretrato cubista – 1923, de Salvador Dalí .....	88
Figura 11: Dados Pessoais.....	90
Figura 12: Uma foto de infância .....	92
Figura 13: Cenas da família Martins .....	93
Figura 14: Cenas da família Martins .....	94
Figura 15: Cenas da família Martins .....	94
Figura 16: Cenas da família Martins .....	95
Figura 17: A sombra da minha mangueira: My family... união, amor, felicidades.....	96
Figura 18: Arqueologia visual fotobiográfica - travessias da maternidade na fase das múltiplas aprendizagens.....	102
Figura 19: Arqueologia visual fotobiográfica - travessias da maternidade na fase da maturidade.....	103
Figura 20: Linha temporal: trajetória de progressão/promoção funcional na carreira docente – UFRPE .....	105
Figura 21: Travessias da formação acadêmica - graduação e pós-graduação .....	107
Figura 22: Escola Estadual Professor Jordão Emerenciano .....	108
Figura 23: Ensino Fundamental II e Ensino Médio .....	109
Figura 24: Colação de grau, conclusão da Licenciatura em Letras (UFPE), ano de 1993, UFPE. ....	119
Figura 25: Professores homenageados – Colação de grau (1993) - UFPE.....	119
Figura 26: Colação de grau de André Augusto Barbosa (meu esposo) – UFPE (ano 1994).....	120
Figura 27: A Lâurea Universitária: graduação em Letras- UFPE. ....	120
Figura 28: Resumo da Dissertação de Mestrado – UFPE .....	124
Figura 29: Voto de Louvor do Conselho de Cultura da Cidade do Recife .....	126
Figura 30: O escritor pernambucano Gilvan Lemos .....	128
Figura 31: A livraria Livro 7 – Recife – PE.....	129
Figura 32: Docência na Escola Estadual Marcelino Champagnat.....	131
Figura 33: Resumo da Tese de Doutorado - UFPE .....	133
Figura 34: Travessias nas (Trans)Docências - Educação Básica e Educação Superior .....	140
Figura 35: Oficinas de Linguagem no Colégio de Aplicação da FAINTVISA .....	143

Figura 36: Círculos de compartilhamentos de leituras e vivências pedagógicas com professores(as): uma cena de aula dialógica na pós-graduação na FABEJA .....	149
Figura 37: Trilhas percorridas em cursos de graduação e de pós-graduação em Pernambuco.....	150
Figura 38: Prédio Central da UFPE- Reitoria.....	154
Figura 39: Prédio Central da UFRPE- Reitoria .....	157
Figura 40: Breve história dos cursos EAD na UFRPE .....	159
Figura 41: Cartaz do evento EDUCTEC elaborado pelos(as) licenciandos(as) .....	161
Figura 42: Registros do evento de extensão EDUTEC – ano de 2008.....	161
Figura 43 - FEPE- Fórum de Experiências Pedagógicas - Polo Pesqueira/PE .....	162
Figura 44: Mudança da Coordenação de Letras EAD para o prédio do Cegoe/UFRPE .....	165
Figura 45: Docentes da Licenciatura em Letras EAD/UFRPE .....	167
Figura 46: Corpo docente da UAEADTec com a PREG/UFRPE .....	168
Figura 47: Docentes e servidores(as) técnicos(as) da UAEADTec .....	168
Figura 48: Corpo docente e servidores(as) técnicos(as) em reunião com o Reitor .....	169
Figura 49: Registros de Seminários de Pesquisa- PIBIC/UFRPE – ano 2017 .....	172
Figura 50: Seminários de pesquisa- PIBIC- Socialização de Relatórios Parciais - ano 2023.....	172
Figura 51: Reunião de Orientação PIBIC 2021/2022.....	177
Figura 52: 1ª Reunião geral do PRP/UFRPE .....	180
Figura 53: Reunião de orientação para inscrição no processo seletivo - PRP .....	181
Licenciatura em Letras Língua Portuguesa EAD – UAEADTec/UFRPE.....	181
Figura 54: Registros de Reuniões do Núcleo de Letras – Língua Portuguesa PRP/Residência Pedagógica EAD.....	182
Figura 55: Socialização dos projetos didáticos PRP Letras EAD.....	182
Figura 56: Socialização dos projetos didáticos PRP Letras EAD.....	182
Figura 57: Roda de Diálogos: Círculos de vivências pedagógicas: experiências na ..... Escola EREM Padre Nércio Rodrigues- Recife – PE.....	186
Figura 58: Residentes e professora preceptora da Escola EREM Ana Faustina – Surubim/PE.....	187
Figura 59: Divulgação das ações do PRP Letras EAD/UFRPE .....	188
Figura 60: Reunião entre docentes orientadores(as) dos programas PIBID – PRP e..... a Pró-Reitoria de Graduação da UFRPE (ano 2023).....	188
Figura 61: Evento do PRP/UFRPE - Caravana de Formação Docente – Residência Pedagógica .....	189
Figura 62- Palestra da Profª Drª. Hérica Karina Cavalcanti de Lima, Coordenadora Geral do PRP/UFRPE, Caravana de Formação Docente do Núcleo de Língua Portuguesa EAD.....	190
Figura 63: Palestra do professor Dr. Ewerton Luna, Orientador de Língua Portuguesa PRP/UFRPE, modalidade presencial, Caravana de Formação Docente do Núcleo de Língua Portuguesa EAD. ....	190
Figura 64: Socialização de relatos de experiências docentes – EREM Ana Faustina – Surubim/PE, Caravana de Formação Docente do Núcleo de Língua Portuguesa EAD. ....	190
Figura 65: Socialização de relatos de experiências docentes – EREM Padre Nércio – Recife/PE, Caravana de Formação Docente do Núcleo de Língua Portuguesa EAD. ....	191

Figura 66: Ateliê de Literatura e outras Linguagens.....	197
Figura 67: Mestrandos e mestrandas do PROGEL/UFRPE – turma 2024.1 .....	198
Disciplina Seminários avançados em análises literárias, culturais e históricas .....	198
Figura 68: Formação de docentes, tutores(as), colaboradores(as) UAB da Licenciatura em Letras EAD, na sede UFRPE- CEGOE, em Recife – ano 2012. ....	206
Figura 69: Formação de docentes, tutores(as), colaboradores(as) UAB da Licenciatura em Letras EAD .....	206
Figura 70: Seminários de Pesquisas – apresentação de trabalhos de discentes de Letras EAD/UFRPE – polo Pesqueira/PE – ano 2013 .....	207
Figura 71: Formação de discentes de Letras EAD/UFRPE – polo Pesqueira/PE – ano 2015.....	207
Figura 72: Formação de discentes de Letras EAD/UFRPE – polo Carpina – ano 2014 .....	207
Figura 73 : Formação de discentes de Letras EAD/UFRPE- Polo Pesqueira - 2016 .....	208
Figura 74: Formação de discentes de Letras EAD/UFRPE - Polo Carpina – 2016.....	208
Figura 75: Formação de discentes de Letras EAD/UFRPE - Polo Recife - 2015.....	208
Figura 76: Encontro com discentes e sorteio de livros - Polo Carpina (ano de 2014) .....	209
Figura 77 : Letras Rural Tour: visita ao CEGOE, na sede UFRPE, em Recife/PE, .....	210
com discentes do Polo Carpina - 2014.....	210
Figura 78: Letras Rural Tour: visita à Biblioteca Central da UFRPE com discentes e tutora presencial do polo Pesqueira – 2014. ....	210
Figura 79: Abertura da sala virtual – registros do trabalho remoto .....	226
Figura 80: Material produzido para orientação de docentes sobre o ERE na UFRPE .....	228
Figura 81: Guia de orientação para discentes sobre organização de estudos e práticas de autocuidado no período de pandemia de Covid-19.....	229
Figura 82: Live no Canal do MULTILAB- Educação a Distância e Ensino Remoto: .....	231
desafios para a docência na cultura digital .....	231
Figura 83: Cards de divulgação de lives/palestras.....	233
Figura 84: Live no canal do YouTube da UFRPE sobre Ensino Remoto .....	233
Figura 85: Comunicação na Live no canal da UFRPE sobre Ensino Remoto .....	234
Figura 86: I Circuito pedagógico GRE Recife Norte – Linguagens .....	234
Figura 87: I Circuito pedagógico GRE Recife Norte – linguagens .....	235
Figura 88: Live em Formação continuada de professores(as) do município de Orobó - PE.....	235
Figura 89: Roda de diálogos sobre a Educação Dialógica de Paulo Freire e a Cultura da Paz .....	236
Figura 90: 1º Simpósio de Pedagogia da UAEADTec .....	236
Figura 91: Evento organizado pelo GPEL/UFPE, sob a coordenação do prof. Dr. Clecio Bunzen- UFPE .....	237
Figura 92: Mesa-redonda O campo literário na BNCC do Ensino Médio – evento organizado pelo GPEL/UFPE .....	237

Figura 93: 1ª dose da vacina contra a Covid-19 (2021).....	240
Figura 94: Foto histórica – o povo subindo a rampa do Planalto .....	241
Figura 95: Publicação de minha Tese de Doutorado adaptada ao formato livro.....	256
Figura 96: Obra organizada com divulgação dos projetos de ensino, pesquisa e extensão da FIR ....	256
Figura 97: Lançamento da obra Ensino, pesquisa e extensão: múltiplas conexões .....	257
Figura 98: Auditório da Livraria Saraiva no Shopping Recife – lançamento da obra Ensino, pesquisa e extensão: múltiplas conexões.....	257
Figura 99: Capa do Livro: Educação a Distância: cenários, experiências e práticas.....	258
Figura 100: Capa Livro Linguagens, tecnologias e educação.....	258
Figura 101: Capa do Livro Literaura: alinhavando ideias, tecendo frases, construindo textos .....	258
Figura 102: Capa do Livro Laços Multiculturais .....	258
Figura 103 : Capa da 1ª edição do livro Português no Ensino Médio e formação do professor (ano 2006). .....	259
Figura 104: Capa da 2ª edição do livro Português no Ensino Médio e formação do professor (ano 2022). .....	259
Figura 105: Literatura e Educação: temas em interface, organização de Lívia Suassuna .....	260
Figura 106: Educação Inclusiva e Formação Inicial Docente .....	261
Figura 107: Cultura digital e educação: pesquisas em novos cenários, .....	261
Figura 108: Coleção Histórias em Quadrinhos – HQ EAD .....	278
Figura 109: Entrevista à Folha de Pernambuco - ano 2004.....	280
Figura 110: Artigo de opinião sobre o romance Morcego Cego, de Gilvan Lemos.....	281
Figura 111: Registros da Reunião do GT de Planejamento do Programa MULTILAB.....	292
Figura 112: Registros da apresentação do Programa MULTILAB para as equipes participantes- LABFOR, LABCIÊNCIAS, LABDIGITAL.....	292
Figura 113: Apresentação do projeto LABFOR para a comunidade (06/10/2021). .....	292
Figura 114: Página do Projeto LABFOR no Instagram .....	293
Figura 115: Card de divulgação da palestra do LABFOR .....	294
Figura 116: Página do Projeto LABFOR no Instagram .....	294
Figura 117: Palestra no LABFOR – Literatura, Linguagem e Dialogismo na Cultura Digital.....	295
Figura 118- Canal do MULTILAB.....	295
Figura 119: Canal do MULTILAB .....	295
Figura 120: SELC- Seminário de Estudos Literários e Culturais.....	296
Figura 121: Apresentação de trabalho no 16º Congresso Internacional da ABED - Foz do Iguaçu- Paraná - Participação do Professor João Mattar na Coordenação dos trabalhos.....	298
Figura 122: Participação no 23º CIAED, com a colaboração da autoria das professoras Ana Paula Bruno, Adalmeres Mota e Ednara Calado. ....	298
Figura 123: VII Colóquio Internacional Paulo Freire .....	299
Figura 124: MILBA UFRPE - Participação na Sessão de Abertura.....	299
Figura 125: Sessão de abertura MILBA UFRPE .....	300

Figura 126 a: Sessão de Abertura- MILBA UFRPE .....	300
Figura 127: Participação no MILBA UFRPE, com discentes apresentando trabalhos/pesquisas. ....	301
Figura 128: Registro do 1º MILBA na UFRPE .....	302
Figura 129: Registros do IV Seminário de Estudos Linguísticos e Literários da UPE (2014). ....	302
Figura 130: Registros do IV Seminário de Estudos Linguísticos e Literários da UPE (2014). ....	303
Figura 131: Registros do II Encontro da Leitura e da Literatura – UFPE (2013). ....	303
Figura 132: Interação com professores(as) após palestra na UFPE/CECINE .....	304
Figura 133: Card de divulgação da XII Jornada PET Letras UFPE (2023). ....	305
Figura 134: Mesa-redonda na XII Jornada PET LETRAS UFPE .....	305
Figura 135: Mesa-redonda na XII Jornada PET LETRAS UFPE .....	306
Figura 136: Cartaz de divulgação do II Ciclo de Diálogos .....	307
Figura 137: Palestra no II Ciclo do ELLAE .....	307
Figura 138: Cartaz de divulgação do II Ciclo de Diálogos .....	307
Figura 139: Sessão de abertura- Evento de Comemoração – 10 anos UAEADTec .....	308
Figura 140: Palestra Evento 10 anos -UAEADTec .....	308
Figura 141: Palestra Evento 10 anos - UAEADTec .....	309
Figura 142: Mesa de abertura - Evento 10 anos da UAEADTec/UFPE .....	309
Figura 143: Docentes da UFRPE/UAEADTec .....	310
Figura 144: Coordenadoras pioneiras dos Cursos de Graduação EAD/UFPE .....	310
Figura 145: Participação no ESUD 2017 .....	311
Figura 146: Participação no lançamento do livro de Romero Tori .....	312
Figura 147: Apresentação de trabalho ESUD 2017- Boletim CPA/UFPE .....	312
Figura 148: Coordenação da sessão de mesa-redonda com a participação de Beth Brait (USP) e Fátima Lima (PUC- Goiás) no SIMELP 2019 .....	313
Figura 149: Lançamento de livros no SIMELP 2019 .....	313
Figura 150: Apresentação de vídeo-pôster no SIMELP 2022. Discentes do Programa de Extensão MULTILAB Bext (2022) - Lívia Santana e Jacqueline Torres socializando suas pesquisas. ....	314
Figura 151: Minicurso CONEIL 2022 .....	314
Figura 152: Apresentação de comunicação no .....	315
Congresso Internacional de Formação de Professores (2022) .....	315
Figura 153: Palestra intitulada “Práticas inovadoras de leitura do texto literário no ensino básico”, no CicloProf - Ciclo de Palestras do PROFLETRAS Mata Norte. ....	316
Figura 154: Docentes da UPE/Universidade de Pernambuco – PROFLETRAS. ....	316
Figura 155: Palestra da professora Nely Carvalho (UFPE) - Abertura 1º Simpoeduc .....	319
Figura 156: Momento cultural na abertura do 1º Simpoeduc com a participação .....	320
da professora da Educação Básica e escritora Jeane Siqueira .....	320
Figura 157: Sessão de mesa-redonda no Simpoeduc .....	320
Figura 158: Sessão de Encerramento .....	320
Figura 159: Sessão de abertura – SEPE .....	321
Figura 160: Registros do 1º SEPE- FIR .....	322

Figura 161: Cenas da Sessão de Abertura do 1º LLEDUC- Polo Pesqueira (2010).....	323
Figura 162: Sessão de Abertura do 4º LLEDUC - Polo Carpina .....	323
Figura 163: Licenciandos(as) de Letras EAD/UFRPE – LLEDUC (Polo Afrânio) .....	324
Figura 164: Polo Afrânio- LLEDUC 2014 .....	324
Figura 165: Sessão de Abertura do LLEDUC – 2017 – UFRPE/sede- Recife .....	325
Figura 166: Registros do LLEDUC na UFRPE com participação de todos os polos ativos de Letras EAD em 2017– Carpina, Pesqueira, Afrânio. ....	325
Figura 167: Sessão de Abertura do SEPE – Seminário de Pesquisas e TCC de Letras EAD - ano 2019. ....	326
Figura 168: Docentes e discentes no SEPE – Seminário de Pesquisas e TCC.....	326
de Letras EAD – ano 2019. ....	326
Figura 169: Notícia sobre a aprovação de discentes do Curso de Letras EAD UFRPE em Concurso Público para seleção de professores de Educação Básica - Governo do Estado de Pernambuco .....	328
Figura 170- Bancas TCC Letras EAD.....	329
Figura 171: Banca de Exame de Qualificação de Alexsandro Almeida – PROGEL/UFRPE (2022).....	331
Figura 172: Banca de Exame de Qualificação - Elisabeth Maria de Melo – PROFLETRAS/UFPE (2022). ....	332
Figura 173: Banca de Exame de Qualificação de Conceição Rodrigues – PROGEL/UFRPE – (2023).332	
Figura 174: Banca de Exame de Qualificação de Maria das Dores da Silva.....	333
PROFLETRAS/UPE (2023).....	333
Figura 175: Registros de participação em Bancas de Mestrado .....	334
Figura 176: Participação em Banca de Mestrado, na UFPE - Albaneide de Souza Campos – ano 2012. ....	334
Figura 177: Banca de Mestrado de Rosimere Pereira – EDUMATEC/UFPE (2023). ....	335
Figura 178: Banca de Mestrado- Bruno Bispo – PPGTEG/UFRPE (2022).....	335
Figura 179: Banca de Mestrado – Daniel Rocha - PPGTEG/UFRPE (2022).....	336
Figura 180: Banca de Mestrado- Paulo Ricardo Pereira – PPGTEG/UFRPE (2022).....	336
Figura 181: Banca de Mestrado- Dayse Barbosa – PPGTEG/UFRPE (2023).....	336
Figura 182: Banca de Defesa de Tese (Doutorado) - Anderson Felix dos Santos.....	339
Figura 183: Banca de Defesa de Tese (Doutorado) - Anderson Felix dos Santos.....	340
Figura 184: Banca de Defesa de Tese (Doutorado) – Anderson Felix dos Santos .....	340
Figura 185: Notícia no site da UAEADTec sobre indicação de premiação de.....	345
discente PIBIC Letras UFRPE/UAEADTec.....	345
5.9.1 Times Higher Education World University Rankings .....	345
Figura 186: Certificado do Times Higher Education World University Rankings 2023.....	346
Figura 187: Certificado do Times Higher Education World University Rankings 2024.....	346
Figura 188: Perfil do Google Acadêmico – ano 2024. ....	347
Figura 189: Nuvem de palavras - Rede Nacional de Ciência para Educação.....	348
Figura 190: Professora homenageada da Semana de Letras EAD/UFRPE (2023). ....	349



Figura 191: Professora homenageada da Semana de Letras EAD/UFRPE (2023).....	349
Figura 192: Cartazes de divulgação da Semana de Letras EAD/UFRPE.....	350
Figura 193: Sessão de Abertura - Homenagem na Semana de Letras EAD/UFRPE.....	351
Figura 194: Minicurso - Semana de Letras EAD/UFRPE.....	351
Figura 195: Sessão de Encerramento - Semana de Letras EAD/UFRPE .....	353
Figura 196: Entrega do certificado de Paraninfa da Turma de Concluintes 2023.2 do Curso de Licenciatura em Letras EAD- UFRPE/UAEADTec. ....	354
Figura 197: Cenas de colação de grau das turmas de Letras EAD.....	354
Figura 198: Colação de grau – ano 2018, turma do polo Recife.....	355
Figura 199: Colação de grau – ano 2024, Docentes da UAEADTec com o Reitor da UFRPE, professor Dr. Marcelo Brito Carneiro Leão. ....	355
Figura 200: O discurso da Paraninfa Ivanda Martins na Colação de Grau - 2024. ....	356
Figura 201: O discurso da Paraninfa Ivanda Martins na Colação de Grau - 2024. ....	356
Figura 202: O Reitor da UFRPE (ciclo 2020-2024), Colação de Grau - 2024.....	357
Figura 203: Concluintes da Licenciatura em Letras EAD- 2023.2 Colação de Grau .....	357
Figura 204: Licenciandos(as) de Letras EAD – concluintes da turma 2023.2 .....	358
Figura 205: Festa do dia das crianças - Projeto de Extensão Espaço Recriar- FIR (ano 2007).....	361
Figura 206: Cartaz de divulgação da Chapa 1- Eleição para a Coordenação do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE .....	368
Figura 207: Registros do I Fórum das CPA de Pernambuco.....	371
Figura 208: HQ CPA/UFRPE.....	371
Figura 209: HQ CPA/UFRPE.....	371
Figura 210: Cartaz de divulgação de Seminário CPA UFRPE .....	372
Figura 211: Mesa temática sobre Avaliação Institucional no Seminário CPA UFRPE – ano 2018. ....	372
Figura 212: Reunião da Comissão Executiva do PDI/UFRPE (2021-2030). ....	373
Figura 213: Site da Proplan com registros do processo de elaboração do PDI 2021-2030 .....	373
Figura 214: Site da Proplan com registros do processo de elaboração do PDI 2021-2030 .....	374
Figura 215: Trilhas das múltiplas docências/discências.....	398
Figura 216: Timeline das atividades de ensino – trilhas percorridas nas (Trans)Docências.....	409
Figura 217: Trilhas da Gestão Universitária .....	423
Figura 218: Coreografia do Bolero de Ravel .....	425
Figura 219: Cena do espetáculo de dança O cão sem plumas, coreografia de Deborah Colker.....	427
Figura 220: Nuvem de palavras – Grande Sertão...(Trans)Docências .....	428



## LISTA DE SIGLAS

<b>ABED</b>	Associação Brasileira de Educação a Distância
<b>AVA</b>	Ambiente Virtual de Aprendizagem
<b>BC</b>	Biblioteca Central – UFPE
<b>CAC</b>	Centro de Artes e Comunicação – UFPE
<b>CAp</b>	Colégio de Aplicação – UFPE
<b>CAPD</b>	Comissão de Avaliação e Progressão Docente – UAEADTec/UFRPE
<b>Capes</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CE</b>	Centro de Educação – UFPE
<b>Cecine</b>	Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste - UFPE
<b>CEEL</b>	Centro de Estudos em Educação e Linguagem – UFPE
<b>Cegoe</b>	Centro de Ensino de Graduação Obra-Escola – UFRPE
<b>Cepe</b>	Companhia Editora de Pernambuco
<b>CGCG</b>	Colegiado Geral de Cursos de Graduação
<b>CGE</b>	Coordenação Geral de Estágio – UFRPE
<b>CCD</b>	Colegiado de Coordenação Didática
<b>COAA</b>	Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico
<b>Compesq</b>	Comissão de Pesquisa – UFRPE/UAEADTec
<b>Comut</b>	Comutação Bibliográfica
<b>CONSU</b>	Conselho Superior da UFRPE
<b>Covid -19</b>	<i>Coronavirus Disease</i>
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>CPA</b>	Comissão Própria de Avaliação
<b>CPI</b>	Comissão Parlamentar de Inquérito
<b>CPPD</b>	Comissão Permanente de Pessoal Docente – UFRPE
<b>Deinfo</b>	Departamento de Informática – UFRPE
<b>Delogs</b>	Departamento de Logística – UFRPE
<b>DRCA</b>	Departamento de Registro e Controle Acadêmico
<b>EAD</b>	Educação a Distância
<b>EA</b>	Educação Aberta
<b>EDU - UFRPE</b>	Editora Universitária – UFRPE
<b>EDUTEc</b>	Rodada de Oficinas de Tecnologias na Educação
<b>Edumatec</b>	Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica – UFPE
<b>EH</b>	Ensino Híbrido
<b>ELA</b>	Educação Literária Aberta

<b>Enade</b>	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
<b>Enem</b>	Exame Nacional do Ensino Médio
<b>Facho</b>	Faculdade de Ciências Humanas de Olinda.
<b>ERE</b>	Ensino Remoto Emergencial
<b>Fabeja</b>	Faculdade de Belo Jardim – PE
<b>Facepe</b>	Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia - Pernambuco
<b>Faesc</b>	Faculdade de Escada – PE
<b>Fafire</b>	Faculdade Frassinetti do Recife
<b>FAINTVISA</b>	Faculdades Integradas da Vitória de Santão Antão- PE
<b>FIR</b>	Faculdades Integradas do Recife – PE
<b>FEPE</b>	Fórum de Experiências Pedagógicas
<b>Fundaj</b>	Fundação Joaquim Nabuco
<b>IA</b>	Inteligência Artificial
<b>IPÊ</b>	Instituto de Inovação, Pesquisa, Empreendedorismo, Internacionalização e Relações Institucionais
<b>JIC</b>	Jornada de Iniciação Científica
<b>NDE</b>	Núcleo Docente Estruturante
<b>LABCIÊNCIAS</b>	Projeto de Extensão - Oficinas Integrativas de ciências e letramento digital: cultura, tecnologia e inclusão social
<b>LABDIGITAL</b>	Projeto de Extensão - Inclusão digital, tecnologias e formação docente.
<b>LABFOR</b>	Projeto de Extensão- Laboratório de formação docente, linguagem e inovações pedagógicas na formação de leitores críticos para cidadania e inclusão social
<b>LLEDUC</b>	Linguagem, Literatura e Educação
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>Moodle</b>	<i>Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment</i>
<b>MILBA</b>	Seminário Memória e Imaginário nas Literaturas Brasileira e Africanas
<b>MULTILAB</b>	Programa de Extensão - Laboratório multidisciplinar de formação docente, metodologias ativas e tecnologias digitais: em busca de práticas dialógicas para vivências cidadãs
<b>Nupesq – IPÊ</b>	Núcleo de Pesquisa do Instituto de Inovação, Pesquisa, Empreendedorismo, Internacionalização e Relações Institucionais
<b>PARFOR</b>	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
<b>PCHS- SP</b>	Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais – UFABC/SP
<b>PCR</b>	Prefeitura da Cidade do Recife
<b>PDI</b>	Plano de Desenvolvimento Institucional
<b>PLE</b>	Período Letivo Excepcional da UFRPE
<b>PIBIC</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
<b>PIBIC-Af</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Ações Afirmativas

<b>PIBID</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
<b>PIC</b>	Programa de Iniciação Científica Voluntária
<b>PMBFL</b>	Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores
<b>PPGIA</b>	PPGIA - Pós-Graduação em Informática Aplicada – UFRPE
<b>PPI</b>	Projeto Pedagógico Institucional
<b>PPC</b>	Projeto Pedagógico de Curso
<b>PPGECI</b>	Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades - Fundaj/UFRPE
<b>PPGEA</b>	Pós-Graduação em Educação Agrícola - UFRRJ/ RJ
<b>PPGEDU</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação - UFPE
<b>PPGL</b>	Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPE
<b>PPGCL</b>	Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - UNICAP
<b>PPGTEG</b>	Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância- UFRPE
<b>PPI</b>	Projeto Pedagógico Institucional - UFRPE
<b>PPGE</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação
<b>PREG</b>	Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – UFRPE
<b>PROExC</b>	Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania - UFRPE
<b>PROFLETRAS</b>	Mestrado Profissional em Letras
<b>PROGEL</b>	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - UFRPE
<b>Progesti</b>	Pró-Reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão
<b>Proplan</b>	Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
<b>Proling</b>	Pós-Graduação em Linguística – UFPB
<b>PRP</b>	Programa de Residência Pedagógica – CAPES
<b>PRPG</b>	Pró-Reitoria de Pós-Graduação – UFRPE
<b>REA</b>	Recursos Educacionais Abertos
<b>REUNI</b>	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
<b>RI UFRPE</b>	Repositório Institucional - UFRPE
<b>SARS-CoV-2</b>	Vírus da família dos coronavírus
<b>SEED</b>	Secretaria de Educação a Distância
<b>Simpoeduc</b>	Simpósio de Educação e Tecnologia
<b>SINAES</b>	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
<b>SISUAB</b>	Sistema Universidade Aberta do Brasil
<b>SUS</b>	Sistema Único de Saúde
<b>TDIC</b>	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
<b>TPACK</b>	<i>Technological Pedagogical Content Knowledge</i>
<b>UAB</b>	Universidade Aberta do Brasil
<b>UACSA</b>	Unidade Acadêmica de Cabo de Santo Agostinho - UFRPE

<b>UAEADTec</b>	Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia – UFRPE
<b>UAST</b>	Unidade Acadêmica de Serra Talhada
<b>Ufape</b>	Universidade Federal do Agreste de Pernambuco
<b>Unicap</b>	Universidade Católica de Pernambuco
<b>Unicamp</b>	Universidade de Campinas – SP
<b>UFABC</b>	Universidade Federal do ABC – SP
<b>UPE</b>	Universidade de Pernambuco
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>UFRPE</b>	Universidade Federal Rural de Pernambuco
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília
<b>UFRRJ</b>	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

## AGRADECIMENTOS

Viver  
E não ter a vergonha  
De ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser  
Um eterno aprendiz

Ah, meu Deus  
Eu sei, eu sei  
Que a vida devia ser bem melhor e será  
Mas isso não impede que eu repita  
É bonita, é bonita e é bonita...  
Gonzaguinha<sup>2</sup>

**G**ratidão, do latim “*gratia*” - *graça*; “*gratus*” - *grato(a)*, palavra que me acompanha durante todas as travessias da minha vida e das experiências acadêmicas e profissionais. Agradeço a Deus, por me guiar em todos os momentos de minhas travessias para que eu consiga enxergar a beleza e a leveza da vida. Sou grata pelas oportunidades que a vida me deu, bem como pelos sinais de fé e de força divina que me orientaram ao longo dessa longa jornada. Estar aqui, hoje, apresentando este Memorial, já é uma dádiva que precisa ser referenciada e comemorada todos os dias. Agradeço a todos(as) que me acompanharam nessas veredas longínquas, nos (entre)cruzamentos dos diversos caminhos trilhados.

Em especial, agradeço a um professor singular de Literatura, meu querido esposo, André Augusto, que esteve/está sempre ao meu lado nesta longa caminhada, compartilhando momentos de alegrias, desafios, superações, revelando-se como verdadeiro amigo/companheiro de todas as horas, desde os tempos da graduação, na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, momento em que a nossa paixão pela Literatura também já se revelava. Agradeço, também, de modo especial, à minha querida filha, Clara Beatriz (Clarinha), que tanto me ensinou, e continua me ensinando a cada momento, a cada novo desafio, com sua sabedoria infinita, sua forma de enxergar a vida com as lentes da sensibilidade e da beleza poética. Gratidão, filha, por ter me ensinado que a vida nunca segue em linha reta, pois são as curvas, os atalhos, as múltiplas rotas que redefinem os nossos caminhos no *Grande Sertão*.

Agradeço a toda a minha família, especialmente ao meu pai, José (*in memoriam*) e à minha querida mãe, Nena, pela construção de uma base sólida em minha formação humana e cidadã, pelos valores éticos e morais que são constituídos além dos muros da escola. Sem dúvida, pai, você está aqui presente hoje, neste momento, com toda sua força e seus ensinamentos. Gratidão, pai! Gratidão mãe! Vocês são a base de tudo e indicaram

---

<sup>2</sup> LINS, Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (Gonzaguinha). O que é, o que é? **Caminhos do Coração**. Rio de Janeiro: EMI, 1982. LP.

meus caminhos neste *Grande Sertão* para além das “(Trans)Docências”. Às minhas irmãs, Ivania, Ivanice, e aos meus irmãos, Ivanildo e Ivancy, pela harmonia, pela união, pelas trocas de experiências constantes ao longo de nossa caminhada. Ao meu “tio padre”, o Bispo D. Frei Severino Batista de França, pelos ensinamentos constantes nos caminhos da fé. Aos meus sobrinhos, Gabriel (Biel), Guilherme (Guiga), e às minhas sobrinhas, Carol, Eduarda (Duda), Camila, Letícia, Laís, Kelly, Carol Guimarães, por terem me ensinado o lindo ofício de ser “tia”. Aos/Às cunhados(as), Suzana, Verlaine, Fernanda, Caúca, Júnior, Cristiane, Elisabete, Andreza, Conceição, Mariana, e aos sobrinhos que se uniram à família, Iggor e Laís, sempre juntos(as) nos finais de semana festivos. Aos/Às primos(as) Cláudia, Chico, Danilo, Jurandir, Cleonice (Nicinha), Flávio (*in memoriam*), Fátima, Fátima Guennes, Breno, Valéria, Bruno Vidal, Gil, André Luís, Bruno, Ana Cláudia, Carol, e demais primos(as) que moram perto e longe, aos tios(as), primos(as) e demais parentes de Bezerras, agradeço, aqui, à querida prima Dalva, para representar todos(as), e de São Paulo, agradeço à minha prima Márcia, para representar todos(as), ao meu tio Amaro e à tia Maria, além dos(as) queridos(as) tios(as) que ficaram encantados(as). À minha sogra, Viviane, e ao meu sogro, José Guimarães (*in memoriam*), pelo apoio em todos os momentos. Aqui não consigo colocar todos os nomes, pois a família é imensa. Após os agradecimentos no campo familiar, no âmbito institucional, agradeço, imensamente:

Em especial, à professora Dra. Maria José de Sena, atual Reitora da UFRPE, que sempre incentivou as ações de Educação a Distância - EAD na instituição, desde os primeiros projetos de cursos EAD ofertados pelo Programa da Universidade Aberta do Brasil – UAB, pela luta contínua na gestão da UFRPE e pelo incentivo às ações de EAD e apoio à Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia - UAEADTec. Agradeço o apoio de todos os setores da Reitoria da UFRPE, em especial, à Secretária da Reitoria, Sílvia Patrícia da Silva Carvalho e a Janaina Maria de Melo Amorim, Chefe de Gabinete, bem como à Comissão de Avaliação do Relatório de Desempenho Acadêmico da Promoção para a Classe de Titular, professoras Mônica Lucia Botter Carvalho, Maria de Macena Diniz Maia e Flávia Conceição Ferreira, tendo em vista a apreciação do Relatório de Promoção Funcional, pela celeridade nos trâmites institucionais e pelo apoio neste processo.

Meus agradecimentos especiais, também, ao ex-Reitor da UFRPE, professor Dr. Marcelo Brito Carneiro Leão, pesquisador pioneiro da EAD, na UFRPE, o qual sempre desenvolveu ações para expandir a EAD como política institucional quando esteve à frente da gestão na UFRPE. Professor Marcelo Brito assumiu a Reitoria em 2020, no início do cenário da pandemia de Covid-19, e vivenciou desafios contínuos nas atividades de gestão, apoiando, sempre, as ações da EAD.

À Diretora Geral e Acadêmica da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, professora Dra. Elidiane Suane Dias de Melo Amaro, e à substituta eventual da Direção UAEADTec, professora Dra. Juliana Diniz, pela incansável luta na gestão das ações de EAD na UFRPE, pela condução respeitosa e célere do processo de promoção funcional e pelo valioso apoio de sempre.

À professora Maria do Socorro de Lima Oliveira, atual Vice-Reitora da UFRPE, ex-Pró-Reitora de Ensino de Graduação – PREG, que trabalhou, intensamente, no cenário da pandemia de Covid-19, com apoio dos Grupos de Trabalhos para redimensionar as ações e os planejamentos no âmbito da graduação da UFRPE, pelo incondicional apoio às ações de EAD dentro e fora dos muros da UFRPE.

À ex-Pró-Reitora de Ensino de Graduação – PREG, professora Flávia Carolina Lins da Silva, e à ex-Coordenação Geral de Cursos de Graduação, professora Betânia Cristina Guilherme, pelo valioso trabalho desenvolvido à frente da PREG/UFRPE, sobretudo, pelo apoio nos programas de formação docente, seja no âmbito dos Cursos de Licenciatura da UFRPE, bem como nos Programas de Iniciação à docência – PIBID/CAPES e de Residência Pedagógica- PRP/CAPES.

À Comissão Permanente de Pessoal Docente – CPPD, pela organização dos trabalhos para a defesa deste Memorial, à Presidência da Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD), à Secretaria da CPPD, em especial, ao professor Dr. Eduardo Barbuio, Membro Titular CPPD/UFRPE, Coordenador do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa - EAD, representante da UAEADTec, pelo apoio contínuo nesta etapa. Agradeço, também, de modo especial, a Carolina Bakun, Secretária Executiva da UAEADTec que participa do evento de Defesa do Memorial, pela dedicação e pelo apoio constante nos trâmites institucionais.

Agradeço, imensamente, aos/às professores(as) titulares, membros da Comissão Especial de Avaliação deste Memorial, indicados na Portaria GR/UFRPE nº 894, de 20 de agosto de 2024, retificada pela Portaria GR/UFRPE Nº 923/2024, de 27 de agosto de 2024, pelas valiosas contribuições a partir da leitura deste documento e pela disponibilidade para participação neste processo de Promoção Funcional. Sei muito bem que não é fácil organizar a agenda diante de tanto trabalho, com o volume intenso de bancas. Agradeço, em especial: à professora Vicentina Maria Ramires Borba, primeira docente titular do Departamento de Letras da UFRPE, presidente da Comissão Especial de Avaliação, pelas parcerias e aprendizagens contínuas nas travessias da UFRPE; à professora Lívia Suassuna, pelos compartilhamentos na luta em pesquisas e processos de formação docente e pelas valiosas reflexões sobre Estágio Supervisionado, ensino de Língua Portuguesa e Literatura; ao professor José Hélder Pinheiro Alves, pela sensibilidade literária na avaliação de minha Tese de Doutorado, bem como pela dedicação aos estudos inspiradores sobre a poesia na escola; ao professor Sérgio Paulino Abranches, pelas parcerias no EDUMATEC/UFPE e pelos compartilhamentos em eventos, bancas, formações e pesquisas sobre educação e tecnologias; à professora Francisca Zuleide Duarte de Souza, pesquisadora de referência na área de Literatura, pela leveza e serenidade ao abordar os estudos literários sempre com muita competência e humildade; à professora Valéria Severina Gomes, pelas trocas de experiências desde os tempos da graduação na UFPE, bem como pelo companheirismo incondicional em todos os percursos trilhados dentro e fora da UFRPE. Gratidão, sempre, professoras e professores! Obrigada pelo carinho na leitura deste Memorial e pelos compartilhamentos de leituras, experiências e aprendizagens no processo de avaliação desta longa narrativa autobiográfica.

Meus agradecimentos especiais aos/às docentes pioneiros(as) da EAD - UFRPE, em especial, agradeço às amigas, sempre presentes em minhas trajetórias, Ana Paula Teixeira Bruno Silva, Adalmeres Cavalcanti da Mota, Ednara Félix Nunes Calado, as quais me acompanharam nas travessias da docência e da gestão na Educação a Distância – EAD desde as primeiras ofertas dos cursos de graduação EAD/UFRPE. Certamente, amigas, foram muitos desafios, inúmeras superações e diversos compartilhamentos de experiências e de vivências nos territórios “áridos” do “Sertão” da EAD, mas, chegamos neste momento tão especial. Gratidão, amigas! Sem o apoio de vocês não teria conseguido chegar até aqui. Longa vida ao “Quarteto Fantástico!”



Agradeço, também, à professora Marizete Santos, pioneira das atividades de Educação a Distância/UFRPE que atuou na luta pela implementação da EAD na UFRPE. Com sua visão empreendedora, professora Marizete contribuiu para colocar a EAD em cena na Universidade, tendo em vista os primeiros projetos de cursos EAD oriundos de programas, tais como: Pró-Licenciatura, Universidade Aberta do Brasil - UAB e Mídias na Educação. Agradeço, ainda, a outros(as) pioneiros(as) da EAD-UFRPE, professor Antônio Carlos Miranda, com seus projetos nas áreas de Física e de Astronomia, ao professor Francisco Luiz dos Santos, pelas contribuições contínuas na gestão em EAD/UFRPE, à professora Cláudia Dezotti, pelo incondicional apoio, assim que ingressei na UFRPE, nas orientações dos trâmites institucionais. Aos/Às demais professores(as) pioneiros da EAD/UFRPE, Jorge Correia, José de Lima Albuquerque, Rodolfo Araújo, Richarlyson Alves, Fernando Aires, Obionor Nóbrega, Jeneffer Ferreira, Rafael Lira, Amália Maria de Queiroz Rolim, Domingos Salazar, Bianca Ribeiro, Luciene Santos, Lilian Oliveira, e tantos(as) outros(as) que atuaram nas primeiras turmas EAD/UFRPE, pelas trocas de experiências iniciais no campo da EAD. Destaco e agradeço, em especial, as parcerias contínuas com o amigo José de Lima Albuquerque, professor titular do Departamento de Administração da UFRPE, pesquisador renomado que tanto tem contribuído para as ações da EAD na UFRPE.

Aos/Às ex-diretores(as) gerais da UAEADTec que participaram de minhas caminhadas na UFRPE, professores Francisco Luiz dos Santos, Juliana Diniz, Jorge Correia. Gratidão, também, à atual diretora da UAEADTec, Elidiane Amaro, e ex-coordenadores(as) do Programa UAB/UFRPE, Marizete Santos, Sônia França, Domingos Salazar. Ao atual Coordenador da Universidade Aberta do Brasil, professor José Temístocles Ferreira, e à ex-Coordenação Adjunta UAB/UFRPE, professora Ednara Calado, pelo trabalho incansável à frente das ações na UAEADTec e junto à CAPES, mesmo diante de tantos desafios contínuos no árduo trabalho com a modalidade EAD. Agradeço, também, à atual Coordenadora Adjunta da UAB/UFRPE, professora Paloma Borba, pelas parcerias no Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE e na Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente – LINFOR/UFRPE. Agradeço, ainda, à Coordenadora Geral dos Cursos de Graduação da UAEADTec, professora Paula Basto Levay, bem como à ex-Coordenadora Geral dos Cursos de Graduação da UAEADTec, professora Aliete Rosa, pelas valiosas contribuições no processo de institucionalização da EAD – UFRPE.

Minha gratidão às Coordenações de Polos EAD – UAB/UFRPE dos diversos municípios localizados dentro e fora de Pernambuco, bem como à equipe de gestão dos polos. Agradeço, ainda, à equipe de professores(as) tutores(as), pelas mediações pedagógicas compartilhadas nas disciplinas ministradas na graduação e na pós-graduação dos cursos EAD.

Meus sinceros agradecimentos aos(às) professores(as) que me ensinaram o verdadeiro sentido da docência, desde os anos da Educação Básica, até as fronteiras acadêmicas do Doutorado. Nesse *Grande Sertão... (Trans)Docências*, as múltiplas vozes dos(as) meus/minhas queridos(as) professores(as) ressoam ainda mais vivas e me fortalecem a cada dia no caminhar em direção a uma educação transformadora, tendo em vista as conexões dinâmicas entre a docência e a discência, como já, sabiamente, afirmou Paulo Freire (Freire, 2020a).

Agradeço, também, aos(as) queridos(as) discentes, os(as) quais me motivaram a perceber a magia de ensinar, aprendendo a aprender a cada momento da práxis



pedagógica. Nesses movimentos dialógicos entre ensinar e aprender, o tempo me fez compreender a beleza e a leveza da vida, como “*eterna aprendiz*”, como cantou Gonzaguinha. Para representar os(as) queridos(as) discentes que tanto me ensinaram e continuam me ensinando, destaco, aqui, o amigo Clecio Bunzen, discente, quando eu ainda lecionava na UFPE, como professora substituta/temporária, e, agora, docente pesquisador de destaque na área de Linguística Aplicada. Destaco, ainda, Claudemir Silva, o qual tive a oportunidade de acompanhar em suas travessias formativas da graduação ao Doutorado. Agradeço aos/às discentes do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa – EAD/UFRPE, os quais acompanhei nos mais diversos componentes curriculares, bem como nas atividades de ensino, como a Iniciação à Docência, a Residência Pedagógica e a Monitoria, além das ações extensionistas no Projeto LABFOR e no Programa MULTILAB, e das atividades de pesquisa nos programas de Iniciação Científica - PIBIC/PIC-UFRPE. Destaco a querida Livia Santana para representar todos(as) os(as) licenciandos(as) de Letras EAD/UFRPE - UAEADTec, os quais caminharam juntos(as) em minhas trilhas formativas. Agradeço, também, aos(às) orientandos(as) do PIBIC/PIC - UFRPE, da Licenciatura em Letras EAD, em especial, Eduardo Ferreira da Silva, Laíse Vasconcelos, Muriel Prado, Raquel Ferreira, Érika dos Santos, Alexsandra Andrade, Yalle Melo, bem como aos(às) orientandos(as) do PIBIC/PIC da Licenciatura em Pedagogia EAD: Caio Vinícius Tavares da Silva, Manoel Santos de Moraes, Cristiane Lys Barbosa da Silva, e tantos(as) outros(as) que orientei.

Não poderia deixar de destacar, aqui, os meus agradecimentos a todos(as) os(as) discentes que participaram das orientações no Programa de Residência Pedagógica-PRP/CAPES, no Programa de Iniciação à docência – PIBID/CAPES, destaco os membros da Comissão Organizadora das atividades do PRP, ciclo 2022/2024: Ana Júlia dos Santos; Livia Santana; Muriel Prado; Jacqueline Torres; Raquel Ferreira e Mikael Almeida para representar todos(as) os(as) licenciandos(as) que orientei nesses programas. Agradeço às professoras preceptoras que apoiaram as ações do PRP/CAPES, professora Jaísa Maciel, da Escola Professor Arruda Marinho, Pesqueira/PE; Conceição Rodrigues, da escola EREM Padre Nércio Rodrigues, Recife/PE; Lucineide Benício Sena, da EREM Ana Faustina - Surubim/PE.

Nos programas de pós-graduação da UFRPE – PROGEL e PPGTEG, agradeço a todos(as) os(as) orientandos(as) que compartilharam suas experiências de pesquisas nas sessões de orientações, em especial, gratidão a Alexsandro Almeida, Kílza Pascoal, Conceição Rodrigues, Maria Kaline Pedroza, Bruno Bispo, Paulo Ricardo Pereira, Ana Paula Severo, Daniel Rocha, Wanessa Lima, Dayse Barbosa, Ana Luiza Brito, Fernanda Barreto, Mirelly Lucena, Renata Penzani, Richard Santos, Yone Oliveira, Mellysy Candida Nogueira de Queiroz, Muriel Prado de Melo Júnior, Raphaela Nicácio da Silva Lopes. Não consigo citar todos(as), mas agradeço, imensamente, a cada discente que me ensinou o exercício da docência nas trocas dialógicas de contínuas aprendizagens.

Aos/Às amigos(as) docentes da Licenciatura em Letras EAD, “Time das Letras”, pelas trocas de experiências e aprendizagens na área de Letras: Eduardo Barbuio, Ednara Calado, Paloma Borba, José Temístocles Ferreira, Júlia Larré, Suzana Paulino Domingos, Natanael Azevedo, Renata Vicente, Aliete Rosa, Iran Melo, Wellington Marinho, Paula Basto Levay. A todos(as) os(as) colegas da Licenciatura em Letras - UFRPE, modalidade presencial, que sempre estiveram comigo nessas travessias em diversos momentos, em especial, ao amigo Iêdo Paes, por ter sempre apoiado as ações de Letras EAD, desde as primeiras turmas,

quando eu ainda atuava, com muita luta, e enfrentava diversos desafios na Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD/UFRPE.

Agradeço, também, às colegas docentes do Departamento de Educação da UFRPE, em especial, gratidão a Giselle Nanes e Maria de Fátima Amorim, que atuaram na Coordenação da Comissão Própria de Avaliação - CPA/UFRPE. Agradeço, ainda, à professora Isabel Oliveira e Carlos Gonçalves Filho, pelas parcerias na CPA/UFRPE. Às colegas docentes da Licenciatura em Pedagogia EAD, em especial, Analice Lima, Carmi Ferraz e Betânia Guilherme, que atuaram na Coordenação da Licenciatura em Pedagogia EAD. À querida professora Zélia Jófili, que sempre apoiou as ações da EAD. Gratidão, querida Zélia, pelas aprendizagens compartilhadas!

A todos(as) os(as) docentes e servidores(as) da UAEADTec, diretores(as), gestores(as), coordenação UAB, colaboradores(as) de cursos, tutores(as), coordenações de polos, assistentes pedagógicos(as), coordenações de tutoria, coordenação e equipes de suporte, logística, tecnologia e produção de materiais didáticos, que acompanharam os desafios da implantação das ações da EAD na UFRPE e continuaram trilhando os caminhos rumo à Educação Superior de qualidade diante de tantos desafios e preconceitos que ainda circulam no cenário da EAD. Em especial, agradeço à querida Josemar Maria Tavares Neves, colaboradora fiel das atividades da UAEADTec, desde o princípio dos Cursos EAD e das ações iniciais na secretaria do PPGTEG, sempre apoiando docentes, discentes, coordenações, com sua humildade e sua eficiência na solução das questões administrativas. Gratidão, sempre, querida Josemar! Sua colaboração foi, e continua sendo, muito importante para as minhas travessias. À equipe de gestão da Licenciatura em Letras EAD, Eduardo Barbuio, Coordenador do Curso; Virgínia Renata Vilar da Silva, Coordenação Pedagógica; Alexandra Marques, Coordenação de Apoio ao Discente; Marcela Paim, Coordenação de Tutoria, além dos(as) professores(as) tutores(as) presenciais e virtuais, equipe dos polos EAD.

Minha gratidão especial, também, a Maria de Lourdes Costa de Vasconcelos, pedagoga e chefe da seção de Avaliação Institucional Externa da UAEADTec, a Énery Melo, Coordenadora dos Estágios da UAEADTec, a Felipe de Brito Lima, Coordenador de Produção de Materiais Didáticos da UAEADTec, à equipe do suporte, em especial, a Jobson Rocha Pereira, ao setor de escolaridade, José Alexandre Laurentino de Lima, à equipe da Biblioteca UAEADTec, em especial à querida Maria Wellita Bezerra dos Santos, à equipe de Comunicação da UAEADTec, Sabrina Borba, além dos(as) diversos(as) servidores(as) e colaboradores(as) da UAEADTec, Catarina Valença, Denize Siqueira da Silva Azevedo, Renata Câmara de Almeida Mendonça, Jackelinne Maria Cirino, Andreza Priscila de Lima Ferreira, Carolina Barbosa Mesquita de Andrade, Simone Gomes da Silva, Clecia Ferreira de Souza Santos, Renata Lima, Amanda Costa Silva, e tantos(as) outras(as) servidores(as) técnicos(as) e colaboradores(as), são tantos nomes que não consigo colocar todos(as) nesses agradecimentos, pelas valiosas parcerias nas ações da EAD.

A todos os setores administrativos da UFRPE que tanto apoiam as ações da EAD na UFRPE, tais como: DRCA, CGE, PREG, PROExC, Progesti, Progepe, NACES, CPA, PRPG, Proplan, Instituto Ipê, e tantos outros. Em especial, agradeço à Direção da Editora UFRPE, Antão Marcelo Freitas Athayde Cavalcanti, bem como a toda a equipe de produção da EDUFRPE e aos membros do Conselho Editorial da UFRPE, pelo valioso apoio nos processos de incremento da produção científica da Universidade e pelo suporte às ações da EAD.

Gratidão especial ao Núcleo de Acessibilidade – NACES/UFRPE, Coordenadora do NACES - Karla Giselli de Oliveira Bezerra, Coordenadora do Núcleo de Interpretação do NACES, Mellysy Candida Nogueira de Queiroz, e toda a equipe de intérpretes LIBRAS, pelo apoio contínuo nas aulas e nas orientações nos cenários de graduação e pós-graduação.

Aos/Às amigos(as), Sulanita Santos (ex-Coordenadora de Tutoria do Curso de Letras EAD/UFRPE), Ana Paula Andrade (ex-Coordenadora Pedagógica do Curso de Letras EAD/UFRPE), Alexandra Marques (atual Coordenadora de Apoio Discente), Maria Lúcia Cabral (ex-Coordenadora Pedagógica do Curso de Letras EAD/UFRPE), Claudemir Silva, Ewerton Ávila Luna, Hérica Karina Cavalcanti de Lima, Sávio Roberto de Freitas, André Pedro da Silva, pelo apoio nas ações acadêmicas da Licenciatura em Letras EAD/UFRPE, desde os momentos iniciais de implantação do curso.

Gratidão às Coordenações do PROGEL, Cláudia Roberta Tavares Silva, Vicentina Maria Ramires Borba, Natanael Azevedo, bem como à Coordenadora do PPGTEG, Sônia França, e assistentes administrativos Veron Silva e Carlos Frederico Nogueira Hardman, pelo apoio nas ações realizadas na pós-graduação *stricto sensu*. Aos/Às colegas docentes dos programas de pós-graduação PROGEL e PPGTEG, pelas aprendizagens compartilhadas, em especial, aos(às) professores(as) Vicentina Ramires Borba, João Batista Pereira, Iêdo Paes, Natanael Azevedo, Amanda Brandão, Marcela Paim, Eduardo Barbuio, Iran Melo, José Temístocles Ferreira, Renata Vicente, Julia Larré, José de Lima Albuquerque, Rodolfo Araújo, Taciana Pontual, Juliana Diniz, Márcia Karina da Silva, Rodrigo Nonamor, Rodrigo Lins, sempre em parcerias nos eventos e nas inúmeras bancas de Mestrado agendadas na correria de sempre.

Aos/Às amigos(as) docentes dos demais programas de pós-graduação nos quais tive participações em bancas de Mestrado e Doutorado, tais como: EDUMATEC, PROFLETRAS – UPE, PROFLETRAS – UFPE, PGLetras UFPE, PPGEduc UFPE, PPGCL/Unicap, PPGCI/Fundaj e outros(as) que sempre contribuíram nas parcerias e trocas de experiências. Em especial, aqui, agradeço à professora Thelma Panerai, que já acompanha minhas andanças na EAD desde sempre, e aos(às) professores(as) Ana Beatriz Carvalho, Patrícia Smith, Maria Auxiliadora Padilha, Sérgio Abranches, Maria Lúcia Barbosa, Lívia Suassuna, pelas valiosas experiências nas bancas de Mestrado e Doutorado do EDUMATEC e do PGEduc-UFPE. Aos/Às colegas do Centro de Estudos em Educação e Linguagem - CEEL/UFPE, pelas parcerias nos processos de formação docente, em especial, agradeço às professoras Telma Ferraz Leal, Ana Cláudia Pessoa, Maria Helena Dubeux, à atual Coordenação CEEL/UFPE, professoras Ana Cristina da Penha, Ywanoska Gama; Wilma Pastor de Andrade e Ester Rosa. Gratidão, também, a Normanda Beserra, Ana Lima, Vitória Ribas, pelas parcerias junto à UPE. Agradeço, ainda, à professora Márcia Mendonça (Unicamp), pelas parcerias nas formações docentes da Secretaria de Educação, Esporte e Lazer da Prefeitura da Cidade do Recife- PCR.

Também, não poderia deixar aqui de agradecer aos(às) queridos(as) professores(as) Amara Cristina de Barros e Silva Botelho, José Jacinto dos Santos Filho, Maria do Rosário Barbosa, Josivaldo Custódio da Silva, Marlos de Barros Pessoa, e demais colegas da Universidade de Pernambuco - UPE, pelas contínuas parcerias nas travessias acadêmicas. Meus sinceros agradecimentos, também, ao querido professor José Ricardo Paes Barreto, meu professor e amigo na UFPE, o qual acreditou em mim logo no início de minhas travessias como docente e criou oportunidades para minhas andanças nos cursos de

Especialização, do Agreste ao Sertão de Pernambuco. Gratidão, sempre, professor Ricardo! As minhas travessias em diversos municípios de Pernambuco refletem o seu incentivo na construção de minha(s) identidade(s) docente(s).

Aos/Às queridos(as) professores(as), *in memoriam*, que já não estão mais conosco neste plano físico, mas que continuam eternamente vivos em minhas memórias e travessias acadêmicas, continuam eternizados em cada discente que acompanharam em suas trajetórias, evidenciando, como diria Rubem Alves, que “ensinar é um exercício de imortalidade”, pois, como educadores(as) “continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra” (Alves, 2000).

Como já indicou Guimarães Rosa, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1967: “O mundo é mágico: as pessoas não morrem, ficam encantadas... a gente morre é para provar que viveu”. Nesse sentido, meus sinceros agradecimentos aos(às) eternos(as) e queridos(as) professores(as) que tanto me ensinaram e ficaram “encantados(as)”: Maria da Piedade Moreira de Sá, a saudosa e amada “Pia”, minha orientadora querida durante o Mestrado e o Doutorado, Luiz Antônio Marcuschi, meu eterno orientador de Iniciação Científica, Antônio Viana, Ivaldo Bittencourt, Sônia Ramalho, Marcus Accioly, Lucila Nogueira, Abuêndia Padilha, Adair Pimentel Palácio, César Leal, Nelly Carvalho, e tantos(as) outros(as) queridos(as) educadores(as) que ainda vivem em nossos corações. Gratidão, queridos(as) professores(as)! *In memoriam*, agradeço, também, ao escritor pernambucano Gilvan Lemos, o qual tive a honra de conhecer pessoalmente quando eu estava pesquisando sua obra para as análises literárias no Mestrado e no Doutorado. Sua obra é atemporal e continua viva em cada leitor que descortina os vários sentidos de suas produções literárias.

Aqui, não ousou citar mais nomes de amigos(as) que sempre apoiaram minhas travessias, pois a lista seria imensa e eu correria o risco de sempre deixar alguém de fora, tendo em vista os limites das páginas de agradecimentos. Enfim, agradeço a todos(as) que, direta ou indiretamente, contribuíram para a formação de minha(s) identidade(s) docente(s), nos caminhos e descaminhos das múltiplas veredas desse *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Após os longos agradecimentos, já convido você, amigo(a) leitor(a), para uma rápida imersão inicial em diálogo com a inesquecível obra literária *Grande Sertão: Veredas*, do genial Guimarães Rosa. “Viver é um descuido prosseguido” (Rosa, 2019, p. 57). “O sertão é do tamanho do mundo” (Rosa, 2019, p.59).

## SUMÁRIO

<b>1 AQUECENDO OS MOVIMENTOS PARA INICIAR A TRAVESSIA NO GRANDE SERTÃO... (TRANS)DOCÊNCIAS</b> .....	<b>38</b>
1.1 VAMOS INICIAR O DIÁLOGO? ROTAS E OBJETIVOS INICIAIS .....	38
1.2 DESENHO DO MEMORIAL: ILIMITADAS VEREDAS .....	42
1.3 O GÊNERO MEMORIAL ACADÊMICO: “E AGORA, MARIA”? .....	44
1.4 A ESCRITA DE SI: PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS NORTEADORES ...	52
1.5 A DOCÊNCIA NO DNA: POR QUE E PARA QUE SER DOCENTE? .....	56
1.6 (TRANS)DOCÊNCIAS: MÚLTIPLAS FACES DAS IDENTIDADES DOCENTES.....	58
1.6.1 Docência dialógica – “dodiscência”: educadora aberta ao diálogo .....	59
1.6.2 Tecnodocência: tecnologias e docência em conexões dialógicas .....	59
1.6.3 Polidocência: quem realmente é o(a) docente no cenário da EAD? .....	64
1.6.4 Docência polifônica: a diversidade de vozes na constituição de minha(s) identidade(s) docente(s) .....	65
1.6.5 Docência exotópica e docência cronotópica: meu excedente de visão no tempo-espaço das (Trans)Docências .....	66
1.6.6 Docência Severina: somos professores e professoras, Severinos e Severinas no Grande Sertão.....	67
1.6.7 Síntese dialógica das (Trans)Docências: “ninguém começa a ser educador(a) numa certa terça-feira às quatro horas da tarde” .....	68
1.7 DESENHO METODOLÓGICO DA “ESCRITA DE SI” .....	71
1.7.1 História de vida: aprendizagem biográfica e prática de (auto)formação .....	71
1.7.2 Ateliê biográfico e a valorização da memória: “eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem” .....	73
1.7.3 Fotobiografia: arqueologia visual de histórias de vida e registros de travessias acadêmicas .....	74
1.7.4 Escrevivências: a escrita de si como representação de autoria coletiva.....	75
1.7.5 Percursos autoetnográficos.....	77
1.7.6 Ethos discursivo.....	77
1.7.7 TPACK: conexões entre tecnologias e minha práxis pedagógica .....	78
1.8 CONVITE À LEITURA.....	80
<b>2 “O SERTÃO É DENTRO DA GENTE”: TRAVESSIAS INICIAIS E A FORMAÇÃO ACADÊMICA</b> .....	<b>82</b>

2.1 AUTORRETRATOS, A SOMBRA DA MANGUEIRA E A MATERNIDADE: TRILHAS NA CONSTITUIÇÃO DE MINHAS IDENTIDADES .....	86
2.1.1 Travessias interiores: “sertão é dentro da gente” .....	97
2.1.2. Travessias cronotópicas rumo à maternidade .....	101
2.1.3. Linha temporal: progressão e promoção funcional na UFRPE .....	104
2.2 TRAVESSIAS RUMO À FORMAÇÃO ACADÊMICA: EDUCAÇÃO BÁSICA, GRADUAÇÃO, PÓS-GRADUAÇÃO .....	106
2.2.1 Narrativas da formação acadêmica .....	108
2.2.2 Alguns percursos iniciais: minha trajetória discente na Educação Básica .....	108
2.2.3 Vivências como discente na graduação: “não há docência sem discência” .....	110
2.2.4 Participação na Iniciação Científica da UFPE: a imersão na pesquisa .....	113
2.2.5 O Estágio Supervisionado em escola pública: a docência na prática .....	115
2.2.6 A láurea universitária: “não sei, só sei que foi assim...” .....	118
2.3 NARRATIVAS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA PÓS-GRADUAÇÃO .....	121
2.3.1 Especialização: percursos na pós-graduação <i>lato sensu</i> .....	121
2.3.2 Mestrado: novas trilhas na pós-graduação .....	122
2.3.3 Doutorado: a formação da docente pesquisadora .....	129
<b>3 TRAVESSIAS E MÚLTIPLAS VEREDAS DESCORTINADAS NAS ATIVIDADES DE ENSINO .....</b>	<b>136</b>
3.1 A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: CONEXÕES COM O ENSINO, A PESQUISA, A EXTENSÃO E A GESTÃO: “NAVEGAR É PRECISO” .....	136
3.2 FORMAÇÃO CONTINUADA: APRENDENDO A APRENDER CONTINUAMENTE .....	137
3.3. SER DOCENTE NO CONTEXTO DA GRADUAÇÃO: DIALOGANDO COM AS ATIVIDADES DE ENSINO NA GRADUAÇÃO .....	139
3.4 O LUGAR DA DOCÊNCIA NO CONTEXTO PRIVADO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: A CONSOLIDAÇÃO DA TRAVESSIA E O LUGAR DA LÍNGUA PORTUGUESA EM MINHA TRAJETÓRIA DOCENTE .....	140
3.5 PROJETOS DE PESQUISAS E ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR -CONTEXTO PRIVADO .....	144
3.6 DOCÊNCIA NA PÓS-GRADUAÇÃO NO CONTEXTO PRIVADO .....	146
3.7 ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO DO CENÁRIO PRIVADO DE ENSINO: UFA! AO INFINITO E ALÉM!! .....	152
3.8 O LUGAR DA DOCÊNCIA NO CONTEXTO PÚBLICO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	153
3.8.1 A docência na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.....	153
3.8.1.1 Atividades de ensino na graduação da UFPE: contrato temporário e múltiplas experiências na docência .....	154



<b>3.8.1.2 Atividades de ensino na pós-graduação da UFPE: <i>tempo, tempo, tempo, tempo</i>.....</b>	<b>156</b>
<b>3.8.2 A docência na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) .....</b>	<b>157</b>
<b>3.8.2.1 Atividades de ensino na graduação da UFRPE: aprendizagens e desafios no contexto da EAD .....</b>	<b>163</b>
<b>3.8.2.2 Atividades de orientação na graduação da UFRPE.....</b>	<b>169</b>
3.8.2.2.1 <i>Orientações de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC .....</i>	<b>170</b>
3.8.2.2.2 <i>Orientações de bolsistas de Iniciação Científica - PIBIC/PIC/CNPq .....</i>	<b>170</b>
3.8.2.2.3 <i>Orientações de monitoria, extensão e de outras naturezas na UFRPE e em outras instituições de ensino superior .....</i>	<b>178</b>
3.8.2.2.4 <i>Programas de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica (PRP): vivências na formação inicial de professores(as) na UFRPE .....</i>	<b>179</b>
<b>3.8.3 Atividades de ensino em programas de pós-graduação <i>lato sensu</i> e <i>stricto sensu</i> da UFRPE.....</b>	<b>191</b>
<b>3.9 ORIENTAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU: SÍNTESE GERAL.....</b>	<b>198</b>
<b>3.10 ORIENTAÇÕES DE MESTRADO: “MESTRE NÃO É AQUELE QUE ENSINA, MAS AQUELE QUE DE REPENTE APRENDE” .....</b>	<b>200</b>
<b>3.11 (CO)ORIENTAÇÕES DE DOUTORADO: EXPERIMENTANDO OUTROS SABERES/SABORES MULTIDISCIPLINARES .....</b>	<b>202</b>
<b>3.12 IMPACTOS DAS (TRANS)DOCÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS .....</b>	<b>203</b>
<b>3.13 BREVE RELATO SOBRE TRAVESSIAS DA EDUCADORA FORMADORA: A FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES(AS).....</b>	<b>205</b>
<b>4 UM CAPÍTULO À PARTE EM MINHAS TRAVESSIAS - EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: O DIA EM QUE A TERRA PAROU .....</b>	<b>211</b>
4.1 <i>NAS TRAVESSIAS DA CIBERCULTURA.....</i>	<b>212</b>
4.2 <i>EAD, ERE E (DES)ENCONTROS NA “ESTRADA” DO CRONOTOPO PANDÊMICO .....</i>	<b>215</b>
4.3 <i>A UFRPE E A PANDEMIA DE COVID -19: DESAFIOS E APRENDIZAGENS PARA ALÉM DOS LIMITES INSTITUCIONAIS.....</i>	<b>223</b>
4.4 <i>UMA PAUSA PARA A ESPERANÇA: VACINAS CONTRA COVID -19 E A LUTA CONTRA FAKE NEWS .....</i>	<b>238</b>
<b>5 TRILHAS DE PESQUISA E EXTENSÃO: MINHAS ANDANÇAS COMO PROFESSORA PESQUISADORA E EXTENSIONISTA .....</b>	<b>242</b>
5.1 <i>PROFESSORA PESQUISADORA: EDUCAR PARA A PESQUISA .....</i>	<b>242</b>
5.1.1 <i>Travessias rumo à produção científica: (des)caminhos da produção intelectual</i>	<b>243</b>
5.1.2 <i>Publicação de artigos em periódicos: quem disse que seria fácil? .....</i>	<b>245</b>

5.1.3 Publicação e organização de livros: “ <i>objetos transcendent</i> es” .....	251
5.1.4 A escrita de capítulos de livros e a consolidação da autoria .....	259
5.1.5 Publicação de artigos em anais de eventos científicos: as travessias continuam.....	270
5.1.6 Quem disse que a publicação de resumos não tem seu lugar ao sol? .....	271
5.1.7 Publicação de materiais didáticos: a professora autora no contexto da EAD.....	272
5.1.8 Publicações de artigos em jornal de notícias e magazines .....	280
5.1.9 Produções técnicas: é tanta produção, onde inserir no <i>Lattes</i> ?.....	282
5.1.10 Participação em Grupos de Pesquisa do CNPq .....	282
5.1.11 Coordenação e participação em projetos de pesquisa: existe pesquisa em Letras? Oxente, claro que sim! .....	283
5.2 TRAVESSIAS RUMO À EXTENSÃO DIALÓGICA .....	284
5.2.1 Professora extensionista: o papel da extensão na minha vida acadêmica .....	285
5.2.2 Coordenação e participação em projetos de extensão .....	286
5.2.3 Participação em eventos: compartilhamentos e divulgação de pesquisas .....	296
5.2.3.1 Apresentação de trabalhos em eventos: de onde você é? Norte ou Nordeste? .....	296
5.2.3.2 Participação como ouvinte em eventos científicos .....	317
5.3 AVALIAÇÃO DE ARTIGOS EM PERIÓDICOS: AVALIADORA <i>AD HOC</i> , QUE CHIQUE!!	317
5.4 PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES CIENTÍFICAS.....	318
5.5 ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS .....	319
5.6 PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS: MÚLTIPLAS APRENDIZAGENS.....	327
5.6.1 Bancas de Trabalhos de Conclusão de Curso - graduação.....	328
5.6.2 Bancas de cursos de pós-graduação <i>lato sensu</i> .....	330
5.6.3 Bancas de Mestrado: rotinas na vida da professora universitária.....	330
5.6.3.1. Bancas de Exame de Qualificação - Mestrado .....	331
5.6.3.2 Bancas de defesas públicas de Dissertações de Mestrado .....	333
5.7 BANCAS DE DOUTORADO: EXPERIÊNCIAS INESQUECÍVEIS .....	337
5.7.1 Bancas de Exame de Qualificação - Doutorado .....	337
5.7.2 Bancas de defesas públicas de Teses de Doutorado .....	338
5.8 PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE COMISSÕES JULGADORAS .....	341
5.8.1 Bancas de Concurso Público .....	342
5.8.2 Outras participações em bancas .....	343
5.9 PREMIAÇÕES E HOMENAGENS: DESTAQUES EM MINHAS TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS .....	344
5.9.1 <i>Times Higher Education World University Rankings</i> .....	345
5.9.2 Professora homenageada, paraninfa e patronesse .....	348
6 GESTÃO: VIVÊNCIAS E DESAFIOS NAS ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS .....	359



6.1 O PAPEL DA GESTÃO NA CONSTITUIÇÃO DE MINHAS (TRANS)DOCÊNCIAS: “TUDO VALE A PENA, SE A ALMA NÃO É PEQUENA” .....	359
6.2 A GESTÃO NO CONTEXTO PRIVADO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR .....	360
6.3 A GESTÃO NO CONTEXTO PÚBLICO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: TRAVESSIAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE.....	362
<b>6.3.1 Travessias de (quase) uma década na Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE .....</b>	<b>362</b>
<b>6.3.2 A gestão no cenário da EAD/UFRPE .....</b>	<b>366</b>
<i>6.3.2.1 Coordenação de Tutoria na Licenciatura em Computação EAD/UFRPE .....</i>	<i>366</i>
<i>6.3.2.2 Coordenação Geral de Tutoria nos Cursos de Graduação EAD/UAB .....</i>	<i>366</i>
<i>6.3.2.3 Supervisão de Mediação Pedagógica EAD/UAB- UFRPE .....</i>	<i>367</i>
<i>6.3.2.4 Coordenação do Programa de Capacitação em Tecnologia e Educação a Distância EAD/UAB - UFRPE.....</i>	<i>368</i>
<b>6.3.3 E no apagar das luzes, entra em cena a gestão no PROGEL/UFRPE .....</b>	<b>368</b>
6.4 TRILHAS ADMINISTRATIVAS: PARTICIPAÇÃO EM COLEGIADOS E COMISSÕES NA UFRPE .....	369
<b>6.4.1 Avaliação institucional: minhas andanças na CPA/UFRPE .....</b>	<b>370</b>
<b>6.4.2 Lá vem o PDI/UFRPE aí, gente! (Re)descobrimo a Universidade .....</b>	<b>372</b>
<b>6.4.3 Colegiados e comissões de cursos de graduação e pós-graduação.....</b>	<b>374</b>
<b>6.4.4 Outros colegiados e outras comissões....Ufa! Será que darei conta? .....</b>	<b>375</b>
<b>7 MAIS UM (QUASE ÚLTIMO) CAPÍTULO: QUAL O LUGAR DA LITERATURA EM MINHAS TRAVESSIAS? .....</b>	<b>378</b>
7.1 A LITERATURA QUE HABITA EM MIM: O QUE PENSO SOBRE LITERATURA?.....	379
7.2 O DIREITO À DOCÊNCIA NO CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO: PARA ALÉM DO DIREITO À LITERATURA.....	382
7.3 A “ENSINAGEM” DE LITERATURA E A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: TRILHAS INOVATIVAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	383
7.4 MITOS PARA ALÉM DA ESCOLA: A ACADEMIA E O CÍRCULO DO “PRECONCEITO LITERÁRIO” .....	389
<b>7.4.1 Mito 1: Literatura e Ciência não caminham juntas.....</b>	<b>391</b>
<b>7.4.2 Mito 2: Não há pesquisa aplicada no campo artístico-literário .....</b>	<b>393</b>
<b>7.4.3 Mito 3: O cânone literário não tem mais lugar ao sol nas pesquisas literárias ....</b>	<b>394</b>
7.5 QUASE FINALIZANDO O CAPÍTULO.....	397
<b>8 O PRINCÍPIO DO FIM OU O RETORNO AO INÍCIO? RUMO A NOVAS VEREDAS, OUTRAS TRAVESSIAS .....</b>	<b>398</b>

8.1 MOVIMENTOS CÍCLICOS DAS TRAVESSIAS NO GRANDE SERTÃO: (TRANS)DOCÊNCIAS. "O QUE TE ESCREVO CONTINUA". .....	398
8.2 TRILHAS DESCRITIVAS: PANORAMA REFLEXIVO QUANTI/QUALITATIVO DAS TRAVESSIAS ACADÊMICAS.....	400
8.3 CAMINHOS FUTUROS E NOVAS VEREDAS: TRAVESSIAS ILIMITADAS NO GRANDE SERTÃO... (TRANS)DOCÊNCIAS .....	424
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>432</b>
<b>APÊNDICE – Memorial Descritivo Analítico – Síntese de Atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão.....</b>	<b>446</b>
<b>ANEXOS - Documentação Comprobatória do Memorial Descritivo Analítico.....</b>	<b>446</b>

# Capítulo 1

## 1 AQUECENDO OS MOVIMENTOS PARA INICIAR A TRAVESSIA NO GRANDE SERTÃO... (TRANS)DOCÊNCIAS

### 1.1 VAMOS INICIAR O DIÁLOGO? ROTAS E OBJETIVOS INICIAIS

Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão. Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas — e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção.

*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa

**O**lá, amigo(a) leitor(a)! Que bom contar com o seu valioso apoio nesta jornada. Certamente, irei precisar de um(a) interlocutor(a) com fôlego para acompanhar essas travessias iniciais no *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Revisitando as palavras do narrador Riobaldo, na obra *Grande Sertão: Veredas*, buscarei contar “as coisas que formaram passado para mim com mais pertença” (Rosa, 2019, p. 78). Irei narrar as minhas travessias no Sertão, “um Grande Sertão”, constituído pelas trilhas identitárias de minhas *(Trans)Docências*. Inauguro o termo **(Trans)Docências**, compreendendo os movimentos metarreflexivos, “dialógicos” (Bakhtin, 2014; Freire, 2002), “polifônicos” e “cronotópicos” (Bakhtin, 2014) que orientam os meus reflexos nos espelhos do “Grande Tempo” (Bakhtin, 2014), entre passado-presente-futuro, ora como docente, ora como discente, na constituição de meus autorretratos. O que são as *(Trans)Docências*? Digo, como Riobaldo: “Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas — e só essas poucas veredas, veredazinhas” (Rosa, 2019, p. 78). Então, amigo(a) leitor(a), “o que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção” (Rosa, 2019, p. 78) na leitura desta narrativa autobiográfica.

Neste primeiro capítulo, darei início, apenas, ao aquecimento dos percursos, configurando as rotas e os objetivos iniciais deste Memorial. Permita-me, leitor(a), usar um estilo de linguagem mais informal nesta apresentação inicial e ao longo dos próximos capítulos. Sou a professora Ivanda Maria Martins Silva, docente lotada na Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia – UAEADTec, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, professora do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa - EAD/UAEADTec. Atuo, também, como professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância – PPGTEG/UFRPE, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE. Também atuei nos cursos de graduação: Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Computação,

modalidade a distância, bem como no Curso de Licenciatura em Computação, modalidade presencial da UFRPE, além da colaboração no Curso de Licenciatura em Letras/Língua Espanhola, modalidade presencial, na sede UFRPE, tendo em vista projetos integrados com colegas docentes e participações nos Seminários de Pesquisa do PIBIC. Na pós-graduação *lato sensu* da UFRPE, atuei no Programa Mídias na Educação, no Curso de Especialização em Administração - Gestão Pública, e, atualmente, colaboro como docente e orientadora na Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente – LINFOR/UFRPE - UAEADTec. Além disso, atuo como professora mediadora nos ambientes virtuais dos cursos EAD/UFRPE e, como professora autora, tendo colaborado na produção de materiais didáticos para os cursos EAD/UFRPE.

Nessa síntese inicial, destaco, também, as atividades de gestão que desenvolvi na UFRPE, no âmbito da Educação a Distância - EAD, tais como: Coordenação de Tutoria na Licenciatura em Computação, modalidade a distância - EAD; Coordenação Geral de Tutoria dos cursos de graduação UAB/UFRPE; Supervisão de Mediação Pedagógica EAD; Supervisão Pedagógica dos Cursos EAD/UFRPE; Coordenadora do Programa de Capacitação em Tecnologia e Educação a Distância; Coordenação da Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD. Recentemente, novas travessias estão sendo indicadas no campo da gestão, inicialmente como Substituta Eventual da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE, e, mais recentemente, na Coordenação do PROGEL/UFRPE – ciclo 2024-2026.

De acordo com a Resolução nº 120/2018 – CONSU/UFRPE, o processo de promoção funcional é realizado em duas etapas: 1) Apresentação de Relatório de Desempenho Acadêmico, ou seja, documento com a descrição de atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão no período do interstício do(a) candidato(a); 2) Elaboração e defesa de Tese ou Memorial Acadêmico.

Tendo em vista as orientações da referida Resolução, na primeira etapa, elaborei o Relatório de Desempenho Acadêmico, com base nas atividades realizadas no período de 01/09/2022 a 31/08/2024. O documento foi analisado e aprovado pela Comissão de Desempenho Acadêmico da UFRPE, com a pontuação total de **1.468,5 pontos**<sup>3</sup>, de acordo com a descrição das atividades por grupos: Grupo I- Experiência Didática – Atividades de Ensino (546 pontos); Grupo II - Produção Científica, Artística e de Cultura Geral – Atividades de Pesquisa e Extensão (775 pontos); Grupo III – Experiência Profissional – Atividades de Gestão (147,5).

Optei, na segunda etapa, para a elaboração e defesa do Memorial Acadêmico como requisito parcial à promoção de Professora Titular, conforme a Resolução nº 120/2018 – CONSU/UFRPE, a qual estabelece as normas para a Avaliação de Desempenho Docente para fins de Promoção para a Classe E, com denominação de Professora Titular da Carreira

---

<sup>3</sup> De acordo com a Resolução nº 120/2018 – CONSU/UFRPE, a pontuação mínima para a aprovação do Relatório de Desempenho Acadêmico é de 200 pontos. “Art. 13 - Após parecer conclusivo emitido pela Comissão Especial constituída para esse fim, estará habilitado à promoção para a Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, o docente que: I - Obtiver no mínimo 200 (duzentos) pontos na Avaliação de Desempenho Docente, em se tratando de professor em Regime de Dedicção Exclusiva ou de 40 (quarenta) horas semanais, sendo este limite reduzido a 140 (cento e quarenta) pontos para os docentes em Regime de 20 (vinte) horas semanais” (UFRPE, 2018, *on-line*).

do Magistério Superior e Classe de Titular da Carreira do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Na referida Resolução, em conformidade com o Art. 2º da Portaria MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013, compreende-se o Memorial Acadêmico em suas dimensões descritivas e analíticas, considerando as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional. Nesse sentido, a Resolução nº 120/2018 – CONSU/UFRPE apresenta o “Memorial Descritivo Analítico” como documento autobiográfico que *descreve, analisa, quantifica e qualifica* os acontecimentos sobre a trajetória no processo acadêmico. Além da Resolução nº 120/2018 – CONSU/UFRPE, este Memorial acompanha, ainda, as orientações das Resoluções nºs 086/2014, 009/2019 e 065/2020 - CONSU/UFRPE, bem como a Portaria MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013, documentos que tratam das normativas sobre progressão e promoção funcional de docentes do Magistério Superior.

Com muita honra, escrevo este Memorial Acadêmico como registro histórico da primeira docente lotada na Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia – UAEADTec/UFRPE que busca a promoção funcional como professora Titular. Tenho muito orgulho de ser, também, a primeira docente do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, modalidade a distância, da UFRPE/UAEADTec a apresentar o Memorial Acadêmico, com vistas à promoção funcional. Neste sentido, destaco a relevância deste documento na historicidade da referida Unidade, bem como na própria história da UFRPE, visto que as memórias relatadas neste Memorial dialogam, também, com as travessias históricas institucionais, sobretudo, no tocante ao início das atividades no contexto da Educação a Distância - EAD nesta Universidade.

Neste primeiro capítulo, apresento o desenho estrutural do Memorial, com a configuração de: objetivos propostos, percursos teórico-metodológicos norteadores, desenho dos capítulos e reflexões sobre o gênero Memorial. Como professora pesquisadora, compreendo a importância de seguir um desenho estrutural, com base em minhas experiências de pesquisa, articulando, assim, percursos e rotas na organização deste Memorial. Desse modo, considero este documento como **pesquisa autobiográfica** e, portanto, irei destacar os elementos estruturadores destes percursos investigativos, como, por exemplo, a questão norteadora, os objetivos e o desenho do referencial teórico-metodológico. Em diálogo com os movimentos de pesquisa, elaboro a **questão norteadora** para a construção deste relato autobiográfico: *como narrar percursos autobiográficos e trajetórias acadêmico-profissionais nos eixos de ensino, pesquisa, extensão e gestão, considerando travessias e desafios no Grande Sertão...(Trans)Docências?*<sup>4</sup>

Utilizarei, neste Memorial, as palavras **Grande Sertão...(Trans)Docências** com as letras iniciais maiúsculas para destacar as funções metafóricas e simbólicas do **Sertão**, compreendido a partir das minhas trilhas percorridas como discente na Educação Básica e docente/pesquisadora na Educação Superior. Compreendo o *Sertão* em associação metafórica com esta imersão autobiográfica que faço por meio do resgate de memórias e de experiências vividas na consolidação de minhas múltiplas faces da docência. Considero as minhas diversas identidades docentes que se entrecruzam e se fundem na minha imagem

---

<sup>4</sup> Problematizarei a noção de *(Trans)Docências* na seção 1.6 *(Trans)Docências: conexões com a multiplicidade de identidades docentes*.

como professora, com seus percursos formativos no tripé temporal passado-presente-futuro. A essas múltiplas identidades e faces docentes que compõem a minha imagem como educadora chamarei de *(Trans)Docências*.

Na escrita deste Memorial, traçarei conexões dialógicas com a obra literária **Grande Sertão: Veredas**<sup>5</sup>, de Guimarães Rosa, a fim de representar as minhas múltiplas travessias acadêmicas, à luz das lentes metafóricas e poéticas no processo de escrita autobiográfica. Como propôs Riobaldo, compreendo que: “o sertão está em toda parte”; “sertão: é dentro da gente”; “o sertão é do tamanho do mundo”; “sertão é sem lugar”; “o sertão não tem janelas, nem portas”; “o sertão é confusão em grande demorado sossego”; “o sertão é uma espera enorme” (Rosa, 2019).

Desse modo, mergulharei em meu **Sertão** interior para extrair memórias em movimentos temporais, às vezes contínuos, outras vezes descontínuos, para traçar as rotas das travessias. Nesse sentido, **travessia** será palavra-chave na construção desta longa narrativa, “*Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia*” (Rosa, 2019, p. 53). [...] “*Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada*” (Rosa, 2019, p. 32). Busco a travessia nos elos das memórias entre passado, presente e futuro, tentando, assim como Riobaldo, compreender “os lugares de saída e de chegada”. Tento reencontrar-me nos redemoinhos do *Grande Sertão...(Trans)Docências* a fim de contar as vivências de minhas travessias na construção de minhas múltiplas identidades docentes. Considero a noção de *identidade* na perspectiva de Hall (2006), ou seja:

a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (Hall, 2006, p. 39).

A partir da escrita deste Memorial, busco evidenciar as minhas múltiplas identidades e percebo o caráter híbrido, fluido e transitório da plenitude da(s) identidade(s) sempre em (re)construção. Destaco, assim, o **objetivo geral** deste Memorial, ou seja, *apresentar as minhas travessias autobiográficas, acadêmicas e profissionais nos eixos de ensino, pesquisa, extensão e gestão, considerando as (Trans)Docências nos desenhos de minhas múltiplas identidades docentes/discentes em processos formativos contínuos nos cenários da Educação Básica e da Educação Superior*. Elaboro, aqui, o desenho estrutural deste Memorial, com base na abordagem de Passeggi (2008). Conforme a referida autora, no cenário da Educação Superior, a trajetória docente pode ser configurada em diversas etapas, com vistas à ascensão funcional para a consolidação de defesas de memoriais para Professor(a) Titular, como mostra a **Figura 1**.

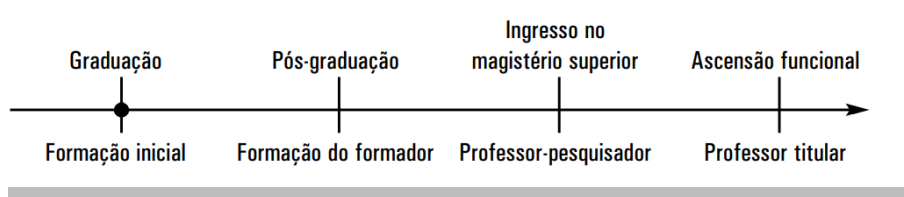
---

<sup>5</sup> Neste Memorial, utilizo a versão da obra de João Guimarães Rosa publicada pela editora Companhia das Letras, no ano de 2019. Utilizarei as letras iniciais maiúsculas para grafar **Grande Sertão: Veredas**, em diálogo com a proposta de destacar as expressões **Grande Sertão... (Trans)Docências** no título e no corpo deste Memorial. Segue a referência completa da edição da obra literária:

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Companhia das Letras, 22ª edição, 2019.



Figura 1: Evolução da carreira docente para promoção funcional a(à) Professor(a) Titular



Fonte: Passeggi (2008).

Para alcançar o objetivo geral deste Memorial Acadêmico, elenco os seguintes **objetivos específicos**, alinhados ao desenho dos capítulos propostos, conforme descrição a seguir:

1. Articular memórias da “*vida privada*” e da “*vida pública*” (Bakhtin, 2014) atravessadas pelo tempo-espço de minhas (trans)formações no “*cronotopo da estrada*” e no “*cronotopo do encontro*” (Bakhtin, 2014), como discente, docente, mãe e pesquisadora.
2. Narrar as vivências no eixo de ensino, tendo em vista a noção de *(Trans)Docências* e as experiências pedagógicas na Educação Básica e na Educação Superior.
3. Exercitar a “*escrita de si*” (Foucault, 2004) como estratégia articulada aos processos de biografização e “*ilusão biográfica*” (Bourdieu, 2006), em diálogo com as experiências na construção das múltiplas “*identidades*” (Hall, 2009) discentes e docentes (re)construídas durante as travessias acadêmicas.
4. Elaborar um panorama reflexivo qualitativo/quantitativo das atividades realizadas nos eixos de ensino, pesquisa, extensão e gestão, tendo em vista as diferentes fases da minha trajetória acadêmica.
5. Construir percursos autoavaliativos e metarreflexivos sobre experiências docentes nas trilhas do *Grande Sertão... (Trans)Docências*, com vistas a indicações de trilhas futuras em conexões entre passado-presente-futuro.

Com base nos objetivos específicos listados, apresento, a seguir, o desenho estrutural dos capítulos com a organização deste Memorial. Convido, assim, você, amigo(a) leitor(a), a conhecer a planificação estrutural desta longa narrativa. Preparado(a) para iniciar a **travessia**?

## 1.2 DESENHO DO MEMORIAL: ILIMITADAS VEREDAS

No passado, eu, digo e sei, sou assim:  
relembrando minha vida para trás.

*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa

Este Memorial apresenta as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão que vivenciei em minhas trajetórias acadêmicas e está organizado em oito capítulos detalhados a seguir. Neste primeiro capítulo, intitulado “*Aquecendo os movimentos para iniciar a travessia no Grande Sertão... (Trans)Docências*”, apresento a estrutura do Memorial, com a descrição dos objetivos e das orientações teórico-metodológicas norteadoras para a construção da



narrativa autobiográfica, considerando a importância desse gênero acadêmico em meus percursos de autoformação docente.

No segundo capítulo, *“Trilhas iniciais... um breve diálogo com o(a) leitor(a) sobre o Grande Sertão... (Trans)Docências”*, apresento narrativas e memórias sobre minhas vivências na Educação Básica, além dos percursos acadêmicos iniciais, desde o meu ingresso na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como discente, no contexto da graduação, até os percursos e as vivências em cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado, por meio da consolidação de minha formação acadêmica no âmbito de programas de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Também destaco as minhas memórias iniciais, considerando meu *“capital cultural”* familiar (Bourdieu, 2001, 2006) e as travessias cronotópicas da maternidade na aprendizagem das *(Trans)Docências*.

No terceiro capítulo, *“A docência na Educação Superior: travessias e múltiplas veredas descortinadas nas atividades de ensino”*, relato as atividades e as vivências no eixo de ensino, por meio do relato de experiências na Educação Superior em diálogo com vivências pedagógicas na Educação Básica, as quais orientaram meus caminhos como professora resiliente. Destaco, ainda, as atividades de ensino e as orientações, neste terceiro capítulo, a fim de descrever os percursos das atividades didáticas e os desafios enfrentados nessas travessias.

Tomo a liberdade de incluir um exercício diferente de escrita para o gênero Memorial, ou seja, o quarto capítulo, intitulado *“Um capítulo à parte em minhas travessias - educação em tempos de pandemia... o dia em que a terra parou”*. Neste capítulo, brinco com o estilo mais ensaístico para promover reflexões sobre o cronotopo pandêmico da Covid-19. Aponto, também, reflexões sobre a cronotopia como a relação indissociável entre o tempo e o espaço, nos termos bakhtinianos. Descrevo, ainda, as vivências, na UFRPE, como docente que se adaptou, rapidamente, ao Ensino Remoto Emergencial - ERE como “novo” formato para as atividades de ensino, pesquisa e extensão na Universidade. Neste capítulo, a pesquisadora e a professora (con)fundem-se e o estilo de linguagem mescla-se ao tom de ensaio, com as bases teóricas para reflexões sobre o cenário da “cibercultura” (Lévy, 1999). Traço articulações com o contexto pandêmico, onde tive de repensar caminhos, rever rotas para continuar as travessias e consolidar minha(s) identidade(s) docente(s), sempre aprendendo a aprender a cada instante.

No quinto capítulo, *“Trilhas de pesquisa e extensão: minhas andanças como professora pesquisadora e extensionista”*, descrevo a minha produção intelectual, com publicações científicas realizadas, participação em Grupos de Pesquisa do CNPq, apresentação de trabalhos e coordenação de eventos de extensão, atuação em comissões científicas e no Conselho Editorial da UFRPE, bem como em bancas diversas (Concursos, Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, Especialização, Mestrado, Doutorado, Exame de Qualificação de Mestrado/Doutorado), além de outras atividades relevantes vivenciadas nos eixos de pesquisa e extensão.

No sexto capítulo, *“Gestão: vivências e desafios nas atividades administrativas”*, revisito as minhas experiências, no eixo da gestão, em comissões, colegiados, Grupos de Trabalho – GT, atuação no Programa da Universidade Aberta do Brasil - UAB, com atividades de gestão, como Coordenação de Tutoria, Supervisão Pedagógica, Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD - UFRPE/UAEADTec, bem como outras

atividades administrativas relevantes desenvolvidas na UFRPE e em outras instituições de ensino.

O sétimo capítulo, “*Mais um (quase último) capítulo .... qual o lugar da literatura em minhas travessias?*”, revela as minhas reflexões sobre a literatura, concepções norteadoras e experiências no campo artístico-literário. Este capítulo mescla o tom memorialístico ao estilo ensaístico para discutir a minha relação com a literatura a partir de vivências como docente e pesquisadora. Nesse sentido, discuto sobre mitos que circulam em escolas e universidades, espaços onde a literatura ainda pode ser compreendida com base em contornos monolíticos e anacrônicos.

Por fim, no oitavo capítulo, “*O princípio do fim ou o retorno ao início? Rumo a novas veredas*”, traço as considerações “finais”, ou melhor, considerações “inconclusas”, e elaboro uma síntese analítica e metarreflexiva por meio de um panorama descritivo qualitativo/quantitativo das minhas atividades apresentadas neste Memorial, tendo em vista as linhas temporais e trilhas do *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Além disso, apresento os caminhos futuros que ainda poderão ser trilhados rumo à consolidação de minhas travessias acadêmicas e profissionais.

Amigo(a) leitor(a), após a descrição do desenho estrutural dos capítulos, é importante discutir o próprio gênero Memorial, conforme apresento na próxima seção. Preparado(a) para continuar a imersão na leitura? Então, sinta-se convidado(a) a embarcar nessas travessias acadêmicas. Conto com o seu apoio. Dito isto, “*mire veja*”, conheça a complexidade do gênero Memorial Acadêmico. Vamos lá?

### 1.3 O GÊNERO MEMORIAL ACADÊMICO: “E AGORA, MARIA”?

**José** – Carlos Drummond de Andrade<sup>6</sup>  
E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José? [...].

Adoro esse poema de Drummond, no qual “*José*” parece representar, simbolicamente, um sujeito coletivo, ou seja, o próprio povo que vive os desafios cotidianos e busca encontrar caminhos possíveis para reinventar a realidade vivida. Como uma *Maria* que sou (*Ivanda Maria*), posso “tentar” retomar esse poema de Drummond, em uma espécie de releitura intertextual: *E agora, Maria?*

---

<sup>6</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. José. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

**E agora, Maria?** – Ivanda Maria Martins Silva

E agora, Maria?  
A promoção chegou,  
a inspiração acabou,  
o trabalho aumentou  
e o Memorial está aí.

E agora, Maria?  
E agora, Maria?  
Você que é docente,  
resiliente, esperançosa,  
perfeccionista e romântica,  
que caminhos seguir?  
O que escrever?

E agora, Maria?  
Está sem discurso.  
Está à procura das palavras.  
Está na arena do dizer indizível  
e encontra o silêncio sonoro e sutil.  
Sua voz azul invisível  
ecoa nas múltiplas faces das  
(Trans)Docências.  
O dizer indizível revela-se no  
*Grande Sertão*  
no Sertão quente,  
no Sertão interior  
no Sertão mundo  
no Sertão Vida  
no Sertão Esperança

no Sertão Coragem  
refúgio docente,  
sem janelas,  
sem portas,  
no redemoinho das memórias  
infinitas memórias  
opacas memórias  
transformadas pelo Grande Tempo.

E agora, Maria?  
E agora, Maria?  
Se você fugisse  
Se você corresse  
Se você voasse  
Liberdade... Liberdade...

E o Memorial?  
Autorretrato biográfico  
Vida vivida, sentida e vivente  
Veredas acadêmicas  
Rios... redemoinhos de lembranças  
Sertão: estes vazios cheios...  
Sertões naufragos, inconclusos,  
longínquos e múltiplos  
(Trans)Docências infinitas  
Travessias...  
Nonada(s)...  
Recomeços...  
E agora, Maria?

O que achou, amigo(a) leitor(a)? Posso dizer que fiquei inspirada com o desafio de escrever esta narrativa autobiográfica. Busquei pesquisar sobre o gênero Memorial para mergulhar na “*escrita de si*” (Foucault, 2004). Considero a perspectiva de Foucault (2004) para destacar a “*escrita de si*”, tendo em vista alguns princípios, tais como: 1) *tecnologias do eu*, como técnicas, estratégias e práticas para desenvolver o autoconhecimento; 2) *cuidado de si*, tendo em vista a escrita autobiográfica como forma de refletir sobre minhas ações e pensamentos, com vistas ao autocuidado; 3) *diálogo interno*, como estratégia para questionamentos internos para autoformação; 4) e, por fim, a *transformação ética*, ou seja, a prática da *escrita de si* como ação transformadora que pode me levar a novos olhares sobre minha relação com os outros e com o mundo, de forma geral.

Nunca pensei antes que iria escrever um Memorial, mas, aqui estou. Em linhas gerais, o gênero Memorial Acadêmico é compreendido como uma autobiografia que descreve, analisa e avalia acontecimentos/vivências sobre a trajetória acadêmico-profissional e intelectual do(a) autor(a). A pesquisadora Passeggi (2008, 2010) destaca-se como estudiosa na área de memoriais autobiográficos. De acordo com Passeggi (2010):

O narrador nesse tipo de escrita oscila entre a resistência à pressão institucional, que “obriga” o candidato a refletir sobre a história de sua formação intelectual e profissional, e o fascínio da escrita autobiográfica, que desencadeia o prazer de escrever sobre si mesmo. Essa situação de ambivalência decorre, portanto, da própria natureza desse tipo de escrita institucional. Por um lado, sua dimensão avaliativa, sobre a qual se centra o

projeto institucional e, por outro lado, sua dimensão autoformativa, sobre a qual centra-se o sujeito no processo de reflexão sobre a trajetória de sua formação (Passeggi, 2010, p. 19).

Esse “*fascínio da escrita autobiográfica*”, apontado por Passeggi (2010), ocorre, naturalmente, quando percebo a *escrita de si* como necessidade autoformativa no próprio exercício da docência. Faço este exercício da escrita autobiográfica pela primeira vez, mas já noto a sua importância nos processos de autoconhecimento e redescobertas de memórias. Outro aspecto interessante, destacado por Passeggi (2010), é a *ambivalência da escrita de si* marcada, por um lado, pelas pressões institucionais, e, por outro, pela oportunidade de liberdade autoral e criativa. Nesse sentido, o Memorial configura-se como gênero ambivalente e híbrido. Partindo dessa noção, Passeggi (2008) conceitua o Memorial como:

Gênero acadêmico autobiográfico, por meio do qual o autor se (auto)avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional, em função de uma demanda institucional. O interesse de sua narrativa é clarificar experiências significativas para a sua formação e situar seus projetos atuais e futuros no processo de inserção acadêmica e ascensão profissional (Passeggi, 2008, p. 120).

No contexto da Educação Superior, esse gênero parece não ser muito requisitado em práticas de escrita dos(as) professores(as). Então, quando nos deparamos com o desafio de escrever um Memorial, precisamos desenvolver outras estratégias para a produção textual. Acostumada ao estilo de linguagem mais impessoal dos textos acadêmicos, vivo, neste momento, o desafio da “*escrita de si*” nesta etapa de minhas travessias rumo à promoção para Professora Titular.

Nunca havia experienciado a escrita autobiográfica, mas confesso que o desafio da “*escrita de si*” transformou as minhas práticas de letramentos acadêmicos. Escrever o Memorial revelou-se como um movimento de epifania na revelação de minha essência como “*ser-docente*” sempre em transformação. Lembrei-me da epifania nos textos literários de Clarice Lispector, como ocorre, por exemplo, na obra *A hora da estrela*, a qual apresenta valiosas e reveladoras reflexões metalinguísticas. Concordo com o narrador: “*Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados*” (Lispector, 2020, p. 33). Irei retomar esta citação ao longo deste Memorial, pois creio que reflete, justamente, o árduo processo de escrita deste documento. Como não lembrar, também, de João Cabral de Melo Neto. A força da escrita é revelada no poema *Catar feijão*.

#### **Catar feijão – João Cabral de Melo Neto<sup>7</sup>**

1.

Catar feijão se limita com escrever:  
joga-se os grãos na água do alguidar  
e as palavras na folha de papel;  
e depois, joga-se fora o que boiar.  
Certo, toda palavra boiará no papel,  
água congelada, por chumbo seu verbo:  
pois para catar esse feijão, soprar nele,  
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:  
o de que entre os grãos pesados entre  
um grão qualquer, pedra ou indigesto,  
um grão imastigável, de quebrar dente.  
Certo não, quando ao catar palavras:  
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:  
obstrui a leitura fluviente, flutual,  
açula a atenção, isca-a como o risco.

<sup>7</sup> NETO, João Cabral de. *Catar feijão*. In: NETO, João Cabral de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

Buscarei, assim, “*catar feijão*”, reconhecendo o risco dos grãos mais pesados, indigestos, e a leveza dos grãos na água, boiando, indicando os caminhos das palavras a serem escritas. Para muitos(as) colegas docentes, esse processo de “*escrita de si*” pode ser mais uma “tarefa burocrática” para cumprir o ritual da carreira acadêmica. No entanto, penso que esta *escrita de si* é muito especial e ultrapassa as limitações burocráticas. Escrever sobre minhas memórias e travessias acadêmicas foi, e está sendo, uma oportunidade de (re)descobertas infinitas, uma espécie de “mergulho” nas “*águas-lembranças*”, como bem destacou Conceição Evaristo.

**Recordar é preciso** – Conceição Evaristo <sup>8</sup>

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos  
A memória bravia lança o leme:  
Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças  
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,  
salgando-me o rosto e o gosto.  
Sou eternamente naufraga,  
mas os fundos oceanos não me amedrontam  
e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.  
Sei que o mistério subsiste além das águas.

Diante do desafio da escrita deste Memorial, assumo o meu lugar de “naufraga”, rumo ao descortinar das vagas lembranças que surgem a partir do movimento contínuo da travessia. Começo a experienciar a “*escrita de si*”, reaprendendo a escrever com um novo estilo, conforme Vieira (2017) aponta:

Os memoriais são escritos na primeira pessoa do singular, da mesma forma que as cartas, as confissões, os diários e as memórias. Esse gênero de escrita de si expõe as razões do sujeito na sua parcialidade e subjetividade. Trata-se de um gênero que produz um certo grau de desconforto entre os pesquisadores acadêmicos, uma vez que, por razões de ofício, esses aprenderam a escrever na terceira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural, na pretensão de produzir os efeitos de imparcialidade e impessoalidade (Vieira, 2017, p. 292).

De fato, concordo com Vieira (2017), quando afirma que o gênero Memorial pode trazer certo “desconforto” aos(às) pesquisadores(as), já acostumados à escrita acadêmica marcada, predominantemente, pela imparcialidade do estilo impessoal na elaboração de artigos, resenhas, resumos, capítulos de livros, relatórios, projetos, prefácios e outros inúmeros exemplos de gêneros que circulam nos meios acadêmicos. Desse modo, na construção deste relato, busco repensar o meu estilo de linguagem para mergulhar em minhas memórias.

---

<sup>8</sup> EVARISTO, Conceição. Recordar é preciso. In: EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

Também sigo o enfoque de Anastasiou (2005) sobre a construção do Memorial. Segundo a autora:

Trata-se de um processo identitário que se constrói pelo significado que cada professor, como autor e ator, confere às atividades de sua vida escolar, o que inclui valores, modo de situar-se no mundo, história de vida, representações construídas, saberes, angústias, receios profissionais. A identidade pessoal e profissional é também buscada, em sua vertente histórica, desde os estudos iniciais no processo, acerca da ciência, conhecimento, saber escolar, os quais são relacionados com as visões modernas e pós-modernas e suas decorrências nos currículos universitários e na ação docente. Dessa ação decorre determinada visão de mundo, de conhecimento e saber escolar, básicos em nossas áreas de atuação (Anastasiou, 2005, p. 19).

Hoje, sinto o desafio de elaborar um Memorial Acadêmico. “*E agora, Maria?*” Por onde começar? O que relatar? Que estilo de linguagem utilizar? Já começo este Memorial com as indagações iniciais quando me deparei com o desafio de elaborar o relato de minha história. Prolixa convicta que sou, já pensei, logo de início: meu Memorial irá ultrapassar a quantidade de páginas estimadas. Aquela voz na consciência me dizia: “*Ivanda, cuidado, viu? Olhe, a Resolução nº 120/2018 - CONSU/UFRPE orienta que o Memorial precisa ter certas características específicas, ok?*”. As universidades criam as Resoluções para orientar os(as) docentes sobre a escrita do Memorial Acadêmico. Os documentos institucionais tornam-se normativas que podem cercear a liberdade criativa dos(as) docentes, caso estes(as) limitem suas produções escritas, apenas, aos modelos normativos. É preciso decolonizar, desconstruir modelos para reinventar outras possibilidades de construção da autoria no exercício da docência.

Defendo que, na etapa de promoção à titularidade, os(as) professores(as) assumam o protagonismo da autoria para narrar suas histórias, com vistas à criação de narrativas autobiográficas em diálogo com as memórias pessoais e institucionais que marcaram as trajetórias acadêmicas. Os memoriais revelam não apenas as travessias acadêmicas de docentes, mas, sobretudo, são documentos relevantes para manter viva a memória institucional das universidades. Na escrita dos memoriais acadêmicos, cada episódio narrado, cada experiência relatada, cada memória resgatada deixam marcas na própria história das universidades. Como gênero ambivalente, como já apontou Passeggi (2008), os memoriais podem estabelecer conexões entre diversos eixos, como: as histórias de vida; as histórias acadêmicas e profissionais; as histórias das instituições de ensino dos(as) docentes, além das histórias das cenas da educação brasileira.

Entendo que escrever este Memorial é um exercício de liberdade, de cidadania, bem como de reencontro com minhas memórias e lembranças. Ao mesmo tempo, a escrita deste Memorial está presa às normatizações institucionais. Assim, por um lado, preciso escrever minha autobiografia, considerando experiências, vivências e subjetividades, por outro lado, também é importante traçar um panorama reflexivo qualitativo/quantitativo com minhas travessias acadêmicas. Amigo(a) leitor(a), é importante, sim, decolonizar, mas também preciso considerar orientações institucionais se desejo alcançar a promoção funcional, não é verdade? Diante dessa complexidade e da ambivalência na escrita do Memorial, retomo, aqui, as palavras de Passeggi (2010):

O grande desafio é conciliar olhares divergentes: o da instituição que vê o memorial como instrumento de avaliação e o do narrador que descobre, ao escrever, a sedução de seu alcance autoformativo. A discussão em aberto é



que a visibilidade da pressão institucional confere ao memorial um papel regulador, neutralizando a potencialidade de expressão crítica, suscetível de fazer avançar os discursos instituídos. Seria possível admitir que a escrita institucional de si tem êxito, quando o narrador, ao responder às exigências institucionais, descobre o potencial formativo do memorial e se deixa envolver pelo encantamento estético e ético de fazer da vida intelectual e profissional um texto acadêmico como arte autoformadora da existência (Passeggi, 2010, p. 37).

Confesso, amigo(a) leitor(a), que escrever um Memorial Acadêmico não é tarefa fácil, pois requer imersões e reconstruções de memórias que, muitas vezes, em função do distanciamento temporal das experiências já vividas, vão perdendo nitidez e precisão. Conforme Foucault (2006), a aprendizagem do autoconhecimento convida a observar “outra forma de cultura, de paideia [...], que gira em torno do que se poderia chamar de cultura de si, formação de si, *Selbstbildung*, como diriam os alemães [...]” (Foucault, 2006, p. 58).

Na etapa de promoção funcional para Professor(a) Titular nas Universidades brasileiras, muitas vezes, o gênero Memorial é compreendido como espécie de escrita acadêmica de “menor valor”, quando comparado, por exemplo, à Tese, a qual privilegia a pesquisa científica e o caráter argumentativo/dissertativo da produção textual.

Pesquisando para escrever esta narrativa autobiográfica, assisti a inúmeras sessões no *YouTube* com colegas docentes apresentando seus memoriais. Muitos(as) professores(as) já iniciavam suas falas quase que pedindo desculpas à Comissão Especial de Avaliação, formada por Professores(as) Titulares, pela defesa de um Memorial e não de uma Tese. Certamente, eu diria a tais colegas que a oportunidade de escrita do Memorial proporcionou-lhes mais aprendizagens no processo de autoconhecimento do que a elaboração da Tese, uma velha conhecida dos(as) professores(as) que já passaram pelo Doutorado.

Destaco a importância do gênero Memorial como a “*pesquisa de si*”, por meio da escrita individualizada, das incursões arqueológicas autobiográficas rumo à investigação afetiva de memórias e lembranças na constituição da subjetividade autoral. Creio que todo(a) professor(a) deveria viver esta experiência de construção do Memorial como processo de autoavaliação das vivências pedagógicas e formativas.

Certamente, como apontamos anteriormente, a escrita do Memorial requer uma consciência histórica que envolve movimentos importantes na construção de narrativas sobre: histórias de vidas; histórias acadêmicas/profissionais; histórias das universidades; histórias de cenas da educação brasileira. Nesse sentido, neste Memorial, mergulho, inicialmente, em minha história de vida e diálogo, também, com percursos históricos da UFRPE, sobretudo, no cenário de implementação das atividades no âmbito da Educação a Distância, por meio do Programa Universidade Aberta do Brasil - UAB. Compreendo, ainda, a função política do Memorial em sintonia com cenas da educação brasileira, tendo em vista, por exemplo, as transformações educacionais vivenciadas no cenário da pandemia de Covid-19.

A escrita deste Memorial envolve, também, um jogo complexo de imagens, ou seja, a minha imagem, construída por meio de reflexões e de autoavaliações, além das minhas imagens que os(as) leitores(as) irão construir, considerando o caráter dialógico das representações tecidas no processo de biografização. Nesse sentido, retomo, mais uma vez, Passeggi (2010):



Expor, para o outro e por escrito, as histórias que contamos sobre nós mesmos e a nós mesmos, em nosso discurso interior, não é tarefa fácil. Criamos em função da finalidade da escrita. É essa finalidade que direciona o narrador a dar forma e sentido ao que antes não tinha. Assume-se o risco de colocar em jogo nessa tarefa a imagem de si para o outro e a imagem de si para si mesmo (Passeggi, 2010, p. 33-34).

Ao iniciar a escrita do Memorial, é importante selecionar a estratégia estilística que será utilizada na construção da narrativa autobiográfica. *O que narrar e como narrar* transformam-se em questões primordiais no processo de escrita do Memorial. Considerando os desafios da imersão autobiográfica, como contar as minhas travessias em poucas linhas e em poucas páginas? Será que irei conseguir? Em espécie de monólogo interior, conversando com minhas ideias particulares, já comecei a sentir a aflição diante do desafio da escrita pessoal, de cunho autobiográfico. Confesso, amigo(a) leitor(a) que escrevo este Memorial sem preocupações quanto ao limite de páginas, mas sim com o interesse no revisitar de minhas memórias, acompanhando o movimento dinâmico do tempo.

Retomo a célebre obra de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, na qual o narrador revela a sua hesitação em relação à ordem temporal da narrativa, se deveria iniciar pelo início, com o seu nascimento, ou pelo fim, com o relato de sua morte.

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco (Assis, 1997, p. 17).

Ainda revisitando Machado de Assis, na célebre obra *Dom Casmurro*, tento, por meio deste Memorial, *“atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência”* na construção de minha(s) identidade(s) docente(s), unindo o presente da minha maturidade e o passado das minhas juventudes, pois *“em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente”* (Assis, 2009, p. 15).

Reconhecendo a minha humilde experiência no processo de escrita autobiográfica e, longe de querer imitar a grandiosidade ficcional da obra machadiana, adotarei a ordem cronológica temporal. Seguirei o movimento do tempo, recorrendo a *flashbacks*, com recuos temporais, ou *flashforwards*, avanços e antecipações no tempo para representar a minha trajetória acadêmica na Universidade, sem esquecer memórias, como discente, até chegar às vivências docentes. É claro que tecerei, também, relatos sobre memórias familiares, por meio de conexões entre a *“vida privada”* e a *“vida pública”* (Bakhtin, 2014). Seguindo o movimento das memórias, irei adiantar ou retroceder na linha temporal, sempre que for preciso, para traçar as trilhas neste *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Acompanhando a leveza da poesia de Mario Quintana, sigo com reflexões sobre o tempo:

Seiscentos e sessenta e seis – Mario Quintana <sup>9</sup>

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...  
Quando se vê, já é 6ª feira...  
Quando se vê, passaram 60 anos!  
Agora, é tarde demais para ser reprovado...  
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,  
eu nem olhava o relógio  
seguia sempre em frente...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.

Puxa, vida! Como diria a voz poética de Cazuzza, “*o tempo não para, não para não, não para*”<sup>10</sup>. Vamos caminhando, de modo tão apressado, e nem percebemos o correr do tempo. Só agora, iniciando a escrita deste Memorial, percebo a velocidade das transformações do tempo a cada etapa de minha trajetória acadêmica. Após a leitura do belíssimo poema de Quintana, o que dizer? Tudo já foi dito, não é mesmo? Vamos sentir a poesia e caminhar com a leveza das imagens poéticas. Sigamos, então, sempre em frente, “*jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...*”.

Como já disse a voz poética de Drummond, “*O tempo é uma cadeira ao sol, e nada mais*”<sup>11</sup>. Vamos reconhecer, amigo(a) leitor(a) essa metáfora indicada pela voz poética e perceber que este Memorial irá retratar o tempo de experiências marcantes em minhas travessias. Irei priorizar a leveza e a efemeridade da velocidade temporal, evidenciando o caráter fotográfico do tempo como *flash* de um momento flagrado/recortado, como uma “*cadeira ao sol*”, sem pressa, lento, suave, como na perspectiva de Drummond. Hoje, neste momento de minha vida, lembro-me de fragmentos da canção de Almir Sater, *Tocando em frente*<sup>12</sup>, disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44082/>. Conforme a canção de Almir Sater, “*cada um de nós compõe a sua história*”, acompanhando a “*marcha*” da vida, “*tocando em frente*”. Nesse sentido, “*estrada eu sou*”, sigo caminhando nas múltiplas andanças da vida. Desse modo, escrever este Memorial é iniciar uma *grande travessia*, andando devagar, descortinando os mistérios do “Grande Tempo”, nos termos bakhtinianos, aprendendo a aprender a cada novo momento.

Como professora apaixonada pela Literatura, senti a necessidade de criar um estilo único, inspirado na leitura de grandes obras da Literatura, no sentido de me sentir mais à vontade para iniciar a minha história. E, assim, pensei: já sei, prontinho... irei criar uma

---

<sup>9</sup> QUINTANA, Mário. Seiscentos e sessenta e seis. In: QUINTANA, Mário. **Esconderijos do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

<sup>10</sup> CAZUZA. O tempo não para. In: CAZUZA. **O tempo não para**. Warner Music, 1983. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cazuzza/45005/> Acesso em: 14 jun.2024.

<sup>11</sup> O verso “*O tempo é uma cadeira ao sol, e nada mais*” está no poema “*O tempo*”, de Carlos Drummond de Andrade. Esse poema faz parte da coletânea **A Rosa do Povo**, publicada em 1945.

<sup>12</sup> SATER, Almir. Tocando em frente. In: SATER, Almir. **Tocando em frente**. Som Livre, 1990. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44082/> Acesso em: 10 jan.2024.

personagem ficcional, espécie de interlocutor(a), para escutar a minha história e manter a função fática da linguagem, pautada no estilo dialógico, no tom conversacional para a narração de minha história. Com essa ideia, você, leitor(a) está sendo convidado(a) a ser o(a) interlocutor(a) nesta travessia. Cito a obra *Grande Sertão: Veredas*, do genial Guimarães Rosa:

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão (Rosa, 2019, p. 24).

Então, amigo(a) leitor(a), “*mire veja*”, abro este Memorial com breve apresentação pessoal, que você irá encontrar no próximo capítulo, para depois mergulhar nas travessias acadêmicas, repletas de desafios, encontros, desencontros e aprendizagens. Nesse grande relato, também irei ousar mesclar múltiplas linguagens, intercalando prosa e poesia, explorando o hibridismo enriquecedor dos múltiplos gêneros nos processos sociocomunicativos. Mas, amigo(a) leitor(a), antes de iniciar as minhas travessias, é importante apresentar os percursos teórico-metodológicos norteadores para a escrita deste Memorial, conforme descrevo a seguir. Como professora pesquisadora, claro, não poderia deixar de lado essa parte, não é mesmo?

#### 1.4 A ESCRITA DE SI: PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS NORTEADORES

A escrita autobiográfica já não se reserva a autores consagrados nem a pessoas ilustres. Os alunos e professores que escrevem seus memoriais tornam-se autores do discurso acadêmico e o fazem, notadamente, para seus pares a quem legam o testemunho de suas vidas (Passeggi, 2010, p. 23).

A “escrita de si” é uma aprendizagem contínua que precisa ser incentivada em todos os processos de formação docente. No cenário da Educação Superior, a “escrita de si” parece que ocupa lugar tímido diante da pressão pela escrita acadêmica, com foco na produção intelectual. São tantos artigos, capítulos de livros, resumos, relatórios, projetos, resenhas, prefácios, que, às vezes, nós, educadores(as), ficamos mergulhados(as) no “oceano sufocante” da produção científica e nas cobranças de exercícios de escrita para preencher os longos currículos na plataforma *lattes*. Nesse cenário de muita pressão, vamos, como docentes, trilhando outros caminhos que não nos aproximam da “escrita de si”. Conforme Passeggi (2008),

A escrita de si é considerada como um dispositivo mediante o qual a pessoa que escreve é levada a refletir sobre seu percurso de formação formal, não-formal e informal. Consideramos que escrever e interpretar o que foi significativo para determinar modos de ser, seja como aluno seja como professor-pesquisador-orientador, são, ao mesmo tempo, atividades formadoras e podem dar acesso ao mundo da academia visto pelos olhares de seus protagonistas (Passeggi, 2008, p. 373).

Em minha trajetória acadêmica, o momento de mergulho na “escrita de si” está sendo colocado agora, nesta etapa, com a produção deste Memorial. Neste sentido, alguns conceitos norteadores são fundamentais e evidencio, aqui, a teia de relações que busco

estabelecer neste exercício de escrita. Desse modo, retomo as palavras de Barthes (2015a) sobre a ideia de “texto” como “tecido”:

*Texto quer dizer tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia (Barthes, 2015a, p. 74).*

Este Memorial é, assim, um “tecido” que vai sendo “costurado” por meio de retalhos de lembranças, de memórias que vão se (re)constituindo no vai e vem do fluxo temporal. A noção bakhtiniana de cronotopo irá guiar os meus percursos nesta narrativa, considerando, principalmente, a imagem do *Grande Sertão... (Trans)Docências*, em conexão com o “*cronotopo da estrada*”. Na ótica de Bakhtin, o “*cronotopo*” representa a “expressão de indissolubilidade de espaço e de tempo”, ou seja, a relação de interdependência entre essas duas categorias. Nesse sentido, “os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico” (Bakhtin, 2014, p. 211). Ainda dialogando com o pensador russo:

*Toda imagem de arte literária é cronotópica. A linguagem é essencialmente cronotópica, como tesouro de imagens. É cronotópica a forma interna da palavra, ou seja, o signo mediador que ajuda a transportar os significados originais e espaciais para as relações temporais (no sentido mais amplo) (Bakhtin, 2014, p.356).*

À luz de Bakhtin (2014), reconheço que “*a linguagem é essencialmente cronotópica*” e adoto o *cronotopo* como categoria compósita, cujos elementos constitutivos — tempo e espaço — formam um todo inseparável, ainda que seja possível conceder alguma proeminência a um ou a outro. Se levarmos em conta o fato de que espaço e tempo são elementos relevantes na narrativa, ganha, naturalmente, importância a noção de cronotopo na arquitetura deste Memorial.

Como já afirmei, considerando a imagem metafórica do **Sertão**, este Memorial irá dialogar com a grandiosa narrativa *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Mergulho no meu “**Sertão**” interior para descortinar as múltiplas travessias que fiz, e ainda faço, na construção de minha(s) identidade(s) docente(s), rumo às **(Trans)Docências**.

As minhas travessias encontram-se e entrecruzam-se no “*cronotopo da estrada*”, fundindo as imagens cronotópicas da mulher-filha-irmã-amiga-esposa-mãe-discente-estagiária-professora-aprendiz-pesquisadora-formadora-mediadora-orientadora-autora-pesquisadora-extensionista-gestora em diferentes momentos de vida e no magistério, como no cenário da Educação Básica, nas andanças da professora formadora de educadores(as) e as experiências docentes do contexto da Educação Superior.

Na abordagem de Bakhtin (2014), o “*cronotopo da estrada*” é estudado em sua relação com o motivo temático do “*mero acaso*”, ou seja, os indivíduos encontram-se, na estrada, unidos pelo poder inexorável do destino, sem terem premeditado o encontro. Conforme Bakhtin (2014), no “*cronotopo da estrada*”, o “espaço torna-se concreto e satura-se de um tempo mais substancial. O espaço é preenchido pelo sentido real da vida e entra numa relação essencial com o herói e com o seu destino” (Bakhtin, 2014, p. 350).

Na estrada, rumo ao *Grande Sertão...(Trans)Docências*, minhas representações cronotópicas mesclam-se à reflexividade das múltiplas imagens formadas na consolidação de minhas identidades docentes. Revisitando a metáfora dos espelhos, de Jacques Lacan, digo que meus espelhos, nas etapas das discências, como estudante nos espaços da escola e da Universidade, refletem-se nos meus espelhos das docências na Educação Básica e na Educação Superior.

Escrever este Memorial envolve processos reflexivos, descritivos, analíticos e autoavaliativos. Retomo as palavras de Lacan (1998) sobre a metáfora do espelho: “basta compreender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, 1998, p. 97). Desse modo, só consigo enxergar-me, como docente, quando mergulho em minhas memórias, como discente, e busco (re)encontrar-me em outros espelhos, outras imagens, tendo em vista a alteridade constitutiva de minhas *(Trans)Docências*.

Percebo, também, a importância da **exotopia**<sup>13</sup>, nos termos bakhtinianos, colocando-me em um lugar exterior para ampliar o meu campo de visão. O processo exotópico realiza-se quando, munida desse olhar do outro, retorno a mim mesma e, efetivamente, coloco em ação o excedente de visão que o outro me proporcionou, o que atualiza muito do que penso sobre o mundo. Neste Memorial, assim como ocorre em uma pintura, o olhar retratado irá integrar-se ao olhar do(a) retratista ou do(a) artista, com base no movimento dinâmico das memórias. Assim, o meu relato abarca as conexões dialógicas entre os cronotopos articulados à construção de minhas identidades docentes, conforme o **Quadro 1**.

**Quadro 1:** *Grande Sertão... (Trans)Docências: travessias cronotópicas*

EDUCAÇÃO BÁSICA		EDUCAÇÃO SUPERIOR	
<i>Cronotopo Discente</i>	<i>Cronotopo docente</i>	<i>Cronotopo discente</i>	<i>Cronotopo docente</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Educação Básica</li> <li>Escola Estadual Professor Jordão Emerenciano - Ensino Fundamental – anos iniciais (antigo primário, 1º ao 4º ano). <i>Período: 1978 a 1981.</i></li> <li>Colégio da Imaculada Conceição -</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Docência na escola pública Marcelino Champagnat</li> <li>Docência no Normal Médio (antigo Magistério) <i>Período: 1997 a 2008.</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Graduação Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa e Língua Inglesa – UFPE <i>Período: 1990 a 1993.</i></li> <li>Especialização em Literatura Brasileira – UFPE <i>Período: 1994 a 1995.</i></li> <li>Especialização em Educação Continuada a Distância – UnB</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Docência na graduação e na pós-graduação no contexto de instituições privadas. FIR, FAINTVISA, FAFIRE, FAESC, FABEJA, FACHO <i>Período: 1998 a 2008.</i></li> <li>Docência na graduação e na pós-graduação no contexto público de ensino. UFPE - <i>Período: 1995 a 1997.</i> UFRPE - <i>Período: 2008 a 2024.</i></li> <li>Cronotopo da docente</li> </ul>

<sup>13</sup> De acordo com o pensador russo Mikhail Bakhtin, a exotopia refere-se à capacidade de um indivíduo compreender o outro a partir de uma posição exterior. A exotopia indica que para compreender o outro em sua totalidade, é necessário adotar um ponto de vista externo, que permita observar e interpretar a alteridade de maneira mais abrangente.

<p>Ensino Fundamental II- anos finais (antigo ginásio, 5º ao 8º ano). <i>Período: 1982 a 1985.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Colégio de São José - Ensino Médio (antigo científico, 1º, 2º e 3º ano). <i>Período: 1986 a 1989</i></li> </ul> <p>(Contextos públicos e privados)</p>		<p><i>Período: 2010 a 2011.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Mestrado em Letras – Teoria da Literatura – UFPE <i>Período: 1995 a 1997.</i></li> <li>Doutorado em Letras - Teoria da Literatura – UFPE <i>Período: 2000 a 2003.</i></li> </ul>	<p>pesquisadora e extensionista</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Cronotopo da gestora na Universidade</li> <li>Docências em contextos privados e públicos (ensino-pesquisa-extensão-gestão).</li> </ul>
<b>CRONOTOPO DA ESTRADA – CRONOTOPO DOS ENCONTROS TRAVESSIAS FORMATIVAS</b>			
<b>Cronotopia – formação discente, formação inicial docente na graduação, formação acadêmica na pós-graduação e formação continuada.</b>			

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Ao longo deste Memorial, amigo(a) leitor(a), você irá compreender as narrativas que entrelaçam os cronotopos apresentados no **Quadro 1**. Na esteira bakhtiniana, “os cronotopos podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas. [...] O caráter geral dessas inter-relações é dialógico” (Bakhtin, 2014, p. 357). Destaco a importância do “*cronotopo da estrada*” como tempo-espaço de minhas travessias na discência e na docência nos cenários da Educação Básica e da Educação Superior.

Na abordagem de Bakhtin (2014), o “*cronotopo da estrada*” é estudado em sua relação com o motivo temático do “*mero acaso*”, ou seja, os indivíduos encontram-se, na estrada, unidos pelo poder inexorável do destino, sem terem premeditado o encontro. Conforme Bakhtin (2014), a estrada “é o lugar preferido dos encontros casuais. [...]. A estrada é particularmente proveitosa para a representação de um acontecimento regido pelo acaso (mas nem só para isso)” (Bakhtin, 2014, p. 349-350). Considerando essa dimensão da estrada, as relações dialógicas entre minhas travessias cronotópicas (**Quadro 1**) irão guiar os rumos desta narrativa autobiográfica, tendo em vista os encontros nas travessias do *Grande Sertão... (Trans)Docências*.

Neste Memorial, o eixo do **diálogo** será norteador, seja no campo das reflexões sobre a linguagem, ou no âmbito da educação. Considero, assim, as abordagens dialógicas de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. Na ótica de Freire (1987), “o diálogo é a essência da emancipação humana, é sempre uma relação de iguais mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p.78). No enfoque de Freire (1987), o diálogo está associado ao amor, às conexões entre docência e discência, à humildade, à autonomia e à aventura da aprendizagem criadora. Desse modo, concordo com Freire (1987) ao afirmar:

Não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. [...] Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade (Freire, 1987, p. 51).



Na ótica freireana, o diálogo é condição para a formação do sujeito histórico e social. Somente pelo diálogo é que se pode marcar, de forma democrática, a posição de educadores(as) e educandos(as). O diálogo remete ao reconhecimento de que os seres humanos são históricos e, pelo/para o diálogo, constroem e reconstróem o mundo.

Freire (1987) e Bakhtin (2014) encontram-se em sintonia nas percepções sobre o diálogo, seja no campo da educação, seja no tocante à linguagem. A concepção dialógica bakhtiniana apoia-se na compreensão da interação discursiva como evento comunicacional. Ao contrário das correntes imanentistas da linguagem, Bakhtin (2006) afirma que é, no processo de interação, no evento da fala viva entre os interlocutores, que é possível a construção de sentido.

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (Bakhtin, 2006, p. 348).

Então, amigo(a) leitor(a), compreendo que “*a vida é dialógica por natureza*” (Bakhtin, 2006) e adoto o diálogo como eixo constitutivo das minhas narrativas, as quais serão (re)formuladas a cada instante, com base, também, na percepção dos diálogos contínuos entre as faces das (Trans)Docências. Ficou curioso(a) sobre esse assunto? Então, é só seguir adiante e continuar, também, suas travessias no ato dinâmico da leitura.

## 1.5 A DOCÊNCIA NO DNA. POR QUE E PARA QUE SER DOCENTE?

Os educadores, antes de serem especialistas  
em ferramentas do saber,  
deveriam ser especialistas em amor:  
intérpretes de sonhos.  
Rubem Alves

Considerando as palavras de Rubem Alves, como “intérprete de sonhos”, neste capítulo inicial, preciso refletir sobre as motivações que me levaram, e ainda me levam, ao exercício da docência. Você irá perceber, amigo(a) leitor, nos próximos capítulos, a minha origem humilde, com processos de escolarização sempre ancorados na educação pública, ou no contexto privado de ensino, com apoio de bolsas para custear minha permanência na escola. Sou fruto de uma Educação Básica comprometida com a ascensão social e minhas travessias nos bancos escolares ratificam esse princípio transformador da educação para a equidade em um país ainda repleto de desigualdades sociais.

A docência sempre apareceu, para mim, como se fizesse parte do meu DNA, convidando-me a buscar trilhar os caminhos direcionados a processos de formação profissional em um país onde a valorização do(a) professor(a) precisa ser continuamente discutida. Desse modo, a educação apresentou-se, para mim, como uma possibilidade de transformação e de ascensão social, ou ainda, como uma “janela” de abertura para novos horizontes. Certamente, posso dizer que as premissas de Paulo Freire fizeram/fazem parte de minha caminhada, pois acredito que, como pontuou Freire, “*a educação não transforma o*



*mundo*”, mas a educação pode sim mudar as pessoas, e estas, unidas, podem transformar o mundo.

Sempre me dediquei bastante aos estudos em todos os níveis, quando estava, ainda, na condição de discente na Educação Básica e na Universidade pública. Nesses cenários, a leitura e a literatura revelaram-se como caminhos para que eu buscasse consolidar repertórios e ampliar o meu “*capital cultural*” (Bourdieu, 2001). De acordo com o referido sociólogo francês, o “*capital social*” de cada estudante combina-se com o “*capital cultural*” herdado da família para possibilitar que realize sua trajetória profissional com maiores ou menores oportunidades de êxito (Bourdieu, 2001). Não posso deixar de mencionar, também, a noção de “*habitus*”, ainda na esteira de Bourdieu (2001), ou seja, o conjunto de influências que cada ser humano sofre desde seu nascimento, como a aprendizagem da língua, dos costumes, das formas de convivência entre as pessoas, crenças religiosas, valores morais, além de outros inúmeros elementos importantes no processo formativo dos sujeitos. Essas influências, certamente, guiaram-me e continuam guiando-me na construção de valores, ideias, atitudes, bases éticas e práticas socioculturais.

A abordagem sociológica da educação, proposta por Pierre Bourdieu, indica, ainda, o poder simbólico que orienta as relações entre os sujeitos no campo cultural. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 2001, p.7-8). Adaptando a metáfora do sociólogo, posso afirmar que a docência exerceu, e ainda exerce em mim, um “poder simbólico”, um empoderamento constituído pela humildade, pela fé, pelo diálogo, pelo amor, pela esperança, nos termos de Paulo Freire, tendo em vista as conexões dialógicas entre ensinar e aprender.

Creio que a docência sempre me acompanhou nas brincadeiras de infância, quando eu, ludicamente, simulava aulas para as bonecas, nos círculos de estudos com os(as) colegas de turmas na Educação Básica, nos quais buscava apoiar a resolução de atividades escolares, além das aulas particulares de reforço escolar que já ministrava no terraço da casa de meus pais, em Tejipló, Recife, quando eu ainda cursava o Ensino Médio. É como se a docência já fizesse parte de meu DNA, guiando as trilhas que eu seguiria para consolidar as minhas travessias rumo à formação docente.

Acredito que decidi ser educadora para transformar a minha realidade e as diferentes realidades dos(as) estudantes com os quais tive/tenho contato. Você perceberá, amigo(a) leitor(a), que a minha trajetória de vida ratifica a posição do grande pensador Paulo Freire, compreendendo-se o papel humanizador/transformador da educação. Em suas potencialidades dialógicas, a educação apresentou-se, para mim, como o portal de ingresso nos campos do trabalho, dos estudos, da pesquisa, da formação docente. A educação transformou, e, ainda, transforma o meu modo de enxergar o mundo, com criticidade e humildade. A decisão de ser educadora em um país repleto de abismos sociais, além de diversidades culturais, históricas, econômicas, como o Brasil, foi (e ainda é) o compromisso com a esperança, a resiliência, a fé, o amor, a coragem. Sou professora, com muito orgulho, e compreendo a arte de ensinar-aprender em suas múltiplas essências: dialógica, polifônica, política, histórica, antropológica, cultural, cronotópica, ideológica, etc, etc, etc...

A docência é um espelho que, dialogicamente, “*reflete e refrata*” (como já disse Bakhtin sobre a linguagem dialógica) a minha imagem como educadora, imagem esta

formada pelas múltiplas outras imagens dos espelhos das discências, seja a minha imagem, como discente, seja a própria imagem de cada estudante, cujos caminhos perpassaram as minhas travessias no *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Desse modo, no espelho das minhas imagens docentes, percebo as *(Trans)Docências* que tecem minhas identidades como educadora, conforme descrevo na próxima seção.

## 1.6 (TRANS)DOCÊNCIAS: MÚLTIPLAS FACES DAS IDENTIDADES DOCENTES

Expor, para o outro e por escrito, as histórias que contamos sobre nós mesmos e a nós mesmos, em nosso discurso interior, não é tarefa fácil. Criamos em função da finalidade da escrita. É essa finalidade que direciona o narrador a dar forma e sentido ao que antes não tinha. Assume-se o risco de colocar em jogo nessa tarefa a imagem de si para o outro e a imagem de si para si mesmo (Passeggi, 2010, p. 33-34).

Amigo(a) leitor(a), já que estou escrevendo o meu Memorial, sinto-me livre para expressar as minhas ideias e vivências, as quais irei apresentar para você nos próximos capítulos. Nesse sentido, como o título deste Memorial é "*Grande Sertão...(Trans)Docências: travessias dialógicas de uma educadora nas múltiplas e sinuosas veredas acadêmicas*", preciso indicar as concepções de **docências** que irão nortear as narrativas descritas. Desse modo, defendo, aqui, a noção de "**(Trans)Docências**", a qual abarca a complexidade do "*Ser/Sertão das docências*" por onde caminhei e aprendi a aprender a cada instante do ofício mágico do magistério. Uso a expressão "*(Trans)Docências*", reconhecendo a carga semântica do prefixo "*trans*" que, etimologicamente, significa "*para além de, além de, através*". Nesse sentido, emprego essa expressão a fim de refletir *para além de minhas docências, de minhas identidades docentes* que dialogam e (re)constroem os meus percursos trilhados no *Grande Sertão* e nas *veredas da vida*. As *(Trans)Docências* atravessam-me, (re)constroem-me e constituem o exercício contínuo da minha *inconclusão* como docente. Retomo, aqui, o pensamento de Paulo Freire (Freire, 2020a; 2020b) e compreendo essa inconclusão como premissa da minha essência histórica como educadora em contínua transformação. A expressão *(Trans)Docências* evidencia o caráter fluido e dinâmico das múltiplas docências que marcaram as minhas travessias nas sinuosas veredas acadêmicas. Assim, compreendo as *(Trans)Docências* como *movimentos metarreflexivos, dialógicos, polifônicos e cronotópicos* que orientaram/orientam os meus reflexos nos espelhos do "*Grande Tempo*" (Bakhtin, 2014), ora como docente, ora como discente, na constituição de meus autorretratos.

Na ótica bakhtiniana, o mergulho no "*Grande Tempo*" ocorre na introspecção, isto é, no diálogo interior ou microdiálogo. Nesta percepção da alteridade como constitutiva do diálogo interior, (re)encontro-me nos movimentos polifônicos e dialógicos das *(Trans)Docências*. Nessa percepção das *(Trans)Docências*, destaco as seguintes concepções norteadoras: a) *docência dialógica*; b) *tecnodocência*; c) *polidocência*; d) *docência polifônica*; e) *docência exotópica em diálogo com a docência cronotópica*; f) *docência Severina*. Na próxima subseção, inicio as reflexões sobre a *docência dialógica* na constituição de minhas múltiplas identidades docentes. Preparado(a), amigo(a) leitor(a)?

### 1.6.1 Docência dialógica – “*dodiscência*”: educadora aberta ao diálogo

O diálogo é uma exigência existencial.  
Paulo Freire

A perspectiva da “*dodiscência*” freireana reitera que “ensinar, aprender e pesquisar lidam com dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente” (Freire, 2020a, p. 30). Nesse sentido, a “*dodiscência*” é essencial para a construção de minha *docência dialógica*, como educadora sempre aberta ao diálogo, à escuta, ao respeito aos saberes dos(as) educandos(as). Ainda na ótica de Freire (2020b), o diálogo é movido pela esperança. Conforme o autor: “[...] não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto [...]” (Freire, 2020b, p. 114). Desse modo, movo-me na **docência dialógica** rumo à luta pela esperança, como educadora resiliente que busca transformar sua práxis pedagógica a cada instante para apoiar a aprendizagem dos(as) educandos(as). Encontro-me e reencontro-me nos diálogos com os(as) discentes, apreendendo a aprender a cada momento. Compreendo que, em sintonia com a abordagem dialógica de Freire (2020a):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 2020a, p. 25).

Nessa concepção dialógica da docência, resalto, ainda, o afeto, o amor e a humildade, como eixos estruturantes de minhas travessias pessoais, profissionais e acadêmicas. É nessa perspectiva dialógica que narrarei as minhas experiências nas andanças do *Grande Sertão... (Trans)Docências*, considerando, também, outras faces de minha(s) identidade(s) docente(s), como, por exemplo, a noção de “*tecnodocência*” apresentada a seguir.

### 1.6.2 Tecnodocência: tecnologias e docência em conexões dialógicas

Na construção de meus caminhos na docência em Educação a Distância - EAD, a noção de **tecnodocência** é fundamental para ampliar as reflexões sobre a inserção das tecnologias digitais para apoiar processos de ensino e aprendizagens por meio de mediações tecnológicas/pedagógicas. Dessa forma, os pesquisadores Lima e Loureiro (2019) apresentam o conceito de tecnodocência como:

A integração entre docência e TICs com base epistemológica interdisciplinar e transdisciplinar por meio da utilização dos conhecimentos prévios do aprendiz (professores e alunos) para o desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre os processos tramados de ensino, aprendizagem e avaliação (Lima; Loureiro, 2019).

O conceito de tecnodocência contempla alguns pressupostos, tais como:

- *Teoria da Aprendizagem Significativa*, tendo em vista a valorização dos conhecimentos prévios do(a) aprendiz na construção de aprendizagens significativas (Ausubel; Novak; Hanesian, 1980).

- *Construcionismo*, por meio da valorização da construção do conhecimento mediante a relação que estabelece com o uso das TDIC (Papert, 2008).
- *Interdisciplinaridade*, diante da ampliação de possibilidades didático-metodológicas da atuação de dois ou mais professores(as) de áreas diferentes concomitantemente em sala de aula por meio de aprendizagens mútuas (Japiassu, 2006).

Esses conceitos estão atravessados em minha trajetória acadêmica no campo da EAD, cenário onde revisitei/revisito, continuamente, planejamentos, estratégias, recursos educacionais, em função da complexidade das relações entre sujeitos, tecnologias e práticas pedagógicas. Destaco, ainda, os 10 princípios da tecnodocência, com base nos trabalhos de Lima e Loureiro (2019), de acordo com o **Quadro 2**.

**Quadro 2:** 10 princípios da Tecnodocência

Princípios da Tecnodocência
1. O professor também é um aprendiz
2. O professor e o aluno são parceiros
3. O conhecimento deve ser construído
4. A construção deve estar pautada nos conhecimentos prévios do aprendiz
5. A base de integração dos conhecimentos deve ser inter/transdisciplinar
6. O professor deve fundamentar sua prática docente
7. As técnicas e as metodologias devem ser flexíveis
8. O aprendiz é um desenvolvedor de processos, produtos e conhecimentos
9. A Docência se transforma com a integração das TDIC
10. As TDIC se transformam com a integração da Docência.

Fonte: <https://tecnodocencia.virtual.ufc.br/tecnodocencia-ead-principios/>

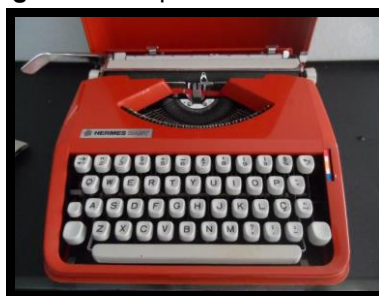
Esses princípios revelam diversos eixos estruturantes de minhas práticas pedagógicas, tendo em vista as conexões dialógicas entre docência e tecnologias, com foco no protagonismo estudantil. A *tecnodocência* moveu as minhas práticas docentes não apenas na EAD, mas, também, em todas as rotas por onde caminhei. A *tecnodocência* sempre esteve presente em minhas travessias, seja no ensino presencial da graduação, seja no contexto da pós-graduação. Busquei articular, de modo dialógico, as conexões indissociáveis entre tecnologias e educação, compreendendo o caráter humanizador das mediações nos processos tecnológicos.

Quando penso em *tecnodocência*, revisito as minhas relações com as tecnologias. Poderia tentar fazer uma *tecnobiografia* (Barton; Lee, 2015), para traçar breve panorama de como me aproximei das tecnologias. *Tecnobiografia* é definida por Barton e Lee (2015, p. 71) como “uma história de vida em relação às tecnologias” ou como “relato de relações cotidianas com tecnologia”. Aqui, não traçarei “toda uma história de vida em relação às tecnologias”, mas creio que é importante tecer algumas considerações sobre a dimensão tecnológica em minhas travessias.

Quando estudante da Educação Básica, não tive acesso às tecnologias digitais. Tudo ainda era novidade e, também, o acesso às tecnologias era reduzido a um grupo limitado de

peças em um país marcado pelos “abismos sociais”. Como já disse, venho de uma origem humilde e as “tecnologias” que conhecia, neste período, eram o giz, o lápis e o livro didático impresso no contexto do Ensino Fundamental. A tecnologia “de ponta” que eu conhecia era a máquina de escrever Olivetti, de minha irmã mais velha, Ivania. No Ensino Médio, para fazer os trabalhos escolares eu recorria à máquina Olivetti. Ainda me lembro: era uma máquina laranja e eu precisava colocar muita força para datilografar. Eu deveria ter guardado essa peça de museu, não é mesmo leitor(a)?

**Figura 2:** Máquina de escrever



Fonte: [https://coopermiti.com.br/tags\\_museu/maquina-de-datilografia/](https://coopermiti.com.br/tags_museu/maquina-de-datilografia/)

Já era um luxo ter uma máquina Olivetti, pois eu conseguia fazer os trabalhos e entregá-los de forma organizada, sem precisar escrever de modo manuscrito. O desafio era a reescrita quando o(a) professor(a) pedia algum ajuste no trabalho escrito, eu teria que refazer a página com a sugestão proposta. O meu contato com os computadores só ocorreu na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, quando comecei a Iniciação Científica com o professor Luiz Antônio Marcuschi. Na sala do professor, eu tinha acesso ao computador *desktop*, ao fax, ao gravador de fita cassete e à impressora matricial, ou seja, tecnologias de ponta naquela época (início de 1990). Assim que ganhei a minha primeira bolsa CNPq do PIBIC, fui juntando recursos e logo consegui dar entrada em um computador para apoiar a escrita de trabalhos acadêmicos. Outra evolução, deixei a máquina laranja de datilografia e iniciei a minha interação com um computador branco. Era algo parecido com a **Figura 3**, com entradas para CD e disquete.

**Figura 3:** Modelo PC - anos 1990



Fonte: <https://encurtador.com.br/jrDZ7>

Pronto, na década de 1990, entrei no universo dos computadores e de lá para cá não contei quantas máquinas já tive. Só posso dizer que, certamente, o computador teve/tem papel de destaque em minhas imersões tecnológicas e ajudou bastante desde o período da Iniciação Científica até agora. O acesso à internet para apoiar meus estudos só descobri, de fato, quando estava no Mestrado, fazendo minhas pesquisas sobre o cronotopo na obra do autor pernambucano Gilvan Lemos. Creio que a abertura da internet comercial, no Brasil,

surge, aproximadamente, em meados de 1990, justamente o período em que eu estava iniciando o Mestrado. De lá para cá quanta coisa mudou, não é mesmo, amigo(a) leitor(a)?

Já consegui escrever a Dissertação de Mestrado no PC, com apoio de disquetes, e me lembro de um episódio desafiador. Estava escrevendo a minha Dissertação, e, em um período de uma longa semana de trabalho, fiz vários ajustes no texto. Gravei tudo em um disquete, mas não fiz cópia. Nesse período, eu escrevia nos computadores da UFPE e no meu PC de casa. Houve um problema técnico e o disquete onde eu armazenava os ajustes da Dissertação simplesmente travou. Não consegui recuperar os dados do disquete, ou seja, perdi uma semana de trabalho na escrita da Dissertação, imagine a minha aflição, amigo(a) leitor(a)? Tive que tentar reescrever tudo o que conseguia lembrar, mas, certamente, muitas ideias perderam-se nesse processo por conta de um problema no disquete. Mas, aprendi com esse episódio e comecei a fazer várias cópias dos trabalhos que estava escrevendo para não perder mais nada. Hoje, só trabalho nas “nuvens”, com cuidado para guardar meus arquivos com segurança.

As tecnologias digitais transformaram nossas vidas, facilitaram processos de comunicação e de interações síncronas e assíncronas. Os aplicativos e as plataformas digitais evoluíram e mudaram formas de pesquisar, ensinar, aprender, trabalhar. Na atualidade, multiplicam-se, por exemplo, estudos sobre a Inteligência Artificial - IA, como, por exemplo, o *ChatGPT*. Eu, particularmente, creio que a inteligência requer criatividade, e, nesse sentido, revela-se como uma faculdade humana que precisa ser incentivada continuamente. De vez em quando, lanço perguntas ao *ChatGPT*, por curiosidade e para ajudar em algumas pesquisas acadêmicas. Às vezes, diante da falta de respostas, ele me indica pesquisar em outras fontes e afirma que foi programado até janeiro de 2022, portanto, não consegue fornecer respostas atualizadas. Curiosa que sou, perguntei ao *ChatGPT*: *o que você é? Como você se define?* Transcrevo a resposta aqui:

Eu sou um modelo de linguagem de inteligência artificial chamado GPT-3.5, desenvolvido pela *OpenAI*. Minha função é processar e gerar texto com base nas entradas que recebo. Posso ajudar a responder perguntas, fornecer informações, gerar conteúdo criativo, entre outras tarefas relacionadas ao processamento de linguagem natural. Como uma máquina de aprendizado de máquina, não tenho consciência, emoções ou intenções próprias. Estou aqui para ajudar da melhor forma possível com base no treinamento que recebi até a minha última atualização em janeiro de 2022. Como posso ajudar você hoje? (Resposta do *ChatGPT* para a pergunta: *O que você é? Como você se define?*, 16 de outubro de 2023).

O *ChatGPT* se define “como uma máquina de aprendizado de máquina”, sem consciência, sem emoções ou intenções próprias, com a função de “processar e gerar texto”. Como pode gerar “conteúdo criativo”? Não seria a criatividade uma essência humana? Quem programou as respostas do *ChatGPT* já evidencia uma posição, uma perspectiva ideológica. Qual o grupo desenvolvedor da ferramenta, se é que podemos indicar assim? Qual o projeto político e mercadológico subjacente à criação do *ChatGPT*? São apenas algumas perguntas que, certamente, precisamos fazer para nortear nossos usos críticos em relação às tecnologias. Vejo, na atualidade, diversos colegas docentes apenas usando o *ChatGPT*, mas sem parar para refletir, criticamente, sobre tais usos. É preciso



construir uma relação crítica com as máquinas, pois apenas o encantamento tecnológico e o fascínio diante dos recursos não darão conta da formação de sujeitos críticos, reflexivos, capazes de pensar e agir para além das tecnologias. Amigo(a) leitor(a), como síntese de minha tecnobiografia, apresento, a seguir, uma breve *timeline* com algumas tecnologias que me acompanharam em meus percursos formativos. Fiz esse exercício com meus/minhas educandos(as), imagine as diferenças quanto à evolução dos recursos tecnológicos.

Figura 4: *Timeline* de minha tecnobiografia



Fonte: Elaboração da autora (2024).



As tecnologias perpassam as minhas práticas docentes para apoiar processos de ensino e aprendizagem. Compreendo as relações dialógicas entre tecnologia e educação, sem, contudo, supervalorizar o encantamento diante das inovações tecnológicas. Não podemos, como comentou Freire (2020a), “divinizar ou diabolizar a tecnologia”, pois precisamos compreender a tecnologia, de modo crítico/reflexivo, nas mediações entre os sujeitos. Nesse sentido, é preciso considerar a *tecnodocência* sob o viés dialético/dialógico, compreendendo as relações indissociáveis entre sujeitos, tecnologias, docências, discências e práticas socioculturais. Associada à noção de *tecnodocência*, destaco, também, a *polidocência* como eixo norteador importante no contexto da EAD.

### 1.6.3 Polidocência: quem realmente é o(a) docente no cenário da EAD?

Quando consideramos a docência na EaD como polidocência estamos entendendo-a como uma categoria profissional que extrapola o fazer pedagógico, para além da categoria professoral (Mill; Ribeiro; Oliveira, 2010, p. 16).

Muitos(as) autores(as) têm apresentado uma preocupação sobre a questão de “quem realmente é o(a) docente no cenário da Educação a Distância - EAD?”. Mill, Ribeiro e Oliveira (2010) trazem o conceito de **polidocência** para explicar que, na EAD, a docência parece revelar-se ainda mais complexa. Segundo Mill, Ribeiro e Oliveira (2010), a EAD é uma atividade complexa, não apenas pelas características da docência, mas também pela conjugação das ações dos diversos autores envolvidos, que atuam de modo multidisciplinar, tais como: professor(a) responsável pela disciplina como mediador(a) pedagógico(a) que atua nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVA, professor(a) autor(a)/elaborador(a) de conteúdos didático-pedagógicos, tutores(as) virtuais e presenciais, projetistas educacionais, designers de aprendizagens, coordenadores(as) pedagógicos(as), coordenadores(as) de cursos, e outros. De acordo com Mill, Ribeiro e Oliveira (2010),

Ao contrário da docência presencial, que em geral é exercida por um único indivíduo (professor), a docência na EaD, devido à complexidade das tecnologias nas quais se apoia, raramente é um empreendimento individual. Isto é, na EaD os professores responsáveis pelas disciplinas frequentemente trabalham com outros indivíduos, muitos deles com formação diversa da pedagogia ou licenciatura (Mill; Ribeiro; Oliveira, 2010, p. 14).

Na ótica dos(as) referidos(as) autores(as), a polidocência é constituída por uma equipe de educadores(as) e assessores(as) que mobilizam os saberes docentes: os conhecimentos específicos da disciplina; os saberes didático-pedagógicos do exercício docente, tanto para organizar os conhecimentos da disciplina nos materiais didáticos quanto para acompanhar os(as) estudantes e os saberes técnicos, para manuseio dos artefatos e tecnologias para promover a aprendizagem dos(as) estudantes (Mill; Ribeiro; Oliveira, 2010, p. 17).

Associada à ideia da *polidocência*, no campo da EAD, outra noção sobre as múltiplas faces de minha identidade docente é importante neste relato autobiográfico, ou seja, a docência polifônica, conforme descrição a seguir.

#### 1.6.4 Docência polifônica: a diversidade de vozes na constituição de minha(s) identidade(s) docente(s)

Uma só voz nada termina e nada resolve.  
Duas vozes são o mínimo de vida,  
o mínimo de existência.  
Mikhail Bakhtin

Em minhas múltiplas travessias acadêmicas, as diversas vozes de professores(as), pesquisadores(as), estudantes e tantas outras pessoas que cruzaram os meus caminhos ecoam dialogicamente e orientam a minha práxis docente. Compreendo essas múltiplas vozes como constitutivas de minha(s) identidade(s) docente(s) nas trilhas polifônicas por onde transitei. Certamente, a noção de *polifonia* também é norteadora de minhas travessias como docente. Desse modo, proponho, aqui, a expressão **docência polifônica** como uma das minhas múltiplas faces como docente. Revisito, assim, a concepção bakhtiniana de polifonia, inspirada na música, compreendendo a combinação simultânea de várias melodias. Nos estudos da linguagem, Bakhtin utiliza o termo polifonia para caracterizar certos tipos de textos ou discursos, nos quais ressoam várias vozes, diversas visões de mundo e diferentes orientações ideológicas. A polifonia revela a multiplicidade de visões de mundo, diferentes vozes, ideologias e consciências constitutivas dos enunciados. Na ótica bakhtiniana,

A ideia não vive na consciência individual isolada de um homem: mantendo-se apenas nessa consciência ela degenera e morre. Somente quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos *outros* é que a ideia começa a ter vida, isto é, a formar-se, desenvolver-se, encontrar e renovar sua expressão verbal, gerar novas ideias. O pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros, materializado na voz dos outros, ou seja, na consciência dos outros expressa na palavra. É no ponto desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia. [...] A ideia é um *acontecimento vivo*, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas ou várias consciências (Bakhtin, 2010b, p.98).

Retomando as ideias bakhtinianas, Faraco (2009) afirma: “autorar é orientar-se na atmosfera heteroglóssica; é assumir uma posição estratégica no contexto da circulação e da guerra das vozes sociais; é explorar o potencial da tensão criativa da heteroglossia dialógica; é trabalhar nas fronteiras” (Faraco, 2009, p. 87). Nesse sentido, construo a imagem de minha “docência polifônica” e o meu processo de “autorar” no entrecruzamento de vozes de autores(as), pesquisadores(as), escritores(as) de literatura e artistas, cujas obras li, reli, pesquisei para embasar as minhas reflexões teórico-metodológicas. Além disso, recorro às vozes de meus/minhas professores(as) que tanto me ensinaram, bem como às vozes dos(as) estudantes com os quais dialoguei nas diversas trilhas percorridas nas travessias desse *Grande Sertão... (Trans)Docências*.

Nesse processo de reflexões sobre as minhas *(Trans)Docências*, revisito a noção de exotopia, abordada por Bakhtin, para discutir a *docência exotópica* nas relações de alteridade que marcam os processos de ensino e aprendizagem como constitutivos das imagens docentes e discentes que habitam em mim. Nesse eixo, dialogo, também, com a *docência cronotópica*, refletindo sobre meus tempos-espacos como docente/discente.

### 1.6.5 Docência exotópica e docência cronotópica: meu excedente de visão no tempo-espço das (Trans)Docências

Eu não sou eu nem sou o outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio:  
Pilar da ponte de tédio  
Que vai de mim para o Outro.  
Mário de Sá-Carneiro

A **docência exotópica** também perpassa a constituição de minhas *(Trans)Docências*. Na ótica bakhtiniana, a exotopia apresenta-se como capacidade de “ver/compreender o outro” a partir de uma posição externa e, ao mesmo tempo, reconhecer que esse ponto de vista externo é necessário para compreender a totalidade do outro. Trata-se de uma noção que articula a natureza dialógica da linguagem, nos termos bakhtinianos, e a alteridade como eixos complementares na constituição das imagens que vão sendo (re)construídas nos processos de interação. O conceito está relacionado à ideia de que uma pessoa nunca pode se “ver ou compreender” completamente à luz do olhar interno (“de dentro”); é preciso o olhar externo, a percepção do outro, o campo de fora para ter uma visão mais ampla e completa de si mesmo.

Dessa forma, a exotopia, como excedente de visão por meio de deslocamentos de papéis e posições dos sujeitos no tempo-espço, pode contribuir para que docentes e discentes vislumbrem outras formas de enxergar o mundo. Minhas relações exotópicas com o mundo, além de minhas experiências no campo da “*dodiscência*” convergem na composição de minha(s) própria(s) identidade(s) docente(s). Concordo, assim, com Bakhtin (2010c):

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele (Bakhtin, 2010c, p. 21).

Nas relações dialógicas entre docentes e discentes, a *exotopia* pode transformar os modos de ensinar e de aprender, visto que educandos(as) e educadores(as) compartilham campos distintos de excedentes de visão, mas que, dialogicamente, estão relacionados. A minha docência é exotópica quando me coloco no *lugar do outro*, quando assumo *outro campo de visão* como docente-aprendiz, quando compartilho meu campo excedente de visão e assumo minha identidade docente, sempre respeitando e valorizando os espaços de aprendizagens e as experiências dos(as) educandos(as).

Essa noção da docência exotópica liga-se à ideia de *docência cronotópica*<sup>14</sup>, compreendendo esta como a relação indissociável entre os cronotopos docentes e discentes

---

<sup>14</sup> A entropia e a cronotopia são conceitos originalmente introduzidos pelas ciências exatas (Física, Matemática), mas que também são empregados no estudo de textos literários, considerando a abordagem de Bakhtin, sobretudo, no tocante à noção de **cronotopia**. Em seu sentido original, a entropia consiste na perda de energia por meio da degradação da matéria, e a cronotopia revela-se na interação indissociável entre tempo e espço como categorias dialogicamente imbricadas.

que dialogam continuamente. A **docência cronotópica** indica meu tempo-espaço como discente e docente na Educação Básica e na Educação Superior, nas ilimitadas e múltiplas conexões dos meus cronotopos com os cronotopos dos(as) educandos(as) com os(as) quais mantive/mantenho interação nos processos de ensinagem (Anastasiou, 2002). Nessa dimensão da *docência cronotópica*, o *cronotopo da estrada* marca os encontros entre Severinos e Severinas, professores e professoras que caminham juntos(as) na luta por uma educação de qualidade.

A seguir, destaco a minha **docência Severina**, como mais uma das faces de minhas (Trans)Docências.

### 1.6.6 Docência Severina: somos professores e professoras, Severinos e Severinas no Grande Sertão

Revisito a poesia de João Cabral de Melo Neto para destacar a minha **docência Severina** como mais uma das minhas múltiplas faces das (Trans)Docências. Desse modo, convido você, amigo(a) leitor(a) a mergulhar na imersão poética de *Morte e Vida Severina*.

**Morte e Vida Severina** – João Cabral de Melo Neto<sup>15</sup>

Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas,  
e iguais também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta. [...]  
Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza. [...]

Compreendo a **docência Severina** como uma das minhas identidades docentes que compartilho com vários(as) outros(as) colegas professores(as), sempre sobrecarregados(as) com tantas atividades no ofício de ser educador(a) em um país onde as nossas travessias são áridas, cansativas, desafiadoras. No *Grande Sertão*, vamos caminhando em terrenos frágeis, descontínuos, compostos por diferentes solos, solos argilosos, arenosos, rasos, profundos, os quais vão orientando nossos passos. Somos professores e professoras, Severinos e Severinas nas travessias descontínuas dos terrenos da educação, ora altos, ora baixos, mas sempre seguimos resilientes, compreendendo a força da *docência Severina*. Nessa perspectiva, fiquei inspirada e convido, mais uma vez, você, leitor(a) para esta pequena imersão poética de minha autoria:

---

<sup>15</sup> MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina**: auto de Natal pernambucano. São Paulo: Alfaguara, 2016.

### Docência Severina – Ivanda Maria Martins Silva

Somos muitos e muitas  
professores e professoras  
Severinos e Severinas  
iguais em tudo na docência Severina:  
nas mesmas travessias áridas,  
na resiliência do caminhar,  
nos caminhos cíclicos do ensinar,  
aprendendo a aprender.

Somos docentes resilientes.  
Acreditamos na magia da *docência*.  
Caminhamos pelo Grande Sertão  
da Vida Docente Severina.  
Não desistimos do caminhar.  
Seguimos sempre em frente,  
rumo ao Esperançar.

E se somos docentes  
Severinos e Severinas,  
iguais em tudo na sina,  
compartilhamos as mesmas lutas diárias,  
os mesmos desafios,  
os mesmos sonhos,  
em nossas diversidades infinitas.  
Reinventamos nossas identidades.

Desenhamos novos caminhos  
nos solos áridos  
Azuis  
Vermelhos  
Argilosos  
Arenosos  
Andamos na fluidez descontínua das trilhas  
Rumo ao reencontro  
com a nossa docência Severina.

Somos muitos e muitas  
professores e professoras  
Severinos e Severinas.

Após esta imersão poética, convido você, amigo(a) leitor(a), a compreender a importância da síntese de minhas *(Trans)Docências*, conforme apresento na próxima seção.

#### 1.6.7 Síntese dialógica das *(Trans)Docências*: “ninguém começa a ser educador(a) numa certa terça-feira às quatro horas da tarde”.

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática (Freire, 1991, p. 58).

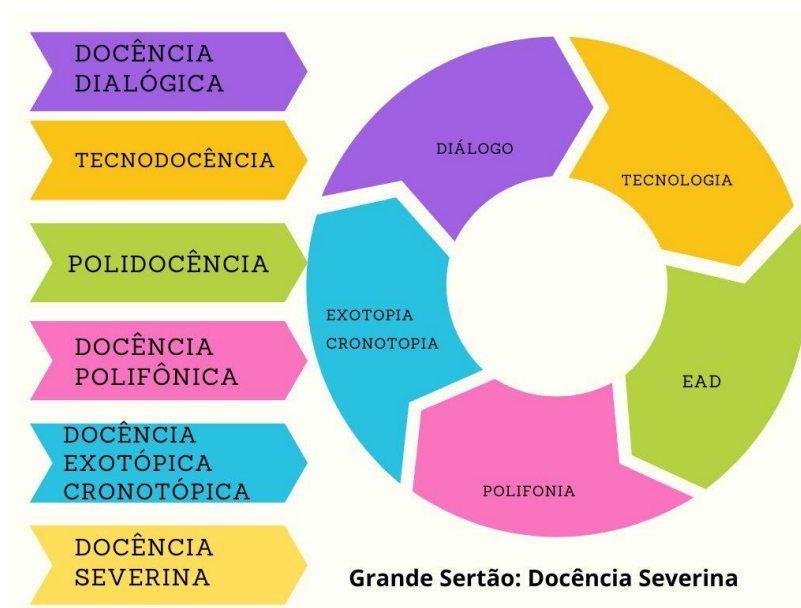
Gosto muito das palavras de Paulo Freire ao abordar esse processo formativo dos(as) educadores(as) em conexão com os movimentos da *prática* e da *reflexão sobre a prática*. Sem dúvida, parafraseando Freire (1991), não comecei a ser educadora “numa certa terça-feira às quatro horas da tarde”. As minhas *(Trans)Docências* foram constituídas, e continuam sendo construídas nas diversas experiências com a práxis, em diferentes cenários de ensino e de aprendizagem, nas múltiplas interações com os(as) educandos(as), tendo em vista o fazer docente e o saber reflexivo da ação pedagógica.

O presente Memorial descreve os saberes e os fazeres docentes que me constituem nesses processos inconclusos de construção e de reconstrução das *(Trans)Docências* que habitam em mim e me definem como educadora esperançosa e resiliente no árido *Grande Sertão* da educação brasileira.

Em síntese, as minhas *(Trans)Docências* estão imbricadas, entrelaçadas e perpassam, de modo cíclico, vários eixos norteadores, como, por exemplo, o **diálogo**, destacado na **docência dialógica**; a **tecnologia**, enfatizada na **tecnodocência**; a EAD que requer o

enfoque multidisciplinar da **polidocência**; a **polifonia**, considerando a dimensão das múltiplas vozes da **docência polifônica**; e a **exotopia**, tendo em vista o excedente de visão na **docência exotópica**; em diálogo com a minha **docência cronotópica**, meu tempo-espaço como discente/docente. Destaco, ainda, a minha **docência Severina**, que representa a resiliência e a esperança de todos(as) os(as) educadores(as) que continuam suas trilhas nos caminhos áridos do *Grande Sertão*, sempre com muito trabalho e muita luta. A **Figura 5** apresenta as múltiplas interfaces dialógicas das minhas *(Trans)Docências*.

**Figura 5:** Síntese dialógica das *(Trans)Docências*



Fonte: Elaboração da autora (2024).

Todas essas *(Trans)Docências* coloridas, conforme a **Figura 5**, formam e transformam múltiplas imagens na construção de minha(s) identidade(s) docente(s), bem como orientam o processo de “*escrita de si*” na organização deste Memorial. Cabe destacar uma breve reflexão sobre as conexões entre *(Trans)Docências* e titularidade, ou seja, o que forma o perfil de um/a Professor(a) Titular em uma Universidade? Para mim, é bem simples. Não é a titularidade que confere a construção da identidade docente de um/a educador(a), mas sim, os processos contínuos de: aprendizagem, ação pedagógica, reflexão e autoavaliação que são (re)construídos ao longo do *Grande Sertão... (Trans)Docências*. São as redes das múltiplas *(Trans)Docências* que (re)definem o perfil do(a) educador(a) nas travessias acadêmicas para conquistar a titularidade, o grau máximo da carreira nas Universidades.

Quando estou, neste momento, nesta posição de buscar a titularidade, percebo, claramente, que, mais do que um/a professor(a) pesquisador(a), um/a cientista, o(a) Professor Titular precisa ter a humildade para compreender a importância dos caminhos trilhados nas longas travessias de sua trajetória acadêmica. Não adianta ter a titularidade e não saber “ouvir”, ou não respeitar os saberes dos(as) educandos(as). Não adianta ter publicado dezenas de trabalhos, às vezes até centenas, sem perceber o poder das palavras em uma sessão de orientação com os(as) discentes de graduação ou de pós-graduação. De nada adianta ser Professor(a) Titular, ter passado pela vida e não ter vivido, ou seja, não ter construído laços sociais, pessoais, familiares, profissionais. É preciso entender a complexidade do viver. Desse modo, retomo, mais uma vez, as valiosas mensagens da obra



*Grande Sertão: Veredas: “Viver é etecetera”. “Viver é um rasgar-se e remendar-se”. “Viver é um descuido prosseguido”. “Viver é muito perigoso”. “Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas. Mas conto. Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere”* (Rosa, 2019, p. 109).

Tendo em vista tal complexidade do viver como processo contínuo de (re)descobertas, percebo que as minhas *(Trans)Docências* me (re)definem a cada dia, a cada aula ministrada, a cada orientação realizada, a cada artigo publicado, a cada projeto elaborado, a cada participação em eventos, a cada banca de defesa dos(as) queridos(as) discentes. Quantos(as) Professores(as) Titulares, com suas vastas produções científicas, bibliográficas, ainda não conseguiram encontrar suas *(Trans)Docências*? Quantos(as) continuam solitários(as), percorrendo caminhos longos e árduos nas áridas travessias profissionais e acadêmicas?

A minha história de construção das *(Trans)Docências* rumo à busca da titularidade dialoga com as diversas histórias de colegas professores(as) das diferentes instituições de Ensino Superior neste país continental. Penso que a titularidade é um processo complexo, marcado por percursos áridos, contínuos e descontínuos, nas ilimitadas veredas pessoais, profissionais e acadêmicas.

Cada Memorial elaborado por um/a professor(a) que visa à titularidade deve ser compreendido como uma história de vida, de lutas, de resiliência, de desafios, de superações, de conquistas. Essas histórias de vida estão atravessadas pelas histórias de cada instituição, de cada Universidade, com suas narrativas sobre experiências docentes nas interfaces com políticas de ensino, pesquisa, extensão e gestão. As narrativas dos(as) professores(as) também são construídas com base em histórias dos cenários da educação brasileira, tendo em vista os momentos históricos de formação acadêmica e atuação profissional de cada docente.

Nas histórias das Universidades, a preocupação com metas e indicadores de desempenho parece marcar as rotas das instituições na luta pelos padrões de qualidade. Claro que a qualidade é uma dimensão muito importante em processos avaliativos das Universidades. No entanto, defendo que é preciso discutir: qual o sentido da qualidade para as pessoas — estudantes, docentes, servidores(as), gestores(as), comunidade geral? Será que há um debate sobre a qualidade de vida das pessoas? Quantos e quais percursos um/a professor(a) precisa trilhar para alcançar a titularidade? Quantos(as) colegas não se perderam no caminho das trajetórias acadêmicas, talvez, justamente em função de padrões de qualidade que precisam ser (re)dimensionados?

Nessa perspectiva, os fios dialógicos que tecem minhas *(Trans)Docências* também estão conectados às narrativas e memórias dos(as) colegas professores(as) que me antecederam, os quais compartilharam suas histórias de vida, suas trajetórias profissionais e acadêmicas. É preciso reconhecer que não cheguei, aqui, sozinha, ou seja, a minha voz ressoa na “orquestra polifônica”, como diria Mikhail Bakhtin, orquestra de múltiplas vozes que representam as infinitas *(Trans)Docências* de inúmeros(as) colegas educadores(as).

Amigo(a) leitor(a), creio que já estou divagando, mas, preciso refletir sobre esse ponto da titularidade para não cair na armadilha de achar que a aprendizagem de minhas *(Trans)Docências* irá se esgotar, aqui, nestas etapas de escrita, apresentação e defesa deste Memorial. Os fios dialógicos da titularidade são, e ainda serão, tecidos na longa travessia do



exercício contínuo da (re)construção de minha(s) identidade(s) docente(s). Então, retornemos ao assunto e sigamos em frente, juntos(as), nesta longa jornada.

## 1.7 DESENHO METODOLÓGICO DA “ESCRITA DE SI”

Após apresentar as múltiplas faces de minhas *(Trans)Docências*, preciso destacar as trilhas do desenho metodológico que sigo para a organização deste Memorial. Conforme já anunciei, tomo como base o enfoque de Passeggi, Souza e Vicentini (2011) sobre a concepção da “escrita de si”. Nessa direção, concordo com os referidos autores quando afirmam:

[...] não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante os processos de biografização (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 371).

Nas discussões sobre o conceito de biografização, os(as) pesquisadores(as) Passeggi, Souza e Vicentini (2011) apresentam a abordagem de Delory-Momberger (2008) para teorizar sobre os vínculos entre biografia e educação, compreendendo o fato biográfico sob o viés que acompanha tudo o que percebemos e compreendemos ao longo de nossa vida. Sobre o processo de biografização, os(as) autores(as) defendem:

Trata-se de um espaço-tempo interior, que preexiste à escrita efetiva, mas que encontra na narrativa sua forma de expressão, a ponto de confundir-se com ela. Na narrativa de si, como ato autopoietico, o autor vai construindo uma figura de si, no exato momento em que se anuncia como sujeito e se enuncia como autor de sua história (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 381).

Em termos da organização do desenho metodológico da “escrita de si” para a construção deste Memorial, destaco alguns eixos importantes, tais como: história de vida como aprendizagem biográfica reflexiva e prática de (auto)formação; ateliê biográfico; fotobiografia; escrevivências; autoetnografia; ethos discursivo; modelo TPACK - *Technological Pedagogical Content Knowledge*. Esses eixos serão descritos nas próximas seções e reforçam a ideia da pesquisa de/sobre mim, com abordagem qualitativa, com foco na representação de memórias e travessias acadêmicas como processos dialógicos.

### 1.7.1 História de vida: aprendizagem biográfica e prática de (auto)formação

O senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá. Mas a vida não é entendível.

*Grande Sertão: Veredas* – Guimarães Rosa.

De fato, como aponta Riobaldo, “a vida não é entendível” (Rosa, 2019). Creio que a vida requer sempre a busca, a procura pelo “entendimento”, muitas vezes, sem respostas concretas. Nesse sentido, a vida é (re)construída nas aprendizagens, nas travessias, nos “redemoinhos” do *Grande Sertão: Veredas*. Considero o eixo da *história de vida* como *aprendizagem biográfica*, conforme a abordagem de Passeggi, Souza e Vicentini (2011).

Dessa forma, destaco a minha história de vida em vários planos que se entrecruzam em minhas travessias, tais como:

- A minha história de vida, com base na *formação ética e cidadã*, com influências familiares na construção de minha identidade cidadã, considerando, também, a *maternidade* como espaço de constituição de meus percursos na docência e na *“ensinagem”*. Compreendo, aqui, a *“ensinagem”* como noção indicada por Anastasiou (2002); Anastasiou e Alves (2004) para referir a uma prática social, crítica e complexa em educação, tendo em vista as relações entre professor e estudantes. A *“ensinagem”* engloba as ações de ensinar e apreender, respeitando-se o processo de parceria entre educadores e educandos (Anastasiou, 2002; Anastasiou e Alves, 2004).

A maternidade pode se revelar como laboratório para os processos de *“ensinagem”*, levando em consideração as interações e aprendizagens construídas com a minha filha, Clara Beatriz. Certamente, a(s) minha(s) identidade(s) docente(s) também são continuamente influenciada(s) pela minha história de vida como filha, irmã, mulher, professora, mãe, esposa e tantas outras imagens identitárias que me constituem. A minha história de vida dialoga com o caráter híbrido das múltiplas identidades que me transformam. Esse processo parece ratificar a ideia de Hall (2006), ou seja:

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p.13).

Essas diversidades de identidades, na ótica de Hall (2006), são transformadas a partir dos diferentes contextos, das diversas representações culturais. A minha história de vida é marcada por essa diversidade, pelo diálogo entre as múltiplas identidades que me (re)definem, na atualidade, como professora. Além disso, destaco as experiências como discente, docente e gestora na composição desses percursos, conforme indico a seguir:

- *A minha história como discente*, com destaque para as narrativas sobre minhas experiências discentes na Educação Básica e na Educação Superior, reconhecendo a necessidade de valorizar a discência e o protagonismo estudantil.
- *A minha história como docente*. As histórias de meus percursos como docente em formação inicial em cursos de licenciaturas, professora pesquisadora em cenários de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, além das experiências como docente em formação continuada, tendo em vista as múltiplas faces da(s) docência(s) que se apresentam em cenários diversos, seja no Estágio Supervisionado Obrigatório - ESO, nas aulas do Normal Médio, ou nas salas de aulas presenciais e virtuais das Universidades e faculdades por onde caminhei.
- *As narrativas sobre ensino, pesquisa, extensão e gestão*, com base em vivências no tripé ensino-pesquisa-extensão na Educação Superior e as experiências em atividades administrativas construídas no âmbito da gestão.

No eixo da *história de vida*, destaco, ainda, as reflexões de Bakhtin (2014) sobre a “*vida pública*” e a “*vida privada*”. Segundo Bakhtin (2014),

A vida privada, pela sua própria essência, não dá lugar ao observador, ao terceiro, que estaria no direito de continuamente observá-la, julgá-la, avaliá-la. Ela se desenrola entre quatro paredes, para dois pares de olhos. A vida pública, como qualquer acontecimento que tenha algum sentido social, dirige-se ao público, pressupõe obrigatoriamente um espectador, um juiz, um avaliador; para ele sempre há lugar no acontecimento, ele é seu participante obrigatório (indispensável). O homem público sempre vive e age no mundo, cada momento de sua vida, por essência e por princípio, admite ser conhecido por todos. A vida pública e o homem público são por natureza abertos, visíveis, audíveis (Bakhtin, 2014, p. 244).

Neste Memorial, a *vida privada* e a *vida pública* revelam-se nas narrativas descritas em diferentes fases de minhas travessias, considerando percursos autobiográficos construídos continuamente. No *movimento (auto)formativo* da escrita deste Memorial, as representações de minha *vida privada* refletem-se nos caminhos da *vida pública*, sob o olhar dos(as) leitores(as) que irão construir suas avaliações diante do jogo entre o público e o privado.

Neste processo de escrita de si, destaco, ainda, a ideia de “*ilusão biográfica*”, apontada por Bourdieu (2006). Conforme o autor, produzir uma história de vida, ou seja, tratar a vida como uma história, como uma narrativa coerente de acontecimentos concatenados, talvez implique sacrificar-se a uma “*ilusão retórica/biográfica*”, a uma representação comum da existência (Bourdieu, 2006). Em outros termos, posso dizer que a minha história será uma representação mimética, com base em uma seleção de acontecimentos plasmados em minhas memórias. Nesta representação de minha história, no relato de minhas travessias biográficas, compreendo-me como narradora-personagem que se envolve com os episódios vividos e narrados. Assumo meu lugar neste “*ateliê biográfico*”, conforme destaco na próxima seção.

### **1.7.2 Ateliê biográfico e a valorização da memória. “*Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem.*”**

Com base nos enfoques de Le Goff (2003), Delory-Momberger (2006, 2008), Arenhaldt, Machado e Santos (2022), utilizo o termo “*ateliê biográfico*” para apresentar minhas narrativas sob múltiplas linguagens que se (entre)cruzam com as diversas experiências vividas.

Assim como Paulo Freire (Freire, 2020a) já apontou, compreendo o(a) educador(a) como um/a artista, que vai selecionando as cores, as formas, as luzes, as sombras, os planos, para dar corpo à pintura como processo, no qual o(a) artista, por meio de seus autorretratos, evidencia a reflexividade artística do ensinar, aprendendo a aprender, reconfigurando, continuamente, os papéis de docentes e discentes nas representações artísticas e nas mediações pedagógicas. Como artista, pinto as minhas cores das múltiplas docências, seguindo o movimento dinâmico das memórias e vou traçando incursões artísticas, mesclando campos de linguagens pictóricas, literárias, fotográficas e outras.

Na ótica de Le Goff (2003), o *ateliê biográfico* revela, para além das narrativas e histórias de vida e de formação, a valorização da memória que é crucial, pois nela “cresce a história, que, por sua vez, a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao

futuro. Devemos trabalhar na forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (Le Goff, 2003, p. 471). Retomo as palavras de Delory-Momberger (2006) para destacar a compreensão da narrativa como objeto de linguagem que:

se constitui no tempo e no espaço de uma enunciação e de uma inter-relação singulares. Longe de ser fixada em uma forma única que lhe daria um passado objetiva e definitivamente fixo, a narrativa de vida é uma matéria instável, transitória, viva, que se recompõe sem cessar no presente do momento em que ela se anuncia. Presa ao presente de sua enunciação e, ao mesmo tempo, meio e fim de uma interação, a narrativa da vida não é, jamais, “de uma vez por todas”. Ela se reconstrói a cada uma de suas enunciações e reconstrói, juntamente com ela, o sentido da história que anuncia. Essa história por definição não é jamais ‘finita’, submetida ao perpétuo não acabamento ou, o que dá no mesmo, circunscrita a um acabamento que está sempre adiante dela (Delory-Momberger, 2006, p. 362).

A minha história de vida é marcada pelo inacabamento, pela inconclusão, pelos movimentos entre *vida pública* e *vida privada*, pelas narrativas que transitam entre passado, presente e futuro. Dialogando com a obra *Grande Sertão: Veredas*, revisito a voz de Riobaldo: “O senhor ache e não ache. Tudo é e não é...” [...] “Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem... Com isso minha fama clareia? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios” (Rosa, 2019, p. 29).

### 1.7.3 Fotobiografia: arqueologia visual de histórias de vida e registros de travessias acadêmicas

Na construção deste Memorial, utilizo a *fotobiografia* para registrar algumas cenas de minhas memórias, buscando reconstituir uma espécie de arqueologia visual de minha história de vida. Desse modo, considero o enfoque de Fabiana Bruno (2014).

O termo fotobiografia é empregado para remeter a um conceito alinhado a narrativas humanas, e que por sua vez, movimenta-se para além da utilização unicamente descritiva ou ilustrativa da imagem fotográfica, nos convidando a pensar na existência de histórias visuais, que têm como origem camadas de significações, quer seja de memórias, de imaginação, quer sejam de descobertas imagéticas. Uma espécie de arqueologia visual de histórias de vida (Bruno, 2014, p. 10).

Na perspectiva de Bruno (2014), compreendo a importância da fotobiografia na combinação entre textos verbais e imagens fotográficas para contar a minha história da vida. A minha narrativa autobiográfica é acompanhada, assim, por algumas fotos que mostram cenas importantes, experiências vividas nas travessias do *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Creio que as imagens selecionadas ajudam a criar um retrato mais visual e imersivo de minhas travessias, permitindo ao leitor uma compreensão mais rica e emocional das minhas trajetórias.

Por esse ângulo, neste Memorial, as fotografias são dispostas para representar algumas cenas biográficas, sobretudo, com vistas a apoiar a construção de múltiplos autorretratos de minhas travessias pessoais, profissionais e acadêmicas. Busco construir, em alguns momentos, uma espécie de “arqueologia visual” de minhas histórias de vida em diálogos com minhas histórias como discente e docente em diversos cenários. Utilizo, em

algumas cenas autobiográficas, o recurso do *scrapbook*, com recortes e colagens de fotos a fim de garantir iconicidade mais dinâmica.

Confesso que não consegui registrar, por meio da linguagem fotográfica, algumas cenas importantes de minhas travessias acadêmicas, seja por esquecimento, seja pela ausência da máquina fotográfica para gravar o *flash* do momento. Hoje, o celular assumiu esta função de registro de memórias, mas, nem sempre, tive, no passado, o auxílio do celular para esses registros visuais. Sou da era da máquina fotográfica *polaroid*, do disquete, da máquina de escrever, da impressora matricial, da fita cassete, dos discos de vinil, do giz, do mimeógrafo, do fax, mas, não fique assustado(a), amigo(a) leitor(a), essas tecnologias não são tão antigas assim. O fato é que a evolução tecnológica ocorreu apressada e continuamente ao longo dos anos e nem sentimos as transformações tecnológicas, não é verdade?

#### 1.7.4 Escrevivência(s): a escrita de si como representação de autoria coletiva

Escrever é dar movimento à dança-canto que meu corpo não executa. A poesia é a senha que invento para poder acessar o mundo.

Conceição Evaristo

O conceito de *escrevivência* é central na obra de Conceição Evaristo e aponta para a escrita que nasce da experiência vivida, especialmente das mulheres negras, cujas histórias e vivências têm sido historicamente marginalizadas. Na perspectiva de Conceição Evaristo, a *escrevivência* é uma forma de registrar e dar voz às experiências coletivas de sua comunidade, trazendo à tona histórias que muitas vezes ficam à margem das narrativas oficiais. A *escrevivência* é, assim, um testemunho de resistência e identidade.

Neste Memorial, o conceito de “*escrevivência*” (Evaristo, 2017) é muito importante, visto que a minha narrativa pode assumir o lugar de enunciação de um “eu coletivo”, marcado por múltiplas vozes, diversas experiências, escritas e reescritas não apenas por mim, uma docente em busca de consolidação da(s) identidade(s) docente(s), mas, também, por várias outras vozes docentes, ou seja, a história de uma “*docência coletiva*” compartilhada. Na ótica de Conceição Evaristo, a noção de *escrevivência* pode ser compreendida do seguinte modo:

Quando eu usei o termo é... *escrevivência* [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa *escrevivência*, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo (Evaristo, 2017, *on-line*).

Destaco, ainda, as reflexões da autora sobre a noção de escrevivência. De acordo com Conceição Evaristo:

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. Por isso, repito uma pergunta reflexiva, que me impus um dia ao pensar a minha escrevivência e de outras. [...] A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si (Evaristo, 2020, p. 34-35).

Usarei, neste Memorial, o termo *escrevivências*, no plural, para destacar as narrativas de minhas vivências pessoais e profissionais, tendo em vista as conexões entre a minha voz e as mais variadas vozes e identidades de outras mulheres: filhas, esposas, companheiras, mães, professoras, alunas, pesquisadoras, trabalhadoras, escritoras, artistas, operárias, e tantas outras, cujas histórias mesclam-se, combinam-se, concordam, discordam, encontram-se e desencontram-se nas duras travessias diárias para conciliar diferentes tarefas, diversas pressões no processo de profissionalização.

Neste país, repleto de desigualdades sociais e econômicas, marcado pela herança patriarcal que ainda vive nos abismos preconceituosos entre raças, gêneros, etnias, culturas, religiões e classes sociais, as nossas vozes de mulheres indígenas, pretas, pardas, brancas, cafuzas, mulatas, LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays; bissexuais; transgêneros; queer; intersexuais; assexuais; pansexuais; não-binári@s), pobres, ricas, periféricas, faveladas, etc, etc, etc, ... encontram-se e desencontram-se na arena das vozes sociais, como diria Bakhtin (2014), sempre em transformações contínuas em processos de empoderamentos para minimizar os preconceitos que ainda existem no Brasil. Desse modo, a escrita de si transborda as fronteiras da individualidade e reverbera na coletividade por meio de vivências pessoais e profissionais que representam os desafios das mulheres educadoras pesquisadoras em suas lutas diárias.

Destaco, ainda, que minhas *escrevivências* irão dialogar com representações de escritas biográficas nas interfaces com múltiplas identidades docentes e discentes que participaram de minhas travessias, considerando percursos individuais e coletivos nos compartilhamentos de experiências. Por fim, minhas *escrevivências* são tecidas, também, por meio das diversas histórias de colegas professores(as) titulares que me antecederam e elaboraram suas narrativas autobiográficas, com suas vivências, suas experiências, suas angústias, seus desafios, seus medos, suas superações nos árduos caminhos do magistério da Educação Superior. Retomo, assim, as palavras de Conceição Evaristo, pois compreendo que minhas *escrevivências* articulam a “*vivência do ponto de vista pessoal*”, e a “*vivência do ponto de vista coletivo*” (Evaristo, 2017).



### 1.7.5 Percursos autoetnográficos

Ao desenhar os eixos estruturadores para a construção deste Memorial, destaco a noção de *autoetnografia*. Conforme Silva (2022),

A autoetnografia é uma metodologia surgida no interior da Antropologia Social, a partir do momento em que a experiência etnográfica é percebida para além da coleta de dados, das constantes observações e das anotações descritivas, incorporando a particularidade do ser e estar em campo e de como foram estabelecidas as interações com os contextos socioculturais enquanto uma experiência de aprendizagem, desafios e soluções, falhas e sucessos, que seriam assim compartilhadas através da escrita (Silva, 2022, p. 48).

Neste Memorial, realizo *percursos autoetnográficos*, considerando a descrição e a análise sistemática das vivências pessoais e profissionais (*auto*), rumo à busca de experiências socioculturais (*etno*) inseridas em um campo de pesquisas, descrições e escrita (*grafia*), com ênfase em processos de autorreflexão e autorretrato. Nesses movimentos autorreflexivos, aproximo características de autobiografia (*escrita de si*) e da etnografia (*estudo de práticas socioculturais*), com vistas à imersão no campo das memórias.

Nesta narrativa autobiográfica, as práticas socioculturais estão subjacentes às vivências formativas e as experiências nos campos de ensino, pesquisa extensão e gestão, considerando, sobretudo, a diversidade de cenários por onde caminhei, principalmente nos cursos de graduação EAD e de pós-graduação *lato sensu*, tendo em vista a capilaridade dos diferentes polos EAD, localizados na região Metropolitana, na Zona da Mata, no Agreste e no Sertão de Pernambuco. Atuei, também, no Ceará, na microrregião do Cariri, no município do Crato em minhas andanças nos cursos de pós-graduação *lato sensu*. Certamente, as veredas por onde caminhei nortearam as minhas aprendizagens nas interações com diferentes públicos de diversos municípios dentro e fora de Pernambuco. Destaco, aqui, também, os caminhos trilhados nos eventos científicos em diferentes regiões do Brasil.

Nesses percursos autoetnográficos, a aproximação entre a autobiografia e a etnografia pode resultar em um amálgama de documentos impressos e/ou audiovisuais que pretende oferecer aos leitores uma escrita que incorpore “ação, diálogo, emoção, corporalidade, espiritualidade e um senso de autoconsciência” (Raab, 2013, p. 2).

### 1.7.6 Ethos discursivo

Se os elementos do ethos forem integrados à discursividade, esta última aparece sob uma luz diferente: o discurso e, a partir daí, indissociável da forma pela qual “toma corpo”. Introduziremos aqui a noção de incorporação para designar esta mescla essencial entre uma formação discursiva e seu ethos que ocorre através do procedimento enunciativo.

Dominique Maingueneau

Claro que não poderia esquecer de outra noção importante para a configuração deste Memorial. Retomo a noção de “*ethos discursivo*” que tem sido objeto de reflexão de diferentes pesquisas que estudam a imagem do enunciador produzida no discurso. Na ótica de Maingueneau (2005, 2006), o *ethos* configura-se na imagem construída no discurso em suas múltiplas relações com o outro (sujeitos e discursos) e emerge na articulação entre



variados elementos (verbais e não verbais, éticos e estéticos etc.), os quais necessitam da incorporação do interlocutor para apreendê-la em um conjunto complexo de representações sociais e culturais.

Nessa relação dialógica na construção discursiva, utilizo a estratégia de criação de um narratário ficcional<sup>16</sup>, apresentado como possível leitor(a) deste Memorial, que vai guiando, de forma cooperativa, os movimentos da narração. Por meio desse diálogo no processo de narração, entre o narrador (eu, como docente e pesquisadora, narradora de minhas memórias) e o narratário (possível leitor/a), vou construindo meu “*ethos discursivo*”, de modo dialógico, associando a minha visão ao olhar cúmplice do narratário.

### 1.7.7 TPACK: conexões entre tecnologias e minha práxis pedagógica

As reflexões sobre o TPACK - *Technological Pedagogical Content Knowledge* foram relevantes em minhas trajetórias de autoformação docente, bem como em estratégias para planejamentos de projetos e programas de formação docente, a exemplo de ações de extensão no Programa de Extensão MULTILAB e no Projeto LABFOR, como irei narrar no capítulo dedicado às atividades de pesquisa e extensão.

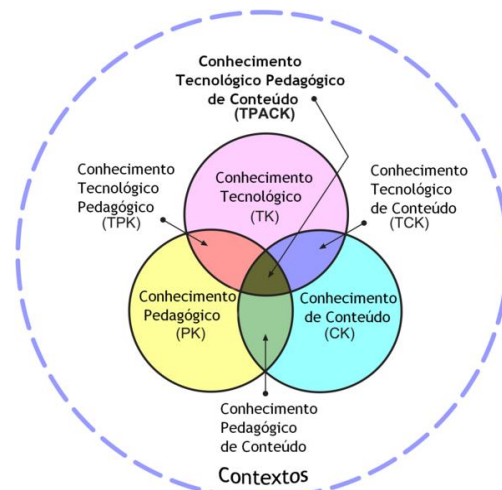
O modelo TPACK parte do enfoque de Lee Shulman sobre a diversidade de conhecimentos profissionais requeridos para o exercício da docência, ou seja, saberes descritos como: “[...] o conjunto de compreensões, conhecimentos, habilidades e disposições necessários para a educação efetiva em situações específicas de ensino e aprendizagem” (Shulman, 1987, p. 4). Por esse ângulo, os conhecimentos para exercer a docência incluem conhecimentos dos conteúdos específicos; conhecimentos pedagógicos gerais e dos conteúdos; conhecimentos do currículo; conhecimentos dos discentes; além dos conhecimentos dos contextos educacionais e das finalidades educacionais (Shulman, 1987). Os saberes específicos ou conhecimentos de conteúdos específicos são construídos pelo aprendiz por meio de estratégias pedagógicas e métodos de ensino e aprendizagem utilizados pelo docente, denominados de Conhecimento Pedagógico do Conteúdo ou *Pedagogical Content Knowledge* (PCK) (Shulman, 1987).

Mishra e Koehler (2006) propõem o *framework* TPACK- *Technological Pedagogical Content Knowledge* - TPACK para a formação docente. Shulman (1986) propôs considerar necessária a relação entre conhecimentos específicos de conteúdos e conhecimentos pedagógicos, considerando-se o modelo PCK – *Pedagogical Content Knowledge*. Mishra e Koehler (2006) utilizam o modelo proposto por Shulman (1987) e acrescentam o termo “*technological*” para formar o TPACK, no qual os conhecimentos em tecnologia, pedagogia e conteúdos devem ser olhados não apenas de maneira isolada, mas também integrada (Mishra; Koehler, 2006). A **Figura 6** descreve o modelo TPACK.

---

<sup>16</sup> O narratário é o interlocutor para o qual o narrador dirige o seu discurso, ou seja, figura para quem o narrador conta a história. Segundo Prince (1986, p.24), em todas as narrações, há um diálogo entre narrador, narratário e personagens, desenvolvido em função da distância que separa cada um desses componentes da narrativa. Ainda de acordo com Prince (1986), o narratário pode assumir diversas funções, dentre as quais estão: mediação e caracterização. O narratário pode desempenhar o papel de mediador do diálogo entre narrador-leitor, ou da interação autor-leitor, além de assumir papel importante na caracterização das personagens.

Figura 6: Framework TPACK e a integração dos seus componentes



Fonte: <http://tpack.org/>

Podemos considerar a integração entre as diferentes faces do modelo TPACK, tendo em vista as relações entre conhecimentos específicos de conteúdo, além de conhecimentos pedagógicos e tecnológicos, os quais, em suas dimensões dialógicas, constituem as múltiplas relações entre docentes, discentes e processos de ensino e aprendizagem. O **Quadro 3** apresenta uma descrição sintética dos diversos tipos de conhecimentos na organização do TPACK.

Quadro 3: Tipos de conhecimentos e organização do TPACK

Tipo de conhecimento	Descrição
<b>Conhecimento do Conteúdo (CK)</b>	Esse conhecimento envolve os saberes docentes sobre os conteúdos específicos, contemplando conforme Shulman (1987), “o conhecimento de conceitos, teorias, ideias, estruturas organizacionais, conhecimento de evidências e provas, bem como práticas e abordagens estabelecidas para desenvolver tal conhecimento” (Koehler; Mishra, 2009).
<b>Conhecimento Pedagógico (CP)</b>	Nesse nível, temos os conhecimentos dos professores sobre os processos e práticas ou métodos de ensino e aprendizagem. O CP abrange propósitos, valores e objetivos educacionais gerais, contemplando planejamento de aulas e avaliação do discente (Koehler; Mishra, 2009).
<b>Conhecimento Tecnológico (TK)</b>	Esse conhecimento abarca certas formas de pensar e trabalhar com tecnologia, ferramentas e recursos tecnológicos. Isso inclui entender as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC, de forma ampla, para aplicá-las produtivamente no trabalho e na vida cotidiana. É preciso ser capaz de reconhecer quando a tecnologia pode ajudar ou impedir a realização de um objetivo e ser capaz de se adaptar, continuamente, às mudanças na tecnologia (Koehler; Mishra, 2009).
<b>Conhecimento Pedagógico de Conteúdo (PCK)</b>	A noção de PCK contempla o tratamento didático-pedagógico dos conteúdos nos processos de ensino e aprendizagem. Central para a conceituação de PCK de Shulman é a noção da transformação do assunto para o ensino. Especificamente, de acordo com Shulman (1987), essa transformação ocorre quando o professor interpreta o assunto, encontra várias maneiras de representá-lo e adapta os materiais a concepções alternativas e ao conhecimento prévio dos alunos. O PCK contempla ensino, aprendizagem, currículo, avaliação, como as condições que promovem a aprendizagem e as ligações entre

	currículo, avaliação e pedagogia” (Koehler; Mishra, 2009).
<b>Conhecimento Tecnológico do Conteúdo (TCK)</b>	Uma compreensão da maneira pela qual a tecnologia e o conteúdo se influenciam e restringem um ao outro. Os professores precisam dominar mais do que o assunto que ensinam; eles também devem ter uma compreensão profunda da maneira pela qual o assunto (ou os tipos de representações que podem ser construídas) podem ser alterados pela aplicação de tecnologias específicas. Os professores precisam entender quais tecnologias específicas são mais adequadas para abordar o aprendizado do assunto em seus domínios e como o conteúdo dita ou talvez até mude a tecnologia – ou vice-versa” (Koehler; Mishra, 2009).
<b>Conhecimento Pedagógico Tecnológico (TPK)</b>	Uma compreensão de como o ensino e a aprendizagem podem mudar quando tecnologias são usadas de maneiras específicas. Isso inclui conhecer os recursos pedagógicos e as restrições de uma variedade de ferramentas tecnológicas no que se refere a projetos e estratégias pedagógicas apropriadas (Koehler; Mishra, 2009).
<b>Conhecimento Pedagógico Tecnológico do Conteúdo (TPACK)</b>	Subjacente ao ensino, verdadeiramente significativo e profundamente qualificado com tecnologia, o TPACK é diferente do conhecimento de todos os três conceitos individualmente. Em vez disso, o TPACK é a base do ensino eficaz com tecnologia, exigindo uma compreensão da representação de conceitos usando tecnologias; técnicas pedagógicas que utilizam tecnologias de forma construtiva para ensinar o conteúdo; conhecimento do que torna os conceitos difíceis ou fáceis de aprender e como a tecnologia pode ajudar a corrigir alguns dos problemas que os alunos enfrentam; conhecimento do conhecimento prévio dos alunos e teorias de epistemologia; e conhecimento de como as tecnologias podem ser usadas para construir sobre o conhecimento existente para desenvolver novas epistemologias ou fortalecer as antigas (Koehler; Mishra, 2009).

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base nas informações disponíveis no portal: <http://tpack.org/>

Em minhas travessias, o TPACK guiou as articulações entre tecnologias e minha práxis pedagógica. Sempre busquei *aprender a aprender*, ampliando minhas concepções sobre tecnologias para além das máquinas, tendo em vista as percepções humanizadoras e transformadoras que circundam as nossas relações com as inovações tecnológicas. As reflexões sobre as dimensões pedagógicas precisam estar conectadas às questões tecnológicas. O futuro da educação não está na tecnologia por si só, mas, sobretudo, nas relações dinâmicas, críticas e éticas que iremos desenvolver com as tecnologias no cenário da cultura digital.

## 1.8 CONVITE À LEITURA

Ao/À leitor(a), com carinho, desejo uma ótima leitura nessa jornada rumo ao descortinar das diversas trilhas/travessias que me acompanharam nesses percursos em direção ao *Grande Sertão... (Trans)Docências* nas múltiplas e sinuosas veredas acadêmicas. Ficou curioso(a)? Então, o que está esperando? Sigamos juntos(as) e sempre em frente nessa viagem! Façamos da leitura deste Memorial uma sinuosa travessia, repleta de curvas, avanços e recuos no tempo para representar minhas memórias. Sinta-se convidado(a), amigo(a) leitor(a), a embarcar nesta jornada. Desejo uma ótima leitura! Vamos iniciar com poesia? Como adoro a simplicidade e a profundidade da poesia de Manoel de Barros, selecionei este lindo poema, amigo(a) leitor(a) para já iniciarmos as travessias com toques poéticos que irão percorrer a escrita deste Memorial.

### O apanhador de desperdícios <sup>17</sup>

Manoel de Barros

Uso a palavra para compor meus silêncios.  
Não gosto das palavras  
fatigadas de informar.  
Dou mais respeito  
às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das águas  
Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior do que o mundo.  
Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos  
como as boas moscas.  
Queria que a minha voz tivesse um formato  
de canto.  
Porque eu não sou da informática:  
eu sou da invencionática.  
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

---

<sup>17</sup> BARROS, Manoel de. O apanhador de desperdícios. In: BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias. São Paulo: Record, 2003.

## Capítulo 2

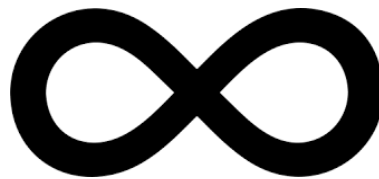
### 2 “O SERTÃO É DENTRO DA GENTE”: TRAVESSIAS INICIAIS E A FORMAÇÃO ACADÊMICA

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa

— “*Nonada. [...] Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos [...]. O Sertão está em toda a parte*” (Rosa, 2019, p. 13). Retomo as palavras iniciais de Riobaldo, na obra *Grande Sertão: Veredas*, para iniciar as travessias simbólicas e dialógicas entre os rios de lembranças. Navego entre as correntezas e o movimento contínuo de memórias no “*descuido prosseguido da vida*” (Rosa, 2019), no vai e vem do tempo entre passado-presente-futuro. Nesta longa narrativa, considero desde o ponto inicial do enredo, que parte da expressão “**Nonada**”, até os ilimitados caminhos do símbolo do infinito que fecham o ciclo da grandiosa narrativa de Guimarães Rosa.

Neste Memorial, iniciarei com o símbolo do infinito que não possui um ponto de partida ou de término, pois os traços estão em contínua ligação. Passado, presente e futuro irão orientar os meus percursos, evidenciando essa ideia ilimitada de continuidade e de atravessamentos cíclicos nos (des)caminhos percorridos para chegar até este ponto de defesa do Memorial Acadêmico.



**E** escrevo este Memorial para caminhar rumo ao meu *Sertão* interior, pois “*sertão é dentro da gente*”; “*o sertão é sem lugar*”; “*sertão é o sozinho*” (Rosa, 2019), como diria Riobaldo. Busco descortinar as diversas faces de minhas *(Trans)Docências* nas ilimitadas veredas da vida. Preciso de *coragem* para escrever este Memorial, e, certamente, meu estilo de linguagem não será convencional. Se o presente Memorial tem como objetivo descrever a minha trajetória acadêmica, não poderei seguir uma linha reta, sem considerar as veredas e as curvas que se (entre)cruzaram nos (des)caminhos dos fluxos formativos e das memórias entre a discência e a docência para chegar até aqui, neste momento de autorreflexão, de autorretratos da minha trajetória acadêmica.

Nesse sentido, como já apresentei, no primeiro capítulo, recorro aos fios dialógicos em sintonia com a grandiosa obra literária *Grande Sertão: Veredas*, do genial Guimarães Rosa, talvez a minha obra favorita da literatura brasileira, ou melhor, uma das favoritas, pois é difícil selecionar apenas uma obra ou um/a autor(a).

No processo dialógico de reflexões e memórias, idas e vindas na constituição da docente que hoje sou, com meus 51 anos de idade, tendo atuado 11 anos na docência da Educação Básica (1997 a 2008), no mesmo período em que atuei 10 anos na Educação Superior no contexto privado de ensino na FIR- Faculdades Integradas do Recife (1998 a 2008), 2 anos como professora substituta na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (1996 a 1998), além de outras travessias em cursos de pós-graduação *lato sensu* de diferentes instituições, como: UFRPE, UFPE, FAFIRE, FAINTVISA, FACHO, URCA/Ceará, FAESC, FABEJA, e alcançando, agora, 16 anos de docência na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE (2008 a 2024), após inúmeros processos de progressão e promoção funcional (Adjunto 1, 2, 3 e 4; Associado 1, 2, 3 e 4), sem contar os diversos planejamentos e relatórios anuais de trabalho (PIT - Plano Individual de Trabalho e RIT - Relatório Individual de Trabalho), inicio este breve diálogo com você, querido(a) leitor(a), para acompanhar as páginas seguintes rumo à descoberta do *Grande Sertão... (Trans)Docências*.

Na construção dessa narrativa autobiográfica, considero a complexidade e o caráter múltiplo dos(as) vários(as) docentes, discentes, pensadores(as), teóricos(as) e pesquisadores(as) que, em uma espécie de “orquestra polifônica”, como diria Bakhtin (2014), emprestaram suas vozes, suas ideologias, suas posições para (re)encontrar-me como docente, na atualidade, ainda mais madura e experiente, sempre disponível ao diálogo constante nas veredas da vida.

Em minhas travessias, conforme a citação de *Grande Sertão: Veredas*, percebo o movimento do correr da vida, que “*esquenta, esfria, aperta e depois afrouxa*” (Rosa, 2019), tendo em vista os percursos do caminhar nessa trajetória acadêmica. Como já afirmou Bakhtin (2014), “a vida é dialógica” por natureza, com sua complexidade, seus movimentos múltiplos dialógicos e polifônicos. Então, este Memorial buscará o estilo do *diálogo*, da *cronotopia*, da *polifonia*, da *exotopia* (Bakhtin 2014), com o apoio das vozes dos(as) grandes estudiosos(as), pensadores(as), pesquisadores(as), educadores(as) e educandos(as) que marcaram minha trajetória profissional e meus percursos acadêmicos. Seguirei as trilhas dos eixos temáticos e formativos em conexões interdisciplinares entre Literatura, Linguística e Educação.

Nas trilhas literárias, a minha trajetória acadêmica é marcada pelo caráter transdisciplinar da literatura, como fenômeno múltiplo e multifacetado, de dimensões artísticas, estéticas, históricas, sociais, culturais, políticas, linguísticas, pedagógicas, psicológicas, enfim, compreendendo-se o caráter plural e a função humanizadora da literatura como “direito humano inalienável” (Candido, 1995). Com o Doutorado em Teoria da Literatura, percebi a importância dos fundamentos teóricos e críticos para a leitura de obras literárias, reconhecendo as potencialidades da “obra aberta” e os “limites da interpretação” (Eco, 1999), com foco em abordagens que destacam a valorização do papel do leitor na interação com o texto literário.



No campo da Linguística, tantas vozes ecoam na compreensão da língua como grande rio, no qual as águas nunca são as mesmas, transformam-se, confluem, combinam-se, entrecruzam-se e confirmam as potencialidades das práticas sociodiscursivas, a magia da diversidade linguística, as singularidades das múltiplas linguagens na cultura digital, os encantos da multimodalidade e dos multiletramentos.

Juntas, Literatura, Linguística e Educação dialogaram, e ainda dialogam, fortemente com meus percursos formativos, tendo o diálogo como base norteadora de estudos, pesquisas e práticas pedagógicas ao longo de minhas travessias no “Sertão” das múltiplas (Trans)Docências. No campo da Educação, não poderia deixar de mencionar diversas redes temáticas importantes em minhas travessias, tais como: a *pedagogia do diálogo* (Freire, 2020a, 2020b), a *pedagogia da terceira margem* (Nóvoa, 2010), as dimensões do(a) *professor(a) reflexivo(a)* (Schön, 2000), os processos de “*ensinagem*” (Anastasiou, 2002; Anastasiou; Alves, 2004), os encantos dos *saberes docentes* (Tardif, 2002) nos processos de formação continuada, além da categoria do(a) *professor(a) pesquisador(a)* (Demo, 1996).

Como não poderia deixar de ser, o presente Memorial irá percorrer o diálogo aberto com as abordagens teórico-metodológicas que acompanharam minha trajetória acadêmica/profissional. Seguirei, também, caminhando com as vozes poéticas da Literatura, estreitando as conexões dialógicas e intertextuais com as obras de autores(as) com os(as) quais pude compreender a grandeza polissêmica da literatura como fenômeno artístico-estético ancorado nas questões histórias, sociais e culturais que acompanham o correr da vida.

Como diria Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas* – “*Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa*” (Rosa, 2019). É nessa linha de Riobaldo, sempre “*desconfiando de muita coisa*” que irei me apresentar ao(à) leitor(a) como *múltipla* no desenho dialógico das (Trans)Docências. O meu estilo, neste Memorial, irá refletir essa multiplicidade, ora com registros mais formais e acadêmicos, ora com um estilo mais poético e ancorado na informalidade das emoções nos percursos de uma trajetória acadêmica que caminha entre as fronteiras dos campos de Literatura, Linguística e Educação. Certamente, este Memorial não irá conseguir descrever todos os fios dialógicos das minhas travessias, mas, o(a) leitor(a) poderá conhecer os percursos acadêmicos percorridos. Desse modo, retomo as palavras de Riobaldo:

De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para que? Quero é armar um ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens da vida de Riobaldo, o jagunço. Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja! (Rosa, 2019, p. 159).

Como narradora de minhas memórias, procuro plasmar o tempo, recuperar as lembranças, articulando passado, presente e futuro, nas representações das imagens de quem fui (passado), de quem sou (presente) e de quem serei (futuro). Ressalto que este Memorial foi escrito entre os raros intervalos de tempo, considerando as múltiplas atividades dos meios acadêmicos, entre aulas, pesquisas, leituras, planejamentos, elaborações de PIT e RIT, reuniões, participações e apresentações de trabalhos em eventos, bancas, organização de livros, escrita de artigos, avaliações de artigos em periódicos, orientações de discentes de



graduação (Iniciação Científica/PIBIC/PIC, Iniciação à Docência/PIBID, Residência Pedagógica/PRP, Extensão/BEXT, monitoria...), orientações de discentes de pós-graduação (PROGEL, PPGTEG, LINFOR), análises de infinitos processos das comissões da UAEADTec e dos colegiados dos cursos, além de outras ações desenvolvidas nos eixos de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Na escrita, nos moldes do estilo da genial Clarice Lispector, na obra *Água Viva*:

Meu tema é o instante? Meu tema de vida. Procuo estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos – só me comprometo com vida que nasça com o tempo e com ele cresça: só no tempo há espaço para mim. [...] E eis que percebo que quero para mim o substrato vibrante da palavra repetida em canto gregoriano. Estou consciente de que tudo o que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando, sílabas cegas de sentido. E se tenho aqui que usar-te palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo, estou em luta com a vibração última (Lispector, 1993, p. 15).

Neste Memorial, busco o poder expressivo das palavras. Inspirada na obra de Clarice Lispector, tento fotografar “o instante que foi”, o “instante já”, e o “instante que será”, mesclando passado, presente e futuro, reconhecendo a indissociabilidade da imagem cronotópica que une os índices espaciais e temporais (Bakhtin, 2014) nas representações de minhas memórias, tão múltiplas quanto as minhas identidades. No movimento de resgate de minhas memórias, “estou consciente de que tudo o que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando, sílabas cegas de sentido” (Lispector, 1993, p. 15).

Iniciemos, pois, estes percursos narrativos já com o movimento do “traduzir-se”, no qual busco traçar autorretratos intersemióticos para iniciar as travessias pelo *Grande Sertão... (Trans)Docências*.

## 2.1 AUTORRETRATOS, A SOMBRA DA MANGUEIRA E A MATERNIDADE: TRILHAS NA CONSTITUIÇÃO DE MINHAS IDENTIDADES

Amigo(a) leitor(a), irei iniciar esta seção com o belo poema *Traduzir-se*, de Ferreira Gullar.

### Traduzir-se - Ferreira Gullar <sup>18</sup>

Uma parte de mim  
é todo mundo:  
outra parte é ninguém:  
fundo sem fundo.

Uma parte de mim  
é multidão:  
outra parte estranheza  
e solidão.

Uma parte de mim  
pesa, pondera:  
outra parte  
delira.

Uma parte de mim  
almoça e janta:  
outra parte  
se espanta.

Uma parte de mim  
é permanente:  
outra parte  
se sabe de repente.

Uma parte de mim  
é só vertigem:  
outra parte,  
linguagem.

Traduzir uma parte  
na outra parte  
— que é uma questão  
de vida ou morte —  
será arte?

O poema de Ferreira Gullar traduz a dualidade na composição da identidade do sujeito, tendo em vista a representação do autorretrato composto por imagens antitéticas. Esse poema, certamente, traduz a essência de cada um/a de nós que buscamos conciliar “nossas partes” na configuração de nossas singularidades. Esse poema dialoga com as minhas “(Trans)Docências” que compõem os meus autorretratos, as minhas identidades.

A construção do autorretrato já foi tema de vários(as) artistas. Na pintura, por exemplo, a obra de Vincent Van Gogh destaca-se com uma diversidade de autorretratos catalogados. Frida Kahlo também explorou essa técnica e dizia que seus autorretratos eram a maneira mais sincera e real de expressar o que sentia sobre si mesma e o que existia à sua volta. Em uma carta para Carlos Chávez, Frida Kahlo conta sobre o processo de criação de seus autorretratos:

Uma vez que meus temas sempre foram minhas sensações, meus estados de espírito e as reações profundas que a vida tem causado dentro de mim, muitas vezes materializei tudo isso em retratos de mim mesma, que eram a coisa mais sincera e real que eu podia fazer para expressar o que sentia a meu respeito e a respeito do que eu tinha diante de mim (Kahlo, 1997, p. 105-106).

Gosto muito dos autorretratos de Frida Kahlo e destaco essa obra belíssima *Autorretrato com vestido vermelho de veludo*, conforme **Figura 7**.

---

<sup>18</sup> GULLAR, Ferreira. Traduzir-se. In: GULLAR, Ferreira. **Poesia completa, teatro e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

**Figura 7:** Autorretrato com vestido vermelho de veludo

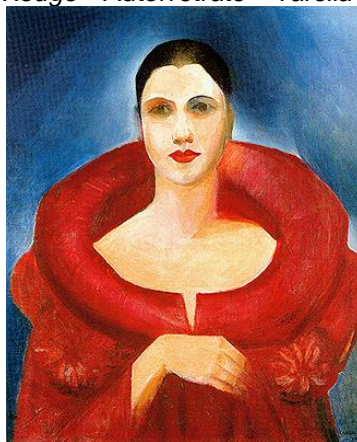


Frida Kahlo: Autorretrato com vestido vermelho de veludo, 1926.  
Fonte: [www.fridakahlo.org/self-portrait-in-a-velvet-dress.jsp](http://www.fridakahlo.org/self-portrait-in-a-velvet-dress.jsp)

Identifico-me com esse olhar firme e enigmático representado na tela, com destaque para a força da cor vermelha do vestido, dando um ar de empoderamento à figura feminina. A artista mexicana, com suas obras de traços firmes e formas surreais, teve sua vida marcada, simbolicamente, pelo vermelho de seu sofrimento pessoal e de suas paixões.

Tarsila do Amaral destacou-se, também, com a composição de autorretratos na pintura do Modernismo brasileiro. As **Figuras 8 e 9** revelam algumas obras da artista.

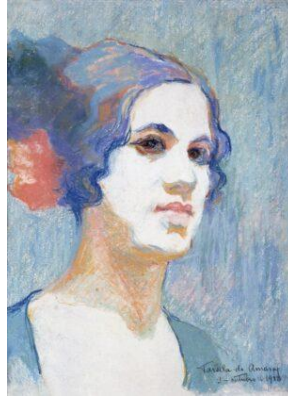
**Figura 8:** *Manteau Rouge* - Autorretrato – Tarsila do Amaral



Autorretrato, 1923, Tarsila do Amaral

*Manteau Rouge* é um autorretrato em que Tarsila veste um casaco vermelho do costureiro francês Jean Patou. Esse autorretrato foi pintado pela artista, em Paris, depois de um jantar em homenagem a Santos Dumont. Na **Figura 9**, destaco outra obra de Tarsila do Amaral, *Autorretrato com flor vermelha*.

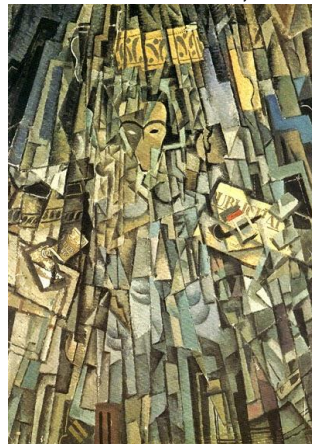
**Figura 9:** Obra de Tarsila do Amaral - Autorretrato com flor vermelha (1922)



Tarsila do Amaral, *Autorretrato com flor vermelha* (1922).

Hoje, também me identifico com esse autorretrato de Tarsila do Amaral, com a representação da imagem feminina em tons suaves, contrastando as cores azul (os cabelos, o vestido e o pano de fundo) e o vermelho (a flor nos cabelos da personagem). Nessa dimensão cromática, o azul e o vermelho representam meu estado de serenidade, pelo jogo de sensações que a pintura sugere. Esse autorretrato revela a calma e a paz que perpassam as minhas travessias na maturidade. Outro exemplo de autorretrato é a obra de Salvador Dalí, *Autorretrato cubista* (**Figura 10**). Essa tela representa as múltiplas dimensões na composição do “eu”, por meio da sobreposição de formas fragmentadas que se (re)organizam e se (re)estruturam na composição do autorretrato. Mantenho diálogo com essa obra na (re)organização das múltiplas (*Trans*)*Docências* na pluralidade da construção da(s) identidade(s) da educadora que hoje sou, inconclusa, multifacetada, sempre em transformação.

**Figura 10:** Autorretrato cubista – 1923, de Salvador Dalí



Fonte: <https://www.internationalroute.com.br/2014/08/artes-visuais-exposicao-salvador-dali.html>

Na literatura, vários poemas também retomam a temática do autorretrato, a exemplo dos autores Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Mario Quintana, e tantos outros(as). Um dos meus prediletos é o poema de Mario Quintana que cito aqui:

**O autorretrato** - Mario Quintana <sup>19</sup>

No retrato que me faço  
- traço a traço -  
às vezes me pinto nuvem,  
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas  
de que nem há mais lembrança...  
ou coisas que não existem  
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco  
- pouco a pouco -  
minha eterna semelhança,

no final, que restará?  
Um desenho de criança...  
Terminado por um louco!

Pensando em criar o meu autorretrato, pinto-me hoje “nuvem”, seguindo as imagens simbólicas do poema, pela leveza e pelo sentimento de liberdade das nuvens brancas em dimensão cromática com o azul ilimitado do céu. Mas, pinto-me, também, árvore, com os pés arraigados ao chão, fincados no tempo presente. Pinto-me, também, “verde”, imagem ligada à imensidão ambiental do planeta, tendo em vista a necessidade de plantarmos nossas raízes no correr das veredas da vida. Também essa dimensão do verde pode remeter às minhas raízes na “mangueira” plantada no dia de meu nascimento, em 22 de outubro de 1972, um símbolo de força com seus frutos sempre em destaque ainda hoje.

Manoel de Barros também elaborou seu autorretrato com configurações poéticas, como podemos observar em seu lindo poema *Autorretrato falado*.

**Autorretrato falado** - Manoel de Barros <sup>20</sup>

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.  
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha,  
onde nasci.  
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do  
chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.  
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar  
entre pedras e lagartos.  
Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.  
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto  
como que desonrado e fujo para o Pantanal onde  
sou abençoado a garças.  
Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que  
fui salvo.  
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.  
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de  
gado. Os bois me reciam.  
Agora sou tão ocaso!  
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço  
coisas inúteis.  
No meu morrer tem uma dor de árvore.

<sup>19</sup> QUINTANA, Mario. Autorretrato. In: QUINTANA, Mario. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

<sup>20</sup> BARROS, Manoel de. Autorretrato falado. In: BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.

De fato, estou sempre me (re)procurando e creio que essa busca é o que nos mantém sempre nas veredas da vida, quando, finalmente, descobrimos que “*todos os caminhos levam à ignorância*”, como bem colocou o poeta, por meio de sua voz lírica. Amigo(a) leitor(a), preciso retomar o fôlego após essa imersão poética por tantos autorretratos a fim de continuar a escrita deste Memorial.

Saindo um pouco da poeticidade e entrando na dimensão pragmática desta narrativa autobiográfica, coloco, agora, breve descrição de meus dados pessoais e algumas informações funcionais importantes no serviço público federal. Tenha um pouquinho de paciência, amigo(a) leitor(a), depois, continuaremos nossa imersão poética. Mas, lembremos, pois, do estilo machadiano e, se não tiveres paciência, por favor, pule as próximas páginas e vá direto à narração propriamente dita. Se ainda estiver acompanhando esta página, sem adiantar o tempo cronológico da narração, que tal dar uma olhadinha na **Figura 11**? Você irá encontrar uma síntese com meus dados pessoais.

Figura 11: Dados Pessoais

Dados pessoais

Nome:

Data de Nascimento:

Naturalidade:

Nacionalidade:

Filiação:

E-mail:

Currículo Lattes:

Ivanda Martins

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Nessa incursão autobiográfica, não posso esquecer a base de todo o caminho, com a participação de meu pai, José Martins (*in memoriam*), e da minha mãe, Josefa Silva, carinhosamente conhecida como Nena. Aprendi, com meus pais, os verdadeiros valores da vida, como a ética, a fé, o respeito, a educação, a humildade, a empatia, os quais carrego até hoje, pois fazem parte de minha formação cidadã. Muito humildes e sem muita escolaridade formal, meus pais, com seus múltiplos saberes, próprios de experiências de vidas, saberes estes que não se aprendem nos bancos escolares, me ensinaram que a paixão pelos estudos e o respeito pela “leitura de mundo”, conforme a perspectiva de Paulo Freire, revelam-se como caminhos possíveis para a realização pessoal/profissional. E, aqui estou eu, uma apaixonada pelos livros, pela Literatura e pela docência.

Mesmo tentando romper com a linearidade temporal, em alguns momentos deste Memorial, é importante comentar sobre a data de meu nascimento, pelas conexões



simbólicas que irei traçar. , em um domingo ensolarado, no qual a família estava se organizando para um passeio à praia. Neste dia, meu pai, aconselhado por meio tio Feliciano, plantou uma árvore, uma linda mangueira, para comemorar e marcar a data.

Pesquisando para a escrita deste Memorial, descobri que as mangueiras são árvores grandes e frondosas, podendo atingir entre 35 e 40 metros de altura, com um raio de copa próximo de 10 metros. Florescem nos meses de inverno e frutificam no período da primavera ao verão. Após 51 anos, a mangueira continua com suas raízes fortes, seus galhos ainda mais resistentes, e eu continuo plantando e colhendo os frutos das múltiplas travessias que realizo/realizei continuamente. Como não citar o educador Paulo Freire para estabelecer conexões dialógicas com essa imagem da mangueira, não é mesmo?

As árvores sempre me atraíram. As suas frondes arredondadas, a variedade do seu verde, sua sombra aconchegante, o cheiro de suas flores, de seus frutos, a ondulação de seus galhos mais intensa, menos intensa em função de sua resistência ao vento. As boas-vindas que suas sombras sempre dão a quem a elas chega, inclusive a passarinhos multicores e cantadores. [...] Sombra e luminosidade, céu azul, horizonte fundo e amplo dizem de mim. Sem eles, sobrevivo mais do que existo. Minha biblioteca tem algo disto. É, às vezes, como se fosse a sombra de uma mangueira (Freire, 2015, p. 19).

Na ótica de Freire (2015), a sombra da mangueira é, simbolicamente, um lugar de reflexão, de aprendizagem, de olhar para suas origens, de pensar na transformação. Nessa visão de Freire (2015), as árvores representam a sombra e a luminosidade, em sintonia com o silêncio das bibliotecas. Ainda conforme o autor, a biblioteca associa-se à imagem de uma “sombra de uma mangueira” como espaço “resistência ao vento”. Hoje, quando olho para a mangueira plantada no dia de meu nascimento, penso nessas reflexões de Paulo Freire, neste simbolismo da mangueira, retomo minhas origens e projeto olhares para o futuro, como se a árvore representasse esse tripé temporal que une presente, passado e futuro. Retomo aqui essa bela passagem do poema *Há metafísica bastante em não pensar em nada*, de Alberto Caeiro <sup>21</sup>, um dos heterônimos de Fernando Pessoa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?  
A de serem verdes e copadas e de terem ramos  
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,  
A nós, que não sabemos dar por elas.  
Mas que melhor metafísica que a delas,  
Que é a de não saber para que vivem  
Nem saber que o não sabem?

Não tenho muitas fotos de minha infância. Naqueles tempos, década de 1970, a máquina fotográfica não era acessível para todas as famílias. Destaco a **Figura 12** a seguir, do ano de 1975, quando eu tinha aproximadamente 3 anos. A foto revela uma criança alegre em um cenário de liberdade e muito verde. O sorriso sempre foi uma marca minha nas fotos, e, vendo, agora, creio que desde criança.

---

<sup>21</sup> Reproduzo apenas alguns versos do belíssimo poema de Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. *Há metafísica bastante em não pensar em nada*, disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/wk000317.pdf> Acesso em: 10 abr. 2023.

**Figura 12:** Uma foto de infância



Fonte: Acervo da autora (2024).

Lembro-me de minha infância com muita alegria, brincando com meus irmãos e os vizinhos. Nos finais de semana, minha família visitava a casa de meus padrinhos, Lula e Virgília, em Tejipió. Era uma espécie de sítio e o vizinho, seu Paulo, também tinha um quintal enorme com muitas árvores de pitomba, caju, araçá, azeitona, manga, jaca e diversas outras. Eu, meus irmãos, os primos e os filhos do vizinho explorávamos os terrenos de Lula e de seu Paulo. Subíamos nas árvores mais baixas de azeitona preta, colhíamos as frutas e experimentávamos ali mesmo. As crianças mais velhas subiam nas árvores para colher as frutas e as menores ficavam apanhando as azeitonas que caíam no chão. Eu era uma dessas que ficava no chão juntando as azeitonas. As línguas roxas denunciavam nosso “crime” quando voltávamos para casa. Outra aventura era “caçar” tanajuras no quintal de Lula. As tanajuras são formigas grandes. Quando chovia, no dia seguinte, as tanajuras começam a voar baixo, caíam no chão, ficavam mais vulneráveis. Era uma festa, as crianças corriam com toalhas tentando derrubar as que ainda voavam baixo. Tempos felizes que muitas crianças, infelizmente, não têm a oportunidade de vivenciar na atualidade. Tempos de infâncias felizes, sem celulares, sem jogos digitais e com muita atividade física nas brincadeiras com bola, nos jogos de esconde esconde-esconde, pega-pega, queimado, amarelinha, telefone sem fio e tantas outras estratégias lúdicas.

Meus pais, com sua sabedoria infinita, conseguiram plantar e colher os frutos das “árvores” que plantaram. Dos cinco filhos que educaram, a docência apresentou-se como caminho para as três filhas, as três Marias: Ivanda, Ivanice e Ivania. Como docentes, atuamos na mesma escola pública, em Tejipió, Recife, Pernambuco, Escola Estadual Marcelino Champagnat, e percebemos, na educação pública, uma oportunidade de exercitar os reais valores já indicados pelos nossos pais. Os demais filhos, Ivanildo e Ivancy, abraçaram outras carreiras, longe da docência, mas continuam nas trilhas da educação cidadã que nossos pais indicaram sempre.

Vamos lá, amigo(a) leitor(a), nesta imersão autobiográfica, agora povoada pelo movimento das *fotobiografias* ao longo dos percursos narrados. A **Figura 13** apresenta a arqueologia visual dos frutos da grande “árvore” da família, esta plantada e regada sempre

com muito amor e carinho. A primeira imagem revela meus pais, José e Nena, com seus cinco filhos (da esquerda para a direita, eu/Ivanda, Ivancy, Ivanice, Ivanildo, Ivania). A segunda imagem apresenta meus pais com os(as) netos(as) reunidos(as): da esquerda à direita: Camila, nos braços de Guilherme, Carol, Gabriel, Duda, Laís, Letícia e Clarinha, meus pais José e Nena, sentados à frente. A terceira imagem é uma cena da reunião descontraída da família no domingo, com a presença de meu tio Padre, o Bispo D. Frei Severino Batista de França, tomando o seu cafezinho, sentado ao lado de minha mãe.

Figura 13: Cenas da família Martins



Fonte: Acervo da autora (2024).

A **Figura 14** continua mostrando cenas da família Martins em um registro mais recente, no ano de 2023, em comemoração ao dia das mães. Todos os meus irmãos reunidos com minha mãe, Nena, meu tipo Padre e alguns/as netos(as). Nesse registro, meu pai, falecido em 2022, não aparece fisicamente nas fotos, mas, com certeza, está presente com sua força na união da família e nos bons momentos dos finais de semana.

**Figura 14:** Cenas da família Martins



Fonte: Acervo da autora (2024).

E as fotos continuam nesse resgate autobiográfico, conforme a **Figura 15** da esquerda para a direita: Meu tio Padre, D. Frei Severino França; Ivanildo, Suzana (esposa de Ivanildo), Ivania, Cauca (esposo de Ivania), mamãe (Nena), Ivanice, Ivanda, André (meu esposo), Ivancy, sua filha Camila, Verlane (esposa de Ivancy), Maria Eduarda (Duda, filha de Ivanildo e Suzana).

**Figura 15:** Cenas da família Martins



Fonte: Acervo da autora (2024).



A **Figura 16** também apresenta mais uma cena da família Martins reunida.

**Figura 16:** Cenas da família Martins



Fonte: Acervo da autora (2024).

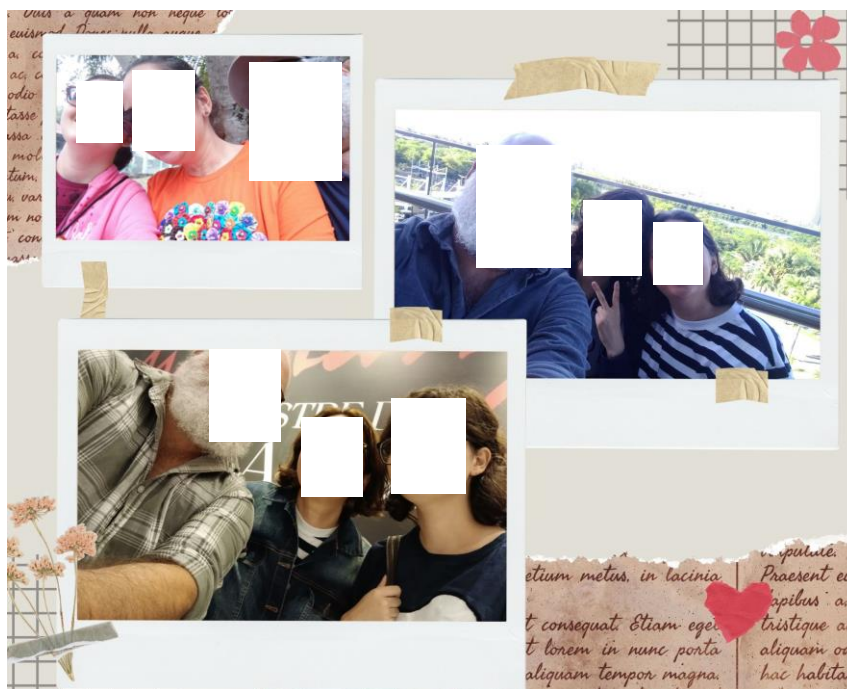
Essas fotos revelam as reuniões da família nos finais de semana. A casa de meus pais sempre foi um ponto de apoio, um ponto de encontro. A família foi crescendo e as fotos ficaram pequenas para registrar todos(as). A cada vez que nos reunimos na casa de meus pais, as memórias tornam-se ainda mais intensas. Lembro-me de meu pai lendo o jornal de domingo, adorava falar de política e estava sempre bem-informado sobre o que acontecia no cenário político brasileiro. Quando o encontrava nos finais de semana, ele sempre me perguntava: — “Minha filha, você viu isso? “, apontava para o jornal impresso que estava lendo. Começava a relatar as notícias que estava lendo ou assistia nos telejornais. Narrava suas histórias do passado, comentava sobre o apelido “Zé Canário” dado pelos amigos. Como gostava de passarinhos e criava alguns em casa, os amigos o chamavam de “Zé Canário” e assim ficou bem conhecido em Bezerros. Minha família é de Bezerros, interior de Pernambuco, onde tenho muitos(as) primos(as). A minha família é imensa, muitos(as) tios(as) já se foram, ficaram “encantados”, como diria Guimarães Rosa, e deixaram filhos(as) e netos(as). Sabiamente, Guimarães Rosa já indicou: “*O mundo é mágico: as pessoas não morrem, ficam encantadas... a gente morre é para provar que viveu*”.

Parte da família migrou para São Paulo nos tempos difíceis, à procura de emprego. Muitos(as) tios(as) instalaram-se em São Paulo onde residem até hoje. Meus pais também fizeram esse caminho, esse movimento migratório, mas não se adaptaram à vida corrida de São Paulo. Tiveram o primeiro filho lá, meu irmão mais velho Ivanildo, depois retornaram para Recife. Meu pai sempre contava várias histórias, desde suas experiências com a palmatória quando estava em processo de alfabetização até as suas diversas experiências profissionais, como padeiro, garçom, contador e outras.

Creio que, na família, meu pai era a pessoa mais interessada em política. Certamente, meu pai ficou “encantado” e eternizado na união da família. Sua sabedoria infinita, suas histórias, sua força, sua humildade ficarão guardadas em nossas memórias de família para sempre. Minha mãe é dona de casa e sempre se dedicou à família, buscando agradar a todos(as) com seus dons culinários que sempre atraíam a grande família nos finais de semana. Atuou como costureira durante um bom tempo e criou seus filhos, suas filhas com muito amor, muita dedicação e todo o carinho do mundo. Dessa união linda entre José e Josefa (Nena), os frutos da grande árvore nasceram e se transformaram, a família foi aumentando.

A partir dos frutos da “mangueira”, trilhei meus caminhos para a construção de uma linda família, seguindo as premissas de amor, carinho, paz e união que meus pais sempre ensinaram aos(às) filhos(as). Em 23 de dezembro de 1995, casei quando ainda estava fazendo o Mestrado, na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Conheci André em março de 1990, logo que ingressei como estudante na UFPE, e de lá para cá caminhamos juntos nas travessias da vida. Calma, amigo(a) leitor(a), irei narrar esta e outras histórias um pouco mais adiante. Agora, destaco, apenas a imersão inicial em fotobiografias para a caracterização familiar. Nesse sentido, a **Figura 17** apresenta a minha filha, o meu esposo, família linda que sempre me apoiou, e continua apoiando, nas trilhas da vida e nas veredas acadêmicas.

**Figura 17:** A sombra da minha mangueira: *My family... união, amor, felicidades*



Fonte: Acervo da autora (2024).

Como descrevi no primeiro capítulo, o gênero Memorial envolve a construção de narrativas autobiográficas. Aqui faço, apenas, uma rápida caracterização das minhas bases familiares, tão importantes para a construção de minha identidade. Inspirada em Bourdieu (2001), como destaquei, ainda, no primeiro capítulo, o conjunto de influências familiares foi essencial para guiar meu “*capital social/cultural*”, por meio da construção de valores, ideias e modos de ser, de pensar e de agir. Não irei aprofundar, nesta seção, todas as faces de minhas histórias de vida, conforme indiquei no primeiro capítulo. No entanto, dialogar, em



alguns momentos deste Memorial, com a minha história de vida, com foco nas influências familiares na construção de minha identidade cidadã, será fundamental para tecer os fios dialógicos com minhas outras histórias de vida como discente ou docente.

Hoje, aos 51 anos de idade, narro as minhas histórias de vida e os meus percursos acadêmicos, buscando, como já afirmei no primeiro capítulo, “*atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência [...]*”, reconhecendo que: “*em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente*” (Assis, 2009, p. 15). O meu rosto da docente madura confunde-se, nos espelhos do “*Grande Tempo*” bakhtiniano, com a face da discente que, no passado, já compreendia o potencial da educação como processo humanizador e emancipatório.

### **2.1.1 Travessias interiores: “sertão é dentro da gente”.**

Nesta imersão inicial, preciso realizar algumas confissões nesse processo de escrita de si como movimento de composição de meus autorretratos. Esse percurso metarreflexivo é importante para a imersão em meu Sertão interior, compreendendo que o “*sertão é dentro da gente*” (Rosa, 2019).

#### **1ª Confissão: Sou tímida, mas me lanço.**

Para ilustrar esta primeira confissão, retomo as palavras de Clarice Lispector, em sua última entrevista “*Eu sou tímida e arrojada. Eu sou tímida, mas me lanço*”, realizada em 1976 e publicada pela revista *New Yorker* (Moser, 2023). A timidez parece não combinar com a docência, mas preciso confessar: sempre fui tímida, no entanto, busquei transformar a timidez em impulso para enfrentar as travessias da vida e da trajetória profissional/acadêmica.

A docência pode ter me libertado da timidez nos momentos em que assumo, como um movimento performático, as múltiplas faces das *(Trans)Docências*, considerando as interações dialógicas com os(as) educandos(as) e com os(as) demais colegas professores(as) em processos contínuos de compartilhamentos. Como movimento performático, revisito as palavras de Bell Hooks (2013).

Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma (Hooks, 2013, p. 21).

Quando estou no exercício da docência, a minha timidez parece apagar-se, dando lugar à professora que precisa se comunicar bem com os(as) discentes para manter o diálogo sempre vivo nas aulas e nas inúmeras sessões de orientações.

#### **2ª Confissão: Sou perfeccionista, mas a perfeição não existe.**

A perfeição não existe. No entanto, mesmo tendo consciência dessa premissa, busco, quase sempre, alcançar a perfeição nas simples ações do cotidiano, bem como nas mais diversas atividades laborais. Nas ações acadêmicas, tento dar o máximo de mim quando ministro uma aula, planejo um curso, participo de uma banca, organizo um evento de

extensão, além de outras atividades que fazem parte do exercício da docência universitária. Sempre busco apoiar a aprendizagem dos(as) discentes neste viés do perfeccionismo.

Aos poucos, com a maturidade e as experiências de vida, procuro compreender as limitações dessa busca pela perfeição. Entendo que é preciso caminhar mais devagar, realizar as atividades das *(Trans)Docências* com dedicação, mas sem considerar que a busca pela perfeição é norteadora de meus percursos nas travessias contemporâneas. Como já abordou Freire, somos seres inconclusos, visto que a inconclusão faz parte de nossa essência humana. Dessa forma, se compreendo a inconclusão como constitutiva de minha essência, não posso continuar acreditando na perfeição como algo acabado e que me define.

### **3ª Confissão: Sou uma educadora esperançosa e resiliente.**

Seguindo a Pedagogia da Esperança, nos moldes de Paulo Freire, conjugo o verbo “esperançar” todos os dias, quando busco seguir em frente, mantendo-me resiliente na construção de alternativas diante dos desafios que vão se apresentando nas trilhas do *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Procuro compartilhar o sentimento de esperança com os(as) educandos(as), motivando-os(as) a refletir sobre a educação como ato de comunhão.

Como já disse Paulo Freire: “a esperança é um condimento indispensável à existência histórica. [...] Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança” (Freire, 2020a, p.81). Tento manter a esperança sempre viva em todas as ações que desenvolvo, mesmo diante de desafios que se apresentaram, e ainda se apresentam, continuamente, em minhas travessias. Creio que todo(a) educador(a) acredita no esperançar quando realiza o ofício de ser docente no Brasil. Nessa perspectiva, compartilho o verbo esperançar com meus/minhas discentes, busco inspirá-los(as), também, a continuar acreditando no poder transformador da educação.

### **4ª Confissão: Mantenho a humildade como lema de vida.**

Compreendo a humildade como premissa para se buscar a sabedoria. Retomo, mais uma vez, as ideias de Paulo Freire (2020a): “ensinar exige humildade e tolerância”. Na ótica do autor: “a humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém” (Freire, 2020a). Só a humildade pode apresentar as rotas e as trilhas dos caminhos que (re)fazemos à procura de nós mesmos. Como educadora, adoto a humildade nas construções dialógicas de (re)construções de saberes, buscando aprender a aprender a cada instante com os(as) educandos(as). Educar é manter a humildade sempre viva nas trocas dialógicas com os(as) educandos(as) rumo à construção de aprendizagens significativas.

### **5ª Confissão: Sou romântica, e daí?**

Quando ingressei na UFRPE, fui chamada de “romântica” por alguns/algumas colegas. Fiquei pensando o porquê deste rótulo. Naquela época, quem pensava assim, certamente, considerava a minha pouca experiência no serviço público federal, pois eu não conhecia os

trâmites institucionais e as diversas questões políticas que envolvem as ações de ensino, pesquisa, extensão e gestão na Universidade.

Amigo(a) leitor(a), então, posso dizer: *sim, sou romântica, e daí?* No entanto, as minhas justificativas são outras para esta confissão. Sou romântica, pois gosto de manter o sonho vivo, a esperança renovada e acredito no potencial transformador/libertador da educação sempre. Sou romântica, pois sou professora de Literatura, acredito na polissemia da linguagem literária e no poder de humanização da arte literária, como já propôs o eterno e saudoso Antonio Candido. Sou romântica e casei com outro professor de Literatura, também romântico, para compartilhar nossas experiências românticas sobre a Literatura e a vida.

Para resumir, digo, o mundo está precisando de pessoas mais românticas. Talvez, se tivéssemos mais pessoas românticas no mundo, as guerras, os conflitos, as *fake news*, as discórdias, os preconceitos ocupariam espaços mais limitados ou, quem sabe, poderiam ser minimizados. É primordial investir em uma cultura de paz, então, o mundo precisa de pessoas românticas e que ainda acreditem nos princípios éticos e utópicos que envolvem processos de transformação social. Então, tomo como missão, também, formar pessoas “românticas” que acreditem no amor, na utopia, no sonho, na construção de um mundo melhor e mais justo.

#### **6ª Confissão: Sou pragmática.**

Outra confissão que não poderia deixar de fazer: sou uma pessoa bem pragmática. Gosto de resolver tudo de modo prático. Traço minhas metas, meus objetivos e corro atrás para conseguir colocar tudo em prática. No campo profissional, essa característica me impulsiona a buscar objetividade, organização e clareza nas ações que planejo realizar. Creio que quando estou ministrando minhas aulas, organizando as orientações na graduação e na pós-graduação, comunico esse tom pragmático para os(as) discentes, os(as) orientandos(as). Tento fugir do imprevisto e busco sempre organizar planejamentos de modo coerente com as ações que pretendo realizar. Um segredo: adoro fazer listinhas de tudo para ajudar nesses processos de organização.

#### **7ª Confissão: Sou *workaholic*, não nego.**

A pressão da vida universitária transforma a vida do(a) docente numa maratona contínua de árduo trabalho. Só conhece esta realidade quem, de fato, vive os desafios da docência na Educação Superior. É difícil “desconectar”, tirar o “fio da tomada” quando temos prazos apertados para realizar inúmeras tarefas urgentes. Desse modo, muitos(as) docentes desenvolvem questões relacionadas à ansiedade, à Síndrome de *Burnout* e outras questões de ordem emocional. Muitas vezes, as universidades não discutem muito esses temas de saúde mental do ponto de vista do(a) docente. Há, certamente, maior preocupação com a saúde mental dos(as) discentes. Mas, como fica o debate sobre as questões emocionais enfrentadas pelos(as) professores(as)? Qual o espaço que as universidades dedicam para ampliar essas reflexões? Parece que há, ainda, o preconceito e o medo de desenvolver debates sobre a saúde mental do(a) docente, como se os(as) professores(as) não precisassem desses canais de reflexões e compartilhamentos de experiências no campo emocional.

Posso confessar que sou *workaholic* e trabalho melhor quando tenho mais trabalho a fazer, por incrível que pareça. A organização do tempo laboral e o controle da agenda de atividades sempre foram aspectos importantes para minha vida profissional. Com o avançar da idade e as valiosas experiências, tento conviver com essa sobrecarga de trabalho docente. Preciso aprender a dizer “não” diante de certos convites, e, confesso, estou aprendendo, ainda, é um processo longo e desafiador. No entanto, posso confessar que estou aprendendo a aprender a dizer “não” e valorizar mais questões de ordem pessoal diante das pressões profissionais. Creio que essa capacidade de dizer “não” vai sendo construída com a maturidade. Ficamos mais experientes e mais sábios com o avançar da idade.

Amigo(a) leitor(a), creio que este Memorial, ainda que no início, já esteja se transformando em uma travessia terapêutica, na qual as confissões revelam as características de minha subjetividade e as diversas faces que, aos poucos, dão lugar a meus autorretratos nas *(Trans)Docências*. Então, continuemos com as confissões.

### **8ª Confissão: Sou prolixa e exagero na escrita.**

Amigo(a) leitor(a), você já deve ter percebido, na prática da leitura deste Memorial, a certeza dessa confissão, não é verdade? Sou prolixa e exagero, um pouquinho, quando escrevo. Este Memorial é reflexo desta minha natureza prolixa de ser. Não conseguiria fazer uma narrativa autobiográfica em poucas linhas, com um quantitativo limitado de páginas.

Em minha humilde opinião, a escrita, principalmente considerando esse viés autobiográfico, não pode se limitar às amarras de roteiros fixos, fechados e acabados. Já escrevi muitos resumos, prefácios, artigos, relatos de experiências, capítulos de livros e tantos outros gêneros acadêmicos dentro dos limites dos formatos fixos e das rígidas quantidades de páginas. É hora de buscar a liberdade autoral, amigo(a), leitor(a). Na obra *Água Viva*, de Clarice Lispector, encontro a seguinte mensagem:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra - a entrelinha - morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora (Lispector, 1993, p. 21-22).

Desse modo, ainda tento “*pescar as entrelinhas*”, usando a “*palavra como isca*” (Lispector, 1993). A escrita deste Memorial é um bom exemplo para essa reflexão metalinguística. Poderia fazer outras inúmeras confissões, amigo(a) leitor(a), mas preciso continuar a elaboração deste Memorial.

Na composição de meus autorretratos, preciso destacar as aprendizagens da maternidade nas trilhas de minha formação como mãe, professora e pesquisadora. Desse modo, convido você, amigo(a) leitor(a), a conhecer minhas travessias na maternidade.

## 2.1.2. Travessias cronotópicas rumo à maternidade

**De mãe** - Conceição Evaristo

[...] Foi mãe que me fez sentir  
as flores amassadas  
debaixo das pedras  
os corpos vazios  
rente às calçadas  
e me ensinou,  
insisto, foi ela  
a fazer da palavra  
artifício  
arte e ofício  
do meu canto  
da minha fala. [...] <sup>22</sup>

O arquétipo materno (Jung, 2000) sempre me acompanhou, compreendendo-se tal arquétipo como força universal que rege e situa valores como: o cuidado, o acolhimento, a afetividade, a criação de vínculos entre mãe e filhos. Fui abençoada com a maternidade e, assim, Clara Beatriz chegou linda e alegre, trazendo uma infinita felicidade para mim e André, meu esposo, em 10 de fevereiro de 2004. As **Figuras 18** e **19** evidenciam a arqueologia visual com alguns momentos dessa linda etapa da minha vida, tão essencial neste Memorial. A **Figura 18** revela cenas da maternidade na etapa, ainda, de contínuas aprendizagens, e os momentos de descoberta, amor, afeto e carinho nos percursos iniciais da maternidade como espaço simbólico da docência, já que, compreendo que toda mãe é uma educadora nata e, também, uma eterna aprendiz.

---

<sup>22</sup> O belíssimo poema “*De mãe*”, de Conceição Evaristo, foi publicado no livro “*Poemas da recordação e outros movimentos*”. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. Esta obra reúne diversos poemas que abordam memórias, ancestralidade e a experiência da mulher negra, temas centrais na produção literária de Conceição Evaristo. Revisitamos, aqui, apenas alguns versos do lindo poema.

**Figura 18:** Arqueologia visual fotobiográfica - travessias da maternidade na fase das múltiplas aprendizagens



Fonte: Acervo da autora (2024).

Certamente, conciliar a docência, as vivências profissionais, com a aprendizagem contínua da maternidade não é tarefa fácil. No entanto, creio que a maternidade me concedeu um empoderamento feminino valioso, no sentido de organizar minhas rotinas diárias, acompanhar os primeiros passos e as aprendizagens de minha filha. Digo que a maternidade é uma travessia formativa infinita. Desse modo, compartilho, aqui, minhas vivências na maternidade com as lutas diárias de diversas mulheres que conseguem conciliar as cobranças profissionais com as suas rotinas como mães, esposas, irmãs, tias, filhas que atuam no mercado de trabalho tão opressor, competitivo e, ainda, patriarcal. Certamente, as minhas “escrevivências” refletem as vozes dessas mulheres guerreiras, mães pesquisadoras, sobrecarregadas com as pressões pessoais, familiares e profissionais diante das demandas do árduo trabalho nos meios acadêmicos. A **Figura 19** revela outras cenas autobiográficas de consolidação da maturidade nos percursos da maternidade como exercício para minha(s) identidade(s) docente(s), convergindo espaços de educação não formal e informal na construção de aprendizagens afetivas.



Figura 19: Arqueologia visual fotobiográfica - travessias da maternidade na fase da maturidade



Fonte: Acervo da autora (2024).

A maternidade ensinou-me a caminhar mais devagar, de forma mais leve, valorizando cada momento da vida. Sem dúvida, a maternidade teve influências marcantes em minhas travessias cronotópicas rumo às múltiplas docências. A imagem da mulher-mãe mescla-se à imagem da mulher-pesquisadora-docente que busca reinventar caminhos a fim de aproximar-se dos(as) discentes, percebendo os diálogos entre docência e discência. A maternidade ensinou-me o caminho da humildade na arte da docência. Percebi a importância do diálogo contínuo entre o ensinar e o aprender nos processos formativos direcionados à educação da minha filha. O cronotopo da maternidade é o tempo-espço de coragem, paciência, afetividade, sabedoria, amor, afeto, compreensão, poesia, prosa, resiliência, carinho, enfim, uma série de sentimentos que se entrecruzam e dialogam na essência do ser-mãe.

Na adolescência, Clara vivenciou desafios em suas travessias formativas em função de transtornos de ansiedade social e de ansiedade generalizada – TAG. Esse processo foi muito importante para seu autoconhecimento e amadurecimento diante das diversas trilhas que a vida nos proporciona. Eu e André aprendemos muito, e continuamos aprendendo sempre, com essas experiências que a vida vai nos apresentando. Meu esposo, André, sempre me apoiou imensamente nessas travessias de (re)descobertas da maternidade e dos diálogos e trocas com a paternidade, nas confluências dos caminhos rumo à educação de nossa querida filha, Clara, que tanto nos ensinou, e nos ensina a cada novo dia. Aprendemos juntos(as), em família, a viver cada dia, de modo mais intenso, e em um ritmo mais leve, aprendendo a aprender a cada instante com os movimentos e as curvas do *Grande Sertão: Veredas*. Como já disse Riobaldo: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (Rosa, 2019). E, com muita coragem, aprendemos a caminhar sempre em frente nas travessias dialógicas da vida, reconhecendo as curvas dos caminhos possíveis.

### 2.1.3. Linha temporal: progressão e promoção funcional na UFRPE

Nesta apresentação inicial, situo o panorama do meu breve histórico funcional, considerando as progressões e promoções funcionais, conforme o **Quadro 4**, o qual apresenta alguns dados importantes quanto ao ingresso na UFRPE, em 1 de setembro de 2008. Posteriormente, irei narrar, de modo detalhado, o ingresso na UFRPE e os desafios iniciais no cenário da educação pública superior. (**Apêndice - Quadro 2**)<sup>23</sup>.

**Quadro 4:** Dados Funcionais na UFRPE

<b>Dados gerais</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Servidora/docente<sup>a</sup></li> <li>• Matrícula SIAPE:</li> <li>• Data de admissão na UFRPE:</li> <li>• Cargo Atual:</li> <li>• Lotação: Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia- UAFADTec.</li> <li>• Termo Individual de Posse na UFRPE,</li> <li>• Posse:</li> <li>• Portaria de Nomeação nº</li>   <li>• Portaria nº</li> <li>• <i>Cursos de atuação na UFRPE/UAEADTec:</i></li> <li>• Graduação:</li> <li>• Programa de pos-graduação</li> <li>• Programa de pós-graduação</li> <li>• Pós-graduação <i>lato sensu</i> –</li> </ul>	
<b>Portarias das progressões/promoções funcionais</b>	<b>Período</b>
<b>Adjunto 1 para Adjunto 2</b> Portaria nº 629/2012 -	<b>2008 a 2010</b>
<b>Adjunto 2 para Adjunto 3</b> Portaria nº 621/2013 -	<b>2010 a 2012</b>
<b>Adjunto 3 para Adjunto 4</b> Portaria nº. 318/2015 -	<b>2012 a 2014</b>
<b>Adjunto 4 para Associado 1</b> Portaria nº. 1217/2016 -	<b>2014 a 2016</b>
<b>Associado 1 para Associado 2</b>	<b>2016 a 2018</b>

<sup>23</sup> O Apêndice – Memorial Descritivo Analítico - Síntese de Atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão apresenta quadros com o panorama descritivo das atividades realizadas nos eixos de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Alguns quadros do Apêndice são retomados neste Memorial, com outra numeração, seguindo a sequência narrativa do relato autobiográfico. As documentações comprobatórias deste Memorial estão organizadas nos Anexos. A sequência de organização dos Anexos segue a ordem dos quadros apresentados no Apêndice.

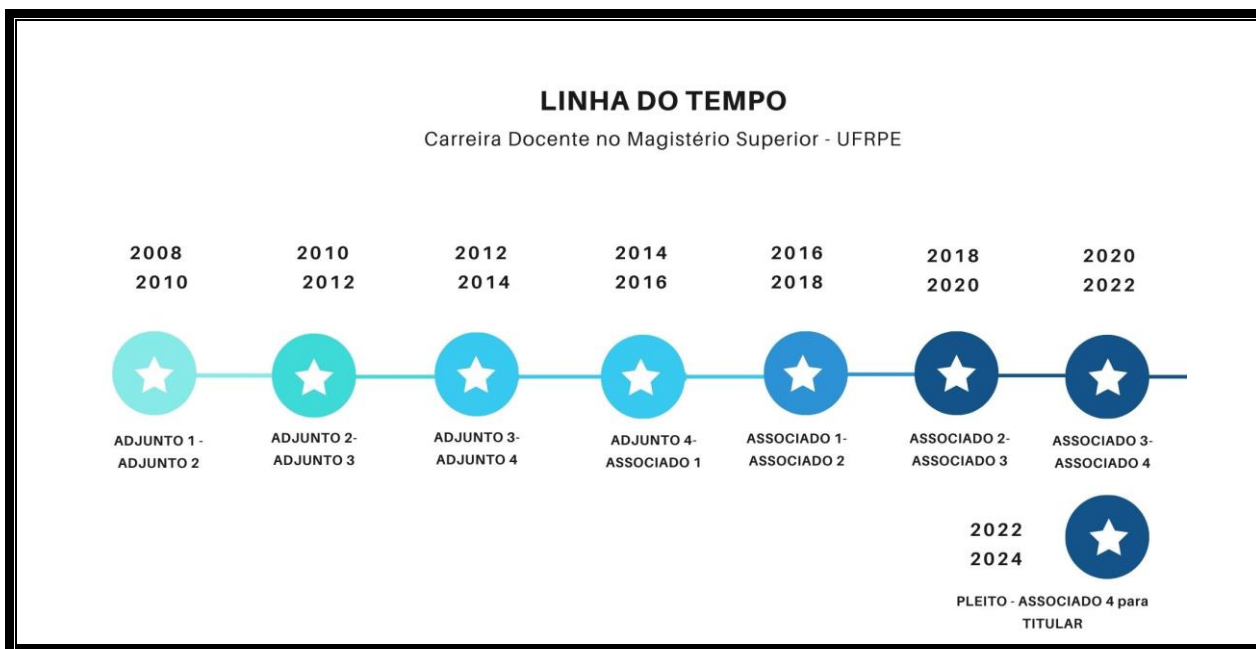
Portaria nº 876/2018 -	
<b>Associado 2 para Associado 3</b>	<b>2018 a 2020</b>
Portaria nº 691/2020 -	
<b>Associado 3 para Associado 4</b>	<b>2020 a 2022</b>
Portaria nº 758/2022 - I	

Fonte: Elaboração da autora (2024).

A **Figura 20** traduz a linha temporal dos processos de progressão e de promoção funcionais desde o meu ingresso na UFRPE, em 2008, até a etapa atual, em 2024, com o pleito de promoção funcional para a Classe E - Professora Titular. Amigo(a) leitor(a), a carreira docente do Magistério Superior não é um simples percurso, mas se confirma na convergência de vários processos, diversos caminhos percorridos até chegar à etapa de promoção funcional com vistas à titularidade.

**Figura 20:** Linha temporal: trajetória de progressão/promoção funcional na carreira docente – UFRPE

**Período:** 2008 a 2024



Fonte: Elaboração da autora (2024).

Como você pode observar, amigo(a) leitor(a), de 2008 a 2024, foram muitas trilhas nos processos de progressão e de promoção docente na UFRPE, vários relatórios elaborados para conseguir chegar até aqui. Isso sem contar os PIT – Planos Individuais de Trabalho e os RIT - Relatórios Individuais de Atividades, os quais são produzidos anualmente. Nunca perdi os prazos dos relatórios de progressão e de promoção, pois buscava organizar a minha vida acadêmica da melhor forma possível. Não posso negar que as minhas travessias acadêmicas foram muito avaliadas em termos institucionais, conforme as diversas regulações normativas. Não é fácil atuar na Educação Superior, diante de tantas cobranças da vida acadêmica. Prontinho, leitor(a), podemos retornar à narrativa, agora, rumo à travessia direcionada à formação acadêmica. Pronto(a) para retomar o fôlego? Então, vamos em frente!

## 2.2 TRAVESSIAS RUMO À FORMAÇÃO ACADÊMICA: EDUCAÇÃO BÁSICA, GRADUAÇÃO, PÓS-GRADUAÇÃO

A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?

*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa

As travessias acadêmicas revelam toda a complexidade dos caminhos trilhados nas vivências nos cenários de graduação e de pós-graduação. Neste sentido, irei iniciar a travessia rumo à formação acadêmica, seguindo o movimento do rio da vida com todo o seu dinamismo. Reconhecendo a metáfora de Guimarães Rosa sobre *a terceira margem do rio*, em busca do equilíbrio entre as experiências vivenciadas durante a travessia, busco navegar de acordo com dinamismo do rio, compreendendo o caráter perene do movimento do rio: “e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo” (Rosa, 1988, p. 32).

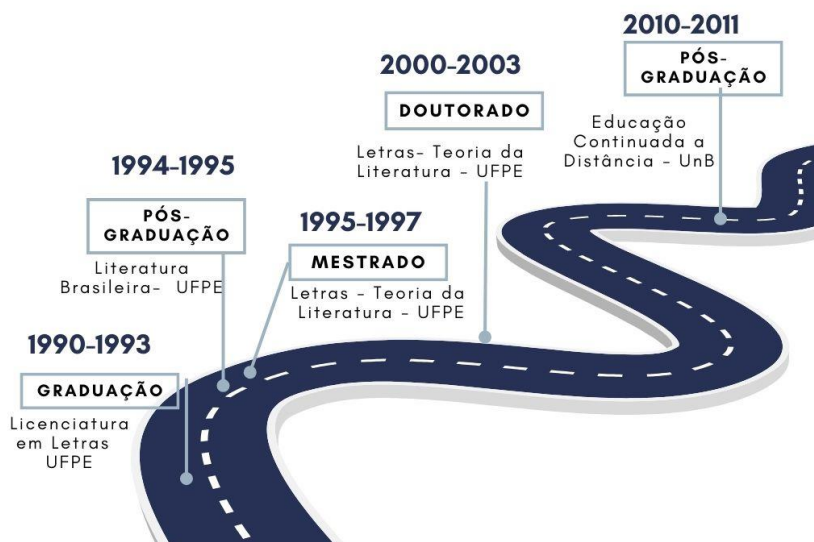
Revisito a conferência de António Nóvoa, proferida no dia 7 de junho de 2010, “*Pedagogia: a terceira margem do rio*” (Nóvoa, 2010). O pensador português defende que a pedagogia é, por definição, “*a terceira margem*”, não pode ser o espaço para visões dicotômicas e não convergentes. Precisamos, assim, pensar a educação e a nossa formação para além das fronteiras, considerando nossa visão para além das margens do rio. Dialogando, ainda, com Nóvoa (2010), “*a terceira margem do rio, a verdadeira viagem da descoberta, não consiste em encontrar terras novas, mas em adquirir novos olhares*” (Nóvoa, 2010, p. 13).

Considerando essa imersão metafórica, destaco que é preciso compreender a grandiosidade da travessia no próprio “rio da vida”, no rio da transformação, no rio das lembranças, no rio dos reencontros e das descobertas. Desse modo, este Memorial é o próprio rio das memórias, sem margens, sem fronteiras, com muito movimento e com águas que transbordam continuamente.

Para representar a imagem das travessias, destaco a ideia de estrada, o meu *cronotopo da estrada* marcado pelo *cronotopo do encontro*, ou seja, o encontro com minhas múltiplas faces, ora como discente, ora como docente, no espelho de minhas *(Trans)Docências*. A **Figura 21** apresenta os movimentos das minhas travessias, considerando os fluxos temporais da graduação à pós-graduação.

Figura 21: Travessias da formação acadêmica - graduação e pós-graduação

## Formação acadêmica



Fonte: Elaboração da autora (2024).

O **Quadro 5** apresenta a síntese de minhas trilhas no processo de formação acadêmica, desde os meus percursos como discente da graduação em Letras, na UFPE, até as minhas travessias nas etapas de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Para facilitar suas travessias no ato da leitura, amigo(a) leitor(a), organizei o **Apêndice – Síntese de atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão** com a descrição das atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Desse modo, os Quadros apresentados neste Memorial podem ser visualizados no **Apêndice**, bem como outros registros com maior detalhamento de atividades. O **Quadro 5** apresenta as minhas trilhas nas etapas de formação acadêmica.

**Quadro 5:** Trilhas da Formação Acadêmica

Período	Formação Acadêmica	Instituição
1990 a 1993	Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa	UFPE
1994 a 1995	Especialização em Literatura Brasileira	UFPE
2010 a 2011	Especialização em Educação Continuada a Distância	UnB
1995 a 1997	Mestrado em Letras - Teoria da Literatura	UFPE
2000 a 2003	Doutorado em Letras - Teoria da Literatura	UFPE

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq

Perceba, amigo(a) leitor(a), que toda a minha trajetória acadêmica foi construída nas áreas de Letras e Educação, com destaque para as subáreas de Literatura Brasileira, Teoria da Literatura, Educação a Distância – EAD e Formação Docente. É importante destacar, ainda, as influências da Linguística em minha formação, tendo em vista os meus percursos na Iniciação Científica nesta área, quando tive a honra de ser orientanda do saudoso professor Dr. Luiz Antônio Marcuschi. Além das travessias na área de Letras, também caminhei nas trilhas da Educação, sobretudo, com foco na EAD, em função das demandas que foram surgindo em minhas rotas no *Grande Sertão...(Trans)Docências*. Nas próximas seções, você, amigo(a) leitor(a), irá encontrar as narrativas detalhadas dos meus percursos

rumo à formação acadêmica nos cenários da graduação e da pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*.

### 2.2.1 Narrativas da formação acadêmica

Ao iniciar o relato de minha formação acadêmica, terei que mergulhar em minhas memórias sobre a discência. As conexões entre as minhas experiências como discente e a constituição de minha(s) identidade(s) docente(s) estarão sempre direcionando este Memorial. Então, estimado(a) leitor(a), sigamos o fluxo temporal da narrativa, voltemos, pois, à época em que iniciei minha trajetória como discente na Educação Básica. Prometo que serei breve para não cansar a sua leitura.

### 2.2.2 Alguns percursos iniciais... minha trajetória discente na Educação Básica

O tempo é um ponto de vista dos relógios.  
Mario Quintana

Meus percursos, como discente, sempre tiveram conexões com a educação pública. Dos anos iniciais até a antiga quarta série do primário. tive minhas primeiras experiências como estudante de escola pública, na (Figura 22), situada no bairro do Iburá. A escola acolhia os(as) discentes do 1º ano do Ensino Fundamental (antigo primário) até o Ensino Médio (antigo científico). Toda a minha base inicial foi construída nesta escola, considerando a etapa do primário, hoje do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Figura 22: |



Fonte: Acervo da autora (2024).

Quando ingressei na 5ª série (antigo ginásio), atualmente, corresponde ao 6º ano do Ensino Fundamental, migrei para um colégio particular, situado no Barro, na Av. Dr. José Rufino, Colégio da Imaculada Conceição (Figura 22). Lá, fui aluna bolsista durante todo o Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano. Meu tio padre (aquele que apresentei antes, lembra?) conseguiu uma bolsa integral para apoiar meus estudos. Naquela época, o Colégio da Imaculada Conceição não ofertava o Ensino Médio, então, ao término do Ensino Fundamental tive que mudar de escola para continuar os estudos. Foi, então, que ingressei no situado no centro do Recife, na Av. Conde da Boa Vista, ao lado da FAFIRE – Faculdade Frassinetti do Recife, atualmente conhecida como Centro Universitário Frassinetti do Recife – UNIFAFIRE.



No \_\_\_\_\_, cursei todo o segundo grau, o antigo científico. Também era um colégio católico e continuei estudando com bolsa, agora parcial. Minha irmã Ivanice ajudou com os custos para que eu conseguisse concluir meu Ensino Médio. Naquela época, meus pais não tinham condições de arcar com despesas das mensalidades escolares. Minhas irmãs, Ivania e Ivanice, começaram a trabalhar muito cedo, aos 17 anos de idade, assim que finalizaram o Normal Médio e apoiaram as despesas que surgiam naquele período. O \_\_\_\_\_ (Figura 23) ofertava turmas de Normal Médio (antigo Magistério) e Científico (correspondente ao Ensino Médio atual). As matrizes curriculares do Normal Médio e do Científico eram distintas, de acordo com o perfil de egresso de cada modalidade. Irei indicar, neste Memorial, o termo Científico como equivalente ao Ensino Médio, na atualidade, para facilitar a sua compreensão, amigo(a) leitor(a).

Figura 23: Ensino Fundamental II e Ensino Médio



Fonte: Acervo da autora (2024).

Durante o Ensino Médio, tive a oportunidade de conhecer professores(as) que marcaram as minhas travessias na Educação Básica, um deles foi o professor de Literatura, Almésio Nascimento, o qual era poeta e dava aulas de Literatura. Naquela época, meu contato com a Literatura iniciou-se de modo mais frequente, visto que os estudos literários passaram a integrar o currículo no Ensino Médio e havia aulas específicas de Literatura.

As leituras das obras de Machado de Assis, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e outros(as) autores(as) renomados(as) tornaram-se mais frequentes, principalmente, em função das demandas da escola, com foco no vestibular. Eu gostava de ler as obras da literatura brasileira e visitava a biblioteca do Colégio de São José para realizar empréstimos de livros. De vez em quando eu “fugia” para a biblioteca da FAFIRE, ao lado do Colégio, pois tinha um acervo bibliográfico maior. Não tinha recursos para comprar livros, estes ainda eram artefatos culturais valiosos, mas extremamente caros para uma estudante de origem humilde. Creio que o tempo passou, mas a realidade não mudou muito, não é mesmo? O acesso ao livro ainda precisa ser plenamente democratizado em um país, como o Brasil, onde os abismos sociais ainda são imensos.

O professor Almésio logo identificou a minha curiosidade pela Literatura e, durante as aulas do Ensino Médio, ele ia motivando o exercício da docência compartilhada com a discência, por meio de seminários, fóruns de diálogos, exposições dialogadas. Ainda me lembro do livro de poemas do professor Almésio, intitulado *Animus*, o qual tive a oportunidade de ler naquele contexto. Também revisito memórias de um seminário sobre o

Barroco que organizei e o professor Almésio fez as mediações em uma espécie de exposição dialogada para compartilhamentos de leituras sobre os assuntos abordados.

No 3º ano do Ensino Médio, ainda muito jovem e com muitas dúvidas sobre a carreira profissional, aos dezessete anos, tive que me preparar para o vestibular, ainda nos moldes tradicionais, a fim de escolher uma profissão. Ainda não havia o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, e cada Universidade organizava seu processo seletivo. Em geral, o vestibular das Universidades públicas federais, como a UFPE, por exemplo, era organizado em duas fases: uma etapa composta por provas de múltipla escolha nas diversas áreas de conhecimento, o “famoso peneirão”, e outra fase com provas mistas, com questões abertas e fechadas, além da redação, configurando-se uma etapa que requeria competências direcionadas à produção textual. Ao pensar no vestibular, de imediato, fiquei em dúvida entre as áreas de Letras, História e Filosofia, mas já demonstrava interesse por um curso de Licenciatura, seguindo a tradição de família, já iniciada pelas minhas irmãs (Ivania e Ivanice). Venho de uma família de professores(as), com irmãs e primas que iniciaram as trilhas no exercício da docência em escolas públicas na região metropolitana do Recife, em Jaboatão dos Guararapes e no interior de Pernambuco, em Bezerros.

Ainda no Ensino Médio, o professor de Biologia, Sebastião, aconselhou-me a prestar vestibular para Medicina. Lembro-me como se fosse hoje. Como eu gostava de estudar e conseguia destaque em várias disciplinas, incluindo Biologia e Química, o professor Sebastião tentava indicar trilhas dos cursos da área de saúde. No entanto, eu não tinha perfil para essa área, gostava mesmo era de ler as obras literárias, ler documentos de valor histórico, pesquisar sobre autores, artistas, filósofos. Como eu gostava muito da literatura e sempre fui uma apaixonada pelas práticas de leitura e escrita, decidi escolher a área de Letras e continuar a travessia rumo à Universidade. Foi, assim, que prestei vestibular para a Licenciatura em Letras - UFPE. Que tal conferir os percursos dessa trajetória na próxima seção?

### **2.2.3 Vivências como discente na graduação.... “*não há docência sem discência*”**

Quem ensina aprende ao ensinar e quem  
aprende ensina ao aprender.  
Paulo Freire

Ingressei na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como estudante de graduação, em março de 1990. Com dezessete anos de idade, e muitos sonhos profissionais, optei pelo curso de Licenciatura em Letras como primeira opção no vestibular. Só prestei vestibular para a UFPE como minha primeira e única opção, diferentemente do contexto atual em que os jovens dispõem de um leque maior de oportunidades. Na época em que tentei vestibular, as opções estavam concentradas na Universidade de Pernambuco (UPE), Universidade Católica (UNICAP) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como grandes Universidades que atuam na Educação Superior.

Tentei o vestibular apenas na UFPE, pois o Curso de Licenciatura em Letras era realizado na sede, em Recife, além de ser uma Universidade pública de renome no cenário nacional. Além disso, não tinha condições de arcar com despesas de uma Universidade privada, como a UNICAP, por exemplo, fator este determinante para que tentasse vestibular apenas na UFPE. Em 1990, iniciei, assim, o Curso de Licenciatura em Letras - Língua

Portuguesa e Língua Inglesa, no Centro de Artes e Comunicação - CAC da UFPE. Neste centro, vários cursos nas áreas de Letras, Artes, Biblioteconomia, Música, Arquitetura, Ciências da Informação e outras compartilhavam um espaço repleto de exposições fotográficas, artísticas, musicais, literárias que encantavam e surpreendiam o público. Entrar no CAC, a cada dia, era uma experiência nova. Até hoje, quando entro no CAC para participar de bancas de TCC, Mestrado, Doutorado e eventos, retorno ao tempo passado e ativo as memórias de minha participação como estudante na UFPE. Que saudades do CAC!

No período de realização de matrícula, já percebi a imensidão do campus da UFPE. Tive que fazer deslocamentos imensos, sempre a pé, entre os diversos setores para finalizar o processo de matrícula em vários setores da Universidade. Naquela época, os(as) ingressantes da Licenciatura de Letras cursavam, também, Educação Física e as aulas eram em outro prédio, bem distante do CAC.

Em minha turma, havia 60 discentes ingressantes, dos quais apenas a metade havia realizado o vestibular para Letras como primeira opção. Muitos(a) foram aprovados(as) em Letras, mas a primeira opção estava voltada para outros cursos, como, por exemplo, Publicidade, Comunicação Social, Biblioteconomia e outros. Naquela época, o(a) estudante poderia indicar várias opções quando realizava a inscrição para o vestibular, podendo ser aprovado(a) em outros cursos. E, foi assim, o início da minha história como discente na UFPE.

Nas primeiras aulas da graduação, já me encantei pelos estudos literários, com destaque para a Teoria Literária. Lembro-me, ainda, da primeira aula que assisti na UFPE, uma aula de Teoria Literária, da querida professora Amara Cristina de Barros e Silva Botelho. A sala de aula estava lotada de estudantes, todos(as) ansiosos(as) para conhecer as disciplinas do curso de Letras. Professora Cristina já despertava o prazer da leitura literária e a necessidade de ampliarmos nossos estudos no campo da Teoria Literária. Além do encantamento pela Literatura e pelos estudos literários, também gostava muito das abordagens da Linguística. Na Universidade, comecei a ter contato com uma vasta bibliografia sobre estudos da linguagem, inaugurando a minha imersão no universo das Letras. O curso exigia uma bagagem de conhecimento e um ritmo acelerado de leituras e produções textuais, com experiências fundamentais para consolidar a minha trajetória como discente no Curso de Licenciatura em Letras.

Assim que ingressei na Universidade, por meio dos trabalhos em grupo, tive a oportunidade de conhecer meu esposo, o qual me acompanha até hoje no universo das Letras. Apaixonados pela Literatura e “românticos”, eu e André participamos juntos de projetos de Literatura e começamos a compartilhar nossa paixão pelo mundo dos livros, a qual perdura até hoje nessa caminhada. Por meio da paixão pela Literatura e de uma amizade inicial, começamos a construir juntos a nossa história. Então, casamos, em 1995, e temos, hoje também apaixonada pela linguagem, sobretudo, pela área de Língua Inglesa. Estamos juntos desde 1990, com 34 anos de história, sendo 29 anos de casamento.

Retornando à Universidade, nas interações com os(as) colegas e docentes e pesquisadores(as), fui percebendo que estava no caminho certo rumo à docência na Educação Básica. Os componentes curriculares de base foram importantes em meu processo de formação docente inicial, embora, após algum tempo, pude perceber certo

distanciamento nas articulações entre teoria e prática. Quando cursei as disciplinas pedagógicas no Centro de Educação - CE - UFPE, percebi, mais adiante, que o diálogo entre os componentes curriculares dos conhecimentos específicos e aqueles de natureza pedagógica merecia ser ampliado.

Na UFPE, os componentes curriculares de estudos linguísticos e literários eram ministrados por docentes do Centro de Artes e Comunicação. O Centro de Educação ficava com a responsabilidade de ofertar os componentes de caráter didático-pedagógico. Essa divisão física nos espaços formativos dos centros (Artes e Comunicação/CAC – Educação/CE) gerava um distanciamento entre teoria e prática, ou seja, uma fragilidade em meu processo formativo que consegui perceber apenas nos processos de Estágio Supervisionado Obrigatório – ESO, momento em que tive contato com a realidade da escola pública da Educação Básica.

Em 1990, a Licenciatura em Letras - UFPE funcionava no antigo esquema curricular das licenciaturas, conhecido como 3+1, ou seja, três anos com a oferta de componentes curriculares de conhecimentos específicos sobre estudos linguísticos e literários, em articulação com a formação do Bacharelado, e, apenas, um ano com a oferta de disciplinas no Centro de Educação, com foco nas dimensões pedagógicas para a formação de professores(as), como práticas de ensino, metodologias de ensino e ESO. Certamente, essa organização curricular parece priorizar os estudos do Bacharelado, cabendo à Licenciatura, apenas, a inclusão de disciplinas pedagógicas complementares, no último ano do curso, a fim de instrumentalizar os(as) licenciandos(as) para o futuro exercício do magistério. Nesse sentido, concordo com Gatti (2014), quando afirma:

Os cursos de licenciatura mostram-se estanques entre si e, também, segregam a formação na área específica dos conhecimentos pedagógicos, dedicando parte exígua de seu currículo às práticas profissionais docentes, às questões da escola, da didática e da aprendizagem escolar (Gatti, 2014, p. 39).

Nesse desenho curricular do esquema 3+1, confundem-se a Licenciatura em Letras, habilitações em Língua Portuguesa, ou ensino de língua materna e línguas estrangeiras (Inglês, Francês, Espanhol) e o Bacharelado em Letras. Optei por cursar a Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa, com uma vasta relação de componentes curriculares, tais como: Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Língua Inglesa, Latim, História da Arte, Cultura Brasileira, Teoria da Literatura, além da formação pedagógica – Didática, Estágio Supervisionado Obrigatório, Metodologias e Práticas Pedagógicas, enfim, uma diversidade imensa para um período de formação curto, apenas quatro anos.

Nessa incursão, rumo à constituição de minha discência na UFPE, não poderei deixar de comentar sobre o papel da pesquisa em minha formação como estudante de graduação. O meu processo formativo inicial começou a se consolidar quando tive a oportunidade de participar do Programa PIBIC, na UFPE, momento em que a pesquisa científica entrou, de fato, em minha vida acadêmica.

## 2.2.4 Participação na Iniciação Científica da UFPE: a imersão na pesquisa

Quando cursava o terceiro período da graduação em Letras/UFPE, fui selecionada para participar de um grande projeto na área de Linguística, tendo, como orientador, o saudoso professor Dr. Luiz Antônio Marcuschi. Tive o prazer de ser orientanda de Iniciação Científica do professor Marcuschi, um pesquisador com larga experiência acadêmica e profissional que me fez perceber a importância da produção científica no meio acadêmico. Naquele momento da seleção dos(as) bolsistas, cada discente tinha que entregar seu currículo para avaliação e os(as) professores(as) olhavam, também, o histórico escolar. Nesse período, ano de 1991, ainda não existia a plataforma do Currículo Lattes do CNPq, a qual é lançada aproximadamente em 1999. Ainda lembro quando entreguei meu currículo ao professor Marcuschi, uma simples página, sem muitas experiências descritas. Marcuschi olhou rapidamente e disse: “*daqui a 10 anos seu currículo terá, no mínimo, 10 páginas*”. Nunca esqueci dessa frase, compreendi como um incentivo para buscar aprimorar meu currículo com as atividades acadêmicas que estava iniciando naquele momento. Marcuschi continua sendo um ícone no campo dos estudos da linguagem, devido à atualidade de seu pensamento e das publicações que conquistaram pesquisadores e leitores dentro e fora do Brasil.

Sob orientação do professor Marcuschi, ingressei na Iniciação Científica - IC, em março de 1991, e fiquei até fevereiro de 1993, com bolsa de IC do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq nos dois anos de PIBIC (1991 a 1993) e mais um ano com bolsa CNPq de aperfeiçoamento, após a conclusão da graduação (1993 a 1994). Nesse período, assim que recebi a minha primeira bolsa PIBIC já comecei a economizar para comprar um computador. Naquela época, o acesso a computadores não era tão simples. Quando comecei a trabalhar no projeto PIBIC, tive acesso aos computadores e recursos da sala do professor Marcuschi, mas eu precisava investir em tecnologias para apoiar meus estudos. O projeto integrado na área de Linguística tinha como título geral “*Fala e escrita: características e usos*”. A pesquisa era financiada pelo CNPq, sob Coordenação da professora Dra. Judith Hoffnagel e do professor Dr. Luiz Antônio Marcuschi, e contava com a participação de 14 bolsistas de Iniciação Científica e outros 15 participantes - mestrandos(as) ou doutorandos(as).

O projeto era desenvolvido em articulação ao Grupo de Pesquisa NELFE - *Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e da Escrita*, no Departamento de Letras da UFPE. Atuei no subprojeto intitulado: “*Continuidade e descontinuidade da fala na interação verbal face a face: o caso da hesitação*”. O projeto global envolvia discentes de graduação, de aperfeiçoamento e de pós-graduação, os quais desenvolviam suas pesquisas em conformidade com o subprojeto no qual estavam vinculados.

O projeto de pesquisa global e os subprojetos dos(as) estudantes de Iniciação Científica estavam articulados ao NELFE e ao NURC - Norma Urbana Culta, pesquisa acadêmica brasileira, que tem como foco cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, com estudos sobre oralidade. Na UFPE, havia o núcleo do NURC, com a participação da professora Maria da Piedade Moreira de Sá, minha querida e saudosa orientadora no Mestrado e no Doutorado. O objetivo do NURC era coletar, sistematicamente, material para a análise da linguagem oral culta do português brasileiro em seus diversos níveis (fonológicos, lexicais, morfológico, sintáticos, discursivos e textuais).



Naquela época, ainda existiam o gravador e a fita cassete, amigo(a) leitor(a). Você conhece essas tecnologias de última geração? Como pesquisadores(as) trabalhávamos com processos contínuos de transcrição de falas, utilizando a Análise Conversacional como base teórico-metodológica para fundamentar as pesquisas. O trabalho era imenso e demorávamos horas e horas em processos de transcrição de falas, pesquisando recursos da oralidade na organização textual dos discursos produzidos.

Como já afirmei, atuei no projeto do professor Marcuschi, como bolsista de Iniciação Científica do CNPq, durante dois anos e, como bolsista de Aperfeiçoamento do CNPq, no período de um ano. Creio que nem existe mais esse tipo de bolsa de Aperfeiçoamento concedida para graduados(as) na área que estavam ligados anteriormente a projetos de Iniciação Científica. Ainda me lembro dessa bolsa de Aperfeiçoamento, são muitas histórias, leitor(a).

No projeto do professor Marcuschi, éramos três bolsistas PIBIC e, após a conclusão da graduação, seriam destinadas apenas duas bolsas de Aperfeiçoamento para dar continuidade às ações da pesquisa. Como eu era apaixonada por Literatura, uma das “colegas” bolsistas foi narrar ao professor Marcuschi essa minha “paixão” pelos estudos literários e já afirmava que a bolsa deveria ficar com ela, visto que estaria, posteriormente, ingressando no Mestrado em Linguística. Imagine só, leitor(a), o que uma bolsa pode fazer com as pessoas, não é mesmo?

Professor Marcuschi agendou uma reunião, contou a conversa que teve com a outra bolsista e perguntou o que eu achava da situação. Serena e tranquila, como sempre sou/fui, reafirmei que gostava da Linguística e do trabalho que estava realizando no projeto, mas sempre fui apaixonada pela Literatura e iria realizar a inscrição no Mestrado em Teoria da Literatura, na UFPE, após concluir a Especialização em Literatura Brasileira que já estava fazendo. Afirmo que meu projeto de ingresso no Mestrado apresentava caráter interdisciplinar, buscando conexões entre a Literatura e Linguística. O objetivo de minha pesquisa para o Mestrado era trabalhar com o romance *Espaço Terrestre*, do autor pernambucano Gilvan Lemos, considerando a abordagem cronotópica da linguagem, nos termos bakhtinianos.

Disse, ainda, que o professor Marcuschi, como coordenador do projeto global na área de Linguística, deveria avaliar as ações de cada bolsista, a dedicação ao projeto, os relatórios e as produções científicas de cada discente para verificar, de modo justo, a alocação das bolsas, tendo em vista o mérito e a produção de cada orientanda. Ouvindo atentamente o que eu falava, o professor Marcuschi elogiou a minha postura e perguntou se eu desejava obter uma carta de apresentação assinada por ele para a inscrição no Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado em Teoria da Literatura. Afirmou, ainda, que, certamente, minhas travessias na pesquisa iriam continuar, enquanto, provavelmente, pela postura pouco ética da “colega”, a jornada dela não iria prosperar. Aprendi muito com essa posição ética do professor, naquele momento um grande educador, que foi justo, atento e soube ouvir uma orientanda que estava apenas colocando sua opinião, de modo sincero, sobre suas travessias iniciais na pesquisa científica.

Como era apaixonada pela Literatura, também tive a oportunidade de participar, como voluntária, no período de 1993 a 1994, do Projeto de Literatura: “*O conto produzido em Pernambuco*”, sob coordenação da querida professora Amara Cristina de Barros e Silva



Botelho, projeto de Iniciação Científica - UFPE. Neste projeto, conheci a produção literária de vários contistas pernambucanos e tive contato com a obra do autor Gilvan Lemos, o qual foi fundamental em minhas pesquisas no Mestrado e no Doutorado. A querida Cristina Botelho teve, também, papel muito importante em minha formação acadêmica e profissional, ainda lembro de suas primeiras aulas de Teoria Literária, na UFPE. Cristina era a professora da disciplina e ministrava aulas para as turmas ingressantes na Licenciatura em Letras da UFPE. Sempre mostrava, em suas aulas, as possibilidades de estudos e pesquisas no campo da Literatura.

E, assim, desde o início de minha graduação, a Linguística e a Literatura caminharam juntas, de mãos dadas, despertando minha curiosidade para a pesquisa científica. Sem dúvida, a Linguística e a Literatura guiaram meu processo formativo inicial, o qual seria, futuramente, consolidado em pesquisas e trabalhos nessas duas áreas de abrangência. Já está cansado(a), estimado(a) leitor(a)? Se não estiver, pode continuar a leitura para conhecer as minhas experiências no Estágio Supervisionado Obrigatório - ESO. Que tal iniciar a leitura da próxima seção?

### 2.2.5 O Estágio Supervisionado em escola pública: a docência na prática

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.

Paulo Freire

Não poderia deixar de mencionar, neste Memorial, a importância do Estágio Supervisionado Obrigatório - ESO em minha formação acadêmica no período da graduação. Iniciei o ESO no Colégio de Aplicação da UFPE, com estágio de observação em aulas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, posteriormente, com a regência em aulas da antiga 5ª série (hoje seria o 6º ano do Ensino Fundamental). Durante o estágio de observação, comecei a perceber que não gostaria de realizar todo o período de regência naquele cenário. O Colégio de Aplicação – Cap/UFPE é uma escola de referência, com discentes que ingressam após processo seletivo rigoroso, com uma concorrência assustadora. Naquela época, alguns docentes do CAP ministravam suas aulas como se estivessem fora dos muros do Colégio e já entrando no campus da UFPE.

Após esse contexto de observação, pedi à professora de ESO, a querida Myrtha Magalhães de Carvalho, que, se fosse possível, eu gostaria de realizar a regência em outra escola. Sem compreender, Myrtha logo me questionou: *“Ivanda, por que você não deseja realizar a sua regência aqui, no Colégio de Aplicação da UFPE?”* Parei, pensei um pouco e logo respondi: *“eu gostaria de vivenciar a regência em uma escola pública mais próxima da realidade que irei enfrentar quando estiver na condição de docente da Educação Básica. O Colégio de Aplicação é uma escola de referência bem diferente do cenário que irei vivenciar na prática, no chão da escola pública da rede estadual de Pernambuco, por exemplo”*. A professora olhou para mim, reflexiva, e logo aceitou, indicando a escola na qual eu poderia atuar.

Myrtha Carvalho conhecia a equipe de docentes da Escola Estadual Marcelino Champagnat e a diretora Eliane Capela que, na época, atuava na gestão da referida escola. Foi aí que tudo começou, querido(a) leitor(a), ou seja, comecei a ser professora, de fato, na

escola pública estadual Marcelino Champagnat, localizada em Tejipió, Recife - PE. Nessa escola, tive a oportunidade de trabalhar com turmas do 1º, 2º e 3º anos do Normal Médio, antigo Magistério, no turno noturno. Conheci professores(as) muito competentes que atuavam na escola e aprendi bastante com todos(as) em um ambiente acolhedor e familiar.

Realizei o ESO de Língua Portuguesa/Literatura na Escola Marcelino Champagnat e o ESO de Língua Inglesa no Cap/UFPE, este com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, a antiga 5ª série. Tentei diversificar minhas experiências formativas e, neste período, já buscava me especializar mais na área de Língua Portuguesa/Literatura. Aqui, irei destacar mais minhas experiências formativas no campo de Língua Portuguesa/Literatura, as quais foram essenciais em minhas travessias futuras como professora pesquisadora. Durante o dia, estudava e finalizava as atividades das disciplinas da graduação, na UFPE, e, à noite, seguia o turno para as aulas no campo do ESO, na Escola Marcelino Champagnat. Logo percebi a dura realidade da escola pública e o papel do(a) docente como agente de transformação social. Sem livros didáticos, sem muitos recursos, e ainda na época do giz, comecei a driblar as *“pedras no meio do caminho”*, como diria Drummond, e fui me reinventando para, também, reinventar tudo o que eu estava aprendendo, ainda, na Universidade.

A Escola Marcelino Champagnat localiza-se na Rua Rivadávia Guerra, 55, uma rua sem saída, perto da Estação de Metrô de Tejipió. Na década de 1990, a escola ofertava o antigo Normal Médio, com turmas de 1º, 2º e 3º anos. Quando ingressei na escola para realizar o ESO, havia uma infinidade de turmas, das letras A até G, nos turnos tarde e noite. As turmas do Normal Médio eram constituídas, predominantemente, pelo público feminino que buscava, na escola, uma oportunidade de profissionalização para o exercício da docência nos anos iniciais da Educação Básica. Conheci uma diversidade de educandas, jovens mulheres fortes, algumas oprimidas pelos maridos, namorados, companheiros, pelas sogras, enfim, estudantes que enfrentavam os desafios de estudar à noite, mesmo, muitas vezes, sem o apoio de suas famílias.

Diversas estudantes eram mães solo, outras donas de casa e dependiam financeiramente de suas famílias, tinham dificuldades de acesso à escola. A evasão era grande e, como docente, ainda em formação inicial na Licenciatura, buscava apoiar essas *“guerreiras”* que travavam suas lutas diárias rumo aos desafios de uma educação transformadora. Lembro-me da narrativa de uma aluna que caminhava do Curado IV até o bairro de Tejipió para assistir às aulas. Outra discente que ia assistir às aulas, mas sem o apoio do marido. Este fiscalizava até os cadernos da esposa para conferir se ela estava mesmo indo à escola.

No início de minhas travessias no exercício da docência, tentava articular aulas de Língua Portuguesa e Literatura, fugindo de abordagens tradicionais que privilegiavam a gramática pela gramática ou o texto literário como pretexto para ensino de outras questões, as quais não davam conta da fruição estética e do caráter emancipador da leitura literária. Desse modo, buscava trabalhar com a diversidade de textos, gêneros e eventos de letramentos, no sentido de ampliar a compreensão dos(as) discentes sobre o potencial transformador das práticas de linguagem. Eu tentava produzir meu próprio material didático, com fichas e seleção de textos para trabalhar na sala de aula, além do apoio do acervo da biblioteca da escola. Gostava de organizar fichas didáticas, com tópicos de estudos, seleções

de textos e pontos para reflexões. Estas fichas didáticas orientavam minha prática pedagógica e apoiavam as interações com as discentes durante as aulas.

Naquele período de realização do ESO, entre 1992 a 1993, a referida escola ainda não contava com livros didáticos para apoiar o trabalho docente. Nesse contexto, ainda não havia o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), programa voltado à distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias nas redes públicas de ensino do Brasil. Por meio do PNLD, as escolas participantes do programa recebem os materiais, selecionados pelo Ministério da Educação, de forma regular e gratuita. No ano de 1996, conforme informações disponíveis no *site* do Fundo Nacional de Educação – FNDE: <sup>24</sup>

É iniciado o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD, sendo publicado o primeiro “Guia de Livros Didáticos” de 1ª a 4ª série. Os livros foram avaliados pelo MEC conforme critérios previamente discutidos. Esse procedimento foi aperfeiçoado, sendo aplicado até hoje. Os livros que apresentam erros conceituais, indução a erros, desatualização, preconceito ou discriminação de qualquer tipo são excluídos do Guia do Livro Didático (Brasil, *site* FNDE, *on-line*).

Desse modo, no período em que atuei no ESO em escola pública, os(as) professores(as) não tinham o apoio de livros didáticos. Era preciso usar a criatividade para organizar suas aulas. De certo modo, acredito que a liberdade criativa do(a) professor(a) era até maior, pois não se usava o livro didático como “muleta”, as aulas se transformavam em espaços mais ricos de reflexões, a depender das mediações docentes nas interações com os estudantes.

Um belo dia, durante a aula de Língua Portuguesa na escola estadual Marcelino Champagnat, uma estudante perguntou: “*professora, quando é que a senhora vai dar aula de Português, tipo gramática?*”. Na hora, imagine, amigo(a) leitor(a), “congelei”. Respirei fundo... e comecei a conversar com a turma, explicando minha concepção de Língua Portuguesa e minhas estratégias didáticas para abordar as práticas de linguagem em sala de aula. Outra vez, uma discente pediu que eu copiasse os textos no quadro, pois ela precisava preencher o seu caderno. Quando ela retornava à casa, o marido e a sogra iriam “fiscalizar” o caderno para confirmar se ela tinha ido à escola mesmo. Foram tantos relatos que, certamente, dariam um bom livro, com as narrativas dessas queridas estudantes que tentavam superar tantos desafios.

Acompanhei alguns relatos pessoais das educandas, vítimas de agressões físicas e psicológicas dos maridos e companheiros que não apoiavam os estudos dessas mulheres vítimas de tantos processos de exclusão. Ouvi relatos tristes dessas guerreiras que tentavam vencer os desafios da dura realidade e buscavam o potencial transformador da educação, como forma de emancipação e de libertação (Freire, 2020b).

Fui, aos poucos, aprendendo a aprender com aquela realidade e percebi que precisava me aproximar, cada vez mais, das discentes, reconhecendo os princípios da Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire, como, por exemplo, as ideias de que “*ensinar exige disponibilidade ao diálogo*” e “*não há docência sem discência*” (Freire, 2020a). Naquela

---

<sup>24</sup> Breve histórico do PNLD está disponível no *site* do FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-do-livro/pnld/historico>

escola, percebi o poder transformador da educação para mulheres que lutavam pelo empoderamento feminino, embora os entraves e as pressões externas, além da opressão de uma cultura machista/patriarcal ainda ecoassem fortemente naquele cenário de luta por espaços de aprendizagem. As vozes daquelas educandas, mulheres guerreiras, precisavam ecoar e compreendi que, como já bem afirmou Bell Hooks (2013):

Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela (Hooks, 2013, p. 22).

As contribuições teóricas de Freire (2020a; 2020b) e Hooks (2013) nos permitem pensar a educação em uma perspectiva de classe, raça e gênero, no sentido de uma tomada de consciência e, ao mesmo tempo, construção de subjetividade e linguagem de uma diversidade antes desconsiderada pela economia de saberes. O chão da escola pública foi/é fundamental para minha afirmação como docente comprometida com a educação como forma de emancipação, como prática da liberdade, em diálogo com os preceitos freireanos e de Hooks (2013).

E, então, leitor(a), ainda está com fôlego para acompanhar a minha história? O que acha de conhecer um pouco o episódio sobre a láurea universitária? Estamos já quase no finalzinho do relato sobre a minha trajetória na graduação. Prometo, mais uma vez, que serei breve. Vamos lá?

### 2.2.6 A láurea universitária: “*não sei, só sei que foi assim...*”

Renda-se, como eu me rendi.  
Mergulhe no que você não conhece  
como eu mergulhei.  
Não se preocupe em entender,  
viver ultrapassa qualquer entendimento.

Clarice Lispector

Após a trajetória na graduação, fui premiada com a Láurea Universitária pelo desempenho acadêmico de destaque na turma de formandos(as) do segundo semestre de 1993. Para minha surpresa, fiquei sabendo da láurea na fila dos(as) formandos(as), a caminho da cerimônia da colação de grau, quando fui abordada pela equipe organizadora da colação de grau da turma.

Uma lembrança que ainda tenho é o professor Marcuschi, paraninfo da turma, dizendo: “*Não sabia que você seria a aluna laureada. Por que não me contou?*” Muito feliz e surpresa, disse rapidamente: “*Professor, eu também não sabia, só fiquei sabendo agora na entrada da cerimônia. Gratidão pelo seu apoio nesta jornada, viu? Esta vitória também é sua*”. Essa memória foi registrada em foto da minha colação de grau, em 1993, conforme a **Figura 24**.

**Figura 24:** Colação de grau, conclusão da Licenciatura em Letras (UFPE), ano de 1993, UFPE.



Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi cumprimentando-me pela conquista da Láurea Universitária.

Professor Marcuschi sempre se preocupava muito com os(as) discentes e, certamente, acompanhar aquele momento deve ter sido gratificante por ter orientado meus percursos na Iniciação Científica. Ainda me lembro de seu sorriso, sempre muito alegre e simpático. As vozes do passado ainda ressoam em minha memória até hoje. O episódio da láurea me pegou de surpresa e, como diria Chicó, em *O Auto da Compadecida*, “*não sei, só sei que foi assim...*”. E, foi assim, que aconteceu o episódio da aluna laureada na turma de Letras.

Destaco outras fotos históricas da minha colação de grau, ao lado dos professores José Rodrigues de Paiva e Luiz Antônio Marcuschi (**Figura 25**), homenageados em minha colação de grau, ano 1993, na conclusão da Licenciatura em Letras – UFPE. Professor José Rodrigues ministrava aulas de Literatura Portuguesa, também foi muito importante em minhas travessias formativas. Valiosas aprendizagens construídas com as leituras das cantigas trovadorescas e as interpretações da obra *Os Lusíadas*. Guardo, ainda hoje, belas memórias dessas ricas aulas de Literatura Portuguesa. Sempre com muita dedicação e paciência, o professor José Rodrigues mostrava a importância de ampliarmos nosso repertório de leituras literárias.

**Figura 25:** Professores homenageados – Colação de grau (1993) - UFPE



José Rodrigues de Paiva (professor homenageado) e Luiz Antônio Marcuschi (paraninfo e professor homenageado) em minha colação de grau, ano 1993, UFPE. Acervo da autora (2024).



A seguir outra foto histórica (**Figura 26**), agora da colação de grau de André Augusto, meu esposo, ao lado do professor Luiz Antônio Marcuschi, com a presença do saudoso escritor Ariano Suassuna, o paraninfo da turma de 1994, ao lado do professor e pesquisador Lucilo Varejão; eu, ao lado de André e da professora Marígia Viana. Já pensou, amigo(a) leitor(a), que honra tirar essa foto com esses professores renomados?

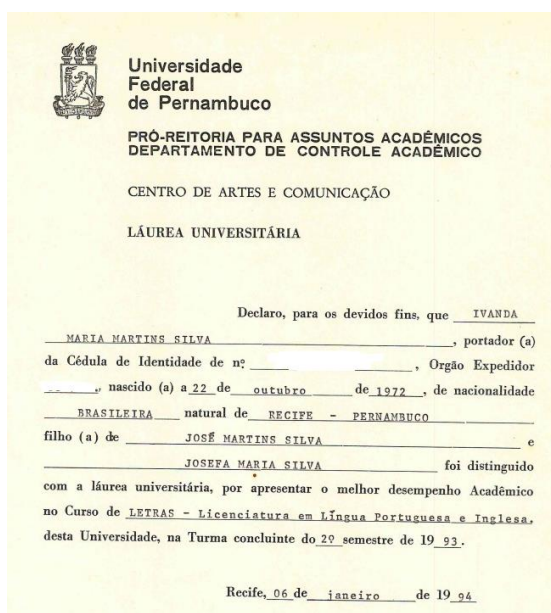
**Figura 26:** Colação de grau de André Augusto Barbosa (meu esposo) – UFPE (ano 1994).



Da esquerda para a direita: professor e escritor Lucilo Varejão, o escritor e professor Ariano Suassuna (paraninfo da turma de Letras - ano 1994), professor Luiz Antonio Marcuschi, André Augusto (meu esposo), eu (Ivanda) e a professora Marígia Viana. Acervo da autora (2024).

Volto ao episódio da minha colação de grau com a indicação da Láurea Universitária (**Figura 27**). A Láurea representou, para mim, todas as conquistas ao longo da graduação, a superação dos desafios, a aprendizagem contínua, as trocas de experiências e leituras com os colegas de turma, as interações com os(as) professores(as), enfim, todo o percurso acadêmico vivenciado e coroado com a conquista de uma premiação simbólica, muito significativa, em minha trajetória acadêmica. A **Figura 27** mostra o documento da Láurea Universitária.

**Figura 27:** A Láurea Universitária: graduação em Letras- UFPE.



Fonte: Acervo da autora (2024).



Passado o episódio da Láurea Universitária e após algum tempo na docência da Educação Básica, percebi que tinha que voltar à Universidade e continuar estudando, agora, no contexto da pós-graduação. Estabeleci um laço forte com a Universidade e conseguia sentir a vida acadêmica pulsando e me incitando a continuar os estudos. Até hoje guardo lembranças imensas do Centro de Artes e Comunicação - CAC, com as exposições artísticas, fotográficas, as apresentações culturais, musicais, os eventos, o movimento intenso, vivo, de pessoas circulando, a poesia em cada canto dos espaços.... ah... como o tempo passa rápido... Iniciemos, pois, amigo(a) leitor(a) novos percursos rumo às narrativas sobre minha formação acadêmica na pós-graduação. Vamos lá?

## 2.3 NARRATIVAS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA PÓS-GRADUAÇÃO

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando.

Paulo Freire

As palavras de Paulo Freire reforçam as conexões dialógicas entre ensino e pesquisa nas trajetórias formativas dos(as) educadores(as). A busca, a (re)procura, o (re)fazer-se são movimentos contínuos que orientaram, e continuam orientando, meus percursos na consolidação de minha identidade como docente pesquisadora. Seguindo o movimento do rio da vida e trilhando as veredas longínquas da longa travessia, vamos mergulhar nas experiências vividas no contexto da pós-graduação. Das experiências na Especialização, até os rumos em direção ao Mestrado e ao Doutorado, sempre percebi os fios dialógicos entre as contínuas aprendizagens da discência e da docência e suas influências em minha trajetória acadêmica.

### 2.3.1 Especialização: percursos na pós-graduação *lato sensu*

Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.

Rubem Alves

“*Eu quero desaprender para aprender de novo*”, essas sábias palavras de Rubem Alves revelam a essência dos processos de transformação dos fluxos cíclicos e contínuos entre ensinar-aprender-(re)aprender-(re)ensinar. Considerando os desafios da formação inicial na Licenciatura em Letras, percebi, de perto, a necessidade de “*desaprender*” para continuar aprendendo e fortalecer a minha construção da identidade docente. Nesse sentido, logo após o término da graduação, em março de 1994, ingressei no Curso de Especialização em Literatura Brasileira, ofertado pela UFPE. Tive contato com vários docentes maravilhosos, como: Irandé Antunes, Aldo Lima, Amara Cristina Botelho, Maria da Piedade Moreira de Sá, Ivaldo Bittencourt, Maria Nilda Miranda Pessoa, e outros que atuavam na graduação e na pós-graduação da UFPE. Meu interesse pela Literatura ficava cada dia mais forte e, após um ano cursando a Especialização, decidi tentar a seleção do Mestrado em Teoria da Literatura, na UFPE.

O Curso de Especialização teve duração de 18 meses, com o total de 405 horas, sendo finalizado em junho de 1995. A proposta do curso teve a parceria da Prefeitura da Cidade do Recife - PCR e contou com a participação de docentes da PCR na composição da turma da Especialização. Neste espaço, comecei a dialogar com outros(as) professores(as) e iniciei o processo de investir em minha autoformação profissional como docente, ainda mais curiosa e aberta sobre conhecimentos construídos na Universidade e às demandas pedagógicas da prática docente na Educação Básica.

Além deste Curso de Especialização em Literatura Brasileira, no período de 2010 a 2011, tive a oportunidade de participar do *V Curso em Educação Continuada a Distância*, ofertado, na modalidade a distância, pela Universidade de Brasília, UnB. Desenvolvi a pesquisa intitulada “*Gênero discursivo mediacional: diálogos com a produção de materiais didáticos para Educação a Distância*”, sob orientação do professor Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa, da Universidade de Brasília (UnB). O objetivo principal deste trabalho foi analisar as características do gênero discursivo mediacional em materiais didáticos impressos utilizados nos cursos de graduação da UAB/UFRPE, compreendendo-se características dialógicas de linguagem nos processos de interação entre professores autores e discentes no cenário da EAD. No *V Curso de Especialização em Educação Continuada a Distância da UnB*, tive contato com professores(as) da Educação Básica e pesquisadores(as) que participaram do Programa da Universidade Aberta do Brasil - UAB.

As trocas de experiências nos ambientes virtuais de aprendizagem foram imensas e aprendi um pouco mais sobre a modalidade EAD, tão importante para democratizar o acesso a processos de ensino e aprendizagem mediados pelas tecnologias digitais no Brasil. Este curso contemplou a formação de profissionais, tais como: tutores(as), professores(as) autores(as), mediadores(as) pedagógicos(as), coordenações de cursos, de tutoria, de polos, além de outros atores que atuavam na UAB em diferentes instituições de Ensino Superior localizadas em diversas regiões do Brasil. Fui a única representante da UFRPE neste Curso de Especialização e tive a oportunidade de conhecer as linhas de pesquisas dos(as) professores(as) da UnB, com vasta experiência, quanto à modalidade EAD.

Como este Memorial não segue a linearidade temporal, visto que representa minhas lembranças ao estilo machadiano, com recuos e avanços no tempo, amigo(a) leitor(a), vamos voltar um pouco à década de 1990, ainda retomando as narrativas quanto à minha participação no *Curso de Especialização em Literatura Brasileira*, a fim de fazer a imersão nos domínios temporais de meu ingresso no Mestrado.

### **2.3.2 Mestrado: novas trilhas na pós-graduação**

O passado é que veio até mim, como uma nuvem,  
vem para ser reconhecido; apenas não estou  
sabendo decifrá-lo.

Grande Sertão: Veredas - Guimarães Rosa

Antes de finalizar o *Curso de Especialização em Literatura Brasileira*, na UFPE, ainda em 1994, fiz seleção para ingressar no Mestrado em Teoria da Literatura na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Na banca de seleção, composta por docentes do Programa de Pós-Graduação em Letras, já percebi que entrava em um cenário acadêmico marcado pela concorrência e pela experiência profissional. Consegui a aprovação no Mestrado e

iniciei meus percursos na pesquisa científica, sob a orientação da querida professora Dra. Maria da Piedade Moreira de Sá, carinhosamente chamada por todos(as) de “Pia”. Tive a honra de ser orientanda de Pia e aprendi muito com seus ensinamentos, os quais trago para minha vida até hoje.

Passei o primeiro semestre de 1995 cursando as disciplinas do Mestrado, no turno da manhã, e continuava com as disciplinas da Especialização, no turno da tarde. Naquele período, eu passava o dia todo na UFPE, entre as salas de aula, as bibliotecas (do CAC e a BC- Biblioteca Central) e a sala do NURC, onde Pia realizava as reuniões de orientação. Preferi não desistir da Especialização e finalizei o curso, mesmo com as demandas do Mestrado. Segui esse percurso sem muita aprovação de minha orientadora, que, pela vasta experiência, já percebia que seria difícil conciliar os dois cursos: a Especialização e o Mestrado.

Após a conclusão da Especialização, tentei me dedicar mais ao Mestrado. Naquela época, o Mestrado tinha duração de três anos. Consegui uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e, assim, tive a oportunidade de me dedicar ainda mais. Cursei o Mestrado no período de 1995 a 1997, finalizando os créditos e a escrita da Dissertação em apenas dois anos. Graças às contribuições valiosas da minha orientadora Pia, fui avançando nos estudos, mergulhando no universo da pesquisa científica, com foco em diálogos contínuos entre a Linguística e a Literatura.

Assim que ingressei no Mestrado, iniciei, também, uma nova jornada em minha vida pessoal, casei, em 23 de dezembro de 1995, com André, que já acompanhava as minhas travessias desde o início da graduação. Lembra, leitor(a)? Que tal retornar ao relato do período da graduação para refrescar sua memória? Assim, apaixonei-me pela Literatura e pelo professor de Literatura que já iniciava, também, a sua trajetória docente, no contexto do Ensino Médio, na rede privada de ensino. Sempre ao meu lado, com seu companheirismo, André acompanhou, e ainda acompanha, as minhas travessias acadêmicas, tendo vivenciado, também, os contínuos desafios da docência no campo da Literatura.

Assim que me casei e ingressei no Mestrado, minha orientadora, a querida e saudosa Pia, alertou-me sobre as dificuldades de conciliar os trabalhos e as pesquisas na pós-graduação *stricto sensu*. Pia era uma verdadeira mãe para seus/suas orientandos(as), sempre muito amiga e solidária em todos os momentos. Creio que Pia ficou com receio de eu desistir do Mestrado, ou não conseguir “dar conta” de todas as experiências que a vida acadêmica apresentava.

Ainda me lembro, na banca de defesa pública da Dissertação de Mestrado, os elogios de Pia sobre a minha dedicação à pesquisa e como eu havia conseguido finalizar o curso antes do prazo, com apenas dois anos de dedicação à pesquisa. Um detalhe, eu era bolsista do Mestrado naquela época. Só consegui a bolsa graças ao apoio dos professores Luiz Antônio Marcuschi e Ivaldo Bittencourt. Era muito limitada a quantidade de bolsas na área de Teoria da Literatura, na qual eu atuava. Esses professores, um da Linguística e o outro da Teoria da Literatura, uniram-se para buscar aumentar a captação de bolsas e fui contemplada. Sem a bolsa, provavelmente, eu teria desistido do Mestrado, pois naquela época me dedicava inteiramente aos estudos. Nesse cenário, mergulhei no Mestrado, nas pesquisas e, em 1997, tive o prazer de defender a dissertação intitulada “*O cronotopo na obra Espaço Terrestre: o diálogo tempo-espaco como princípio organizador da narrativa*”.

A **Figura 28** apresenta o resumo da dissertação de Mestrado, disponível no repositório da UFPE.

**Figura 28:** Resumo da Dissertação de Mestrado – UFPE

**UFPE**  
FEDERAL DE PERNAMBUCO

PARCERIA E PRODUÇÃO

**pipa**  
PRODUÇÃO

PREZADOS AUTORES

Para autorizar a publicação do e-book com sua dissertação ou tese, [clique aqui](#) e [faça o download do termo de autorização](#). Após preenchimento, o termo deverá ser enviado, por fax, para o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. O número do fax do Programa é: (81) 2126-8767. O e-book de sua tese ou dissertação só será publicado neste website após o envio do termo de autorização.

2 DE SETEMBRO DE 1997

**Ivanda Maria Martins Silva**

Postado por Letras Digitais

**O Cronotopo na obra "Espaço Terrestre": o diálogo tempo-espaço como princípio organizador da narrativa**

**Orientação:** Maria da Piedade Moreira de Sá  
**Área de Concentração:** Teoria da Literatura

**Resumo:** A presente pesquisa busca analisar a cronotopia - interação indissociável entre tempo e espaço - no romance Espaço Terrestre, do autor pernambucano Gilvan Lemos. A relação entre os índices espaciais e temporais é estudada numa perspectiva dinâmica que define o cronotopo como espécie de princípio organizador da narrativa. Em Espaço Terrestre, a cronotopia assume capital relevância quando vários níveis espaço-temporais (recife-tempo histórico, cronotopo da estrada, Sulidade / tempo cíclico) apresentam-se dialógicamente relacionados. O diálogo entre os cronotopos evidenciam-se na interação dos planos espaço-temporais que ora se opõem, ora se completam. A cronotopia também organiza a estratificação lingüística (plurilingüismo), na medida em que condiciona as variantes dialetais utilizadas pelas personagens. Por essa razão, a análise fundamenta-se nas concepções de Bakhtin (1992 e 1993) sobre cronotopia, dialoizismo e

- + Alan Magalhães Costa (2)
- + Alfredo Adolfo Cordiviola (1)
- + Anco Márcio Tenório Vieira (1)
- + Angela Paiva Dionísio (8)
- + Antonio Carlos dos Santos Xavier (2)
- + Antônio Carlos Secchin (1)
- + Antonio Viana (1)
- + Ariano Suassuna (4)
- + Artur Gomes de Moraes (1)
- + Claudius Armbruster (4)
- + Dermeval da Hora (1)
- + Dília Tavares Luciano (1)
- + Dóris de Arruda Carneiro da Cunha (15)
- + Francisco César Leal (3)
- + Francisco Gomes de Matos (17)
- + Gilda Lins de Araújo (6)
- + Gilza Macedo dos Santos (1)

Fonte: <http://letrasdigitaisufpe.blogspot.com/search?q=ivanda+maria+martins+silva>

Tive a honra de ter, em minha banca de defesa pública de Dissertação de Mestrado, a querida escritora pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira<sup>25</sup>, com sua valiosa leitura sobre a pesquisa realizada e as contribuições para aprimorar o trabalho. Luzilá Ferreira era docente do Programa de Pós-graduação em Letras – PG Letras – UFPE. Na Dissertação de Mestrado, fiz articulações com minhas experiências prévias na graduação, considerando a Iniciação Científica voluntária, sob orientação da professora Amara Cristina Botelho, na área de Literatura, quando tive contato com a produção literária de Gilvan Lemos.

Cursando as disciplinas no Mestrado, conheci a abordagem do pensador russo Mikhail Bakhtin e comecei a fazer conexões com estudos literários e o enfoque bakhtiniano. Amo Bakhtin até hoje, quem estudou comigo já sabe. Cursei disciplinas com a querida Dóris Arruda, professora especialista na obra de Bakhtin, que me ajudou muito nas reflexões teórico-metodológicas sobre a abordagem do pensador russo. Lembro-me bem de outra disciplina cursada no Mestrado, com o saudoso Marcuschi, *Filosofia da Linguagem*. Marcuschi, com toda sua humildade acadêmica, ministrava suas valiosas aulas, uma verdadeira riqueza de conhecimentos que transbordava durante toda a disciplina. Marcuschi fazia de suas aulas verdadeiras conferências de três horas seguidas e todos(as) acompanhavam com muita atenção. Assim, fui cursando disciplinas nas áreas de Literatura e

<sup>25</sup> Luzilá Gonçalves Ferreira é escritora pernambucana de destaque com várias outras publicadas, tais como:

- Muito Além do Corpo (1988).
- A Anti-Poesia de Alberto Caeiro (1990).
- Os Rios Turvos (1993).
- A Garça Malferida (1995).
- Em Busca de Thargélia (1996).
- Humana, Demasiado Humana (2000).
- Voltar a Palermo (2002).
- No Tempo Frágil das Horas (2004).
- O livro *Os Rios Turvos*, que conta a vida romanceada do poeta Bento Teixeira, recebeu o Prêmio Joaquim Nabuco da Academia Brasileira de Letras, concedido a biografias.

Linguística, fazendo conexões que me ajudaram a estreitar os campos da linguagem e dos estudos literários. Todas essas experiências foram valiosas no processo de elaboração da Dissertação de Mestrado, com pesquisa que buscava analisar a cronotopia, um conceito dos estudos bakhtinianos que destaca a interação indissociável entre tempo e espaço, como já comentei, anteriormente, no primeiro capítulo deste Memorial.

No Mestrado, analisei a relação entre os índices espaciais e temporais numa perspectiva dinâmica que definiu o cronotopo como espécie de princípio organizador da narrativa no romance *Espaço Terrestre*, do autor pernambucano Gilvan Lemos. Neste romance, a cronotopia assume capital relevância quando vários níveis espaciais e temporais apresentam-se dialogicamente relacionados. O diálogo entre os cronotopos evidencia-se na interação dos planos espaciais e temporais que, ora se opõem, ora se completam. A cronotopia também organiza a estratificação linguística (plurilinguismo) no romance de Gilvan Lemos, na medida em que condiciona as variantes dialetais utilizadas pelas personagens. Por essa razão, a análise do romance fundamentou-se nas concepções bakhtinianas sobre cronotopia, dialogismo e plurilinguismo, estreitamente ligadas na composição do universo romanesco. O principal objetivo do estudo era mostrar como a cronotopia manifestava-se como fenômeno importante na arquitetura do romance *Espaço Terrestre*, ao estruturar a narrativa, tanto no plano formal, quanto no universo simbólico do campo diegético.

A Dissertação de Mestrado ficou conhecida, na UFPE, e o querido professor Marcus Accioly<sup>26</sup>, poeta saudoso, indicou o trabalho para destaque com voto de louvor do Conselho de Cultura da Cidade do Recife. Fiquei muito feliz com esse reconhecimento da pesquisa que buscava valorizar a literatura pernambucana, por meio da análise da obra de Gilvan Lemos. Tive a honra de ser aluna do professor Marcus Accioly. Ele sempre dizia que era poeta, por profissão, e professor por acaso. Lembro-me, ainda, de suas aulas poéticas, de sua vasta experiência com a poesia, de suas ricas palestras e conferências que transbordavam seu conhecimento e sua paixão pela literatura. A **Figura 29** apresenta o Voto de Louvor, do Conselho de Cultura da Cidade do Recife, para a Dissertação de Mestrado sobre a cronotopia na obra *Espaço Terrestre*, de Gilvan Lemos. O documento foi assinado pelo poeta Marcus Accioly, presidente do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco naquele período.

---

<sup>26</sup> Marcus Accioly, escritor pernambucano com vasta produção literária. Publicou obras diversas: contos, poemas, cordéis, textos dramáticos e outros exemplos de criação literária. A seguir, alguns títulos de obras do autor.

- Cancioneiro (Universitária, 1968).
- Nordestinados (Universitária, 1971).
- Sísifo (Quíron / INL, 1976).
- Poética – Pré-Manifesto ou Anteprojeto do Realismo Épico (Bagaço, 1975).
- Íxion (Tempo Brasileiro, 1978).
- Ó(de)Itabira (José Olympio / INL, 1980).
- Guriatã (Brasil-América, 1980).
- O Jogo dos Bichos (Melhoramentos, 1990).
- Latinoamérica (2001).



**Figura 29:** Voto de Louvor do Conselho de Cultura da Cidade do Recife para a Dissertação de Mestrado



Fonte: Acervo da autora (2024).

O Voto de Louvor destaca a obra de Gilvan Lemos, reconhecida no Brasil por meio da crítica especializada, mas que, certamente, precisava ser estudada nos meios acadêmicos. Naquela época, tínhamos o privilégio de ter, na UFPE, professores(as) que transitavam entre a vida acadêmica e os percursos das experiências literárias, como poetas, cronistas, romancistas, contistas. Assim, tive a honra de conviver com diversos(as) professores(as) e de ser aluna de docentes que atuavam na graduação e na pós-graduação em Letras da UFPE, como, por exemplo: Irandé Antunes, Adair Palácio, Luiz Antônio Marcuschi, Beth Marcuschi, Judith Hoffnagel, Marígia Viana, Maria da Piedade Moreira de Sá, Nelly Carvalho, Luzilá Gonçalves Ferreira, Dóris Cunha, Abuêndia Padilha, Ana Lima, Ângela Dionísio, Marlos Pessoa, Marcus Accioly, Lourival Holanda, Ivaldo Bittencourt, Sebastien Joachim, Antônio Viana, Roland Walter, Francisco Gomes de Matos, e tantos(as) outros(as) professores(as) com seus lindos projetos de Linguística, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Cultura Brasileira, Linguagem e Ensino, como, por exemplo, Amara Cristina Botelho, Livia Suassuna, Aldo Lima, José Ricardo Paes, José Rodrigues de Paiva, César Giusti, Nestor Accioly, Myrtha Carvalho, e tantos(as) outros(as) que fizeram parte da formação de muitos(as) discentes na UFPE. Não consigo citar todos(as) os(as) professores(as) que desenvolviam, e ainda desenvolvem, o exercício da docência na área de Letras da UFPE. Não fui aluna de todos(as) esses(as) professores(as) queridos(as), mas cito aqui o corpo docente que fez o diferencial, e ainda faz, na UFPE, motivando seus/suas discentes na formação inicial em Letras.

Fui aluna de vários(as) queridos(as) professores(as) que tanto me apoiaram em meus percursos formativos rumo à construção de minha(s) identidade(s) docente(s). Que saudades das aulas desses/dessas professores(as) maravilhosos(as)... o tempo passa muito rápido,



amigo(a) leitor(a)... mas deixa muitas marcas inesquecíveis, não é mesmo? Façamos uma pausa para “saborearmos” alguns versos do lindo poema de Marcus Accioly.

**Da prosa e da poesia - Marcus Accioly** <sup>27</sup>

A prosa e a poesia se diferem	
pelo mistério:	pela pintura:
a casa era sem portas e janelas (...)	o seu rosto era branco como o mármore (...)
isto é prosa	isto é prosa
a casa era de vidros e silêncios (...)	o seu rosto era um pássaro de nuvem (...)
isto é poesia	isto é poesia
pela música:	pelo equilíbrio:
era uma vez um eco que dizia (...)	o sol estava vertical no céu (...)
isto é prosa	isto é prosa
era uma vez a vez a vez a vez (...)	o sol caía sobre a própria sombra (...)
isto é poesia	isto é poesia
pela forma:	pelo movimento:
sob a luz apagada ele dormia (...)	a flecha arremessada pelo arco (...)
isto é prosa	isto é prosa
sob o peso da treva era o seu sono (...)	a flecha além do arco era uma asa (...)
isto é poesia	isto é poesia
pelo motivo:	pelo ritmo:
a infância veio visitá-lo um dia (...)	era no dia o sol — na noite a lua (...)
isto é prosa	isto é prosa
a infância acordou-se nos seus olhos (...)	era no sol o sol — na lua a lua (...)
isto é poesia	isto é poesia

Conforme os versos desse lindo poema, em minhas travessias acadêmicas, a Literatura sempre se revelou como “*poesia*”, ou seja, “*a casa que era de vidros e silêncios*”, como “*pássaro de nuvem*”, com o seu “*era uma vez a vez a vez a vez ...*”, como “*o sol que caía sobre a própria sombra*”. A Linguística assumia o lugar da “*prosa*”, sempre complementando minhas travessias poéticas no campo da literatura. Desse modo, no Mestrado, meu contato com a “*poesia*” (Literatura) e a “*prosa*” (Linguística) ficou ainda mais evidente, e, fui, aos poucos, aprofundando os meus conhecimentos já iniciados na graduação e no curso de Especialização em Literatura Brasileira.

---

<sup>27</sup> ACCIOLY, Marcus. Da prosa e da poesia. In: ACCIOLY, Marcus. **Poética: pré-manifesto ou anteprojeto do Realismo Épico (época-épica)**. Recife: Ed. Universitária, 1977. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/11854/da-prosa-e-da-poesia> Acesso em: 10 fev. 2023.

O Mestrado consolidou os meus percursos iniciais na pesquisa desde a graduação, quando tive a oportunidade de participar de projetos de Iniciação Científica nas áreas de Linguística e Literatura. Como já comentei, ainda na graduação, tive contato com a literatura pernambucana e com a produção literária de **Gilvan Lemos**<sup>28</sup>. Tive o prazer de conhecer, pessoalmente, o saudoso autor e, após a conclusão da Dissertação de Mestrado, consegui entregar um exemplar para Gilvan Lemos que transitava pelas ruas do Recife e passava um bom tempo de sua rotina diária na saudosa Livraria Livro 7.

**Figura 30:** O escritor pernambucano Gilvan Lemos



Fonte: <https://homoliteratus.com/noturno-sem-musica-ou-o-werther-pernambucano-de-gilvan-lemos/>

Ainda guardo memórias da Livro 7 (**Figura 31**). Leitor(a), você consegue se lembrar da Livro 7? Essa livraria era ponto de encontro de vários(as) autores(as), poetas, artistas, cineastas que circulavam entre livros e leitores(as). Se você não consegue lembrar da Livro 7, provavelmente, deve ser muito jovem e não viveu esse período de debates culturais em Recife. A Livro 7 destacava-se como polo cultural, onde as pessoas se encontravam e debatiam ideias sobre as potencialidades expressivas da Arte e da Literatura. Mais do que uma simples livraria no bairro da Boa Vista, a Livro 7 era um ponto significativo da cultura do Recife.

---

<sup>28</sup> Gilvan Lemos é um autor pernambucano com vasta produção literária, em torno de 25 livros publicados, entre novelas, romances e contos, além de participação em antologias. Teve várias obras premiadas, com prêmios regionais e nacionais. Muitos de seus livros foram relançados pela Cepe Editora, entre 2012 e 2015, incluindo as obras *Os olhos da treva*, *O anjo do quarto dia*, *Emissários do diabo* e *Jutai menino*. Em sua produção literária, destacam-se, ainda: *A noite dos abraçados* (1975), *Os pardais estão voltando* (1983) e *Morcego cego* (1998). Em minha Tese de Doutorado analisei os contos de Gilvan Lemos.

Tese: SILVA, Ivanda Maria Martins. **Interação texto-leitor na escola: dialogando com os contos de Gilvan Lemos**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7642> versão em capítulos: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7642/1/arquivo8144\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7642/1/arquivo8144_1.pdf)

Figura 31: A livraria Livro 7 – Recife – PE



Fonte: <https://vermelho.org.br/coluna/nos-50-anos-da-livro-7/>

Escritores(as) e artistas circulavam nas ruas do Recife e se encontravam na Livro 7 para trocar ideias e experiências de leituras. Como afirmou o escritor Raimundo Carrero, em publicação no Diário de Pernambuco (<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/opinioao/2020/08/a-livro-7-era-uma-festa.html>), “a Livro 7 era uma festa”, em virtude da reunião de diversos artistas, escritores que compartilhavam ideias e vivências sobre livros e cultura. Que saudades da Livro 7, amigo(a) leitor(a)! Continuei minhas pesquisas sobre a obra do autor pernambucano no Doutorado, buscando estreitar as conexões dialógicas entre a Literatura e a Educação.

### 2.3.3 Doutorado: a formação da docente pesquisadora

A experiência não é nem formadora nem produtora.  
É a reflexão sobre a experiência que pode provocar  
a produção do saber e a formação.

Antônio Nóvoa

Bem mais leve foi a travessia no Doutorado, talvez em função da experiência construída, anteriormente, no Mestrado. Entre o Mestrado e o Doutorado, passei um tempinho tomando fôlego, pois eu estava numa trajetória ininterrupta de estudos desde a graduação. Precisava respirar um pouco e mergulhar na prática docente para conhecer a realidade da educação pública em Pernambuco, fora dos muros da Universidade. Iniciei o Doutorado em 2000 e finalizei no início de 2003, com a banca pública de defesa realizada em 04 de fevereiro de 2003. Naquele contexto, o tempo total para a conclusão do Doutorado era de 4 anos, finalizei antes desse período. A colação de grau do Doutorado foi realizada em 19 de agosto de 2003. Foi um período de muito trabalho no “chão da escola pública”, em faculdades, e muitos estudos, sem o apoio financeiro de bolsa do CNPq.

Olhando com as lentes de hoje, percebo que esta decisão foi muito acertada em minha formação acadêmica e em minhas travessias como docente. Hoje, como professora de uma Universidade Pública, percebo que muitos(as) colegas terminam os seus estudos e conquistam os títulos de Mestrado e Doutorado, porém, muitas vezes, não mergulham nas

experiências da docência na Educação Básica. Desse modo, muitos(as) professores(as), com seus mais variados cursos, títulos e produções científicas, ingressam na Universidade sem a prática do exercício da docência e começam a aprendizagem da docência apenas na Educação Superior.

Creio que a minha experiência na Educação Básica guia os meus passos ainda hoje no Magistério Superior, pois percebo a importância das articulações entre teoria e prática, ensino e pesquisa, docência e discência como trilhas que os(as) educadores(as) precisam percorrer, continuamente, na consolidação de suas identidades docentes. E foi assim, reconhecendo a importância de investir em minha profissionalização docente que prestei concurso, em 1997, para atuar na Educação Básica. Fui aprovada em Concurso Público para a Secretaria Estadual de Pernambuco, para atuar como professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em turmas de 1º, 2º e 3º anos do Normal Médio, o antigo Magistério. A nomeação foi publicada no Diário Oficial do Estado de Pernambuco em 11 de setembro de 1997. Fui nomeada para a função de Professora FSVII- Ensino de 5ª a 8ª série do 1º grau e do 2º grau, da Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco, concurso público homologado pela Portaria-SAD nº 0000195, de 19.02.1997, disponível em:

[http://200.238.101.22/docreader/DocReaderMobile.aspx?bib=DO\\_199709&pesq=Ivanda%20Maria%20Martins%20Silva](http://200.238.101.22/docreader/DocReaderMobile.aspx?bib=DO_199709&pesq=Ivanda%20Maria%20Martins%20Silva)

Naquela época, eu havia realizado concurso para a área de educação na Prefeitura da Cidade do Recife – PCR, e, também, fui aprovada. No entanto, preferi atuar como docente na rede estadual de ensino, em virtude de minhas experiências formativas no Estágio Supervisionado Obrigatório - ESO, além de questões salariais mais atrativas para o(a) professor(a) que atuava na Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco naquele cenário. Desse modo, iniciei meus caminhos na docência da Educação Básica, na Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, agora não mais como estagiária, mas como professora concursada. Como nada é por acaso, as deusas mitológicas do destino, Cloto, Láquesis e Átropos, teciam os fios da vida e me direcionavam para os rumos cíclicos da vida, o eterno retorno ao começo de tudo. Foi nesse período que retornei à escola onde havia iniciado o ESO, ainda na graduação. Imagine só, leitor(a), voltei ao mesmo espaço formativo em que tive experiências no ESO. Será que seria a força do destino? A **Figura 32** revela uma cena na Escola Estadual Marcelino Champagnat, com o quadro de giz ainda presente. Nesta época, os(as) professores(as) tinham o famoso adicional “pó de fiz” em seus contracheques.

**Figura 32:** Docência na Escola Estadual Marcelino Champagnat



Fonte: Acervo da autora (2024).

A foto já revela a infraestrutura precária da época, na qual o(a) professor(a) contava, muitas vezes, apenas com o giz para ministrar suas aulas. Detalhe, às vezes até o giz estava faltando na escola e tive que usar minha criatividade diversas vezes. O quadro repleto de informações, na **Figura 32**, não teve a minha participação, certamente foi produzido na aula anterior com uma lista imensa de textos para os alunos copiarem. Eu tentava organizar minhas aulas sempre com foco em rodas de conversas, círculos de leituras e de letramentos, propiciando diálogos com as queridas estudantes do Normal Médio. Essa foto foi tirada por uma turma muito especial que me chamava de “professora lindinha”, era uma forma carinhosa de as alunas marcarem a afetividade na interação comigo no papel de docente. Muitas saudades das turmas dessa escola maravilhosa onde aprendi a ser professora, enfrentando o pó de giz e todos os desafios no chão da sala de aula da Educação Básica.

Tive a oportunidade de retornar à Escola Estadual Marcelino Champagnat, agora com a responsabilidade de contribuir para os processos formativos dos(as) discentes(as) matriculados(as) no Normal Médio. Trabalhei nesta escola durante **11** anos, no período de 29/09/1997 até 30/08/2008, antes de ingressar na UFRPE.

Com a conclusão do Doutorado, o trabalho só aumentou e não consegui conciliar as atividades na escola e nas universidades/faculdades onde lecionava. Comecei a atuar em faculdades e cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu*, conforme destacarei posteriormente. Tenha paciência, amigo(a) leitor(a), as travessias nesse *Grande Sertão... (Trans)Docências* são longas e cíclicas, assim como o movimento do tempo na constituição de minhas memórias.

A Escola Estadual Marcelino Champagnat funcionou como um grande laboratório de construção/reconstrução de experiências, tornando-se palco fundamental para a consolidação das minhas *(Trans)Docências* em seu caráter plural, ancorado no viés ideológico da transformação social. Senti, na pele da docência, no contexto da educação pública, os pressupostos da abordagem dialógica do genial Paulo Freire, compreendendo a dialogicidade na essência da educação como prática da liberdade. O chão da escola pública ensinou-me a prática dialógica de uma educação comprometida com a transformação social e pude compreender a essência do diálogo na práxis docente, como propôs Freire (1987):



[...] o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. (...) Por isto o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 1987, p. 78-80).

A partir das experiências em sala de aula, na escola pública, decidi retornar à Universidade como professora pesquisadora, preocupada com o cenário da Educação Básica. Iniciei a elaboração do Projeto de Tese para a seleção de Doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE. Nesse retorno, vivi de perto mais um desafio: como propor um Projeto de Tese na área de Teoria da Literatura, ancorado nas demandas dos estudantes que observei no cenário da escola pública?

Naquela época, as pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação da UFPE, na área de Teoria da Literatura, eram, predominantemente, teóricas, com ênfase nos estudos clássicos dos teóricos e críticos da Literatura. Então, elaborei um Projeto de Tese na área de Literatura Pernambucana, com destaque para os contos de Gilvan Lemos, focalizando processos de interação entre o texto literário e o leitor em sala de aula. Tentei organizar um projeto de pesquisa interdisciplinar, percorrendo campos, como: Literatura, Teoria Literária, Linguística e Educação.

Já na etapa da Banca de Seleção do Doutorado, percebi o grande desafio que eu havia indicado em meu Projeto de Tese, ou seja, realizar uma pesquisa aplicada no campo da Teoria da Literatura em um Programa de Pós-Graduação que, na época, ainda não priorizava estudos com tal enfoque. Na banca de seleção do Doutorado, uma professora questionou: *“por que você está submetendo este projeto a este Programa? Sua pesquisa está mais voltada para Educação. Você deveria ter submetido este projeto ao Centro de Educação”*. Diante de tal questionamento, respirei, profundamente, e argumentei, da melhor forma que consegui, comentando sobre a necessidade de maiores investimentos em pesquisas que valorizassem o caráter interdisciplinar da Literatura, como diria Barthes (1980).

Lembro-me, ainda, que, na Banca de Seleção do Doutorado, o professor Sebastien Joachim, que atuava nas áreas de Literatura Comparada, Literatura e Semiótica, estudos intersemióticos, comentou sobre a importância de ampliar pesquisas sobre Literatura e perspectivas inter/transdisciplinares. Naquele momento, percebi que o professor Sebastien Joachim acreditou em minha proposta de Tese. Esse professor foi muito importante em minhas travessias, sempre muito aberto ao diálogo e com ricas orientações para todos(as) os(as) mestrandos(as) e doutorandos(as).

Como propôs Barthes (1980), a Literatura precisa ser compreendida em sua natureza interdisciplinar: *“Se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”* (Barthes, 1980, p. 16-17). É justamente essa visão ampla da Literatura que precisa ser mais valorizada no espaço escolar, no sentido de propiciar a construção de relações mais significativas dos(as) estudantes/leitores(as) com as obras literárias, reconhecendo o valor não apenas estético/linguístico da literatura, mas, sobretudo, o potencial transformador da leitura literária como ato político, simbólico, ideológico, histórico e sociocultural.



E, assim, para minha surpresa, a banca acatou o argumento defendido e fui aprovada no Doutorado em Teoria da Literatura da UFPE, no ano de 2000. A professora Maria da Piedade Moreira de Sá continuou orientando meus caminhos nessa travessia e, cada vez mais, ficava encantada com a dedicação de Pia, sempre disposta a ajudar, apoiar em todas as etapas da pesquisa. Naquela época, iniciei o Doutorado sem o apoio de bolsas do CNPq ou da CAPES, pois já atuava como docente na Educação Básica e na Educação Superior, consolidando minha docência com foco em múltiplas abordagens, múltiplos olhares.

Como qualquer professor(a) que enfrenta a dura realidade da educação brasileira, eu trabalhava nos três turnos (manhã, tarde e noite), em alguns dias da semana, e tentava conciliar o árduo trabalho da docência com as aulas do Doutorado. Como eu trabalhava como professora na Secretaria de Educação de Pernambuco, tentei solicitar afastamento de minhas atividades laborais para me dedicar mais ao Doutorado, mas, naquela época, os(as) professores(as) não eram liberados totalmente para estudos. Consegui, apenas, redução parcial da carga horária didática e, assim, continuei como estudante de Doutorado docente na escola Marcelino Champagnat. Parece-me que esta realidade não mudou muito na atualidade, tendo em vista alguns depoimentos de orientandos(as) do Mestrado que, muitas vezes, não conseguem licença das atividades docentes quando solicitam nas redes municipais ou estaduais de ensino.

Continuei minhas travessias rumo à conclusão do Doutorado, com a defesa, em 2003, da Tese “*Interação texto-leitor na escola: dialogando com os contos de Gilvan Lemos*”, disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7642>. Naquela época, o tempo de duração do Doutorado era de quatro anos. Consegui finalizar a pesquisa em três anos, mesmo trabalhando nos três turnos (manhã, tarde e noite), além de conciliar o trabalho com os estudos. A **Figura 33** apresenta o resumo da Tese de Doutorado.

**Figura 33:** Resumo da Tese de Doutorado - UFPE

The image shows a screenshot of a digital archive page from UFPE. The page title is 'ARQUIVO DIGITAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS UFPE'. The main content area displays the thesis title 'Interação Texto-Leitor na Escola: dialogando com os contos de Gilvan Lemos' by Ivanda Maria Martins Silva, dated 4 DE FEVEREIRO DE 2003. The thesis is categorized under 'Teoria da Literatura (Doutorado)'. The abstract (Resumo) discusses the interaction of students in a public school with the stories of Gilvan Lemos, analyzing reading difficulties and theoretical approaches. The page also features a sidebar with navigation options like 'Sobre o Projeto', 'E-books Disponíveis Online', and 'Banco de Teses', and a search bar on the right.

Fonte: <http://letrasdigitaisufpe.blogspot.com/search?q=ivanda+maria+martins+silva>

Como você pode notar, amigo(a) leitor(a), minhas travessias no Doutorado foram mais leves em termos da produção da pesquisa, em virtude da experiência anterior que tive no Mestrado. Durante o Doutorado, as experiências foram múltiplas. Cursei todos os créditos no Mestrado e no Doutorado com aproveitamento A em todas as disciplinas. Destaco algumas disciplinas cursadas que me ajudaram muito em estudos interdisciplinares nos campos dos estudos literários e linguísticos, como, por exemplo: Análise do Discurso de Literatura; Pragmática e Literatura; Bakhtin e a Linguística Moderna; Literatura e Sociologia; Análise da Narrativa; Hermenêutica Marxista e Literatura Comparada; Metodologia da Pesquisa Literária;

Teoria da Literatura; Crítica Literária; Técnicas de Abordagem do Texto Literário; Leituras Dirigidas.

Dos créditos cursados, no Doutorado, destaco a disciplina *Leituras Dirigidas*, ministrada pelo professor Sebastien Joachim. Nesta disciplina, realizei leituras que até hoje me ajudam em pesquisas e nos meus planejamentos de aulas. Professor Sebastien realizava valiosas mediações pedagógicas nessa disciplina, com foco na autonomia dos(as) doutorandos(as), indicando diversas leituras, muitas em línguas estrangeiras, que me ajudaram a consolidar o referencial teórico de minha pesquisa no Doutorado.

Parece que sempre tive pressa de finalizar os estudos, as pesquisas, seja no Mestrado (dois anos) ou no Doutorado (três anos). Como sempre amei/amo escrever, talvez, essa paixão tenha me ajudado a conseguir produzir a Dissertação de Mestrado e a Tese de Doutorado em tempo hábil, seguindo, também as orientações de Pia, minha orientadora que sempre acompanhou meus percursos de estudos e pesquisas.

A minha Tese de Doutorado buscou analisar a interação de discentes de uma escola pública da rede estadual com os contos de Gilvan Lemos, visando a estudar as principais dificuldades dos(as) leitores(as) em face da leitura literária. Creio que esta foi a primeira Tese no PG Letras - UFPE a discutir a obra do autor pernambucano Gilvan Lemos. Em uma rápida pesquisa no portal da Biblioteca de Teses e Dissertações – BDTD, disponível em: <https://bdttd.ibict.br/vufind/>, percebo que a minha Tese sobre a obra de Gilvan Lemos é o trabalho mais antigo indicado, publicado em 2003. Ao inserir o nome do autor como descritor de busca (“Gilvan Lemos”), encontrei apenas 9 resultados, sendo 2 Teses de Doutorado e 7 Dissertações de Mestrado. Em síntese, após 21 anos da defesa de minha Tese, a produção científica sobre a obra de Gilvan Lemos ainda é incipiente e precisa ser ampliada. Decidi, no Doutorado, realizar uma pesquisa aplicada no âmbito dos estudos literários, tendo em vista os desafios de pensar a inserção da literatura no contexto escolar. Revisitei os pressupostos de abordagens teóricas que focalizam a interação texto-leitor sob prismas distintos, mas que dialogam quando discutem a leitura do ponto de vista social (Jauss, 1994, 1979), ou individual (Iser, 1996), reconhecendo os limites da interpretação (Eco, 1999).

Os contos do autor pernambucano foram selecionados, tendo em vista as diferentes estratégias narrativas utilizadas que convidam o leitor a participar do “jogo da ficção” (Iser, 1996, 2002). Foram trabalhados cinco contos de Gilvan Lemos: *A inocente farsa da vingança*, *Dias idos e não vividos*, *Missa do galo*, *Morte ao invasor* e *Coelhinhos do mato*. O corpus da pesquisa era formado por 300 questionários aplicados a estudantes do nível médio após a leitura dos referidos contos. Na análise dos dados, selecionamos as respostas dos(as) discentes, as quais revelaram a identificação ou a não-identificação do leitor com o texto literário.

Os resultados da pesquisa apontaram a técnica narrativa utilizada nos contos como a principal dificuldade dos(as) discentes leitores(as) no ato da leitura. Diante da leitura de narrativas que apresentavam uma organização discursiva pouco linear, os(as) estudantes/leitores(as) não conseguiam articular os planos da história e do discurso. Em síntese, a pesquisa propôs maior integração entre as contribuições da Teoria da Literatura e a escola. Busquei analisar o ato da leitura como processo dinâmico de envolvimento do leitor com o texto, considerando, principalmente, o enfoque de Wolfgang Iser, pesquisador da crítica literária alemã que desenvolveu estudos sobre o efeito estético da obra literária no

leitor, o jogo no processo da recepção literária e o papel do leitor implícito na configuração da obra literária. Considerei em minhas pesquisas, a leitura literária na ótica iseriana como um jogo (Iser, 2002), em que os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo, com as pistas e os indícios textuais que orientam o ato dinâmico da leitura na encoberta e na descoberta de sentidos diante da polissemia sugerida pela obra literária.

Defendi a minha Tese de Doutorado no segundo semestre de 2003. A banca divulgou o resultado, ou seja, “*aprovada com distinção*” e indicou o trabalho para publicação. Creio que naquela época, a minha pesquisa realizada no Doutorado abria as portas para estudos aplicados no campo da Teoria Literária, o que não era comum no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, considerando pesquisas na área de estudos literários. No PGLetras/UFPE, muitas pesquisas, na área de Teoria Literária, eram de natureza teórica e consistiam em análises de obras literárias com base em abordagens teóricas. Segui esse modelo de análise teórica no Mestrado, mas, no Doutorado, com as minhas vivências pedagógicas na Educação Básica, senti a necessidade de desenvolver pesquisa aplicada no campo literário. Creio que, pela natureza de minha pesquisa, além do atendimento da Tese aos critérios de avaliação do PGLetras e dos membros avaliadores da Banca de Doutorado, a Tese tenha sido premiada como a melhor Tese do ano de 2003, na área de Teoria da Literatura.

Como resultado da premiação, tive que ajustar a Tese ao formato de livro publicado na coleção Melhores Teses do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, uma publicação de 2005, em parceria com a Prefeitura da Cidade do Recife. A Tese gerou alguns trabalhos, como, por exemplo, o artigo “*Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*”, publicado nos Anais do Evento PG Letras 30 Anos, em comemoração aos 30 anos do PPG Letras da UFPE.

Também destaco, como fruto da Tese, a publicação do capítulo “*A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor?*”, na obra organizada por Clecio Bunzen e Márcia Mendonça, intitulada “*Português no Ensino Médio e formação do professor*”, uma produção da editora Parábola. Esta obra foi lançada em 2006 e teve nova edição em 2022, com aprofundamentos e revisões no capítulo publicado.

Após o Doutorado, caminhei por essa linha de pesquisa sobre as conexões dialógicas entre Literatura e Educação, buscando refletir sobre ensino de literatura e formação docente. Após a conclusão do Doutorado, investi na docência no contexto da Educação Superior, a fim de consolidar minhas experiências e travessias no *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Prontinho, amigo(a) leitor(a), sigamos em frente nesta longa narrativa, rumo, agora, às trilhas da Educação Superior, tendo em vista as atividades de ensino. Vamos lá? Sigamos juntos(as) e em frente!

# Capítulo 3

## 3 TRAVESSIAS E MÚLTIPLAS VEREDAS DESCORTINADAS NAS ATIVIDADES DE ENSINO

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a serenidade.

Paulo Freire

Neste capítulo, busco navegar em direção à constituição da docência na Educação Superior. Preciso relatar a construção de minha(s) identidade(s) docente(s), considerando as múltiplas experiências que tive nos cenários da Educação Superior nos contextos públicos e privados de ensino. Assim, irei narrar as experiências, considerando essa divisão, o privado e o público, sem me ater ao fio da ordem cronológica. Neste momento da travessia, as memórias irão orientar os percursos da dimensão temporal, ora mergulhando nos domínios do tempo psicológico, ora nos limites do tempo cronológico. As travessias foram intensas nas múltiplas veredas descortinadas nas atividades de ensino, tendo em vista o tripé ensino, pesquisa e extensão, o qual orienta os percursos da docência na Educação Superior.

Destaco, ainda, que irei narrar as minhas experiências no eixo de ensino, tendo em vista as múltiplas *(Trans)Docências*, conforme apresentei no primeiro capítulo deste Memorial. Nessa perspectiva, desenho a construção de minha(s) identidade(s) docente(s), tendo em vista as diversas faces de minhas *(Trans)Docências*: a *docência dialógica*, a *tecnodocência*, a *polidocência*, a *docência polifônica*, a *docência exotópica*, a *docência cronotópica* e a *docência Severina*. Pronto(a) para continuar acompanhando essa travessia, amigo(a) leitor(a)? Então, sigamos em frente.

### 3.1 A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: CONEXÕES COM O ENSINO, A PESQUISA, A EXTENSÃO E A GESTÃO: “NAVEGAR É PRECISO”

Navegar é preciso; viver não é preciso. Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para a casar como eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Fernando Pessoa

Ser docente na Educação Superior não é tarefa fácil. Na verdade, ser docente em qualquer contexto, seja na Educação Básica, seja na Educação Superior, seja no cenário privado de ensino, seja na educação pública, ou em quaisquer outros cenários requer o enfrentamento dos contínuos desafios na longa travessia dos(as) educadores(as) que vivenciam a difícil realidade brasileira. Mas, “*navegar pela e para a docência é preciso*” e,

como educadores(as), não podemos perder a esperança. E, assim, como uma professora *esperançosa, romântica e resiliente*, que continua acreditando no poder transformador da educação, me vejo, hoje, ainda mais madura e plena na constituição de minha(s) identidade(s) docente(s), alimentando a esperança por um país mais promissor em termos educacionais. Acreditando na abordagem política, ideológica, histórica e dialógica de Paulo Freire, fui tecendo os fios dialógicos nas redes de conexões entre os campos de Literatura, Linguística e Educação, os quais sempre estiveram presentes em minhas experiências formativas. Nesse sentido, de modo cíclico, minhas travessias na construção de minha identidade docente ratificaram o poder do “*Grande Tempo*”, conceito presente na abordagem filosófica bakhtiniana, compreendendo-se a memória em seu sentido mais amplo, com destaque para a percepção cronotópica na indissociabilidade entre o tempo e o espaço. Ficou confuso? Vou explicar, amigo(a) leitor(a), tenha só um pouquinho de paciência.

Em outros termos, o meu *cronotopo* (meu *tempo-espaço*), *como docente* da Educação Superior, está intimamente imbricado e diluído em meu *cronotopo como discente*, desde a graduação em processos formativos iniciais no curso de Licenciatura. Além disso, essas duas imagens cronotópicas associam-se ao meu tempo-espaço como docente da Educação Básica, fechando o ciclo do “*Grande Tempo*”, nos termos bakhtinianos. Desse modo, compreendo o “*Grande Tempo*” como essência em minhas travessias acadêmicas e profissionais, tendo em vista um tempo-espaço tridimensional que une passado-presente-futuro.

Em síntese, querido(a) leitor(a), você deve estar percebendo que as múltiplas travessias neste *Grande Sertão... (Trans)Docências* são cíclicas e dialógicas, sempre em articulação com percursos iniciais como discente na licenciatura em Letras, passando pelas experiências e vivências pedagógicas na Educação Básica até os contínuos desafios no contexto da Educação Superior. Então, sigamos em frente nesta longa travessia, como diria Riobaldo: “*Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada*” (Rosa, 2019, p. 32). Partiremos, juntos(as), amigo(a) leitor(a), dos lugares de saída nas trilhas das minhas travessias pelos caminhos do ensino, mas, certamente, os lugares de chegada serão infinitos, se é que existem, neste *Grande Sertão... (Trans)Docências*.

### 3.2 FORMAÇÃO CONTINUADA: APRENDENDO A APRENDER CONTINUAMENTE

Aprender é uma aventura criadora.  
Paulo Freire

Como docente, preciso estar sempre me reinventando e buscando formas de atualização profissional. Os cursos de formação complementar fizeram/fazem parte de minhas travessias acadêmicas, porém, não exatamente com a frequência que eu gostaria. Quando mergulhei nas experiências com Educação a Distância, precisei investir mais em minha formação complementar, no sentido de compreender as peculiaridades da EAD e repensar estratégias metodológicas para esta modalidade educacional. Muitos cursos de curta duração dos quais participei abordaram temas variados sobre EAD, tais como: tutoria, materiais didáticos para EAD, *story board* para EAD, AVA, e outros.

No cenário da pandemia de Covid-19, em 2020, a UFRPE organizou vários cursos de formação complementar para apoiar os(as) docentes nos processos de ensino e aprendizagem mediados pelas tecnologias digitais. As aulas presenciais foram suspensas em função da emergência sanitária e da necessidade de isolamento social. Nesse cenário, as instituições de ensino tiveram que, rapidamente, desenvolver ações formativas para apoiar os(as) docentes no repensar de estratégias didáticas e usos de recursos tecnológicos. Nesse contexto, participei de alguns cursos, com foco nas conexões entre tecnologias, educação e formação docente. Irei discutir, posteriormente, um pouco mais esse panorama da pandemia de Covid-19 no quarto capítulo, amigo(a) leitor(a). Não fique ansioso(a), aguarde só mais um pouquinho, tá?

No cronotopo pandêmico, a *tecnodocência* revelou-se como um eixo importante em minhas travessias. Precisei aprimorar minhas relações com as TDIC, com vistas a apoiar a aprendizagem dos(as) discentes, sempre de forma criativa, ativa e significativa. Como docente, no contexto da EAD, a minha imersão no universo tecnológico ocorria por meio do acesso às plataformas digitais e ao AVA UFRPE. Já conhecia as ferramentas para a criação de salas virtuais no AVA *Moodle* da UFRPE e no AVA de Extensão da UAEADTec. Desse modo, eu já conseguia registrar as minhas experiências de ensino, pesquisa e extensão nos ambientes virtuais institucionais, considerando as demandas dos processos de ensino e aprendizagem no cenário da EAD.

No entanto, a partir de 2020, os usos de tecnologias em rotinas diárias, na organização de aulas, em bancas de TCC, monografias, Mestrado e Doutorado, eventos, avaliações de trabalhos, além da rápida inserção das TDIC em processos de ensino e aprendizagem, também no contexto da modalidade presencial, redimensionaram, significativamente, a minha práxis docente. Senti, ainda mais, a necessidade de aprender a aprender a cada instante, considerando novos recursos e outras ferramentas tecnológicas que se apresentaram neste contexto. Em março de 2020, com a explosão da pandemia de Covid-19, o isolamento social e a interrupção de atividades presenciais nas universidades e escolas, eu estava iniciando o primeiro semestre letivo de 2020, na UFRPE. Nesse período, ministrava aulas na graduação, na modalidade EAD, e na pós-graduação, com modelo presencial de ensino, em dois programas de pós-graduação - PPGTEG e PROGEL.

Para ampliar as minhas competências tecnológicas e práticas de letramentos digitais como docente da Educação Superior, a partir de 2020, precisei me reinventar e investir mais em processos de autoformação, além de realizar leituras sobre tecnologias aplicadas à educação, ferramentas de interações síncronas e assíncronas que iam se revelando promissoras para apoiar os processos de ensino e aprendizagem mediados pelos recursos tecnológicos. Tive a oportunidade de participar de **31** Cursos de Formação Complementar, entre os anos de 2009 a 2024, considerando minha participação em minicursos, oficinas, cursos de extensão universitária e de atualização pedagógica (**Apêndice – Quadro 3**). No período pandêmico da Covid-19, entre os anos de 2020, 2021 e 2022, consegui participar intensamente de ações formativas complementares, totalizando **12** cursos de formação complementar. Creio que os formatos de cursos remotos, com interações assíncronas e síncronas, propiciaram, pela flexibilidade espacial e temporal, uma adesão maior dos(as) docentes para a organização de pesquisas e estudos.

Sempre percebi os espaços da formação continuada como cenários dinâmicos e flexíveis de aprendizagens. Esses cenários foram importantes para consolidar a minha



docência nos contextos de graduação e pós-graduação. Na próxima seção, apresento o relato de minhas experiências como docente na graduação, tendo em vista as atividades de ensino realizadas.

### 3.3. SER DOCENTE NO CONTEXTO DA GRADUAÇÃO: DIALOGANDO COM AS ATIVIDADES DE ENSINO NA GRADUAÇÃO

Sou eternamente náufraga.  
Conceição Evaristo

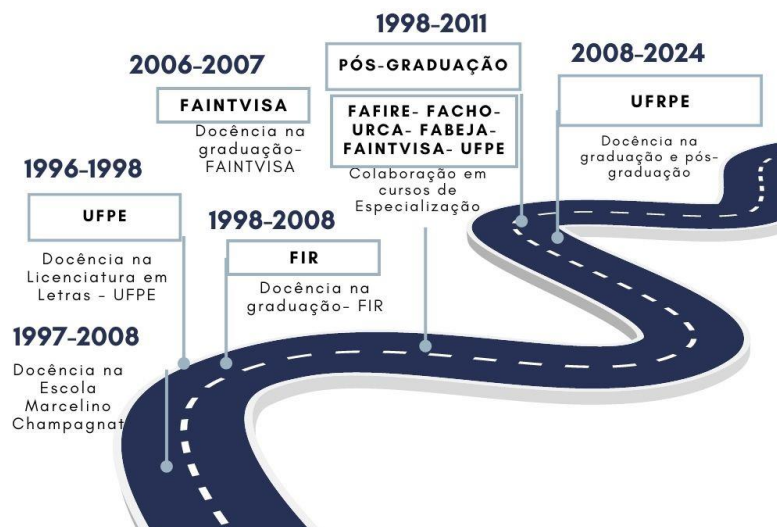
Amigo(a) leitor(a), “*sou eternamente náufraga*” no oceano de minhas lembranças, e já confessei que sou prolixa convicta. Desse modo, se me permite, irei visitar o lindo poema de Conceição Evaristo – “*Recordar é preciso*”, no qual a voz poética reflete sobre o “*movimento vaivém nas águas-lembranças*”. Minha memória segue esse “*movimento vaivém*” e reconheço-me “*eternamente náufraga*” nos ilimitados oceanos das recordações. Recordar é sempre preciso, como sugere o poema, e cada vez que inicio uma nova etapa nessa narração, percebo a importância das “*águas-lembranças*” que transbordam o universo dinâmico da memória.

Trilhar as veredas da docência na Educação Superior foi um momento de muitos desafios e de várias experiências. Querido(a) leitor(a), “*mire veja*” como a docência, no cenário universitário, me fez reconhecer que eu estava no caminho certo, considerando as escolhas profissionais que fiz, ainda muito jovem, com apenas 17 anos, quando abracei a licenciatura para minha formação profissional. Atuei como docente na Educação Superior em diferentes instituições, considerando os cenários do contexto privado, bem como experiências em universidades públicas. As vivências iniciais na Educação Básica, em escola pública de periferia, certamente, me proporcionaram aprendizagens contínuas e ajudaram as minhas travessias rumo aos desafios da Educação Superior.

Assim, da docência em escola pública, com a formação de estudantes do Normal Médio, os rumos de minhas travessias me levaram em direção às múltiplas docências na Educação Superior, em espaços formativos diversos e desafiadores. No contexto privado da graduação, atuei na instituição FIR - Faculdades Integradas do Recife, em cursos de bacharelados, tendo em vista as demandas por formação profissional na região metropolitana do Recife. Também tive a oportunidade de atuar na graduação da FAINTVISA - Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão, em Cursos de Licenciatura, em especial, na Licenciatura em Letras, ampliando minhas experiências com formação inicial docente no contexto do interior pernambucano. A **Figura 34** apresenta a linha temporal de minhas travessias no *Grande Sertão... (Trans)Docências*. (**Apêndice - Quadros 4 a 9**).

Figura 34: Travessias nas (Trans)Docências - Educação Básica e Educação Superior

## (Trans)docências



Fonte: Elaboração da autora (2024).

Foram muitas curvas, infinitos atalhos, diversos rios, inúmeras veredas para as travessias no *Grande Sertão...(Trans)Docências*, com leveza, esperança e sabedoria. Retomo, mais uma vez, as palavras poéticas de Riobaldo: “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam” (Rosa, 2019, p. 76). A seguir começo a narrar as experiências de ensino no contexto privado da Educação Superior, experiências estas que foram delineando, aos poucos, minhas travessias nesse grande “Sertão” das múltiplas *(Trans)Docências*.

### 3.4 O LUGAR DA DOCÊNCIA NO CONTEXTO PRIVADO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: A CONSOLIDAÇÃO DAS TRAVESSIAS E O LUGAR DA LÍNGUA PORTUGUESA EM MINHA TRAJETÓRIA DOCENTE

A língua é minha pátria  
E eu não tenho pátria, tenho mátria  
E quero frátria  
O que quer  
O que pode esta língua?  
Caetano Veloso

No cenário das instituições privadas de ensino, comecei a ministrar aulas em diversas faculdades em cursos de graduação e de pós-graduação. Nesta seção, irei relatar, brevemente, minhas experiências no contexto da graduação. Em 1998, comecei a trabalhar na FIR - Faculdades Integradas do Recife, atuando com as disciplinas de Língua Portuguesa e Metodologia da Pesquisa em diversos cursos de graduação. Tive o prazer de fazer parte do corpo docente fundador da FIR, instituição que surgiu, em 1998, como faculdade promissora em Recife, com foco em empreendedorismo e qualificação profissional.

A disciplina de Língua Portuguesa era obrigatória nos projetos pedagógicos e no desenho curricular dos cursos de graduação da FIR. Tais projetos pedagógicos já tinham desenhos inicialmente elaborados e, infelizmente, não participei dessa construção inicial. A

FIR já estava autorizada, pelo MEC, para funcionar com suas primeiras turmas e meu ingresso foi, justamente, para atuar nas disciplinas de Língua Portuguesa nos diferentes cursos ofertados. Nos projetos pedagógicos, a disciplina assumia nomenclaturas diversas, tais como: Comunicação e Expressão, Português Empresarial, Português 1, Português 2.

As nomenclaturas das disciplinas - Comunicação e Expressão, Comunicação Empresarial ou Português Empresarial - não davam conta da abordagem instrumental que se deveria propor para os(as) estudantes da Educação Superior. No entanto, mesmo com as limitações em termos das nomenclaturas, busquei reinventar, posteriormente, ementas e programas para garantir que os(as) discentes tivessem a oportunidade de vivenciar processos sociocomunicativos, usando a Língua Portuguesa sob o viés dialógico, interacional para experiências e práticas diversificadas de letramentos.

A FIR foi um grande laboratório de aprendizagens para a consolidação de minhas múltiplas (Trans)Docências. Na FIR, trabalhei no período de 1998 a 2008, durante dez anos, com participação em atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Os desafios da docência, em um cenário privado de ensino, eram imensos, tendo em vista as instabilidades econômicas que influenciam a contratação ou demissão de professores(as) colegas muito competentes em suas respectivas áreas de atuação. O **Quadro 6** apresenta a relação de disciplinas ministradas nos cursos de graduação da FIR, no período de 1998 a 2008.

**Quadro 6:** Disciplinas ministradas na graduação da FIR- Faculdades Integradas do Recife (período: 1998 a 2008).

N °	Período	Instituição de Ensino	Disciplinas ministradas na graduação	Carga horária	Curso
1	1998 a 2008	FIR	Língua Portuguesa	36h	Fonoaudiologia
2		FIR	Comunicação e Expressão	36h	Tecnologia em Informática
3		FIR	Português 1	72h	Turismo
4		FIR	Português 2	36h	Turismo
5		FIR	Técnicas de Redação	36h	Relações Internacionais
6		FIR	Comunicação e Expressão	36h	Sistemas de Informação
7		FIR	Sociolinguística	36h	Fonoaudiologia
8		FIR	Comunicação e Expressão 1	36h	Turismo
9		FIR	Comunicação e Expressão 2	36h	Turismo
10		FIR	Português Empresarial	36h	Relações Internacionais
<b>Quantidade de disciplinas ministradas – graduação</b>				<b>10 disciplinas</b>	
<b>Carga horária didática total</b>				<b>396 h</b>	

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo Lattes- CNPq

Conforme o **Quadro 6**, ministrei **10 disciplinas** nos cursos de graduação da FIR, perfazendo o total de **396 horas** de carga horária didática, em diversos cursos: Fisioterapia, Fonoaudiologia, Sistemas de Informação, Turismo e Relações Internacionais. Vale destacar

que essa carga horária é superior, quando considerado o número de turmas em que cada disciplina foi ministrada. A cada semestre letivo, esse número era variável, a depender das matrículas efetivadas. Lembro-me, por exemplo, de um semestre, no qual tive turmas de Comunicação e Expressão nos três turnos (manhã, tarde e noite). Iniciava a maratona de aulas às 8h da manhã até às 22h da noite. No período em que atuei na FIR, consegui me aproximar da docência em Língua Portuguesa, embora minha formação acadêmica na pós-graduação *stricto sensu* estivesse mais focada em estudos na área de Literatura, sobretudo, no campo da Teoria Literária. Nesse período, amigo(a) leitor(a), comecei a ficar saudosista: “*ai que saudades que tenho da Literatura da minha vida*”...

Na época em que atuei na graduação da FIR, também trabalhava com Literatura em cursos de pós-graduação, como irei relatar posteriormente. Na FIR, gostava de atuar na área de Língua Portuguesa, mas desejava, também, ministrar aulas de Literatura. Eu precisava me aproximar mais de minha área de formação, no campo dos estudos literários, tendo em vista que havia realizado Mestrado e Doutorado em Teoria da Literatura. Então, senti a necessidade de atuar, com maior ênfase, na área de minha formação acadêmica – Letras, visto que, na FIR, eu dialogava com outras áreas do conhecimento, mas estava distante das demandas por formação docente na graduação em Letras. Diante desse cenário, comecei a ampliar os rumos de minhas travessias na docência de cursos de graduação, com as experiências na região metropolitana do Recife, construídas na FIR, até as demandas da Zona da Mata, em Vitória de Santo Antão, com a formação inicial docente no curso de Letras.

Em 2006, iniciei minhas atividades como docente na FAINTVISA - Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão, atuando na Licenciatura em Letras. Atuei apenas um ano na graduação da FAINTVISA, de 2006 a 2007, pois, em 2008, iniciei meus percursos como docente na UFRPE. Calma, leitor(a), comentarei mais adiante esses outros rumos da minha docência no contexto público da Educação Superior. Seja paciente e mantenha o fluxo linear da leitura. Mas, se estiver ansioso(a) para conhecer logo as narrativas sobre como me tornei professora na UFRPE, então, pode saltar as páginas e seguir adiante. O **Quadro 7** apresenta as disciplinas ministradas na graduação da FAINTVISA. Ministrei **3** disciplinas na Licenciatura em Letras, perfazendo o total de **248h** de carga horária didática nas áreas de Leitura e Produção de Textos, Literatura Brasileira, e Prática Pedagógica. A quantidade de turmas também era variável a cada semestre letivo, fator este que altera a carga horária didática total quando se considera a quantidade de turmas atendidas.

**Quadro 7:** Disciplinas ministradas na graduação FAINTVISA  
Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão  
(período: 2006 a 2007)

Nº	Período	Disciplinas ministradas na graduação	Carga horária	Curso
01	2006.2	Literatura Brasileira 3	64h	Licenciatura em Letras
02	2007.2	Prática Pedagógica 1	120h	Licenciatura em Letras
03	2007.1	Leitura e Produção de Texto 2	64h	Licenciatura em Letras
<b>Quantidade de disciplinas ministradas – graduação</b>				<b>03 disciplinas</b>
<b>Carga horária didática total</b>				<b>248h</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Esse período de trabalho foi bem intenso. Em geral, eu atuava nos três turnos. Lembro-me de ficar esperando o ônibus da FAINTVISA na entrada da Reitoria da UFPE, sempre bem cansada para seguir para mais um expediente de trabalho, com aulas no turno noturno. Quando eu retornava para Recife, aproximadamente às 23 horas, já estava exausta e ainda tinha que trabalhar em planejamentos das aulas do dia seguinte. Amigo(a) leitor(a), não se assuste, pois esta é a rotina de muitos(as) professores(as) que trabalham em três turnos (manhã, tarde e noite) para conseguir pagar suas contas todo mês. Na FAINTVISA, tive a oportunidade de conhecer a realidade de estudantes oriundos(as) de diversos municípios do interior de Pernambuco. Apesar do curto tempo em que atuei na graduação, as experiências vivenciadas foram essenciais para enriquecer minha(s) identidade(s) docente(s), especialmente, na área de Letras.

Em 2006, organizei evento de formação docente sobre práticas de linguagens para que os(as) discentes da disciplina Prática Pedagógica 1 ministrassem oficinas pedagógicas no Colégio de Aplicação da FAINTVISA. Esse evento foi muito importante para motivar os(as) licenciados(as) em exercícios de práticas pedagógicas, tendo em vista desafios do ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas na Educação Básica. A **Figura 35** revela alguns registros das oficinas de linguagem ministradas pelos(as) licenciandos(as) de Letras no Colégio de Aplicação da FAINTVISA.

**Figura 35:** Oficinas de Linguagem no Colégio de Aplicação da FAINTVISA



Licenciandos(as) do Curso de Licenciatura em Letras da FAINTVISA e professora Ivanda Martins, na segunda foto, entre as licenciandas, ano de 2006. Acervo da autora (2024).

Posteriormente, tive a oportunidade de reencontrar discentes egressos(as) da FAINTVISA, os(as) quais cursaram Mestrado e Doutorado. Percebi a paixão desses(as) estudantes pela área de Letras, dando continuidade aos seus estudos no contexto da pós-graduação *stricto sensu*. Além dessas experiências no eixo de ensino, é importante destacar



os processos de orientação de projetos de pesquisa, conforme irei comentar na próxima seção.

### 3.5 PROJETOS DE PESQUISAS E ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR - CONTEXTO PRIVADO

A resposta certa, não importa nada: o essencial é que as perguntas estejam certas.

Mario Quintana

Creio que a pesquisa não é prioridade no cenário das instituições privadas que atuam na Educação Superior. Infelizmente, as universidades ou as faculdades privadas ainda priorizam, basicamente, o eixo do ensino, sem muitas articulações com a pesquisa e a extensão. No entanto, em algumas instituições de Ensino Superior, nas quais atuei, havia o incentivo para que os(as) docentes desenvolvessem atividades de ensino, pesquisa e extensão, de modo integrado. Quando atuei na FIR- Faculdades Integradas do Recife, por exemplo, tive a oportunidade de orientar projetos de Iniciação Científica, ainda de modo incipiente. Nesse sentido, um estudante articulou seu projeto de Iniciação Científica ao Trabalho de Conclusão de Curso, conforme o **Quadro 8**.

**Quadro 8:** Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso- FIR

Ano	Orientação de Trabalho de conclusão de curso- FIR
2007	Hildeberto Nascimento de Melo. <b>Livro didático digital: implementação de material didático para Educação a Distância</b> . 2007. Curso (Sistemas de Informação) – FIR

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo Lattes- CNPq

Na FIR, como eu atuava como docente em Cursos de Bacharelado em diversas áreas (Turismo, Sistemas de Informação, Relações Internacionais, Fonoaudiologia, Fisioterapia), não havia muitas oportunidades de orientar Trabalhos de Conclusão de Curso na minha área de formação acadêmica, Letras, tendo em vista as demandas por orientações em sintonia com os conhecimentos específicos de cada área dos diversos cursos. Conforme o **Quadro 8**, no período em que atuei, na FIR, só consegui orientar **01** Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “*Livro didático digital: implementação de material didático para Educação a Distância*”, de autoria de Hildeberto Nascimento de Melo, discente de Sistemas de Informação, o qual já havia sido meu orientando no PIBIC/FIR. Além da orientação de TCC, consegui orientar, ainda na FIR, trabalhos de Iniciação Científica. O **Quadro 9** apresenta os planos de trabalhos dos(as) bolsistas em conformidade com os Projetos de Pesquisa de Iniciação Científica do Programa PIBIC/FIR, bem como a relação de orientandos(as).



**Quadro 9:** Relação de projetos de pesquisa e orientandos(as) - PIBIC/FIR

Nº	Ano	Projetos de Pesquisa e orientandos(as) - PIBIC/FIR	IES/PIBIC
01	2007	AUGUSTO CÉSAR PELZER. <b>Letramento digital e formação continuada de professores de escolas públicas: contribuições da Educação a Distância.</b> 2007. Iniciação científica (Sistemas de Informação) - Faculdade Integrada do Recife.	PIBIC FIR
02	2007	JOSÉ ANTONIO CLODEMBERG. <b>Letramento digital x letramento escolar: impactos das novas tecnologias nas práticas de leitura e produção de textos em escolas do Ensino Médio.</b> 2007. Iniciação científica (Sistemas de Informação) - Faculdade Integrada do Recife.	PIBIC FIR
03	2005	HILDEBERTO NASCIMENTO DE MELO. <b>Letramento digital: a relação dialógica entre o ler e o escrever na era da cibercultura.</b> 2005. Iniciação científica (Sistemas de Informação) - Faculdade Integrada do Recife.	PIBIC FIR
04	2005	JOSÉ ANTONIO CLODEMBERG. <b>Letramento digital: a relação dialógica entre o ler e o escrever na cibercultura.</b> 2005. Iniciação científica (Sistemas de Informação) - Faculdade Integrada do Recife.	PIBIC FIR
05	2005	HALCYON DAVYS PEREIRA DE CARVALHO. <b>A escrita virtual: produzindo textos no ciberespaço.</b> 2004. Iniciação científica (Sistemas de Informação) - Faculdade Integrada do Recife.	PIBIC FIR
06	2004	BRUNO EDUARDO CAVALCANTI DE SIQUEIRA. <b>Leitura e literatura na era virtual: do leitor ao navegador.</b> 2004. Iniciação científica (Sistemas de Informação) - Faculdade Integrada do Recife.	PIBIC FIR
07	2004	HILDEBERTO NASCIMENTO DE MELO. <b>Leitura e literatura na era virtual: do leitor ao navegador.</b> 2004. Iniciação científica (Sistemas de Informação) - Faculdade Integrada do Recife.	PIBIC FIR
08	2007	DIOGO ROBESPIERRE. <b>Letramento digital e formação continuada de professores de escolas públicas: contribuições da Educação a Distância.</b> 2007. Iniciação científica (Sistemas de Informação) - Faculdade Integrada do Recife.	PIBIC FIR
09	2007	MARCELO EDEN. <b>Letramento digital e formação continuada de professores de escolas públicas: contribuições da Educação a Distância.</b> 2007. Iniciação científica (Sistemas de Informação) - Faculdade Integrada do Recife.	PIBIC FIR

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo Lattes- CNPq

Conforme o **Quadro 9**, na FIR, de 2004 a 2007, orientei **9** planos de trabalho dos Projetos de Pesquisa de Iniciação Científica no Programa PIBIC/FIR (**Apêndice, Quadro 15**). Nesse período de orientação do PIBIC, comecei a me interessar pelas temáticas: literatura na cultura digital, letramentos digitais e formação docente. Desse modo, as orientações e publicações estavam direcionadas para as conexões entre letramentos no contexto da cultura digital e processos de formação docente, com foco em usos de tecnologias. Além de atividades no campo da graduação, participei, também, de ações no contexto de pós-graduação no setor privado de ensino, conforme descrição a seguir.

### 3.6 DOCÊNCIA NA PÓS-GRADUAÇÃO NO CONTEXTO PRIVADO

O sertão está dentro de mim.  
Sertão é a condição de meu existir.  
A vida que em mim decifra-se é sertão  
em romaria.

Cida Pedrosa

Minhas experiências profissionais na pós-graduação foram vivenciadas em diferentes cenários, tanto no contexto privado de ensino, quanto em universidades públicas. Em especial, destaco as minhas andanças em cursos de Especialização dentro e fora de Pernambuco. Como afirmou Cida Pedrosa, “*Sertão é a condição de meu existir*”, pois o Sertão sempre acompanhou meus passos rumo à consolidação de minha identidade docente. Em um processo dialógico, o meu “Sertão interior” estabeleceu diálogos com o “Sertão exterior”, ou seja, espaços por onde caminhei. Creio que hoje, não teria mais esse fôlego para tantas travessias, viagens, finais de semana na estrada para ministrar inúmeras disciplinas em diferentes cursos de pós-graduação *lato sensu*, por exemplo. Aqui, destaco as minhas vivências profissionais neste campo de atuação, considerando, neste momento, o contexto privado da Educação Superior. Desse modo, inicio com o relato de minhas travessias na FIR - Faculdades Integradas do Recife. De 2006 a 2007, ministrei **3 disciplinas** na área de Metodologia Científica em cursos de pós-graduação *lato sensu*, na FIR, conforme o **Quadro 10**.

**Quadro 10:** Disciplinas ministradas na pós-graduação *lato sensu* da FIR (período: 2006 a 2007)

Nº	Período	Intituição de Ensino	Carga horária	Disciplinas ministradas na pós-graduação	Curso
01	2006	FIR	15 h	Metodologia Científica	Especialização em Engenharia de <i>Softwares</i>
03	2006	FIR	17 h	Metodologia da Pesquisa II	MBA em Gestão Empreendedora do Turismo
03	2006 2007	FIR	16 h	Metodologia da Pesquisa I	MBA em Gestão Empreendedora do Turismo
<b>Quantidade de disciplinas ministradas - pós-graduação</b>					<b>03 disciplinas</b>
<b>Carga horária didática total</b>					<b>48h</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Na área de Letras, tive a oportunidade de participar de cursos de pós-graduação *lato sensu*, em diversas instituições de ensino do setor privado, tais como: FAINTVISA- Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão, FACHO - Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, FAFIRE- Faculdade Frassinetti, FAESC- Faculdade de Escada, FABEJA- Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim. O professor José Ricardo Paes Barreto apresentou-me a diversos cursos de pós-graduação em diferentes municípios e abriu meus caminhos para a docência no âmbito da pós-graduação *lato sensu*. A professora Amara Cristina Botelho também me apoiou nas experiências da docência na pós-graduação *lato sensu*, como, por exemplo, nas disciplinas ministradas na FACHO, na FAFIRE, bem como na URCA – Universidade Regional do Cariri, no Ceará. Foram muitas viagens, muitas aprendizagens e diversas formações neste período em que atuei na docência e na orientação de trabalhos em diferentes cursos de pós-graduação *lato sensu*. Aprendi muito nesse período e agradeço, imensamente, à professora Cristina Botelho e ao professor José Ricardo Paes, pelas oportunidades apresentadas para que eu conseguisse aprimorar minhas

experiências no exercício da docência nesse cenário da pós-graduação. Foram muitas andanças, diversas travessias e valiosas aprendizagens construídas nas interações com professores(as) que buscavam ampliar seus estudos na pós-graduação.

Os **Quadros 11** e **12** ilustram essas experiências no contexto da pós-graduação *lato sensu* em diferentes instituições de ensino de Pernambuco e na Universidade Regional do Cariri (URCA), uma universidade pública estadual, com sede administrativa na cidade de Crato, no estado do Ceará (**Apêndice – Quadro 6**).

**Quadro 11** : Disciplinas ministradas na pós-graduação *lato sensu* FAINTVISA

Nº	Período	Disciplinas ministradas na pós-graduação	Carga horária	Curso de pós-graduação <i>lato sensu</i>
01	Julho 2002	Leitura e produção de textos	30h	Especialização em Formação em Ensino da Língua Portuguesa
02	Abril 2002	Didática	60h	Especialização em Formação em Ensino da Língua Portuguesa
03	Janeiro 2002	Morfologia	30h	Especialização em Formação em Ensino da Língua Portuguesa
04	Agosto 2000	Didática	60h	Língua Portuguesa Aplicada à Educação Fundamental e Média
05	Outubro 2000	Aspectos morfológicos da Língua Portuguesa	30h	Especialização em Formação em Ensino da Língua Portuguesa
06	Março 2001	Didática	60h	Especialização em Formação em Ensino da Língua Portuguesa
07	Novembro 2005	Intertextualidade	30h	Especialização em Leitura e Produção Textual
08	Mai 2006	Introdução ao estudo do texto	30h	Especialização em Leitura e Produção Textual
09	Abril 2011	Técnicas de revisão textual	30h	Especialização em Formação em Ensino da Língua Portuguesa
10	Janeiro 2008	O texto literário	30h	Especialização em Ensino de História do Brasil
11	Novembro 2007	Leitura e produção textual	30h	Especialização em Formação em Ensino da Língua Portuguesa
12	Agosto 2008	Metodologia do Ensino de Literatura	30h	Especialização em Formação em Ensino da Língua Portuguesa
13	Junho 2009	Introdução ao estudo do texto	30h	Especialização em Leitura e Produção Textual
14	Março 2012	Formação do professor de línguas	20h	Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas
15	Setembro 2012	Metodologia do Ensino de Literatura	30h	Especialização em Língua Portuguesa e Produção Textual
16	Dezembro 2012	Técnicas de revisão textual	30h	Especialização em Língua Portuguesa e Produção Textual
<b>Quantidade de disciplinas ministradas na pós-graduação <i>lato sensu</i> – FAINTVISA</b>			<b>16 disciplinas</b>	
<b>Carga horária didática total</b>			<b>560 h</b>	

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Conforme o **Quadro 11**, no período de julho de 2002 a dezembro de 2012, ministrei **16 disciplinas**, totalizando a carga horária de **560 horas** de carga horária didática, em cursos de pós-graduação *lato sensu* na FAINTVISA. Certamente, essas experiências em Vitória de Santo Antão foram marcantes na consolidação de minha identidade docente no cenário da pós-graduação. Gostava, e ainda gosto, muito de compartilhar minhas leituras e vivências

com outros(as) colegas professores(as). A FAINTVISA foi importante em minha trajetória profissional e, sem dúvida, aprendi muito durante o período em que atuei nessa instituição.

Além da FAINTVISA, percorri outras travessias em diferentes instituições de ensino, localizadas na região metropolitana do Recife (FAFIRE), em Olinda (FACHO), no Agreste pernambucano (FABEJA), ou no sertão do Ceará, no Crato (URCA). Professora Amara Cristina Botelho ministrava aulas, na URCA, em 1999, e convidou-me para participar da *Especialização em Literatura Brasileira*. O **Quadro 12** revela a minha atuação em diversos cursos de pós-graduação *lato sensu* em diferentes instituições, tais como: FACHO, FAFIRE, FABEJA e URCA. De janeiro de 1999 a julho de 2011, ministrei **11 disciplinas** nas referidas instituições de Ensino Superior, perfazendo o total de **350 horas** de carga horária didática. (**Apêndice – Quadro 7**).

**Quadro 12:** Disciplinas ministradas na pós-graduação *lato sensu* de instituições privadas e na URCA (período: 1999 a 2011).

Nº	Período	Disciplina	Carga horária	Curso de pós-graduação <i>lato sensu</i>	IES
01	Janeiro/1999	A poesia brasileira do período colonial	30h	Especialização em Literatura Brasileira	FACHO
02	Julho/1998	Teoria da Literatura 2	45h	Especialização em Literatura Brasileira	FACHO
03	Junho/2002	Didática Geral	45h	Especialização em Letras, História e Gestão Escolar	FABEJA
04	Janeiro/2003	Leitura e produção de textos	30h	Especialização em Letras	FABEJA
06	Junho/2001	A poesia brasileira do período colonial	30h	Especialização em Literatura Brasileira	FAFIRE
07	Setembro/2009	O romance brasileiro: do Romantismo à contemporaneidade	40h	Especialização em Literatura Brasileira	FAFIRE
08	Julho/2011	Teoria do discurso narrativo	40h	Especialização em Literatura Brasileira	FAFIRE
09	Julho/2010	Teoria do discurso narrativo	30h	Especialização em Literatura Brasileira	FAFIRE
10	Abril /2000	Leitura do texto literário narrativo	30h	Especialização em Literatura Brasileira	URCA
11	Janeiro/1999	Discurso romanescos e Literatura Colonial	30h	Especialização em Literatura Brasileira	URCA
<b>Quantidade de disciplinas ministradas na pós-graduação <i>lato sensu</i></b>				<b>11 disciplinas</b>	
<b>Carga horária didática total</b>				<b>350h</b>	

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq

Totalizando a carga horária didática ministrada em cursos de pós-graduação *lato sensu* nas instituições FIR, FAINTVISA, FACHO, FAFIRE, FABEJA e URCA, ministrei **29 disciplinas**, com a carga horária total de **988 horas** de carga horária didática, como mostra o **Quadro 13**.

**Quadro 13:** Síntese da carga horária em cursos de pós-graduação no contexto privado da Educação Superior e na URCA (período: 1999 a 2011).

Instituição	Nº de disciplinas ministradas	Carga horária total na pós-graduação <i>lato sensu</i>
FIR	03	48 h
FAINTVISA	16	560 h
FACHO	02	75 h
FABEJA	02	75 h
FAFIRE	04	170 h
URCA	02	60 h
<b>TOTAL</b>	<b>29 disciplinas</b>	<b>988 horas</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Certamente essa carga horária será maior ao considerarmos a quantidade de turmas com as quais tive o prazer de compartilhar experiências pedagógicas. Nas aulas da pós-graduação, busquei incentivar a criação de círculos de compartilhamentos de leituras e vivências pedagógicas com os(as) professores(as), como mostra a **Figura 36** a seguir. Esses momentos eram valiosos para as trocas de aprendizagens e ratificavam o caráter dialógico de minhas *(Trans)Docências*, sobretudo, a *docência dialógica* e a *docência polifônica*, as quais unidas faziam ressoar as vozes dos(as) educadores(as) em formação continuada e a minha própria voz, ora como educadora, ora como educanda nas interações na sala de aula.

**Figura 36:** Círculos de compartilhamentos de leituras e vivências pedagógicas com professores(as): uma cena de aula dialógica na pós-graduação na FABEJA- Faculdade de Belo Jardim – PE- ano 2002.



Fonte: Acervo da autora (2024).



Em minhas andanças pelo “Sertão” das *(Trans)Docências* na pós-graduação, tive a oportunidade de conhecer as realidades da região metropolitana do Recife, além de adentrar nas trilhas do Agreste e Sertão de Pernambuco. Literalmente, amigo(a) leitor(a), conheci, de perto, o *Grande Sertão*, quando “mergulhei” em cursos de pós-graduação *lato sensu*, sobretudo, com foco na formação de professores(as). Revisito a bela canção *A vida de viajante*<sup>29</sup>, de Luiz Gonzaga:

Minha vida é andar por este país	Chuva e sol
Pra ver se um dia descanso feliz	Poeira e carvão
Guardando as recordações	Longe de casa
Das terras onde passei	Sigo o roteiro
Andando pelos sertões	Mais uma estação
E dos amigos que lá deixei	E a alegria no coração

A **Figura 37** apresenta, com a marcação dos pontos vermelhos, meus percursos em solo pernambucano, considerando minhas andanças nos Polos da Licenciatura em Letras EAD/UAB da UFRPE (Carpina, Pesqueira, Afrânio, Recife, Jaboatão dos Guararapes, Surubim), bem como meus caminhos na pós-graduação *lato sensu* nos municípios de: Vitória de Santo Antão (FAINTVISA), Olinda (FACHO), Escada (FAESC), Belo Jardim (FABEJA), Recife (UFPE, FIR, UFRPE).

**Figura 37:** Trilhas percorridas em cursos de graduação e de pós-graduação em Pernambuco.



Fonte: <https://www.encontrapernambuco.com.br/mapas/mapa-de-pernambuco.htm>

Fora do estado de Pernambuco, também tive experiência docente na URCA - Universidade Regional do Cariri (URCA), universidade pública da cidade do Crato, Ceará. No Crato, tive a oportunidade de conhecer o famoso “arroz com pequi”. Amigo(a) leitor(a), confesso que provei, mas não “curti” muito. O sabor é muito forte. Mas, como diria Roland Barthes, entre “saberes e sabores”, fui aprendendo as características da cultura local e fortalecendo minha identidade docente.

Na URCA, vivi um episódio engraçado, no ano de 1999, quando iniciei minhas travessias no sertão do Cariri, no Ceará. Quase sempre minha aparência gerou certa expectativa de idade nas pessoas, sempre pensavam que eu pareceria mais “nova” do que certamente minha real idade revelava. Nesse sentido, esse episódio que irei relatar reflete isso. Estava preparando-me para entrar na sala de aula da pós-graduação - URCA para ministrar uma disciplina no campo dos estudos literários. Eu e a coordenadora do curso íamos caminhando em um longo corredor onde havia vários(as) estudantes que iriam participar da aula. Ouvi baixinho um discente, já um senhor de certa idade, sussurar para

<sup>29</sup> GONZAGA, Luiz; MAIA, Hervé Cordovil. A vida de viajante. Intérprete: Luiz Gonzaga. **O melhor de Luiz Gonzaga**. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1985. 2 min, 50 s. CD. A letra completa da canção está disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82381/>



outro colega: “Não acredito! É essa adolescente que irá dar aula pra gente?”. Continuei seguindo em frente, ministrei todo o curso na URCA e venci o preconceito que ainda perdura em alguns cenários em relação a professores(as) jovens que buscam seu lugar ao sol. Após o curso, mantive contato com alguns/algumas discentes da URCA, e, veja só, amigo(a) leitor(a), o estudante desse episódio narrado foi um deles. Continuamente, busquei estimular os(as) estudantes para a pesquisa, orientando os(as) pós-graduandos(as) ao planejamento de estudos futuros no âmbito do Mestrado.

Outro episódio que marcou minhas andanças na pós-graduação ocorreu na FACHO. Meu esposo, André, realizou seleção no Curso de Especialização em Literatura Brasileira, da FACHO, e cursou, de 1998 a 1999, a pós-graduação. Nessa época, eu ministrava duas disciplinas neste curso de Especialização: *A poesia brasileira do período colonial e Teoria da Literatura 2*. Desse modo, as minhas trilhas pela docência me levaram a ser professora de meu esposo, André, na pós-graduação da FACHO. Combinamos manter discrição e a turma não sabia de nossa relação. No entanto, em um belo dia, um estudante da turma teceu um comentário para André, com um tom de “muita admiração” pela professora da disciplina, então, imagine, amigo(a) leitor(a), o disfarce caiu naquele momento. No intervalo da aula, André me procurou para avisar sobre a “queda” do disfarce, pois ele não aguentou. Como as notícias correm, rapidamente, a turma toda ficou sabendo, e, assim, continuamos de forma ainda discreta.

Nessas andanças, conheci vários(as) professores(as) que buscavam, nos cursos de pós-graduação *lato sensu*, uma forma de aprimorar seus percursos formativos. As trocas de experiências foram significativas e, aos poucos, fui fortalecendo e consolidando minha identidade docente, aprendendo a aprender a cada novo instante da longínqua travessia nos diversos cursos de pós-graduação em que atuei. As experiências vividas na pós-graduação *lato sensu* não se encerram por aqui. Na próxima seção, continuarei descrevendo as atividades de orientação desenvolvidas nos cursos de pós-graduação *lato sensu*.

### 3.7 ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO DO CENÁRIO PRIVADO DE ENSINO: UFA! AO INFINITO E ALÉM!!

#### Tratado geral das grandezas do ínfimo <sup>30</sup>

Manoel de Barros

A poesia está guardada nas palavras — é tudo que eu sei.  
Meu fado é o de não saber quase tudo.  
Sobre o nada eu tenho profundidades.  
Não tenho conexões com a realidade.  
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.  
Para mim poderoso é aquele que descobre as  
insignificâncias (do mundo e as nossas).  
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.  
Fiquei emocionado e chorei.  
Sou fraco para elogios.

Esse belíssimo poema de Manoel de Barros revela toda a profundidade da vida: “*Meu fado é o de não saber quase tudo./ Sobre o nada eu tenho profundidades*”. Quando penso na produção de pesquisas, na inesgotabilidade da produção do conhecimento científico, lembro, também, do poder mágico das palavras no exercício da poesia. Certamente, como bem disse a voz poética, “*a poesia está guardada nas palavras*”, e nós, leitores(as) precisamos descortinar as múltiplas “*faces das palavras*”, revisitando aqui, também, o belo poema “*Procura da Poesia*”, do genial Carlos Drummond de Andrade. Amo muito Drummond!!

Quem disse que a vida de professora seria fácil, não é mesmo? Ao mergulhar na imensidão das ondas acadêmicas da pós-graduação, tive experiências em orientações nos contextos privados e públicos de ensino. Atuei em cursos de pós-graduação *lato sensu* nas áreas de Letras (Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Teoria da Literatura) e Educação (Mídias na Educação, Formação docente), orientando trabalhos, com foco em ensino de Língua Portuguesa/Literatura, estudos da linguagem, materiais didáticos, letramentos digitais, leitura literária, letramento literário, Literatura Brasileira, leitura e produção de textos, Educação a Distância, além de outros temas.

Sempre priorizando as redes temáticas que os(as) orientandos(as) gostariam de trabalhar, fui buscando orientar na perspectiva do diálogo, apresentando as múltiplas possibilidades da pesquisa científica, em conexões com as demandas nos processos formativos dos(as) pós-graduandos(as). Diversos trabalhos orientados na pós-graduação *lato sensu* estabeleceram diálogos com a formação docente e as vivências pedagógicas com imersões na pesquisa-ação. Nesse sentido, os temas orientados buscaram, em sua maioria, contemplar as conexões entre Linguagem, Literatura e Educação, tendo em vista a necessidade de contribuir para a formação de professores(as) pesquisadores(as) que encontraram, na pesquisa, um meio de repensar/redimensionar práticas pedagógicas e metodologias de ensino.

No período de 2001 a 2012, durante onze anos, foram **56** trabalhos monográficos orientados no contexto da pós-graduação *lato sensu* em diferentes instituições de ensino,

---

<sup>30</sup> BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

sendo **41** orientações no contexto privado de ensino (**29** na FAINTVISA, **8** na FAFIRE, **2** na FAESC, **2** na FIR) e **15** orientações em universidades públicas (**7** na UFRPE, **8** na UFPE) (**Apêndice – Quadro 18**). Ufa! Cansado(a), leitor(a)? Calma, a travessia continua, não desanime. Sigamos em frente rumo às múltiplas trilhas da docência no contexto público da Educação Superior. Pronto(a) para continuar? Como diria *Buzz Lightyear: ao infinito... e além!!!!*

### 3.8 O LUGAR DA DOCÊNCIA NO CONTEXTO PÚBLICO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo.  
Diverjo de todo o mundo.

*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa

A educação pública sempre acompanhou todos os processos de minha formação, seja como discente, seja na posição de docente. Ao ingressar no contexto público de ensino, agora como docente na Educação Superior, tive a oportunidade de voltar ao tempo, como um grande *flashback*, e traçar conexões com minhas experiências desde o ingresso na universidade pública, quando ainda era discente na UFRPE. Como disse no primeiro capítulo deste Memorial, meu *cronotopo docente* entrelaça-se ao meu *cronotopo discente* em minhas travessias acadêmicas. Esse diálogo entre essas dimensões cronotópias organiza as minhas múltiplas *(Trans)Docências* nas descobertas de minha(s) identidade(s) docente(s).

Como docente de uma Universidade pública, compreendo, ainda mais, a função social do meu papel como educadora. Percebo a missão da Universidade na formação cidadã de estudantes, com foco no tripé de ensino-pesquisa-extensão. Percebi essa importância da Universidade pública em minhas travessias quando ingressei como docente na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coincidência ou destino? Não sei, leitor(a). Convido você para buscar encontrar respostas, seguindo a leitura desta narrativa rumo ao *Grande Sertão... (Trans)Docências*.

#### 3.8.1 A docência na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.  
Dia da lua. O luar que põe a noite inchada.

*Grande Sertão: Veredas* – Guimarães Rosa

Comecei as minhas travessias na Educação Superior como “professora substituta”, com contrato temporário na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), certamente uma das melhores universidades públicas do Brasil, tendo em vista os eixos de ensino (graduação e pós-graduação), pesquisa e extensão. Como instituição pública, a UFPE tem como missão “promover a formação de pessoas e a construção de conhecimentos e competências científicas e técnicas de referência mundial, segundo sólidos princípios éticos, socioambientais e culturais” (UFPE, 2024).

**Figura 38:** Prédio Central da UFPE- Reitoria



Site da UFPE (2024).

Atuar como docente, na UFPE, é um grande sonho de muitos(as) educadores(as). No meu caso, não era diferente, principalmente tendo sido egressa da instituição, com a oportunidade de ter vivenciado as atividades de ensino-pesquisa-extensão, de forma bastante significativa. Então, estimado(a) leitor(a), se você ainda estiver por aqui, percorrendo essas páginas deste longo Memorial, prepare-se para conhecer a minha história na UFPE, agora na perspectiva de docente que atuou na graduação e na pós-graduação.

### **3.8.1.1 Atividades de ensino na graduação da UFPE: contrato temporário e múltiplas experiências na docência**

No período de março de 1996 a março de 1998, com 24 anos de idade, atuei como professora substituta, na UFPE, com contrato temporário. Comecei a ministrar aulas na graduação do Curso de Licenciatura em Letras, modalidade presencial, da UFRPE, como docente das disciplinas Análise de Textos Literários, Literatura Brasileira, Literatura Brasileira 3, Literatura Luso-Brasileira, Teoria Literária 1. Neste período, ministrei aulas para excelentes estudantes que, posteriormente, reencontrei em cursos de pós-graduação ou como colegas de trabalho em outras instituições de ensino. Hoje, muitos(as) desses(as) ex-discentes são agora professores(as), pesquisadores(as), colegas de trabalho e atuam em instituições públicas e privadas de ensino. Muitos(as) desses ex-alunos(as) reencontrei em outras instituições de ensino, como: UFPE, UFRPE, FAFIRE, UNICAP, como docentes de destaque, pesquisadores(as) renomados(as) em suas áreas de atuação. Como professora, sinto-me orgulhosa de ter participado dos percursos formativos desses(as) colegas e feliz pela oportunidade de (re)encontrá-los(as) nas travessias da vida.

Imagine, amigo(a) leitor(a), enfrentar esse desafio, ou seja, ministrar aulas na UFPE, no espaço em que eu acabara de me formar como licenciada em Letras. Este foi um momento de grandes aprendizagens no processo de construção de minha(s) identidade(s) docente(s). Vivi, ainda, o preconceito que, em geral, os(as) professores(as) substitutos(as)/temporários(as) sofrem nas Universidades públicas, mas sei que faz parte do processo de aprendizagem do exercício da docência.

Com produção científica incipiente, na época, com pouca idade (apenas 24 anos) e, ainda, sem muita experiência na docência, percebia os olhares enviesados de alguns/algumas colegas professores(as) que, muitas vezes, faziam questão de delimitar seus territórios com os discursos de autoridade acadêmica, de titulação, dos currículos *lattes* recheados de produções científicas. Para mim, tudo aquilo era um espaço muito rico de aprendizagens e fui, aos poucos, aprendendo a aprender naquele cenário acadêmico, nada fácil, repleto de concorrências e com muita competitividade entre os(as) docentes.

Não posso deixar de mencionar, aqui, a própria competitividade que existia entre docentes da área da Linguística e outros que atuavam na área de Literatura. Imagine a minha situação, amigo(a) leitor(a), com meu perfil “híbrido” entre essas duas áreas - a Linguística (“a prosa”) e a Literatura (“a poesia”), as quais são dialógicas e complementares. No contexto da competição entre os(as) professores(as) dessas áreas na UFPE, eu buscava conviver com todos(as), da melhor forma possível, em busca da cultura de paz. Continuei, querido(a) leitor(a), trilhando os percursos em direção à abordagem dialógica de Paulo Freire, percebendo, ainda mais, que ensinar requer humildade, diálogo, interações contínuas, trocas de saberes e aprendizagens. Desse modo, pude perceber, como Riobaldo, que “*mestre não é aquele que ensina, é aquele que de repente descobre que aprende*” (Rosa, 2019). E, assim, fui aprimorando minhas aprendizagens, compartilhando experiências com os estudantes nos processos de mediações e trocas de saberes. O **Quadro 14** apresenta as disciplinas que ministrei no curso de graduação, Licenciatura em Letras, modalidade presencial, ofertado pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, no período de 1996 a 1998, com a carga horária didática total e a quantidade de disciplinas ministradas.

**Quadro 14:** Disciplinas ministradas na graduação da UFPE

° Nº	Período	Disciplinas ministradas na graduação	Carga horária	Curso
01	03/1996 a 03/1998	Análise de Textos Literários	60 h	Licenciatura em Letras
02	03/1996 a 03/1998	Literatura Brasileira 1	60 h	Licenciatura em Letras
03	03/1996 a 03/1998	Literatura Brasileira 3	60 h	Licenciatura em Letras
04	03/1996 a 03/1998	Literatura Luso-Brasileira	60 h	Licenciatura em Letras
05	03/1996 a 03/1998	Teoria Literária 1	60 h	Licenciatura em Letras
<b>Quantidade de disciplinas ministradas na graduação da UFPE</b>				<b>5 disciplinas</b>
<b>Carga horária didática total</b>				<b>300h</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Conforme o **Quadro 7**, considerando o período de 1996 a 1998, ministrei **5 disciplinas** na graduação da UFPE, perfazendo o total de **300 horas** de carga horária didática. Na graduação da UFPE, o meu contato com a docência na área de Letras foi fundamental para despertar, em mim, a magia de ensinar para estudantes leitores(as), com várias competências em práticas de letramentos. Depois, reencontrei alguns desses(as) estudantes como colegas de trabalho em outras instituições, já com Mestrado e Doutorado e, ainda lembrando de algumas aulas minhas, o que foi uma experiência muito gratificante, sem dúvida. Muitos(as) comentavam sobre uma aula que ministrei sobre o estudo comparativo entre o conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, e a releitura desse conto produzida por Gilvan Lemos, com o mesmo título. Lembro-me bem dessa aula, pois buscava que os(as) estudantes leitores(as) preenchessem as entrelinhas, os implícitos dos textos literários com

base em suas experiências prévias e seus diferentes repertórios de leituras. Em minhas aulas, buscava motivar os(as) discentes para leituras dialógicas, intertextuais, estudos comparados, a fim de evidenciar as múltiplas possibilidades semânticas que a leitura literária pode indicar. Além da graduação, na UFPE, depois consegui ampliar os horizontes no caminho da pós-graduação, como descrevo a seguir.

### 3.8.1.2 Atividades de ensino na pós-graduação da UFPE: *tempo, tempo, tempo, tempo....*

*Oração ao Tempo*<sup>31</sup>- Caetano Veloso

És um senhor tão bonito  
Quanto a cara do meu filho  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Vou te fazer um pedido  
Tempo, tempo, tempo, tempo

No período de setembro de 2002 a junho de 2003, atuei como docente na UFPE, no curso de pós-graduação *lato sensu* – *Especialização em Literatura Brasileira*. Ministrei as disciplinas *Poesia Brasileira Contemporânea* e *Didática*, orientei trabalhos/monografias na pós-graduação. Mais uma vez, assim como ocorreu na graduação, a docência abriu novos olhares e me vi em comunhão com colegas professores(as) que buscavam ampliar seus horizontes de pesquisas e seus processos formativos naquele contexto da pós-graduação na UFPE. Muitos(as) docentes atuavam na Educação Básica, nas redes municipal ou estadual de ensino. Aprendi muito, nesse período, pena que durou pouco. O **Quadro 15** revela as disciplinas que ministrei no *Curso de Especialização em Literatura Brasileira*, na UFPE.

**Quadro 15:** Disciplinas ministradas na pós-graduação *lato sensu* - UFPE

Nº	Período	Disciplinas ministradas na graduação	Carga horária didática	Curso de pós-graduação <i>lato sensu</i> da UFPE
01	Julho/2003	Poesia Brasileira Contemporânea	60h	Especialização em Literatura Brasileira
02	Dezembro/2003	Didática	45h	Especialização em Literatura Brasileira
<b>Quantidade de disciplinas ministradas na pós-graduação da UFPE</b>				2 disciplinas
<b>Carga horária didática total</b>				<b>105h</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Conforme o **Quadro 15**, ministrei **2 disciplinas**, totalizando **105 horas** de carga horária didática, na *Especialização em Literatura Brasileira* - UFPE, no período de julho a dezembro de 2003. Pronto, amigo(a) leitor(a), agora é o momento de ingressar no contexto da UFRPE, como descrevo a seguir.

<sup>31</sup> VELOSO, Caetano. *Oração ao Tempo*. In: VELOSO, Caetano. **Cinema Transcendental**. [s.l.]: Universal Music, 1979. 1 disco sonoro (37 min).



### 3.8.2 A docência na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Sertão é isto: o senhor empurra para trás,  
mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados.  
Sertão é quando menos se espera.

*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa

O ingresso na UFRPE foi, sem dúvida, o grande marco nas trilhas do *Grande Sertão...(Trans)Docências*. Creio que você, amigo(a) leitor(a), já deveria estar ansioso(a) por este relato, não é mesmo? Então, vamos lá, prepare-se para acompanhar as minhas travessias na UFRPE. Ingressei na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE em 2008, através da Portaria de Nomeação nº

Como vida de professora não é fácil, o meu nome saiu **Ivana** na portaria de nomeação para a posse. O documento precisou ser retificado, após minha solicitação via processo administrativo. Desse modo, já ingressei abrindo processo, amigo(a) leitor(a), sem saber muito bem como deveria fazer, mas já comecei a aprender a dinâmica dos trâmites institucionais. Nesse período, ano de 2008, havia uma grande abertura nacional para programas que apoiavam a oferta de cursos na modalidade a distância.

**Figura 39:** Prédio Central da UFRPE- Reitoria



Fonte: Site da UFRPE (2024).

A UFRPE já havia aderido à modalidade de Educação a Distância desde 2006, com a oferta do Curso de Licenciatura em Física, pelo Programa Pró-Licenciatura. Em 2008, a UFRPE conseguiu aprovar Cursos de Licenciatura em Computação e Bacharelado em Sistemas de Informação, ofertados pelo Programa da Universidade Aberta do Brasil (UAB)<sup>32</sup>. Nesse cenário de oferta de cursos pelo Programa UAB, a UFRPE buscava ampliar o seu corpo docente com experiências na produção de materiais didáticos e recursos tecnológicos para apoiar os processos de ensino e aprendizagem na EAD. Ingressei nesse cenário de abertura à EAD, na UFRPE e no Brasil, com o incremento de políticas públicas do Governo Luiz Inácio Lula da Silva elaboradas para expansão da formação inicial docente.

<sup>32</sup> O histórico da implementação dos cursos EAD, na UFRPE, está disponível no PDI UFRPE – 2021-2030, no link: <http://ww2.proplan.ufrpe.br/sites/ww2.proplan.ufrpe.br/files/PDI-UFRPE-2021-2030.pdf>

No período de meu ingresso na UFRPE, ainda existia a SEED – Secretaria de Educação a Distância, implementada pelo Ministério de Educação – MEC, com o objetivo de fomentar e regulamentar a oferta de cursos a distância no país. A SEED era responsável por estabelecer as diretrizes de oferta de cursos EAD, além de avaliar e autorizar a abertura de novos cursos e instituições.

Quem viveu este período, marcado por transformações entre 2003-2006 e 2007-2010, na era dos dois primeiros mandatos do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, deve ter notado o investimento em programas nacionais de formação docente e de expansão das instituições públicas de Ensino Superior no Brasil. Diversas ações destacaram-se, tais como: a Rede Nacional de Formação Continuada de Professores, de incumbência das Secretarias de Educação a Distância e de Educação Básica do MEC, posteriormente, destacaram-se as ações: Programa da Universidade Aberta do Brasil (UAB), Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), Programas Pró-Letramento e Gestar I e II, além de diversas outras propostas.

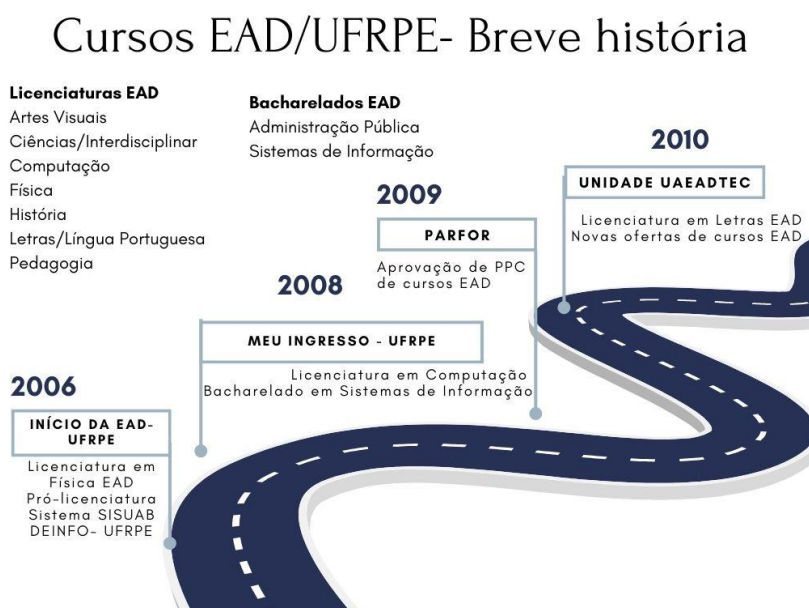
Nesse contexto, destaco a Lei nº 10.861/2004, a qual instituiu o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior/SINAES, com a finalidade de analisar, oferecer subsídios, fazer recomendações, propor critérios e estratégias para a reformulação dos processos e políticas de avaliação da Educação Superior. O SINAES consolidou as dimensões avaliativas, metodologias e critérios utilizados nos ciclos avaliativos da Educação Superior. Destaco, ainda, o Programa da Universidade Aberta do Brasil - UAB, implementado pela Secretaria de Educação a Distância - SEED/MEC, em 2006, conforme Decreto nº 5.800, de 08 de junho de 2006, o qual dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil - SISUAB. No ano de 2009, é lançado o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR. Com essa ação, as funções da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores foram redefinidas e ganharam maior alcance. A Rede passa a ser nomeada Rede Nacional de Formação Continuada de Profissionais da Educação Básica. Esse foi o cenário global no momento de minha chegada à UFRPE. Cansado(a), amigo(a) leitor(a)? Tome um pouquinho de fôlego e vamos caminhando juntos(as) nas trilhas das travessias acadêmicas. Vamos lá?

No momento de meu ingresso na UFRPE, as atividades de EAD eram gerenciadas pelo Núcleo de Educação a Distância que funcionava em uma “salinha” pequena no antigo prédio do Departamento de Estatística e Informática – Deinfo/UFRPE. A professora Marizete Silva Santos, com formação na área de Tecnologia, foi a pioneira na gestão do Programa da Universidade Aberta do Brasil - UAB, atuava como Coordenação Geral da EAD/UAB-UFRPE. Professora Marizete Santos, com sua visão empreendedora, abriu as portas da EAD, na UFRPE, com apoio, ainda limitado, de um número reduzido de colegas docentes que acreditavam na modalidade EAD. Assim que ingressei na UFRPE, também recebi o valioso apoio da professora Cláudia Helena Dezotti, a qual atuava como Diretora Geral do Deinfo.

No cenário de meu ingresso na UFRPE, houve vários concursos nas universidades públicas para seleção de professores(as) com experiências em Educação a Distância. Esse processo fazia parte da expansão da EAD nas universidades públicas brasileiras. A EAD era compreendida como modalidade estratégica para suprir as lacunas de formação inicial e continuada de professores(as) da Educação Básica. Neste contexto de expansão da EAD, no Brasil, a UFRPE abriu alguns editais específicos de seleção para docentes com vivências em

EAD, com vistas a consolidar o corpo profissional para atuação nos cursos que estavam sendo iniciados na instituição para a oferta na modalidade a distância. A **Figura 40** a seguir descreve a síntese do processo de implementação das ofertas de cursos de graduação EAD na UFRPE.

**Figura 40:** Breve história dos cursos EAD na UFRPE



Fonte: Elaboração da autora (2024).

Na UFRPE, as desconfianças e os olhares preconceituosos em relação à EAD ainda eram frequentes, assim como ocorria, também, no cenário brasileiro. Os/As primeiros(as) docentes que ingressaram, na UFRPE, para atuação específica em cursos EAD eram lotados(as), inicialmente, no Deinfo – Departamento de Informática. Agora, imagine, amigo(a) leitor(a), a incompreensão de alguns/algumas colegas docentes já consolidados(as) no antigo Deinfo, diante do ingresso de diversos(as) docentes com formações multidisciplinares e diferentes experiências no campo da EAD. Era tudo muito novo naquele cenário, toda a Universidade estava aprendendo com a dinâmica dos cursos EAD e as experiências de outras instituições de Ensino Superior que também realizavam seus primeiros projetos de EAD, como, por exemplo a Universidade de Pernambuco - UPE e a Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

Como já afirmei, em termos de infraestrutura, a EAD contava apenas com uma pequena sala no prédio do Deinfo e parte de um anexo da Editora UFRPE. O espaço limitado era compartilhado entre docentes, servidores(as) técnicos(as), tutores(as), colaboradores(as), coordenações de cursos, coordenações de tutoria, poucos(as) servidores(as) técnicos(as), além da equipe multidisciplinar, esta responsável pela produção de materiais didáticos e recursos educacionais para os cursos EAD. Nesse cenário, as demandas de trabalho eram imensas e o corpo profissional muito reduzido para apoiar as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão na EAD/UFRPE. Os/As professores(as) que ingressavam, neste contexto, tinham que se desdobrar em múltiplas atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão em cursos EAD e outros presenciais. Além disso, os(as)

primeiros(as) docentes que ingressavam para atuar em EAD percebiam os olhares enviesados de colegas que, certamente, não acreditavam nos padrões de qualidade da EAD.

Quando ingressei na UFRPE, adivinhe, leitor(a), qual foi a primeira disciplina que ministrei? Iniciei a docência, na UFRPE, com Estágio Supervisionado Obrigatório - ESO em cursos de licenciatura nas modalidades presencial e EAD. Nesse processo de formação inicial docente, encontrei vários(as) estudantes que estavam cursando uma licenciatura na área tecnológica, mas não queriam exercer a profissão docente na Educação Básica. Meus primeiros passos, nessa caminhada de transformação, seguiam as trilhas de debates sobre a identidade docente para buscar analisar as histórias de vida daqueles(as) estudantes que não se enxergavam como docentes em formação inicial. Depois de várias propostas pedagógicas de intervenção, consegui perceber a mudança de olhar de alguns/algumas licenciandos(as) que começaram a refletir, mudando suas percepções sobre o que seria ser docente na Educação Básica. Indiquei várias leituras pedagógicas sobre identidade docente e trabalhei a obra *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, a fim de tentar transformar os olhares dos(as) discentes do Curso de Licenciatura em Computação, modalidade presencial.

Organizei, com o apoio dos(as) licenciandos(as), oficinas pedagógicas, a fim de integrar as licenciaturas ao Curso de Pós-Graduação em Mídias na Educação, ofertado na modalidade a distância pela UFRPE. Também atuava em orientações no Curso de Mídias na Educação e buscava, assim, desenvolver ações articuladoras entre graduação e pós-graduação. O resultado foi a participação de vários(as) licenciandos(as)/estagiários(as) como mediadores(as) de oficinas pedagógicas para docentes inscritos(as) no Programa Mídias na Educação. Os(as) estagiários(as) da Licenciatura em Computação tiveram destaque em suas práticas formativas e organizaram pequeno evento de extensão para apoiar a formação continuada de docentes da Educação Básica, com foco nos usos de tecnologias digitais aplicadas à educação.

Como docente do ESO, indiquei uma situação-desafio para os(as) discentes da referida disciplina, no sentido de os(as) licenciandos(as) organizarem um evento de extensão voltado à formação continuada de docentes de escolas públicas e privadas. Desse modo, a disciplina teve como eixo-norteador a orientação dos(as) discentes para a organização de oficinas didático-pedagógicas, visando a contribuir para dinamizar as aulas dos docentes com o auxílio das tecnologias digitais. Surgiu, então, a ideia de organizar o evento *Edutec- Rodada de Oficinas de Tecnologias na Educação*, o qual foi realizado na sala multimídia e nos laboratórios de informática do Cegoe-UFRPE, nos dias 17 e 19 de novembro de 2008. O tema geral do evento foi “*Escola e tecnologias: desafios na era da cibercultura*”. Toda a organização do evento e a seleção dos temas das oficinas foram sugeridos pelos(as) licenciandos(as) do Estágio Supervisionado.

Também é importante destacar a relevância do evento na formação profissional de licenciandos(as) de ESO, já que as fases de planejamento e execução das atividades didático-pedagógicas das oficinas foram vivenciadas de forma bastante proveitosa. Por meio da realização do evento, os(a) licenciandos(as) conseguiram integrar teoria e prática, redimensionando a aplicabilidade dos recursos tecnológicos no contexto de sala de aula, tendo em vista as demandas do público-alvo, formado por docentes de escolas públicas e particulares do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. As articulações entre ensino, tecnologias, inovação e meio ambiente foram exploradas nas oficinas organizadas pelos(as) estagiários(as). A **Figura 42** ilustra as cenas das experiências compartilhadas e os rostos de

felicidade de licenciandos(as) e docentes, pós-graduandos(as) em Mídias na Educação, participantes das oficinas.

Figura 41: Cartaz do evento EDUCTEC elaborado pelos(as) licenciandos(as) matriculados no ESO

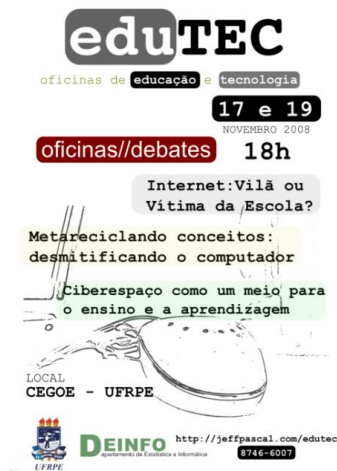


Figura 42: Registros do evento de extensão EDUTEC – ano de 2008



Palestra de Abertura do 1º EDUTEC- Sala multimídia do Cegoe- UFRPE- 17 de novembro de 2008. Oficina- Metarreciclando conceitos: repensando usos do computador. Fonte: Acervo da autora (2024).

Em trocas dialógicas, a formação inicial dos(as) licenciandos(as) de Computação articulou-se à formação continuada dos(as) professores(as) da Educação Básica. Desse modo, as interações entre os(as) participantes das oficinas do EDUTEC, certamente, transformaram as relações dos(as) professores com as tecnologias. Naquela época, muitos(as) docentes de escolas públicas ainda tinham “medo” de tocar no computador, usar as máquinas como recursos pedagógicos. Pensando nesse “medo” dos professores, um grupo de estagiários(as) propôs a oficina “*Metarreciclando conceitos: repensando usos do computador*”. Nesta oficina, os(as) estagiários(as) levaram máquinas, computadores desmontados, para mostrar aos(às) participantes da oficina, professores(as) de escolas



públicas do Recife, os componentes internos dos computadores e suas funcionalidades. Como produção final, os(as) participantes tinham que articular as reflexões sobre tecnologias e meio ambiente, percebendo a necessidade de repensarmos os usos das máquinas em processos de reaproveitamento de recursos. Os debates sobre usos pedagógicos dos computadores também foram construídos nesta e nas demais oficinas organizadas pelos(as) licenciandos(as) do componente de Estágio Supervisionado Obrigatório. As oficinas promoveram essa interação entre docentes, discentes/licenciandos(as) e tecnologias, com vistas a repensar as potencialidades dos recursos tecnológicos para usos pedagógicos em sala de aula.

Além das atividades na Licenciatura em Computação, modalidade presencial, assim que ingressei, na UFRPE, tive que atuar nos cursos de graduação EAD. Os/As docentes que ingressavam na EAD/UFRPE atuavam em cursos EAD e presenciais, com sobrecarga de trabalho nas atividades de ensino. Na Licenciatura em Computação EAD, ministrei disciplinas com abordagens pedagógicas e organizei o *Fórum de Experiências Pedagógicas – FEPE* (**Figura 43**) para os(as) licenciandos(as) socializarem suas aprendizagens nos encontros presenciais nos polos UAB/UFRPE, localizados em diversos municípios dentro e fora de Pernambuco. Nesse período, início da oferta do Curso de Licenciatura em Computação EAD, em 2008, havia oito polos ativos para a oferta do referido curso, com mais de 400 vagas para discentes: Pesqueira/PE, Camaçari/BA, Ipojuca/PE, Trindade/PE, Itabaiana/PB, Ananás/TO, Piritiba/BA, Caucaia/CE. Os/As professores(as) tutores(as) viajavam aos polos nos encontros presenciais de avaliação das disciplinas. Como professora da disciplina, também viajava aos polos, de acordo com as demandas dos(as) estudantes, para a realização de pequenos eventos de compartilhamentos de experiências e vivências pedagógicas construídas nas escolas-campo do ESO.

**Figura 43** - FEPE- Fórum de Experiências Pedagógicas - Polo Pesqueira/PE



Discentes de Licenciatura em Computação EAD - Polo Pesqueira-PE apresentando trabalhos no I *Fórum de Experiências Pedagógicas- FEPE*, em 2009, sob mediação da professora Ivanda Martins, sentada à esquerda com casaco branco. Fonte: Acervo da autora (2024).

Esse foi apenas o início de minhas andanças na UFRPE, assim que ingressei como docente de Estágio Supervisionado Obrigatório - ESO. Mas, não se preocupe, leitor(a), muitas narrativas ainda estão por vir, basta continuar a leitura. Vá tomando fôlego e fazendo pequenas pausas para continuar acompanhando essas travessias.



### 3.8.2.1 Atividades de ensino na graduação da UFRPE: aprendizagens e desafios no contexto da EAD

As coisas mudam no devagar depressa dos tempos.

*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa

Nas atividades de ensino da UFRPE, tive a oportunidade de trabalhar nos cursos de Licenciatura ofertados nas modalidades presencial e a distância. Assim que ingressei, em 2008, iniciei minhas andanças no contexto do ensino de graduação no Curso de Licenciatura em Computação, tanto na modalidade presencial quanto na EAD. Como já comentei, atuei como docente de ESO.

Em 2010, comecei outras experiências acadêmicas na gestão e nas atividades de ensino na Licenciatura em Letras/UFRPE, modalidade EAD. Diversas disciplinas fizeram parte de meu repertório docente na graduação em Letras EAD/UFRPE, tais como: Teoria da Literatura, Crítica Literária, Análise e Interpretação de Textos; Práticas de Leituras e Produção Textual; Estágio Supervisionado Obrigatório; Literatura Brasileira; Literatura Infantojuvenil; PCC/Projetos Interdisciplinares; Metodologia da Pesquisa; Trabalho de Conclusão de Curso; Metodologia de Ensino de Literatura; Literatura e Formação do Leitor; Ensino, Pesquisa e Extensão em Letras; Tecnologia Aplicada à Educação a Distância, e tantas outras. Também atuei como docente no Curso de Licenciatura em Pedagogia EAD, com disciplinas voltadas para o Trabalho de Conclusão de Curso; Prática como Componente Curricular; Metodologia da Educação a Distância. O **Quadro 16** revela os componentes curriculares ministrados na UFRPE.

**Quadro 16:** Disciplinas ministradas na graduação - UFRPE  
Período: 2008 a 2024.

Nº	Disciplina ministrada	Carga horária	Nº turmas
1	NEAD 9498 - Estágio Supervisionado Obrigatório I Lic. Letras	105h	01
2	NEAD 9515 - Estágio Supervisionado Obrigatório II Lic. Letras	105h	02
3	NEAD 9513 - Estágio Supervisionado Obrigatório III Lic. Letras	105h	01
4	NEAD 9509 - Estágio Supervisionado Obrigatório IV Lic. Letras	105h	02
5	NEAD 9486 - Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Língua Portuguesa e Literatura	60h	02
6	NEAD 9504 - Metodologia de Ensino de Literatura	60h	01
7	NEAD 9169 - Introdução à Teoria Literária	60h	05
8	NEAD 9024 - Prática como Componente Curricular IV	60h	03
9	NEAD 9168 - Análise e Interpretação De Textos	60h	03
10	NEAD 9524 - Literatura e Formação do Leitor	60h	01
11	NEAD 9186 - Crítica Literária	60h	05
12	NEAD 9205 - Língua Literatura e outras Linguagens	60h	01
13	NEAD 9202 - Literatura Infantojuvenil	60h	03

14	NEAD 9185 - TCC - Trabalho de Conclusão de Curso	60h	10
15	NEAD 9290 - Trabalho de Conclusão de Curso I	60h	01
16	NEAD 9182 - Metodologia de Pesquisa Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa e Literatura	60h	06
17	NEAD 9093- Estágio Curricular Supervisionado I	75h	06
18	NEAD 9094 - Estágio Curricular Supervisionado II	75h	13
19	NEAD 9095 - Estágio Curricular Supervisionado III	75h	03
20	NEAD 9096 - Estágio Curricular Supervisionado IV	90h	02
21	NEAD 9107 - Estágio Curricular Supervisionado V	90h	04
22	EDUC 9011 - Tecnologia Aplicada à Educação a Distância	60h	07
23	NEAD 9211 - Ensino Pesquisa e Extensão em Letras	60h	01
24	NEAD 9214 - PCCC / Projetos Interdisciplinares II	60h	01
25	NEAD 9016 – Didática	60h	03
26	NEAD 9218 - PCCC / Projetos Interdisciplinares Vi	60h	01
27	NEAD 9174 - Literatura Luso-Brasileira I	60h	02
28	NEAD 9176 - Literatura Luso-Brasileira li	60h	01
29	NEAD 9187 - Práticas de Análises de Textos Literários	60h	01
30	NEAD9175 - Estudos Semânticos e Pragmáticos da Língua Portuguesa	60h	01
31	NEAD 9213 - PCCC / Projetos Interdisciplinares I	60h	02
32	NEAD 9212 - Práticas de Leitura e Produção Textual	60h	02
33	NEAD 06265 - Estágio Curricular I - Licenciatura em Computação	60h	01
34	NEAD 06269 - Estágio Curricular V - Licenciatura em Computação	225h	01
35	NEAD 06247 - Métodos de Expressão Técnica e Científico	60h	01
36	NEAD 06266 - Estágio Curricular II - Licenciatura em Computação	75h	01
37	NEAD 06268 - Estágio Curricular IV- Licenciatura em Computação	60h	01
<b>Quantidade de disciplinas ministradas na graduação UFRPE</b>			<b>37</b>
<b>Quantidade de turmas</b>			<b>102</b>
<b>Carga horária didática total na graduação UFRPE</b>			<b>6.540 horas</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base em dados do SIGA UFRPE.

Considerando o período de 2008 a 2024, durante **16 anos** de atuação docente na UFRPE, ministrei **37 disciplinas** nos cursos de graduação, com **102 turmas**, em **32 semestres letivos**, perfazendo o total de **6.540 horas** como carga horária didática, com as atividades de ensino nos cursos de: Licenciatura em Letras EAD; Licenciatura em Pedagogia EAD; Licenciatura em Computação - presencial; Licenciatura em Computação EAD. Durante cada semestre letivo, a carga horária didática, na graduação, era de, aproximadamente, **16h**, com a oferta de **3 a 4 disciplinas** de **60 horas** em média. Essas atividades de ensino somavam-se à carga horária didática na pós-graduação, além da participação em inúmeras comissões com ações administrativas e nos contínuos trabalhos nos eixos de pesquisa e

extensão. Busquei priorizar a carga horária didática na graduação, em virtude, também, das resoluções internas da UFRPE que orientam as atividades docentes. Ressalto, aqui, a carga horária didática total de **6.540 horas**, durante **32 semestres letivos**, ratificando-se o volume intenso de trabalhos no eixo de ensino no contexto da graduação. Certamente, esses dados de minha atuação docente revelam que priorizei as atividades de ensino na graduação, mesmo quando ocupei atividades administrativas, como, por exemplo, a Coordenação da Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, modalidade a distância.

Compreendo que a graduação é a base sólida, o alicerce do “grande edifício” da Educação Superior. É na graduação que o(a) discente tem contato com os programas institucionais (PIBIC/PIC, PET, monitoria, PIBID, PRP e outros), tão importantes em processos de formação inicial de professores(as). O meu diálogo com a graduação sempre foi intenso nos eixos de ensino, pesquisa e extensão. No entanto, certamente, o eixo de ensino destacou-se em minhas travessias acadêmicas, pois acredito na importância da formação inicial docente pautada nos padrões de qualidade nas licenciaturas. Creio que a minha preocupação com a formação dos(as) licenciandos(as) seja reflexo de minhas vivências como estudante de graduação na UFPE. Desse modo, procuro, no exercício do movimento exotópico de minhas *(Trans)Docências*, colocar-me na posição dos(as) discentes. Assim, a docência exotópica e a docência dialógica caminham juntas no exercício de minhas práticas pedagógicas no eixo de ensino.

Ufa, foram várias experiências de ensino, não é verdade? Esse período foi de contínuas aprendizagens no exercício da docência, com o processo de formação inicial docente em Cursos de Licenciatura da UFRPE. Nos percursos da docência na EAD, vivenciei as dificuldades em termos de infraestrutura para o exercício de atividades acadêmicas e administrativas. Em 2017, tive que fazer a mudança do acervo documental da Coordenação de Licenciatura em Letras EAD para o prédio do Centro de Ensino de Graduação Obra-Escola (Cegoe). Foi um período de muito trabalho e de adaptações nas atividades de gestão do curso. O Cegoe abrigou as atividades das coordenações EAD durante mais de um ano, em função de reformas físicas realizadas no anexo da EAD, o EspaçoTec, onde funcionava toda a parte administrativa da EAD. A **Figura 44** a seguir revela uma cena da mudança para o Cegoe.

**Figura 44:** Mudança da Coordenação de Letras EAD para o prédio do Cegoe/UFRPE



Fonte: Acervo da autora (2024).

A infraestrutura sempre foi um ponto frágil para a UAEADTec, sem muitos espaços físicos para abarcar todas as demandas da modalidade EAD. Como docente, sentia a

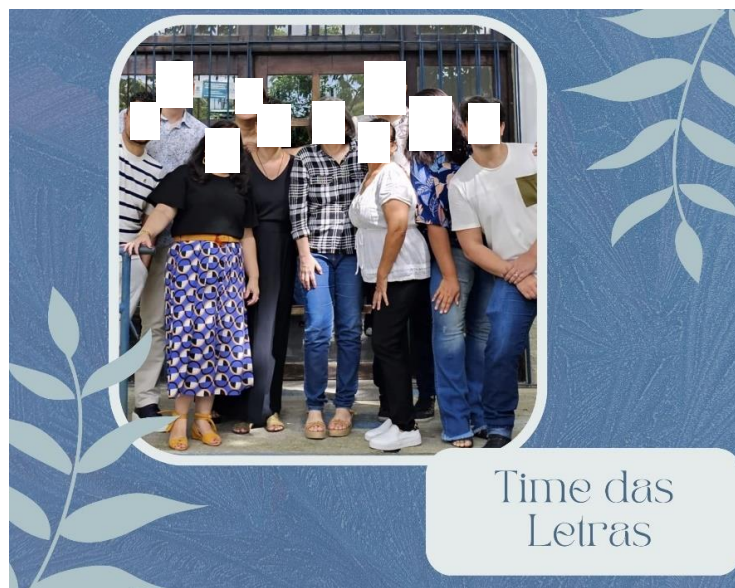
necessidade de um espaço mais individualizado, como, por exemplo, os gabinetes docentes que os(as) demais colegas dos cursos presenciais têm em seus respectivos departamentos ou nas demais Unidades Acadêmicas. Este espaço individualizado de trabalho docente é fundamental para conseguir desenvolver, com tranquilidade, as atividades diversas de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Neste cenário, orientar discentes de graduação e de pós-graduação, apoiar o trabalho desenvolvido pelos(as) tutores(as), interagir com outros(as) colegas no planejamento de atividades colaborativas, como escrita de artigos, capítulos de livros, organização de obras, garantir o atendimento ao/à discente, enfim, uma série de atividades que fazem parte do ofício do Magistério na Educação Superior, certamente, transformam-se em contínuos desafios.

Nessa realidade, a EAD surgiu, como já comentei, numa pequena sala no antigo Deinfo – Departamento de Informática, migrou depois para uma “casinha” amarela (hoje Espaço Tec), um espaço antes dividido com ações da Editora da UFRPE. Em seguida, a EAD mudou-se, temporariamente, para o segundo andar do Cegoe, ficando abrigada em apenas dois laboratórios de informática do prédio. Por fim, no ano de 2018, a EAD conquistou espaço maior no prédio do Departamento de Logística - Delogs, embora este espaço ainda seja limitado no momento, mesmo 18 anos após o início das atividades da EAD na UFRPE. Certamente, em termos de infraestrutura, a UAEADTec merece destaque maior no contexto institucional da UFRPE, pelas demandas contínuas que as atividades dos cursos EAD requerem, seja na graduação, com **6** licenciaturas (Artes Visuais, Computação, Física, História, Letras, Pedagogia) e **2** bacharelados (Administração e Sistemas de Informação), seja no âmbito da pós-graduação, com **4** cursos de Especialização (pós-graduação *lato sensu*) e **2** Mestrados - PPGTEG e PROGEL (pós-graduação *stricto sensu*), além dos novos cursos de Especialização em processos de abertura. É preciso destacar, também, a capilaridade da EAD/UFRPE, por meio da oferta de cursos de graduação e de pós-graduação *lato sensu*, em diferentes polos EAD localizados em Pernambuco, tais como: Afrânio, Carpina, Garanhuns, Gravatá, Jaboatão dos Guararapes, Lajedo, Limoeiro, Palmares, Pesqueira, Petrolina, Recife, Salgueiro, Santa Cruz do Capibaribe, Santa Filomena, Surubim, Tabira, Triunfo, bem como em Alagoas, polo de Maceió.

Certamente, a frágil infraestrutura da EAD, na UFRPE, não foi determinante para comprometer minhas travessias no exercício das múltiplas docências, visto que sempre fui/sou uma pessoa esperançosa e resiliente. Lembra, amigo(a) leitor(a), das minhas confissões iniciais? Retomo aqui: sou uma professora resiliente, esperançosa e “romântica”. Como diria Paulo Freire, é preciso ter esperança do verbo “esperançar”, aprender a fazer de outro modo, não desistir. Nesse sentido, caminhei, e ainda caminho, nas trilhas da esperança, tentando aprender a aprender com as adversidades, buscando “aprender a fazer de outro modo”, em colaboração com os(as) colegas docentes e com os(as) discentes que nos ensinam a “esperançar” todos os dias.

A **Figura 45** revela a integração com os(as) amigos(as) da Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD/UAEADTec - UFRPE que compartilham os desafios no “esperançar” de docências e discências dialógicas comprometidas com a criticidade e qualidade na formação de recursos humanos em contextos de graduação e pós-graduação. Carinhosamente, chamo o grupo de *Time das Letras*, pela união, pelas trocas compartilhadas, pelas contínuas e leves interações durante as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão na área de Letras EAD - UFRPE.

**Figura 45:** Docentes da Licenciatura em Letras EAD/UFRPE



Reunião com docentes da UAEADTec/UFRPE, em 9/03/2023. Fonte: Acervo da autora (2024). Da esquerda para a direita: amigos(as) professores(as) da Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD – professor **Iran Melo** (Coordenador do Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais -NuQueer), ao lado das professoras **Paloma Borba** (Coordenadora Adjunta da UAB/UFRPE), **Julia Larré** (Coordenadora do Grupo de Pesquisa LACELI e Coordenadora Pedagógica do LINFOR/UFRPE), **Suzana Paulino** (atrás) (Consultora MEC/INEP, Coordenadora de Projetos de Extensão UFRPE), esta ao lado do professor **Eduardo Barbuio** (de óculos escuros- atual Coordenador de Letras EAD/UFRPE), eu (**Ivanda Martins**), ex-coordenadora do curso de Letras EAD/UFRPE (2010 a 2019), atual coordenadora do PROGEL/UFRPE, ao meu lado, professoras **Ednara Calado** (ex-Coordenadora de Pedagogia EAD e Ex-Coordenadora Adjunta UAB/UFRPE), **Renata Vicente** (Coordenadora do PIBIC/EAD e do SINTEL), professor **José Temistócles** (Coordenador UAB/UFRPE), e o professor **Natanael Duarte** (ex-Coordenador do PROGEL/UFRPE e bolsista de produtividade do CNPq, primeiro docente na área de Letras UFRPE a conquistar este tipo de bolsa na UFRPE).

Quando foi registrada essa foto, a professora Aliete Rosa não conseguiu aparecer, mas destaco a sua participação no *Time das Letras*, tendo atuado na Coordenação do Curso de Letras EAD, de 2019 a 2021, e na Coordenação Geral dos Cursos de Graduação EAD. Outros dois docentes ingressaram posteriormente no Curso de Letras EAD, a professora Paula Levay e o professor Wellington Marinho. Na legenda da **Figura 45**, faço questão de evidenciar as atividades de gestão nas quais os(as) colegas docentes de Letras estão envolvidos(as). O *Time das Letras* sempre desenvolveu, e continua desenvolvendo, muitas atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão, com muita dedicação e muito compromisso, acumulando ações acadêmicas e administrativas na graduação e na pós-graduação da UFRPE.

Na próxima **Figura 46**, destaco os(as) docentes da UAEADTec que atuam nos diferentes cursos de graduação ofertados na modalidade a distância em reunião com a ex-Pró-Reitora de Ensino de Graduação - PREG, professora Maria do Socorro de Lima Oliveira e a Direção Geral da UAEADTec, professora Elidiane Amaro, diretora da UAEADTec em 2023.

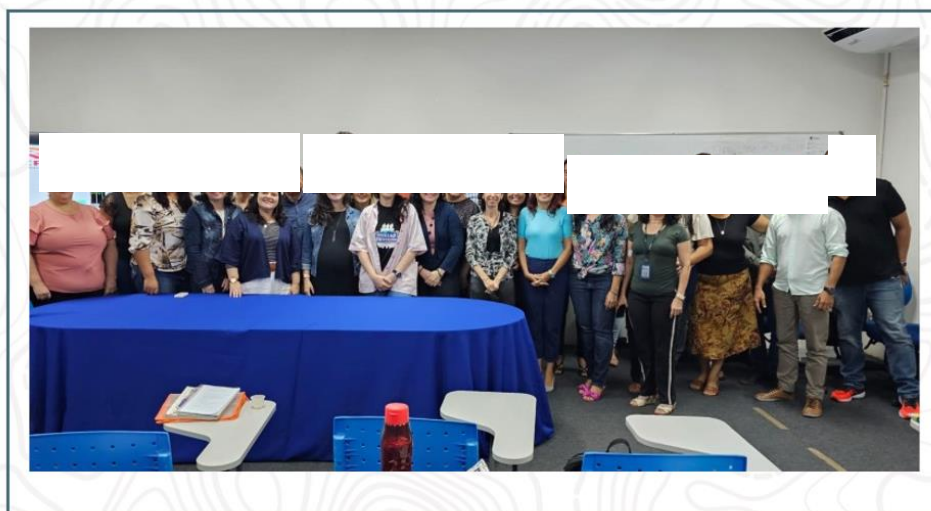


**Figura 46:** Corpo docente da UAEADTec com a PREG/UFRPE



Reunião em 9/03/2023 do corpo docente da UAEADTec.  
Fonte: Acervo da autora (2023).

**Figura 47:** Docentes e servidores(as) técnicos(as) da UAEADTec



Reunião com docentes e servidores(as) técnicos(as) da UAEADTec em 21/06/2023.  
Fonte: Acervo da autora (2024).

No ano de 2023, o reitor Marcelo Carneiro Leão fez uma visita à UAEADTec e participou de reunião com docentes e servidores(as) técnicos(as) da Unidade, conforme a **Figura 48**.



**Figura 48:** Corpo docente e servidores(as) técnicos(as) em reunião com o Reitor da UFRPE - Marcelo Carneiro Leão – ano 2023



Reunião do Reitor da UFRPE com docentes e servidores(as) técnicos(as) da UAEADTec em 21/06/2023. Fonte: Acervo da autora (2024).

Além das atividades de ensino, a pesquisa também acompanhou as minhas experiências docentes. Desse modo, busquei desenvolver, continuamente, as orientações no contexto da graduação, em contato com os projetos de pesquisas dos(as) discentes. A orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso esteve presente em minhas andanças nas trilhas da graduação, conforme apresento na próxima seção. Ainda está comigo nessa travessia, amigo(a) leitor(a)? Vamos lá?

### 3.8.2.2 Atividades de orientação na graduação da UFRPE

Um sujeito pensante não pode pensar sozinho;  
não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos  
no ato de pensar sobre o objeto.  
Não há um “penso”, mas um “pensamos”.  
É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário.  
Paulo Freire

Orientar estudantes de graduação: creio que essa deveria ser a missão de todo(a) professor(a) da Educação Superior. Infelizmente, muitos(as) colegas supervalorizam as orientações apenas na pós-graduação, nos cursos de Mestrado e de Doutorado. Os processos formativos na graduação são fundamentais para o(a) estudante mergulhar no universo da pesquisa. Nesse sentido, o TCC e a Iniciação Científica são dois campos fecundos para o(a) estudante ter contato com a produção da pesquisa em seu processo formativo inicial durante a graduação.

Como tive experiências, como discente de graduação que participou de projetos de Iniciação Científica, sempre me coloquei/me coloco no lugar dos(as) estudantes das

licenciaturas que precisam, em seus processos formativos iniciais, ter contato com o ensino, a pesquisa e a extensão, de forma contínua. Nesse sentido, priorizei as orientações de discentes da graduação a fim de despertar a motivação para a pesquisa e consolidar a formação de professores(as) pesquisadores(as). Na seção a seguir, relato as experiências no processo de orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso na UFRPE.

### 3.8.2.2.1 Orientações de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

Nos cursos de graduação da UFRPE, tive a oportunidade de orientar diversos Trabalhos de Conclusão de Curso. Educar pela e para a pesquisa sempre foi um pilar importante em minha formação e tentei transmitir, para meus/minhas orientandos(as), a necessidade de contribuir para o incremento da produção científica, principalmente, em um país, como o Brasil, repleto de desigualdades sociais e econômicas.

Atuando em cursos de formação inicial docente, percebi a importância da licenciatura como espaço formativo para o desenvolvimento de professores(as) pesquisadores(as) que irão enfrentar os desafios da Educação Básica. Orientei **52** Trabalhos de Conclusão de Curso nas Licenciaturas em Letras e Pedagogia EAD/UFRPE, no período de 2008 a 2024, considerando pesquisas sobre: ensino de literatura, leitura literária, letramento literário, letramentos digitais, ESO, formação docente, gêneros textuais, literatura em tempos de cultura digital, além de outros temas. Na FIR, orientei apenas **1** TCC em 2007, totalizando **53** orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso na graduação durante a minha trajetória acadêmica (**Apêndice - Quadro 14**). Além das orientações de TCC, tive a feliz oportunidade de orientar discentes no Programa de Iniciação Científica da UFRPE, como descrevo na próxima seção.

### 3.8.2.2.2 Orientações de bolsistas de Iniciação Científica - PIBIC/PIC/CNPq

Esta vida está cheia de ocultos caminhos.  
Se o senhor souber, sabe;  
não sabendo, não me entenderá.

Grande Sertão: Veredas - Guimarães Rosa

Minha experiência como discente em Programas de Iniciação Científica - PIBIC, na UFPE, foi fundamental para apoiar meu percurso formativo nos processos de orientação de estudantes no PIBIC/PIC em todas as instituições nas quais atuei. Nesse sentido, busquei, na UFRPE, dar a minha contribuição para a formação dos(as) estudantes no campo da pesquisa científica, compartilhando as minhas experiências, como discente, em programas de Iniciação Científica. Você deverá lembrar, amigo(a) leitor, do relato que fiz sobre a minha participação em projetos de Iniciação Científica, na UFPE, ainda como estudante de graduação. Um/a professor(a) que vive experiências no PIBIC, certamente, tem um olhar diferente em orientações para estudantes da graduação. Tive a sorte de ter essa experiência, como discente, na UFPE, e tentei multiplicar minhas vivências na UFRPE em orientações contínuas no PIBIC.

A UFRPE conta com o Programa de Iniciação Científica (PIC/PIBIC), cujo objetivo é despertar a vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação

universitária, mediante participação em projetos de pesquisa orientados por pesquisador(a) qualificado(a), bem como estimular maior articulação entre a graduação e a pós-graduação. A Iniciação Científica é apoiada pelo CNPq, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFRPE). O PIBIC foi incorporado ao Instituto de Inovação, Pesquisa, Empreendedorismo, Internacionalização e Relações Institucionais (Instituto IPÊ). Atualmente, o PIBIC/UFRPE é coordenado pelo Núcleo de Pesquisa - Nupesq do Instituto IPÊ. Em geral, os(as) discentes da graduação podem participar dos editais específicos para o PIBIC/PIC e PIBIC- Af, a fim de concorrer a bolsas de Iniciação Científica.

Nesse cenário, tive a oportunidade de orientar estudantes da Licenciatura em Letras, tanto da modalidade presencial, quanto na EAD, bem como licenciandos(as) de Pedagogia EAD. Infelizmente, os(as) discentes da EAD não eram contemplados(as) com bolsas de Iniciação Científica, principalmente no início das atividades da EAD/UFRPE, contexto de abertura do Programa UAB na Universidade, em 2006, até os anos subsequentes com a consolidação da modalidade na UFRPE. O preconceito em relação à EAD ainda era grande, sobretudo nos primeiros anos da oferta de cursos, e o processo de institucionalização da modalidade demorou a se concretizar. No início das atividades da EAD, o corpo docente era muito limitado e não havia possibilidade de concorrer a editais de pesquisa, visto que a carga horária didática, no eixo de ensino, era imensa. Além disso, os cursos de graduação EAD funcionavam com grande número de docentes e tutores(as) colaboradores(as), bolsistas do Programa UAB, sem vínculo institucional com a UFRPE, o que dificultava a inserção de orientadores(as) em programas institucionais, a exemplo do PIBIC.

Destaco, ainda, outro ponto importante, ou seja, o financiamento dos cursos EAD pelos recursos oriundos do Programa UAB - CAPES. Esse aspecto financeiro sempre era colocado como entrave para que os(as) discentes da EAD conseguissem bolsas em programas institucionais, visto que tais estudantes não entravam na matriz orçamentária da Universidade, em função da alocação de recursos via UAB. Nesse contexto, diante dos desafios para orientações PIBIC nos cursos de graduação, modalidade a distância, comecei a orientar discentes da Licenciatura em Letras, modalidade presencial, com vistas a abrir caminhos futuros para as orientações de discentes das licenciaturas EAD.

Os Seminários de Pesquisa eram momentos de aprendizagens, nos quais os(as) orientandos(as) do PIBIC socializavam suas pesquisas e os(as) docentes de Letras eram convidados(as) a participar de bancas de avaliação dos relatórios parciais e finais de pesquisas. Nesses Seminários, reencontrei vários(as) colegas professores(as) que não revia desde a graduação. Muitos foram colegas de turma da minha graduação na UFPE, outros companheiros(as) de pesquisas, estudos e formações docentes. A **Figura 49** apresenta registros dos Seminários de Pesquisas realizados na sede da UFRPE, em Recife, bem como a divulgação de trabalhos de discentes PIBIC em eventos científicos. Destaco a foto da estudante Olga Heloísa de Almeida Galindo, primeira discente da Licenciatura em Letras EAD, polo Pesqueira, contemplada com bolsa PIBIC/UFRPE, minha orientanda no PIBIC. Olga Heloísa apresentou o seu relatório final PIBIC, na sede UFRPE, no Seminário de Pesquisa realizado em Recife, no ano 2017, socializando os resultados do projeto de pesquisa *O dialogismo na produção de materiais didáticos impressos para EAD*.

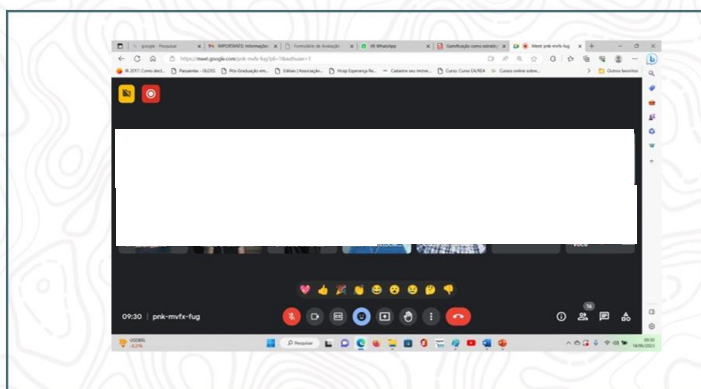
Figura 49: Registros de Seminários de Pesquisas do PIBIC/UFRPE – ano 2017



Fonte: Acervo da autora (2024). Na primeira foto, eu e a professora Sherry Almeida, conferindo a lista de trabalhos do Seminário de Pesquisas. Na segunda foto (centralizada), eu e a professora Valéria Gomes na arguição, em diálogo com as apresentações. Na terceira foto, Olga Heloísa, estudante do Polo Pesqueira/PE, apresentando seu relatório PIBIC. Na quarta foto, discentes e docentes de Letras EAD e presencial reunidos no Seminário de Pesquisas do PIBIC, e, na quinta e última foto, Alexandro Almeida, discente do Polo Recife/PE, apresentando sua pesquisa.

Na UAEADTec, em 2020, 2021, 2022 e 2023, os Semimários de Pesquisa foram realizados de modo remoto, o que favoreceu a participação de discentes da EAD, oriundos de diferentes polos e municípios. Esse formato remoto começou a ser adotado, sobretudo, em 2020, com a chegada da pandemia e a interrupção de atividades presenciais na UFRPE.

Figura 50: Seminários de pesquisa- PIBIC- Socialização de Relatórios Parciais - ano 2023



Socialização de Relatórios Parciais PIBIC - 14/06/2023. Docentes e discentes da Licenciatura em Letras EAD/UFRPE e professores(as) convidados(as) para a avaliação de relatórios das pesquisas do Programa PIBIC/PIC- UFRPE. Fonte: Acervo da autora (2024).

Aos poucos, as portas foram se abrindo para os(as) discentes da EAD e comecei a orientar os(as) licenciandos(as) em Letras, modalidade a distância, a partir de 2016, dez anos após o início das atividades da EAD na UFRPE. No segundo semestre de 2015, a UAEADTec

divulgou Edital Interno do PIBIC/PIC para discentes da graduação EAD, visto que houve fomento específico do Programa UAB para ações de incentivo à pesquisa na graduação.

Nesse sentido, a UAEADTec lançou o Edital Faturpe nº 02/2015 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) para discentes dos cursos de graduação EAD/UFRPE. O referido Edital foi aberto de acordo com recursos do Programa UAB para incremento de ações no âmbito da Iniciação Científica. A UAEADTec lançou o Edital, em 2015, para que discentes da graduação EAD pudessem concorrer a bolsas sob orientação de professores(as) do PPGTEG. Dessa forma, investiu-se no fortalecimento da pesquisa nos cursos de graduação EAD/UFRPE. Ao total, **13** estudantes atuaram em projetos de Iniciação Científica nos anos de 2015 e 2016. Esta ação de apoio ao PIBIC, na UAEADTec, ocorreu na gestão da professora Dra. Juliana Diniz, Diretora Geral e Acadêmica da Unidade no período citado. Reproduzo, aqui, o **Quadro 17** para que se registre a memória do início das ações de pesquisa da UAEADTec, no período de 2015 a 2016.

**Quadro 17** – Discentes bolsistas de Iniciação Científica da UAEADTec - período 2015/2016.

Discente	Subprojetos de pesquisa/ planos de trabalhos dos/as discentes PIBIC
<b>Adriene Viana Lima</b>	Aprendizagem corporificada: contribuições e desafios dos novos paradigmas da interação humano-computador
<b>Ana Paula da Silva Santos</b>	Competências culturais e criativas e a Educação a Distância
<b>EdilmaTerto da Silva</b>	Ferramentas tecnológicas para o ensino de programação em cursos a distância
<b>Emerson Antonio dos Santos</b>	Desenvolvimento local, associativismo e práxis pedagógica
<b>Evandro Batista de Souza</b>	Linguagens, leituras e letramentos da Educação a Distância: dialogando com a produção de materiais didáticos
<b>Imara Queiroz</b>	Tecnologia e educação a distância: uma abordagem integrada
<b>José Edmilson Gomes da Silva Júnior</b>	Uso de jogos digitais para aprendizagem móvel
<b>José Lourenço da Silva Neto</b>	Desenvolvimento sustentável e Educação a Distância
<b>José Weydson Portela Gomes</b>	Ferramentas de apoio ao processo de ensino-aprendizagem e divulgação de aspectos teóricos da Computação
<b>Juliana Silva Valença</b>	Os professores e o uso das ferramentas tecnológicas na EAD
<b>Maria José Ferreira da Silva</b>	Programa IRACEMa: informar, repensar, agir, conscientizar e educar para a preservação do meio ambiente nos polos de atendimento presencial da UAB
<b>Maximino de Andrade Xavier</b>	Repositórios digitais: linguagens em materiais didáticos e objetos de aprendizagem no contexto da EAD
<b>Neiton Carvalho da Silva</b>	Desenvolvimento e utilização de artefatos midiáticos

Fonte: Comissão de Pesquisa da UAEADTec (2024).

Nesse panorama de início de orientação PIBIC de discentes da EAD, tive a oportunidade de orientar dois estudantes, Evandro Batista de Souza e Maximino de Andrade Xavier, bolsistas PIBIC - UAEADTec. Os referidos discentes atuaram no projeto global: *Linguagens, leituras e letramentos na Educação a Distância: dialogando com a produção de materiais didáticos*. As produções dos(as) discentes de Licenciatura em Letras EAD começaram a se destacar e, aos poucos, o Programa PIBIC/UFRPE foi incorporando as pesquisas da UAEADTec. Os/As discentes da Unidade começaram a ser contemplados(as) com bolsas de Iniciação Científica pelo Programa PIBIC/UFRPE, resultado de grande luta junto às instâncias da Universidade para a inclusão dos(as) estudantes da EAD. Destaco que



esse apoio às ações da EAD, em termos do processo de institucionalização da EAD, teve destaque, sobretudo, na gestão da professora Dra. Maria José de Sena, incentivadora das atividades da EAD na UFRPE. O apoio institucional da UFRPE seguiu com a atuação do professor Dr. Marcelo Carneiro Leão, Reitor (gestão 2020 a 2024), o qual assumiu a gestão da UFRPE em pleno cenário pandêmico, em 2020, com muitos desafios e valiosas superações. Professor Marcelo Carneiro Leão foi um dos pioneiros da EAD, na UFRPE, já desenvolvia pesquisas e ações antes mesmo da implementação do Programa UAB na Universidade, tendo em vista suas linhas de pesquisas direcionadas às conexões entre tecnologias e educação.

Em 2022, de modo inédito na história da UAEADTec, docentes da Licenciatura em Letras da UAEADTec/UFRPE participaram do concorrido Edital Nupesq-IPÊ nº 05/2022, referente à seleção para Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UFRPE. Foram contemplados 5 projetos de pesquisa, com 5 discentes aprovados(as) para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), e 9 discentes aprovados(as) para o Programa de Iniciação Científica Voluntária (PIC). Esse resultado consolidou os esforços contínuos do professor Dr. Natanael Azevedo e da professora Dra. Renata Vicente, representantes do Comitê Interno do PIBIC/UAEADTec. Esta aprovação dos projetos de pesquisa ocorreu na gestão do professor Dr. Jorge Correia, Diretor Geral e Acadêmico da UAEADTec no período. No **Quadro 18**, apresento uma síntese de projetos de pesquisa que coordenei com a participação de estudantes de Iniciação Científica – PIBIC/PIC UFRPE (**Apêndice – Quadro 13**).

**Quadro 18:** Projetos de Pesquisa – UFRPE (Período: 2008 a 2024).

Nº	Período	Projetos de pesquisa – UFRPE	IES
01	2023 a 2027 em andamento	Formação docente na/para Educação a Distância na cibercultura: interfaces com práticas de linguagens e letramentos digitais	UFRPE
02	2023 a 2027 em andamento	Linguagem, literatura e educação na cultura digital: conexões interdisciplinares e proposições didático-pedagógicas inovadoras no campo artístico-literário para formação de leitores e práticas dialógicas de letramentos literários	UFRPE
03	2021 a 2023	Literatura, educação e inovação pedagógica na cultura digital: interfaces com metodologias ativas para letramentos literários no Ensino Médio	UFRPE
04	2020–2021	Ensino de literatura em tempos de inovações tecnológicas: interfaces com Recursos Educacionais Abertos (REA)	UFRPE
05	2019-2020	Literatura, ensino e mídias digitais: conexões ilimitadas	UFRPE
06	2018-2019	Literatura no Ensino Médio: da escolarização às práticas de letramentos literários digitais no ciberespaço	UFRPE
07	2017-2018	Ensino de literatura em tempos de mídias digitais: concepções, letramentos e interação textos-leitores	UFRPE
08	2016-2017	Materiais didáticos para Educação a Distância: análise das concepções de estudantes sobre gêneros e práticas de linguagem	UFRPE
09	2016	Laboratório virtual de práticas de letramentos na Educação a Distância: interfaces com as ferramentas do Moodle	UFRPE
10	2015-2016	Materiais didáticos impressos para Educação a Distância: práticas de linguagens e letramentos	UFRPE

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo Lattes- CNPq



Amigo(a) leitor(a), como você pode notar, os projetos de pesquisa desenvolvidos voltaram-se para duas grandes áreas de pesquisas nas quais tenho atuado: *Ensino de Literatura e Educação a Distância - EAD*. Os projetos de pesquisa com foco em *Ensino de Literatura* buscaram dar continuidade às investigações da etapa do Doutorado, com vistas ao desenvolvimento de pesquisas aplicadas no contexto da Educação Básica. Nesses projetos, estimo os(as) discentes para pesquisas articuladas ao ESO, com entrevistas com docentes/discentes, aplicação de questionários, rodas de diálogos, realização de propostas de intervenção didático-pedagógica para transformar o ensino de literatura, considerando as demandas de aprendizagem de estudantes da Educação Básica, sobretudo, no contexto do Ensino Médio.

A pesquisa-ação é sempre estimulada para que os(as) licenciandos(as) pesquisadores(as) percebam a importância de investigações aplicadas, em sintonia com as demandas de aprendizagens de estudantes e possíveis propostas de intervenção didático-pedagógica. Vi, de perto, o encantamento de muitos(as) licenciandos(as) que estavam realizando suas pesquisas no Programa PIBIC, pois sentiam que conseguiam transformar, pelo menos um “pouquinho”, as práticas de leituras e letramento literário dos(as) estudantes da Educação Básica. Nessas pesquisas, comecei a inserir, também, reflexões sobre metodologias ativas, como, por exemplo, gamificação, aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida, e outras.

Por outro lado, as pesquisas direcionadas para EAD dialogaram com o contexto da Educação Superior, em sintonia com as minhas experiências como docente autora e mediadora em ambientes virtuais em cursos EAD. Além disso, destaco o diálogo das orientações realizadas com pesquisas que desenvolvi na pós-graduação da UnB. Neste eixo da EAD, busquei investigar práticas de letramentos de docentes autores(as) na escrita de materiais didáticos para EAD, mapeando, também, o lugar do material didático impresso como configuração discursiva do gênero mediacional, de natureza dialógica, próximo ao cenário de aulas dialogadas.

Também, nestas pesquisas sobre materiais didáticos para EAD, busquei avaliar as percepções de discentes sobre as características de materiais impressos usados para apoiar a aprendizagem na modalidade a distância. Em um dos resultados de pesquisas neste campo, um dado chamou a atenção quando apontou que mais de 90% de discentes da graduação EAD/UFRPE, no ano de 2016, indicavam, ainda, a preferência em relação ao material didático impresso para apoiar seus estudos. Esse fato foi evidenciado em função das dificuldades dos(as) discentes quanto ao acesso à internet e a dispositivos tecnológicos digitais para apoiar seus estudos e pesquisas na EAD no período de realização da pesquisa.

Muitos(as) discentes estudavam com apoio, apenas do celular, com muitas dificuldades de acesso a outros recursos, como, por exemplo, *notebooks* ou *tablets* para acessar o AVA UFRPE. Nesse sentido, lembrei-me de uma estudante do PIBIC que, certa vez, foi apresentar seu relatório final do PIBIC, na sede da UFRPE, em Recife, no Seminário de Pesquisa, com participação de outros(as) discentes e docentes do Curso de Licenciatura em Letras presencial da UFRPE. Nas orientações para a apresentação do relatório, pedi que a estudante levasse seu *notebook* no dia do Seminário para facilitar a utilização do *datashow*. Um pouco sem graça, a discente respondeu: “*professora Ivanda, eu não tenho notebook, estudo na EAD apenas com o celular e com apoio de lan house*”. Após esse depoimento, fiquei pensando na luta daquela estudante para realizar seu curso, suas pesquisas, escrever

seus relatórios de pesquisas. Mas, no fundo, eu sabia que essa era a realidade da maior parte dos(as) discentes da EAD que se desdobravam em suas lutas diárias para continuar o curso de graduação, sempre com muita resiliência. Com o depoimento dessa estudante, retornei ao meu tempo de discente na graduação - UFPE, contexto em que estudava com apoio de uma máquina de escrever Olivetti, conforme apresentei na rápida descrição de minha tecnobiografia. Considerando tais desafios apresentados, no período de atuação docente na UFRPE, de 2008 a 2024, orientei **24** discentes no Programa de Iniciação Científica- PIBIC/PIC- CNPq (**Apêndice - Quadro 15**). A seguir, descrevo a relação de estudantes e os seus subprojetos de pesquisas.

**Quadro 19:** Orientações de Iniciação Científica - PIBIC/PIC na UFRPE (2008 a 2024).

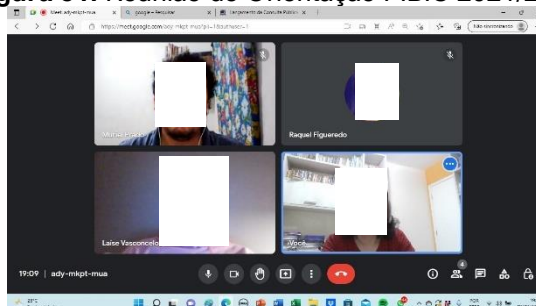
Nº	Ano	Orientações de Iniciação Científica- PIBIC/PIC
01	2023	RAQUEL FIGUEREDO DE SOUZA MELO FERREIRA. <i>Círculos de leituras: o conto em cena: interfaces com a sala de aula invertida para dinamizar o ensino de literatura.</i>
02	2023	ÉRIKA VANESSA FONSÊCA DOS SANTOS. <i>Gamificação como estratégia metodológica ativa para o ensino de literatura: leituras literárias gamificadas de poemas.</i>
03	2023	MURIEL PRADO DE MELO JUNIOR. <i>Videopoemas na formação de leitores no ensino médio: conexões com a aprendizagem baseada em projetos.</i>
04	2022	RAQUEL FIGUEREDO DE SOUZA MELO FERREIRA. <i>Círculos de leitura e aprendizagem baseada em times: metodologias ativas para ensino de literatura.</i>
05	2022	MURIEL PRADO DE MELO JUNIOR. <i>Literatura e aprendizagem baseada em projetos de leitura: interfaces com o fenômeno dos booktubers na formação de leitores.</i>
06	2022	LAÍSE MANUELLE TENÓRIO DE VASCONCELOS. <i>Literatura e gamificação: em busca de estratégias metodológicas ativas para educação literária na cultura digital.</i>
07	2021	MARIA KALINE DE LIMA PEDROZA. <i>Recursos Educacionais Abertos (REA) para ensino de literatura: organizando sequências didáticas com foco práticas de letramentos literários na cultura digital.</i>
08	2021	EDUARDO FERREIRA DA SILVA. <i>Literatura e REA: propostas metodológicas para educação literária aberta em cenários online de aprendizagem.</i>
09	2020	ALEXSANDRA CRISTINE DE ANDRADE. <i>A poesia nos meios digitais: diálogos com a formação de leitores na cibercultura.</i>
10	2020	YALLE RAFAELLA SILVEIRA DE MELO. <i>Microcontos literários no ciberespaço: desafios e perspectivas para o ensino de literatura.</i>
11	2020	MARIA KALINE DE LIMA PEDROZA. <i>Fanfics na motivação de práticas de letramentos literários: interfaces com ensino de literatura no nível médio.</i>
12	2019	ALEXSANDRO VITAL DE ALMEIDA. <i>Gêneros literários emergentes no ciberespaço: o papel das fanfics nas práticas de letramentos literários digitais.</i>
13	2019	EMMANUELLE BRAZ DO NASCIMENTO. <i>Literatura, booktubers e digital influencers: quais os caminhos das práticas de letramentos literários nos espaços virtuais?</i>
14	2018	CARMEM LÚCIA DA SILVA LIMA. <i>Práticas de letramentos literários de estudantes no Ensino Médio: interações entre textos-leitores na cultura digital.</i>
15	2019	CARMEM LÚCIA DA SILVA LIMA. <i>Práticas de letramentos literários digitais de estudantes do Ensino Médio: da escolarização às redes sociais de leituras no ciberespaço.</i>

16	2017	JOÃO KLÉBER RODRIGUES DOS SANTOS. <i>Análise das concepções de estudantes/leitores sobre materiais didáticos impressos para EAD.</i>
17	2017	ALEXSANDRO VITAL DE ALMEIDA. <i>Ensino de literatura: estudo das concepções subjacentes de leitura literária, literatura e letramentos literários em documentos curriculares.</i>
18	2017	EMMANUELLE BRAZ DO NASCIMENTO. <i>Gêneros textuais recorrentes na produção de materiais didáticos impressos para EAD.</i>
19	2017	OLGA HELOISA DE ALMEIDA GALINDO. <i>O dialogismo na produção de materiais didáticos impressos para EAD.</i>
20	2017	EMMANUELLE BRAZ DO NASCIMENTO. <i>Percepção dos docentes sobre ensino de literatura em tempos de mídias digitais: concepções e práticas pedagógicas.</i>
21	2016	EVANDRO BATISTA DE SOUZA. <i>Linguagens, leituras e letramentos na educação a distância: dialogando com a produção de materiais didáticos.</i>
22	2016	MAXIMINO DE ANDRADE XAVIER. <i>Linguagens, leituras e letramentos na educação a distância: dialogando com a produção de materiais didáticos.</i>
23	2013	MYLLENA KARINA MIRANDA DOS SANTOS. <i>Materiais didáticos impressos para educação a distância: características do gênero discursivo mediacional.</i>
24	2013	CAROLINA HOLANDA CONSTANT DO NASCIMENTO PINHO ROSENDO. <i>Práticas de letramento docente: desafios na escrita de materiais didáticos impressos para Educação a Distância.</i>

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo Lattes- CNPq

No cenário desafiador da pandemia de Covid-19, com o período de isolamento social, as orientações do PIBIC e as apresentações dos relatórios nos Seminários de Pesquisa foram realizadas de modo remoto. A **Figura 51** revela cena de reunião com discentes participantes do programa PIBIC/UFRPE.

**Figura 51:** Reunião de Orientação PIBIC 2021/2022



Orientandos(as) do PIBIC 2021/2022: Muriel Prado, Laise Vasconcelos e Raquel Figueredo, licenciandos(as) de Letras EAD/UAEADTec. Reunião virtual realizada, via Google Meet, em 18/08/2022.

O formato das orientações mudou durante a pandemia e comecei a explorar ainda mais as tecnologias digitais. Para orientar os(as) discentes da EAD, eu já utilizava a criação de sala virtual de orientação no AVA UAEADTec, pois os(as) estudantes residiam em diferentes municípios: Carpina, Pesqueira, Recife, Surubim, Jaboatão dos Guararapes, e outros. Com a pandemia, tive que aprender, rapidamente, a utilizar outros recursos tecnológicos, como, por exemplo, as plataformas de interações síncronas, como *Google Meet* e *Zoom*, além de explorar mais os aplicativos, como o *WhatsApp*.

Dos(as) orientandos(as) do PIBIC/UFRPE, tive o prazer de reencontrar alguns/algumas deles(as) em programas de pós-graduação em que atuo. No PROGEL, por exemplo, reencontrei orientandos(as) do PIBIC, os quais, deram continuidade aos seus estudos na pós-graduação *stricto sensu*. Cito aqui os(as) orientandos(as) Muriel Prado de Melo Júnior; Maria Kaline de Lima Pedroza; Alessandro Vital de Almeida, discentes oriundos do PIBIC/UFRPE. Espero continuar encontrando vários(as) outros(as) estudantes

orientandos(as), oriundos(as) do programa PIBIC. Como docente, é muito gratificante perceber o encantamento dos(as) orientandos(as) com a pesquisa, da graduação à pós-graduação, acompanhando, também, seus percursos de aprendizagens, leituras (re)descobertas ao longo das travessias no universo da investigação científica.

Mas, as travessias continuam, não é mesmo, amigo(a) leitor(a)? Então, agora, convido você para conhecer os relatos sobre as orientações de monitoria, extensão e aquelas de outras naturezas que desenvolvi na UFRPE e em outras instituições por onde caminhei.

### 3.8.2.2.3 Orientações de monitoria, extensão e de outras naturezas na UFRPE e em outras instituições de ensino superior

Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data.

*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa

De 2008 a 2024, orientei discentes no Programa de Monitoria da UFRPE, bem como em atividades de outra natureza. Nessa etapa de orientação, consegui perceber, de perto, as transformações dos(as) discentes em seus percursos formativos, conquistando apropriação e maturidade no exercício da docência. Seja na monitoria das disciplinas de graduação, nas orientações dos Projetos de Extensão BEXT/UFRPE, ou dos Programas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPEs e Residência Pedagógica – PRP/CAPEs, os(as) licenciandos(as) demonstravam dedicação e muito empenho, sempre abertos(as) às aprendizagens que íamos desenhando, todos(as) juntos(as).

Considerando as *orientações de outra natureza*, também orientei mestrandos(as) na etapa do Estágio Docência, no PROGEL/UFRPE. Nessas orientações, buscava sempre fortalecer as articulações entre graduação e pós-graduação. Os/As mestrandos(as) do Estágio Docência atuavam em disciplinas ofertadas no Curso de Licenciatura em Letras EAD/UAEADTec, tendo a oportunidade de desenvolver a práxis docente com apoio de tecnologias digitais e AVA. No total, foram **34** orientações em atividades de monitoria, extensão e de outra natureza, no contexto da UFRPE e em outras instituições de Ensino Superior, como a FAINTVISA e a FIR (**Apêndice – Quadro 16**), além de **9** orientações no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/UFRPE - CAPEs (**Apêndice – Quadro 17A**) e **16** orientações no Programa Residência Pedagógica – PRP/UFRPE - CAPEs (**Apêndice – Quadro 17B**). O **Quadro 20** apresenta as orientações por categorias, o quantitativo e as instituições nas quais atuei, bem como as orientações na UFRPE.

**Quadro 20:** Orientações de monitoria, estágio docência, PIBID, PRP, BEXT/extensão e outra natureza

Tipo de orientação	Nº	Cursos envolvidos/IES- detalhamento
<b>Estágio Docência</b>	02	PROGEL/UFRPE
<b>Monitoria</b>	31	23 discentes – UFRPE, sendo:
<b>Oficinas pedagógicas</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 22 discentes - Licenciaturas em Letras – EAD/UFRPE</li> <li>• 01 discente - Licenciatura em Pedagogia – EAD/UFRPE</li> </ul>
<b>Outras</b>		08 discentes em outras IES, sendo:
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 02 discentes – FIR – Turismo e Fonoaudiologia</li> <li>• 06 discentes FAINTVISA</li> </ul>

<b>Extensão/ BEXT</b>	02	UFRPE Licenciatura em Letras EAD/UFRPE
<b>PIBID- Iniciação à Docência</b>	08	UFRPE <ul style="list-style-type: none"> <li>• 7 discentes na Licenciatura em Letras/Espanhol - UFRPE (presencial)</li> <li>• 1 discente na Licenciatura em Computação - UFRPE (presencial)</li> </ul>
<b>PRP – Residência Pedagógica</b>	16	UFRPE <ul style="list-style-type: none"> <li>• 16 discentes da Licenciatura em Letras EAD</li> </ul>
<b>Total de orientações de outra natureza</b>	<b>59</b>	<b>Monitoria, Extensão/BEXT, PIBID, PRP, Estágio Docência e outras.</b>
<b>PIBIC/PIC</b>	33	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 24 discentes na UFRPE – Licenciaturas em Letras e Pedagogia EAD</li> <li>• 9 discentes na FIR</li> </ul>
<b>TCC</b>	53	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 52 discentes na UFRPE – Licenciaturas em Letras e Pedagogia EAD</li> <li>• 1 discentes na FIR</li> </ul>
<b>Total de orientações</b>	<b>145</b>	<b>59 (Monitoria, Extensão/BEXT, PIBID, PRP, Estágio Docência e outras) + 33 (PIBIC/PIC) + 53 (TCC)</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes* - CNPq

Amigo(a) leitor(a), você está acompanhando minhas travessias e deve perceber que a vida de professora universitária é uma correria. São muitas orientações, inúmeros projetos, uma carga horária didática imensa na graduação e na pós-graduação. Nessa “maratona” de orientações, preciso descrever as minhas experiências nos Programas de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica (PRP), conforme destaque na próxima seção.

### 3.8.2.2.4 Programas de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica (PRP): vivências na formação inicial de professores(as) na UFRPE

Ensinar exige consciência do inacabamento. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.  
Paulo Freire

Nas orientações dos(as) estudantes de graduação - UFRPE, tive o privilégio de orientar no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES e no Programa de Residência Pedagógica – PRP/CAPES. De 2010 a 2013, orientei **8** planos de trabalho para o PIBID, com a participação de estudantes das licenciaturas em Letras e Computação, modalidade presencial - UFRPE. Essa orientação foi realizada em colaboração como voluntária em parceria com o professor Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, do Departamento de Letras, sede UFRPE e com a professora Jeane Melo, do Departamento de Computação, sede UFRPE.

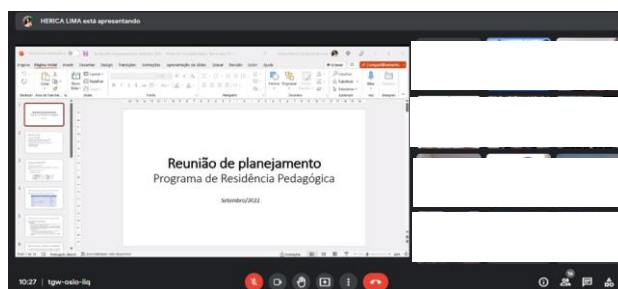
Neste período, os(as) discentes da EAD ainda não eram contemplados(as) com bolsas PIBID ou de Residência Pedagógica/PRP, com a justificativa de que participavam do Programa da Universidade Aberta do Brasil - UAB, e, portanto, o(a) estudante EAD ainda não entrava na matriz orçamentária da UFRPE. Essa era a mesma situação enfrentada pelos(as) discentes que tentavam bolsas PIBIC, como já relatei. Nunca entendi muito bem essas



justificativas, mas eu continuava a luta para desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão com discentes das licenciaturas EAD. Nesse cenário, orientei discentes dos cursos de graduação, modalidade presencial, nas licenciaturas em Letras e Computação da UFRPE.

Minha experiência no Programa de Residência Pedagógica – PRP/CAPES iniciou em 2022. No ano de 2018, participei de processo seletivo interno da UFRPE para orientar discentes na área de Letras/Língua Portuguesa no Programa PRP. Mesmo com a aprovação em Edital Interno da PREG/UFRPE, não consegui atuar, visto que o projeto institucional da UFRPE não foi aprovado no Edital CAPES/2018. Só em 2022, a UFRPE conseguiu retomar as ações formativas no âmbito do PRP e iniciei processos de orientação de licenciandos(as) de Letras EAD/UAEADTec - UFRPE.

**Figura 52:** 1ª Reunião geral do PRP/UFRPE



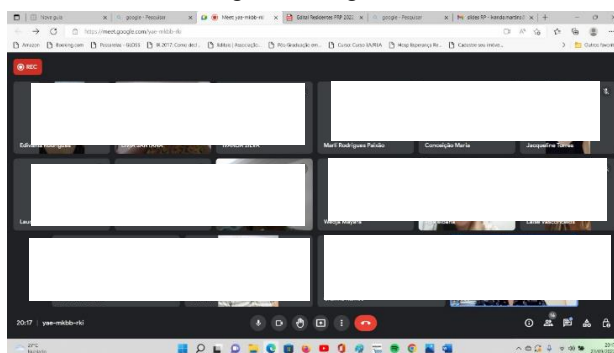
Fonte: Acervo da autora (2024). Reunião PRP/UFRPE com docentes orientadores(as) com subprojetos aprovados no Edital CAPES - ano 2022, com participação da profa. Socorro Lima (Pró-Reitora de Ensino de Graduação – PREG/UFRPE, em 2022) e Hérica Karina Cavalcanti de Lima (Coordenação Geral do Programa PRP/UFRPE, ciclo 2022 a 2024).

O PRP é um Programa que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de Residência Pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, a fim de contribuir para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores(as) da Educação Básica nos cursos de licenciatura. Os objetivos principais do PRP são: fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura; contribuir para a construção da identidade profissional docente dos(as) licenciandos(as); estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas na formação inicial de professores(as); valorizar a experiência de professores(as) da Educação Básica na preparação dos(as) licenciandos(as) para a sua futura atuação profissional; e induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula (Brasil, Portaria CAPES, nº 82, de 26 de abril de 2022).

Após a reunião geral de planejamento para os processos seletivos de estudantes residentes e professores(as) preceptores(as), os trabalhos do PRP já iniciaram com a divulgação para discentes de Letras sobre o Edital de seleção e a cota de **10** bolsas contempladas para o Núcleo PRP de Língua Portuguesa EAD. Após divulgação do Edital PRP/CAPES, iniciei ampla divulgação para discentes interessados(as) na seleção do PRP. A **Figura 53** registra reunião de orientação para discentes da Licenciatura em Letras EAD interessados(as) na seleção PRP.



**Figura 53:** Reunião de orientação para inscrição no processo seletivo - PRP Licenciatura em Letras Língua Portuguesa EAD – UAEADTec/UFRPE.

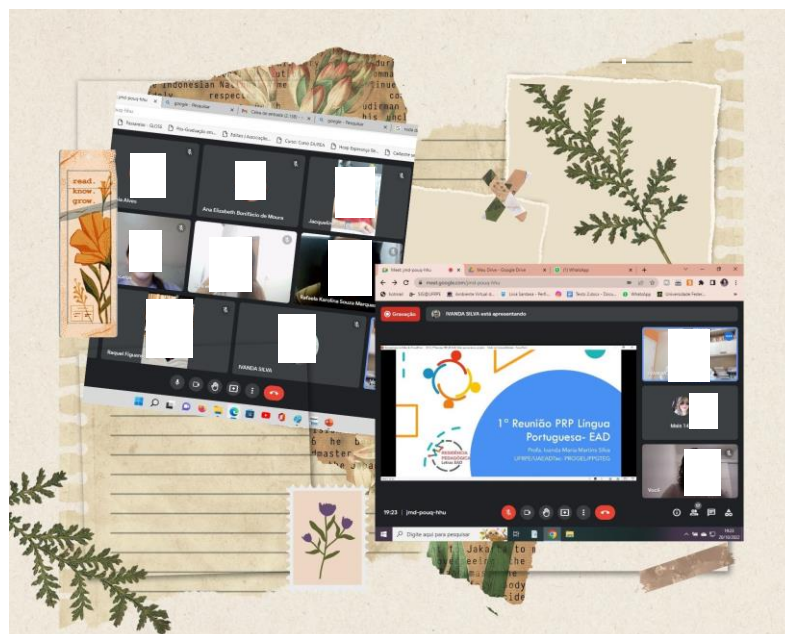


Reunião realizada em 23/09/2022, com licenciandos(as) de Letras EAD.

O Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa - EAD/UFRPE foi o primeiro da UAEADTec a ser contemplado no Programa de Residência Pedagógica – PRP/CAPES, por meio do projeto da UFRPE para a Chamada Pública do Edital nº 24/2022- CAPES. Após a aprovação da CAPES, a UFRPE lançou o Edital Interno nº 33/2022, com vistas ao processo de Seleção de Residentes do Programa de Residência Pedagógica/UFRPE 2022. O Projeto de Ensino, intitulado *Ensino de língua portuguesa/literatura e inovações pedagógicas: interfaces com práticas de linguagens, letramentos e metodologias ativas no cenário da cultura digital*, o qual integra o Núcleo de Letras/Língua Portuguesa EAD - UFRPE/UAEADTec, em parceria com o Núcleo de Letras – Português/Espanhol da sede – UFRPE, foi aprovado no Edital Interno da PREG/UFRPE nº 11/2022 - Processo para seleção de docente orientador do PRP/UFRPE 2022, em consonância com a aprovação do projeto institucional no Edital nº 24/2022 - CAPES. O referido Projeto de Ensino foi aprovado, também, pela Comissão de Ensino e pelo CTA – Conselho Técnico Administrativo da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia - UAEADTec/UFRPE, por meio da Decisão CTA nº 80/2023 – UAEADTec, bem como pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão - CEPE/UFRPE, tendo em vista a Decisão CEPE/UFRPE nº 49/2023 e a Resolução CEPE/UFRPE nº 630, de 21 de julho de 2023.

Em ação formativa pioneira na imersão do Programa de Residência Pedagógica, o Curso de Licenciatura em Letras foi o primeiro da UAEADTec a ser contemplado com **10** bolsas para os(as) licenciandos(as) residentes, além de **2** vagas para voluntários(as) e **2** bolsas para professores(as) preceptores(as) das escolas parceiras. As atividades do PRP iniciaram em 17 de outubro de 2022. Em 20 de outubro de 2022, participei de reunião com a equipe de residentes e docentes preceptoras das escolas parcerias do Programa PRP Letras/Língua Portuguesa EAD, conforme registros a seguir.

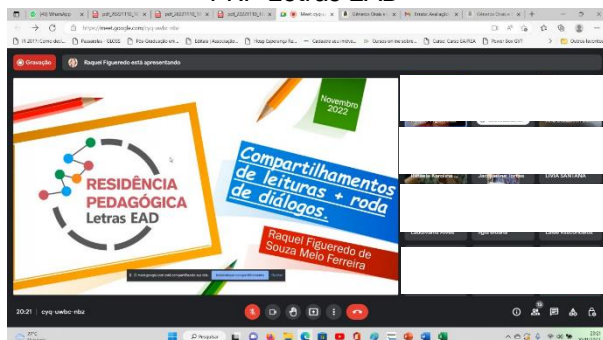
**Figura 54:** Registros de Reuniões do Núcleo de Letras – Língua Portuguesa PRP/Residência Pedagógica EAD



Fonte: Acervo da autora (2024).

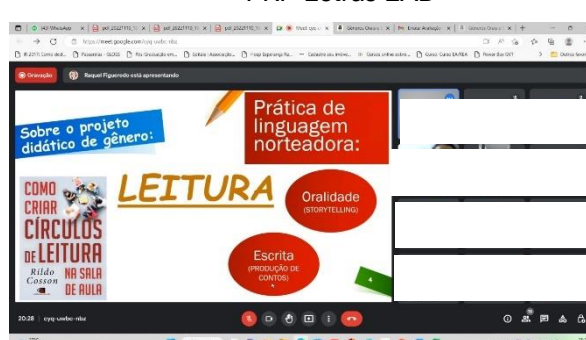
A reunião de planejamento PRP contou com a participação de toda a equipe formada por docentes preceptoras das escolas parceiras (Jáisa Maria Lopes Feitoza Maciel - Escola Professor Arruda Marinho, e Etelvina Conceição de Maria Araújo Rodrigues - EREM Padre Nércio Rodrigues), residentes da Licenciatura em Letras- EAD – bolsistas PRP/CAPES - Lívia Carolina Nascimento Santana, Ana Júlia Silva dos Santos, Raquel Figueredo de Souza Melo, Jacqueline Torres de Souza, Conceição Maria da Silva Soares, Rafaela Karolina Souza Marques, Laise Manuelle Tenório de Vasconcelos, Lígia Eloana da Silva Santos, Josefa Rosineide dos Santos Feliciano, Laudivânia Alves da Silva, residentes voluntárias - Ana Elizabeth Bonifácio de Moura, Daniela da Conceição Rodrigues. A divulgação foi realizada no site da UAEADTec (<http://www.ead.ufrpe.br/node/2379>) e nas redes sociais da Unidade.

**Figura 55:** Socialização dos projetos didáticos PRP Letras EAD



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 56:** Socialização dos projetos didáticos PRP Letras EAD



Fonte: Acervo da autora (2024).

Em 2023, o Programa de Residência Pedagógica - PRP foi contemplado com novas cotas de bolsas, graças à gestão do Governo Lula. No (des)governo Bolsonaro, houve cortes

de bolsas do PRP, mas, com o início da gestão Lula, as cotas foram retomadas e foi publicado novo Edital PRP/CAPES para recomposição das bolsas. Além disso, os valores das bolsas foram reajustados após quase uma década de congelamentos. Todas as cotas de bolsas solicitadas pelas Universidades públicas para os programas PIBID e PRP foram recompostas, após publicação de novo Edital CAPES nº 24/2022 - Segunda Chamada. O Curso de Letras Língua/Portuguesa- EAD conquistou mais **5** bolsas para residentes e **1** bolsa para docente preceptor(a), formando mais um núcleo em escola parceira no município de Surubim/PE. Desse modo, a Residência Pedagógica foi conquistando capilaridade e criou oportunidades para que os(as) licenciandos(as) EAD tivessem vivências pedagógicas marcantes em seus processos formativos iniciais na construção da identidade docente (**Apêndice – Quadro 17B**). O **Quadro 21** apresenta a relação dos residentes e docentes preceptoras do Núcleo de Língua Portuguesa EAD do Programa Residência Pedagógica - PRP/CAPES, com a participação de **15** bolsistas/CAPES e **1** residente voluntário, discentes do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE.

**Quadro 21:** Núcleos do Programa Residência Pedagógica – Língua Portuguesa – EAD/UFRPE

**Título do projeto:** Ensino de Língua Portuguesa/Literatura e inovações pedagógicas: interfaces com práticas de linguagens, letramentos e metodologias ativas no cenário da cultura digital  
**Orientadora Núcleo Língua Portuguesa- EAD/UAEADTec - UFRPE: Ivanda Maria Martins Silva**  
**Período do projeto de ensino PRP: outubro/2022 a março/2024.**

<b>Escola Arruda Marinho Pesqueira- PE</b>	<b>EREM Padre Nércio Rodrigues Recife- PE</b>	<b>EREM Ana Faustina Surubim/PE</b>
<p><i>Docente preceptora:</i> Jaísa Maria Lopes Feitoza Maciel</p> <p><i>Residentes/bolsistas/CAPES:</i> 1. Ana Julia Silva dos Santos 2. Jacqueline Torres de Souza 3. Laise Manuelle Tenório de Vasconcelos 4. Lígia Eloana da Silva Santos 5. Laudivânia Alves da Silva 6. Maria Aparecida Ramos da Silva</p>	<p><i>Docente preceptora:</i> Etelvina Conceição de Maria Araújo Rodrigues</p> <p><i>Residentes/bolsistas/CAPES:</i> 1. Conceição Maria da Silva Soares 2. Josefa Rosineide dos Santos Feliciano 3. Lívia Carolina Nascimento Santana 4. Raquel Figueredo de Souza Melo 5. Rafaela Karolina Souza Marques <i>Residente Voluntário</i> 6. Muriel Prado de Melo Junior.</p>	<p><i>Docente preceptora:</i> Lucineide Benício Ferreira Sena</p> <p><i>Residentes/bolsistas/CAPES:</i> 1. Mikael Missias Conserva Almeida 2. Kayamar Ynaê Panzarini de Andrade 3. Daniela da Conceição Rodrigues 4. Beatriz Gomes Cavalcanti 5. Joelma Carla da Silva</p>
<p><b>Número de residentes bolsistas/CAPES: 15</b>  <b>Número de residentes voluntários: 1</b>  <b>Número de docentes preceptoras: 3</b>  <b>Número de docentes orientadores: 1</b>  <b>Número de escolas parceiras: 3</b>  <b>Polos EAD contemplados: 3 polos - Recife/PE – Pesqueira/PE – Surubim/PE.</b></p>		

Fonte: Elaboração da autora (2024).

O projeto de ensino, intitulado *Ensino de língua portuguesa/literatura e inovações pedagógicas: interfaces com práticas de linguagens, letramentos e metodologias ativas no cenário da cultura digital* integrou o Núcleo de Língua Portuguesa, modalidade a distância, sob a minha coordenação, em parceria com a coordenação Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna

(DL/UFRPE), do Núcleo de Língua Portuguesa, modalidade presencial, em conformidade com as orientações do Programa de Residência Pedagógica – UFRPE, Edital CAPES nº 24/2022. Os dois Núcleos PRP foram aprovados no referido Edital, com a participação de residentes bolsistas, voluntários e docentes preceptores(as) que acompanham os(as) residentes nas escolas parceiras. Como afirmei, o Núcleo de Língua Portuguesa EAD, da Licenciatura em Letras, modalidade a distância, da UFRPE/UAEADTec, foi o primeiro núcleo contemplado no Programa de Residência Pedagógica da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia/UAEADTec, uma conquista histórica e pioneira no âmbito da Educação a Distância.

O objetivo geral do referido projeto buscou contribuir para a formação inicial de professores(as) de Língua Portuguesa/Literatura, por meio de intervenções pedagógicas sistematizadas nas escolas-campo do Programa de Residência Pedagógica - PRP/UFRPE, tendo em vista processos de ensino e aprendizagem de práticas de linguagens (oralidade, leitura, produção de textos, análise linguística/semiótica, letramento literário) em sintonia com a cultura digital. Cada núcleo funcionava com **1** docente orientador/coordenador, **3** docentes preceptores(as) das escolas de Educação Básica, **15** bolsistas residentes e residentes voluntários. No total, o projeto integrado soma **2** orientadores/coordenadores, **6** docentes preceptores(as), **30** bolsistas residentes dos cursos de Letras/Língua Portuguesa EAD e Letras/Língua Portuguesa/Espanhol/sede, além de **4** residentes voluntários. O **Quadro 22** apresenta algumas atividades realizadas no período de vigência do projeto de ensino da Residência Pedagógica em Língua Portuguesa/EAD – UFRPE/UAEADTec.

**Quadro 22:** Atividades do Núcleo de Letras/Língua Portuguesa EAD – PRP/UFRPE

<b>Descrição da Atividade de Formação Docente</b>	<b>Tipo de atividade</b>	<b>Nº participantes</b>
<b><i>Livros cartoneros: um mecanismo pedagógico para o processo de produção textual escrita</i></b> Palestrante: Waldemar Cavalcante de Lima Neto- Mestre PROGEL/UFRPE Data: 13 de abril de 2023 Horário: 19h às 21h	Oficina pedagógica	50
<b><i>O lugar da poesia na formação de leitores</i></b> Palestrantes: Escritoras pernambucanas de destaque na cena literária contemporânea: Cida Pedrosa, Conceição Rodrigues e Jacqueline Torres de Souza Data: 11 de abril de 2023 Horário: 19h às 21h	Rodas de Conversas Literárias	100
<b><i>Violência nas escolas e bullying: os desafios enfrentados para a cultura de paz</i></b> Data: 19 de abril de 2023 Horário: 19h às 21h Palestrantes: Profª Cléo Fante e Prof. Silvano Sulzart Mediação: Prof. Waldemar Cavalcante (Mestre PROGEL/UFRPE)	Roda de Diálogos	25
<b><i>Sequência didática nas redes sociais: estratégias para engajamento e aprendizagem</i></b> Palestrante: Prof. Ricardo Pereira (Mestre PPGTEG/UFRPE). Data: 26 de abril Horário: 19h às 21h	Oficina	64
<b><i>Socialização de relatos de imersão na escola</i></b> Data: 12 de abril Horário: 19h às 21h Escola Arruda Marinho Preceptora/mediadora da sessão: Profª. Jaísa Maria Lopes	Ciclo de vivências pedagógicas Socialização de relatos de	12

Feitoza Maciel Palestrantes: Ana Júlia Silva dos Santos Jacqueline Torres de Souza Lígia Eloana da Silva Santos	imersão na escola para o grupo interno de residentes.	
<b>Socialização de relatos de imersão na escola</b> Data: 18 de abril Erem Padre Nércio Preceptora/mediadora da sessão: Prof <sup>ª</sup> . Etelvina Conceição de Maria Araújo Rodrigues Palestrantes: Conceição Maria da Silva Soares Josefa Rosineide dos Santos Feliciano Lívia Carolina Nascimento Santana Raquel Figueredo de Souza Melo Ferreira Rafaela Karolina Souza Marques Muriel Prado de Melo Junior	Ciclo de vivências pedagógicas.  Socialização de relatos de imersão na escola para o grupo interno de residentes.	12
<b>Reflexões sobre multimodalidade e ensino de leitura</b> Palestra 4 de maio de 2023 Horário: 19h às 21h Ateliê de Formação Docente PRP Língua Portuguesa Palestrante: Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Paloma Borba (UFRPE)	Palestra	28
<b>Círculos de vivências pedagógicas: pedagogia de projetos, interdisciplinaridade e transversalidade</b> Palestrantes: Profa. Camila da Silva Sebastião (Escola Erem Padre Nércio Rodrigues) Educação Sexual na escola: vivências pedagógicas na Erem Padre Nércio Rodrigues Prof. Romualdo Correia (Escola Arruda Marinho) Poesia e linguagem poética em sala de aula: vivências pedagógicas na Escola Arruda Marinho 18 de maio de 2023 Horário: 19h às 21h	Roda de diálogos	26
<b>Roda de diálogos: Círculos de vivências pedagógicas: experiências na Escola Professor Arruda Marinho – Pesqueira/PE</b> Palestrantes: Jacqueline Torres (PRP/Letras EAD- UFRPE) Laíse Vasconcelos (PRP/Letras EAD- UFRPE) Mediadora: Prof <sup>ª</sup> . Dr <sup>ª</sup> . Ivanda Maria Martins Silva (UFRPE) 04 de julho de 2023 Horário: 19h às 21h	Roda de diálogos	25
<b>Roda de diálogos: Círculos de vivências pedagógicas: experiências na Escola EREM Padre Nércio- Recife - PE</b> Palestrantes: Lívia Carolina Nascimento Santana Rafaela Karolina Souza Marques Muriel Prado de Melo Júnior Mediadora: Profa. Dra. Ivanda Martins (UFRPE) 06 de julho de 2023 Horário: 19h às 21h	Roda de diálogos	21
<b>Língua inglesa instrumental: para além das fronteiras no mundo globalizado e tecnológico</b> Palestrante: Prof. Dr. Eduardo Barbuio (UFRPE/PROGEL) Mediadora: Prof <sup>ª</sup> . Dr <sup>ª</sup> . Ivanda Maria Martins Silva (UFRPE/PROGEL- PPGTEG)	Palestra	30

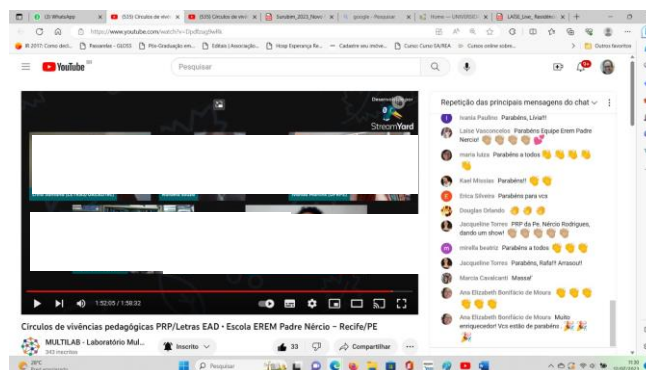


<p><b>Caravana Docente do Núcleo de Língua Portuguesa EAD</b>                  Palestrantes:                  Prof<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup> Hérica Karina Cavalcanti de Lima (DL/UFRPE)                  Prof. Dr. Eduardo Barbuio (UFRPE/UAEADTec)                  Prof<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup> Ivanda Maria Martins Silva (UFRPE/UAEADTec)                  Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna (DL/UFRPE)                  Residentes PRP e Docentes preceptoras PRP                  Data: 11 de abril de 2024.</p>	Socialização de relatos de experiências docentes e de vivências pedagógicas.	100
<p><b>Total de participantes nas atividades do Núcleo de Língua Portuguesa EAD-PRP- CAPES/UFRPE</b></p>		<p><b>493</b></p>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Em julho de 2023, tivemos socializações de experiências das três escolas do PRP/Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa EAD – UFRPE/CAPES. Esse processo de socialização de vivências pedagógicas era realizado nos encontros de orientação e de formação docente. No dia 6 de julho de 2023, realizamos o *Ateliê de Formação Docente*, com a *Roda de diálogos: Círculos de vivências pedagógicas: experiências na Escola EREM Padre Nércio, Recife – PE*. O evento contou com a participação de Conceição Rodrigues, professora preceptora (PRP/UFRPE- CAPES), escritora e mestranda do PROGEL/UFRPE, bem como dos(as) residentes Livia Carolina Nascimento Santana; Rafaela Karolina Souza Marques, Muriel Prado de Melo Junior. Os/As bolsistas PRP/CAPES realizaram avaliações diagnósticas, entrevistas com docentes e discentes, conhecendo toda a dinâmica da escola. Com base nos dados coletados na imersão na escola, iniciaram a regência com a aplicação do PAPE - Plano de Ação Pedagógica. Os projetos de intervenção pedagógica apresentados foram: *“Literatura além das palavras: o gênero conto em diálogo com outras artes”*, de Livia Santana; *“Oralidade em cena na escola: slam como estratégia para letramentos literários de reexistência”*, de Rafaela Marques; e *“Desafiando limites: o cotidiano da escola de referência de Ensino Médio Padre Nércio Rodrigues”*, de Muriel Prado

**Figura 57:** Roda de Diálogos: Círculos de vivências pedagógicas: experiências na Escola EREM Padre Nércio Rodrigues- Recife – PE



Fonte: <https://youtu.be/Dpdfzug9wRk>

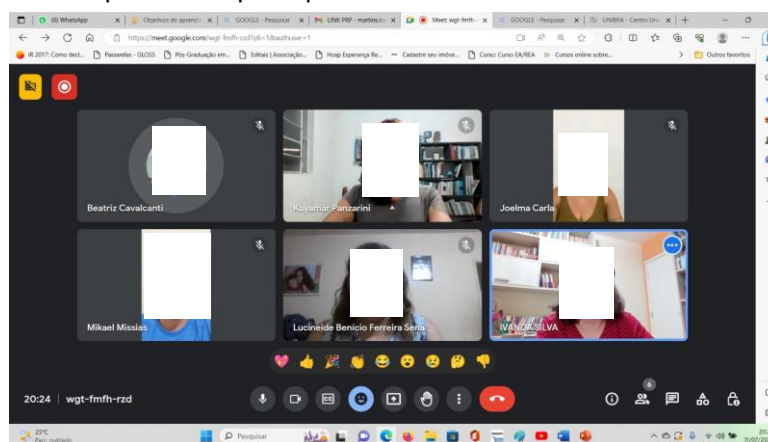
No dia 4 de julho de 2023, foi a vez da Escola Professor Arruda Marinho, com a apresentação da *Roda de diálogos: Círculos de vivências pedagógicas: experiências na Escola Professor Arruda Marinho – Pesqueira - PE*. O evento contou com a participação das residentes Jacqueline Torres de Souza, escritora pernambucana de destaque no município de Pesqueira, e Laise Manuelle Tenório de Vasconcelos, bolsista PRP. As residentes



compartilharam suas vivências pedagógicas realizadas nas etapas de imersão e regência na escola Professor Arruda Marinho, com o valioso apoio da professora Jáisa Maria Lopes Feitoza Maciel, preceptora do PRP – Letras/Língua Portuguesa EAD – UFRPE/CAPES. As licenciandas residentes apresentam os trabalhos intitulados: “*Textos narrativos no Ensino Fundamental – anos finais: construindo narrativas de autorrepresentação com foco no slam poetry*”; e “*PRP: vivências e desafios*”. Os trabalhos foram produzidos com base em vivências pedagógicas das residentes na elaboração e aplicação do PAPE - Plano de Ação Pedagógica, com base em avaliações diagnósticas realizadas na imersão do cotidiano escolar.

No dia 11 de julho de 2023, o Núcleo PRP/Letras- Língua Portuguesa EAD, da Escola Ana Faustina – Surubim/PE teve mais um encontro de socialização de leituras e experiências. Os/As residentes estavam na etapa de imersão na escola, realizando avaliação diagnóstica das demandas de aprendizagem dos(as) discentes para iniciar o PAPE - Plano de Ação Pedagógica. No encontro, os(as) residentes tiveram a oportunidade de compartilhar suas leituras sobre Projeto Didático de Gênero - PDG, gêneros textuais, práticas de leituras e letramentos. A professora Lucineide Benício Ferreira Sena, docente preceptora, socializou a experiência no Programa de Residência Pedagógica - PRP/CAPES como etapa de muitas aprendizagens e articulações entre os processos de formação inicial e formação continuada. Os/As residentes bolsistas PRP/CAPES participantes do encontro foram: Mikael Missias Conserva Almeida; Kayamar Ynaê Panzarini de Andrade; Beatriz Gomes Cavalcanti e Joelma Carla da Silva.

**Figura 58:** Residentes e professora preceptora da Escola EREM Ana Faustina – Surubim/PE



Fonte: Reunião do dia 11 de julho de 2023.

Núcleo PRP/Letras- Língua Portuguesa EAD, da Escola Ana Faustina – Surubim/PE.

As atividades do PRP foram amplamente divulgadas na rede *Instagram*, disponível em: <https://www.instagram.com/prpletrasead/>, com registros das vivências pedagógicas e depoimentos dos residentes das escolas parceiras ( **Figura 59**).

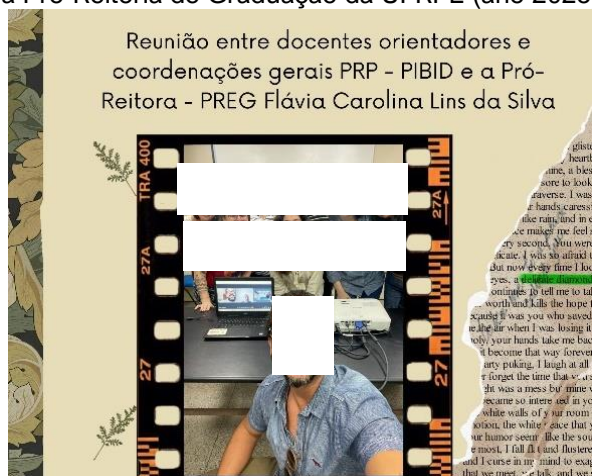
Figura 59: Divulgação das ações do PRP Letras EAD/UFRPE



Fonte: <https://www.instagram.com/prpletrasead/>

Em 2023, tivemos uma reunião integrada entre o PIBID e o PRP para discutir questões relativas às bolsas dos(as) discentes. A **Figura 60** apresenta o registro de reunião entre docentes orientadores(as) dos Programas PIBID e PRP, com a participação da nova Pró-Reitora de Ensino de Graduação, em 2023, professora Dr<sup>a</sup>. Flávia Carolina Lins da Silva.

Figura 60: Reunião entre docentes orientadores(as) dos programas PIBID – PRP e a Pró-Reitoria de Graduação da UFRPE (ano 2023)



Fonte: Acervo da autora (2024).

Em março de 2024, as atividades da Residência Pedagógica foram concluídas. Foi realizado o evento de socialização de experiências docentes - **Caravana de Formação Docente – Residência Pedagógica**. A *Caravana de Formação Docente* consolidou-se como evento de integração entre residentes, preceptores(as), orientadores(as), Coordenação Geral do PRP/UFRPE e comunidade geral. Os relatos de experiências docentes foram compartilhados em sessões de comunicação oral e rodas de conversas. No dia 16 de abril de 2024, a Caravana de Formação Docente ocorreu na UFRPE, em Recife/PE, de modo presencial. Esse evento contou com a participação dos diferentes núcleos do Programa de Residência Pedagógica da UFRPE. O objetivo do evento foi propiciar o compartilhamento de experiências pedagógicas de residentes, docentes preceptores(as), orientadores(as) e demais participantes, tendo em vista os fluxos formativos construídos com base no Programa de Residência Pedagógica. Os/As residentes

do Núcleo Portuguesa sede e EAD compartilharam experiências e apresentaram relatos docentes na Caravana de Formação Docente.

**Figura 61:** Evento do PRP/UFRPE - Caravana de Formação Docente – Residência Pedagógica



Evento *Caravana de Formação Docente* – CEGOE UFRPE, 16 de abril de 2024.

Da esquerda para a direita: Prof. Dr. Ewerton Luna, orientador da Residência Pedagógica, Núcleo de Língua Portuguesa- sede UFRPE/DL, Jacqueline Torres, Residente Bolsista CAPES- Núcleo de Língua Portuguesa EAD, polo Pesqueira- Escola Professor Arruda Marinho, Profª. Drª. Ivanda Martins, orientadora do Núcleo de Língua Portuguesa EAD, Muriel Prado, Residente Bolsista CAPES- Núcleo de Língua Portuguesa EAD, polo Jaboatão dos Guararapes, Escola EREM Padre Nércio Rodrigues – Recife/PE.

Além desse evento presencial, o Núcleo de Língua Portuguesa EAD organizou a socialização dos relatos de experiências docentes no dia 11 de abril de 2024, de modo remoto, para democratizar a participação de todos(as) os(as) residentes e docentes preceptoras das escolas parceiras de diferentes municípios, como Recife/PE, Pesqueira/PE e Surubim/PE. Desse modo, no dia 11 de abril, residentes e docentes preceptoras de Língua Portuguesa EAD participaram da *Caravana de Formação Docente*, com apoio das tecnologias digitais para interações síncronas via plataforma *Google Meet*. O **Quadro 23** a seguir apresenta os *links* com os registros das sessões de socializações do Núcleo de Língua Portuguesa EAD, no evento *Caravana de Formação Docente*, realizado em 11 de abril de 2024.

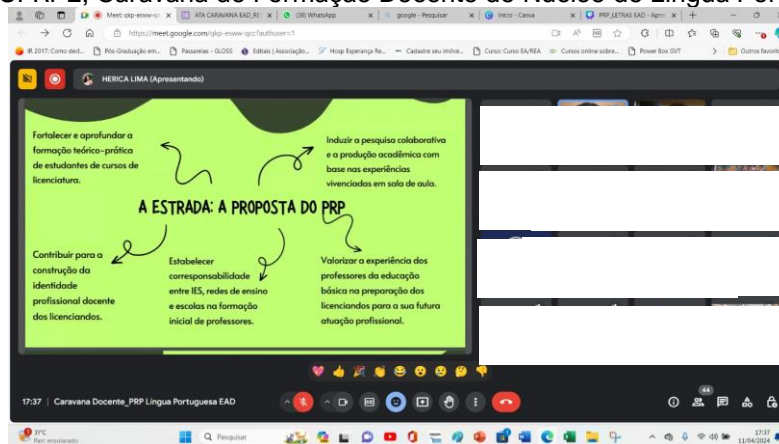
**Quadro 23:** *Caravana de Formação Docente* – Núcleo de Língua Portuguesa EAD

<b>Caravana de Formação Docente PRP/ Língua Portuguesa EAD</b>
<i>Link Caravana de Formação Docente</i> <a href="https://www.youtube.com/@multilab-laboratoriomultid1206">https://www.youtube.com/@multilab-laboratoriomultid1206</a> Sessão de abertura e acolhimento Mesa Temática: <i>O Programa Residência Pedagógica e as contribuições para a formação inicial docente na área de Letras/ Língua Portuguesa</i> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=ZJDr1ucTAow&amp;t=1524s">https://www.youtube.com/watch?v=ZJDr1ucTAow&amp;t=1524s</a> EREM Padre Nércio Rodrigues Recife/PE: <i>Círculos de Vivências Pedagógicas</i> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=It2BgM5-P7w">https://www.youtube.com/watch?v=It2BgM5-P7w</a> Escola Professor Arruda Marinho – Pesqueira/PE - <i>Círculos de Vivências Pedagógicas</i> : <a href="https://www.youtube.com/watch?v=WxQ2cjNh8EM&amp;t=232s">https://www.youtube.com/watch?v=WxQ2cjNh8EM&amp;t=232s</a> EREM Ana Faustina - Surubim/PE- <i>Círculos de Vivências Pedagógicas</i> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=tAfio1Mm8sQ&amp;t=10s">https://www.youtube.com/watch?v=tAfio1Mm8sQ&amp;t=10s</a> Depoimentos e Relatos de Vivências Pedagógicas de Residentes Egressos do PRP/ Núcleo de Língua Portuguesa EAD <a href="https://www.youtube.com/watch?v=9-99K6yZH3c">https://www.youtube.com/watch?v=9-99K6yZH3c</a>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

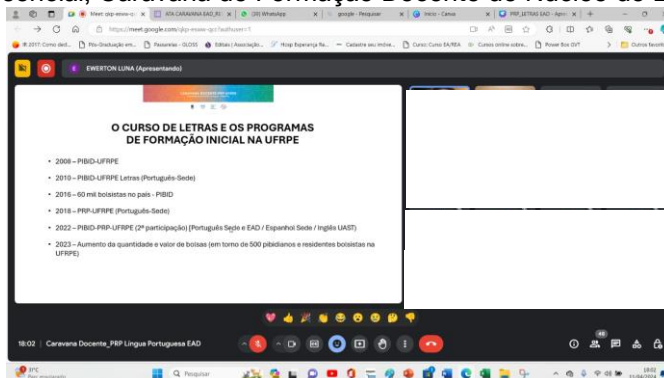
A seguir, alguns registros da Caravana de Formação Docente do Núcleo de Língua Portuguesa EAD, com a participação da Profª Drª. Hérica Karina Cavalcanti de Lima, Coordenadora Geral do PRP/UFRPE.

**Figura 62-** Palestra da Profª Drª. Hérica Karina Cavalcanti de Lima, Coordenadora Geral do PRP/UFRPE, Caravana de Formação Docente do Núcleo de Língua Portuguesa EAD.



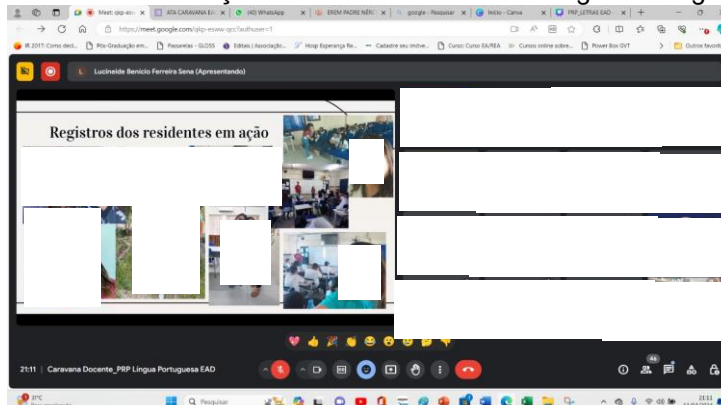
Acervo da autora (2024).

**Figura 63:** Palestra do professor Dr. Ewerton Luna, Orientador de Língua Portuguesa PRP/UFRPE, modalidade presencial, Caravana de Formação Docente do Núcleo de Língua Portuguesa EAD.



Acervo da autora (2024).

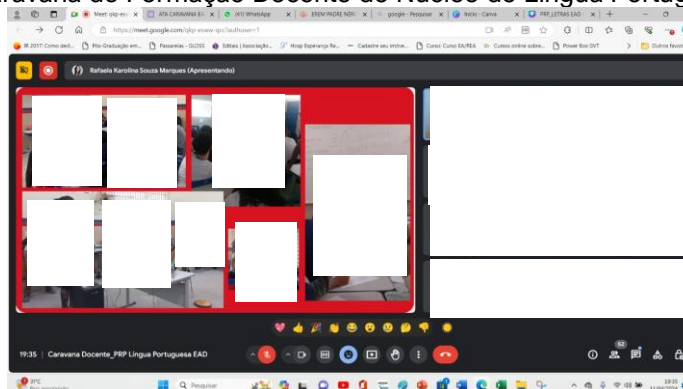
**Figura 64:** Socialização de relatos de experiências docentes – EREM Ana Faustina – Surubim/PE, Caravana de Formação Docente do Núcleo de Língua Portuguesa EAD.



Acervo da autora (2024).



**Figura 65:** Socialização de relatos de experiências docentes – EREM Padre Nércio – Recife/PE, Caravana de Formação Docente do Núcleo de Língua Portuguesa EAD.



Acervo da autora (2024).

Sem dúvida, a minha participação no Programa de Residência Pedagógica abriu meus horizontes para revisitar meu papel como professora formadora. Percebi, ainda mais, a importância de diversificar minhas *(Trans)Docências* para apoiar as travessias formativas de licenciandos(as) de Letras – modalidade a distância. As atividades de ensino, no contexto da graduação da UFRPE, foram (e continuam sendo) inúmeras. Posso dizer o mesmo quando observo as minhas ações didáticas nos programas de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, nos quais atuei (e continuo atuando), como apresentarei na próxima seção.

### 3.8.3 Atividades de ensino em programas de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* da UFRPE

Quem desconfia fica sábio.

*Grande Sertão: Veredas* – Guimarães Rosa.

Na UFRPE, as minhas andanças na docência em programas de pós-graduação *lato sensu* e cursos de aperfeiçoamento iniciaram em 2009. Quanto às experiências em programas de pós-graduação *stricto sensu*, iniciei minha participação no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância (PPGTG), no ano de 2010, desde a fundação do referido programa. Em 2020, comecei a atuar, também, no PROGEL - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

No início das atividades de EAD/UFRPE, cursos de aperfeiçoamento na modalidade a distância começaram a ser propostos com vistas à formação continuada de docentes. No ano de 2009, a UFRPE propôs o curso de Aperfeiçoamento em Educação Ambiental, pelo Programa UAB. Neste curso, atuei como professora formadora no módulo de *Introdução à Educação a Distância*. Em 2010, a UFRPE ofertou, também, o Programa de *Capacitação e Tecnologia em Educação a Distância*. Neste, atuei na Coordenação e ministrei os módulos de *Introdução à Educação a Distância* e *Produção de Materiais Didáticos Impressos para EAD*. O termo “capacitação” não me parecia muito adequado para ações no âmbito de formação docente, mas, naquele contexto, diversos projetos das atividades de EAD, na UFRPE, indicavam essa ideia de “capacitação” que também se apresentava em Editais da UAB/CAPES.

Atuei, também, como professora formadora no curso de pós-graduação *lato sensu* em *Administração - Gestão Pública*, sob coordenação do professor Dr. Rodolfo Araújo de Moraes Filho, do Departamento de Administração - DADM da UFRPE. Os professores Rodolfo Araújo e José de Lima Albuquerque, docentes do DADM, atuaram em diversas ações no âmbito das atividades de Educação a Distância na UFRPE. O curso de Especialização em *Administração - Gestão Pública*, foi ofertado pela primeira vez em 2010 e contou com o ingresso de aproximadamente 600 discentes em diversos polos EAD localizados em diferentes municípios de Pernambuco. Nesse curso, ministrei o módulo de *Introdução à Educação a Distância*, com a participação de mais de 25 tutores(as) para o acompanhamento dos(as) discentes no AVA UFRPE. O **Quadro 24** apresenta a síntese de disciplinas ministradas em cursos de pós-graduação *lato sensu* e aperfeiçoamento da UFRPE, no período de 2009 a 2010.

**Quadro 24:** Disciplinas ministradas na pós-graduação *lato sensu* e aperfeiçoamento/ UFRPE

Nº	Semestre	Disciplina	Carga horária	Programa
01	2010.1	Introdução à Educação a Distância	40h	Capacitação e Tecnologia em Educação a Distância
02	2010.1	Introdução à Educação a Distância	40h	Capacitação e Tecnologia em Educação a Distância
03	2010.1	Produção de materiais didáticos impressos para EAD	40h	Capacitação e Tecnologia em Educação a Distância
04	2009.2	Introdução à Educação a Distância	60h	Aperfeiçoamento em Educação Ambiental
05	2010.2	Introdução à Educação a Distância	40h	Pós-graduação <i>lato sensu</i> Administração- Gestão Pública
<b>Quantidade de disciplinas</b>				<b>05 disciplinas</b>
<b>Total da carga horária didática</b>				<b>220 h</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2024), com base no *Currículo Lattes*.

Conforme o **Quadro 24**, ministrei **5 disciplinas**, perfazendo o total de **220 horas** de carga horária didática em cursos de aperfeiçoamento e pós-graduação *lato sensu* na UFRPE. Na pós-graduação *stricto sensu*, atuo no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância - PPGTEG, o qual iniciou suas atividades em 2010, com a oferta do Mestrado Profissional em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância, pioneiro no Norte-Nordeste na área de EAD. O objetivo principal do PPGTEG é contribuir para a formação de profissionais qualificados para atividades de gestão em EAD, desenvolvimento de recursos educacionais e tecnologias no campo da EAD.

Atuei na fundação do PPGTEG, desde a concepção do Projeto Pedagógico inicial, apoiando a escrita da proposta original para a criação do Curso de Mestrado, até a consolidação do referido programa. O PPGTEG foi implementado sob a coordenação da professora Marizete Santos, a primeira coordenadora do referido programa. Inicialmente, foi submetida a primeira proposta à CAPES que indeferiu o projeto. Nas justificativas, ficou claro que o programa foi compreendido como a oferta de um Mestrado na modalidade a distância. A razão do indeferimento foi, justamente, a compreensão sobre a oferta do programa na modalidade EAD. No entanto, a proposta inicial indicava que o programa era presencial e as aulas seriam realizadas na sede da UFRPE, em Recife. Naquele contexto, ficou clara a própria “desconfiança” da CAPES em relação à EAD para a formação no âmbito da pós-



graduação *stricto sensu*. Após uma segunda proposta, a CAPES aprovou o PPGTEG e as atividades foram iniciadas em 2010, com aulas presenciais na sede da UFRPE, em Dois Irmãos, Recife - Pernambuco.

Desde 2010, tenho atuado como docente permanente no PPGTEG, colaborando em atividades de ensino, pesquisa e orientações de mestrandos(as) no Mestrado Profissional. O quantitativo de docentes permanentes do programa sempre foi um desafio, diante da sobrecarga de trabalho e de um número ainda limitado de professores(as) pesquisadores(as) com perfil para atuação em programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Além do PPGTEG, também sou docente permanente no PROGEL, implementado em 2019, com o Mestrado Acadêmico em Estudos da Linguagem, com a Área de Concentração em Estudos Interdisciplinares da Linguagem. O PROGEL busca ampliar estudos e pesquisas sobre conexões entre língua, literatura e outras manifestações da linguagem, com foco em questões relativas à sociedade, história e cultura, resultantes de atividades ligadas ao texto, discurso, enunciação, tradições discursivas, manifestações literárias e construção de identidade.

O PROGEL foi uma iniciativa de um grupo de docentes da área de Letras, sob coordenação do professor Dr. Natanael Azevedo, grande incentivador das pesquisas no campo dos estudos da linguagem. Em sua abertura, o PROGEL contou com a coordenação do professor Dr. Natanael Azevedo e da professora Dr<sup>a</sup>. Vicentina Ramires, com larga experiência em ensino, pesquisa e extensão na área de Letras. Com a abertura do PROGEL, em 2019, surge uma oportunidade de contribuir em um programa de pós-graduação no âmbito da UFRPE, com foco em minha formação acadêmica de base, ou seja, Mestrado e Doutorado na área de Letras/Teoria da Literatura. Meu ingresso no PROGEL foi uma oportunidade acadêmica ímpar de realizar atividades de ensino, pesquisa e orientação, compreendendo as múltiplas possibilidades interdisciplinares no campo dos estudos da linguagem.

Ao conhecer a proposta do PROGEL, percebi a natureza abrangente e inovadora do programa, com foco em estudos e abordagens interdisciplinares sobre linguagem, tendo em vista múltiplas conexões entre pesquisas linguísticas e literárias sob um viés amplo, ancorado em interfaces dialógicas entre língua, linguagem e literatura. Esse caráter inovador do programa, com abordagem interdisciplinar, configurou-se como viés de motivação que me despertou para a necessidade de contribuir, por meio de minha experiência acadêmica/profissional, visando ao incremento da produção científica na área de Letras, sob abordagem interdisciplinar.

A interdisciplinaridade revela-se como um eixo norteador em minha formação acadêmica, desde muito cedo, tendo em vista as minhas experiências na Iniciação Científica, com participação em projetos voltados para estudos no campo da Literatura Pernambucana, bem como na área de Linguística, com pesquisas sobre relações entre fala e escrita. Por meio dessa experiência formativa na graduação (UFPE), nos cursos de Especialização – Pós-graduação *lato sensu* (UFPE e UnB), no Mestrado (UFPE) e no Doutorado (UFPE), busquei aproximar estudos linguísticos e literários, considerando a linguagem como fenômeno complexo, multiforme, plural, sem colocar barreiras entre Linguística e Literatura. O entrecruzamento entre estudos linguísticos e literários sempre perpassou a minha formação acadêmica/profissional.

No segundo semestre de 2020, em pleno cronotopo pandêmico da Covid-19, ingressei no PROGEL/UFRPE, por meio de processo de credenciamento docente nº 23082.009329/2020-84, Edital nº 001/2020-PROGEL/UFRPE. Neste contexto, eu iniciava mais um capítulo nas trilhas e veredas da docência na pós-graduação. Em 2020, cenário da pandemia de Covid-19, ministrei aulas no formato remoto, sempre com a participação ativa dos(as) mestrandos(as). Nesse período, li e reli muitos textos atrelados à minha formação de base, revisei minhas andanças e memórias no Mestrado e no Doutorado da UFPE. Realizei pesquisas para transformar as aulas em interações mais dinâmicas, organizei as disciplinas usando a própria sala de aula virtual do SIGAA/UFRPE, além da configuração de outros recursos, tais como: *Google Classroom*, *Drive* como repositório digital, *WhatsApp* como ferramenta de apoio às interações com os(as) mestrandos(as).

Para facilitar os estudos, organizei mapas de leituras, apresentando diversos textos aos(às) mestrandos(as) para que pudessem ampliar e aprofundar suas pesquisas. Quanto às atividades sugeridas aos(às) mestrandos(as), explorei a construção de portfólios de leituras, sempre motivando as ações de pesquisas e produção de textos acadêmicos. Usei essas estratégias no PROGEL e no PPGTEG durante o período de aulas no formato remoto. Sempre gravava as aulas para que os(as) mestrandos(as) tivessem a oportunidade de visitar os conteúdos. Também, nesse período de pandemia, muitos(as) mestrandos(as) tiveram dificuldades familiares, econômicas, enfrentaram questões de saúde, perderam parentes no cenário da Covid-19, enfim, como docente, sempre buscava me aproximar dos(as) discentes e apoiá-los(as) em todos os sentidos.

De 2010 a 2024, considerando a minha atuação como docente no PPGTEG/UFRPE e no PROGEL/UFRPE, ministrei **10 disciplinas**, em **19 turmas**, perfazendo o total de **900 horas** de atividades didáticas no eixo de ensino na pós-graduação *stricto sensu*, conforme o **Quadro 25**.

**Quadro 25:** Disciplinas ministradas na pós-graduação *stricto sensu* - UFRPE

Nº	Semestres	Disciplina	Carga horária da disciplina	Programa	Turmas	Carga horária total
01	2011.2 2012.2 2015.1 2017.2 2021.2 2023.2	Práticas de Linguagem na Educação a Distância	60h	PPGTEG/ UFRPE	06	360 h
02	2012.1 2013.1	Seminários I	15h	PPGTEG/ UFRPE	02	30 h
03	2014.1	Seminários III	15h	PPGTEG/ UFRPE	01	15 h
04	2014.2	Seminários IV	15h	PPGTEG/ UFRPE	01	15 h
05	2016.1	Educação a Distância	60h	PPGTEG/ UFRPE	01	60 h
06	2016.2	Tópicos Avançados em Gestão e Produção de Conteúdos	60h	PPGTEG/ UFRPE	01	60 h

07	2020.2 2022.1 2023.2	Literatura e Sociedade	60h	PPGTEG/ UFRPE	03	180 h
08	2021.1 2024.1	Seminários Avançados em Análises Literárias, Culturais e Históricas	60h	PROGEL/ UFRPE	02	60 h
09	2021.2	Estudos Interdisciplinares da Linguagem	60h	PROGEL/ UFRPE	01	60 h
10	2022.2	Literatura e outras Linguagens	60h	PROGEL/ UFRPE	01	60 h
<b>Total de disciplinas ministradas na pós-graduação <i>stricto sensu</i> da UFRPE</b>				<b>10 disciplinas</b>		
<b>Quantidade de turmas</b>				<b>19 turmas</b>		
<b>Carga horária didática total</b>				<b>900 horas</b>		

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base em dados do SIGAA UFRPE.

As disciplinas ministradas no PPGTEG/UFRPE e no PROGEL/UFRPE revelam minhas experiências como docente no Ensino Superior, tendo em vista as articulações que perpassam minhas travessias nos campos de Linguagem, Literatura e Educação. No PPGTEG, minhas aulas buscavam incentivar os(as) mestrandos(as) para pesquisas no cenário da Educação a Distância, reconhecendo desafios nos processos de ensino e aprendizagem mediados pelas tecnologias digitais. As reflexões sobre práticas de linguagem em Ambientes Virtuais de Aprendizagem e na elaboração de materiais didáticos para EAD sempre estiveram presentes nas disciplinas ministradas no PPGTEG.

No PROGEL, comecei a (re)aprender o universo mágico da Literatura, por meio de pesquisas e leituras de minha formação de base, sobretudo, no campo dos estudos literários e da Teoria da Literatura. Ainda no PROGEL, busquei ampliar leituras dialógicas direcionadas à literatura como fenômeno estético e artístico, caracterizado pela multidimensionalidade, polissemia, polifonia, intertextualidade, e outras interfaces.

Esse processo ficou mais evidente quando ministrei a disciplina *Literatura e outras Linguagens*, com a ementa direcionada para o estudo das diversas relações entre literatura e obras artísticas construídas a partir de outras linguagens (cinema, artes plásticas, música, artes cênicas, entre outras expressões artísticas) em obras de autores(as) representativos(as) para o campo literário. Desse modo, no segundo semestre de 2022, organizei o *Ateliê de Literatura e outras Linguagens*, pequeno evento formativo que buscava integrar estudantes de graduação de Letras EAD e mestrandos(as) da pós-graduação – PROGEL. O Ateliê era um espaço de compartilhamentos de leituras e pesquisas construídas na disciplina de *Literatura e outras Linguagens*. Os/As mestrandos(as) criaram diversos ateliês bem criativos, buscando articulações entre as experiências e aprendizagens construídas na disciplina com suas demandas de pesquisas no Mestrado. O **Quadro 26** apresenta uma síntese das atividades realizadas no *Ateliê de Literatura e outras Linguagens*, em articulação com as ações desenvolvidas no Projeto de Extensão LABFOR. Irei comentar, posteriormente, sobre este Projeto de Extensão no capítulo destinado ao relato das atividades extensionistas.

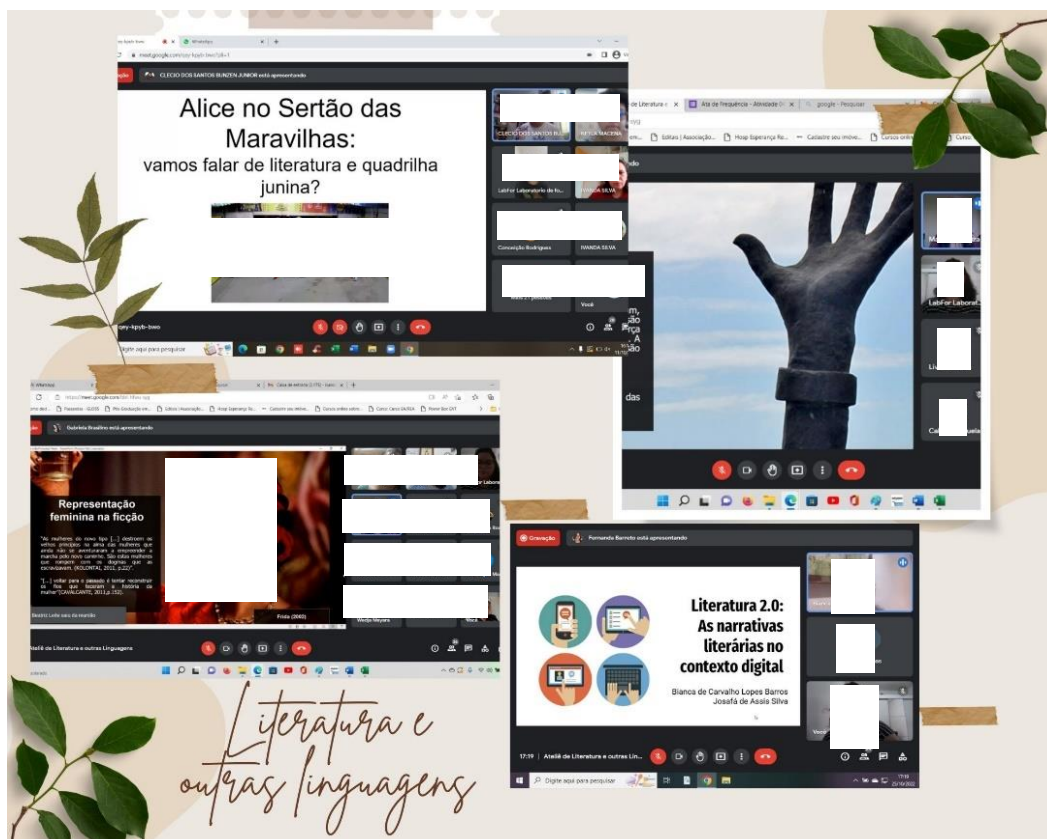
**Quadro 26:** Ateliê de Literatura e outras Linguagens – PROGEL/UFRPE

Nº	Título da Atividade	Palestrante/IES	Data	Carga horária	Nº participantes
01	Uma fronteira em colapso iminente: trânsitos e conexões entre música e literatura	Fernando Rafael de Albuquerque Silva (UFRPE/PROGEL)	26/09/2022	2h	15
02	Literatura viva no ambiente escolar: práticas intersemióticas	Etelvina Conceição de Maria Araújo Rodrigues (UFRPE/PROGEL)	27/09/2022	1h	25
03	O lápis e o pincel: o amadurecimento humano a partir das possibilidades da palavra do romance e do traço da pintura	Gabriella Fernanda do Nascimento (UFRPE/PROGEL)	27/09/2022	1h	16
04	Alice no sertão das maravilhas: vamos falar de literatura e quadrilha junina?	Prof. Dr. Clecio Bunzen (UFPE)	11/10/2022	2h	25
05	REA e ensino de literatura: contos de Clarice Lispector sob o olhar de discentes do Ensino Médio	Maria Kaline de Lima Pedroza (UFRPE/PROGEL)	18/10/2022	1h	18
06	As possibilidades de <i>visual novels</i> no estudo das linguagens	Richard Cavalcanti Santos (UFRPE/PROGEL)	18/10/2022	1h	13
07	A representação da personagem maria nas obras João e Maria, e Maria e João: uma análise intersemiótica	Gabriela Brasilino de Melo Simões (UFRPE/PROGEL) Marianne Anunciada de Souza do Carmo Soares (UFRPE/PROGEL)	25/10/2022	1h	19
08	Literatura 2.0: as narrativas literárias no contexto digital	Bianca de Carvalho Lopes Barros (UFRPE/PROGEL) Josafá De Assis Silva (UFRPE/PROGEL)	25/10/2022	1h	11
09	Narrativas não-verbais: a intersemiose entre literatura e fotografia	Fabiola Cristina Fernandes dos Santos (UFRPE/PROGEL) e Fernanda Ferreira Barreto (UFRPE/PROGEL)	01/11/2022	2h	15
10	Do romance à HQ: adaptação de "Úrsula" de Maria Firmina dos Reis	Keyla Macena (UFRPE/PROGEL)	08/11/2022	1h	19
11	Teoria da adaptação: análise de Memórias Póstumas de Brás Cubas em HQ.	Viviane Rufino da Silva (UFRPE/PROGEL)	08/11/2022	1h	14
12	Escrever com e sem palavras: a literatura ilustrada e as interações interlinguagens	Renata Penzani (UFRPE/PROGEL)	22/11/2022	1h	15
<b>Total de participantes</b>					<b>205</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

A **Figura 66** apresenta alguns registros do *Ateliê de Literatura e outras Linguagens*, realizado em 2022, com a participação de mestrandos(as) do PROGEL, licenciandos(as) de Letras EAD/UFRPE, convidados(as) e comunidade externa. No Ateliê, a participação do professor Clecio Bunzen (UFPE) foi brilhante com o tema inovador *Alice no sertão das maravilhas: vamos falar de literatura e quadrilha junina?* Clecio cursou a disciplina de *Literatura e outras Linguagens*, no PROGEL, quando buscava aprofundar suas pesquisas no campo literário. Que prazer reencontrar Clecio, meu ex-aluno da UFPE, agora na imersão da pós-graduação no PROGEL.

**Figura 66:** Ateliê de Literatura e outras Linguagens



Fonte: Acervo da autora (2024).

Com o retorno das atividades presenciais nos cursos de pós-graduação da UFRPE, tive a oportunidade de lecionar algumas disciplinas no PROGEL, como, por exemplo o componente curricular de *Seminários avançados em análises literárias, culturais e históricas*, com 60h, ofertado em 2024.1 com mestrandos e mestrandas que estavam ingressando no programa. A **Figura 67** apresenta momento com a turma sempre participativa durante as atividades dos encontros dialógicos.



**Figura 67:** Mestrandos e mestrandas do PROGEL/UFRPE – turma 2024.1  
Disciplina *Seminários avançados em análises literárias, culturais e históricas*



Aula presencial da disciplina *Seminários avançados em análises literárias, culturais e históricas*, PROGEL/UFRPE, no auditório do Espaço Tec, na UFRPE, em 3 de abril de 2024.

Fonte: Acervo da autora (20024).

No primeiro semestre de 2024, os(as) mestrandos(as) organizaram o *SELC-Seminários de Estudos Literários e Culturais*, como atividade proposta na disciplina do PROGEL. Nesse evento, tiveram a oportunidade de socializar suas leituras e pesquisas consolidadas na disciplina, tendo em vista o compartilhamento com discentes da graduação em Letras EAD e com a comunidade em geral. Em síntese, a cada disciplina ministrada na pós-graduação, minhas múltiplas *(Trans)Docências* ganhavam novas formas, novas cores, novos “sabores e saberes”. Além das atividades de ensino, preciso relatar as experiências nos processos de orientações nos programas de pós-graduação, conforme descrevo na próxima seção. A caminhada pelo *Sertão* continua, amigo(a) leitor(a). Espero que você esteja por aí, ou por aqui, leitor(a), caminhando comigo nessas trilhas narrativas.

### 3.9 ORIENTAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*: SÍNTESE GERAL

No contexto dos programas de pós-graduação *lato sensu*, minhas andanças também foram múltiplas nas atividades de orientação. Orientei pós-graduandos(as) em Cursos de Especialização de diferentes instituições, como: UFRPE, UFPE, FAFIRE, FAESC, FAINTVISA (**Apêndice – Quadro 18**). No período de 2021 a 2024, orientei **56** monografias em cursos de especialização – pós-graduação *lato sensu*. O **Quadro 27** descreve as orientações de acordo com as instituições por onde trilhei os rumos de minhas *(Trans)Docências*.



**Quadro 27** – Panorama de orientações de pós-graduação *lato sensu* (período – 2011 a 2024).

Quantidade de orientações	Curso	Instituição
07	Especialização em Mídias na Educação	UFRPE
08	Especialização em Literatura Brasileira	UFPE
08	Especialização em Literatura Brasileira	FAFIRE
02	Especialização em Ensino de Língua Portuguesa	FAESC
02	MBA em Gestão Empreendedora do Turismo	FIR
29	Especialização em Língua Portuguesa Especialização em Psicopedagogia Especialização em Leitura e Produção Textual	FAINTVISA
56	<b>Total de orientações em Cursos de Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i></b>	

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Durante as minhas andanças nos cursos de pós-graduação *lato sensu*, descrevo algumas experiências marcantes. Primeiramente, destaco as vivências na *Especialização em Mídias na Educação*. Em 2006, a UFRPE implementou o *Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação*. Este curso era ofertado, por meio da organização de módulos: extensão, aperfeiçoamento e especialização. O programa *Mídias na Educação* contou com o apoio da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC/PE) e visava à qualificação de professores(as) da Educação Básica para usos pedagógicos das mídias digitais, disseminando o uso crítico e reflexivo dos meios tecnológicos no contexto educacional.

De 2006 a 2008, a UFRPE ofertou 2.500 vagas para o *Programa Mídias na Educação*, e, em 2009, 4.000 novas vagas foram ofertadas (PDI – UFRPE 2021-2030). Muitos(as) docentes ingressavam no *Programa Mídias na Educação* com dificuldades em práticas de letramentos digitais e com conhecimentos, ainda incipientes, sobre a modalidade EAD. Em função das dificuldades de apropriação tecnológica dos docentes, a evasão era grande. No Brasil, esse programa teve forte impacto nos processos de formação docente para usos pedagógicos das TDIC no contexto da Educação Básica.

Quanto às experiências na pós-graduação *lato sensu*, destaco, ainda, a minha participação na Comissão de Elaboração do Projeto do Curso de *Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente*, implementado por meio do processo UFRPE nº 23082.003926/2022-11, de acordo com o Edital nº 9/2022- UAB/CAPES. O referido curso foi regulamentado por meio da Resolução CEPE/UFRPE nº 408, de 17 de março de 2022, a qual aprova Projeto Pedagógico do *Curso de Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente*, sob a responsabilidade da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da UFRPE. Este curso faz parte do Programa da Universidade Aberta do Brasil (UAB-CAPES), com carga horária total de 420 horas, com período de realização de 12 meses, cujo objetivo geral é contribuir para a formação de professores(as) que atuam, ou que desejam atuar, nas áreas de linguagem e formação docente, proporcionando-lhes, em nível de pós-graduação *lato sensu*, atualização e aprofundamento teórico-metodológicos para planejamento, pesquisas e realização de práticas didático-pedagógicas em sintonia com

as demandas do contexto da Educação Básica. Este curso está em andamento, em sua primeira edição, iniciada no segundo semestre letivo de 2023. No segundo semestre de 2024, estarei atuando como docente do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso, apoiando, também, nas orientações de TCC.

Antes de minha imersão nos cursos de especialização na UFRPE, preciso mencionar, também, as valiosas experiências na pós-graduação *lato sensu* da FAINTVISA. Orientei 29 trabalhos em diferentes cursos de especialização na FAINTVISA, considerando a minha participação nos cursos de pós-graduação em: *Língua Portuguesa, Leitura e Produção Textual*. Nesta instituição, os cursos contavam com a participação de professores(as) oriundos(as) de diferentes municípios de Pernambuco, da região metropolitana à Zona da Mata. Aprendi muito neste contexto e apoiei as orientações de professores(as) que buscavam aprimorar a qualificação profissional na área de Letras, com pesquisas aplicadas sobre ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (**Apêndice – Quadro 18**).

Na UFPE, também, tive a oportunidade de orientar 8 trabalhos na *Especialização em Literatura Brasileira* em articulação com minha linha de pesquisa direcionada ao ensino de literatura no contexto da Educação Básica. Essas experiências ficaram marcadas em minhas memórias e, certamente, consolidaram meus percursos e minhas aprendizagens no âmbito da pesquisa em diálogo com estudos no campo da linguagem (**Apêndice – Quadro 18**). Você está vendo, amigo(a) leitor(a), que o trabalho de orientações é sempre árduo e repleto de diversas vivências na pós-graduação *lato sensu*, como acabo de relatar, bem como nos cenários de pós-graduação *stricto sensu*, como abordarei na próxima seção.

### 3.10 ORIENTAÇÕES DE MESTRADO: “MESTRE NÃO É AQUELE QUE ENSINA, MAS AQUELE QUE DE REPENTE APRENDE”.

Querido(a) leitor(a), não sei se você continua por aqui, ou por aí em algum outro lugar, acompanhando minhas travessias. Você já conheceu minhas andanças nos *cursos de especialização – pós-graduação lato sensu*. Agora, irei mergulhar nas memórias de orientações dos programas de pós-graduação *stricto sensu* – PPGTEG/UFRPE e PROGEL/UFRPE. Preparado(a) para novas travessias? Vamos lá?

Não é tarefa fácil orientar os(as) mestrandos(as) em suas pesquisas. Acompanhei, de perto, diversos(as) mestrandos(as) com suas dúvidas, angústias, dificuldades profissionais, questões pessoais e emocionais. Muitos(as), diante de certos obstáculos, desanimam, pensam em desistir, mas, na condição de orientadora, tomo como missão mostrar novos caminhos, novos horizontes para tais mestrandos(as) num processo contínuo de resiliência. Sempre com foco na Pedagogia do Diálogo (Freire, 2020a), busquei me aproximar de meus/minhas orientandos(as) a fim de mostrar novas rotas, outras possibilidades no campo da pesquisa.

Lembro-me de uma mestranda, muito dedicada, que, após uma aula presencial do PPGTEG confessou o seguinte, reproduzo aqui sua própria voz que ainda ressoa em minhas memórias: “*professora Ivanda, depois que deixo sua aula, fico ainda com mais dúvidas, mais interrogações, porém, tenho a certeza de que estou aprendendo muito*”. Guardo, em minha memória, esse depoimento dessa querida mestranda que me impulsionou a continuar

semeando dúvidas, provocando interrogações, visto que as aprendizagens significativas são, continuamente, construídas por meio desses movimentos dialógicos e dialéticos, de construção/reconstrução, tendo em vista conflitos cognitivos, inferências confirmadas ou refutadas a cada nova leitura, a cada novo debate. Essa é a magia do aprender a aprender, pois, conforme já disse Paulo Freire, a aprendizagem é uma “aventura criativa e criadora”.

No período de atuação nos programas de pós-graduação *stricto sensu*, orientei o total de **18** trabalhos de Dissertação de Mestrado, sendo **15** no PPGTEG e **3** no PROGEL (**Apêndice – Quadro 19**). Atuei, também, na condição de coorientadora no Mestrado do PPGTEG, com **1** trabalho direcionado aos usos de bibliotecas digitais no contexto da EAD (**Apêndice – Quadro 20**). No ano de 2024, estou com **11** orientações de Mestrado em andamento (**Apêndice – Quadro 21**). O **Quadro 28** apresenta as orientações de Mestrado concluídas nos programas de pós-graduação da UFRPE (PROGEL e PPGTEG).

**Quadro 28** – Orientações de Mestrado na UFRPE – Concluídas

Nº	Ano	Orientações de Mestrado na UFRPE – Concluídas	Programa
01	2023	RENATA CAROLINE PENZANI. <i>Leituras para além das idades em Contos de lugares distantes, de Shaun Tan.</i>	PROGEL/UFRPE
02	2023	ALEXSANDRO VITAL DE ALMEIDA. <i>Fanfics em práticas de letramentos literários de estudantes do ensino médio: interfaces com estratégias didático-pedagógicas para a educação literária na cultura digital.</i>	PROGEL/UFRPE
03	2023	KILZA MARIA DE MELO PASCOAL. <i>O Sumiço da Santa, de Jorge Amado: Interfaces entre as vozes femininas e os processos culturais relativos à sexualidade e à religiosidade.</i>	PROGEL/UFRPE
04	2023	ANA PAULA RAMOS SEVERO. <i>Ensino híbrido e letramento digitais: conexões dialógicas com a formação docente na modalidade a distância.</i>	PPGTEG/UFRPE
05	2023	DAYSE PATRÍCIA PEREIRA BARBOSA. <i>Instrumentos de avaliação da aprendizagem na educação superior: interfaces com as concepções de docentes nos cenários da educação a distância e do ensino remoto.</i>	PPGTEG/UFRPE
06	2023	WANESSA TENÓRIO BEZERRA LEÃO DE LIMA. <i>Formação docente via educação a distância: a sala de aula invertida em conexão com as demandas pedagógicas da EJA.</i>	PPGTEG/UFRPE
07	2022	BRUNO NICODEMOS BISPO DA SILVA. <i>Educação a Distância aberta no Ensino Superior: dialogando com processos de implementação de políticas institucionais para Recursos Educacionais Abertos (REA).</i>	PPGTEG/UFRPE
08	2022	PAULO RICARDO DA SILVA PEREIRA. <i>Facebook em práticas pedagógicas articuladas à aprendizagem móvel (m-learning): uma proposta de aplicação na formação aberta de docentes.</i>	PPGTEG/UFRPE
09	2022	DANIEL DOS SANTOS ROCHA. <i>Materiais didáticos do Programa EAD Pernambuco: implicações de práticas de linguagem na evasão de cursos técnicos na modalidade a distância.</i>	PPGTEG/UFRPE
10	2021	HELLEN WHITE MORAES E SILVA. <i>A polidocência na Rede e-tec Brasil: análise de percepções de professores no contexto da formação continuada na Educação a Distância.</i>	PPGTEG/UFRPE
11	2018	ROSIANE MARIA PEREIRA ALVES. <i>Mediação pedagógica na Educação a Distância: análise da atuação docente na produção textual colaborativa em fóruns de discussão.</i>	PPGTEG/UFRPE
12	2018	JACIARA MARIA FELIX. <i>Percepções de docentes da UAB/UFRPE sobre os repositórios digitais no contexto da Educação a Distância online.</i>	PPGTEG/UFRPE

13	2017	JUSSARA ARAÚJO IDEIÃO. <i>Produção de material didático impresso para EAD corporativa.</i>	PPGTEG/UFRPE
14	2017	ANA FLÁVIA CORREIA DE LACERDA. <i>Tecnologia na educação: a formação de professores para o uso de ferramentas tecnológicas em sala de aula.</i>	PPGTEG/UFRPE
15	2016	JOSUÉ DE MOURA COSTA. <i>Bibliotecas digitais e letramentos no contexto da Educação a Distância: concepções e práticas de estudantes da Rede e-Tec.</i>	PPGTEG/UFRPE
16	2016	INARA ERICE DE SOUZA ALVES RAULINO LOPES. <i>Material didático impresso para Educação a Distância: análise e percepção de estudantes no nível técnico em Administração.</i>	PPGTEG/UFRPE
17	2014	CARMEM LÚCIA DE OLIVEIRA MARINHO. <i>Fóruns de discussão na Educação a Distância online: dialogismo nas práticas de linguagem.</i>	PPGTEG/UFRPE
18	2014	ROBERTA GONÇALVES GOMES MARQUES. <i>Letramento digital na ciberinfância: diálogos com práticas pedagógicas no Ensino Fundamental.</i>	PPGTEG/UFRPE

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo Lattes - CNPq

Além das orientações de Mestrado, tive a oportunidade de coorientar 1 Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da UFRPE, conforme relato a seguir.

### 3.11 (CO)ORIENTAÇÕES DE DOUTORADO: EXPERIMENTANDO OUTROS SABERES/SABORES MULTIDISCIPLINARES

Minhas experiências na orientação do Doutorado foram incipientes. Os programas de pós-graduação em que atuo na UFRPE (PPGTEG e PROGEL) não contam, ainda, com a oferta de Doutorado. Nesse sentido, colaborei apenas na coorientação de uma Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da UFRPE. A orientadora, professora Dr<sup>a</sup>. Analice de Almeida Lima, convidou-me para apoiar a coorientação de uma Tese de Doutorado que dialogava com a formação docente inicial no campo da EAD. Esta experiência foi muito enriquecedora para minha formação profissional, pois tive contato com pesquisadores de diversas áreas, em um enfoque transdisciplinar, o qual priorizou a abordagem Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Aprendi muito com as contribuições valiosas da querida professora Analice. Nessa parceria, busquei respeitar a diversidade de saberes no processo de coorientação e nas trocas de experiências. Desse modo, tive participação na coorientação da Tese de Doutorado da querida professora Ednara Félix Nunes Calado, com o trabalho intitulado: *Mobilização de saberes para o ensino de ciências na perspectiva ciência, tecnologia e sociedade (CTS): interfaces com a formação inicial docente na EAD (Apêndice - Quadro 22)*. Professora Ednara, docente com vasta experiência no campo da educação, desenvolveu sua pesquisa na Licenciatura em Pedagogia EAD/UFRPE – UAEADTec e compartilhou diversas vivências nesta travessia do Doutorado.

Em minhas travessias acadêmicas, fui convidada por alguns programas de pós-graduação, como o EDUMATEC-UFPE para atuar como docente colaboradora na pós-graduação. No entanto, os trabalhos, na UFRPE, sempre foram muito intensos e não consegui atuar em outros programas externos, embora tivesse vontade de ajudar colegas

docentes do EDUMATEC, com suas pesquisas sempre inovadoras no campo da Educação Tecnológica. Também recebi convites do PROFLETRAS - UFPE para apoiar orientações e pesquisas no programa. Diante do volume de trabalho na UFRPE, preferi priorizar a minha atuação nos programas de pós-graduação – PPGTEG e PROGEL, visto que os números de orientações já eram intensos e continuavam a crescer.

O trabalho de orientação não é nada fácil. Como orientadora, acompanhei, de perto, os desafios, os entraves, as angústias dos(as) orientandos(as) nos processos de escrita e de defesa de suas pesquisas. Muitos(as) pensaram em desistir, em algum momento da travessia, em função da dificuldade de conciliar a carga laboral e as atividades de pesquisa. Conforme já comentei, como orientadora, sempre busquei ouvir, dialogar, compartilhar experiências, leituras, vivências, no sentido de estimular meus/minhas orientandos(as) para processos de produção e aprimoramento de suas pesquisas.

No contexto da pandemia de Covid-19, em março de 2020, com a paralisação de atividades presenciais na Universidade, os processos de orientação foram adaptados para o formato remoto, com apoio de tecnologias digitais. Nesse contexto, em função da quantidade de orientandos(as), agendei verdadeiras “maratonas” de orientação. Atendia mestrandos(as) por meio de encontros síncronos no *Google Meet*, bem como desenvolvia interações assíncronas, por meio de aplicativos de mensagens, como, por exemplo, o *WhatsApp*. Foram diversos feriados, vários finais de semana, inúmeras noites, com dedicação ininterrupta aos trabalhos de pesquisas e orientações nos programas de pós-graduação em que atuei/atuo.

### 3.12 IMPACTOS DAS (TRANS)DOCÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

Em síntese, minhas travessias estiveram norteadas para apoiar a formação de estudantes nos eixos de ensino, pesquisa e extensão. O trabalho intenso de orientações na graduação, nos cursos de especialização, bem como nos cenários de pós-graduação *stricto sensu*, sempre foi muito gratificante e me motivava a continuar nas andanças do *Grande Sertão... (Trans)Docências*. As minhas múltiplas faces nas *(Trans)Docências* certamente se espelharam e se refletiram nos movimentos dos(as) discentes que acompanhei nos processos contínuos de orientação. Nesse sentido, a formação de recursos humanos sempre foi um pilar importante em minhas travessias, sobretudo, considerando as orientações de estudantes em projetos de ensino, pesquisa e extensão. O **Quadro 29** apresenta a síntese das orientações realizadas nos cenários de graduação e de pós-graduação durante a minha trajetória acadêmica.



**Quadro 29:** Panorama de orientações de discentes - graduação e pós-graduação

Tipo de orientação	Quantidade
Orientação concluída (dissertação de mestrado - coorientadora)	01
Orientação concluída (dissertação de mestrado - orientadora principal)	18
Orientação concluída (tese de doutorado - coorientadora)	01
Orientação concluída (monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização).	56
Orientação concluída (trabalho de conclusão de curso de graduação)	53
Orientação concluída (PIBIC/Iniciação Científica)	34
Orientação concluída (monitoria, extensão, orientação de outra natureza)	34
Orientação concluída (PIBID e Residência Pedagógica)	25
Orientação em andamento (dissertação de mestrado - orientador principal)	11
Orientação em andamento (PIBIC/Iniciação Científica)	03
<b>Total: Formação de Recursos Humanos</b>	<b>236</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq

Observe, amigo(a) leitor(a), que minhas orientações foram intensas, considerando o total de **236** trabalhos. No contexto de graduação, são **147** orientações concluídas, envolvendo orientações de Monitoria/Outra natureza (**34**), Trabalho de Conclusão de Curso (**53**), Iniciação Científica - PIBIC/PIC (**34**), Extensão/Bolsas de Extensão Programa BEXT (**02**), Iniciação à Docência/PIBID (**08**) e Residência Pedagógica/PRP (**16**), além de **3** orientações em andamento – PIBIC. No âmbito da pós-graduação *lato sensu*, orientei **56** trabalhos e no Mestrado, **18** dissertações, além de **1** coorientação, e no Doutorado apenas **1** coorientação, totalizando **76** orientações concluídas na pós-graduação, além de **11** orientações em andamento no Mestrado.

Já ouvi de muitos(as) colegas que preferiam orientar discentes de pós-graduação e deixavam as orientações na graduação um pouco de lado. Eu buscava, justamente, fazer o contrário, ou seja, tentava incrementar as orientações de estudantes de graduação, pois tinha/tenho consciência da importância da formação inicial de professores(as) pesquisadores(as). Como já relatei, sou um exemplo vivo dessa premissa, pois fui discente bolsista PIBIC - UFPE, também atuei como voluntária na Iniciação Científica e, hoje, se estou aqui escrevendo este Memorial, não posso negar a relevância do contato com a pesquisa em meu curso de Licenciatura em Letras na UFPE. Quando oriento um/a discente de graduação, vejo meu reflexo, volto às minhas memórias, como discente da graduação. Nos movimentos de minhas *(Trans)Docências*, compreendo as conexões entre a *docência dialógica*, a *docência exotópica*, a *docência cronotópica*, (re)encontro-me com minhas múltiplas faces da “*dodiscência*”, conforme os preceitos freireanos.



### 3.13 BREVE RELATO SOBRE TRAVESSIAS DA EDUCADORA FORMADORA: A FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES(AS)

E o senhor me desculpe, de estar retrasando em tantas minundências. Mas até hoje eu represento em meus olhos aquela hora, tudo tão bom; e, o que é, é saudade.

*Grande Sertão: Veredas* – Guimarães Rosa

Sempre amei atuar como educadora formadora em programas de formação docente. O ato de compartilhar experiências e vivências pedagógicas com outros(as) colegas professores(as), continuamente, me motivou bastante a repensar minha própria atuação como docente. Tive o prazer de participar de alguns ciclos de formação docente como membro da equipe de formadores da *Secretaria de Educação da Prefeitura da Cidade do Recife - PCR (2006-2008)*, juntamente com a professora Dr<sup>a</sup>. Márcia Mendonça, que atua, agora, na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, em São Paulo. Essa equipe era formada por diversos docentes renomados e com vasta experiência em formação docente, como: Sérgio Abranches, Maria Auxiliadora Padilha, Zélia Maria Soares Jófili, Márcia Mendonça e vários(as) outros(as) formadores(as) que atuavam em diferentes áreas.

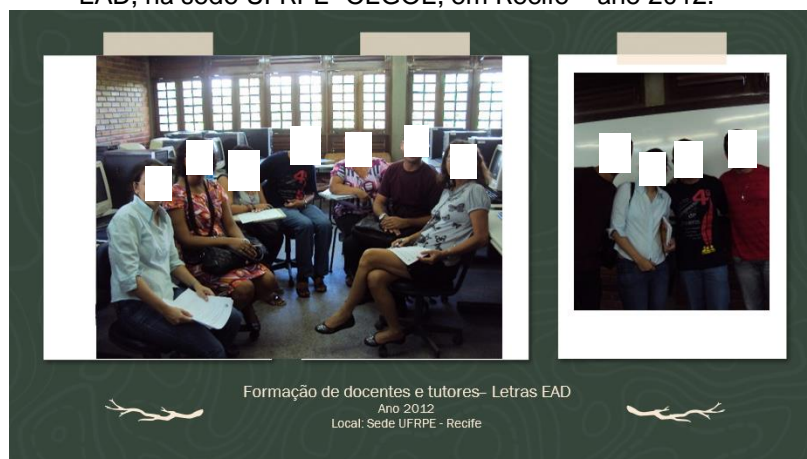
No período de 2006 a 2008, eu e Márcia Mendonça planejávamos juntas encontros de formação docente na área de Língua Portuguesa para educadores(as) da PCR. Márcia buscava dialogar mais com a Educação Linguística e eu tentava já articular com reflexões teórico-metodológicas direcionadas à Educação Literária. Naquele momento, as discussões sobre Pedagogia de Projetos eram bem frequentes nos desenhos de propostas interdisciplinares para elaboração de planejamentos integradores, em sintonia com as demandas de cada escola, de cada turma, de cada discente. Nesse período, a formação de professores(as) na área de Língua Portuguesa/Literatura estava, também, articulada ao *Programa Manuel Bandeira de Formação de Leitores – PMBFL*. Trata-se de Programa da Secretaria de Educação de Recife, criado em 2006, numa ação que já antecipava a Lei nº 12.244, de 24/05/2010, a qual dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país, ao estimular a criação e acompanhamento das bibliotecas escolares e salas de leitura. O PMBFL foi fortalecido nos seus objetivos, com a criação da Lei nº 17.600/2009, da Política Municipal de Incentivo à Cultura da Leitura.

Outras experiências com a formação de professores(as) foram vivenciadas por meio de minha participação no Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL), da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. O CEEL é um Núcleo de Pesquisa e Extensão da UFPE, o qual realiza atividades com foco na melhoria da Educação Básica em escolas públicas e particulares. Integrante da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores do Ministério da Educação (MEC) e dos Programas Brasil Alfabetizado e Programa Nacional do Livro Didático, o CEEL desenvolve pesquisas acadêmicas sobre o ensino da Língua Portuguesa e atua na formação de professores(as) e na Educação de Jovens e Adultos - EJA. Além disso, o CEEL tem atuação contínua na “organização e promoção de cursos, planejamento e organização de propostas curriculares, avaliações de rede, produção de livros, vídeos e jogos didáticos, além de prestar assessoria a secretarias de educação e participar de programas de avaliação e produção de material didático e

eventos científicos” (UFPE, portal do CEEL, disponível em: <https://www.portalceel.com.br/apresentacao/>).

Na UFRPE, no Curso de Licenciatura em Letras EAD, também desenvolvi ações formativas, considerando as demandas da gestão do curso. No período de minha atuação no curso, os processos formativos eram organizados pela Coordenação do Curso em parceria com a Coordenação de Tutoria. A professora Sulanita Santos teve papel fundamental nesses processos formativos. Juntas, realizamos visitas *in loco* aos polos EAD, bem como organizamos ações formativas integradas para docentes, tutores(as), discentes, colaboradores(as) do Programa UAB na sede, em Recife, Pernambuco. As **Figuras** a seguir revelam alguns registros dessas travessias em processos de formação docente e discente na sede da UFRPE, em Recife, e nos polos Carpina e Pesqueira, tendo em vista as primeiras ofertas do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE.

**Figura 68:** Formação de docentes, tutores(as), colaboradores(as) UAB da Licenciatura em Letras EAD, na sede UFRPE- CEGOE, em Recife – ano 2012.



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 69:** Formação de docentes, tutores(as), colaboradores(as) UAB da Licenciatura em Letras EAD, na sede UFRPE, em Recife – ano 2014.



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 70:** Seminários de Pesquisas – apresentação de trabalhos de discentes de Letras EAD/UFRPE – polo Pesqueira/PE – ano 2013



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 71:** Formação de discentes de Letras EAD/UFRPE – polo Pesqueira/PE – ano 2015



Na segunda foto, da esquerda para a direita, Fátima, tutora presencial de Letras EAD, eu (professora Ivanda Martins, Coordenação de Letras EAD, em 2015), professora Dr<sup>a</sup>. Sulanita Santos (Coordenação de Tutoria de Letras EAD, em 2015), professora Luci Leite (Coordenação de Polo Pesqueira- UAB).

**Figura 72:** Formação de discentes de Letras EAD/UFRPE – polo Carpina – ano 2014



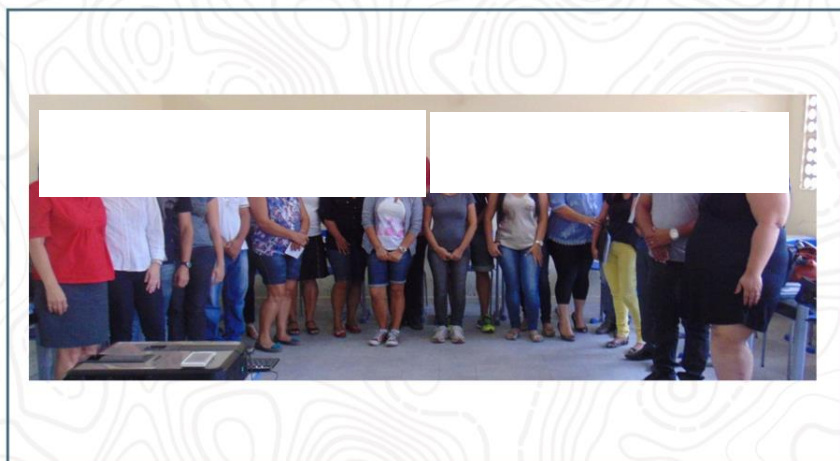
Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 73 :** Formação de discentes de Letras EAD/UFRPE- Polo Pesqueira - 2016



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 74:** Formação de discentes de Letras EAD/UFRPE - Polo Carpina – 2016.



Fonte: Acervo da autora (2024).

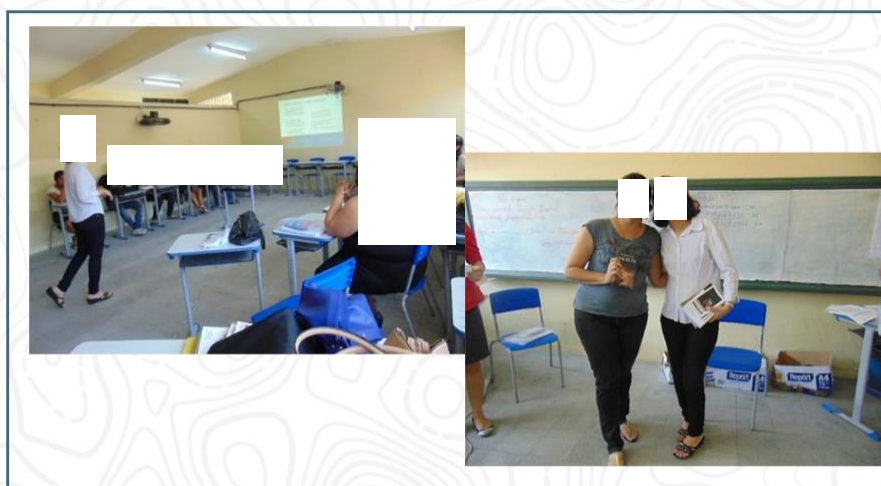
**Figura 75:** Formação de discentes de Letras EAD/UFRPE - Polo Recife - 2015



Fonte: Acervo da autora (2024).



**Figura 76:** Encontro com discentes e sorteio de livros - Polo Carpina (ano de 2014)



Fonte: Acervo da autora (2024).

Nas formações com estudantes de Letras EAD, eu visitava os polos para os processos de acolhimentos e orientações iniciais sobre o Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE. Havia sempre o sorteio de livros já para motivar a paixão pela leitura nos(as) licenciandos(as) ingressantes na Licenciatura em Letras (**Figura 76**). A dinâmica dos encontros de formação discente contava com rodas de diálogos para apresentações iniciais a fim de propiciar momentos de integração e descontração com o grupo.

A correria era enorme nesse período de gestão na EAD. Em algumas viagens aos polos EAD, eu fazia visitas a dois polos no mesmo dia. As viagens eram realizadas aos sábados, mas, às vezes, a depender da distância do polo em relação à sede da UFRPE, em Recife, o deslocamento já ocorria às sextas-feiras. Cada polo contava com uma turma diferente, os perfis dos estudantes eram bem diversos e em sintonia com as singularidades de cada município. Durante as atividades de gestão, na Licenciatura em Letras EAD, consegui visualizar que, nos polos mais distantes, como, por exemplo, no polo Afrânio, os índices de evasão eram menores em comparação com o polo Recife. Talvez, como suposição, as oportunidades de trabalho e ofertas de outros cursos em Recife podem ser fatores importantes nesse estudo da evasão na EAD. No município de Afrânio, os estudantes continuavam o curso EAD como estratégia para incremento na carreira profissional. A UFRPE conseguia chegar até os discentes, com uma Educação Superior democrática e de qualidade para a formação inicial de professores nas licenciaturas.

Os/As discentes da Licenciatura em Letras EAD/UFRPE também eram convidados(as) a visitar a sede da UFRPE, em Recife, para participar de formações, eventos, encontros. Muitos(as) não conheciam a infraestrutura da sede da UFRPE. Nesse sentido, organizei o roteiro do evento de formação discente *Letras Rural Tour*, momento importante para os(as) estudantes realizarem visitas guiadas pela Coordenação da Licenciatura em Letras EAD, com apoio de diversos setores da UFRPE, como UAEADtec, CEGOE, Biblioteca Central, DRCA, Progesti e outros. As **Figuras** a seguir revelam registros do evento *Letras Rural Tour*, momento de apresentação da UFRPE para os(as) discentes dos polos Carpina e Pesquisa, com as turmas em andamento na Licenciatura em Letras EAD. As **Figuras 77 e 78** registram a visita ao CEGOE, prédio com as atividades de ensino presencial da sede, em Recife, bem como a visita à Biblioteca Central da UFRPE.

**Figura 77** : *Letras Rural Tour*: visita ao CEGOE, na sede UFRPE, em Recife/PE, com discentes do Polo Carpina - 2014.



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 78**: *Letras Rural Tour*: visita à Biblioteca Central da UFRPE com discentes e tutora presencial do polo Pesqueira – 2014.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Em outros movimentos de formação docente/discente, ministrei oficinas, minicursos e cursos em eventos de extensão (**Apêndice - Quadro 10**). Esses movimentos de formação docente e discente sempre me encantaram e orientaram minhas travessias acadêmicas. O trabalho foi intenso, porém, muito gratificante, em virtude de valiosas trocas e aprendizagens nessas etapas formativas. Gostaria de ter participado, ainda mais, de formações de professores(as), sobretudo, considerando os principais desafios da Educação Básica. No entanto, amigo(a) leitor(a), conciliar as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão requer muita dedicação e, nem sempre, conseguimos realizar tudo o que gostaríamos, não é verdade?

O próximo capítulo irá revelar os contínuos desafios da docência, considerando, por exemplo, o cenário da pandemia de Covid-19 que parece ter “plasmado” o tempo, dando a sensação de “*tempo perdido*”<sup>33</sup>. Lembrei-me da bela canção *Tempo perdido*, de Legião Urbana, a qual parece ser tão atual nesse cenário: “*Todos os dias quando acordo/ Não tenho mais o tempo que passou/ Mas tenho muito tempo/ Temos todo tempo do mundo*”.

<sup>33</sup> URBANA, Legião. Tempo Perdido. Intérprete: Legião Urbana. In: **Dois**. Rio de Janeiro: EMI, 1986. 1 disco sonoro (vinil). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22489/> Acesso em: 5 abr.2024.



# Capítulo 4

## 4 UM CAPÍTULO À PARTE EM MINHAS TRAVESSIAS - EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA... O DIA EM QUE A TERRA PAROU

**Paciência** – Lenine <sup>34</sup>

Mesmo quando tudo pede  
Um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede  
Um pouco mais de alma  
A vida não para

Enquanto o tempo  
Acelera e pede pressa  
Eu me recuso, faço hora  
Vou na valsa  
A vida é tão rara

**N**este capítulo, amigo(a) leitor(a), irei dar voz à professora pesquisadora que habita em mim. Busco articular questões teóricas e reflexões vivenciadas no cronotopo da pandemia de Covid-19, tendo vista o cenário vivido por todos(as) nós a partir de março de 2020, no Brasil e no mundo. O período de escrita deste Memorial foi iniciado ainda em tempos de pandemia, final do ano de 2022, e finalizado em junho de 2024, momento em que busquei, também, compilar a documentação, organizar a revisão geral do Memorial e finalizar a escrita do Relatório de Atividades de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão, considerando o período do interstício de 01/09/2022 a 31/08/2024, conforme orientações da Resolução nº 120/2018 - CONSU/UFRPE para a promoção funcional - Professora Titular. Pois é, amigo(a) leitor(a), não basta escrever este longo Memorial, com todo o relato de minhas travessias acadêmicas, é preciso, ainda, elaborar o Relatório de Desempenho Acadêmico com as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão realizadas nos últimos dois anos (2022/2024), considerando o período do interstício, desde a minha última progressão funcional como Docente Associada, Classe D, Nível 4 (Portaria Progepe/UFRPE nº 758/2022).

Praticamente, consegui escrever este Memorial nos momentos de horas vagas entre uma aula e outra, uma orientação e outra, uma reunião e outra, um projeto e outro, um evento e outro, um parecer para análise de processo e outro, nas folgas de finais semanas e em alguns feriados. Para além da escrita do Memorial, destaco que o tempo de organização da documentação comprobatória foi extenso e exaustivo diante da árdua tarefa de resgatar declarações, certificados e outros documentos para comprovar as atividades realizadas. Às

---

<sup>34</sup> LENINE. Paciência. Intérprete: Lenine. In: **O dia em que faremos contato**. Rio de Janeiro: BMG, 1999. 1 disco sonoro. <https://www.lettras.mus.br/lenine/47001/> Acesso em: 10 fev. 2023.

vezes, me sentia quase como Indiana Jones, fazendo movimentos arqueológicos para resgatar documentos impressos e digitais, uma “caçadora” de objetos documentais valiosos para ratificar as travessias acadêmicas. Foi bem mais fácil escrever o Memorial do que organizar o dossiê com toda a documentação referenciada neste documento e indicada, também, no meu *Currículo Lattes*. Descobri algumas relíquias nas andanças arqueológicas e tive que ajustar até o meu *Currículo Lattes*.

Amigo(a) leitor(a), revisito, aqui, a canção “Caçador de mim”<sup>35</sup>, de Milton Nascimento para descrever tal sentimento: *Por tanto amor/ Por tanta emoção/ A vida me fez assim/ Doce ou atroz/ Manso ou feroz/ Eu, caçador de mim* (Nascimento, 1981). Como “caçadora de mim”, busco apresentar todas as diversas atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão realizadas em minhas vivências acadêmicas, tendo em vista conexões com algumas fases de minha história pessoal e de minhas múltiplas narrativas de vivências profissionais. Como já comentei, a correria da vida acadêmica no Magistério Superior é intensa. Tive que aproveitar cada momento para a escrita deste Memorial.

Quando iniciei a escrita desta longa narrativa, ainda em novembro de 2022, a pandemia ainda atormentava o Brasil e o mundo. Na era de um (des)governo negacionista que vigorava em 2022, a Ciência era atacada em todos os sentidos, desde a negação nas políticas de saúde pública, tentando-se enfraquecer o Sistema Único de Saúde - SUS e desacreditar a eficácia das vacinas contra a Covid-19. As Universidades públicas enfrentavam cortes orçamentários, bloqueio de recursos, suspensão de cotas de bolsas, desmontes no MEC, no CNPq e na CAPES. A UFRPE teve que repensar planejamentos, processos e estratégias de ensino e aprendizagem no cenário pandêmico, sobretudo, no contexto inicial da pandemia, em 2020.

Amigo(a) leitor(a), tenha um pouquinho de paciência que chegaremos lá. Você ficará sabendo, também, como a UFRPE repensou as atividades acadêmicas nesse cenário tão desafiador. Agora, que tal uma pausa para algumas reflexões sobre as travessias no contexto da pandemia de Covid-19? Irei libertar a professora pesquisadora que adora escrever em forma de ensaio a fim de discutir desafios vivenciados no cronotopo pandêmico. Pronto(a) para mais reflexões?

#### 4.1 NAS TRAVESSIAS DA CIBERCULTURA

Em minhas pesquisas, sempre me aproximei das reflexões sobre a *cibercultura*, conceito apresentado por Pierre Lévy, filósofo e pesquisador que estuda temas, como: revolução tecnológica, democracia digital, hipertextualidade, árvores do conhecimento, engenharia dos laços sociais, humanidades digitais e a dimensão do virtual. Já ouvi alguns/algumas pesquisadores(as) criticando o enfoque de Lévy (1999), pois acreditam que tal pensador defende uma abordagem muito utópica. Amigo(a) leitor(a), como já fiz minhas confissões iniciais, no segundo capítulo deste Memorial, sou uma professora esperançosa, resiliente e romântica. Desse modo, meus caminhos teóricos e metodológicos seguirão a utopia, o sonho, a busca por uma educação transformadora. Então, perdoem-me os críticos,

---

<sup>35</sup> NASCIMENTO, Milton. Caçador de mim. In: NASCIMENTO, Milton; VERDE, Luiz Carlos Sá (compositores). **Caçador de Mim**. São Paulo: Ariola, 1981. Faixa 1.

mas “amo” o enfoque de Lévy (1999) justamente por seu caráter utópico e visionário, considerando, principalmente, o período em que o filósofo escreveu suas obras.

Início, assim, com a célebre visão de Lévy (1999) sobre a cibercultura como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 17). Nessa abordagem, a cibercultura caracteriza-se por princípios imbricados, tais como: o caráter fluido, dinâmico e caleidoscópico do ciberespaço, a criação de comunidades virtuais, a interatividade e a expansão da inteligência coletiva. O ciberespaço configura-se como “rede”, novo meio de comunicação que contempla “não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (Lévy, 1999, p. 17). O ciberespaço funciona como suporte da inteligência coletiva, sendo esta caracterizada pelas “novas” formas de pensamentos e comportamentos diante de conexões sociais que se tornam viáveis pela utilização das redes abertas na internet. Segundo o filósofo,

Nos casos em que processos de inteligência coletiva desenvolvem-se de forma eficaz graças ao ciberespaço, um de seus principais efeitos é o de acelerar cada vez mais o ritmo da alteração tecno-social, o que torna ainda mais necessária a participação ativa na cibercultura, se não quisermos ficar para trás, e tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e apropriação (Lévy, 1999, p. 30).

Neste cenário de expansão da inteligência coletiva, vivenciamos diversos desafios citados por Lévy (1999): 1) *isolamento e sobrecarga cognitiva*: estresse pela comunicação intensa e pelo trabalho diante das telas; 2) *dependência digital*: vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais; 3) *dominação*: reforço dos centros de decisão e de controle, domínio quase monopolista de algumas potências econômicas sobre funções importantes da rede; 4) *exploração*: teletrabalho vigiado, formas de monitoramento e exploração no campo das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais; 5) *bobagem coletiva*: rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação. Amigo(a) leitor(a), percebeu a atualidade do pensamento de Lévy (1999)? Creio que, por esse caráter visionário do filósofo da cibercultura, identifico-me com as reflexões apontadas pelo pensador.

Todos esses desafios, indicados por Lévy (1999), tornaram-se bem atuais com a pandemia de Covid-19 que reconfigurou as relações dos sujeitos com as tecnologias digitais. Foi preciso uma pandemia para que as pessoas comesçassem a (re)pensar os laços sociais na cibercultura e o lugar das tecnologias em vários campos, tais como: na educação, no mundo do trabalho, na telemedicina, na cultura, no comércio eletrônico, e em vários outros setores. Observe, amigo(a) leitor(a): a pandemia afetou algumas questões para a humanidade, tais como: a capacidade de reinventar os laços sociais; o redimensionamento do tempo-espaço nas relações pessoais e profissionais; a dimensão familiar em espaços de interação; os novos formatos de trabalho, como, por exemplo, *home office*; o papel das famílias na mediação pedagógica de crianças e jovens em outros espaços educativos, como as salas de aulas virtuais; além de uma série de outros fatores. Poderia passar o dia inteiro, ou a noite inteira, escrevendo, escrevendo.... No entanto, quero destacar apenas um aspecto: a capacidade de simplesmente “respirar”. Você já pensou nisso, amigo(a) leitor(a)? A

pandemia foi uma oportunidade para que a humanidade (re)pensasse a importância do simples ato de respirar: devagar, pausada e profundamente, para sentir o pulsar da vida que habita em nós. Durante a explosão de casos de Covid-19, muitos(as) tiveram essa capacidade de respirar interrompida, precisaram da ajuda de aparelhos. Não podemos esquecer as cenas lastimáveis dos hospitais brasileiros lotados, muitos sem os respiradores artificiais em números adequados para a quantidade de pacientes em sofrimento. A situação foi ainda pior no Norte do Brasil, quando visualizamos a precariedade dos hospitais sem recursos. Como esquecer aquelas cenas chocantes de familiares, em Manaus, carregando oxigênio, levando aos hospitais para salvar as vidas de seus familiares queridos.

Também preciso comentar que o cenário da pandemia de Covid-19 parece ter evidenciado, ainda mais, os abismos sociais e os processos de exclusão digital no retrato de um Brasil em crise, considerando-se, sobretudo, o contexto da educação que reflete as “fraturas sociais”. Quanto à exclusão digital, observamos a difícil realidade dos(as) discentes das escolas públicas, sem acesso às tecnologias digitais para apoiar suas aprendizagens durante o período de suspensão de aulas presenciais. As consequências das lacunas nos percursos de aprendizagem desses/dessas discentes só serão mapeadas com estudos contínuos para avaliar os efeitos dessa exclusão dos(as) estudantes das escolas públicas quanto ao acesso à internet e ao aparato tecnológico.

As relações entre tecnologias e educação transformam-se, continuamente, na cibercultura e representam as contradições sociais quanto às desigualdades no acesso a recursos tecnológicos. Em diálogo com esses processos, a escola sentiu os impactos da pandemia e teve que repensar estratégias para a inserção das tecnologias nas mediações pedagógicas diante da interrupção das atividades presenciais nos momentos mais delicados do cenário pandêmico.

Bourdieu (2015), em sua abordagem sociológica, já problematizou a escola como espaço de representação das desigualdades sociais e das “violências simbólicas”. Na ótica do sociólogo, a violência simbólica ocorreria a partir de conteúdos, programas, metodologias, instrumentos de avaliação, relações pedagógicas, práticas linguísticas e temáticas abordadas pela escola e que reforçariam o capital cultural dominante (Bourdieu, 2015). No contexto da pandemia, o processo de exclusão digital dos(as) discentes pode ser compreendido nessa dimensão da “violência simbólica” apontada por Bourdieu (2015). Quantos(as) estudantes ficaram excluídos(as) das “salas de aulas” organizadas nas plataformas digitais? De que forma os(as) professores(as) tiveram que superar desafios, reinventar planejamentos e ações pedagógicas para apoiar os(as) discentes em um momento tão difícil, enfrentando medo, ansiedade, sensação de “paralisação” total? Como rever desenhos didáticos, modelos pedagógicos e “arquiteturas curriculares” (Behar, 2009, 2020) no “cronotopo pandêmico” e no contexto pós-pandemia?

Neste capítulo, amigo(a) leitor(a), vamos refletir juntos(as) sobre a noção de cronotopia já indicada no primeiro capítulo deste Memorial. Tal noção é estudada por Bakhtin (2014), compreendendo-se as relações dialógicas entre os índices espaciais e temporais dos cronotopos dos (des)encontros, com vistas a ampliar o debate sobre as conexões entre tecnologias, letramentos digitais e formação docente nas múltiplas travessias cronotópicas, caminhando no “Grande Sertão” da educação brasileira.

Em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, o narrador Riobaldo reflete sobre sua travessia no Sertão, cenário que assume dimensão simbólica ao longo da narrativa. Metaforicamente, na ótica de Riobaldo, o “sertão não tem janelas nem portas; o sertão está em toda parte; o sertão é do tamanho do mundo” (Rosa, 2019). A travessia de Riobaldo revela-se como um mergulho na dimensão metafísica, em uma incessante busca pelo espaço exterior do Sertão, o qual assume uma dimensão simbólica na narrativa literária, em diálogo com os espaços e os tempos das múltiplas identidades das personagens, considerando o olhar investigativo e poético do narrador personagem Riobaldo. O exterior e o interior combinam-se nas incessantes reflexões de Riobaldo sobre o bem e o mal, Deus e o Diabo, o chão da terra e as águas dos rios, a poesia e a prosa, o regional e o universal, o narrado e a narração, a história e o discurso narrativo, entre outras dimensões que, simbolicamente, dialogam na organização da arquitetura literária.

No período da pandemia, comecei a reler algumas obras literárias, em função do isolamento social tive que buscar refúgio em minha pequena biblioteca. Fui à estante, peguei a obra *Grande Sertão: Veredas*, comecei a folhar uma versão antiga que tenho. Gosto do cheiro de livro “novo”, senti a necessidade de comprar uma edição mais recente para continuar minha leitura. Pesquisei na internet e comprei a edição mais nova da Companhia das Letras, publicada em 2019. Foi nesse contexto que surgiu a ideia de fazer esta imersão memorialística e não poderia deixar de descrever minhas vivências no contexto da pandemia de Covid-19.

O cronotopo pandêmico provocou novos olhares sobre as relações de educadores(as) e educandos(as) com as tecnologias. Neste “Sertão”, “somos muitos Severinos, iguais em tudo na vida” (Melo Neto, 2016), e vamos traçando nossos caminhos nas travessias cronotópicas, nesse cenário tão árido e desafiador da educação contemporânea. Tivemos que encontrar “novas” rotas na árida estrada diante dos contínuos desafios que a pandemia evidenciou para docentes e discentes do Brasil e do mundo. Essas “novas” rotas foram indicadas nos amplos debates sobre a educação mediada por tecnologias digitais, como iremos discutir na próxima seção.

#### 4.2 EAD, ERE E (DES)ENCONTROS NA “ESTRADA” DO CRONOTOPO PANDÊMICO

A linguagem é essencialmente cronotópica, como tesouro de imagens. É cronotópica a forma interna da palavra, ou seja, o signo mediador que ajuda a transportar os significados originais e espaciais para as relações temporais (no sentido mais amplo).

Mikhail Bakhtin

Trazendo essa metáfora bakhtiniana da cronotopia para o cenário atual da educação, podemos dizer que a “estrada” da pandemia promoveu (des)encontros entre docentes, discentes e tecnologias. No cenário da pandemia de Covid-19, a necessidade de isolamento social e a paralisação de aulas presenciais nas escolas e universidades foram determinantes no redimensionamento das relações cronotópicas e dialógicas entre os sujeitos. Tivemos que nos adaptar, rapidamente, a “novos” comportamentos, em função de desafios importantes a partir da crescente inserção de recursos tecnológicos em modelos de trabalho remoto, práticas de Ensino Remoto Emergencial - ERE, projetos de Educação a Distância - EAD, telemedicina e outras experiências.

No contexto da educação, os(as) docentes buscaram alternativas para o (re)pensar de usos pedagógicos das tecnologias. Os/As professores(as) tiveram que aprimorar suas práticas de letramentos digitais na cibercultura. As experiências com educação mediada por tecnologias digitais começaram a fazer parte da rotina de educadores(as) e educandos(as), os(as) quais precisaram reinventar percursos de ensino e aprendizagem com apoio de recursos tecnológicos.

Universidades e escolas começaram a desenvolver experiências com o ERE, o qual envolve práticas pedagógicas mediadas por tecnologias digitais, tendo em vista atividades não presenciais realizadas por meio de interações síncronas e/ou assíncronas, diferindo da EAD, que conta com marco legal próprio (Brasil, 2017). Conforme Arruda (2020), o ERE diferencia-se da EAD “pelo caráter emergencial que propõe usos e apropriações das tecnologias em circunstâncias específicas de atendimento onde outrora existia regularmente a educação presencial” (Arruda, 2020, p. 9).

Diversas confusões epistemológicas entre EAD, ERE, Educação *Online* e ensino híbrido começaram a surgir nesse cenário. Logo no início da pandemia, ainda em agosto de 2020, a pesquisadora Edméa Santos, com vasta experiência no campo da Educação *Online*, publicou artigo intitulado: *EAD, palavra proibida. Educação Online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença?* No referido artigo, Santos (2020) apresenta valiosas contribuições e afirma:

Ensino remoto não é EAD e muito menos Educação *Online*. A tecnologia avançou, a rede tem melhores conexões. Mas a postura comunicacional é restrita ao dia e hora marcados. Isso tudo, multiplicado por 7, 8, 9 ou 10 unidades curriculares e ou disciplinas, tem entediado alunos e desgastado docentes. Exaustão e traumas estão sendo instituídos. O ensino remoto tem deixado suas marcas... para o bem e para o mal (Santos, 2020, *on-line*).

Concordo com Santos (2020), “*ensino remoto não é EAD*”, embora muitos(as) educadores(as) ainda estejam confundindo tais noções. Essa confusão conceitual pode conduzir a práticas pedagógicas monológicas, ainda centralizadas na imagem do(a) professor(a), e distantes das potencialidades que o ciberespaço e a cibercultura propiciam em tempos de avanços tecnológicos.

O cronotopo pandêmico revelou-se oportuno para que a cibercultura fosse explorada na democratização do acesso a recursos educacionais e informacionais, gêneros digitais, redes sociais, hipertextos, hiperfídia, com foco em aprendizagens abertas, ubíquas, flexíveis, imersivas e criativas. No entanto, durante a pandemia de Covid-19, o movimento da educação seguiu passos, ainda limitados, rumo ao ERE, como modelo capaz de representar as dinâmicas de aulas similares aos padrões da presencialidade.

Creio que o ERE, provavelmente, contribuiu para dar continuidade às aulas e às atividades ancoradas no paradigma presencial de ensino, mas não conseguiu alcançar, plenamente, a riqueza da cibercultura, compreendendo-se esta em suas múltiplas dimensões híbridas, multimodais, hipertextuais, hipermediáticas, intersemióticas. No contexto da cibercultura, é importante considerar a ubiquidade e a flexibilidade nas experiências de aprendizagens abertas, colaborativas e em rede.

Os espaços virtuais de aprendizagem transformaram-se em metáforas das salas de aulas presenciais, com a voz dos(as) docentes em primeiro plano e os(as) discentes “enfleirados” na virtualidade, com suas câmeras desligadas, com suas dificuldades de



aprendizagem nos “novos” modelos propostos. No cenário do ERE, em tempos de pandemia, os desenhos pedagógicos para os espaços virtuais priorizaram modelos fixos, com horários previamente agendados, sem reflexões sobre os encontros e os desencontros entre os cronotopos de docentes e discentes, com suas dificuldades de acesso aos recursos tecnológicos, seus problemas de conectividade, suas questões socioemocionais diante da ansiedade e do medo provocados pelas incertezas no contexto de emergência sanitária.

A urgência do apelo tecnológico foi tão intensa que, em lugar de desacelerar para se repensar a educação em face das adversidades enfrentadas, o caminho trilhado foi o oposto. Docentes e discentes ficaram atônitos(as), sem formações específicas para usos pedagógicos das tecnologias, e foram “atropelados(as)” pelo “bombardeio” de ferramentas, aplicativos, plataformas digitais e “novos” modelos/formatos educativos. Além disso, as confusões epistemológicas entre EAD e ERE continuaram nas trilhas de aprendizagens dos sujeitos nesse “Sertão” da educação no cronotopo pandêmico.

Behar (2020), a partir de sua vasta experiência na EAD, também analisou as distinções entre ERE e EAD. Conforme a autora:

No ERE, a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de webconferência, e as atividades seguem durante a semana no espaço de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de forma assíncrona. A presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula presencial é “substituída” por uma presença digital numa aula online, o que se chama de ‘presença social’. Essa é a forma como se projeta a presença por meio da tecnologia. Na EAD é preciso criar um Modelo Pedagógico. Este é constituído por uma arquitetura pedagógica composta pelos aspectos organizacionais, de conteúdo, metodológicos, tecnológicos e as estratégias pedagógicas a serem empregadas. Esse modelo é voltado para alunos, professores, tutores e, também, gestores, compreendidos como os sujeitos da EAD (Behar, 2020, *on-line*).

Destaco, nas palavras de Behar (2020), a ideia de “arquitetura pedagógica” na EAD. Esta arquitetura contempla os modelos pedagógicos e envolve alguns componentes para a construção do currículo na EAD, tais como: planejamento da proposta pedagógica, organização do tempo pedagógico e dos cenários de aprendizagem nos ambientes virtuais, conteúdos e objetivos propostos, materiais didáticos, diretrizes metodológicas, ferramentas e recursos tecnológicos, instrumentos e critérios de avaliação, dentre outros. Segundo Behar (2009), o modelo pedagógico para EAD deve ser compreendido como um “sistema de premissas teóricas que representa, explica e orienta a forma como se aborda o currículo e que se concretiza nas práticas pedagógicas e nas interações professor/aluno/objeto de estudo” (Behar, 2009, p.24).

Os preconceitos e as (des)informações sobre EAD e ERE trouxeram à tona a necessidade de ampliar as reflexões sobre educação e tecnologias digitais. As confusões foram tantas que, no campo da EAD, docentes começaram a imitar modelos de ERE, exigindo que os(as) estudantes participassem de aulas/*lives* ao vivo, em tempo real, de modo síncrono, por meio de cobranças pontuais, como chamadas orais, listas de frequências, abertura de câmeras para exposição das telas. Tendo em vista as diferenças entre a EAD e outros modelos de ensino, é importante visitar a abordagem de Belloni (2005):

Deve-se compreender a EAD como um tipo distinto de oferta educacional, que exige inovações ao mesmo tempo pedagógicas, didáticas e organizacionais. Os principais elementos constitutivos que a diferenciam da

modalidade presencial são a ‘descontiguidade’ espacial entre professor e aluno, a comunicação diferida (separação no tempo) e a mediação tecnológica, característica fundamental dos materiais pedagógicos e da interação entre o aluno e a instituição (Belloni, 2005, p. 190).

A “*descontiguidade espacial entre professor e aluno*” e a “*comunicação diferida*”, marcadas pela separação no tempo-espaço entre docentes e discentes, são características importantes apontadas por Belloni (2005) que revelam a flexibilidade da EAD, modalidade com vasta história no mundo e regulamentação no Brasil. Conforme o Decreto MEC nº 9.057, de 25 de maio de 2017, a EAD é uma modalidade educacional que prioriza a mediação didático-pedagógica por meio de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC, com corpo profissional qualificado, políticas de acesso, acompanhamento e avaliação compatíveis na realização de atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em “*lugares e tempos diversos*” (Brasil, 2017, grifos nossos).

Se, por um lado, docentes da EAD começaram a dar aulas ao vivo, seguindo modelo do ERE, por outro lado, docentes da Educação Básica iniciaram suas experiências com ERE, ainda confusos(as), fazendo alusões às aulas “a distância”, considerando modelos pedagógicos para EAD, como se estivessem praticando a EAD na educação infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na EJA ou no Ensino Médio regular.

Nas redes sociais, nas notícias televisivas, nas mídias digitais, nos compartilhamentos de “*fake news*”, as desinformações sobre modelos e modalidades de educação mediada por tecnologias tornaram-se frequentes. De modo geral, nesses cenários discursivos, a EAD era (e ainda é) rotulada, muitas vezes, como menos eficaz, quando comparada ao ensino presencial, sendo compreendida apenas como alternativa para o período da pandemia, ou, ainda, interpretada como “modelo” de qualidade duvidosa em termos de avaliação da aprendizagem dos(as) estudantes.

No cronotopo pandêmico, as notícias das grandes emissoras de TV reforçaram que a educação brasileira estava “parada” no país e muitos(as) discentes eram prejudicados(as) com a suspensão de aulas. De modo geral, nessas notícias, a sobrecarga do trabalho docente, as questões socioemocionais vivenciadas pelos(as) educadores(as) quase sempre eram aspectos relegados a segundo plano. As confusões entre EAD e ERE eram reforçadas e o ensino presencial continuava sendo referenciado como sinônimo de “qualidade”, enquanto os demais “formatos/modelos” seguiam apresentados como “duvidosos”. A falsa ideia de que a educação estava parada em todo o país era difundida, sem considerar que os(as) educadores(as) reinventaram suas práticas pedagógicas em função das mediações apoiadas pelas tecnologias digitais. Os/As professores(as) nunca trabalharam tanto para manter as aulas nas salas organizadas em ambientes virtuais, em plataformas digitais de interações síncronas e assíncronas a fim de apoiar a aprendizagem dos(as) estudantes.

O fato é que, seja EAD, ERE, ensino híbrido ou ensino presencial, precisamos compreender a educação com base em abordagens dialógicas e polifônicas (Bakhtin, 2014) em sintonia com o dinamismo da cibercultura (Lévy, 1999). A tecnologia já faz parte das rotinas escolares e precisamos caminhar rumo a modelos híbridos, flexíveis, multifacetados, multidimensionais, polifônicos, multimodais, disruptivos, hipertextuais, capazes de mesclar aprendizagens em contextos presenciais e em outros cenários de “aprendizagens abertas/ubíquas” (Santaella, 2014) nas ilimitadas veredas da “inteligência coletiva” no

turbilhão do “ciberespaço” (Lévy, 1999). É importante pensarmos em modelos híbridos/*blended*, conforme já abordou Moran (2015):

Na educação acontecem vários tipos de *blended*: de saberes e valores, quando integramos várias áreas de conhecimento (no modelo disciplinar ou não); *blended* de metodologias, com desafios, atividades, projetos, games, grupais e individuais, colaborativos e personalizados. Também falamos de tecnologias *blended*, que integram as atividades da sala de aula com as digitais, as presenciais com as virtuais. *Blended* também pode ser um currículo mais flexível, que planeje o que é básico e fundamental para todos e que permita, ao mesmo tempo, caminhos personalizados para atender às necessidades de cada aluno. *Blended* também é a articulação de processos mais formais de ensino e aprendizagem com os informais, de educação aberta e em rede (Moran, 2015, p. 24).

O *blended* merece ser compreendido como processo (pedagógico, histórico, social e cultural) em busca de uma educação aberta, dialógica, polifônica, híbrida, disruptiva e hipertextual. Como Moran (2015) aponta, a noção de *blended* está imbricada a questões que envolvem saberes, currículos, tecnologias, processos de ensino/aprendizagem, metodologias, espaços formais, informais e não formais de aprendizagens, superando-se apenas a visão restrita do *mix* entre *on-line* e *off-line*.

É preciso entender que o ensino híbrido não se resume, apenas, a disponibilizar ferramentas tecnológicas, mas envolve a capacidade de potencializar o aprendizado de modo colaborativo e com base na personalização. É preciso superar a monocronia, a monoespacialidade e o monologismo nos processos dinâmicos de ensinar e aprender na cultura digital. Precisamos refletir sobre propostas de educação aberta, dialógica, *blended*, com foco na “*pedagogia do encontro*” (Nóvoa; Alvim, 2021), na “*pedagogia da terceira margem do rio*” (Nóvoa, 2010), na abordagem dialógica (Freire, 2002), propiciando diálogos contínuos entre os diversos saberes de docentes e discentes em uma espécie de rede rizomática de interconexões ilimitadas.

Com a expansão do ciberespaço e da inteligência coletiva, a Educação Aberta - EA pode se transformar em proposta interessante, por meio de práticas pedagógicas abertas e inovadoras; acesso aberto a materiais educacionais; autonomia do(a) estudante; aprendizagem ubíqua; usos de recursos/materiais educacionais abertos – REA (Santos, 2012). Vivemos a cultura do remix, na qual buscamos compartilhar, transformar e editar materiais, obras e recursos (Lessig, 2004). Na ótica de Lessig (2004), cultura livre é uma defesa de um novo conceito de cultura nascido com a era digital. Este conceito prega que todo conhecimento deve ser livre, de forma a possibilitar seu compartilhamento, distribuição, cópia e uso sem que isso afete a propriedade intelectual subjacente aos bens culturais. O autor recoloca a ideia de liberdade como condição fundamental para o desenvolvimento tecnológico/cultural.

Nesse cenário, a EA ganha força em distintos setores da sociedade com os avanços da tecnologia digital, intensificando-se a necessidade de propiciar acesso ao conhecimento para inovar práticas pedagógicas e incorporar a cultura do compartilhamento. Trata-se de um movimento histórico que busca valorizar a tradição de partilha de ideias e abarca uma “concepção progressista da educação, que eleva o conhecimento como bem comum da humanidade e busca promover a cultura de cocriação e compartilhamento de saberes” (Amiel; Gonsales; Sebriam, 2020, p. 27). A EA deve ser compreendida na estreita relação entre educação, política e tecnologia, considerando os direitos digitais para “acesso à

informação, à cultura e ao conhecimento para todas as pessoas, reforçando a liberdade de expressão e a privacidade e proteção de dados” (Amiel; Gonsales; Sebriam, 2020, p. 43).

É fundamental pensar na “abertura” em termos de práticas pedagógicas, recursos educacionais, tecnologias, linguagens e letramentos, propostas de formação docente, considerando os desafios contínuos da cultura digital diante das transformações dos processos de ensino a aprendizagem mediados pelas tecnologias digitais. A característica da EA sobre práticas pedagógicas inovadoras ganha coro em diversos estudos na área educacional, especialmente os que envolvem o uso das tecnologias digitais na educação. Além das práticas pedagógicas inovadoras, os REA representam possibilidades concretas que temos de atuação em EA, ou seja, não se pode apenas consumir um dado material disponibilizado na internet, por exemplo, mas é preciso contribuir como autor(a) para a expansão da EA.

Nesse cenário, a formação docente para usos críticos e reflexivos das tecnologias digitais revela-se estratégica e urgente para apoiar os(as) educadores(as). Os desenhos curriculares dos cursos e programas de formação docente tornaram-se “analógicos” diante das contínuas transformações sociais e tecnológicas. A expansão da “inteligência coletiva” (Lévy, 1999) requer o redimensionamento de processos formativos, no sentido de os(as) professores(as) repensarem metodologias e práticas pedagógicas.

Os programas e as políticas de formação docente precisam incluir propostas formativas com base em letramentos digitais articulados à criatividade e à autoria de educadores(as) para que estes consigam não apenas usar as tecnologias como consumidores(as), mas, sobretudo, realizar processos pedagógicos criativos com recursos tecnológicos. Os desafios que os(as) professores(as) têm vivenciado quanto às práticas pedagógicas não estão apenas numa formação incipiente e com aparente estrutura de “treinamento tecnológico”. Tais desafios dizem respeito, também, à formação inicial que precisa estar integrada ao dinamismo da cultura digital.

As relações dos(as) professores(as) com as tecnologias, na contemporaneidade, transformam as práticas de letramentos digitais. Compreendemos que os letramentos digitais envolvem “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital” (Dudeney; Hockly; Pegrun, 2016, p. 23). O tema já foi discutido por Magda Soares, considerando “certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela” (Soares, 2002, p. 151).

As diversas dimensões dos letramentos digitais precisam ser consideradas quando pensamos em desenhos de programas de formação docente. Desse modo, revisito algumas propostas de Dudeney, Hockly, Pegrun (2016, p. 27) para as reflexões sobre letramentos digitais em suas múltiplas interfaces, tais como:

*Letramento multimídia:* habilidade de interpretar e criar efetivamente textos em múltiplas mídias, especialmente usando imagens, sons e vídeo” (Dudeney, Hockly, Pegrun, 2016, p. 27).

*Letramento (crítico) em informação:* habilidade de avaliar documentos e artefatos fazendo perguntas críticas, avaliando a credibilidade, comparando fontes e rastreando as origens da informação (Dudeney, Hockly, Pegrun, 2016, p. 40).

*Letramento em hipertexto:* habilidade de processar hiperlinks apropriadamente e de usá-los para incrementar com eficiência um documento ou artefato (Dudeney, Hockly, Pegrun, 2016, p. 27).

*Letramento remix:* habilidade de criar novos sentidos ao samplear, modificar e/ou combinar textos e artefatos preexistentes, bem como de fazer circular, interpretar, responder e construir sobre outras remixagens no interior das redes digitais (Dudeney, Hockly, Pegrun, 2016, p. 55).

*Letramentos móveis:* habilidade de navegar, interpretar informação, contribuir com informação e se comunicar por meio da internet móvel, incluindo a habilidade de se orientar no espaço da internet das coisas e da realidade aumentada (Dudeney, Hockly, Pegrun, 2016, p. 31).

Certamente, como educadores(as), tivemos que explorar essas diversas dimensões dos letramentos digitais no cronotopo pandêmico. Buscamos trilhar as travessias inesgotáveis nas múltiplas veredas da cibercultura, repensando concepções, estratégias metodológicas e práticas para o revisitar da educação sob outras lentes. O cronotopo pandêmico revelou-se desafiador nessas travessias e mostrou caminhos que podemos seguir em busca de uma educação dialógica, aberta, *blended* que consiga estreitar conexões entre docentes, discentes e tecnologias.

Com as tecnologias incorporadas às rotinas pessoais, os(as) professores(as) sentiram-se desafiados(as) a continuar na “estrada” do “Sertão” da educação brasileira, reinventando seus caminhos, aumentando suas jornadas laborais em planejamentos contínuos para as aulas organizadas/experenciadas nas telas. Diante da pressão de escolas e universidades para ajustar planejamentos e práticas pedagógicas para as mediações tecnológicas/pedagógicas, muitos(as) professores(as) adoeceram, desenvolveram crises de ansiedade, processos depressivos, chegaram ao limite da exaustão.

Retomemos a visão de Han (2015) sobre a “sociedade do cansaço”. Vivemos uma época de velocidade e esgotamento e, nesse contexto, a pressão para alcançar metas, superar obstáculos levam os indivíduos ao cotidiano produtivo direcionado a múltiplas tarefas. Conforme o filósofo coreano, essa “sociedade do desempenho”, o excesso de positividade e a pressão pelo alcance de metas conduzem o indivíduo ao esgotamento típico dos sofrimentos psíquicos da nossa época, tais como: a síndrome de burnout, a ansiedade e a depressão. Han (2015) considera a “hiperatividade contemporânea” como espécie de esgotamento espiritual dos nossos dias. Na ótica do autor, a “sociedade do desempenho” e a “sociedade ativa” geram um cansaço e esgotamento excessivos. “O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (Han, 2015, p.38).

A pandemia veio reforçar essa “sociedade do cansaço”, diante das fragilidades emocionais, do medo e do isolamento social que foram promovendo “novos” comportamentos dos sujeitos. O cansaço revelou-se no apagamento das imagens dos(as) discentes nas salas de aulas virtuais. Diante das câmeras desligadas nas salas virtuais, a pouca interação nas aulas ao vivo no modelo ERE conduzia o monólogo dos(as) professores(as), ocultando a “polifonia” (Bakhtin, 2014) dos diferentes espaços de aprendizagem.

Precisamos repensar modelos pedagógicos e estratégias metodológicas para transformar as interações entre docentes, discentes e tecnologias. É preciso entender as tecnologias digitais sob uma ótica plural e humanística, percebendo que são mais do que



simples suportes ou equipamentos, visto que influenciam os comportamentos dos indivíduos, os modos de pensar, de agir e as relações dos sujeitos (Kenski, 2008). Nessa perspectiva, ainda conforme Kenski (2008), podemos compreender a linguagem como um “tipo específico de tecnologia que não necessariamente se apresenta através de máquinas e equipamentos” (Kenski, 2008, p. 23).

Em síntese, pensemos em tecnologias para além de máquinas, recursos tecnológicos e equipamentos materiais. No campo da formação docente, vamos ampliar reflexões sobre projetos formativos, com foco em abordagens dialógicas (Freire, 2002), polifônicas (Bakhtin, 2014), *blended* (Moran, 2015), tendo em vista cenários de compartilhamentos de experiências didático-pedagógicas, no sentido de os(as) professores(as) compartilharem vivências docentes por meio de trocas dialógicas. Pensemos, assim, em processos de formação docente em diálogo com a inteligência coletiva, compreendendo-se as novas formas de pensamento que são redimensionadas diante das conexões sociais nas redes abertas de aprendizagens no ciberespaço (Lévy, 1999).

Os programas e os projetos de formação docente precisam considerar a autoria, tanto em relação à práxis docente, quanto em termos de aprendizagem do(a) discente. Nesse sentido, concordo com Demo (2009): “autoria é fundamento docente e discente, por ser referência crucial da aprendizagem no professor e no aluno. Professor que não é autor, não tem aula para dar. Só pode reproduzir. Aluno que não é autor continua copiando, ainda não está aprendendo” (Demo, 2009, p. 20). Nesse protagonismo da autoria, é preciso, também, atentar para os impactos das tecnologias de Inteligência Artificial – IA em nossas relações com a escrita a fim de não comprometermos a autonomia e a criatividade nas práticas de letramentos críticos que precisamos desenvolver continuamente.

Apenas buscando a construção da autoria docente/discente é que iremos caminhar nas múltiplas veredas da cibercultura em direção a um projeto de educação dialógica, emancipatória, crítico/reflexiva e inovadora (Freire, 2020a; Freire 2020b). Nos processos de formação docente, o eixo do diálogo deve perpassar todos os caminhos, todas as direções, todas as conexões entre docentes, discentes. É preciso considerar as relações dialógicas entre linguagens, tecnologias, sujeitos, práxis, tendo em vista valores, tais como: fé, amor, afeto, humildade e outros para tentarmos compartilhar saberes, vozes e experiências a fim de mantermos a esperança sempre viva. Caminhemos, pois, de outra forma, reinventando caminhos, trilhas, percursos, rotas, transpondo “*as pedras no meio do caminho*” (Drummond, 2001).

Retomemos, assim, a metáfora do “Sertão”, compreendendo que o “*sertão está em todo lugar*”, o “*sertão é o sem lugar*” (Rosa, 2019). Que consigamos aprender com o cronotopo pandêmico reinventando nossos lugares como educadores(as) no imenso “Sertão” da educação brasileira. Sigamos juntos(as), Severinos e Severinas, valorizando nossas múltiplas docências e percebendo a inconclusão de nossas travessias nos ilimitados (des)caminhos do ensinar e do aprender na cibercultura.

Amigo(a) leitor(a), se você pensa que o capítulo acabou por aqui, está enganado(a). Preciso, ainda, relatar as experiências da UFRPE no cronotopo pandêmico, conforme apresentarei na próxima seção. Continuemos, pois, nesta travessia da leitura.



#### 4.3. A UFRPE E A PANDEMIA DE COVID -19: DESAFIOS E APRENDIZAGENS PARA ALÉM DOS LIMITES INSTITUCIONAIS

Deveras se vê que o viver da gente  
não é tão cerzidinho assim?

*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa

O ano de 2020 foi histórico com o surgimento da pandemia de Covid-19 que assolou o mundo e matou milhares de pessoas. Em meados de março de 2020, o Brasil começou a enfrentar uma pandemia causada pelo novo coronavírus. Em Pernambuco, escolas, universidades e instituições de ensino técnico públicos decidiram suspender as aulas, a partir de 16 de março de 2020. Após reunião no domingo, 15 de março de 2020, representantes da UPE, UFPE, UFRPE, Univasf, UFAPE, IFPE, IF Sertão e UNICAP decidiram pela suspensão de aulas presenciais nas diferentes instituições.

A decisão afetou as atividades presenciais das instituições: Universidade de Pernambuco (UPE), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IF Sertão). Todas as instituições citadas participam do consórcio Pernambuco Universitas que reúne os gestores.

Também, no domingo, dia 15 de março de 2020, a Prefeitura da Cidade do Recife anunciou a suspensão das aulas na rede. O Governo do Estado de Pernambuco publicou o Decreto nº 48810, de 16/03/2020, no DOE - PE em 17 de março de 2020, o qual, em seu Art. 6º, afirma: “Art. 6º - Fica determinada, a partir do dia 18 de março de 2020, a suspensão do funcionamento das escolas, universidades e demais estabelecimentos de ensino, público ou privados, em todo o Estado de Pernambuco” (Pernambuco, 2020, *on-line*).

Ficamos todos(as) assustados(as) e “ligados(as)” nas notícias. O mundo parou, literalmente, diante da emergência sanitária global. Parecia que estávamos vivendo a trama de um filme de ficção científica. Como gosto muito de ficção científica e cinema, logo, lembrei-me do filme “*O dia em que a terra parou*”<sup>36</sup>, uma produção americana de 2008, com o ator Keanu Reeves que interpreta Klaatu, um alienígena que chega ao planeta Terra para alertar sobre uma crise global que culminará no fim da humanidade.

Assim como personagens de filme de ficção científica, paramos e ficamos acompanhando as notícias da TV, atônitos(as), assustados(as), sem saber o que estava acontecendo no Brasil e no mundo. A suspensão de aulas afetou universidades, faculdades, escolas públicas e privadas não apenas em Pernambuco, mas em todo o Brasil, bem como no contexto mundial. O clima de incertezas e inseguranças era intenso diante da falta de conhecimentos sobre o vírus SARS-CoV-2 e seus impactos em relação à saúde pública. Desde dezembro de 2019, esse vírus já circulava como betacoronavírus descoberto em

---

<sup>36</sup> Breve sinopse do filme: “Helen Benson (Jennifer Connelly) é uma cientista que mantém contato com Klaatu (Keanu Reeves), um alienígena que veio à Terra para alertar sobre uma crise global. Ele deseja conversar com os líderes globais mas, por ser considerado hostil, passa a ser ameaçado pela humanidade”. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-127911/>

amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China.

Muitas pessoas começaram a adoecer e o vírus espalhou-se, rapidamente, pelo mundo, aumentando os números de infectados e óbitos. No Brasil, o (des)governo de Jair Bolsonaro revelou verdadeiro descaso diante do cenário pandêmico. Enquanto os líderes mundiais criavam gabinetes e comissões de crise para discutir estratégias de enfrentamento à Covid-19, o (des)governo brasileiro demorou a desenvolver ações de planejamento e assistência à saúde pública e o Ministério da Saúde ficou completamente inerte diante da complexidade do contexto pandêmico. Enquanto a saúde não caminhava bem, a educação sofria, drasticamente, com os impactos provocados pelo *lockdown*, com suspensão de aulas e atividades acadêmicas nas escolas, universidades e demais instituições de ensino. No cenário brasileiro, o Ministério da Educação publicou uma série de portarias para orientar as atividades na Educação Básica e na Educação Superior durante o cenário da pandemia no Brasil. O **Quadro 30** revela um panorama da regulamentação publicada pelo MEC.

**Quadro 30:** Regulamentação do MEC para orientar atividades de Educação Básica e Educação Superior durante a pandemia de Covid -19 no Brasil

Regulamentação	Ementa
Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020.	Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Covid-19.
Portaria MEC nº 345, de 19 de março de 2020.	Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020.
Parecer CNE/CP nº 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020.	Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19.
Parecer CNE/CP nº 9/2020, aprovado em 8 de junho de 2020.	Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2020, que tratou da reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19.
Parecer CNE/CP nº 10/2020, aprovado em 16 de junho de 2020.	Prorrogação do prazo a que se refere o artigo 60 do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017, para implantação de instituições credenciadas e de cursos autorizados, em razão das circunstâncias restritivas decorrentes da pandemia da Covid-19.
Parecer CNE/CP nº 11/2020, aprovado em 7 de julho de 2020.	Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia.
Parecer CNE/CP nº 16/2020, aprovado em 9 de outubro de 2020.	Reexame do item 8 (orientações para o atendimento ao público da educação especial) do Parecer CNE/CP nº 11, de 7 de julho de 2020, que trata de Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da pandemia.
Parecer CNE/CP nº 19/2020, aprovado em 8 de dezembro de 2020.	Reexame do Parecer CNE/CP nº 15, de 6 de outubro de 2020, que tratou das Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.
Portaria MEC nº 544, de 16 de	Dispõe sobre substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19 e revoga

junho de 2020.	as Portarias MEC nº 343 e Portaria MEC nº 345, Portaria MEC nº 473.
Portaria MEC nº 572, de 1º de julho de 2020.	Institui o Protocolo de Biossegurança para Retorno das Atividades nas Instituições Federais de Ensino e dá outras providências.
Portaria MEC nº 1.038, de 7 de dezembro de 2020.	Altera a Portaria MEC nº 544, de 16 de junho de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do Covid-19, e a Portaria MEC nº 1.030, de 1º de dezembro de 2020, que dispõe sobre o retorno às aulas presenciais e sobre caráter excepcional de utilização de recursos educacionais digitais para integralização da carga horária das atividades pedagógicas, enquanto durar a situação de pandemia.
Resolução CNE/CP Nº 2, de 10 de dezembro de 2020.	Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas pelos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais, durante o estado de calamidade reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.
Resolução CNE/CES nº 1, de 29 de dezembro de 2020.	Dispõe sobre prazo de implantação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) durante a calamidade pública provocada pela pandemia da Covid-19.
Parecer CNE/CP nº 6/2021, aprovado em 6 de julho de 2021.	Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar.
Resolução CNE/CP nº 2, de 5 de agosto de 2021.	Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar.

Fonte: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/90771-covid-19>

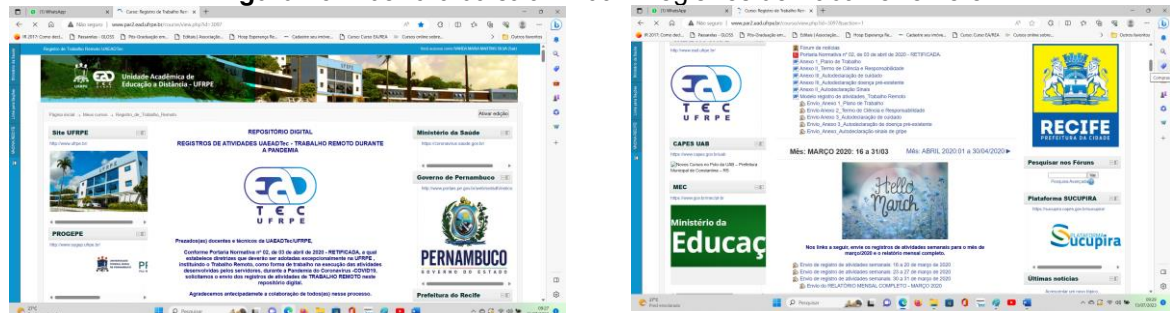
Nesse contexto, a educação mediada por tecnologias digitais ganhou destaque como alternativa para a continuidade de aulas e de atividades acadêmicas não presenciais. A EAD passou a ser compreendida pelas Instituições de Ensino Superior como modalidade promissora diante de cenários tão desafiadores. A tecnologia revelou suas potencialidades para apoiar a aprendizagem de estudantes, mas, é importante destacar que o cenário da pandemia revelou a forte exclusão digital de brasileiros(as) em tempos de cibercultura.

As aulas e as atividades da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da UFRPE continuaram no Ambiente Virtual de Aprendizagem da UFRPE. O calendário da UAEADTec não sofreu muitas alterações. Certamente, para docentes e discentes que atuavam na EAD, naquele momento de ajustes de atividades por conta da pandemia de Covid-19, as dificuldades com a apropriação dos recursos tecnológicos nas mediações didático-pedagógicas foram minimizadas pelas vivências desses atores na EAD. Em função do isolamento social e do estado de emergência de saúde pública, as atividades presenciais, nos polos UAB, foram canceladas, assim como todas as aulas e atividades presenciais da UFRPE.

Os cursos presenciais da UFRPE suspenderam aulas e tiveram que buscar soluções para planejar suas atividades no novo cenário da pandemia. Nesse período, a Universidade formou vários Grupos de Trabalho (GT) para planejar as atividades de ensino, pesquisa e extensão durante o período da pandemia de Covid-19, em Pernambuco. A UFRPE, de acordo com a regulamentação do MEC para o contexto pandêmico, instituiu o trabalho remoto, por

meio do *home office*, que se configurou como novo desafio para os(as) servidores(as). O trabalho remoto aumentou 100% a nossa carga laboral. Na UAEADTec, o corpo docente elaborava relatórios semanais de atividades. Os registros semanais eram inseridos no AVA UAEADTec, em uma sala criada, especialmente, para a documentação comprobatória do trabalho remoto no cenário pandêmico. A **Figura 79** apresenta a sala virtual organizada na UAEADTec para armazenar os registros e relatórios elaborados pelos(as) docentes no período do *home office* iniciado a partir de março de 2020, em função do cenário da pandemia de Covid-19.

**Figura 79:** Abertura da sala virtual – registros do trabalho remoto



Fonte: AVA UAEADTec

<http://www.par2.ead.ufrpe.br/course/view.php?id=3097&notifyeditingon=1>

Naquele contexto inicial, primeiro semestre de 2020, cenário de muitas dúvidas, inseguranças, incertezas, perdas de familiares queridos(as), diante da emergência sanitária no país e no mundo, as pessoas começaram a perder a noção do tempo. Muitas reuniões eram agendadas, diariamente, e se prolongavam por horas e horas, situação nunca vivenciada no modelo presencial. Assim, participei de reuniões com 2, 3, 4 até 5 horas de duração, com vistas a (re)planejamentos, reflexões e debates sobre o cenário que estava sendo vivenciado. As atividades acadêmicas passaram a ser realizadas nos três turnos (manhã, tarde e noite) para dar conta dos desafios. Essa situação apenas demonstrava que as pessoas não estavam aprendendo nada com a experiência da pandemia.

Em lugar de desacelerar, parar um pouco para respirar e refletir sobre suas vidas pessoais e profissionais, as pessoas fizeram justamente o contrário: preencheram o tempo com o trabalho ininterrupto, confundiram *vida pública* e *vida privada* quando o espaço do lar foi utilizado para *home office*. Parece que se tornaram apáticas ao que acontecia na realidade. Coloco-me, também, neste papel de alienação naquele período. O distanciamento temporal permite-me, hoje, enxergar, com maior clareza, as experiências vividas no cronopopo pandêmico. E, assim, a vida seguia no inusitado tempo-espço da pandemia: todos(as) fisicamente exaustos(as), emocionalmente abalados(as), mas sem parar para refletir sobre questões importantes.

Foi nesse contexto que tive as experiências com o *home office* na UFRPE. Durante o dia, participava de reuniões e ministrava as aulas no contexto da graduação EAD, utilizando o AVA UFRPE nas interações assíncronas, conforme sempre trabalhamos na EAD, de acordo com o desenho didático-pedagógico previsto nos Projetos Pedagógicos dos Cursos - PPC. À noite, orientava discentes de PIBIC, Extensão - BEXT e pós-graduação nos dois programas *stricto sensu* em que estava atuando (e ainda atuo). As atividades de extensão, também, eram realizadas à noite, por meio de interações síncronas e assíncronas nas plataformas

digitais. Neste período, tive o Projeto de Extensão LABFOR aprovado no Edital BEXT 2020. Amigo(a) leitor(a), se desejar conhecer um pouquinho mais sobre o LABFOR, pode pular as páginas seguintes e ir direto ao capítulo com as descrições das atividades de extensão. Irei relatar as experiências com as atividades extensionistas em breve, tenha só um pouco mais de paciência, tá certo?

No cronotopo pandêmico, a exaustão tomou conta dos(as) colegas professores(as) em suas rotinas diárias de trabalho, ratificando-se as características da “sociedade do cansaço” (Han, 2015), conforme já comentei. Muitos(as) colegas adoeceram nesse cenário e a UFRPE começou a ampliar as ações direcionadas à saúde mental de docentes, servidores(as) técnicos(as) e discentes. A UFRPE passou a repensar modelos pedagógicos, estratégias metodológicas, recursos tecnológicos e didáticos para apoiar docentes e discentes na imersão tecnológica. Imagine, amigo(a) leitor(a), foi preciso vivenciarmos uma pandemia para que a revolução tecnológica fosse percebida no campo da educação. As universidades começaram a despertar para a importância das mediações tecnológicas e pedagógicas em processos de ensino e aprendizagem.

Particpei de alguns Grupos de Trabalho - GT, sob a coordenação da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PREG, com a participação da professora Maria do Socorro de Lima Oliveira, a qual estava atuando como Pró-Reitora de Ensino de Graduação, em 2020. Foi um período de trabalho intenso, muitas reuniões, múltiplas aprendizagens, no sentido de planejar ações no âmbito de: Estágio Supervisionado Obrigatório, TCC, cursos de formação para docentes e discentes, regulamentação para atividades complementares, enfim, todas as ações relativas ao ensino de graduação. Todo o esforço dos Grupos de Trabalho culminou com o Regulamento do Período Letivo Excepcional – PLE da UFRPE. As documentações produzidas neste período foram publicadas na Central de Informações do PLE/UFRPE, disponível em: <https://www.ufrpe.br/br/content/central-de-informa%c3%a7%c3%b5es-plano-de-funcionamento-da-ufrpe-durante-pandemia> . O **Quadro 31** a seguir apresenta alguns Grupos de Trabalho, instituídos pela PREG/UFRPE, nos quais participei no período da pandemia, de 2020 a 2022 (**Apêndice – Quadro 47**).

**Quadro 31:** Grupos de Trabalho - PREG/UFRPE (período 2020 a 2022).

Nº	Grupo de Trabalho	Documento
01	Membro Titular do GT PREG UFRPE Comissão de planejamento para a retomada híbrida do semestre 2020.1 mediante a pandemia da COVID-19, nos Cursos de Graduação da UFRPE. <i>Grupo nº 01: Regulação do Ensino de Graduação para 2020</i>	PORTARIA nº 015/2020 - PREG/UFRPE, de 27 de novembro de 2020.
02	Membro Titular do GT PREG UFRPE Comissão de planejamento para a retomada híbrida do semestre 2020.1 mediante a pandemia da COVID-19, nos Cursos de Graduação da UFRPE. <i>Grupo nº 05: Formação docente e discente</i>	PORTARIA nº 015/2020 - PREG/UFRPE, de 27 de novembro de 2020.
03	Membro Titular do GT PREG UFRPE Comissão de planejamento para a retomada híbrida do semestre 2020.1 mediante a pandemia da COVID-19, nos Cursos de Graduação da UFRPE. <i>Grupo nº 06: Comunicação</i>	PORTARIA nº 015/2020 - PREG/UFRPE, de 27 de novembro de 2020.



04	Membro Titular do GT PREG UFRPE Comissão de planejamento para a retomada híbrida do semestre 2020.1 mediante a pandemia da COVID-19, nos Cursos de Graduação da UFRPE. <i>Grupo nº 08: Consolidação</i>	PORTARIA nº 015/2020 - PREG/UFRPE, de 27 de novembro de 2020.
----	---	---

Fonte: Elaboração da autora (2024).

A UFRPE organizou vários Grupos de Trabalhos em diversos setores institucionais para a elaboração do Plano de Funcionamento no contexto pandêmico, documento disponível em: [https://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/Proposta\\_%20Minuta\\_Plano%20Funcionamento%20UFRPE%20enviada%20aos%20Conselhos.pdf](https://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/Proposta_%20Minuta_Plano%20Funcionamento%20UFRPE%20enviada%20aos%20Conselhos.pdf).

A PREG/UFRPE publicou a Resolução nº 085/2020 – CEPE/UFRPE, disponível em: [https://seg.ufrpe.br/sites/seg.ufrpe.br/files/resolucoes/recepe085.2020\\_resolucao\\_sintetica\\_pl\\_e\\_geral\\_ajustada\\_por\\_penha.pdf](https://seg.ufrpe.br/sites/seg.ufrpe.br/files/resolucoes/recepe085.2020_resolucao_sintetica_pl_e_geral_ajustada_por_penha.pdf). A Resolução 085/2020 – CEPE/UFRPE dispõe sobre a Regulamentação, em caráter excepcional, tendo em vista a oferta de componentes curriculares e a dinâmica de atividades acadêmicas no Período Letivo Excepcional (PLE), no âmbito dos cursos de graduação – UFRPE, em função da suspensão das atividades presenciais devido à pandemia de Covid-19.

Nos cursos presenciais, as atividades didáticas foram redimensionadas para o formato de Ensino Remoto Emergencial - ERE, com apoio das TDIC. Este período foi marcado por muito trabalho remoto, inúmeras reuniões virtuais, *lives*, eventos virtuais, enfim, uma série de atividades novas para as quais precisei desenvolver outras competências para me adaptar ao contexto. Como já indiquei, diversas confusões conceituais foram recorrentes sobre Ensino Remoto Emergencial - ERE, Educação a Distância- EAD, Ensino Híbrido – EH, e tantos outros conceitos que começaram a ser debatidos nesse período. No sentido de orientar docentes e discentes sobre o ERE, a UFRPE organizou algumas publicações. Tive a honra de participar de algumas destas publicações. Com o intuito de apoiar os(as) docentes da UFRPE, a equipe da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG/UFRPE) elaborou o guia “*Diálogos com docentes sobre ensino remoto e planejamento didático*” (**Figura 80**). Este material introduziu conceitos relativos ao Ensino Remoto, na UFRPE, e buscou traçar distinções entre ERE e EAD.

**Figura 80:** Material produzido para orientação de docentes sobre o ERE na UFRPE



Fonte: Site da UFRPE (2024).



Outro material produzido foi o guia “*Conversa com discentes da UFRPE sobre organização dos estudos e práticas de autocuidado*” (Figura 81). Esta publicação foi organizada pela equipe da PREG/UFRPE, em parceria com o Núcleo de Produção do Material Didático, da Unidade Acadêmica de Educação a Distância (UAEADTec/UFRPE), visando a apoiar os(as) discentes durante o Período Letivo Excepcional - PLE.

**Figura 81:** Guia de orientação para discentes sobre organização de estudos e práticas de autocuidado no período de pandemia de Covid-19



Fonte: Site da UFRPE (2024).

No primeiro semestre de 2020, vi diversos(as) colegas docentes da EAD buscando transformar suas práticas pedagógicas, vários(as) coordenadores(as) de cursos de graduação EAD que começaram a rever aspectos dos Projetos Pedagógicos dos Cursos a fim de ajustar os PPC à realidade do cenário da pandemia. No contexto do ensino presencial não foi diferente. As resistências de alguns/algumas colegas docentes quanto aos usos das tecnologias digitais eram nítidas. O modelo de ERE foi adotado pela UFRPE, considerando as demandas dos cursos presenciais, seja na graduação ou na pós-graduação. As interações síncronas, com apoio de plataformas digitais, como *Google Meet*, *Zoom* e outras, começaram a ser amplamente valorizadas em reuniões virtuais e em processos de ensino e aprendizagem.

Nesse momento, notei que começou a existir certa confusão conceitual entre Educação a Distância (EAD), Ensino Remoto Emergencial (ERE) e Ensino Híbrido (EH). Muitos(as) colegas docentes da EAD começaram a adotar o modelo ERE, seguindo o viés didático-pedagógico adotado nos cursos presenciais, com aulas síncronas, com datas e horários agendados previamente. Os encontros síncronos foram incorporados aos calendários dos cursos de graduação, no caso de alguns cursos EAD. Começou-se a exigir dos(as) discentes a participação em aulas síncronas, realizadas em dias e horários fixos, em geral, no turno noturno. Muitos(as) estudantes, no início, até gostaram desse modelo que privilegiava o papel do docente na exposição de conteúdos/informações para as turmas que pouco participavam das interações e mantinham as câmeras fechadas. Nesse modelo, parece que era esquecida a concepção de aula na EAD, com ênfase nos meios digitais e na autonomia do(a) discente. A EAD reconfigura a própria noção de aula, ampliando as dimensões de interatividade, flexibilidade, colaboração, autonomia e protagonismo discente,

tendo em vista que os processos de ensino e de aprendizagem ocorrem em “tempos e espaços” diversos.

Com suas câmeras desligadas, discentes “assistiam” às aulas virtuais numa posição de passividade, como receptores(as) de informações já prontas, perpetuando-se um “modelo bancário de educação”, nos termos freireanos. Esse modelo ERE é bem diferente da EAD, como tentei apresentar, anteriormente, na seção 4.2 - *EAD, ERE e (des)encontros na “estrada” do cronotopo pandêmico*. No entanto, muitos(as) docentes e discentes continuam usando os conceitos ERE e EAD, ainda hoje, como sinônimos. Nas reuniões dos GT, ouvia alguns colegas docentes, sem muitas experiências no campo da EAD, comentando que estavam utilizando a “*EAD emergencial*”. Ficava clara a confusão entre a Educação a Distância e o Ensino Remoto Emergencial, culminando nessa “nova” expressão “*EAD emergencial*” que estava sendo utilizada por alguns/algumas colegas docentes. Tentei explicar algumas vezes as diferenças para os(as) colegas, depois desisti. Parece que era pior, alguns achavam que eu estava apenas criticando suas estratégias didáticas. Neste cenário confuso, vi alguns/algumas colegas docentes travarem verdadeiras “batalhas” para combinar horários de aulas síncronas com os(as) discentes da EAD.

Aos poucos, os(as) estudantes ficaram, ainda mais, sobrecarregados(as) com as atividades do AVA UFRPE e as demandas de alguns/algumas docentes quanto à participação nas aulas síncronas, com horários fixos. Essa rigidez de horários fixos para encontros virtuais “quebrava” a abordagem flexível da EAD, modalidade que prevê a flexibilidade espacial e temporal como uma de suas características. Nos moldes da EAD, discentes, docentes e tutores(as) atuam em função de suas disponibilidades de horários. Nesse sentido, a autonomia e o protagonismo dos(as) discentes são priorizados, visto que a construção da aprendizagem é evidenciada a partir da organização das trilhas de estudo elaboradas e reelaboradas continuamente.

Preocupada com a confusão epistemológica entre EAD e ERE, comecei a dialogar com meus(minhas) orientandos(as), explicando as diferenças entre os modelos, e ressaltando a flexibilidade espacial e temporal que a modalidade EAD requer. Além disso, iniciei a orientação de algumas dissertações de Mestrado no PPGTEG, com pesquisas que discutiam as distinções entre EAD e ERE. Também participei de algumas *lives* sobre ERE, EH e EAD, considerando-se, sobretudo, minha participação como Coordenadora do Programa de Extensão MULTILAB, projeto aprovado no Edital nº 02/2021- BEXT UFRPE. Irei descrever, em breve, o detalhamento deste programa. Tenha só mais um pouquinho de paciência, amigo(a) leitor(a). No Programa de Extensão MULTILAB, por meio do Projeto de Extensão LABDIGITAL, tive a oportunidade de apresentar uma *live* com a temática: *Educação a Distância e Ensino Remoto: desafios para a docência na cultura digital*, disponível no canal do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=R6Hr9qbqxhw&t=4119s>

**Figura 82:** Live no Canal do MULTILAB- Educação a Distância e Ensino Remoto: desafios para a docência na cultura digital



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=R6Hr9qbqxhw&t=4119s>

Particpei de outras *lives* que foram organizadas no Programa de Extensão MULTILAB - UFRPE e outros eventos organizados por diferentes instituições, conforme o **Quadro 32**.

**Quadro 32** – Relação de *lives* e outras atividades realizadas no cronotopo pandêmico

Nº	Ano	Instituição promotora	Título/Palestrantes	Link Canal YouTube
01	2020	<b>Live</b> RURALIVE – Live no Canal Oficial da UFRPE	<b>Desafios e estratégias do ensino remoto</b> Palestrantes: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE Maria da Conceição Amorim- UFRPE Sônia França- UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=qvABSCGIE8U&amp;t=8s">https://www.youtube.com/watch?v=qvABSCGIE8U&amp;t=8s</a>
02	2020	<b>Mesa Redonda</b> Canal do GPEL UFPE Grupo de Pesquisa sobre Educação Literária Evento on-line O papel do campo literário na BNCC: problematizações e ações didáticas.	<b>O campo literário na BNCC do Ensino Médio</b> Palestrantes: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE José Helder Pinheiro Alves - UFCG Christiane Araújo- Secretária de Educação- PE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=m1AidVMpwIk&amp;t=7s">https://www.youtube.com/watch?v=m1AidVMpwIk&amp;t=7s</a>
03	2020	<b>Conferência</b> Canal oficial CECINE- UFPE	<b>Letramento digital: contribuições para o ensino de Língua Portuguesa/Literatura</b> Palestrantes: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE Carlos França- UFPE Hérica Lima- UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=klg84HvvJfq&amp;t=129s">https://www.youtube.com/watch?v=klg84HvvJfq&amp;t=129s</a>
04	2021	<b>Palestra</b> I Circuito Pedagógico GRE Recife Norte – Linguagens	<b>Currículo e planejamento no ensino híbrido: reflexões e caminhos para aprendizagem significativa</b> Palestrante: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=JmGq349M2Q&amp;t=688s">https://www.youtube.com/watch?v=JmGq349M2Q&amp;t=688s</a>
05	2021	<b>Palestra</b> II Jornada Pedagógica Municipal de Orobó	<b>A tecnologia no ensino remoto: propostas didáticas inovadoras e criativas para o Ensino Fundamental e a Educação Infantil</b> Palestrante: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Zp_tUj4WQ">https://www.youtube.com/watch?v=Zp_tUj4WQ</a>
06	2021	<b>Palestra</b> 1º Simpósio de Pedagogia da	<b>Educação híbrida e pedagogia de projetos: conexões dialógicas</b> Palestrante: Ivanda Maria Martins Silva-	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=REc8gMIY43k&amp;t=1145">https://www.youtube.com/watch?v=REc8gMIY43k&amp;t=1145</a>

		UAEADTEC	UFRPE	s
07	2021	<b>Palestra</b> Enfrentamento ao <i>Bullying</i>	<b>Esperançar em tempos de desumanização e de violências e contribuições do pensamento freiriano para o enfrentamento às múltiplas violências no espaço escolar</b> Palestrante: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=SDkJcbgOwlo">https://www.youtube.com/watch?v=SDkJcbgOwlo</a>
08	2021	<b>Palestra</b> Sessão de abertura do Programa MULTILAB	<b>Inovação pedagógica e tecnologias digitais: desafios para formação docente</b> Palestrantes: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE Ednara Calado- UFRPE- Mediação	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Dtxck-tDLP8&amp;t=128s">https://www.youtube.com/watch?v=Dtxck-tDLP8&amp;t=128s</a>
09	2021	<b>Sessão Temática Multidisciplinar</b> Programa MULTILAB Ação integradora dos projetos de extensão LABFOR, LABCIÊNCIAS e LABDIGITAL.	<b>Linguagem, ciências e tecnologias digitais</b> Palestrantes: Ivanda M. Martins Silva- UFRPE Ana Paula Bruno - UFRPE Adalmeres Mota - UFRPE Ednara Calado - UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=FAcvDc2IGvw&amp;t=3006">https://www.youtube.com/watch?v=FAcvDc2IGvw&amp;t=3006</a> s
10	2021	<b>Palestra</b> Canal do Programa de Extensão MULTILAB Projeto de Extensão LABFOR	<b>Literatura, linguagem e dialogismo na cultura digital</b> Palestrante: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=orSZ0CSvshY&amp;t=3160">https://www.youtube.com/watch?v=orSZ0CSvshY&amp;t=3160</a> s
11	2022	<b>Palestra</b> UFRPE – Canal do Programa de Extensão MULTILAB Projeto de Extensão LABDIGITAL	<b>Educação a distância e ensino remoto: desafios para a docência na cultura digital</b> Palestrante: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=R6Hr9qbqxhw&amp;t=4119s">https://www.youtube.com/watch?v=R6Hr9qbqxhw&amp;t=4119s</a>
12	2022	<b>Palestra</b> UFRPE – Canal do Programa de Extensão MULTILAB Roda de Diálogos do Projeto de Extensão LABFOR	<b>Materiais didáticos no contexto da Educação a Distância</b> Palestrante: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE Daniel Rocha- PPGTEG/UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=PVhDJ2qj6MQ&amp;t=2673s">https://www.youtube.com/watch?v=PVhDJ2qj6MQ&amp;t=2673s</a>
13	2022	<b>Roda de diálogos</b> UFRPE – Canal do Programa de Extensão MULTILAB Projeto de Extensão LABFOR	<b>A educação dialógica de Paulo Freire e a cultura de paz</b> Palestrantes: Waldemar Cavalcante – PROGEL/UFRPE Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=H7mv_OPIYME&amp;t=2831s">https://www.youtube.com/watch?v=H7mv_OPIYME&amp;t=2831s</a>
14	2022	<b>Palestra</b> UFRR- Letras-Estágios UFRR  IV Simpósio Integrado de Estágios e Práticas Docentes	<b>Letramentos digitais na educação básica: em busca de alternativas para ensino de (língua)gem</b> Palestrante: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=NShpSN5g-k4">https://www.youtube.com/watch?v=NShpSN5g-k4</a>
15	2023	<b>Palestra</b> UFRPE Educomp 2023 Esquentá I	<b>Por uma educação aberta e dialógica: trilhas para além do ensino remoto</b> Palestrante: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=6GOUYIfDEKk">https://www.youtube.com/watch?v=6GOUYIfDEKk</a>

16	2023	<b>Palestra</b> Oitava Mesa do II Ciclo de Diálogos do ELLAE Pós-Graduação da Universidade Federal do Acre.	<b>Por uma educação literária aberta e dialógica na cultura digital</b> Palestrante: Ivanda Maria Martins Silva-UFRPE	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=qtyxBgaw14k&amp;t=6890s">https://www.youtube.com/watch?v=qtyxBgaw14k&amp;t=6890s</a>
----	------	--	--	---

Fonte: Elaboração da autora (2024).

A **Figura 83** apresenta *cards* de divulgação de algumas *lives* e palestras que ministrei no período pandêmico.

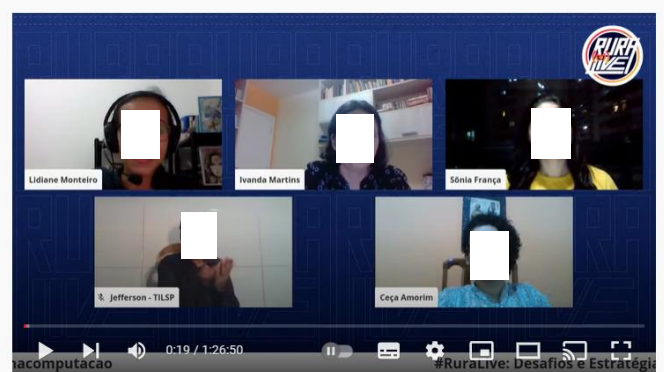
**Figura 83:** Cards de divulgação de lives/palestras



Fonte: Acervo da autora (2024).

A UFRPE organizou várias *lives* no período pandêmico. Tive a oportunidade de participar da *Ruralive – Live* no Canal Oficial da UFRPE, com o tema “*Desafios e Estratégias do Ensino Remoto*” (**Figura 84**), juntamente com a pedagoga da PREG, Maria da Conceição Amorim, e a professora Sônia França (UAEADTec).

**Figura 84:** Live no canal do YouTube da UFRPE sobre Ensino Remoto

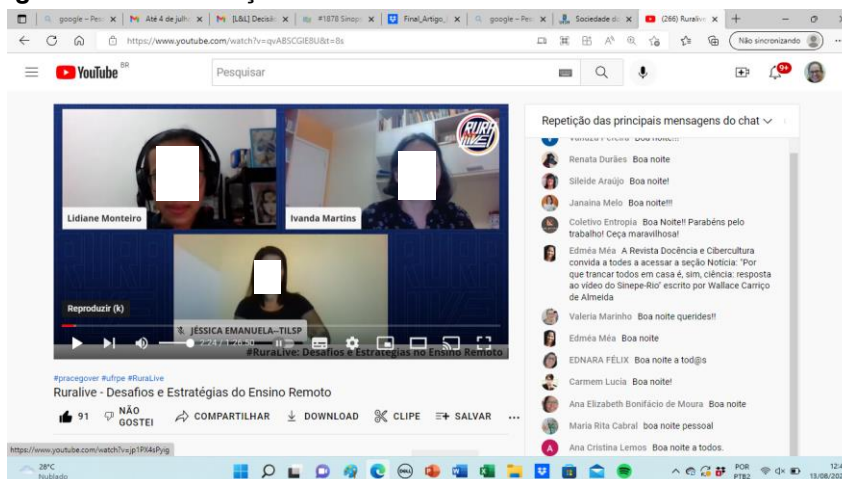


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qvABSCGIE8U&t=8s>

Ruralive – Live no Canal Oficial da UFRPE- Desafios e Estratégias do Ensino Remoto – participantes: Ivanda Maria Martins Silva- UFRPE; Maria da Conceição Amorim- UFRPE; Sônia França- UFRPE.



Figura 85: Comunicação na Live no canal da UFRPE sobre Ensino Remoto

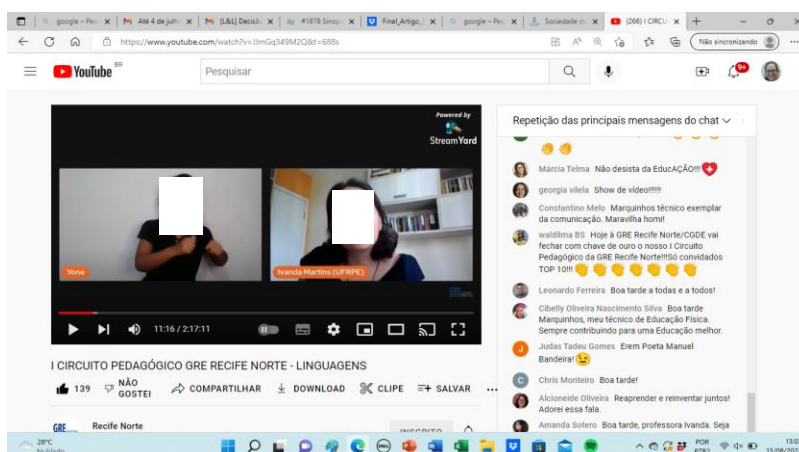


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qvABSCGIE8U&t=8s>

Ruralive – Live no Canal Oficial do YouTube - UFRPE- Desafios e Estratégias do Ensino Remoto.

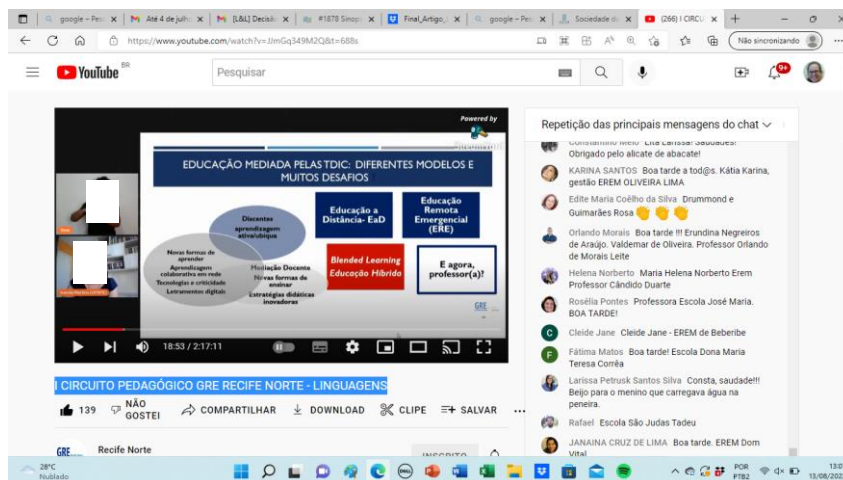
No cenário da Educação Básica, as redes de ensino organizaram formações docentes, de modo remoto, a exemplo do *I Circuito Pedagógico GRE Recife Norte – Linguagens*, evento formativo promovido pela Secretaria de Educação de Pernambuco. Fui convidada para apresentar uma palestra sobre os desafios da educação mediada por tecnologias digitais. Esse foi um momento muito rico de trocas de experiências com os(as) colegas docentes da Educação Básica. Percebi suas angústias e os desafios enfrentados naquele momento de repensar estratégias metodológicas e práticas pedagógicas, com apoio de tecnologias digitais.

Figura 86: I Circuito pedagógico GRE Recife Norte – Linguagens Live realizada em 2021- Evento de Formação da Secretaria de Educação de Pernambuco



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JJmGq349M2Q&t=688s>

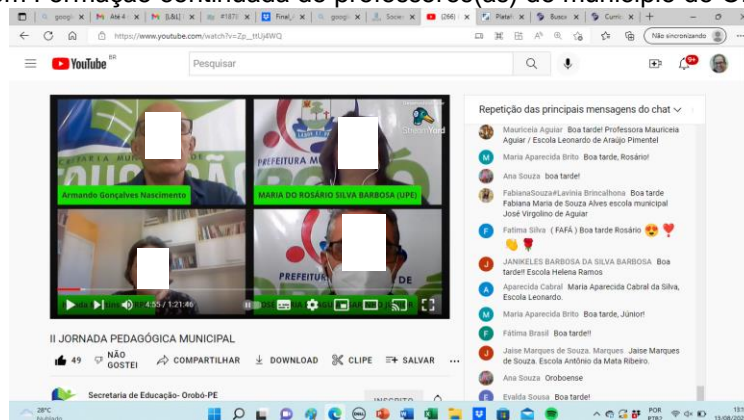
**Figura 87:** I Circuito pedagógico GRE Recife Norte – linguagens  
*Live* realizada em 2021- Evento de Formação da Secretaria de Educação de Pernambuco



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JJmGq349M2Q&list=PL88s>

A Rede Municipal de Educação de Orobó/PE organizou eventos de formação docente. A querida professora Maria do Rosário Silva Barbosa, da Universidade de Pernambuco - UPE, participou da organização desse evento e convidou-me para uma palestra na *II Jornada Pedagógica Municipal de Orobó*. Foi um momento ímpar, muito rico, com valiosas reflexões e trocas de experiências com colegas docentes.

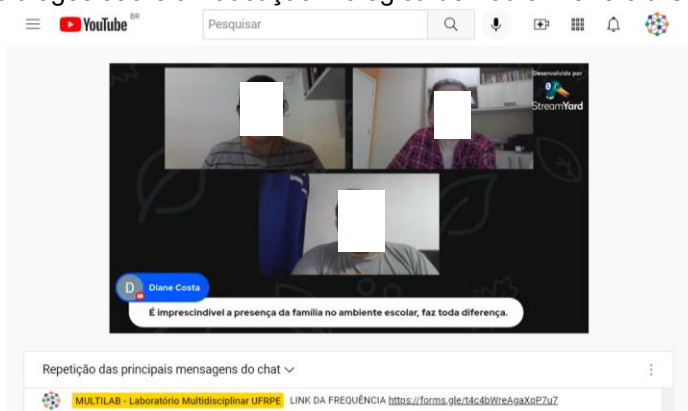
**Figura 88:** *Live* em Formação continuada de professores(as) do município de Orobó - PE



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=Zp\\_ttUj4WQ](https://www.youtube.com/watch?v=Zp_ttUj4WQ)

As temáticas sobre *bullying*, cultura de paz, educação dialógica, enfrentamento à violência nas escolas foram abordadas em rodas de diálogos do LABFOR, com a participação do professor Waldemar Cavalcante de Lima, mestre pelo PROGEL/UFRPE e estudioso da temática *bullying* no contexto escolar.

Figura 89: Roda de diálogos sobre a Educação Dialógica de Paulo Freire e a Cultura da Paz

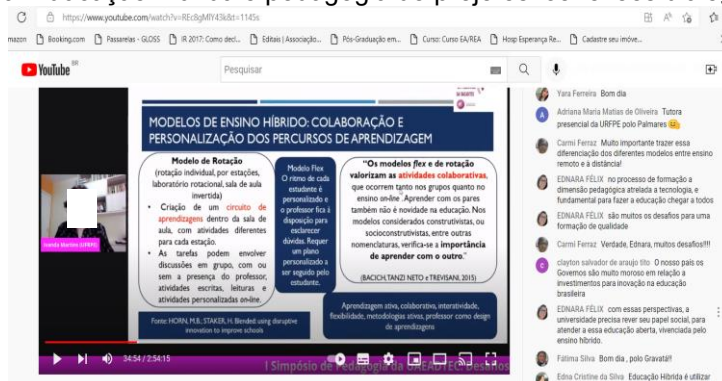


Participação de Ivanda Martins (UFRPE), Lívia Santana, bolsista BEXT LABFOR e Waldemar Cavalcante de Lima, educador e Mestre em Estudos da Liguagem - PROGEL/UFRPE.

[https://www.youtube.com/watch?v=H7mv\\_0PIYME&t=2831s](https://www.youtube.com/watch?v=H7mv_0PIYME&t=2831s)

Em 2021, o Curso de Licenciatura em Pedagogia EAD - UFRPE/UAEADTec organizou o *1º Simpósio de Pedagogia*, evento formativo organizado pela Coordenação do Curso, professora Betânia Guilherme, com a participação de licenciandos(as) de Pedagogia EAD/UFRPE. Fui convidada para apresentar a palestra *Educação híbrida e pedagogia de projetos: conexões dialógicas*.

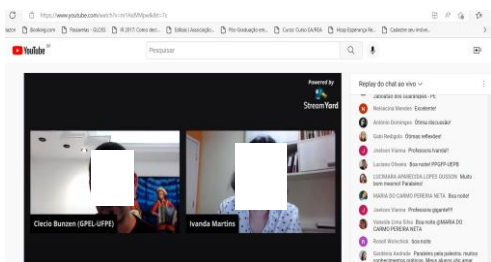
Figura 90: 1º Simpósio de Pedagogia da UAEADTec  
Palestra: Educação híbrida e pedagogia de projetos: conexões dialógicas



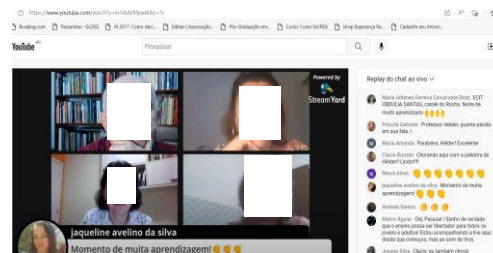
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=REc8gMIY43k&t=1145s>

Em dezembro de 2020, fui convidada pelo amigo Clecio Bunzen, ex-aluno da UFPE, na época em que atuei como professora substituta no CAC/UFPE, para participar de evento organizado pelo Grupo de Pesquisa sobre Educação Literária (GPEL- UFPE). Que prazer reencontrar meus ex-alunos, agora colegas de trabalho, em evento sobre *O papel do campo literário na BNCC: problematizações e ações didáticas*. Particpei da mesa-redonda 2, com tema: *O campo literário na BNCC do Ensino Médio*, com a participação do professor José Hélder Pinheiro Alves – UFCG e da professora Christiane Araújo- Secretária de Educação - PE. Tive o prazer de reencontrar, também, o professor Hélder Pinheiro que esteve presente como examinador em minha banca de defesa pública de Tese de Doutorado, pesquisador renomado na área de estudos literários, com foco em pesquisas sobre a poesia e a inserção do texto poético na escola.

**Figura 91:** Evento organizado pelo GPEL/UFPE, sob a coordenação do prof. Dr. Clecio Bunzen- UFPE



**Figura 92:** Mesa-redonda *O campo literário na BNCC do Ensino Médio* – evento organizado pelo GPEL/UFPE



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=m1AidVMpwIk&t=7s>

No período da pandemia de Covid-19, a UFRPE começou a despertar mais para o trabalho desenvolvido pela UAEADTec, percebendo a complexidade das ações que envolvem o sistema da EAD. A equipe de produção de materiais didáticos da UAEADTec trabalhou, intensamente, nas produções que a Universidade demandava naquela época. Diversos(as) docentes da Unidade apoiaram as ações da UFRPE quanto a formações para usos de tecnologias digitais, AVA, *Google Classroom*, usos de *podcasts*, ferramentas de interação síncrona e diferentes temas de interesse para superar os desafios diante da interrupção de aulas e atividades acadêmicas presenciais.

O apelo tecnológico provocou demandas contínuas no campo da formação docente para usos pedagógicos das tecnologias digitais. Universidades e escolas começaram a investir em ações formativas para ampliar práticas de letramentos digitais de docentes e discentes. Neste cenário, a preocupação com as tecnologias parece ter ficado mais evidente e foi supervalorizada pelas instituições de ensino. Não poderei dizer o mesmo sobre as questões pedagógicas. Creio que as reflexões e os debates sobre usos didáticos das tecnologias poderiam ter sido mais intensificados.

Muitas formações para professores(as) tiveram desenhos instrumentais para usos das tecnologias, sem aprofundar reflexões sobre fundamentos da educação, com foco em discussões pedagógicas, filosóficas, antropológicas, psicológicas que são relevantes quando se discutem as interações dos(as) professores(as) e discentes com as tecnologias em processos de ensino e aprendizagem. Participei de alguns cursos ofertados pela UFRPE, nos quais a dimensão tecnológica era supervalorizada. Parece que o importante era apenas “dominar” um aplicativo, conhecer uma plataforma digital, criar uma sala virtual com um monte de recursos, como se a tecnologia, por si só, conseguisse resolver todos os desafios que os(as) docentes enfrentavam naquele momento.

As “novidades” tecnológicas foram incorporadas, rapidamente, à práxis docente, mas as dimensões do planejamento didático-pedagógico e da avaliação da aprendizagem ficaram esquecidas em um “cantinho” diante do apelo tecnológico e do encantamento que as tecnologias propiciavam naquele cenário. Via todo aquele deslumbramento dos(as) professores(as) e, cada vez mais, começava a compreender a sabedoria do pensamento de Paulo Freire (2002), visto que, como defendeu o autor e já citamos antes, não podemos “divinizar ou diabolizar a tecnologia”. Educar é, na ótica de Freire, “substantivamente formar”. Nesse sentido, transformar a experiência educativa em simples treinamento técnico é “amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (Freire, 2020a). Sinto que estávamos fazendo isso, ou seja, transformando a experiência educativa em treinamento, reduzindo a curiosidade epistemológica do(a)



aprendiz à técnica do manuseio de uma simples ferramenta tecnológica. Creio que não conversávamos muito sobre aprendizagens flexíveis e abertas, afetividade nas interações mediadas pelas tecnologias, formação dos(as) discentes para outros cenários de aprendizagens, planejamentos didáticos, produção de conteúdos didático-pedagógicos, Recursos Educacionais Abertos – REA, humanidades digitais e outros assuntos tão importantes.

Certamente, como docentes, precisamos compreender que a essência da educação como processo de emancipação e de transformação não está, simplesmente, nos recursos, nas tecnologias ou nos dispositivos tecnológicos que usamos para apoiar a aprendizagem dos(as) estudantes. Essa “essência” da educação está nas múltiplas relações dos sujeitos, considerando-se as interações entre eles/elas, bem como o diálogo entre eles/elas e o mundo, a sociedade, a cultura, a história, a memória, a política, as artes e as linguagens.

São muitas memórias desse período do cronotopo pandêmico, não é mesmo, amigo(a) leitor(a)? Certamente, você também deve ter as suas memórias sobre esse cenário. Continuemos, pois, as reflexões em novas trilhas, conforme a próxima seção.

#### 4.4. UMA PAUSA PARA A ESPERANÇA: VACINAS CONTRA COVID -19 E A LUTA CONTRA *FAKE NEWS*

Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero.

Paulo Freire

Não posso deixar de narrar alguns desafios enfrentados no cronotopo pandêmico. Como sabemos, a pandemia de Covid-19 iniciou, no Brasil, oficialmente, em março de 2020. No cenário mundial, os cientistas lutaram, ininterruptamente, para a produção de vacinas, com vistas a controlar a emergência sanitária no planeta. Em menos de um ano, foram desenvolvidas diferentes vacinas e ficou evidente a força da Ciência. Os cientistas uniram-se em torno de um projeto em comum: a produção de vacinas para salvar vidas.

No Brasil, infelizmente, vivíamos, neste período, a “Idade das Trevas”, com um movimento de desvalorização da Ciência e descrédito das pesquisas nas universidades públicas. Com o avanço da extrema direita bolsonarista em solo brasileiro, a era das *fake news* tomou conta e o processo de alienação, fomentado pelo próprio (des)governo, foi disseminado em um contexto de pandemia, no qual as pessoas, com medo, assustadas, deixaram-se influenciar. A ausência de planejamento e a completa inércia do (des)governo Bolsonaro diante da situação da pandemia de Covid-19 foram decisivos para o agravamento do cenário, que culminou, com mais de 4.000 (*quatro mil*) mortes diárias no momento de pico da doença no cenário brasileiro. Precisamos manter esses tristes e assustadores números em nossas memórias para que as mortes das vítimas não caiam no esquecimento. Não são apenas números, são vidas que foram interrompidas abruptamente e que merecem ser lembradas todos os dias com muito respeito, com muita solidariedade. Mães, pais, filhos(as), avós, avôs, tios(as), enfim, pessoas que se foram no momento de crise sanitária brasileira e mundial. Os números de óbitos cresciam, assustadoramente, em 2020, enquanto o presidente brasileiro, Jair Messias Bolsonaro, sem qualquer empatia ou solidariedade às vítimas e suas famílias, dizia, friamente, à imprensa as seguintes frases: “É uma gripezinha”;



*"E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre", "Eu não sou coveiro"; "Brasileiro pula em esgoto e não acontece nada"; "É como uma chuva, vai atingir você"; "Se tomar vacina e virar jacaré, não tenho nada a ver com isso"; "O cara que entra na pilha da vacina é um idiota"*<sup>37</sup>.

As vacinas só foram compradas pelo (des)governo brasileiro após pressões, sobretudo da Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado - CPI da Covid-19, com comissão formada por parlamentares para investigar a inércia do (des)governo em relação à pandemia. Neste cenário, conforme dados do Painel Coronavírus Brasil, disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>, até o ano de 2024, em meados de julho, o Brasil contabilizava mais de **712.720** óbitos por Covid-19 no país e total de casos conhecidos confirmados: **38.846.238**. Durante o período de escrita deste Memorial sempre consultei dados sobre a Covid-19 nesse *site* e fiquei observando o aumento dos números no portal Coronavírus Brasil, com dados oficiais do governo. Tristes números que merecem ser lembrados todos os dias.

O Brasil chegou a ocupar a 3ª posição no *ranking* mundial quanto ao número de mortes por Covid -19, ficando atrás apenas dos EUA e da Índia. Esse contexto foi muito angustiante para todos(as). Muitos(as) colegas docentes adoeceram diante da sobrecarga de trabalho. Diversos(as) discentes também não aguentaram as pressões e tiveram dificuldades para acompanhar os estudos. Muitos(as) docentes e estudantes enfrentaram desafios quanto à saúde mental, diante do crescimento de casos de ansiedade, depressão, síndrome de *Burnout* ou síndrome do esgotamento profissional. Depois da pandemia, certamente nossas vidas mudaram, repentinamente, e a Universidade teve que se adaptar ao complexo cenário. A UFRPE perdeu docentes, discentes e servidores(as) neste contexto desafiador da pandemia, mas, continuou suas ações, buscando apoiar toda a comunidade Ruralinda.

Mesmo com tantas adversidades, a Ciência planta uma semente de esperança com as vacinas. Estas começam a mudar os rumos da pandemia, minimizando os casos de risco de morte. No Brasil, a vacina chegou, tardiamente, em 2021, após muita pressão nacional e internacional. Logo após a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovar o uso emergencial dos imunizantes CoronaVac e AstraZeneca, no dia 17 de janeiro de 2021, o governo de São Paulo começou a vacinar profissionais de saúde, indígenas e quilombolas. Mônica Calazans, uma enfermeira de São Paulo, foi a primeira brasileira a ser vacinada. Neste cenário, a esperança começava a aparecer, mesmo com todas as ações negacionistas do governo Bolsonaro.

Preciso registrar o momento histórico da minha primeira dose da vacina de Covid-19. Claro que agendei para tomar no posto de saúde da Ruralinda, não é? Seguem os registros históricos. Fui ao posto da Ruralinda, com duas máscaras de proteção, para tomar a minha primeira dose da vacina (**Figura 93**). A Ciência e o SUS demonstraram suas forças, mesmo em um cronotopo marcado pelo negacionismo, um tempo-espço no qual as pessoas discutiam, nas redes sociais, se a terra era plana e muitos(as) bolsonaristas utilizavam as luzes de seus celulares, em praça pública, pedindo ajuda aos extraterrestres para ajudar

---

<sup>37</sup> Relembre frases de Bolsonaro sobre a Covid-19, matéria disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>

Bolsonaro a voltar ao poder. Dá para imaginar, amigo(a) leitor(a)? Voltamos ao tempo dos dinossauros e a alienação tomava conta das pessoas que pareciam viver em outro planeta.

**Figura 93:** 1ª dose da vacina contra a Covid-19 (2021)



Fonte: Acervo da autora (2024).

No dia em que tomei a primeira dose da vacina contra a Covid -19, parece que, conforme a **Figura 93**, eu já estava antecipando o resultado das eleições presidenciais de 2022. No dia 30 de outubro de 2022, os brasileiros foram às urnas para as eleições presidenciais. Imagine, amigo(a) leitor(a), qual teria sido a minha seção eleitoral nesse processo? Isso mesmo, votei na Escola Estadual Marcelino Champagnat, local em que fiz meu ESO, atuei como docente, e, como eleitora nas eleições presidenciais de 2022.

Um novo capítulo da história brasileira estava sendo escrito, visto que o povo brasileiro deu uma resposta, nas urnas, elegendo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para novas etapas de esperanças, de valorização da Ciência e de reconstrução do Brasil. Conforme dados do Tribunal Superior Eleitoral, Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente do Brasil com 50,9% dos votos válidos, com o total de **60.345.999** votos computados. No dia 1 de janeiro de 2023, o presidente eleito tomou posse no Congresso brasileiro e subiu a rampa do Planalto com um grupo representativo do povo brasileiro. O grupo foi composto por uma criança negra de 10 anos (Francisco), um *influencer* da comunidade PCD (Ivan Baron), ativista que luta contra o capacitismo nas redes; o cacique Raoni, do povo Kayapó, uma das maiores lideranças indígenas do país; um metalúrgico do ABC paulista (Wesley Viesba Rodrigues); um professor de Língua Portuguesa (Murilo de Quadros); um atleta (Francisco Carlos do Nascimento); uma cozinheira (Jucimara Fausto dos Santos); um artesão e uma catadora de materiais recicláveis (Aline Sousa), a qual teve a feliz missão de entregar a faixa presidencial ao presidente Lula.

**Figura 94:** Foto histórica – o povo subindo a rampa do Planalto com o Presidente eleito em 2022 - Luiz Inácio Lula da Silva



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64142066>

Assim que o Governo Lula assumiu a presidência, o processo de reconstrução do Brasil foi iniciado. As cotas de bolsas de diversos programas nas universidades públicas foram restabelecidas. Os valores das bolsas, congelados há quase uma década, foram reajustados. Novos ministérios foram criados, como, por exemplo, Ministério dos Povos Indígenas; Ministério da Igualdade Racial; Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome; Ministério de Direitos Humanos e da Cidadania. Outros ministérios, extintos no governo Bolsonaro, foram reativados, como, por exemplo, o Ministério da Cultura.

No dia 8 de janeiro de 2023, alguns manifestantes bolsonaristas tentaram dar um golpe na democracia brasileira, mas foi uma tentativa frustrada. Inspirados na invasão dos trumpistas no Capitólio norte-americano, os brasileiros bolsonaristas (“patriotas”), vestidos com as cores da bandeira do Brasil, invadiram a Praça dos Três Poderes, sede do Congresso Nacional, presidência da República e Supremo Tribunal Federal e vandalizaram, de forma assustadora. Mas, apesar dos ataques, a Democracia sobreviveu, ganhou mais força e o governo Lula buscou a união entre os poderes para ratificar o estado democrático de direito no Brasil. Como brasileiros(as), temos que manter, em nossas memórias, essa data do dia 8 de janeiro de 2023 registrada para sempre. Didatura, nunca mais! Pronto, amigo(a) leitor(a), depois desse capítulo inusitado com as experiências e vivências no cronotopo pandêmico, além dessa imersão histórica, chegamos a mais um relato sobre as minhas travessias. Preparado(a) para me acompanhar nas trilhas de pesquisa e extensão? Vamos lá!

# Capítulo 5

## 5 TRILHAS DE PESQUISA E EXTENSÃO: MINHAS ANDANÇAS COMO PROFESSORA PESQUISADORA E EXTENSIONISTA

Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.  
Dia da lua. O luar que põe a noite inchada.

*Grande Sertão: Veredas* – Guimarães Rosa

Neste momento, irei narrar as minhas travessias nas trilhas de pesquisa e de extensão, considerando as experiências como professora pesquisadora e extensionista. Conforme o poema “O apanhador de desperdícios”, de Manoel de Barros, “uso a palavra para compor meus silêncios”. Em minhas travessias, nos cenários de pesquisa e de extensão, rompi meus possíveis silêncios e utilizei a palavra nas trilhas dialógicas. Como indica o poeta em “As lições de R.Q.”: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.” “Quero a mágica de “transver” o mundo”, pois creio que “o importante é reencantar o que já foi encantado um dia” (Barros, 2013). São muitas histórias e farei apenas breve recorte das memórias que me acompanham. Prepare-se, amigo(a) leitor(a): creio que essa narrativa será um pouco longa, são muitas atividades, diversos desafios.

Na vivência universitária, as conexões entre ensino, pesquisa e extensão são ressaltadas como pilares da Universidade. Neste cenário, como professora, procuro articular esses três eixos, de modo dialógico, seja nas atividades didáticas, nas disciplinas ministradas, seja nos projetos de pesquisa orientados, ou, ainda, nas ações extensionistas realizadas. Irei narrar, inicialmente, minhas vivências no campo da pesquisa. Vamos lá, querido(a) leitor(a)? Ainda continua por aí? Espero que sim, não é? O caminho nesse *Grande Sertão... (Trans)Docências* é longo, porém, conto com seu apoio, leitor(a), para seguir em frente.

### 5.1 PROFESSORA PESQUISADORA: EDUCAR PARA A PESQUISA

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Paulo Freire

Como bem afirmou Paulo Freire, as relações entre ensino e pesquisa são indissociáveis. Em minhas travessias acadêmicas, nas redescobertas das *(Trans)Docências*, busquei abordar esse caráter dialógico entre ensinar, pesquisar e aprender. Todos(as) os(as)

professores(as) precisam compreender a importância da docência em diálogo com processos contínuos, tais como: pesquisar, indagar, questionar, refletir, avaliar, planejar, transformar, (re)aprender. Somos professores(as) pesquisadores(as), Severinos e Severinas, em quaisquer contextos, seja na Educação Básica ou na Educação Superior. Desse modo, compreendendo-me como professora pesquisadora, irei destacar as atividades de pesquisa que desenvolvi em minhas andanças acadêmicas.

### 5.1.1 Travessias rumo à produção científica: (des)caminhos da produção intelectual

Depois dizem que a vida de professor(a) universitário(a) é fácil. Não sei quem anda por aí disseminando essa “fake news”, mas, querido(a) leitor(a), você está percebendo que não é nada fácil, não é mesmo? Imagine, só, amigo(a) leitor(a), vida fácil? Se você continua lendo estas páginas, depois de um volume de memórias e narrativas ao longo desta travessia, agora, pode se preparar. Vamos entrar no cenário da produção intelectual, das cobranças do Currículo *Lattes*, do cadastro do currículo em plataformas, como ORCID, Plataforma Freire, ou seja, não basta ter apenas um currículo cadastrado, o(a) professor(a) universitário(a) precisa colocar seu currículo em várias bases de dados, três ou quatro, para participar de editais e divulgar suas produções acadêmicas. Será que não poderiam simplificar esses processos?

O que dizer das amarras do *WebQualis* CAPES, das informações infinitas para cadastro no Coleta CAPES, de acordo com as demandas dos programas de pós-graduação? Além disso, como não pensar nas cobranças institucionais, com os Planejamentos Individuais de Trabalho - PIT e os Relatórios de Atividades - RIT, sem perder de vista os pontos nos Relatórios de Progressão e Promoção Funcional, além das inúmeras participações em eventos, produções científicas, enfim, quem já conhece essa realidade dos meios acadêmicos irá compreender rapidinho tudo o que irei relatar aqui.

As atividades da docência universitária não se limitam às aulas ministradas na graduação ou na pós-graduação. A carga horária didática é, apenas, um dos pontos do magistério no Ensino Superior, somando-se a tantos outros, como a participação em atividades de pesquisa, extensão e gestão. Listo, no **Quadro 33**, algumas atividades que o(a) docente universitário(a) desenvolve em sua rotina laboral:

**Quadro 33:** Atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão na Educação Superior

Nº	Atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão
01	Planejar e ministrar aulas na graduação.
02	Planejar e ministrar aulas na pós-graduação ( <i>lato sensu</i> e <i>stricto sensu</i> ).
03	Promover atividades de integração entre ensino, pesquisa e extensão, buscando articulações entre a graduação e a pós-graduação.
04	Orientar discentes de graduação em atividades de monitoria, programas PIBID, PRP, PIBIC, BEXT, BIA, PAVI, PET, Estágio Supervisionado Obrigatório – ESO, TCC.
05	Orientar discentes na pós-graduação em projetos de pesquisa, Estágio Docência, Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado.
06	Coordenar projetos de ensino, pesquisa e extensão.
07	Coordenar grupos de pesquisas e grupos de trabalhos.
08	Participar de bancas de exames de qualificação, bancas públicas de defesa final de trabalhos



	de: graduação, especialização, TCC, Teses e Dissertações; além de bancas de outras naturezas (PIBIC, PRP, PIBID, BEXT), ou ainda, bancas de concursos públicos para docentes do Magistério Superior, além de bancas de promoção funcional.
09	Escrever artigos científicos para periódicos, trabalhos completos para anais de eventos, capítulos de livros, resumos simples/expandidos, resenhas, prefácios, além de outras produções acadêmicas.
10	Elaborar produção técnica, como revisão textual, produção de relatórios técnicos, pareceres de avaliação <i>ad hoc</i> , escrita de materiais/textos didáticos, roteiros de estudos, recursos educacionais, tutoriais, etc.
11	Apresentar trabalhos científicos em congressos, eventos científicos locais, regionais, nacionais e internacionais.
12	Desenvolver atividades de extensão, com proposição de cursos, oficinas, minicursos, simpósios, mesas temáticas, fóruns, <i>lives</i> .
13	Realizar atividades administrativas, participação em grupos de trabalho, comissões, reuniões, atuação em cargos de gestão, como coordenação de curso, e outros.
14	Participar de reuniões de comissões e colegiados da UFRPE, além de comissões e colegiados da Unidade Acadêmica (CTA, CGCG, CAPD, comissões de ensino, pesquisa e extensão, comissão de planejamento estratégico, comissão de estágio probatório, etc.), colegiados dos cursos de graduação (CCD, NDE, COAA, etc.) e de pós-graduação (comissões de seleção, autoavaliação de programa de pós-graduação, planejamento estratégico, egressos e outras).
15	Analisar processos, emitir pareceres com análises fundamentadas na legislação institucional e nacional.
16	Desenvolver ações extensionistas, projetos e programas, com foco na curricularização da extensão no âmbito dos cursos de graduação.

Fonte: Elaboração da autora (2024).

No cenário da docência em EAD, ainda temos que realizar uma série de atividades específicas para a modalidade, conforme o **Quadro 34**:

**Quadro 34:** Outras atividades na docência EAD

Nº	Atividades específicas da docência EAD
01	Elaborar materiais didáticos para apoiar processos de ensino e aprendizagem mediados pelas tecnologias; gravar videoaulas, <i>podcasts</i> , elaborar roteiros de estudo, tutoriais, fichas didáticas, <i>webquests</i> , etc.
02	Organizar e editar Ambientes Virtuais de Aprendizagem- AVA para cada componente curricular ministrado.
03	Orientar e coordenar o trabalho dos(as) docentes tutores(as) que acompanham a aprendizagem dos(as) discentes.
04	Visitar polos de apoio presencial e desenvolver atividades acadêmicas nesses cenários.
05	Corrigir atividades virtuais no AVA, projetos, resenhas, resumos, portfólios de leituras/aprendizagens, memoriais reflexivos, diários de bordo. Avaliar relatórios de: Estágio Supervisionado Obrigatório - ESO, pesquisa e extensão.
06	Organizar <i>feedbacks</i> das atividades realizadas pelos(as) discentes.
07	Organizar planilhas de notas, corrigir atividades/avaliações, preencher as avaliações no AVA e no sistema acadêmico – SIGA/SIGAA.

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Ufaaaaa... tá cansado(a) leitor(a)? Não termina por aí... eu poderia passar o dia todo escrevendo aqui uma lista infinitaaaaaaa. Essas foram apenas algumas atividades das quais fui tentando lembrar... mas, certamente, ainda há outras, pois as demandas de trabalho são

intensas e transformam-se de acordo com a realidade de cada docente. Na função de coordenação de curso, o(a) docente ainda acumula diversas outras funções de gestão e outras bem técnicas, como, por exemplo, realizar matrícula dos(as) discentes ingressantes nos cursos de graduação EAD, além de organizar documentação, controlar a gestão de bolsas junto ao Sistema UAB – Universidade Aberta do Brasil, além de inúmeras outras tarefas burocráticas. Após essa longa lista de tarefas, neste momento, irei descrever a luta nas travessias da produção científica, tendo em vista a publicação de artigos em periódicos, uma forte cobrança nos meios acadêmicos.

### 5.1.2 Publicação de artigos em periódicos: quem disse que seria fácil?

*Poeminho do contra - Mario Quintana*

Todos esses que aí estão  
Atravancando meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho!

Adoro esse poema de Quintana. Creio que reflete muito os desafios da vida universitária. Temos que desenvolver o voo “*passarinho*” para continuarmos as travessias. Desse modo, posso dizer: *os artigos em periódicos passarão, eu passarinho*. Publicar artigos em periódicos: eis uma missão quase impossível. Como no filme *Missão Impossível*<sup>38</sup>, de Tom Cruise, talvez, seja mais fácil saltar de paraquedas, subir a montanha de *Dead Horse Point*, em Utah, nos Estados Unidos, escalar o prédio mais alto do mundo, o *Burj Khalifa*, em Dubai, nos Emirados Árabes, ou fazer quaisquer outras façanhas já realizadas pelo personagem Ethan Hunt, interpretado por Tom Cruise, do que publicar artigos em periódicos. Será exagero, amigo(a) leitor(a)? Você irá dizer.

Creio que todo(a) docente universitário(a) já sentiu a cobrança do meio acadêmico em relação à publicação em periódicos. Como professora universitária sempre me senti refém dos padrões do *Qualis* CAPES, das diretrizes criteriosas das revistas científicas, enfim, a cobrança por publicações em revistas renomadas sempre acompanhou minha trajetória acadêmica e creio que deve acompanhar, também, a trajetória de muitos(as) colegas docentes das universidades.

Atuando em dois programas de pós-graduação, em duas áreas distintas (Letras e Educação), as cobranças são, ainda, mais desafiadoras. No PPGTEG, os artigos são produzidos na área de Educação, visto que o Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologia em Educação a Distância está cadastrado nesta área na CAPES, considerando a subárea de Tecnologia Educacional. Já no PROGEL, as orientações e os artigos são elaborados com foco na área de Linguística e Literatura, considerando o perfil do Mestrado Acadêmico em Estudos Interdisciplinares da Linguagem. Como docente permanente nesses dois programas, tive que diversificar a produção científica em periódicos, sobretudo, considerando essas duas áreas de avaliação no *Qualis* CAPES, Educação e Letras. Mas, caro(a) leitor(a), não

---

<sup>38</sup> BIRD, Brad. **Missão Impossível** – Protocolo Fantasma. EUA: Paramount Pictures, 2011. Sinopse disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-147454/>

posso reclamar, não é mesmo? Essas duas áreas sempre estiveram presentes em minhas travessias formativas, desde o período da graduação, lembra?

Nas produções científicas de artigos em periódicos contei com o apoio de discentes orientandos(as) e tive o prazer de colaborar na coautoria de trabalhos nas áreas de Linguística, Literatura e Educação. Com base nos processos de orientação na Iniciação Científica – PIBIC/UFRPE, e na Residência Pedagógica – PRP/UFRPE, procurei apoiar os(as) discentes para divulgação de suas pesquisas em publicações científicas. Para os(as) graduandos(as) nem sempre foi fácil indicar periódicos para o exercício de práticas de letramentos acadêmicos, visando à produção de artigos científicos. De modo geral, os periódicos têm um nível de exigência científica que assusta até os(as) pesquisadores(as) mais experientes e renomados(as). No entanto, seja para graduandos(as) ou discentes da pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*, tentei mostrar caminhos para a divulgação científica. Ao longo de minha trajetória acadêmica, publiquei **49** artigos em periódicos (**Apêndice - Quadro 25**). A seguir destaco essas publicações em periódicos.

**Quadro 35** – Artigos completos publicados em periódicos

Nº	Ano	Artigos completos publicados em periódicos
01	2024	SILVA, I.M.M. <b>Cronotopos na cibercultura: tecnologias, letramentos digitais e formação docente</b> . ETD: Educação Temática Digital. v.26, p.e023028 - 21, 2024. e-ISSN: 1676-2592 <a href="https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8672132/34060">https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8672132/34060</a>
02	2024	SILVA, I. M. M.; SANTOS, C. <b>Didática intercomunicativa e afetividade na educação a distância</b> . REDOC - Revista Docência e Cibercultura, v. 8, p. 1-15, 2024.e-ISSN:2594-9004 <a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/72991">https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/72991</a>
03	2024	BARBOSA, D; SILVA, I. M. M. <b>(In)experiência docente na escolha de instrumentos avaliativos para a educação a distância e ensino remoto emergencial</b> . Cadernos da Pedagogia, v. 18, n. 40, p. 277-293, janeiro-abril/2024. Revista Cadernos da Pedagogia. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos. ISSN: 1982-4440. <a href="https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1961">https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1961</a>
04	2024	MACEDO, A.; SANTOS, M.; ALBUQUERQUE, J. L; SANTOS, F.; BARBOSA, M.; SILVA, I.M.M; VELOSO, G.; VENTURA, A. <b>Iracema program: sustainability in distance education</b> . Contribuciones a Las Ciencias Sociales. v.17, p.e8053 - 19, 2024. [doi:10.55905/revconv.17n.7-040] <a href="https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/8053">https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/8053</a>
05	2024	LOPES, M.; ALBUQUERQUE, J. L; TORRES, N. ; MORAIS, M. ; ROLIM, A.; LIRA, R.; SILVA, I. M. M; VENTURA, A. <b>Arte e meio ambiente: a percepção de alunos e professores do ensino fundamental</b> . Contribuciones a Las Ciencias Sociales. v.17, p.e8054 - 21, 2024. [doi:10.55905/revconv.17n.7-041] <a href="https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/8054">https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/8054</a>
06	2023	SILVA, I. M. M.; <b>Letramentos digitais e formação docente na cibercultura: dialogando com as experiências do LABFOR</b> . Revista Linguagens, Educação e Sociedade, v. 27, p. 1-23, 2023. ISSN: 1518-0743 <a href="https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/3855">https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/3855</a>
07	2023	DE VASCONCELOS, L. M. T.; <b>SILVA, I. M. M</b> ; DE MELO JUNIOR, M. P. <b>Literatura e gamificação: em busca de estratégias metodológicas ativas para educação literária na cultura digital</b> . Contemporânea - Revista de Ética e Filosofia Política. , v.3, p.5278 - 5293, 2023. ISSN: 2447-0961 <a href="https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/914">https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/914</a>
08	2023	PEREIRA, P. R. S.; SILVA, I. M. M. <b>Aprendizagem móvel: a utilização do Facebook como espaço de aprendizagem para a formação</b> . Democratizar (Faetec). , v.16, p.1-14 - 14, 2023. ISSN: 1982-5234 <a href="http://faeterj-petropolis.hospedagemdesites.ws/democratizar/index.php/dmc/issue/view/Issue/38/242">http://faeterj-petropolis.hospedagemdesites.ws/democratizar/index.php/dmc/issue/view/Issue/38/242</a>

09	2022	<b>SILVA, I. M. M.</b> ; MELO JUNIOR, M. P.; FERREIRA, R. F. S. M.; VASCONCELOS, L. M. T. <b>Literatura e inovação pedagógica no cronotopo pandêmico: interfaces com metodologias ativas para letramentos literários no ensino médio.</b> Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias. , v.3, p.119 - 140, 2022.ISSN: 2675-8555 <a href="https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/celte/article/view/2161">https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/celte/article/view/2161</a>
10	2022	SILVA., H. W. M. E.; SILVA, I. M. M. <b>O trabalho coletivo e colaborativo na EAD: polidocência, um estudo de caso.</b> SOUZA EAD Revista Acadêmica Digital. , v.15, p.1 - 17, 2022. ISSN:2595-5934 <a href="https://zenodo.org/records/7335079">https://zenodo.org/records/7335079</a>
11	2022	LIMA NETO, W. C.; SILVA, I. M. M. <b>Ensino de Literatura: interfaces dialógicas com o método recepional para a formação de leitores.</b> Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação (FURB). , v.16, p.85 - 106, 2022. ISSN 1981-9943 <a href="https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/10558">https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/10558</a>
12	2022	SILVA, B. N. B.; SOUZA, R. N. P. M.; SILVA, I. M. M. <b>Em busca de políticas institucionais para Educação a Distância Aberta e Recursos Educacionais Abertos (REA) no ensino superior: um mapeamento.</b> Educação On-Line (PUCRJ). , v.17, p.80 - 101, 2022. ISSN: 1809-3760 <a href="https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/1246">https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/1246</a>
13	2022	ROCHA, D. S.; SOUZA, R. N. P. M.; SILVA, I. M. M. <b>Mapeamento sistemático sobre implicações de práticas de linguagem dos materiais didáticos na evasão dos cursos técnicos profissionalizantes a distância.</b> Revista do Instituto de Ciências Humanas. , v.18, p.112 - 120, 2022. ISSN: 2359-0017 <a href="https://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/28899">https://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/28899</a>
14	2021	VASCONCELOS NETA, C. F.; ALBUQUERQUE, J. L.; SAMPAIO, L. M. S.; MORAES FILHO, R. A.; PINHO, M. A. B.; CORREIA NETO, J. S.; SILVA, I. M. M.; LINS, R. R. <b>A percepção dos gestores públicos de contratos públicos e licitações sobre a educação a distância como modalidade de formação.</b> Brazilian Journal of Development. , v.7, p.60353 - 60369, 2021. ISSN: 2525-8761 <a href="https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD">https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD</a>
15	2021	SOUZA, C. C.; LINS, R. R.; ALBUQUERQUE, J. L.; CORREIA NETO, J. S.; SILVA, I. M. M.; SOUZA, E. R.; VELOSO, G. M. B.; MARINHO, G. G. N. <b>Green cities: an analysis of the environmental management strategy in the city of Paragominas - Pará - Brazil.</b> International Journal of Development Research. , v.11, p.47101 - 47105, 2021. ISSN: 2230-9926 <a href="https://www.journalijdr.com/archive/202105">https://www.journalijdr.com/archive/202105</a>
16	2021	SILVA, EDUARDO FERREIRA DA; PEDROZA, MARIA KALINE DE LIMA; SILVA, I. M. M. <b>Literatura e REA: propostas metodológicas para educação literária aberta em cenários on-line de aprendizagem.</b> Conjecturas, v.21, p.360 - 382, 2021.ISSN: 1657-5830 <a href="https://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/202">https://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/202</a>
17	2021	MENEZES, M. I. B.; AZEVEDO, N. D.; SILVA, I. M. M. <b>Literatura, resistência e memória na educação brasileira: a história contada pelo conto <i>Garopaba mon amour</i>, de Caio Fernando de Abreu.</b> Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli . v.10., n.8., out.-dez. 2021, p. 114-126 ISSN: 2316-1663 <a href="http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/3754">http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/3754</a>
18	2021	SANTOS, M. W. B.; ALBUQUERQUE, J. L.; LINS, R. R.; CORREIA NETO, J.; SILVA, I. M. M.; MORAES FILHO, R. A.; VELOSO, G.; QUEVEDO, A. P. F. <b>The performance of the structuring teaching committee - nde and the undergraduation course evaluation policies: a study on the validation of the bibliographies of the curricular units of undergraduation courses of federal rural university of pernambuco – UFRPE - Brazil.</b> International Journal Of Development Research. , v.11, p.48309 - 48313, 2021.ISSN: 2230-9926 <a href="https://www.journalijdr.com/archive/202105">https://www.journalijdr.com/archive/202105</a>
19	2020	MOURA, J. M. M. O.; ALBUQUERQUE, J. L.; SILVA, B. C.; ALVES, A. S.; CORREIA NETO, J. S.; SILVA, I. M. M. <b>Elementos estruturantes e indicadores de empregabilidade de egressos: estudo de caso em cursos de nível médio a distância.</b> Brazilian Journal of Development. , v.6, p.79671 - , 2020.ISSN: 2525-8761 <a href="https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/18494">https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/18494</a>

20	2020	<b>SILVA, I. M. M. Ensino de literatura na era digital: conexões ilimitadas com o Reader-Response Criticism. Brazilian Journal of Development.</b> , v.6, p.49235 - 49249, 2020. ISSN: 2525-8761 <a href="https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/13623">https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/13623</a>
21	2020	DANTAS, E. D.; LINS, R. R.; ALBUQUERQUE, J. L.; SILVA, I. M. M.; QUEVEDO, A. P. F.; CORREIA NETO, J. S.; AMARO, E.; VELOSO, G.; SOUZA, E.; MARINHO, G. <b>Environment Education: An Approach in Municipal Schools in the city of Limoeiro - PE- Brazil.</b> International Journal of Development Research, v.10, p.1 - 12, 2020. ISSN: 2230-9926 <a href="https://www.journalijdr.com/environmental-education-approach-municipal-schools-city-limoeiro-pe-%E2%80%93-brazil">https://www.journalijdr.com/environmental-education-approach-municipal-schools-city-limoeiro-pe-%E2%80%93-brazil</a>
22	2020	ALMEIDA, A. V.; <b>SILVA, I. M. M. Letramentos literários digitais no ciberespaço: dialogando com as fanfics.</b> Revista linguagens & letramentos. , v.5, p.43 - 68, 2020. ISSN 2448-4520 <a href="https://www.cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/view/1591">https://www.cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/view/1591</a>
23	2020	ALVES, R. M. P.; <b>SILVA, I. M. M. Mediação pedagógica na educação a distância: a atuação docente na produção textual colaborativa em fóruns de discussão.</b> PAIDÉIA (SANTOS). , v.12, p.119 - 147, 2020. ISSN 1982-6109 <a href="https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/article/view/979">https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/article/view/979</a>
24	2020	<b>SILVA, I. M. M. Metodologia para ensino de literatura: em busca de alternativas dialógicas.</b> Revista língua & literatura (online). , v.22, p.111 - 126, 2020. ISSN 1984-381X <a href="http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/3343">http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/3343</a>
25	2020	FELIX, J.; <b>SILVA, I. M. M. Repositórios digitais na Educação a Distância: dialogando com percepções de docentes da UAB.</b> EAD em foco, v.10, p.1 - 12, 2020. ISSN 2177-8310. <a href="https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/853">https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/853</a>
26	2019	FERREIRA, J. P.; ALBUQUERQUE, J. L.; SILVA, I. M. M.; QUEVEDO, A. P. F.; LINS, R. R.; VELOSO, G. M. B.; SOUZA, E. R.; CORREIA, E. D. D. <b>A percepção de gestores públicos sobre a educação a distância na educação corporativa: a EAD na formação de competências.</b> Brazilian Journal of Development. , v.5, p.26907 - 26924, 2019. ISSN: 2525-8761 <a href="https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/4894">https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/4894</a>
27	2017	COSTA, J. M.; SILVA, I. M. M. <b>Bibliotecas digitais na educação a distância: conexões com a percepção de estudantes.</b> Renote. Revista novas tecnologias na educação. v.15, p.1 - 10, 2017. ISSN 1679-1916. <a href="https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/75144">https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/75144</a>
28	2017	SILVA, I. M. M. <b>Literatura no Ensino Médio: conexões com orientações curriculares.</b> Olh@res: Revista eletrônica do departamento de educação da UNIFESP, v.5, p.90 - 106, 2017. ISSN 2312-7853. <a href="https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/709">https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/709</a>
29	2015	SILVA, I. M. M. <b>Letramento digital na Educação a Distância: interfaces com práticas de leitura e escrita de professores.</b> Pensares em revista, v.1, p.129 - 144, 2015. ISSN 2517-2215 <a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/16523">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/16523</a>
30	2014	MARINHO, C. L.; SILVA, I. M. M. <b>Dialogismo nos fóruns de discussão na Educação Online.</b> Signum [Londrina]: estudos de linguagem, v.1, p.253 - 277, 2014. ISSN 2237-4876. <a href="https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/17729">https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/17729</a>
31	2014	SILVA, I. M. M. <b>Ensino de literatura: interfaces com a cultura digital.</b> Pensares em revista, v.1, p.62 - 82, 2014. ISSN 2517-2215 <a href="https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/16550">https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/16550</a>
32	2013	SILVA, A. P. T. B.; SILVA, I. M. M. <b>Estágio curricular em contextos não formais: interfaces com desafios na Educação a Distância.</b> ISSN 2317-7853. Olh@res: Revista eletrônica do departamento de educação da UNIFESP. v.1, p.155-179, 2013. ISSN 2312-7853. <a href="https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/40">https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/40</a>
33	2012	ROSENDO, Carolina; SANTOS, M. K. M.; SILVA, I. M. M. <b>Letramento digital no ensino médio: diálogos com os desafios da escola na sociedade tecnológica.</b> Revista encontros de vista, v.1, p.33 - 44, 2012.



		ISSN 1983-828X. <a href="https://journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4476">https://journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4476</a>
34	2012	ALBUQUERQUE, M. R.; SILVA, I. M. M. <b>Materiais didáticos impressos para educação a distância: interfaces com práticas de linguagem.</b> <i>ETD: educação temática digital</i> , v.14, p.75 - 93, 2012. ISSN 1676-2592 <a href="https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1223">https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1223</a> <a href="https://doi.org/10.20396/etd.v14i2.1223">https://doi.org/10.20396/etd.v14i2.1223</a>
35	2012	SILVA, I. M. M. <b>Tecnologias e letramento digital: navegando rumo aos desafios.</b> <i>ETD: educação temática digital</i> , v.13, p.27 - 43, 2012. ISSN 1676-2592 <a href="https://doi.org/10.20396/etd.v13i1.1164">https://doi.org/10.20396/etd.v13i1.1164</a> <a href="https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1164">https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1164</a>
36	2011	SILVA, I. M. M. <b>Educação a distância: uma abordagem dialógica na construção de materiais didáticos impressos.</b> <i>Revista didática sistêmica</i> , Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). v.13, p.20 - 33, 2011. <a href="https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1872">https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1872</a>
37	2011	SILVA, I. M. M. <b>Elaboração de Materiais Didáticos Impressos para Educação a Distância.</b> <i>Eutomia</i> , v.01, p.317 - 338, 2011. ISSN 1982-6850 <a href="https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1203">https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1203</a>
38	2011	SILVA, I. M. M. <b>Gêneros digitais: navegando rumo aos desafios da educação a distância.</b> <i>Estudos em Educação e Linguagem</i> , v.1, p.125 - 143, 2011. ISSN: 2237-5880. <a href="https://periodicos.ufpe.br/revistas/CEEL/article/download/70/184">https://periodicos.ufpe.br/revistas/CEEL/article/download/70/184</a>
39	2011	SILVA, I. M. M. <b>Interfaces digitais na educação a distância: das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem.</b> <i>Colabor@ - Revista Digital da CVA - Ricesu</i> , Volume 7, Número 25, Fevereiro de 2011. v.7, p.12 - 27, 2011. ISSN 1519-8529.
40	2011	SILVA, I. M. M. <b>Leitura Literária: contribuições da Análise do Discurso.</b> <i>Revista encontros de vista</i> , v.7, p.30 - 40, 2011. ISSN 1983-828X. <a href="https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4435">https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4435</a>
41	2009	FERREIRA, R. B. A. S.; SILVA, I. M. M. <b>Didática no contexto da Educação a Distância: quais os desafios?</b> <i>Revista brasileira de aprendizagem aberta e a distância</i> , v.8, p.1 - 14, 2009. ISSN 1806-1362. <a href="https://seer.abed.net.br/RBAAD/article/view/217">https://seer.abed.net.br/RBAAD/article/view/217</a>
42	2005	SILVA, I. M. M.; MELO, H. N.; SILVA, J. A. C. F.; JACOB, D. S. T.; SILVA, E. <b>Letramento digital: novas práticas de leitura e escrita.</b> <i>CETEC. Revista de Ciência, Empreendedorismo e Tecnologia</i> , v.1, p.55 - 60, 2005. (impresso)
43	2004	SILVA, I. M. M. <b>Os impactos das novas tecnologias na interação texto-leitor: o caso da leitura literária.</b> <i>CETEC. Revista de Ciência, Empreendedorismo e Tecnologia</i> , v.1, p.107 - 114, 2004. (impresso)
44	2003	SILVA, I. M. M. <b>Qual o papel da Literatura nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)?</b> <i>Travessia</i> (Olinda), v.1, p.71 - 82, 2003. (impresso)
45	2002	SILVA, I. M. M. <b>Leitura Literária na era virtual: do leitor ao navegador.</b> <i>Investigações</i> (UFPE. Impresso), v.15, p.29 - 39, 2002
46	2001	SILVA, I. M. M. <b>Leitura literária: o impacto das novas tecnologias.</b> <i>Travessia</i> (Olinda), v.ano3, p.75 - 82, 2001. (impresso)
47	2000	SILVA, I. M. M. <b>Literatura e Ensino Médio: um diálogo possível?</b> <i>Travessia</i> (Olinda), v.ano 2, p.35 - 45, 2000. (impresso)
48	1998	SILVA, I. M. M. <b>A significação do diálogo tempo-espaço no romance Espaço Terrestre.</b> <i>Investigações</i> (UFPE. Impresso). v.8, p.89 - 105, 1998.
49	1995	SILVA, I. M. M. <b>A mulher: uma encruzilhada entre a vida e a morte na poesia de Augusto dos Anjos.</b> <i>Investigações</i> (UFPE. Impresso). v.5, p.120, 1995.

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo Lattes- CNPq

Quanto às redes temáticas dessas publicações em periódicos, cito alguns temas mais recorrentes, tais como: ensino de literatura, leitura literária, literatura e inovação pedagógica, EAD, Educação Aberta, Recursos Educacionais Abertos – REA, letramento literário, letramentos digitais. Não digo que a minha produção científica em periódicos seja muito vasta. No entanto, as cobranças do meio acadêmico são tantas que, ainda me lembro de

uma vez submeter projeto ao CNPq para Edital de Produtividade em Pesquisa - PQ. Um dos avaliadores, provavelmente com uma vasta produção científica consolidada, colocou, em seu parecer, que a minha produção intelectual era muito “incipiente”. Pense bem, amigo(a) leitor(a), a pressão para publicação é muito forte, os(as) professores(as) universitários(as) desdobram-se em múltiplas atividades, muitas vezes, sem o reconhecimento merecido dentro das instituições, e, além disso, temos que ouvir de um(a) colega avaliador(a) *ad hoc* do CNPq que nossa produção é “incipiente”, ou inexpressiva. Leitor(a), você está acompanhando tudinho. Não é para citar, mais uma vez, o poema de Quintana? “*Eles passarão; eu passarinho*”. Pois, então, sigamos em frente em nosso *voe de passarinho* que prefere se libertar das amarras acadêmicas.

Na área das Ciências Humanas, creio que os critérios de avaliação precisam ser repensados. O que dizer da minha área de formação de base - Teoria da Literatura? Parece que nada mudou após quase 21 anos de defesa de minha Tese de Doutorado. As pesquisas, nesse campo, parecem continuar seguindo o rumo da “teoria para a teoria”, em espécie de círculo vicioso, com abordagens que, muitas vezes, colocam as obras literárias dentro de “caixinhas”, com modelos analíticos bem delineados e dentro de fronteiras ainda disciplinares.

Voltando à discussão sobre a avaliação de artigos em periódicos, parece existir um processo de massificação de critérios e processos sem considerar as peculiaridades de cada área de pesquisa. Nesse sentido, nós, pesquisadores(as), e nossos(as) orientandos(as), muitas vezes, sentimos, na pele, os efeitos de cobranças que nem sempre conseguimos atender para manter a nossa produção científica em termos quanti/qualitativos. Certamente, as cobranças nos cenários da pós-graduação *stricto sensu* são intensas e exaustivas quando avaliamos *rankings* para classificação de produção científica do corpo docente. O Currículo *Lattes*, a coleta CAPES, o ORCID, o *ranking* do número de citações, fator de impacto se transformam em “amarras”, “correntes”, e nós, professores(as) vamos, aos poucos, assumindo a posição de “prisoneiros(as)”, “operários(as) intelectuais” que começam a reproduzir modelos de produção científica em série/em massa, sem muita criticidade. Iniciamos um verdadeiro processo de “robotização” e automação na construção dos saberes científicos e começamos, muitas vezes, a reproduzir esses formatos com nossos(as) orientandos(as), mesmo que inconscientemente. Nesse cenário, algumas vezes, eu tentava me libertar e, quase sempre, priorizei mais a publicação em anais de eventos e livros. Como docente na área de Letras, o universo dos livros sempre foi minha grande paixão, conforme irei narrar na próxima seção.

### 5.1.3 Publicação e organização de livros: “*objetos transcendent*es”

**Livros**<sup>39</sup> – Caetano Veloso  
[...] Os livros são objetos transcendent  
Mas podemos amá-los do amor táctil  
Que votamos aos maços de cigarro  
Domá-los, cultivá-los em aquários,  
Em estantes, gaiolas, em fogueiras  
Ou lançá-los pra fora das janelas  
(Talvez isso nos livre de lançarmo-nos)  
Ou o que é muito pior por odiarmo-los  
Podemos simplesmente escrever um:  
Encher de vãs palavras muitas páginas  
E de mais confusão as prateleiras.  
Tropeçavas nos astros desastrada  
Mas pra mim foste a estrela entre as estrelas. [...]

Sempre fui uma discente/docente apaixonada pelos livros. Como descrever essa minha paixão pelos livros? Caetano Veloso, sabiamente, aponta “*os livros como objetos transcendent*es, *mas podemos amá-los do amor táctil*”. O amor pelos livros nasceu nas minhas andanças pelas bibliotecas. Nas escolas e universidades por onde andei, visitava as bibliotecas como espaços mágicos que guardam a memória, as vivências dos(as) autores(as), os universos ficcionais das obras literárias, os conhecimentos das Artes, da Cultura, da História, enfim, os “saberes e sabores” (retomando a ótica barthesiana) inscritos/reescritos nos livros.

Ainda guardo, em minhas memórias, o silêncio da Biblioteca Central - BC da UFPE, o cheiro dos livros antigos das coleções especiais, as salas de leituras onde passei horas e horas lendo, estudando, aprendendo com o poder daquelas obras. Lembro-me, ainda, do serviço do Comut - Serviço de Comutação Bibliográfica da BC - UFPE. Usei bastante este serviço para pesquisar e ter acesso a trabalhos disponíveis em outras bibliotecas brasileiras. Os materiais eram enviados pelos correios e a demora no envio era grande. Eu ficava sempre na expectativa de receber os artigos, as teses e as dissertações que solicitava via Comut, quando estava cursando, sobretudo, o Mestrado e o Doutorado.

Outra biblioteca que fez parte de minha formação foi a Biblioteca Setorial Joaquim Cardozo, do Centro de Artes e Comunicação – CAC/UFPE, esta era uma festa, ponto de encontro marcado pelas interações, pelas conversas entre discentes, leitores(as) entusiasmados(as). Eu gostava desse movimento da Biblioteca do CAC, mas, quando queria “ouvir o silêncio dos livros”, preferia caminhar em direção à Biblioteca Central, espaço calmo, tranquilo de (re)descobertas por meio da interação com os livros. As bibliotecas são espaços de transcendências onde os(as) leitores(as) (re)constroem relações dinâmicas e simbólicas com os livros.

---

<sup>39</sup> VELLOSO, C. Livros. In: VELLOSO, C. **Livro**. Rio de Janeiro: Universal Music, 1997. Faixa 1. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/81628/> Acesso em: 10 out. 2023.

Revisito as palavras de Valter Hugo Mãe <sup>40</sup>:

As bibliotecas deviam ser declaradas da família dos aeroportos, porque são lugares de partir e de chegar. Os livros são parentes directos dos aviões, dos tapetes-voadores ou dos pássaros. Os livros são da família das nuvens e, como elas, sabem tornar-se invisíveis enquanto pairam, como se entrassem dentro do próprio ar, a ver o que existe para depois do que não se vê. O leitor entra com o livro para o depois do que não se vê. O leitor muda para o outro lado do mundo ou para outro mundo, do avesso da realidade até ao avesso do tempo. Fora de tudo, fora da biblioteca. As bibliotecas não se importam que os leitores se sintam fora das bibliotecas (MÃE, 2019).

Nessa perspectiva, como *“lugares de partir e de chegar”*, as bibliotecas tiveram papel importante em minha formação como leitora apaixonada pelos livros. Na graduação, como discente, nunca tive muitos recursos para comprar livros, por isso, sempre recorria a bibliotecas, sebos, para entrar em contato com o mundo das Letras. Talvez, tenha aprendido muito mais nessas trilhas, buscando o acesso aos livros como bens culturais. Na época da graduação, eu e meu esposo André, naquele momento ainda namorado, visitamos sebos, no centro do Recife, e encontramos obras raras em nossos campos de estudos. Agora, com o mundo digital e as facilidades das compras *on-line*, visito pouco as livrarias e as bibliotecas físicas, seleciono os livros nas estantes virtuais para colocar nos carrinhos de compra, pesquiso em repositórios e bibliotecas digitais para ter acesso às obras. No mundo das leituras nas telas, sinto falta, amigo(a) leitor(a), do silêncio das bibliotecas físicas, do cheiro dos livros, das páginas marcadas nas pegadas de leitura, na poeira dos tempos. Desse modo, hoje, tento me dividir entre as telas e os suportes impressos para caminhar por entre os livros e continuar as travessias no universo mágico da leitura.

Como professora de literatura, busquei, e ainda busco, estimular, nos(as) educandos(as), essa paixão pelos livros. Abordar o livro como um objeto/processo/artefato/fenômeno histórico e (trans)cultural é uma missão como educadora que procura transformar as experiências dos(as) leitores(as) na construção simbólica das relações entre literatura e sociedade. Gostaria de ter escrito mais livros, amigo(a) leitor(a). No entanto, publiquei muitos capítulos de livros e organizei algumas obras. Escrever livros não é tarefa fácil. É preciso ter tempo para planejar, organizar as ideias, e, finalmente, produzir o texto. Irei trazer, novamente, a belíssima citação metalinguística da obra *“A hora da estrela”*, de Clarice Lispector: *“Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam fâscas e lascas como aços espelhados”* (Lispector, 1993, p. 33).

Entre a correria do dia a dia e a rotina exagerada da vida universitária, não sobra muito tempo para a escrita de livros. Quem sabe, leitor(a), este Memorial não se transforme, futuramente, em um livro? Claro que terei que ajustar para minimizar as minhas prolixidades e diminuir a quantidade de páginas, não é mesmo? Em tempos de cultura digital, investir em narrativas curtas pode ser um caminho para atrair os(as) leitores(as) quase sempre tão ocupados(as) para leituras que demandam um tempo maior.

Confesso que, para a escrita deste Memorial, nesse momento, não pensei nesse ponto, pois meu desejo é explorar, ao máximo, as minhas memórias para registrá-las, mantê-las

---

<sup>40</sup> MÃE, V. H. Bibliotecas. In: MÃE, V. H. **Contos de cães e maus lobos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

vivas diante dos efeitos corrosivos da poeira do tempo. É como se minha memória pudesse ser representada, metaforicamente, por uma estante de livros e, com esta escrita autobiográfica, estou organizando essa estante. Coloco livros pequenos, de um lado, livros grandes e volumosos de outro, e vou organizando com base em temas, conteúdos, assuntos diversos para, depois, conseguir encontrar essas obras nas diferentes prateleiras dessa grande estante da minha memória.

Os livros fazem parte de nossa história, de nossa memória, merecem ser compreendidos como bens culturais. Retomo, assim, a abordagem de Chartier (1999) que discute os modos de ler como processos históricos e culturais, em que o leitor tem papel fundamental.

Aprendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler (Chartier, 1999, p. 77).

Concordo com Chartier (1999), os modos e os gestos de leituras mudam continuamente em virtude das transformações socioculturais e históricas. A história da leitura articula-se à liberdade interpretativa do leitor, aos seus repertórios e aos seus “horizontes de expectativas” (Jauss, 1994), conforme pressupostos da Estética da Recepção. A vida é como um livro que circula em diferentes suportes, com diversos usos para leituras múltiplas constituídas por variados(as) leitores(as). Vamos escrevendo e reescrevendo nossas histórias de vidas, deixando páginas em branco, produzindo outras páginas coloridas, repletas de “escrevivências” (Evaristo, 2017). Personificamos experiências de vida em diversos tipos, em diferentes formatos de livros, como obras abertas para novas possibilidades de leituras. Escrevemos nossas histórias de acordo com múltiplos gêneros ficcionais ou não, literários ou não, tendo em vista livros de capa dura, livros de bolso ou *pockets*, livros impressos, *e-books*, livros estáticos, ou interativos, com diferentes acabamentos: brochura com orelha; brochura sem orelha; capa dura; espiral com acetato; livros com papel reciclado; livros cartoneros, e tantos outros. Compreendo este Memorial como uma “obra aberta”, nos termos de Umberto Eco (2015), sujeita às indeterminações de múltiplas interpretações dos(as) leitores(as) que acompanharam minha escrita e transformaram-se em coautores(as).

Olho os meus livros na estante e, assim, como estes que folheio nas descobertas de novas de leituras, descrevo o meu livro de vida como literário, com as páginas já amareladas pelo poder do tempo, o cheiro empoeirado do passado que transita entre o presente e o futuro, acabamento em brochura com orelhas, com folhas recicladas que ajudam, também, a “reciclar” as palavras que ainda serão escritas, as leituras que ainda serão construídas. Meu livro de vida revela as marcas de leitura que sempre gosto de fazer, usando o lápis, em movimentos suaves e contínuos, tento marcar os destaques da leitura, sublinhando palavras e trechos marcantes.

O meu livro de vida é do tipo impresso, arraigado à tradição, com o ressoar das vozes dos autores e das autoras que me acompanharam, e ainda me acompanham, nas travessias da vida: Guimarães Rosa, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado, João Cabral



de Melo Neto, Clarice Lispector, Adélia Prado, Lygia Fagundes Telles, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Mario Quintana, Ariano Suassuna, Osman Lins, Fernando Sabino, Marcus Accioly, Gilvan Lemos, Luzilá Gonçalves Ferreira, Conceição Evaristo, Cida Pedrosa, Raimundo Carrero, Conceição Rodrigues, Ronaldo Correia de Brito, Ferreira Gullart, Ivan Ângelo, Monteiro Lobato, Ziraldo, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, e tantos(as) outros(as) que visitei e visito continuamente. Destaco, aqui apenas alguns autores e algumas autoras da literatura brasileira que deixaram suas marcas em minhas travessias em práticas de leituras literárias. Não posso deixar de mencionar, também, a minha paixão pela poesia de Fernando Pessoa, autor português que foi/é tão grande que precisou se multiplicar em seus heterônimos, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, e tantos outros.

Creio que precisamos valorizar, ainda mais, a literatura que transborda os limites das fronteiras geográficas e alcança a universalidade pelos temas abordados, pelas estratégias discursivas e inovadoras, pelas articulações dialógicas entre forma e conteúdo na construção da arquitetura literária. Esses(as) e tantos(as) outros(as) autores(as) me emocionaram com as suas obras literárias, repletas de ditos e não-ditos, vazios a serem preenchidos continuamente. Já deu para perceber, amigo(a) leitor(a), meu repertório variado de leituras, não é mesmo? O ofício do(a) escritor(a) não é fácil, sobretudo, no campo artístico-literário. Publicar obras literárias e conseguir destaque na indústria editorial são ações árduas para qualquer escritor(a) brasileiro(a). Na academia, o processo de publicação de obras também é atropelado por uma série de questões burocráticas.

Quanto aos processos de publicação e organização de livros, destaco as dificuldades de publicação pelas editoras das universidades federais. Às vezes, os processos de editoração, diagramação e produção das obras demoram anos. Com equipes profissionais reduzidas, as editoras universitárias não conseguem atender às demandas contínuas de publicação. Como consequência, os catálogos dessas editoras ficam anacrônicos e perdem, muitas vezes, visibilidade diante do turbilhão digital das produções de *e-books* de outras fontes de publicação que circulam na internet.

Quanto às experiências na autoria de livros, publiquei a obra *Literatura em sala de aula: da Teoria Literária à prática escolar*, no ano de 2005, a qual foi resultado de minha pesquisa no Doutorado. A minha Tese foi premiada como melhor Tese no PGLetras - UFPE, em 2003, e recebeu menção honrosa, sendo publicada na Coleção Teses do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. A banca aprovou a minha Tese, com distinção, e o trabalho abriu as portas para outras pesquisas aplicadas no campo dos estudos literários, tendo em vista conexões entre literatura e ensino, no cenário da Educação Básica. A publicação teve o apoio da Prefeitura da Cidade do Recife - PCR (**Apêndice – Quadro 26**). Quando atuou na Coordenação do PGLetras da UFPE, a professora Dra. Ângela Paiva Dionísio desenvolveu vários trabalhos para consolidar e divulgar as produções de Teses e Dissertações no formato de livros, o que conferiu maior visibilidade da produção científica gerada no referido programa.

A organização de obras tornou-se uma ação contínua em minhas travessias acadêmicas para divulgar pesquisas e experiências nas áreas de Letras e Educação. De 2006 a 2024, organizei **17 obras**, com foco em redes temáticas, como Educação a Distância, práticas de linguagem, tecnologias e educação, literatura e outras linguagens (**Apêndice –**

**Quadro 27).** A seguir apresento a relação dos livros que organizei durante minhas travessias acadêmicas.

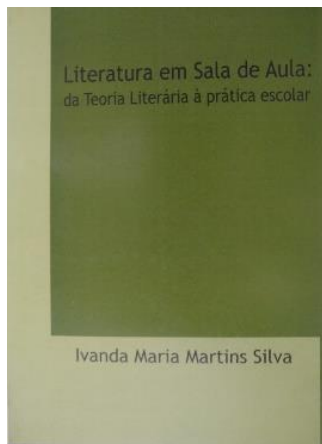
**Quadro 36:** Livros organizados

Nº	Ano	Livros organizados
01	2023	AZEVEDO, N. D. ; VICENTE, R. B.; SILVA, I. M. M. (Orgs.). <b>Estudos Interdisciplinares da Linguagem e Ensino</b> . 1. ed. Campina Grande: Realize, 2023. v. 1. 193p .
02	2020	SILVA, I. M. M.; DOMINGOS., S. F. P (Orgs). <b>Cenas da educação a distância: aprendizagens, metodologias e inovações</b> . Recife: Editora UFRPE, 2020, v.1.
03	2020	DOMINGOS., S. F. P.; SILVA, I. M. M (Orgs). <b>Educação a Distância e tecnologias no contexto de pós-graduação</b> . Recife: Editora UFRPE, 2020, v.1.
04	2020	AZEVEDO, N. D.; SILVA, I. M. M.; PEDROSA, P. P. B.; BARBUIO, E. Orgs). <b>Estudos de/pós-coloniais: queerizando epistemologias</b> . Recife: UFRPE, 2020, v.11. p.146.
05	2016	SILVA, I. M. M. (Org). <b>Educação a distância: cenários, experiências e práticas</b> . Recife: Editora da UFRPE, 2016, v.1.
06	2015	SILVA, I. M. M.; LIMA, H. K. C.; SANTOS, S. B. C (Orgs.). <b>Letras em foco: língua, literatura, linguagem e ensino</b> . Recife: UFRPE, 2015, v.1.
07	2015	SILVA, I. M. M.; LIMA, H. K. C.; SANTOS, S. B. C (Orgs.). <b>Letras em foco: língua, literatura, linguagem e ensino: livro de resumos</b> . Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2015.
08	2015	ALVES, T. P.; SILVA, I. M. M.; CARVALHO, A. B. G. (Orgs.) <b>Linguagens, tecnologias e educação: interconexões pedagógicas</b> . Recife: Editora da UFPE, 2015, v.1. p.210.
09	2013	SANTOS, G.; SILVA, I. M. M.; SANTANA, S. (Orgs.). <b>Linguagens: interfaces com a língua, a literatura e a cultura</b> . Recife: Libertas, 2013, v.1. p.352.
10	2013	SANTOS, G. P.; SILVA, I. M. M. (Orgs.). <b>Luiz Gonzaga: interfaces com um centenário multicultural</b> . Recife: Libertas, 2013, v.1. p.244.
11	2012	TAVARES, F.; SILVA, I. M. M. (Orgs.), <b>Educação: a magia na construção do conhecimento</b> . Recife: Libertas, 2012, v.1. p.197.
12	2011	SILVA, I. M. M. (Org.) <b>Educação: um mapa de múltiplas interpretações</b> . Recife: Libertas, 2011
13	2007	SILVA, I. M. M. (Org.). <b>Leitura e produção textual: múltiplos olhares</b> . Recife: Baraúna, 2007.
14	2008	SILVA, I. M. M. (Org.) <b>Ensino, pesquisa e extensão: múltiplas conexões</b> . Recife: Baraúna, 2008
15	2008	SILVA, I. M. M.; ALMEIDA, S. (Orgs.) <b>Literatura: alinhando ideias, tecendo frases, construindo textos</b> . Recife: Baraúna, 2008, v.1. p.273.
16	2006	AMARAL, C.; SILVA, I. M. M. (Orgs). <b>Laços multiculturais</b> . Recife: Baraúna, 2006.
17	2009	SILVA, I. M. M. (Org.) <b>Linguagem, leitura e produção textual: desafios e perspectivas</b> . Recife: Baraúna, 2009.

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo Lattes- CNPq.

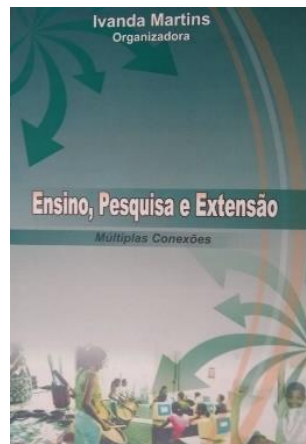
Das obras organizadas, destaco algumas que abordam eixos temáticos, tais como: literatura na escola, projetos de ensino, pesquisa e extensão, EAD, linguagens e tecnologias na educação.

**Figura 95:** Publicação de minha Tese de Doutorado adaptada ao formato de livro



Acervo da autora (2024).

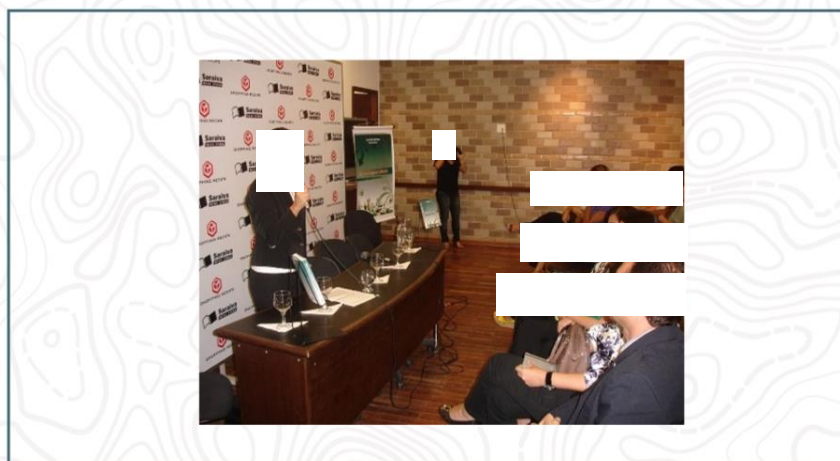
**Figura 96:** Obra organizada com divulgação dos projetos de ensino, pesquisa e extensão da FIR



Acervo da autora (2024).

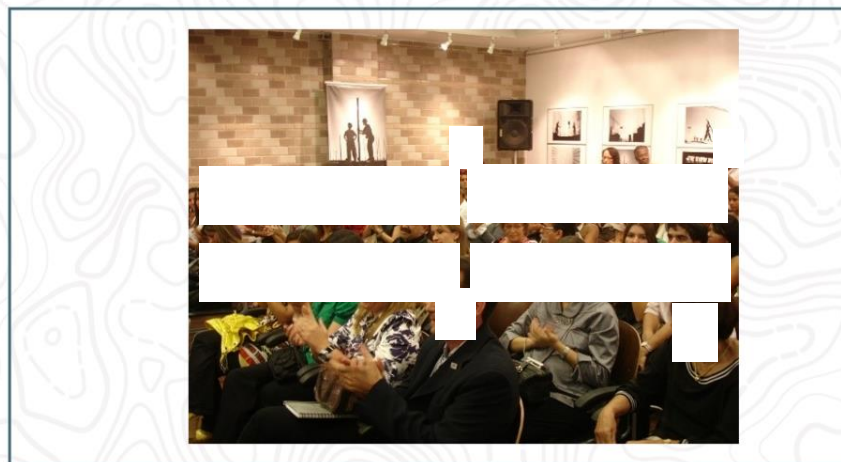
Como já comentei, a obra *Literatura em sala de aula: da Teoria Literária à prática escolar* (**Figura 95**) foi resultado de minha Tese de Doutorado, uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Na FIR, organizei a obra *Ensino, pesquisa e extensão: múltiplas conexões* (**Figura 96**), reunindo artigos com as experiências de docentes e discentes com base nos projetos que estavam sendo desenvolvidos naquele período. As **Figuras 97 e 98** apresentam cenas do lançamento desta obra no auditório da Livraria Saraiva, no Shopping Recife.

**Figura 97:** Lançamento da obra *Ensino, pesquisa e extensão: múltiplas conexões*



Fonte: Acervo da autora (2024).

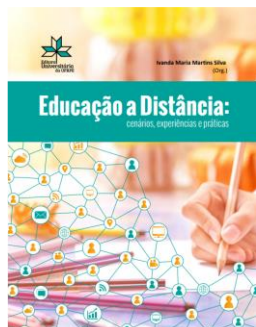
**Figura 98:** Auditório da Livraria Saraiva no *Shopping Recife* – lançamento da obra *Ensino, pesquisa e extensão: múltiplas conexões*



Fonte: Acervo da autora (2024).

Destaco, ainda, outras obras organizadas sobre Educação a Distância, literatura, linguagens, tecnologias e educação, conforme **Figuras** a seguir.

**Figura 99:** Capa do Livro: Educação a Distância: cenários, experiências e práticas



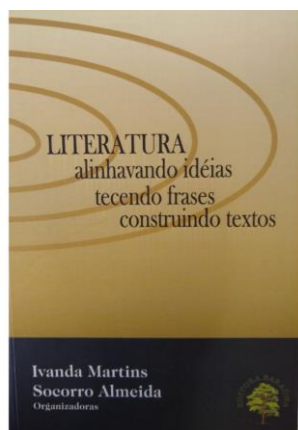
Livro organizado em comemoração aos 10 anos das atividades de EAD na UFRPE, publicação da editora UFRPE, parceria com produção UAEADTec.

**Figura 100:** Capa Livro Linguagens, tecnologias e educação



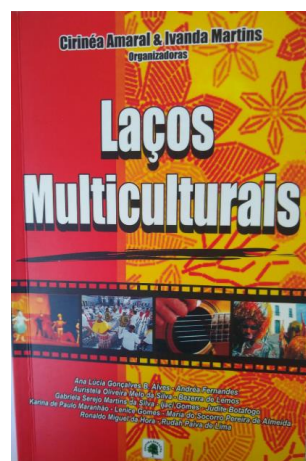
Livro organizado, com foco nas conexões entre linguagens, tecnologias e educação - publicação da Editora UFPE.

**Figura 101:** Capa do Livro Literatura: alinhavando ideias, tecendo frases, construindo textos



Livro organizado e publicado pela editora Baraúna.

**Figura 102:** Capa do Livro Laços Multiculturais



Livro organizado e publicado pela editora Baraúna.

Fonte: Acervo da autora (2024).

O livro *Educação a Distância: cenários, experiências e práticas* (**Figura 99**) foi organizado, em 2016, em comemoração aos 10 anos das atividades acadêmicas de EAD na UFRPE. Diversas experiências dos cursos de graduação, na modalidade EAD, foram divulgadas nesta obra que buscou apresentar as vivências de docentes, servidores(as) técnicos(as), discentes, tutores(as), coordenações de cursos, de tutoria e de polos no contexto da EAD/UFRPE. A obra *Linguagens, tecnologias e educação: interconexões pedagógicas* (**Figura 100**) foi publicada pela Editora da UFPE, no ano de 2015. A organização desta obra ocorreu em parceria com as queridas professoras do EDUMATEC/UFPE, Thelma Panerai e Ana Beatriz Carvalho. Os livros *Literatura: alinhavando*



ideias, tecendo frases, construindo textos (Figura 101) e Laços multiculturais (Figura 102) foram publicados pela Editora Baraúna.

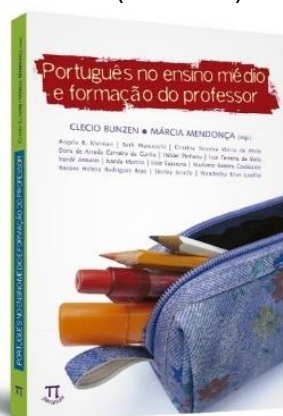
Além da organização de obras, publiquei alguns capítulos de livros, como destaque na próxima seção.

#### 5.1.4 A escrita de capítulos de livros e a consolidação da autoria

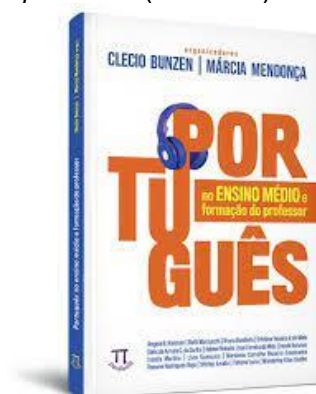
Por que escrevo?  
Antes de tudo porque captei o espírito da língua e  
assim às vezes a forma é que faz conteúdo.  
Clarice Lispector

A escrita de capítulos de livros faz parte de minha trajetória acadêmica. Participei com a autoria de um capítulo na obra *Português no Ensino Médio e formação do professor* (Figuras 103 e 104), publicação da Parábola Editorial, organizada pelos professores Clecio Bunzen e Márcia Mendonça. Esta obra destacou-se em cursos e programas de formação docente, conquistando repercussão em estudos e pesquisas.

**Figura 103** : Capa da 1ª edição do livro *Português no Ensino Médio e formação do professor* (ano 2006).



**Figura 104**: Capa da 2ª edição do livro *Português no Ensino Médio e formação do professor* (ano 2022).



Fonte: Catálogo da Editora Parábola (2024).

<https://www.parabolaeditorial.com.br/portugues-no-ensino-medio-e-formacao-do-professor-71796816>

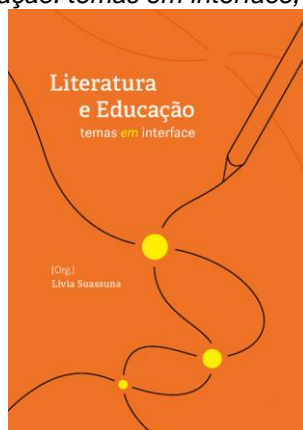
Nessa obra, escrevi o capítulo “A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor?”, fruto das reflexões iniciadas em minha Tese de Doutorado e que percorreram minhas travessias no campo da pesquisa. A obra *Português no Ensino Médio e formação do professor* foi inicialmente publicada em 2006, pela Parábola Editorial, e teve nova edição em 2022. Já comentei, rapidamente, sobre essa obra quando abordei minhas atividades no Doutorado, lembra, leitor(a)?

Destaco, ainda, um capítulo publicado, em 2023, na obra *Literatura e Educação: temas em interface*, com a primorosa organização da querida professora Livia Suassuna, uma publicação da Editora/UFPE. Esta obra foi publicada pela Editora/UFPE em formato impresso e está disponível, também, no Catálogo Editora em forma de e-book: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/857>. A publicação contou com a parceria da

Editora Pedro e João Editores, com versão digital disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/literatura-e-educacao-temas-em-interface/>

Esta obra teve a participação de diversos(as) autores(as) renomados(as) no campo de estudos sobre leitura literária, letramento literário e ensino de literatura. Rildo Cosson, Eliana Yunes, Livia Suassuna, Flávio Brayner, Inara Gomes, Sherry Almeida, Normanda Beserra e outros(as) autores(as) que socializaram experiências e pesquisas.

**Figura 105:** *Literatura e Educação: temas em interface*, organização de Livia Suassuna



Fonte: Catálogo da Editora da UFPE

<https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/857>

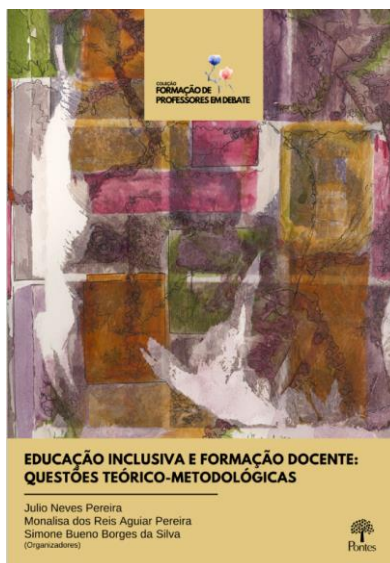
Pedro e João Editores

<https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/literatura-e-educacao-temas-em-interface/>

Na referida obra, publiquei o capítulo: *Ensino de literatura na era das mídias digitais. E agora, professor(a)?* Compartilhei algumas reflexões sobre desafios enfrentados pelos(as) docentes na cultura digital quanto ao ensino de literatura em tempos de inovações tecnológicas, contexto em que as demandas de aprendizagens de discentes transformam-se em função de outros formatos de materialidades textuais e midiáticas, em virtude da diversidade de suportes e de dispositivos tecnológicos.

Outro destaque para a publicação de capítulos foi o texto *Estágio Supervisionado no cenário da Educação a Distância: vivências formativas do LABFOR no cronotopo pandêmico*, publicado em parceria com a professora Ednara Calado e Livia Santana, estudante de Letras EAD, bolsista BEXT que atuou no Projeto de Extensão LABFOR. Esta publicação conta na obra *Educação Inclusiva e Formação Inicial Docente*, publicada em 2023 na coleção formação docente da Editora Pontes.

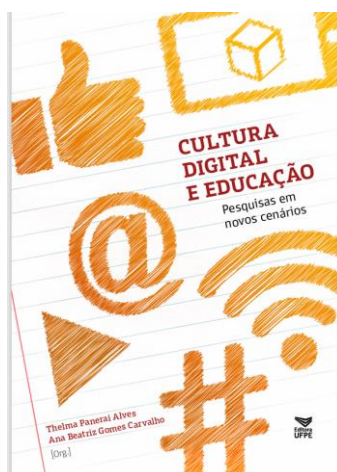
Figura 106: Educação Inclusiva e Formação Inicial Docente



Fonte: <https://www.editorarealize.com.br/edicao/detalhes/estudos-interdisciplinares-da-linguagem-e-ensino---volume-2>

No ano de 2024, publiquei mais um capítulo na obra *Cultura digital e educação: pesquisas em novos cenários*, publicação recente da Editora da UFPE, com organização das professoras Thelma Panerai Alves e Ana Beatriz Gomes Carvalho, docentes e pesquisadoras do EDUMATEC/UFPE.

Figura 107: *Cultura digital e educação: pesquisas em novos cenários*, organização de Thelma Panerai Alves e Ana Beatriz Gomes Carvalho



Fonte: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/906>

No período de 2006 a 2024, publiquei **53 capítulos de livros** nas áreas de linguagem, ensino de literatura, EAD, formação docente na cultura digital, além de outras áreas em perspectivas interdisciplinares entre Linguística, Literatura e Educação (**Apêndice – Quadro**

28). A seguir apresento a descrição dos capítulos de livros publicados em minha trajetória acadêmica.

**Quadro 37:** Capítulos de livros publicados

Nº	Ano	Publicação de capítulos de livros
01	2024	SILVA, I. M. M. Cronotopos dos (des)encontros nas travessias da cibercultura: tecnologias, letramentos digitais e formação docente. In: ALVES, T. P.; CARVALHO, B. (Orgs.). <b>Cultura digital e educação: pesquisas em novos cenários</b> . Recife: Editora da UFPE, 2024. Referências adicionais: Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 978-65-5962-215-3. <a href="https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/906">https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/906</a>
02	2023	SILVA, I. M. M.; CALADO, E.; SANTANA T, L. C. N. Estágio Supervisionado no cenário da Educação a Distância: vivências formativas do LABFOR no cronotopo pandêmico In: <b>Educação Inclusiva e Formação Inicial Docente</b> .1 ed. Campinas - SP: Pontes Editores, 2023, v.6, p. 218-256. Meio digital, ISBN: 9786556379364 <a href="https://www.editorarealize.com.br/educacao/detalhes/estudos-interdisciplinares-da-linguagem-e-ensino---volume-2">https://www.editorarealize.com.br/educacao/detalhes/estudos-interdisciplinares-da-linguagem-e-ensino---volume-2</a>
03	2023	SILVA, I. M. M.; PEDROZA, M. K. L. ; SILVA, E. F. Educação literária aberta na cultura digital: potencialidades de recursos educacionais abertos para práticas de letramentos literários. In: <b>Estudos Interdisciplinares da Linguagem e Ensino</b> . 1ed.Campina Grande: Realize Editora, 2023, v. 2, p. 39-52 Meio digital, ISBN: 9786586901948 <a href="https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/92232">https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/92232</a>
04	2023	SILVA, I. M. M. Ensino de Literatura na era das mídias digitais: e agora, professor(a)? In: SUASSUNA, Livia. (Org.). <b>Literatura e Educação: temas em interface</b> . 1ed.Recife – PE, 2023, v. 1, p. 133-147. Meio de divulgação: Impresso e digital, ISBN: 9786559621668 Versão digital em e-book editora UFPE: <a href="https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/857">https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/857</a> Versão e-book editora Pedro e João Editores <a href="https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/literatura-e-educacao-temas-em-interface/">https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/literatura-e-educacao-temas-em-interface/</a>
05	2023	ALMEIDA, A. V. ; SILVA, I. M. M. A presença da literatura nas orientações curriculares da Base Nacional Comum Curricular BNCC: conexões dialógicas com percepções de docentes do Ensino Médio. In: <b>Educação e Conhecimento</b> . 1ed.Belo Horizonte: Editora Poisson, 2023, v. 1, p. 105-115. Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786558662723 <a href="https://poisson.com.br/2018/produto/educacao-e-conhecimento-volume-1/">https://poisson.com.br/2018/produto/educacao-e-conhecimento-volume-1/</a>
06	2023	VASCONCELOS, L. M. T.; MELO JUNIOR, M. P.; SILVA, I. M. M. Literatura e gamificação: em busca de estratégias metodológicas ativas para educação literária na cultura digita. In: <b>Ensino de Língua Portuguesa e Tecnologias</b> . 1ed.São Paulo: Estige Editorial, 2023, v. 1, p. 166-184. Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786599677571 <a href="https://storage.builderall.com/franquias/2/6986712/editor-html/11485856.pdf">https://storage.builderall.com/franquias/2/6986712/editor-html/11485856.pdf</a>
07	2023	MELO JUNIOR, M. P. ; FERREIRA, R. F. S. M. ; SILVA, I. M. M. O fenômeno dos <i>booktubers</i> na formação de leitores literários: Proposição didático-pedagógica no contexto do novo Ensino Médio. In: <b>Ensino de Língua Portuguesa e Tecnologias</b> . 1ed.São Paulo: Estige, 2023, v. 1, p. 199-215. Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786599677571 <a href="https://storage.builderall.com/franquias/2/6986712/editor-html/11485856.pdf">https://storage.builderall.com/franquias/2/6986712/editor-html/11485856.pdf</a>
08	2023	SANTANA T, L. C. N.; TORRES, J. ; SILVA, I. M. M. Letramentos digitais e inovação pedagógica: proposta de laboratório didático para formação docente em tempos de

		<p>pandemia. In: <b>Cultura em Diversos Contextos</b>. 1ed.São Paulo: Estige Editorial, 2023, v. 4, p. 396-413.</p> <p>Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786599677564</p> <p><a href="https://storage.builderall.com/franquias/2/6986712/editor-html/11485859.pdf">https://storage.builderall.com/franquias/2/6986712/editor-html/11485859.pdf</a></p>
09	2022	<p>SILVA, E. F.; SILVA, I. M. M.; SILVA, J. C. Ensino de literatura na era das tecnologias móveis: conexões com metodologias ativas In: <b>A formação humana: debates e reflexões sobre a educação, a história e a sociedade</b>.1 ed.Itapiranga: Schreiber, 2022, v.1, p. 125-137.</p> <p>Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786589963394</p> <p><a href="https://www.editoraschreiber.com/livros/a-forma%C3%A7%C3%A3o-humana%3A-debates-e-reflex%C3%B5es-sobre-a-educa%C3%A7%C3%A3o%2C-a-hist%C3%B3ria-e-a-sociedade">https://www.editoraschreiber.com/livros/a-forma%C3%A7%C3%A3o-humana%3A-debates-e-reflex%C3%B5es-sobre-a-educa%C3%A7%C3%A3o%2C-a-hist%C3%B3ria-e-a-sociedade</a></p>
10	2022	<p>SILVA, I. M. M.; CALADO, E. LABFOR: formação docente, inovação pedagógica e letramentos no contexto da cibercultura In: <b>Ensino e Formação de professores. estudos de linguagem em perspectiva interdisciplinar</b>.1 ed.São Paulo: EDIFSP, 2022, v.1, p. 194-209.</p> <p>Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786558230670</p> <p><a href="https://editora.ifsp.edu.br/edifsp/catalog/book/48">https://editora.ifsp.edu.br/edifsp/catalog/book/48</a></p>
11	2022	<p>ALMEIDA, A. V.; SILVA, I. M. M. Formação docente e ensino de literatura na cultura digital: potencialidades das fanfics In: <b>Ensino e Formação de Professores. Estudos de Linguagem em Perspectiva Interdisciplinar</b>.1 ed. São Paulo: EDIFSP, 2022, p. 209-223.</p> <p>Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786558230670</p> <p><a href="https://editora.ifsp.edu.br/edifsp/catalog/book/48">https://editora.ifsp.edu.br/edifsp/catalog/book/48</a></p>
12	2022	<p>PEDROZA, MARIA KALINE DE LIMA; SILVA, I. M. M. Fanfics: conexões dialógicas com formação docente e letramentos literários no Ensino Médio In: <b>Ensino e Formação de Professores. Estudos de Linguagem em Perspectiva Interdisciplinar</b>.1 ed. São Paulo: EDIFSP, 2022, v.1, p. 224-239.</p> <p>Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786558230670</p> <p><a href="https://editora.ifsp.edu.br/edifsp/catalog/book/48">https://editora.ifsp.edu.br/edifsp/catalog/book/48</a></p> <p><a href="https://editora.ifsp.edu.br/edifsp/catalog/newReleases">https://editora.ifsp.edu.br/edifsp/catalog/newReleases</a></p>
13	2022	<p>SILVA, E. F.; PEDROZA, MARIA KALINE DE LIMA; SILVA, I. M. M. Educação literária e gamificação: novos percursos de aprendizagem In: <b>Aprendizagem e tecnologia: enfoques práticos e teóricos na educação do Século XXI</b>.1 ed.Rio de Janeiro: Editora Publicar, 2022, v.1, p. 368-382.</p> <p>Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786553640610</p> <p><a href="https://www.editorapublicar.com.br/aprendizagem-e-tecnologia-enfoques-praticos-e-teoricos-na-educacao-do-seculo-xxi-volume-1">https://www.editorapublicar.com.br/aprendizagem-e-tecnologia-enfoques-praticos-e-teoricos-na-educacao-do-seculo-xxi-volume-1</a></p>
14	2022	<p>PEDROZA, M. K. L.; SILVA, E. F.; SILVA, I. M. M. Recursos Educacionais Abertos e Ensino de Literatura: conexões com práticas de letramentos literários In: <b>Linguagens, tecnologias e inovações nas práticas docentes</b>.1 ed.Campina Grande: Realize Editora, 2022, v.1, p. 44-68.</p> <p>Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786586901610</p> <p><a href="https://editorarealize.com.br/24082022084148-E-BOOK-2-VIII-EPEPE.pdf">24082022084148-E-BOOK-2-VIII-EPEPE.pdf (editorarealize.com.br)</a></p>
15	2022	<p>ANDRADE, A. C.; SILVA, I. M. M. A poesia na rede social Instagram: interconexões com a formação de leitores na cibercultura In: <b>Linguagens, tecnologias e inovações nas práticas docentes</b>.1 ed. Campina Grande: Editora Realize, 2022, v.1, p. 69-86.</p> <p>Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786586901610</p> <p><a href="https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/83670">https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/83670</a></p>
16	2022	<p>SILVA, I. M. M. A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor? In:</p>



		<b>Português no Ensino Médio e Formação do Professor.</b> ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2022, v.1, p. 77-115. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788579342585
17	2022	VASCONCELOS NETA, C. F.; ALBUQUERQUE, J. L.; SAMPAIO, L. M. S.; MORAES, R. A.; BENEVIDES, M.; CORREIA NETO, J. S.; SILVA, I. M. M.; LINS, R. R. The perception of public managers of public contracts and biddings about distance education as a training modality In: <b>Essential Studies Focused on Development Area.1</b> ed.São José dos Pinhais: Seven Publicações LTDA, 2022, v.1, p. 137-148. Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9786584976184 <a href="https://www.sevenevents.com.br/livro/essential-studies-focused-on-development-area">https://www.sevenevents.com.br/livro/essential-studies-focused-on-development-area</a>
18	2020	SANTOS, C.; SILVA, I. M. M.; OLIVEIRA, A. P. A. Didática intercomunicativa: do diálogo às relações afetivas no contexto da educação a distância In: <b>Cenas da educação a distância: aprendizagens, metodologias e inovações.1</b> ed.Recife: Editora UFRPE, 2020, v.1, p. 64-. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9786586547047
19	2020	SILVA, I. M. M.; FELIX, J.; MOTA, A.; SILVA, A. P. T. B.; CALADO, E. Recursos Educacionais Abertos (REA): desafios e perspectivas para a Educação Superior In: <b>Cenas da educação a distância: aprendizagens, metodologias e inovações.1</b> ed.Recife: Editora UFRPE, 2020, v.1, p. 97-. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9786586547047
20	2020	MARQUES, R. G. G.; SILVA, I. M. M. Letramento digital na ciberinfância: diálogos com as vozes de docentes In: <b>Cenas da educação a distância: aprendizagens, metodologias e inovações.1</b> ed.Recife: Editora UFRPE, 2020, v.1, p. 108-. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9786586547047
21	2020	RIBEIRO, A. M.; CARVALHO, R.; SILVA, I. M. M.; ALBUQUERQUE, J. L.; MORAES FILHO, R. A. Webconferência na educação a distância: interações dialógicas e intervenções pedagógicas In: <b>Educação a distância e tecnologias no contexto de pós-graduação.1</b> ed.Recife: Editora UFRPE, 2020, v.1, p. 12-. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9786586547023
22	2020	CARVALHO, R.; RIBEIRO, A. M.; SILVA, I. M. M.; ALBUQUERQUE, J. L.; ALVES, W. Material didático para a educação a distância: trilhas dialógicas em práticas de linguagem In: <b>Educação a distância e tecnologias no contexto de pós-graduação.1</b> ed.Recife: Editora UFRPE, 2020, v.1, p. 24- Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9786586547023
23	2020	ARAUJO, E.; MORAES, R. A.; SILVA, I. M. M. Bibliotecas digitais como recursos informacionais para a educação a distância In: <b>Educação a distância e tecnologias no contexto de pós-graduação.1</b> ed.Recife: Editora UFRPE, 2020, v.1, p. 56-. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9786586547023
24	2020	FELIX, J.; SILVA, I. M. M. Repositórios digitais na Educação a Distância: análise das percepções de docentes da UAB-UFRPE In: <b>Educação a distância e tecnologias no contexto de pós-graduação.1</b> ed.Recife: UFRPE, 2020, v.1, p. 35-. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9786586547023
25	2020	ARAUJO, G.; ALBUQUERQUE, J. L.; SILVA, I. M. M.; MORAES FILHO, R. A.; CARVALHO, R. Educação a Distância na formação continuada de recursos humanos em ambientes corporativos: reflexões teóricas In: <b>Educação a distância e tecnologias no contexto de pós-graduação.1</b> ed.Recife: UFRPE, 2020, v.1, p. 120- Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9786586547023
26	2019	SILVA, I. M. M. Trilhas metodológicas para ensino de literatura In: BARBUIO et al.

		<p><b>Estudos da linguagem em perspectiva: pesquisas em linguística e literatura.</b> 1 ed. Recife: UFRPE, 2019, p. 181-192.                  Meio de divulgação: Impresso e digital, ISBN: 9788579463426  <a href="https://progel.ufrpe.br/pt-br/noticia/estudos-da-linguagem-em-perspectiva-pesquisas-em-linguistica-e-literatura-digital">https://progel.ufrpe.br/pt-br/noticia/estudos-da-linguagem-em-perspectiva-pesquisas-em-linguistica-e-literatura-digital</a></p>
27	2019	<p>ALMEIDA, A. V.; MARINHO, C. L.; SILVA, I. M. M. O ensino de Literatura nas orientações curriculares In: <b>Estudos linguísticos e literários: caminhos e tendências.</b> 1 ed. Recife: Pá de Palavra, 2019, v.3, p. 428.                  Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9788568326404  <a href="http://www.gelne.com.br/arquivos/Estudos_linguisticos_e_literarios-vol_3.pdf">http://www.gelne.com.br/arquivos/Estudos_linguisticos_e_literarios-vol_3.pdf</a></p>
28	2019	<p>LIMA, C. L. S.; ALMEIDA, A. V.; SILVA, I. M. M. Ensino de literatura e práticas de letramentos literários: da escolarização à cultura digital In: <b>Estudos linguísticos e literários: caminhos e tendências.</b> 1 ed. Recife: Pá de Palavra, 2019, v.3, p. 768.                  Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9788568326404  <a href="http://www.gelne.com.br/arquivos/Estudos_linguisticos_e_literarios-vol_3.pdf">http://www.gelne.com.br/arquivos/Estudos_linguisticos_e_literarios-vol_3.pdf</a></p>
29	2017	<p>SILVA, I. M. M.; ROSA, A. G. C.; GONCALVES FILHO, C. A.; NANES, G.; OLIVEIRA, I.; PAIXAO, R. Autoavaliação Institucional na UFRPE: o Boletim CPA-UFRPE e o planejamento dos cursos de graduação In: <b>Avaliação institucional: a interface entre a gestão e a comunidade universitária na promoção da qualidade social das IES.</b> 1 ed.: Editora do IFPE, 2017, v.1, p. 35-44.                  Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9788567452104</p>
30	2016	<p>NANES, G.; SILVA, I. M. M.; GONCALVES FILHO, C. A.; BARROS, Lillian; CALADO, Ednara; LIMA, J. A. L. Trajetórias da Autoavaliação Institucional da UFRPE no contexto da EAD In: <b>Educação a distância: cenários, experiências e práticas.</b> 1 ed. RECIFE: UFRPE, 2016, v.1, p. 45-60. Referências adicionais: Brasil/Português.                  Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788579462702</p>
31	2016	<p>SILVA, I. M. M.; SANTOS, C.; CABRAL, M. L.; SANTOS, S. Bibli@letras/biblioteca virtual da Licenciatura em Letras EAD/UFRPE: perspectivas para a formação de professores/leitores In: <b>Educação a distância: cenários, experiências e práticas.</b> 1 ed. Recife: Editora UFRPE, 2016, p. 165-198.                  Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788579462702</p>
32	2016	<p>NANES, G.; OLIVEIRA, I.; SILVA, I. M. M.; RAPOSO, C.; PAIXAO, R.; LYDIA, A. Autoavaliação institucional e avaliação dos cursos de graduação: interfaces com experiências da CPA/UFRPE In: <b>Comissão Própria de Avaliação - CPA: interfaces de uma gestão compartilhada.</b> 1 ed. Recife: Editora do IFPE, 2016, v.1, p. 60-69.                  Referências adicionais: Brasil/Português.                  Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9788567452050</p>
33	2016	<p>SILVA, I. M. M. Sala virtual de autoavaliação discente na Educação a Distância: o caso do Curso de Letras EAD/UFRPE In: <b>Comissão Própria de Avaliação: Interfaces de uma Gestão Compartilhada.</b> 1 ed. Recife: UFPE, 2016, v.1, p. 122-. Referências adicionais: Brasil/Português.                  Meio de divulgação: Meio digital, ISBN: 9788567452050</p>
34	2015	<p>ALMEIDA, J. B.; SILVA, I. M. M. Mural do Facebook: dinamizando a escrita no Ensino Médio In: <b>Letras em foco: língua, literatura, linguagem e ensino.</b> 1 ed. Recife: UFRPE, 2015, v.1, p. 127-139.                  Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788579462528</p>
35	2015	<p>FIGUEREDO, M. C.; PAES, M. E. A. F.; SILVA, C. L.; SILVA, I. M. M. A leitura como eixo norteador na sala de aula In: <b>Letras em foco: língua, literatura, linguagem e ensino.</b> 1 ed. Recife: UFRPE, 2015, v.1, p. 177-189.</p>

		Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788579462528
36	2015	SILVA, J. L.; SILVA, M. M.; SILVA, I. M. M.; SANTOS, A. M. A. Fábulas: dinâmicas de leitura e produção textual In: <b>Letras em foco: Língua, literatura, linguagem e ensino</b> .1 ed.Recife: UFRPE, 2015, v.1, p. 215-232. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788579462528
37	2015	SILVA, J. P.; SILVA, I. M. M.; SANTOS, A. M. A. Literatura infantojuvenil em sala de aula: interfaces com os anos finais do ensino fundamental In: <b>Letras em foco: língua, literatura, linguagem e ensino</b> .1 ed.Recife: UFRPE, 2015, v.1, p. 233-245. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788579462528
38	2015	MARQUES, R. G. G.; SILVA, I. M. M. Máquina de quadrinhos da turma da Mônica: navegando rumo aos desafios do letramento digital na ciberinfância In: <b>Linguagens, tecnologias e educação: interconexões pedagógicas</b> .1 ed.Recife: UFPE, 2015, v.1, p. 113-134. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788541505970
39	2015	SILVA, I. M. M.; SOUSA, C. A. L. Materiais didáticos impressos para Educação a Distância: diálogos com o gênero discursivo mediacional In: <b>Linguagens, tecnologias e educação: interconexões pedagógicas</b> .1 ed.Recife: UFPE, 2015, v.1, p. 177-198. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788541505970
40	2014	NANES, G.; AMORIM, M. F. F. B.; SILVA, I. M. M.; LYDIA, A.; FERREIRA, F. CPA/UFRPE: Trajetórias de Articulação com CPAs de IES em Pernambuco In: <b>Comissão Própria de Avaliação em Pernambuco: Balanço dos 10 anos</b> .1 ed.Petrolina: Univasf, 2014, v.1, p. 69-81. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788560382408
41	2013	ROSENDO, C.; SANTOS, M. K. M.; SILVA, I. M. M. Letramento Digital: interfaces com os desafios da escola no Ensino Médio In: <b>Iniciação à docência no contexto da escola</b> .1 ed.Recife: UFRPE, 2013, v.1, p. 151-165. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788541501903
42	2014	SILVA, I. M. M. Produção de materiais didáticos impressos para Educação a Distância: múltiplas visões dos docentes autores In: <b>Saberes e práticas pedagógicas: ações docentes na educação contemporânea</b> .1 ed.Recife: Libertas, 2014, v.1, p. 231-260. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788582680025
43	2012	SILVA, I. M. M. TIC e organização do trabalho pedagógico: conexões ilimitadas In: <b>O fazer cotidiano na sala de aula: a organização do trabalho pedagógico no ensino de língua materna</b> .1 ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 35-. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788565381109
44	2011	SILVA, I. M. M. Arquitetura curricular e modelos pedagógicos: interfaces com a Educação a Distância In: <b>Educação: um mapa de múltiplas interpretações</b> ed.Recife: Libertas, 2011, p. 7-22. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788598263
45	2010	SILVA, I. M. M. Educação a distância: interfaces com a história e a formação de professores In: <b>Educação: território multicultural</b> .1 ed. Recife: Libertas editora, 2010, v.1, p. 73-85. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788598263373
46	2009	SILVA, I. M. M. Diálogos entre tecnologia e educação: desafios para leitura e produção textual em novos suportes tecnológicos In: <b>Linguagem, leitura e produção</b>

		<b>textual: desafios e perspectivas.</b> 1 ed. Recife: Baraúna, 2009, v.1, p. 19-44. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788598152738
47	2008	SILVA, I. M. M. Educação na era da cibercultura: redimensionando as conexões entre escola e novas tecnologias In: <b>Educação: discursos e reflexões interdisciplinares.</b> 1 ed. Recife: Baraúna, 2008, v.1, p. 9-29. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788598152639
48	2008	SILVA, I. M. M. Ensino-aprendizagem das práticas de leitura e escrita In: <b>Ensino, pesquisa e extensão: múltiplas conexões.</b> 1 ed. Recife: Baraúna, 2008, v.1, p. 195-212. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788598152615
49	2008	SILVA, I. M. M. Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão: integrando Universidade e Comunidade In: <b>Ensino, Pesquisa e Extensão: Múltiplas Conexões.</b> 1 ed. Recife: Baraúna, 2008, v.1, p. 383-398. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788598152615
50	2008	SILVA, I. M. M. Literatura, escola e novas tecnologias: qual o futuro da leitura literária na cibercultura In: <b>Literatura: alinhando ideias, tecendo frases, construindo textos.</b> 1 ed. Recife: Baraúna, 2008, v.1, p. 229-252. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788598152660
51	2006	SILVA, I. M. M. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: <b>Português no Ensino Médio e Formação do Professor</b> ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, v.1, p. 83-102. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788588456518
52	2007	SILVA, I. M. M. Letramento e novas tecnologias: navegando rumo ao espaço escolar In: <b>Leitura e produção textual: múltiplos olhares.</b> Recife: Baraúna, 2007. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788598152
53	2007	SILVA, I. M. M. Leitura, produção textual e projetos didáticos: trilhas metodológicas In: <b>Leitura e produção textual: múltiplos olhares.</b> ed. Recife: Baraúna, 2007, v.1, p. 161-184. Meio de divulgação: Impresso, ISBN: 9788598152

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Essa produção intensa de capítulos revela a minha paixão pelos livros como “objetos transcendentais”, como já disse a voz poética de Caetano Veloso, na canção “*Livros*”. Segundo Chartier (2007):

Somos herdeiros da história do livro, tanto pela definição do livro, ou seja, tanto um objeto material quanto pela ideia de uma obra intelectual ou estética identificada pelo nome de seu autor, quanto à percepção da cultura escrita que se baseia em distinções imediatamente visíveis entre diferentes objetos (cartas, documentos, jornais, livros, etc.) (Chartier, 2007, p. 125).

A minha relação com os livros é marcada por muita afetividade, muito carinho e muito respeito. Os livros abriram as portas para minha entrada no universo mágico do conhecimento e propiciaram a minha emancipação como leitora crítica. No campo da literatura, nem sei o que dizer, apenas destaco que descobri o prazer da leitura literária, mesmo sem muito acesso às obras literárias, na infância ou na adolescência. No Ensino Médio, sequer acesso aos livros didáticos eu tinha. Talvez pelas dificuldades de acesso, comecei a valorizar ainda mais os livros do que aqueles(as) estudantes (não)leitores/as que guardavam seus livros nas pesadas mochilas escolares ou desfilavam com os volumes nos

braços, como se tivessem uma íntima relação com eles. Percebia que muitos(as) colegas do Ensino Médio, mesmo carregando todos os dias os pesados volumes dos livros didáticos ou das obras paradidáticas, só se concentram na leitura às vésperas de provas ou de outras atividades avaliativas. Minha realidade era bem diferente: eu só carregava os cadernos dentro de minha mochila “magrinha” e tinha que correr, literalmente, atrás dos livros nas bibliotecas e encontrar os volumes indicados pelos(as) professores(as) a fim de estudar, antecipadamente, para os exercícios avaliativos.

Assim, eu buscava nas bibliotecas das escolas e, posteriormente, nas bibliotecas da UFPE, acessar os livros para consolidar meus estudos. Também nunca tive vergonha de pedir livros emprestados, principalmente no contexto do Ensino Médio, quando eu tentava organizar meus estudos para realizar vestibular. Muitas vezes, perguntava aos/às colegas ao final das aulas na sexta-feira: — *Você irá utilizar seus livros neste final de semana? Será que poderia me emprestar algum livro didático para eu dar uma olhadinha?* Em geral, os livros didáticos de Física, de Caio Sérgio Calçada, eram aqueles que eu mais buscava entre os colegas para fazer os exercícios tão complexos. Assim, conseguia um livro aqui, outro ali e passava os finais de semana lendo, estudando, aprendendo, realizando as atividades. Toda segunda-feira devolvia os livros dos colegas e recheava meus cadernos com anotações a partir das leituras realizadas.

Na Universidade, quando conheci meu esposo André, naquela época ainda colega de estudos, um leitor que também enfrentava dificuldades para acessar os livros, comecei a visitar alguns sebos no centro do Recife, e descobri algumas relíquias que tenho ainda hoje. Na contemporaneidade, com as tecnologias digitais, os livros transformaram-se em face da diversidade de suportes e dos meios digitais de circulação. O tempo passou, a revolução tecnológica redimensionou as interações entre autores, textos e leitores. Os modos de ler são outros em tempos de tecnologias e dos avanços da inteligência artificial no campo da linguagem, mas as minhas conexões com os livros continuam pautadas na afetividade.

Mesmo na era dos objetos digitais de leitura, particularmente, ainda gosto do contato com os livros impressos. Gosto de sentir o cheiro das páginas, olhar os elementos paratextuais, avaliar a qualidade e a textura do papel, observar as orelhas do livro, fazer a leitura da contracapa. Nos livros impressos, ainda faço as marcações de leitura usando um simples lápis. Deixo minhas pegadas como leitora e dialogo com os autores, coloco observações, exclamações, pontos de interrogação, destaques. Uso sempre o lápis para fazer marcações suaves nas páginas e vou dialogando com o texto, grifando, fazendo anotações, colocando exclamações ou interrogações nas marcações de leituras. Na ótica de Chartier (1999), os gestos de leitura mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Ainda conforme o referido autor:

A originalidade e a importância da revolução digital apoiam-se no fato de obrigar o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que o plasmaram, já que o mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o livro unitário e está alheio à materialidade do códex. É ao mesmo tempo uma revolução da modalidade técnica da produção do escrito, uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita (Chartier, 2002, p. 24).

O poder encantador dos livros me fascina. As potencialidades da leitura crítica orientam meus percursos como leitora. No contexto da vida acadêmica atual, gostaria de ter



mais tempo para a leitura por prazer, sem compromissos. Na rotina dos trabalhos na Universidade, muitas vezes, ficamos imersos em um oceano de teses, dissertações, monografias, artigos, resenhas, resumos, ensaios, TCC e outros gêneros acadêmicos. Somos cobrados(as) a realizar a leitura apressada para cumprir os prazos quase sempre curtos. Mas, qual é o nosso espaço como professores(as) leitores(as)? Será que temos tempo para (re)encontrar nossos livros prediletos e realizar aquela tão sonhada leitura? Cobramos de nossos(as) discentes um volume grande de leituras, seja na graduação ou na pós-graduação. Mas, será que nos dedicamos à leitura do modo como gostaríamos?

Certamente, essa situação vivenciada na Educação Superior parece refletir-se, também, na Educação Básica. Os/As discentes são cobrados(as), continuamente, para ampliar suas práticas de leituras, mas, nem sempre, os(as) professores(as) conseguem ler como gostariam. Como formar discentes leitores(as) críticos(as) na escola, se, como professores(as) não ampliamos nossos percursos de leitura? Quando consideramos a leitura literária parece que a situação é ainda mais complexa. Quantas obras literárias os(as) professores(as) conseguem ler por ano?

Para a escrita deste Memorial, decidi reler a obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e, certamente, não tive tempo suficiente para realizar a leitura de modo contínuo, como gostaria. Coloquei o livro em minha mesinha de cabeceira, para facilitar o meu contato com a obra nas horas vagas, sobretudo, no turno da noite, mas, tive que parar meus percursos como leitora em vários momentos. Foi preciso interromper o fluxo de leitura para conciliar com as atividades burocráticas, administrativas, além das diversas ações de ensino, pesquisa e extensão na corrida vida de professora universitária.

Trabalhando em três turnos (manhã, tarde e noite), os(as) docentes não encontram tempo para ampliar suas próprias práticas de leituras e, muitas vezes, os livros ainda são caros e não cabem no orçamento de muitos(as) educadores(as) brasileiros(as). Assim, as práticas de leituras consolidam-se na superficialidade das interações entre autores-obras-leitores, tendo em vista dificuldades de acesso ao livro como bem cultural. Considero, aqui, sobretudo, o acesso ao livro físico como direito de qualquer cidadão para o desenvolvimento de práticas socioculturais de leitura. Certamente, os *e-books* circulam nos meios virtuais, mas a integração entre livros impressos e digitais parece-me ser uma estratégia importante no processo de democratização da leitura em um país que precisa melhorar muito, ainda, suas políticas de leitura e de formação de leitores dentro e fora das escolas e das universidades.

Ao trabalhar em cursos de graduação e de pós-graduação, percebo, também, essa dificuldade de acesso ao livro físico. No contexto da pandemia, com a interrupção das atividades presenciais nas Universidades, isso ficou mais evidente. As bibliotecas universitárias físicas ficaram um bom tempo fechadas durante o cenário de isolamento social, os empréstimos de livros foram realizados de modo remoto para os acervos e serviços digitais. Nesse período, ministrei aulas no formato remoto para mestrandos(as) dos programas PPGTEG e PROGEL - UFRPE. Acompanhei a luta dos(as) discentes na busca por *e-books* e versões digitalizadas de obras publicadas em meio impresso. Vejo que muitos(as) mestrandos(as) revelavam dificuldades no acesso a livros impressos que não estavam disponíveis em meios virtuais. Busquei estimular a compra *on-line* das obras indicadas para leitura, mas, nem sempre era possível. Mestrandos(as) trabalhadores(as), que faziam o

Mestrado sem afastamento do trabalho e sem bolsa, também viviam seus desafios pessoais, profissionais, assim como os(as) discentes da Educação Básica.

As comparações, às vezes, são necessárias para percebermos que essa é uma realidade no Brasil, e, como educadores(as) temos que repensar estratégias para motivar a leitura em todos os cenários onde atuamos. São tantas as reflexões, amigo(a) leitor(a), que surgem quando discutimos as relações dos leitores com os objetos de leitura. Como professora de linguagem, de literatura, preciso fazer tais colocações para avaliar a situação dos(as) docentes e discentes quanto aos desafios constantes no aprimoramento de práticas de leituras dentro e fora das salas de aula. Traço essas reflexões para avaliar, também, a minha própria relação com os livros e a minha identidade como professora leitora. Desse modo, busco estreitar as minhas relações com os livros e ampliar as práticas de leituras, mas, confesso, sinto que preciso aprender com os desafios. Preciso ler mais o que gostaria, porém, nem sempre, o tempo corrido da vida universitária permite. É fundamental conciliar melhor minhas leituras pessoais prediletas com aquelas práticas leitoras que devo organizar para as atividades no exercício da docência.

Além da produção bibliográfica com a publicação de capítulos de livros, preciso destacar a divulgação de trabalhos completos em anais de eventos, conforme a próxima seção. Vamos continuar a nossa jornada, amigo(a) leitor(a).

### 5.1.5 Publicação de artigos em anais de eventos científicos: as travessias continuam

No campo da produção científica, a publicação de trabalhos em anais de eventos é sempre um terreno fértil para divulgarmos nossas pesquisas. Gosto de participar de eventos científicos, apesar das dificuldades, no sentido de conciliar as atividades acadêmicas na universidade e os deslocamentos para participar dos congressos. As trocas de experiências, o compartilhamento de pesquisas, as interações com outros(as) colegas docentes são experiências que consolidaram minhas travessias nessa etapa de produção científica divulgada em eventos.

Durante a minha trajetória acadêmica, publiquei **88** trabalhos completos em anais de eventos. Leitor(a), amigo(a), não colocarei aqui essa relação completa para não cansar suas travessias nesta leitura. No entanto, você poderá acompanhar o detalhamento das produções em anais de eventos no **Apêndice**, com a *Síntese descritiva do Memorial Acadêmico* para as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão (**Apêndice - Quadro 29**). Em linhas, gerais as produções publicadas em anais de eventos podem ser agrupadas em alguns eixos temáticos, dentre os quais destaco: EAD, letramentos digitais, ensino de literatura, literatura pernambucana, letramento literário, materiais didáticos, formação docente, além de outros.

Creio que ao longo de minhas andanças acadêmicas, destaquei a produção de artigos em anais de eventos, pois considero importante a socialização de experiências das pesquisas científicas construídas durante meus percursos. Busquei motivar, também, orientandos(as) a trilharem esses caminhos rumo à participação em eventos científicos. Percebo que ainda existem certos ecos preconceituosos em relação à produção científica no campo de eventos. A academia parece ratificar esses ecos, talvez, em função das pressões

em termos de garantir produções científicas em outros campos diversificados, sobretudo, no âmbito da escrita de artigos científicos para periódicos.

Creio que precisamos romper com as prisões dos padrões do *Qualis* CAPES e dos indicadores do Coleta CAPES que, muitas vezes, direcionam nossos percursos nas produções científicas. Tais padrões não consideram a realidade dos(as) professores(as) universitários(as) que estão sobrecarregados(as) com demandas laborais exaustivas. “Robotizados(as)” e padronizados(as) em tempos de Inteligência Artificial - IA, estamos nos transformando em verdadeiras “máquinas de produção intelectual”. Seguimos adiante, vamos reproduzindo esse modelo fabril em nossas orientações e não abrimos espaços para refletir sobre essas questões tão importantes. É preciso avaliar essa pressão nos ombros dos(as) docentes em termos de produção científica.

### 5.1.6 Quem disse que a publicação de resumos não tem seu lugar ao sol?

Durante algum tempo, hesitei se deveria colocar, neste Memorial, espaço para a produção de resumos científicos. Mas, depois de pensar muito, vi que se deixasse de colocar essa produção, estaria apenas reproduzindo o preconceito que há, nas Universidades, em relação ao papel dos resumos e das resenhas em práticas de letramentos acadêmicos dos(as) docentes e discentes do Ensino Superior.

Do ano de 1994, quando ainda era discente da UFPE e orientanda do professor Luiz Antônio Marcuschi, até 2024, momento de escrita deste Memorial, publiquei **59** resumos simples e **20** resumos expandidos, muitos deles em parceria com discentes dos programas PIBIC/PIC, BEXT, PIBID, PRP, monitoria, licenciandos(as) que orientei e sempre incentivei para imersão em produções científicas. (**Apêndice – Quadros 30 e 31**).

O resumo é um gênero acadêmico que precisa ser amplamente abordado nos cursos de graduação e de pós-graduação. Muitos(as) discentes têm dificuldades na escrita de resumos, talvez, pela falta de orientação sobre as características do gênero. Os letramentos acadêmicos precisam ser incentivados, continuamente, para que os(as) discentes consigam desenvolver autonomia e protagonismo na escrita acadêmica. Tenho prazer de orientar a escrita de resumos científicos em processos de orientação na Iniciação Científica, a fim de apoiar os(as) estudantes para submissão de trabalhos em eventos científicos.

Destaco que o meu primeiro trabalho científico publicado foi um resumo simples, intitulado *A hesitação entre o sujeito e o verbo na construção textual da fala*, apresentado no II CONIC- Congresso de Iniciação Científica - UFPE, no ano de 1994, quando eu ainda estava realizando o PIBIC. Então, amigo(a) leitor(a), claro que eu não poderia deixar de lado as narrativas sobre os resumos publicados em eventos, não é mesmo? A escrita de resumos foi uma atividade acadêmica importante em meus percursos formativos, por isso, tento orientar os(as) discentes a tais produções acadêmicas para divulgar suas pesquisas em eventos científicos.

### 5.1.7 Publicação de materiais didáticos: a professora autora no contexto da EAD

*Da calma e do silêncio*

*Conceição Evaristo*

Quando eu morder  
a palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.

As redes temáticas sobre materiais didáticos e produção de conteúdos para cursos EAD acompanharam as minhas travessias na docência e na pesquisa. Quando a UFRPE iniciou suas ações com oferta de cursos EAD, em 2006, já eram intensas as preocupações com a produção de materiais didáticos para dinamizar processos de ensino e aprendizagem mediados pelas tecnologias digitais.

Em 2008, quando ingressei na UFRPE, os cursos de graduação estavam praticamente iniciando suas ações, tais como: Licenciatura em Computação e Bacharelado em Sistemas de Informação. A Licenciatura em Física EAD foi pioneira e, em 2006, já havia iniciado o processo de elaboração de materiais didáticos e outros recursos educacionais, como videoaulas, animações, radionovelas, roteiros de estudos, tirinhas, Histórias em Quadrinhos – HQ, *quizzes*, *webquests*, e outros exemplos. O Curso de Licenciatura em Física tornou-se referência na EAD/UFRPE, em termos de produção de materiais didáticos, desenhos didático-pedagógicos, modelos de formação inicial docente. O referido curso formou muitos(as) discentes EAD e propiciou o ingresso de diversos(as) estudantes em programas de pós-graduação dentro e fora da UFRPE.

Nesse período, no cenário brasileiro do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2010), houve um incremento importante de recursos financeiros para a expansão dos projetos EAD nas universidades públicas. O Programa UAB recebeu grande volume orçamentário para consolidar as ações da EAD na UFRPE, desde a produção de materiais didáticos, recursos educacionais até a seleção de colaboradores(as), professores(as), tutores(as), elaboradores(as) de conteúdos, equipe multidisciplinar. A equipe de professores(as) e servidores(as) técnicos(as) efetivos(as), com lotação na EAD, era muito reduzida naquele período inicial de implantação de cursos na modalidade a distância pela UFRPE.

Como já comentei, a Educação a Distância iniciou, na UFRPE, no formato de Núcleo EAD, coordenado pela professora Marizete Silva Santos. Havia, no organograma do Núcleo EAD, a Coordenação de Materiais Didáticos que atuava na gestão dos trabalhos e da equipe de produção. Sempre senti falta de uma Coordenação Pedagógica Geral e um designer instrucional - DI, ou melhor, um designer pedagógico ou designer de aprendizagens, para atuação em projetos específicos de produção de materiais didáticos, no sentido de (re)pensar desenhos didático-pedagógicos específicos e trilhas de aprendizagens para cada curso, em função das demandas oriundas dos perfis dos(as) discentes.

A UFRPE iniciou seus trabalhos na produção de recursos e materiais educacionais com

uma abordagem mais tecnológica do que pedagógica, o que se refletiu na composição de sua produção para os cursos EAD. Os materiais eram produzidos para todos os cursos, sem um olhar sobre as especificidades de cada área do conhecimento. Como professora autora, na época, sentia a dificuldade, por exemplo, de produzir material didático que seria utilizado em todas as licenciaturas EAD. Esse processo ocorreu justamente pelo fato de não termos uma Coordenação Pedagógica geral com olhar para processos de ensino e aprendizagem mediados pelas tecnologias digitais.

Muitas instituições trabalham com designer de aprendizagens, profissional com formação diferenciada e multidisciplinar, capaz de articular conhecimentos nas áreas de Psicologia, Pedagogia, Educação e tecnologias aplicadas. A UFRPE não conseguiu ampliar recursos humanos para seu quadro efetivo de pessoal para atuação na produção de materiais didáticos para EAD, visto que contava com a participação de colaboradores(as) bolsistas pelo Programa UAB. Neste cenário, os materiais didáticos eram produzidos de modo padronizado para todos os cursos, o que gerou certos desafios nas mediações didático-pedagógicas que eram realizadas nos ambientes virtuais de aprendizagem. Não houve, após esse processo inicial, revisão contínua dos materiais produzidos, nem em termos de linguagem ou no processo do desenho didático proposto. Neste contexto desafiador escrevi diversos materiais didáticos para cursos EAD da UFRPE. O tempo de produção era muito curto e a pressão enorme, pois as disciplinas iniciavam enquanto os materiais ainda estavam sendo finalizados. Destaco, ainda, que nas entradas iniciais das primeiras turmas EAD, os materiais didáticos eram elaborados com base no perfil dos(as) discentes da graduação.

Os cursos de primeira licenciatura EAD contavam com turmas formadas por professores(as) que buscavam, por meio do Plano Nacional de Formação Docente – PARFOR, uma formação de qualidade em universidade pública. O perfil dos(as) professores(as) indicava um público já maduro, entre 30 a 55 anos, em sua maioria, com muitas dificuldades de letramentos acadêmicos e digitais. A seleção dos(as) graduandos(as) EAD das primeiras turmas das licenciaturas da UFRPE era efetivada por meio da Plataforma Freire, com cadastro pela Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco.

Publiquei **64** materiais didáticos elaborados para cursos EAD de graduação da UFRPE e da UPE (**Apêndice – Quadro 32**). Desse total, elaborei **9** obras em quadrinhos - HQ para a Licenciatura em Letras EAD/UFRPE e **1** HQ para divulgar a CPA/UFRPE no período em que atuei na Comissão. Produzi, ainda, **45** obras didáticas de diversas disciplinas, tais como: *Estágio Supervisionado, Análise e Interpretação de Textos, Educação a Distância, Práticas de Leitura e Produção de Textos*. Destaco, também, **2** guias didáticos elaborados para orientações de docentes e discentes no PLE – Período Letivo Excepcional, contexto da pandemia de Covid-19, em 2020, bem como **7** materiais didáticos para o programa de formação continuada de professores(as) para EAD, no qual atuei, em 2010, como coordenadora, professora mediadora no AVA e autora de conteúdos pedagógicos. O **Quadro 38**, a seguir, apresenta a relação de materiais didáticos publicados pelas instituições UFRPE e UPE, quando atuei como professora autora.



Quadro 38: Materiais didáticos publicados

Nº	Ano	Publicação de materiais didáticos para EAD	Instituição
01	2020	OLIVEIRA, M. S. L.; DANTAS, D. M. M.; LEMOS, A. C. M.; ALMEIDA, A. C. S.; BEZERRA, E. L. S.; SILVA, F. B. M.; ALVES, M. S. V.; ALBUQUERQUE JUNIOR, G. A.; REGINO, F. A.; SILVA, I. M. M.; FERREIRA JUNIOR, J. T.; AMORIM, M. C. M.; CHAGAS, M. G. S.; CAVALCANTI, M. P.; LINDOSO, R. C. B. <b>Diálogos com docentes sobre ensino remoto e planejamento didático</b> , 2020. (Material didático elaborado para formação docente no período de ensino remoto na UFRPE em virtude da pandemia de Covid-19).	UFRPE
02	2020	OLIVEIRA, M. S. L.; DANTAS, D. M. M.; SILVA, I. M. M.; AMORIM, M. C. M.; LEMOS, A. C. M.; BEZERRA, E. L. S.; SILVA, F. B. M.; ALVES, M. S. V.; ALBUQUERQUE JUNIOR, G. A.; REGINO, F. A.; FERREIRA JUNIOR, J. T.; CHAGAS, M. G. S.; CAVALCANTI, M. P.; LINDOSO, R. C. B. <b>Conversa com discentes da UFRPE sobre organização dos estudos e práticas de autocuidado</b> , 2020. (Material didático elaborado para formação discente no período de ensino remoto na UFRPE em virtude da pandemia de Covid-19).	UFRPE
03	2016	LOPES, I. E. S. A. R.; SILVA, I. M. M. <b>Desperta autor: produzindo material didático impresso para EAD</b> , Recife: UFRPE, 2016. (Material didático para formação de professores autores para EAD).	UFRPE
04	2016	SILVA, I. M. M.; NANES, G. <b>O que é CPA?</b> , Recife: UFRPE, 2016. (História em Quadrinhos – HQ : Material didático de orientação sobre CPA- Comissão Própria de Avaliação da UFRPE).	UFRPE
05	2015	SILVA, I. M. M. <b>Bibi@letras: biblioteca virtual do Curso de Letras/EAD/UFRPE</b> , Recife: UFRPE, 2015. (História em Quadrinhos – HQ : Coleção quadrinhos para EAD – Material didático elaborado para o Curso de Letras EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
06	2015	SILVA, I. M. M.; SANTOS, M. S. <b>Conversando sobre avaliação na EAD</b> , Recife: UFRPE, 2015. (História em Quadrinhos – HQ : Coleção quadrinhos para EAD – Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
07	2015	SILVA, I. M. M.; SANTOS, M. S. <b>Descobrimo a autonomia do estudante na EAD</b> , Recife: UFRPE, 2015. (História em Quadrinhos – HQ : Coleção quadrinhos para EAD – Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
08	2015	SILVA, I. M. M. <b>Extensão em Letras</b> , Recife: UFRPE, 2015. Coleção quadrinhos para EAD. (História em Quadrinhos – HQ : Coleção quadrinhos para EAD – Material didático elaborado para o Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
09	2015	SILVA, I. M. M. <b>TCC: o que é isso?</b> Recife: UFRPE, 2015. Coleção quadrinhos para EAD. (História em Quadrinhos – HQ : Coleção quadrinhos para EAD – Material didático elaborado para o Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
10	2014	SILVA, I. M. M. <b>Orientações para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Letras a Distância</b> . Recife: UFRPE, 2014. Volume 1. (Material didático elaborado para o Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
11	2010	SILVA, I. M. M.; SILVA, R. N.; ARDILES, R. N. <b>Pressupostos e dimensões da didática na educação a distância</b> . UFRPE, Recife, 2010 – Unidade 1 (Material didático para Programa de formação continuada de professores para educação a distância).	UFRPE
12	2010	SILVA, I. M. M.; SILVA, R. N.; ARDILES, R. N. <b>Pressupostos e dimensões da didática na educação a distância</b> . UFRPE, Recife, 2010 - Unidade 2 (Material didático para Programa de formação continuada de professores para educação a distância).	UFRPE
13	2010	FERREIRA, R. B. A. S.; SILVA, I. M. M. <b>Introdução à Educação a</b>	UFRPE

		<b>Distância</b> , Recife: UFRPE, 2010. Unidade 1 (Material didático para Programa de formação continuada de professores para educação a distância).	
14	2010	FERREIRA, R. B. A. S.; SILVA, I. M. M. <b>Introdução à Educação a Distância</b> , Recife: UFRPE, 2010. Unidade 2 (Material didático para Programa de formação continuada de professores para educação a distância).	UFRPE
15	2010	FERREIRA, R. B. A. S.; SILVA, I. M. M. <b>Introdução à Educação a Distância</b> , Recife: UFRPE, 2010. Unidade 3 (Material didático para Programa de formação continuada de professores para educação a distância).	UFRPE
16	2010	FERREIRA, R. B. A. S.; SILVA, I. M. M. <b>Introdução à Educação a Distância</b> , Recife: UFRPE, 2010. Unidade 4 (Material didático para Programa de formação continuada de professores para educação a distância).	UFRPE
17	2010	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Conversando sobre Estágio Curricular Supervisionado I</b> . Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
18	2009	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular Supervisionado I - Volume 1</b> , Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
19	2009	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular Supervisionado I - Volume 2</b> , Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
20	2009	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular Supervisionado I - Volume 3</b> , Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
21	2009	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular Supervisionado II - Volume 1</b> , Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
22	2009	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular Supervisionado II - Volume 2</b> , Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
23	2009	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular Supervisionado II - Volume 3</b> , Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
24	2010	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Conversando sobre Estágio Curricular Supervisionado II</b> . Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
25	2010	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular Supervisionado III - Volume 1</b> , Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
26	2010	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular Supervisionado III - Volume 2</b> , Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
27	2010	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular Supervisionado III - Volume 3</b> , Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
28	2013	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular Supervisionado IV - Volume 1</b> , Recife: UFRPE, 2013. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
29	2013	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular</b>	UFRPE

		<b>Supervisionado IV</b> - Volume 2, Recife: UFRPE, 2013. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	
30	2013	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio Curricular Supervisionado IV</b> - Volume 3, Recife: UFRPE, 2013. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
31	2013	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA <b>Conversando sobre Estágio Curricular Supervisionado IV</b> . Recife: UFRPE, 2013. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
32	2009	SILVA, I. M. M.; SOARES, M. L.; NASCIMENTO, R. <b>Estrutura e Funcionamento da Educação</b> - Volume 1, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
33	2009	SILVA, I. M. M.; SOARES, M. L.; NASCIMENTO, R. <b>Estrutura e Funcionamento da Educação</b> - Volume 2, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
34	2010	SILVA, I. M. M.; SOARES, M. L.; NASCIMENTO, R. <b>Estrutura e Funcionamento da Educação</b> - Volume 3, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
35	2010	SILVA, I. M. M.; SOARES, M. L.; NASCIMENTO, R. <b>Estrutura e Funcionamento da Educação</b> - Volume 4, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
36	2009	SILVA, I. M. M. <b>Interpretação de Textos</b> - Volume 1, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
37	2009	SILVA, I. M. M. <b>Interpretação de Textos</b> - Volume 2, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
38	2009	SILVA, I. M. M. <b>Interpretação de Textos</b> - Volume 3, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
39	2009	TEDESCO, P.; SILVA, I. M. M.; SANTOS, M. S. <b>Tecnologia Aplicada à Educação a Distância</b> - Volume 1, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
40	2009	TEDESCO, P.; SILVA, I. M. M.; SANTOS, M. S. <b>Tecnologia Aplicada à Educação a Distância</b> - Volume 2, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
41	2009	TEDESCO, P.; SILVA, I. M. M.; SANTOS, M. S. <b>Tecnologia Aplicada à Educação a Distância</b> - Volume 3, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
42	2010	TEDESCO, P.; SILVA, I. M. M.; SANTOS, M. S. <b>Tecnologia Aplicada à Educação a Distância</b> - Volume 4, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE-UAEADTec).	UFRPE
43	2009	SILVA, I. M. M.; NASCIMENTO, R. <b>Didática</b> - Volume 1, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
44	2009	SILVA, I. M. M.; NASCIMENTO, R. <b>Didática</b> - Volume 2, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE

45	2009	SILVA, I. M. M.; NASCIMENTO, R. <b>Didática</b> - Volume 3, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
46	2009	SILVA, I. M. M.; NASCIMENTO, R. <b>Didática</b> - Volume 4, Recife: UFRPE, 2009. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
47	2010	SILVA, I. M. M.; <b>Práticas de leitura e produção textual</b> . Volume 1, Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
48	2010	SILVA, I. M. M.; <b>Práticas de leitura e produção textual</b> . Volume 2, Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
49	2010	SILVA, I. M. M.; <b>Práticas de leitura e produção textual</b> . Volume 3, Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
50	2010	SILVA, I. M. M. <b>Análise e Interpretação de Textos</b> - Volume 1, Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
51	2010	SILVA, I. M. M. <b>Análise e Interpretação de Textos</b> - Volume 2, Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
52	2010	SILVA, I. M. M. <b>Análise e Interpretação de Textos</b> - Volume 3, Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
53	2010	SANTOS, M. S.; SILVA, I. M. M.; SIQUEIRA. <b>Estágio curricular supervisionado na EAD</b> . Recife: UFRPE, 2010. (História em Quadrinhos – HQ : Coleção quadrinhos para EAD – Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
54	2010	SILVA, I. M. M.; SANTOS, M. <b>Quem é quem na EAD?</b> Recife: UFRPE, 2010. (História em Quadrinhos – HQ : Coleção quadrinhos para EAD – Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
55	2010	SILVA, I. M. M.; SANTOS, M. S. <b>Entrando no mundo da EAD</b> . Recife: UFRPE, 2010. (História em Quadrinhos – HQ : Coleção quadrinhos para EAD – Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
56	2010	SILVA, I. M. M.; DINIZ, J.; SANTOS, M. S. <b>Materiais didáticos para educação a distância (EAD): orientações para elaboração</b> . Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
57	2010	TEDESCO, P.; SILVA, I. M. M.; SANTOS, M. S. <b>Educação a Distância</b> . Recife: UFRPE, 2010. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
58	2008	SILVA, I. M. M. <b>Didática do Ensino Fundamental e Médio</b> - Fascículo 1, Recife: UFRPE, 2008. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
59	2008	SILVA, I. M. M. <b>Didática do Ensino Fundamental e Médio</b> - Fascículo 2, Recife: UFRPE, 2008. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
60	2008	SILVA, I. M. M. <b>Didática do Ensino Fundamental e Médio</b> - Fascículo 3, Recife: UFRPE, 2008. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
61	2008	SILVA, I. M. M. <b>Prática de leitura e produção textual</b> - volume 1, Recife: UFRPE, 2007. (Material didático elaborado para Cursos de Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	UFRPE
62	2008	SILVA, I. M. M. <b>Práticas de leitura e produção textual</b> – volume 2, Recife: UFRPE, 2007. (Material didático elaborado para Cursos de	UFRPE



		Graduação EAD/UFRPE- UAEADTec).	
63	2008	SILVA, I. M. M. <b>Português Instrumental</b> - Módulo 1, Recife: UPE, 2008. (Material didático para Curso Médio EAD – Universidade de Pernambuco)	UPE
64	2008	SILVA, I. M. M. <b>Português Instrumental</b> - Módulo 2, Recife: UPE, 2008. (Material didático para Curso Médio EAD – Universidade de Pernambuco)	UPE

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

As obras didáticas foram produzidas para apoiar processos de ensino e aprendizagem nos cursos EAD, tendo em vista as características específicas da modalidade e a construção da autonomia discente no desenvolvimento de metodologias de estudo para EAD. Considerei, apenas, as obras didáticas nos formatos de livros e HQ, sem contar a produção de videoaulas, *podcasts*, *quizzes*, *webquests*, e outros recursos educacionais que uso nas aulas EAD para dinamizar os ambientes virtuais de aprendizagem.

Quanto à produção de materiais didáticos para EAD, destaco a organização da coleção de Histórias em Quadrinhos - HQ, com foco em eixos temáticos importantes, como, por exemplo, autonomia discente, avaliação da aprendizagem, Trabalho de Conclusão de Curso, extensão, Estágio Supervisionado Obrigatório, além de outros. Tive a oportunidade de escrever algumas HQ e aprendi essa experiência de abordar os conteúdos de forma lúdica.

**Figura 108:** Coleção Histórias em Quadrinhos – HQ EAD



Fonte: Elaboração da autora, com base no acervo de materiais didáticos da UAEADTec.

Confesso, amigo(a) leitor(a), que gosto muito de escrever materiais didáticos para EAD e, depois, ouvir os(as) discentes comentando que tais obras apoiaram suas aprendizagens em um cenário tão desafiador para quem estuda na modalidade EAD no Brasil. Muitas vezes, diversos estudantes ainda revelam as dificuldades de acesso à internet ou aos dispositivos tecnológicos tão importantes nas mediações pedagógicas em EAD. O celular parece ser um recurso muito usado por tais estudantes para acessar o AVA e realizar as atividades no campo da EAD. Agora, leitor(a), imagine o(a) discente acessando o celular e tendo que ler as



obras indicadas para estudos, realizar as atividades propostas, interagir nos fóruns virtuais, participar de interações assíncronas e síncronas, acessar questionários virtuais, repositórios digitais, escrever *wikis*, produzir *webquests*, e tantas outras ações que o(a) discente EAD precisa realizar, tudo isso em uma “telinha” pequena de um celular. Imaginou? Pois é, não sei como os(as) estudantes conseguem.

Conseguí publicar alguns materiais didáticos no repositório do portal EduCAPES - <https://eduCAPES.CAPES.gov.br/>. Esse repositório divulga as produções de materiais didáticos e recursos educacionais produzidos no cenário do Programa UAB, tendo em vista as experiências das diversas universidades participantes do sistema UAB. Destaco as publicações de materiais didáticos sobre TCC, tais como a HQ – *TCC: o que é isso?* Essa HQ está disponível em: <https://eduCapes.Capes.gov.br/handle/Capes/206217>. Outro material publicado no EduCAPES envolve, também, a temática da produção do TCC na área de Letras EAD. Escrevi o material intitulado: *Orientações para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Letras a Distância*, disponível em: <https://eduCapes.Capes.gov.br/handle/Capes/206105>.

A divulgação da produção dos conteúdos didático-pedagógicos da UFRPE, com base nas experiências do Programa UAB, sempre foi muito tímida dentro e fora da Universidade. A UAEADTec vem buscando organizar repositório digital com a produção didático-pedagógica dos cursos EAD. Este processo está em tramitação, na UFRPE, pois há carência de profissionais na área de tecnologia para apoiar tais ações. Uma ação importante da UFRPE é a organização do Repositório Institucional <sup>41</sup>. A UAEADTec conta com espaço para divulgação da produção didática, científica e acadêmica, conforme *link*: <https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/2876>.

Quando participei de alguns eventos específicos de EAD, divulguei as experiências de ensino, pesquisa, extensão, bem como compartilhei as vivências como professora autora de materiais didáticos para EAD. Sempre tive uma recepção positiva nos eventos, como *CIAED-Congresso Internacional da ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância* e *ESUD – Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância*, ao socializar as experiências da UAB/UFRPE em sessões temáticas ou simpósios, nos quais apresentei as comunicações.

Em síntese, a participação em eventos científicos revelou-se como grande oportunidade para compartilhamentos de pesquisas nas áreas de linguagem, literatura e educação. Essa participação foi bem intensa e contou com o apoio de orientandos(as) em autorias compartilhadas. Sobre esse panorama quantitativo de produções científicas em eventos, o mesmo não posso dizer da publicação de artigos em jornais de notícias, como apresento na próxima seção.

---

<sup>41</sup> De acordo com as informações disponíveis no *site* do Repositório da UFRPE, *link* <https://repository.ufrpe.br/static/apresentacao> : “O Repositório Institucional da UFRPE (RI UFRPE) é uma base de dados *on-line* que promove o armazenamento, a preservação, a organização e a disseminação da produção intelectual da nossa comunidade acadêmica buscando contribuir com a democratização do acesso ao conhecimento. O RI UFRPE é regido pela Resolução nº 086/2021 CONSU - UFRPE e contempla acervos científicos de várias áreas do conhecimento, produções culturais e coleções que resgatam a memória da Instituição em sua trajetória centenária. Os conteúdos disponibilizados no RI UFRPE são de acesso aberto à sociedade, de abrangência nacional e internacional” (UFRPE, 2024).

### 5.1.8 Publicações de artigos em jornal de notícias e magazines

Tive algumas tímidas experiências com a escrita para jornais de grande circulação e magazines. De 1998 a 2005, publiquei apenas 7 trabalhos, sendo 2 entrevistas, 1 editorial e 4 artigos de opinião (**Apêndice – Quadro 33**). Gostaria de ter me aventurado mais nesse tipo de produção escrita. Sem dúvida, é importante compartilhar ideias e pesquisas com o público mais amplo que acessa os jornais. Com a inserção das tecnologias digitais em nossas rotinas diárias, a produção de *blogs* e outros canais de divulgação, como, por exemplo, as redes sociais tornaram-se ferramentas importantes no compartilhamento de informações sobre a produção científica. No entanto, nunca consegui me dedicar à escrita nesses meios, talvez pela falta de tempo diante de tantas atividades acadêmicas vivenciadas.

Das produções indicadas, destaco a entrevista ao *Jornal Folha de Pernambuco*, “*Português se adapta aos tecnoterms*”, publicada em 2004. Neste período, circulavam muitas reflexões sobre as influências das tecnologias na produção escrita em função da linguagem utilizada na internet. Havia preocupação dos(as) professores(as) sobre os impactos na comunicação escrita dos(as) discentes em função do “internetês”, do uso de *emoticons*, dos neologismos que surgiam em virtude de empréstimos linguísticos e das inovações no campo das práticas de linguagem. Nesse contexto, eu ministrava aulas de Língua Portuguesa, na FIR, e abordava muitas dessas questões em sala de aula. Na entrevista, destaquei a necessidade de respeitarmos a evolução natural das línguas, no sentido de valorizarmos a adequação dos usos de práticas de linguagens aos contextos sociais, considerando a diversidade de cenários de comunicação e a multiplicidade de eventos de letramentos.

Figura 109: Entrevista à *Folha de Pernambuco* - ano 2004.

Alexandro Auler

**NEOLOGISMO**

## Português se adapta aos “tecnoterms”

Amanda Lira  
amanda@folhape.com.br

Para Ivanda, mudanças mostram a evolução da língua

Como a tecnologia avança rapidamente, nem sempre a língua tem termos para nomear os novos conjuntos e conceitos. Para suprir essas carências, lexicais as pessoas que se comunicam criam novas palavras, os chamados neologismos, nesse contexto também chamados de tecnoterms.

Boa parte das criações neológicas da informática consiste em importações de termos de outros idiomas, como são os casos das palavras link, plug, mouse, site e-mail, que vieram do inglês. Outras baseiam-se em termos estrangeiros, que são adaptados ao português, como acontece com as palavras formatar, plugar, zipar, lincar, deletar e escanear, verbos formados a partir de palavras inglesas. Além das contrações, onomatopéias e transcrições tal como pq, naum, vc, pow, ixex, pq, entre outras.

De acordo com a professora de Comunicação e Expressão do curso de Tecnologia da Informação, da Faculdade Inter-

grada do Recife, Ivanda Martins o surgimento de novas palavras é um processo natural de evolução da língua. “Os neologismos surgem da combinação de línguas e da necessidade de nomear coisas novas. O ruim é quando as pessoas passam a utilizar contrações em textos formais”, avalia.

A professora afirma que este tipo de comunicação pode indicar um certo preconceito linguístico. “Trata-se de um novo código que, de certa forma, tende a excluir as pessoas que não fazem parte do meio tecnológico. Ou seja, quem não estiver inserido neste contexto, não conseguirá entender ou se comunicar com as outras pessoas do meio”, ressaltou ela.

Para o estudante de Ciência da Computação da Universidade Católica de Pernambuco, Albergio Tavares, esta forma de comunicação é útil por possibilitar maior agilidade na comunicação. “Para quem está inserido neste contexto, os neologismos são bastante úteis pela rapidez com que podemos nos comunicar, mas é preciso ter cuidado com isso”, alerta.

**Lançamentos**

### The Sims 2

Um dos games mais populares do planeta, o The Sims, já tem data marcada para ganhar nova versão. No próximo dia 17, chega às prateleiras das lojas o The Sims 2. Entre as novidades anunciadas estão o envelhecimento dos personagens, que agora nascem, crescem e morrem, além da mistura de DNA entre as gerações e sims com aspirações próprias. Livraria Saraiva, Americanas.com, Submarino.com.br e Blockbuster já estão fazendo a pré-venda do jogo por R\$ 99,00.

**PECADO É NÃO APROVEITAR**

Monitor LCD 15" Samsung  
I+ 24 de R\$ 78,00  
Duron 1,4ghz

Fonte: Folha de Pernambuco – ano 2004.

Outra produção foi publicada no *Jornal do Commercio*, em 1998, momento em que eu estudava a produção literária de Gilvan Lemos. O artigo de opinião, intitulado *Romance de Gilvan Lemos desnuda consciência* trouxe reflexões sobre o romance *Morcego Cego*, de Gilvan Lemos. Neste artigo, faço imersão nesta obra literária e realizo uma crítica aos rótulos sobre a obra de Lemos, como, por exemplo, as tentativas de classificações nos campos do (neo)regionalismo.

Figura 110: Artigo de opinião sobre o romance *Morcego Cego*, de Gilvan Lemos



Fonte: Jornal do Commercio. Recife, p.7, 1998.

Outra entrevista foi publicada no *Jornal Voz do Planalto*, de Carpina, na Edição nº 128, em agosto de 2010. Neste ano, o Curso de Licenciatura em Letras EAD - UFRPE estava iniciando as atividades com as primeiras turmas de discentes nos polos Carpina e Pesqueira. As atividades acadêmicas iniciaram em março de 2010 e, em setembro, organizei o *LLEDUC- Encontro Interdisciplinar de Língua, Literatura e Educação*, com a participação de docentes, tutores(as), discentes, coordenações de polos e professores(as) da Educação Básica. A entrevista serviu para divulgar o evento e difundir reflexões sobre a EAD em processos de formação docente.

Minhas reflexões e pesquisas sobre tecnologias dialogaram, também, com a área de Turismo, quando eu ministrava aulas na FIR. Desse modo, publiquei, ainda, dois artigos de opinião no *Jornal do Commercio*, com foco nas conexões entre turismo, educação e tecnologias. Além dessas publicações, investi em produções técnicas, como descrevo na próxima seção.

### 5.1.9 Produções técnicas: é tanta produção, onde inserir no *Lattes*?

Na organização do Currículo *Lattes*, a produção técnica sempre foi um coringa. Você faz alguma ação e não sabe exatamente onde inserir no *Lattes*, então, lá vem a produção técnica. Aqui, não ousei inserir um quadro com toda minha produção técnica. Também, essa produção técnica já está sendo descrita aos poucos neste Memorial, seja na elaboração de materiais didáticos para EAD, seja na participação como avaliadora *ad hoc* em periódicos, considerando a escrita de pareceres de avaliação de artigos. Então, amigo(a) leitor(a), se ficou curioso pela lista completa desta produção técnica, pode acessar o **Apêndice – Quadro 45 (Trabalhos técnicos)** deste Memorial com o detalhamento da minha produção técnica. No período de 2006 a 2024, meus registros de produção técnica totalizaram **119** trabalhos, considerando: elaboração de parecer para periódicos, avaliação de trabalhos em eventos, escrita de prefácios e apresentações de obras, elaboração de itens de avaliação em exames, editoração de periódico e outras atividades.

### 5.1.10 Participação em Grupos de Pesquisa do CNPq

Minha participação em grupos de pesquisa foi tímida. Participei inicialmente do Grupo de Pesquisa *Educação a Distância - Tecnologias e Metodologias (EADTEC)*, sob coordenação da professora Dra. Sônia Virgínia Alves França da UAEADTec e do professor Dr. Rodrigo Nonamor Pereira Mariano de Souza, da sede da UFRPE. Este Grupo de Pesquisa reuniu docentes, discentes e servidores(as) técnicos(as) da UAEADTec, como forma de promover conexões e articulações entre as pesquisas desenvolvidas. Posteriormente, participei do Grupo de Pesquisa *Mídias Digitais e Mediações Interculturais*, coordenado pelas professoras da UFPE, profa. Dra. Ana Beatriz Gomes Pimenta de Carvalho e profa. Dra. Thelma Panerai Alves, pesquisadoras do Centro de Educação da UFPE.

Em 2022, com a consolidação das ações do GT do Projeto de Extensão LABFOR, decidi integrar ainda mais ensino, pesquisa e extensão, por meio da Coordenação do Grupo de Pesquisa *LABFOR: Laboratório de Formação Docente - Linguagem, Educação e Tecnologias*. Este grupo reúne os(as) docentes, discentes e pesquisadores dos cursos de Letras e Pedagogia da UAEADTec, bem como egressos(as) da graduação EAD e discentes da pós-graduação do PPGTEG e do PROGEL.

**Quadro 39:** Relação de Grupos de Pesquisa - CNPq

Grupo de Pesquisa	Instituição	Função
Mídias Digitais e Mediações Interculturais	UFPE	Pesquisadora
Educação a Distância - Tecnologias e Metodologias (EADTEC)	UFRPE	Pesquisadora
LABFOR: Laboratório de Formação Docente - Linguagem, Educação e Tecnologias	UFRPE	Líder Pesquisadora

Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa- CNPq.

Nos Grupos de Pesquisa citados, desenvolvi ações nas seguintes linhas de pesquisas, conforme o **Quadro 40**.



**Quadro 40:** Linhas de pesquisa cadastradas nos Grupos de Pesquisa- CNPq

Linha de pesquisa	Nome do grupo
Formação Docente e Inovação Pedagógica na Educação a Distância	LABFOR: Laboratório de Formação Docente - Linguagem, Educação e Tecnologias
Literatura, Ensino e Formação Docente na Cultura Digital	LABFOR: Laboratório de Formação Docente - Linguagem, Educação e Tecnologias
Gestão e Produção de Conteúdos para EAD	Educação a Distância - Tecnologias e Metodologias (EADTEC)
Mídias Digitais na Educação	Mídias Digitais e Mediações Interculturais

Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa- CNPq

As linhas de pesquisas apontam para minhas travessias nas áreas de Letras e Educação, sempre considerando as articulações entre formação docente, linguagem, literatura, ensino e tecnologias.

### 5.1.11 Coordenação e participação em projetos de pesquisa: existe pesquisa em Letras? *Oxente, claro que sim!*

A pesquisa sempre esteve presente em minhas travessias. Desde o cenário da docência na Educação Superior privada busquei coordenar projetos de pesquisa e envolver discentes da graduação. Quando ingressei na Universidade pública, a pesquisa consolidou-se como grande pilar em minha trajetória e, desde então, busco apoiar discentes da graduação em programas, como PIBIC e PIC, além de estimular a pesquisa para discentes da pós-graduação. O **Quadro 41** apresenta os projetos de pesquisa que coordenei no período de 2003 a 2024, são **19** anos dedicados ao incentivo à pesquisa científica, sobretudo apoiando discentes de graduação em programas PIBIC, seja como bolsistas ou voluntários(as). Nesse período dedicado à pesquisa, tive a oportunidade de trabalhar na orientação de **33** discentes envolvidos(as) nos projetos que coordenei (**Apêndice – Quadro 13**). Destaco, no **Quadro 41** os projetos de pesquisa sob minha coordenação na UFRPE.

**Quadro 41:** Coordenação de Projetos de Pesquisa - UFRPE

Nº	Período	Título do projeto de pesquisa
01	2023 a 2027 em andamento	Formação docente na/para Educação a Distância na cibercultura: interfaces com práticas de linguagens e letramentos digitais
02	2023 a 2027 em andamento	Linguagem, literatura e educação na cultura digital: conexões interdisciplinares e proposições didático-pedagógicas inovadoras no campo artístico-literário para formação de leitores e práticas dialógicas de letramentos literários
03	2021 a 2023	Literatura, educação e inovação pedagógica na cultura digital: interfaces com metodologias ativas para letramentos literários no Ensino Médio
04	2020 – 2021	Ensino de literatura em tempos de inovações tecnológicas: interfaces com Recursos Educacionais Abertos (REA)
05	2019-2020	Literatura, ensino e mídias digitais: conexões ilimitadas
06	2018-2019	Literatura no Ensino Médio: da escolarização às práticas de letramentos literários digitais no ciberespaço
07	2017-2018	Ensino de literatura em tempos de mídias digitais: concepções, letramentos e



		interação textos-leitores
08	2016-2017	Materiais didáticos para Educação a Distância: análise das concepções de estudantes sobre gêneros e práticas de linguagem
09	2016	Laboratório virtual de práticas de letramentos na Educação a Distância: interfaces com as ferramentas do Moodle
10	2015-2016	Materiais didáticos impressos para Educação a Distância: práticas de linguagens e letramentos

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo Lattes- CNPq.

Como discente da UFPE, tive a oportunidade de participar dos projetos a seguir indicados, um na área de Literatura, “*O conto produzido em Pernambuco*”, coordenado pela professora Dra. Amara Cristina Botelho, e outro projeto na área de Linguística, “*Continuidade e descontinuidade da fala na interação verbal face a face: o caso da hesitação*”, sob orientação do saudoso professor Dr. Luiz Antônio Marcuschi (**Apêndice - Quadro 13B**). Neste último projeto, atuei como bolsista PIBIC – CNPq, durante dois anos, e como bolsista de Aperfeiçoamento – CNPq, durante um ano, como já narrei.

**Quadro 42:** Participação em Projetos de Pesquisa - UFPE

Nº	Período	Título do Projeto	Coordenador do Projeto	Instituição	Tipo de participação
01	1992/1995	Continuidade e descontinuidade da fala na interação verbal face a face: o caso da hesitação	Judith Hoffnagel Luiz Antônio Marcuschi	UFPE	Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UFPE/CNPq Bolsista de Aperfeiçoamento
02	1993/1994	O conto produzido em Pernambuco	Amara Cristina Botelho	UFPE	Aluna voluntária- Iniciação Científica

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo Lattes- CNPq.

Após essa imersão nas atividades de pesquisa, agora é a vez de caminhar rumo às travessias da extensão dialógica. Pronto(a) para me acompanhar, amigo(a) leitor(a)?

## 5.2 TRAVESSIAS RUMO À EXTENSÃO DIALÓGICA

A ação de extensão se dá no domínio do humano e não do natural, o que equivale dizer que a extensão de seus conhecimentos e de suas técnicas se faz aos homens para que possam transformar melhor o mundo em que estão.

Paulo Freire

Assim como ocorreu em minhas travessias na pesquisa, o diálogo foi um grande companheiro em minhas andanças rumo à “extensão dialógica” (Freire, 1983), seguindo a abordagem de Paulo Freire. A extensão precisa ser compreendida sob este viés dialógico na troca de saberes (re)construídos nas múltiplas interações entre Universidade e Sociedade. Noto que, muitas vezes, a extensão é vítima, nos meios acadêmicos, de discursos autoritários que supervalorizam a posição de destaque para o eixo da pesquisa. Desse modo, parece que muitos(as) docentes preferem caminhar nas rotas da pesquisa científica, enquanto a extensão fica restrita a alguns que “se arriscam” nas atividades dialógicas entre a

Universidade e a Comunidade. Neste capítulo, tento reavaliar o meu papel como extensionista, buscando redimensionar um novo olhar para o campo da extensão universitária em minhas travessias acadêmicas.

### 5.2.1 Professora extensionista: o papel da extensão na minha vida acadêmica

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta.

Paulo Freire

Os princípios da integração entre ensino e pesquisa, teoria e prática, os quais embasam a concepção de extensão como função acadêmica da Universidade revelam um novo pensar sobre a postura de organização e intervenção na realidade social. A comunidade passa a ser participativa, crítica e construtora dos possíveis modos de organização e cidadania na interação dialógica com a Universidade. Nesse sentido, as minhas andanças pelas trilhas da extensão buscaram integrar o diálogo entre Universidade e Sociedade, compreendendo o verdadeiro papel da “extensão dialógica (Freire, 1983).

Desse modo, em minhas travessias, a concepção da extensão dialógica é norteadora de meus passos nas trilhas do *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Retomo as palavras de Freire (1983): “a ação de extensão se dá no domínio do humano e não do natural, o que equivale dizer que a extensão de seus conhecimentos e de suas técnicas se faz aos homens para que possam transformar melhor o mundo em que estão” (Freire, 1983, p. 11). A diversidade de saberes e o respeito às diferenças são eixos norteadores para práticas de extensão dialógica, percebendo-se o diálogo integrador entre conhecimentos acadêmicos e sociais (re)elaborados, continuamente, pelas universidades nas trocas com a sociedade.

Como comentei, a extensão parece ocupar, ainda, lugar tímido nos centros acadêmicos, quando comparamos, sobretudo, com o eixo da pesquisa. As próprias normativas institucionais, a exemplo dos baremas com pontuações para as atividades acadêmicas, destacam a valorização da produção científica no eixo da pesquisa. Pode ser que essa realidade mude com os processos de curricularização da extensão que as universidades estão planejando em função da legislação vigente. É preciso destacar que tais processos de curricularização da extensão consistem nas adaptações dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) para garantir um percentual mínimo na carga horária dos cursos para as atividades de extensão, em atendimento à Resolução nº 7/2018 em vigor do Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2018).

A Resolução do CNE nº 7/2018 apresenta as Diretrizes Nacionais para a Extensão na Educação Superior Brasileira e, também, a regulamentação sobre o disposto na Meta 12.7 do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014 – 2024. O PNE apresenta 20 metas para serem cumpridas pela educação brasileira durante sua vigência. Dentre tais metas, destaca-se a Meta 12, cujo objetivo é elevar a taxa bruta de matrículas na Educação Superior para 50%. Para alcançar a Meta 12, são descritas 21 estratégias, a exemplo da estratégia 12.7, a qual aponta que é preciso “assegurar, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social” (Brasil, 2014, *on-line*).

Confesso que ao reavaliar, agora, minhas andanças pela extensão e pela pesquisa, certamente, as atividades extensionistas foram mais tímidas em meus percursos acadêmicos. Caminhei mais nas trilhas da pesquisa, creio que em função de minha formação inicial, desde a graduação, como discente de Iniciação Científica na UFPE. A pesquisa foi um eixo forte em minhas travessias como discente e, posteriormente, como docente na Educação Superior.

Apesar de não ter desenvolvido inúmeros projetos de extensão, preciso destacar que a cada componente curricular ministrado eu buscava estabelecer conexões com os eixos de ensino, pesquisa e extensão. Nessa perspectiva, abordava a extensão em diálogo com as atividades de ensino, dentro da dinâmica dos componentes curriculares, com vistas à articulação entre teoria e prática na formação inicial docente em Letras. Pensando, agora, amigo(a) leitor(a), creio que, mesmo sem perceber, eu já trabalhava a extensão na perspectiva curricular, nos desenhos didáticos dos componentes curriculares ministrados na graduação. Desse modo, apresento algumas narrativas no campo da extensão, com destaque para projetos e ações extensionistas que desenvolvi, sobretudo, no cronotopo pandêmico.

### 5.2.2 Coordenação e participação em projetos de extensão

Na UFRPE, desenvolvi várias ações extensionistas. Destaco, neste momento, os projetos submetidos aos Editais BEXT, da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania – PROExC/UFRPE e Editais Sônus, ou seja, projetos cadastrados no SIGPROJ (**Apêndice - Quadro 42**). O **Quadro 43**, a seguir, apresenta a relação de projetos de Ensino e Extensão, os quais coordenei durante as minhas travessias acadêmicas.

**Quadro 43:** Coordenação de Projetos de Ensino e Extensão

Nº	Período	Coordenação	Título do Projeto de Extensão	Edital/ Chamada	Instituição
01	2022 2024	Coordenação de Projeto de Ensino	Ensino de língua portuguesa/literatura e inovações pedagógicas: interfaces com práticas de linguagens, letramentos e metodologias ativas no cenário da cultura digital.	CAPES Edital 2022/2024	UFRPE
02	2021 2022	Coordenação de Projeto de Extensão	MULTILAB- Laboratório multidisciplinar de formação docente, metodologias ativas e tecnologias digitais: em busca de práticas dialógicas para vivências cidadãs	Edital BEXT2021 UFRPE	UFRPE
03	2020 2020	Coordenação de Projeto de Extensão	LABFOR- Laboratório de formação docente - educação literária e inovações pedagógicas na formação de leitores críticos para cidadania e inclusão social	Edital BEXT2020 UFRPE	UFRPE

<b>04</b>	2021 2021	Coordenação de Projeto de Extensão	LINFOR - Linguagem e Formação docente na EAD.	Edital Sônus 2021/ UFRPE	UFRPE
<b>05</b>	2019 2019	Coordenação de Projeto de Extensão	SEPE: Seminários de pesquisa em Letras e TCC	Edital Sônus 2019/ UFRPE	UFRPE
<b>06</b>	2019 2020	Coordenação de Projeto de Extensão	LAPMEL- Laboratório de pesquisas, metodologias ativas e inovações pedagógicas para educação literária	Edital Sônus 2019 /UFRPE	UFRPE
<b>07</b>	2011 2012	Orientação de Projeto de Ensino	Letramento digital de alunos do ensino médio: leitura e escrita nas redes sociais do ciberespaço.	PIBID/ UFRPE	UFRPE
<b>08</b>	2010 2011	Orientação de Projeto de Ensino	A utilização de tecnologias de informação e comunicação como ferramentas educacionais: desafios e perspectivas para inclusão digital no Ensino Médio.	PIBID/ UFRPE	UFRPE
<b>09</b>	2010 2011	Orientação de Projeto de Ensino	Tecnologias de tecnologias de informação e comunicação na escola	PIBID/ UFRPE	UFRPE
<b>10</b>	2011 2012	Orientação de Projeto de Ensino	Leitura, literatura e mídias na formação do leitor crítico: dos textos impressos às telas dos computadores	PIBID/ UFRPE	UFRPE
<b>11</b>	2006	Coordenação de Projeto de Extensão	SIMPOEDUC: I Simpósio de Tecnologia, Ciência e Educação	Edital CNPq 3/2005- ARC	FIR

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq

Na FIR, como comentei anteriormente, atuei na Coordenação do Projeto de Extensão *SIMPOEDUC: I Simpósio de Tecnologia, Ciência e Educação*, aprovado no Edital CNPq 3/2005- ARC. Na UFRPE, coordenei **1** Projeto de Ensino da Residência Pedagógica - PRP/CAPES (2022 a 2024), participei como orientadora voluntária em **4** Projetos de Ensino do Programa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES (2010 a 2012). Além desses projetos de ensino, atuei como coordenadora de Projetos de Extensão aprovados nos Editais BEXT<sup>42</sup> da PROExC/UFRPE, como, por exemplo: Projeto de Extensão LABFOR (2020) e Programa de Extensão MULTILAB (2021 a 2022). Nesses Projetos BEXT, os(as) discentes da Licenciatura em Letras EAD/UFRPE foram aprovados(as) para participação como bolsistas de extensão. Também coordenei **3** Projetos de Extensão (SEPE, LABMEL, LINFOR) submetidos a Editais Sônus/UFRPE, sem financiamento ou bolsa de extensão para monitores(as). Em síntese, participei como coordenadora de **4** Projetos de Extensão e **1** Programa de Extensão, além de **5** Projetos de Ensino.

Na UFRPE, continuei as minhas travessias nas trilhas da extensão dialógica, tendo em vista a Coordenação de Projetos de Extensão e a organização de eventos. Neste momento, narro as vivências com o Projeto de Extensão LABFOR. No período da pandemia de Covid-19, consegui aprovar o Projeto *LABFOR: laboratório de formação docente - educação literária e inovações pedagógicas na formação de leitores críticos para cidadania e inclusão social*, projeto aprovado no Edital nº 07/2019 – BEXT 2020, submetido ao SIGProj sob nº 121903.347865.1947.46288.14022021.

Em função do cenário de pandemia em Pernambuco, bem como tendo em vista o Regulamento do Período Letivo Excepcional – PLE, na UFRPE, para o ano de 2020, ajustei o referido projeto para o modo remoto, com atividades extensionistas ofertadas em Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVA e plataformas digitais. Divulguei as ações do Projeto de Extensão LABFOR para atender aos polos UAB ativos no segundo semestre letivo de 2020, conforme calendários dos cursos EAD de Licenciaturas em Letras e Pedagogia da UAEADTec, tendo em vista o caráter interdisciplinar da proposta. Alguns polos EAD, localizados em diferentes municípios de Pernambuco, foram contemplados, tais como: Carpina, Pesqueira, Surubim, Palmares, Afrânio, Jaboatão dos Guararapes, Recife. O formato remoto, por meio de plataformas digitais, contribuiu para ampliar a abrangência da comunidade atendida.

O Projeto de Extensão LABFOR foi aprovado no Edital BEXT 2020, com previsão de início em março de 2020 e encerramento em dezembro de 2020. No entanto, em função da pandemia de Covid -19 e, de acordo com as orientações do Regulamento do Período Letivo Excepcional (PLE) da UFRPE, o período de realização das atividades propostas foi ajustado para início em agosto de 2020 até dezembro de 2020.

---

<sup>42</sup> Na UFRPE, a Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Cidadania – PROExC, através da Coordenação de Gestão de Programas, Projetos e Eventos – CGPPE, organiza Editais para submissão de Projetos de Extensão, tais como: 1) *Edital BEXT*: destina bolsas de extensão universitária para programas e projetos e indica aporte de recursos orçamentários para apoio às atividades extensionistas; 2) *Edital SÔNUS*: tem fluxo contínuo para a Extensão Universitária e estabelece os critérios na elaboração de projetos, eventos, cursos, programas, prestação de serviços, produto, produção e publicação de extensão a serem executadas, no âmbito da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sem ônus para a Instituição.



As atividades foram realizadas com base no tripé ensino-pesquisa-extensão, considerando processos de formação inicial nas licenciaturas em Letras EAD e Pedagogia EAD em articulação com a formação continuada de professores(as) da Educação Básica. O projeto envolveu, também, participação de docentes e discentes do PROGEL e do PPGTEG, conectando atividades de pesquisa na graduação e na pós-graduação. Nesse sentido, o LABFOR configurou-se como laboratório didático de formação docente, considerando processos formativos na graduação, na pós-graduação e na Educação Básica.

As atividades realizadas no LABFOR apresentaram enfoque interdisciplinar, envolvendo eixos temáticos nas áreas de Letras e Educação. Docentes e discentes com formações e experiências pedagógicas diversas participaram do processo de integração entre diferentes saberes sob ótica transversal/interdisciplinar, tendo em vista articulações entre teoria e prática pedagógica. As ações extensionistas buscaram estabelecer amplo diálogo entre os campos de educação, literatura e linguagens, compreendendo-se a literatura como fenômeno interdisciplinar, dialógico e transversal.

As relações entre ensino, pesquisa e extensão são dialógicas e indissociáveis, assim como as conexões entre docência e discência, como já afirmou Freire (2020a). Em sintonia com a abordagem dialógica de Freire (2020a), o LABFOR configurou-se como espaço formativo de integração entre docência/discência, ensino, pesquisa, extensão e inovação, considerando articulações com a formação docente, com foco em práticas pedagógicas inovadoras.

O compartilhamento de experiências entre docentes e discentes foi fundamental no eixo formativo do ensino, com foco em vivências e propostas para a educação em espaços escolares e não escolares. Quanto à extensão, os(as) licenciandos(as) tiveram a oportunidade de participar de ações extensionistas, estabelecendo conexões entre o Estágio Supervisionado Obrigatório - ESO e a aprendizagem da docência. Destaco que os(as) licenciandos(as) de Letras e Pedagogia, que atuaram como monitores(as), estavam matriculados(as) em componentes curriculares de ESO e buscaram articular as ações do projeto LABFOR a seus percursos na formação inicial docente para atuação na Educação Básica. No LABFOR, os eixos temáticos abordados foram educação, comunicação e tecnologia, priorizando redes temáticas, tais como: leitura, literatura, educação literária, metodologias ativas, letramentos, inovações pedagógicas/tecnológicas e formação docente.

A formação de professores(as) pesquisadores(as) foi uma constante nas ações do projeto, no sentido de possibilitar aos(às) licenciandos(as) o contato com reflexões sobre pesquisa-ação, com foco em avaliação diagnóstica, bem como em propostas de intervenção didático-pedagógica de acordo com as vivências construídas nos processos formativos das licenciaturas. Em síntese, os eixos de ensino, pesquisa, extensão e inovação estiveram indissociáveis no processo formativo inicial de licenciandos(as) em Letras EAD e Pedagogia EAD, com vistas à construção de um laboratório didático-pedagógico pautado em planejamentos, ações, reflexões e registros de experiências formativas docentes.

Com base no modelo *TPACK*, o LABFOR propiciou conexões entre conhecimentos pedagógicos e tecnológicos nos processos de formação docente. Com a participação de docentes da Prefeitura da Cidade do Recife- PCR que atuavam em UTEC - Unidades de Tecnologia na Educação para a Cidadania da PCR, o LABFOR promoveu oficinas e minicursos nos quais professores(as) mediadores(as) já revelavam amplo conhecimento dos

recursos tecnológicos e atuaram como multiplicadores(as), compartilhando experiências e modelos de transposições didáticas quanto ao uso de tecnologias educacionais.

Por meio de rodas de diálogos e círculos de debates, licenciandos(as) e docentes da Educação Básica e do Ensino Superior debateram sobre desafios e possibilidades quanto a articulações entre conhecimentos pedagógicos e tecnológicos. As práticas e as experiências no eixo de letramentos digitais foram compartilhadas, considerando-se os princípios da Educação Aberta- EA, com base em práticas pedagógicas inovadoras, flexibilidade curricular, Recursos Educacionais Abertos - REA e cultura do remix. Em sua primeira versão, no ano de 2020, a programação de atividades do LABFOR foi realizada mensalmente, conforme descrição a seguir:

**Quadro 44:** Relação de Atividades – 1ª edição do LABFOR 2020.

Período	Atividades
Agosto/2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reuniões com a equipe de trabalho (organização das subcomissões)</li> <li>• Atividades de planejamento das ações extensionistas</li> <li>• Organização dos canais de divulgação do projeto</li> <li>• Organização da sala virtual do projeto no AVA Extensão da UAEADTec/UFRPE</li> <li>• Orientações para monitores do Projeto.</li> <li>• Organização do <i>LABFOR informa</i>, informativo com a programação mensal das atividades do Projeto.</li> </ul>
Setembro/2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 Sessão de Abertura (apresentação da proposta do projeto para a comunidade, divulgando objetivos e metodologia do LABFOR).</li> <li>• 1 Mostra virtual LABFOR no Instagram, com foco em leitura, letramentos e educação literária.</li> <li>• 3 <i>Lives</i> na plataforma digital <i>Google Meet</i>, interações síncronas com apoio de tecnologias digitais.</li> <li>• 2 Minicursos no AVA Extensão UAEADTec, interações assíncronas no AVA <i>Moodle</i></li> <li>• 1 Oficina pedagógica <i>on-line</i>, interação síncrona no <i>Google Meet</i>.</li> </ul>
Outubro/2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 Mostra no Ateliê de formação docente no <i>Instagram</i>, com foco em formação docente, tendo em vista compartilhamentos de experiências e vivências pedagógicas.</li> <li>• 3 Minicursos no AVA Extensão UAEADTec, interações virtuais assíncronas no AVA <i>Moodle</i>.</li> <li>• 3 <i>Lives</i> na plataforma digital <i>Google Meet</i>, interações virtuais síncronas com apoio de tecnologias digitais.</li> <li>• 11 Oficinas pedagógicas no AVA Extensão UAEADTec, interações assíncronas no AVA <i>Moodle</i>.</li> </ul>
Novembro/2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 5 Minicursos no AVA Extensão UAEADTec, interações virtuais assíncronas no AVA <i>Moodle</i>.</li> <li>• 1 Oficina pedagógica - interação síncrona no <i>Google Meet</i>.</li> <li>• 2 <i>Lives</i> na plataforma digital <i>Google Meet</i>, interações virtuais síncronas com apoio de tecnologias digitais.</li> </ul>
Dezembro/2020	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 4 Entrevistas no <i>LABFOR Podcast</i>, realizadas pelos(as) monitores(as) voluntários(as) do Projeto, com participação de docentes da Educação Superior e da Educação Básica.</li> <li>• Elaboração de informativos com a síntese dos conteúdos do <i>LABFOR Podcast</i>, considerando as narrativas autobiográficas de docentes em relação aos processos formativos e as vivências pedagógicas.</li> <li>• Aplicação de instrumentos de avaliação para a comunidade participante do Projeto.</li> <li>• Elaboração do Relatório Final do Projeto.</li> </ul>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Em 2021, destaco a aprovação do Programa de Extensão MULTILAB no Edital BEXT/2021- PROEXC/UFRPE. O Programa envolveu três Projetos de Extensão sob o eixo da multidisciplinaridade, tendo em vista conexões entre as áreas Letras/Linguística, Educação, Computação e Ciências/Física: Projeto 1- *LABFOR: Laboratório de formação docente, linguagem e inovações pedagógicas na formação de leitores críticos para cidadania e inclusão social*, sob minha coordenação; Projeto 2- *LABCIÊNCIAS: Oficinas integrativas de ciências e letramento digital: cultura, tecnologia e inclusão social*, sob coordenação da professora Ana Paula Bruno; Projeto 3- *LABDIGITAL: inclusão digital, tecnologias e formação docente*, sob coordenação da professora Adalmeres Mota. O MULTILAB destacou a Pedagogia do Diálogo (Freire, 2020a) como eixo norteador, com vistas a estreitar a interação entre Universidade e Comunidade.

No cenário pandêmico, Universidades e escolas tiveram que redesenhar processos de formação inicial e continuada de docentes, com vistas à incorporação de tecnologias aplicadas à educação. Com os modelos de ensino híbrido, ensino remoto e EAD, as demandas por formação docente são contínuas. Em diálogo com a cultura digital, foi proposto o Programa de Extensão MULTILAB - *Laboratório multidisciplinar de formação docente, metodologias ativas e tecnologias digitais: em busca de práticas dialógicas para vivências cidadãs*, cujo objetivo principal é contribuir para a formação inicial, bem como para formação continuada de docentes da Educação Básica, com vistas a ações pedagógicas inovadoras, multidisciplinares e transversais. O **Quadro 45** apresenta a síntese do quantitativo de participantes do Programa.

**Quadro 45:** Síntese do quantitativo de participantes - Programa MULTILAB

Título do Projeto de Extensão	Nº de participantes
LABFOR	1.005
LABCIÊNCIAS	546
LABDIGITAL	527
<b>Total de participantes – MULTILAB</b>	<b>2.078</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

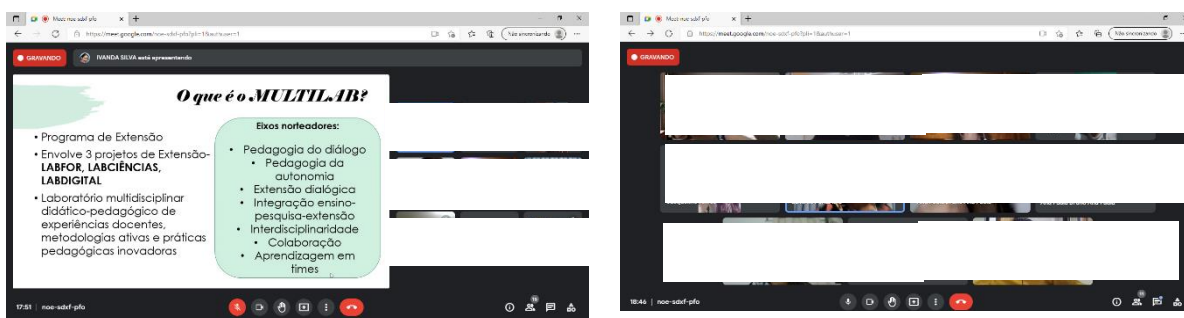
**Quadro 46:** Descrição total de atividades extensionistas do Programa MULTILAB

Título do Projeto de Extensão	Nº de atividades
LABFOR	52
LABCIÊNCIAS	37
LABDIGITAL	21
<b>Total de atividades – MULTILAB</b>	<b>110 atividades</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Durante o desenvolvimento das atividades, várias reuniões de planejamento foram realizadas. As **Figuras 111, 112 e 113**, a seguir, mostram cenas das reuniões do grupo do Programa MULTILAB, com a participação das coordenações dos Projetos de Extensão, dos(as) docentes e discentes colaboradores(as).

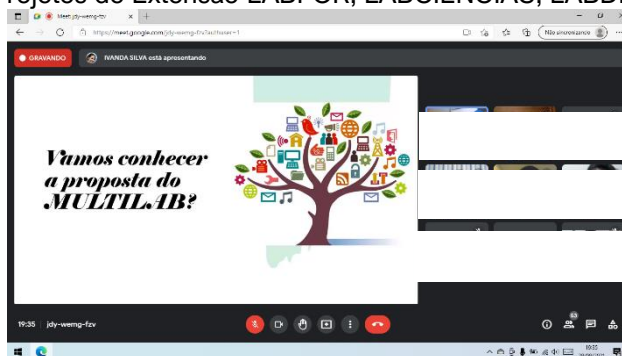
Figura 111: Registros da Reunião do GT de Planejamento do Programa MULTILAB



Fonte: Acervo do MULTILAB (2022) – Reunião em 27/09/2021.

Professoras Ivanda Martins (Coordenação Geral do Programa MULTILAB e do projeto de extensão LABFOR), Ana Paulo Bruno (Coordenação Adjunta do MULTILAB), Adalmeres Mota (Coordenação do LABDIGITAL), Jeneffer Ferreira (Coordenação Adjunta LABDIGITAL); Aliete Rosa (coordenação adjunta LABFOR, Ednara Calado (docente de Pedagogia EAD e colaboradora do MULTILAB), Ana Paula Andrade (colaboradora do MULTILAB), monitores de extensão BEXT 2021, Lívia Santana, Jaqueline Torres e Wagner Emerson).

Figura 112: Registros da apresentação do Programa MULTILAB para as equipes participantes dos Projetos de Extensão LABFOR, LABCIÊNCIAS, LABDIGITAL



Fonte: Acervo do MULTILAB (2022).

Figura 113: Apresentação do projeto LABFOR para a comunidade (06/10/2021).



Fonte: Acervo do Programa MULTILAB (2024).

Em articulação com o Programa MULTILAB, o Projeto de Extensão LABFOR teve sua segunda edição no período de setembro de 2021 a dezembro de 2022. Nesta segunda edição, o LABFOR realizou o total de **52** atividades extensionistas, conforme descrição a seguir:

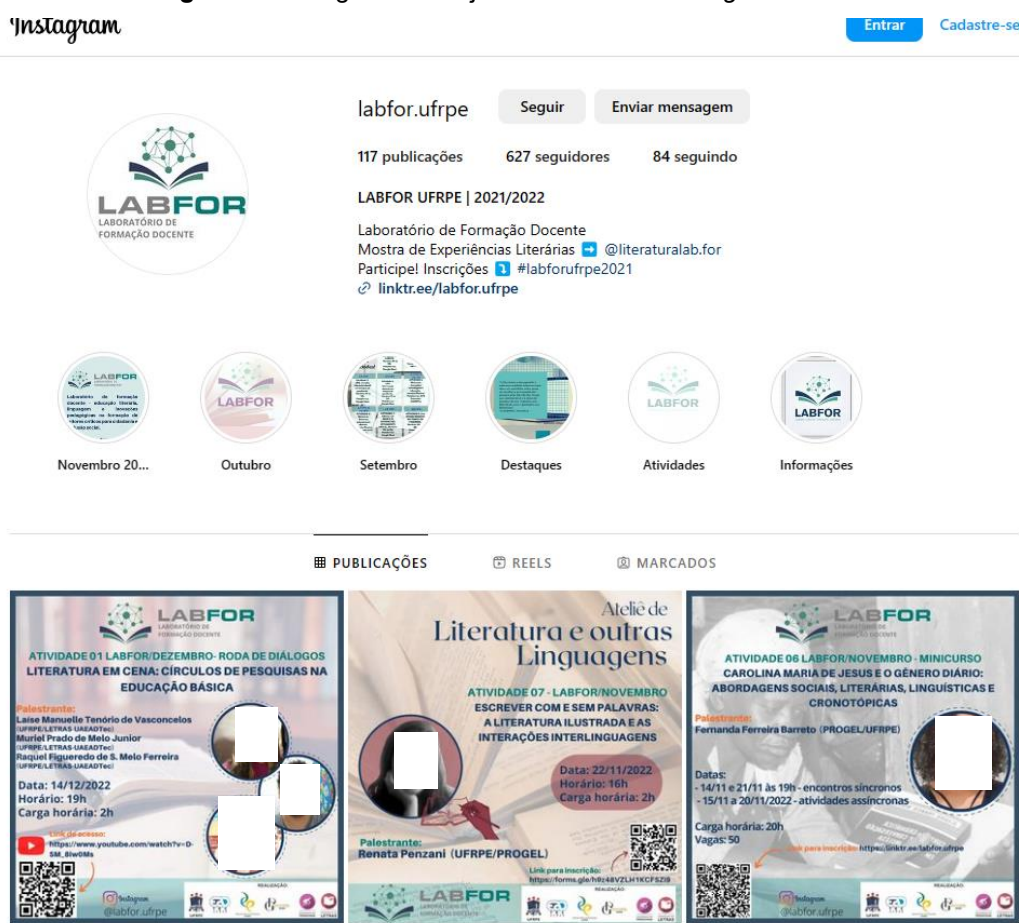
**Quadro 47:** Atividades realizadas na 2ª Edição do Projeto de Extensão LABFOR (2021 a 2022).

Título do	Nº de atividades
Oficinas pedagógicas	03
Ateliês do LABFOR	15
Minicursos	10
Palestras/Lives	13
Roda de diálogos	09
Live abertura Programa MULTILAB	01
Sessão temática MULTILAB	01
<b>Total de atividades</b>	<b>52 atividades</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

De modo geral, assim como ocorreu na primeira edição do LABFOR, as atividades extensionistas versaram sobre os eixos de linguagem, educação, literatura, metodologias de ensino e tecnologias digitais. As atividades foram realizadas com o apoio da plataforma digital do canal do *YouTube*, além da ferramenta *Google Meet* para interações síncronas. As atividades assíncronas foram realizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA Extensão da UAEADTec/UFRPE. A divulgação do LABFOR ocorreu nas redes sociais, a exemplo do *Instagram*: <https://www.instagram.com/LABFOR.ufrpe/>

**Figura 114:** Página do Projeto LABFOR no *Instagram*



Fonte: <https://www.instagram.com/LABFOR.ufrpe/>



Figura 115: Card de divulgação da palestra do LABFOR



Acervo do Programa MULTILAB (2024).

Figura 116: Página do Projeto LABFOR no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/LABFOR.ufrpe/>

Em síntese, o LABFOR realizou Ateliês de Formação Docente, Ateliês de Literaturas, outras linguagens, rodas de diálogos, *lives*, palestras, oficinas e minicursos, com apoio às tecnologias digitais em atividades síncronas e assíncronas realizadas. As Figuras a seguir apresentam algumas atividades do LABFOR e do MULTILAB.

Figura 117: Palestra no LABFOR – Literatura, Linguagem e Dialogismo na Cultura Digital



<https://www.youtube.com/watch?v=orSZ0CSvshY&t=3238s>

Acervo do Programa MULTILAB (2024).

Figura 118- Canal do MULTILAB

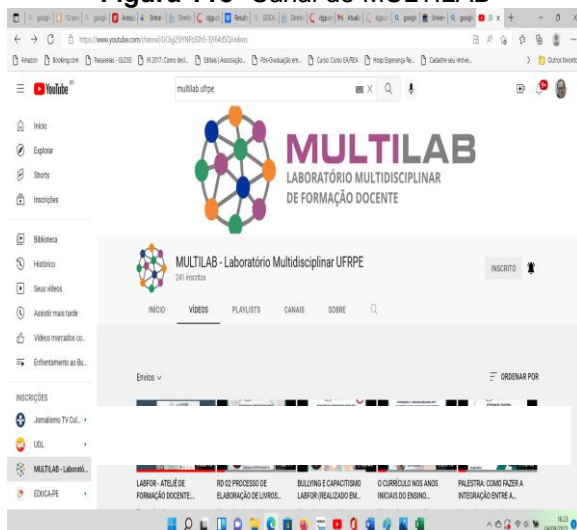
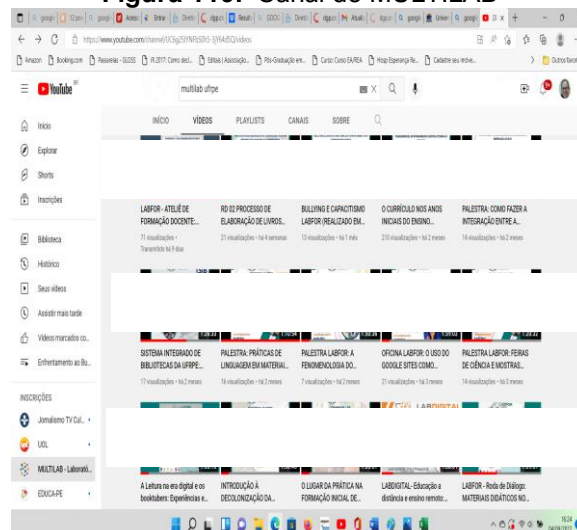


Figura 119: Canal do MULTILAB



Fonte: <https://www.youtube.com/channel/UC6g2StYNFbS0h5-3jY64d5Q/videos>

Entre os dias 29 de maio a 26 de junho, os(as) mestrandos(as) do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), organizaram o *I Seminários de Estudos Literários e Culturais – SELC*. Atuei na coordenação geral desse evento orientando os(as) mestrandos(as) na dinâmica das apresentações. A iniciativa do SELC foi idealizada durante a disciplina *Seminários Avançados em Análises Literárias, Culturais e Históricas*, a qual ministrei no primeiro semestre de 2024. O objetivo principal do SELC foi divulgar pesquisas e leituras construídas durante a disciplina, tendo em vista abordagens interdisciplinares nos eixos de literatura, linguagem e educação. A **Figura 120** apresenta alguns registros do SELC, disponíveis no canal do MULTILAB. No *link* a seguir está disponível o primeiro encontro do evento: <https://www.youtube.com/watch?v=NS6vBTTx0nk&t=1645s>

Figura 120: SELC- Seminário de Estudos Literários e Culturais



Fonte: <https://www.youtube.com/@multilab-laboratoriomultid1206>

Amigo(a) leitor(a), está conseguindo acompanhar minhas travessias no universo da extensão dialógica? Então, vamos continuar traçando as rotas nas participações em eventos de natureza científica. Preparado(a)?

### 5.2.3 Participação em eventos: compartilhamentos e divulgação de pesquisas

As minhas travessias no campo da extensão continuam. Não poderia deixar de relatar as diversas participações em eventos científicos. Os congressos, seminários, fóruns, simpósios e outros formatos de eventos criam oportunidades para compartilhamentos de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Posso dizer que a apresentação de trabalhos em eventos científicos foi, e continua sendo, uma atividade muito importante em meus percursos, conforme apresentarei na próxima subseção. Você, amigo(a) leitor(a), também poderá encontrar, no **Apêndice (Quadro 43)** deste Memorial, a relação completa de trabalhos apresentados em eventos científicos.

#### 5.2.3.1 Apresentação de trabalhos em eventos: de onde você é? Norte ou Nordeste?

Adoro apresentar trabalhos em eventos científicos, visando ao compartilhamento de experiências e vivências no campo da pesquisa. Em um dos eventos dos quais participei, no Sul do país, lembro-me de apresentar uma comunicação e uma colega professora que estava assistindo, parabenizou-me ao final da sessão e destacou meu sotaque. Ficou curiosa em saber se eu era do Norte ou do Nordeste. Comente, vi, nos eventos, pesquisadores(as) em suas lutas diárias de produção científica e divulgação dos trabalhos. A pressão pela participação em eventos científicos é imensa, no sentido de garantirmos a visibilidade de nossas ações no cenário da pesquisa em um país ainda repleto de desigualdades que se reproduzem nos campos científicos.

Como pesquisadora da área de Ciências Humanas, buscando estreitar conexões entre linguagem e educação, percebi essas desigualdades quando tentei trilhar os caminhos da produção científica. Nesse sentido, tive a oportunidade de divulgar minhas pesquisas científicas em eventos locais, nacionais e internacionais. Desse modo, no período de 1999 a 2024, foram **217** trabalhos apresentados em eventos científicos (**Apêndice - Quadro 43**). Quanto às principais temáticas apresentadas em eventos científicos, destaco: letramentos digitais, letramento literário, leitura literária, ensino de literatura, educação literária aberta, literatura pernambucana, currículo na cibercultura, Ambiente Virtual de Aprendizagem na EAD, formação docente na EAD, materiais didáticos, gênero discursivo mediacional na EAD, além de outros temas nos eixos de linguagem, literatura e educação.

A participação em eventos com apresentações de trabalhos foi muito intensa. Continuamente, busquei, também, incentivar os(as) discentes para a participação em eventos, seja como ouvintes, seja como apresentadores(as) de trabalhos. As dificuldades para os(as) discentes da EAD em relação à participação em eventos científicos eram imensas, visto que, no início das ações de EAD/UFRPE, não havia apoio com ajuda de custos, situação diferente dos(as) estudantes do ensino presencial.

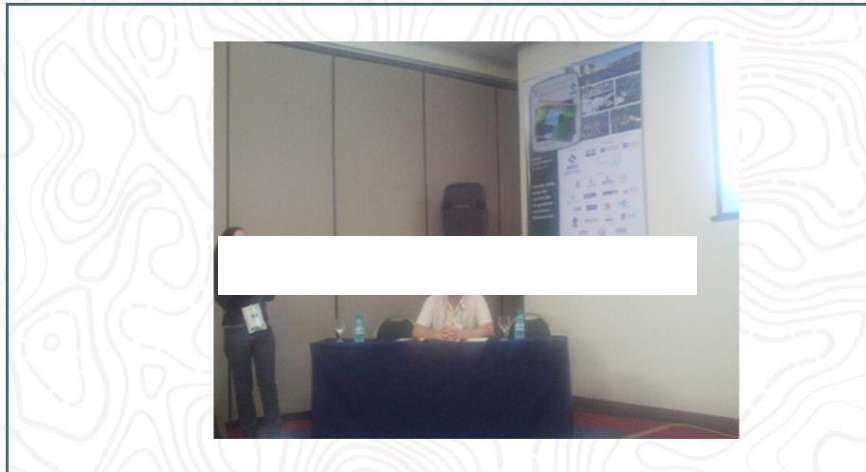
Lembro-me de meu orientando PIBIC/UFRPE abrindo processo junto à Pró-Reitoria de Gestão Estudantil e Inclusão (Progesti), solicitando apoio para apresentar trabalho em evento. Infelizmente esse pedido foi indeferido, os discentes EAD ainda não contavam com esse apoio. Tive que ajudar para que o estudante conseguisse participar e não desanimasse diante da situação. Destaco que essa situação foi vivenciada no início das atividades da EAD, considerando a inserção dos(as) discentes em programas institucionais, como, por exemplo, o PIBIC.

Posteriormente, a UFRPE transformou essa realidade e incluiu os discentes EAD em programas institucionais de apoio estudantil. Os Editais da CAPES, como aqueles para fomento de programas, como PIBID e PRP, começaram a incluir, também, discentes da EAD como condição obrigatória nos projetos institucionais. A inserção de estudantes da EAD em editais de projetos de ensino, pesquisa e extensão tem revelado as potencialidades da modalidade no incremento de indicadores de qualidade da Educação Superior. Além disso, a capilaridade da EAD, com oferta de atividades acadêmicas em diferentes polos/municípios é visível, destacando-se o processo de democratização do acesso à Universidade pública em um país marcado pelas desigualdades.

Quanto às participações em eventos, destaco algumas experiências dentro e fora dos muros da UFRPE. A participação em Congressos Internacionais da ABED- Associação Brasileira de Educação a Distância foi uma oportunidade para divulgar pesquisas e relatos de experiências no campo da EAD. Destaco a minha participação no *16º CIAED Congresso Internacional ABED de Educação a Distância*, com o tema: *“Conteúdo, apoio ao aprendiz e certificação - os ingredientes centrais para eficácia na EAD”*, realizado no período de 31 de agosto a 03 de setembro de 2010, em Foz do Iguaçu – Paraná. A **Figura 121** indica a apresentação no simpósio coordenado pelo professor Dr. João Mattar, estudioso renomado na área de EAD. A **Figura 121** mostra a participação no *23º CIAED* da ABED, também realizado no Paraná, em 2017, com trabalhos em coautoria com as professoras Ana Paula Bruno, Adalmeres Mota e Ednara Calado da UFRPE/UAEADTec. Esta sessão com a mediação do professor Dr. João Mattar foi muito especial e com debate muito produtivo sobre as redes temáticas apresentadas.



**Figura 121:** Apresentação de trabalho no 16º Congresso Internacional da ABED - Foz do Iguaçu-Paraná - Participação do Professor João Mattar na Coordenação dos trabalhos



Fonte: Acervo da autora (2014).

**Figura 122:** Participação no 23º CIAED, com a colaboração da autoria das professoras Ana Paula Bruno, Adalmeres Mota e Ednara Calado.

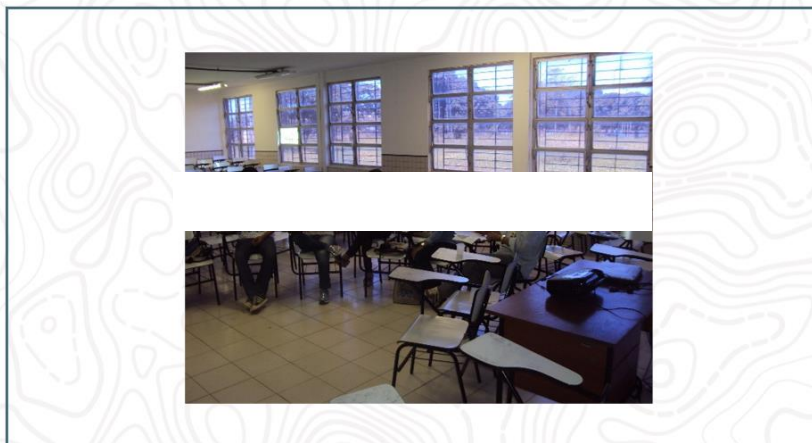


Fonte: Acervo da autora (2024).

Particpei, também, com o professor Claudemir dos Santos Silva, ex-aluno da FAINTVISA, do VII Colóquio Internacional Paulo Freire, com socialização de pesquisas nos círculos propostos nas redes temáticas do evento. Claudemir foi meu aluno na graduação em Letras da FAINTVISA e tive a oportunidade de acompanhar suas travessias formativas ao participar de suas bancas de defesa de Mestrado e Doutorado, na UNICAP.



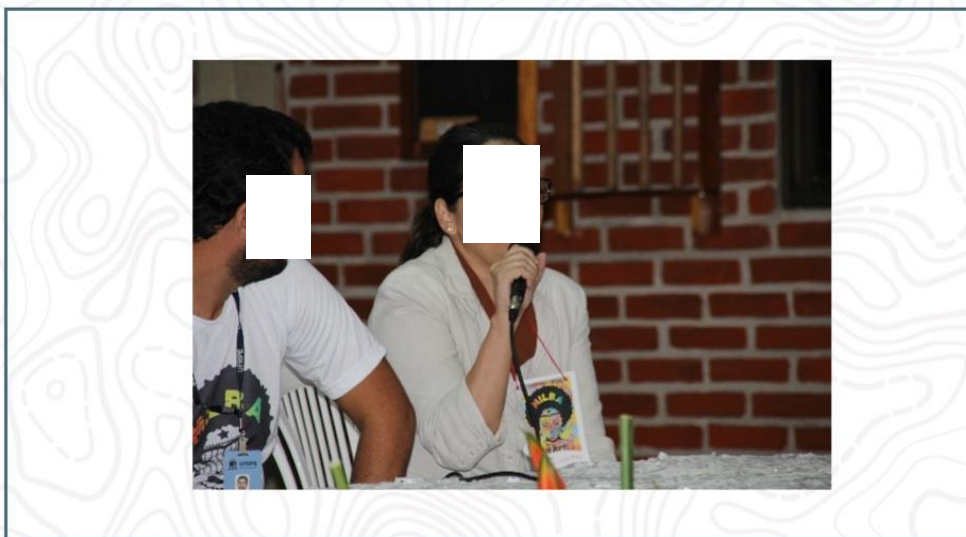
**Figura 123:** VII Colóquio Internacional Paulo Freire  
Apresentação de comunicação oral nos Círculos de Cultura- UFPE, 2010



Fonte: Acervo da autora (2024).

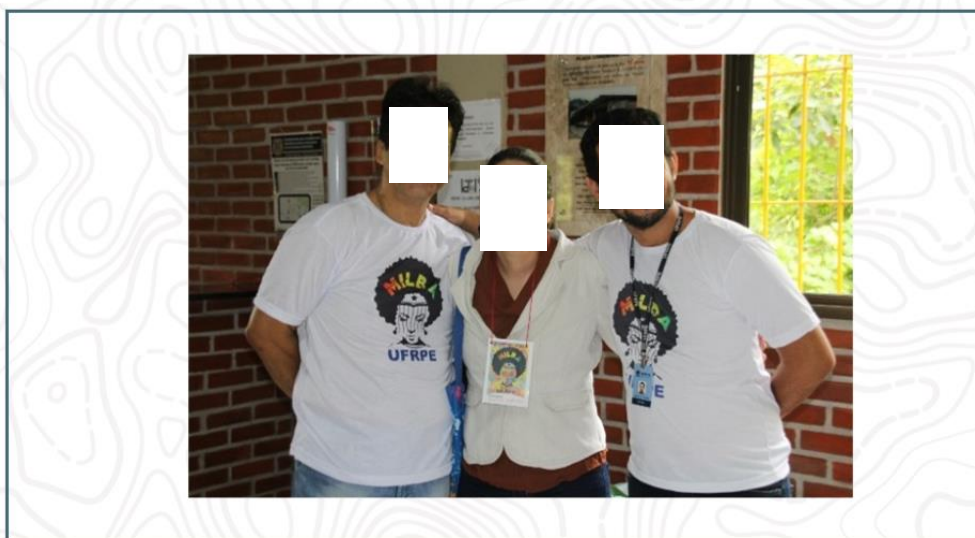
Destaco, também, o MILBA UFRPE, evento coordenado pelos professores Iêdo de Oliveira Paes e Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFRPE), que atuaram nas ações na Licenciatura em Letras EAD desde o início da primeira oferta do curso. Na UFRPE, reencontrei o professor Sávio Freitas, ex-aluno da pós-graduação *lato sensu* da UFPE. Era muito gratificante reencontrar colegas agora na condição de docentes pesquisadores de renome no cenário brasileiro. O MILBA UFRPE configura-se como primoroso evento científico, espaço aberto para aprendizagens e trocas de vivências e experiências no campo da pesquisa na área de Letras.

**Figura 124:** MILBA UFRPE - Participação na Sessão de Abertura



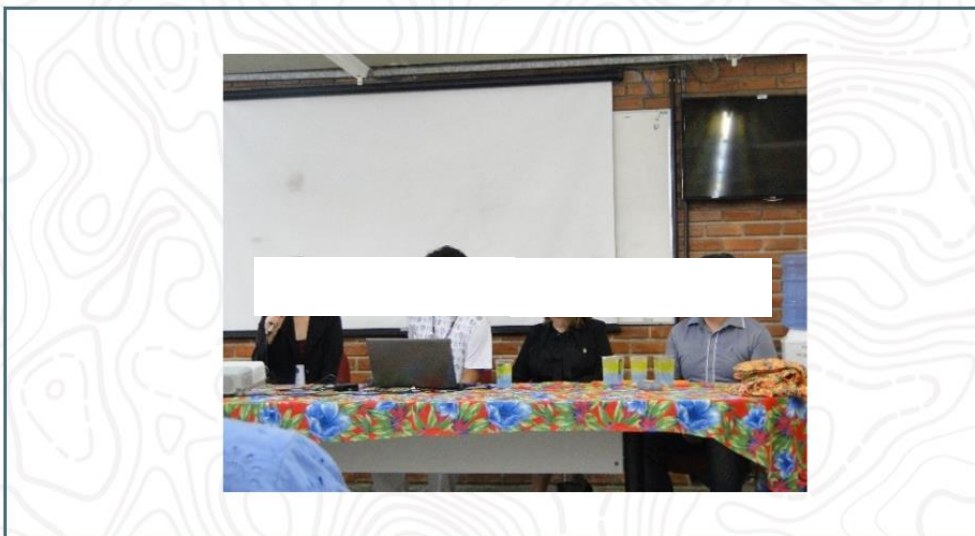
Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 125:** Sessão de abertura MILBA UFRPE



Da esquerda para a direita, professores Iêdo Paes, Ivanda Martins e Sávio Roberto de Freitas - Coordenação do MILBA/UFRPE  
Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 126 a:** Sessão de Abertura- MILBA UFRPE



Da esquerda para a direita: professores(as): Ivanda Martins, Sávio Roberto Freitas, Maria do Socorro de Lima (ex-Pró-Reitora de Graduação PREG/UFRPE), Natanael Azevedo.  
Fonte: Acervo da autora (2024).

No resgate de minhas memórias do MILBA UFRPE, encontrei a foto a seguir, uma cena em que estou parabenizando a querida professora e autora, Zuleide Duarte, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, homenageada no II MILBA que ocorreu nos dias 21 e 22 de outubro de 2016, no CEGOE – UFRPE.

**Figura 126b:** Homenagem à escritora Zuleide Duarte<sup>43</sup> no II MILBA UFRPE - 2016



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 127:** Participação no MILBA UFRPE, com discentes apresentando trabalhos/pesquisas.



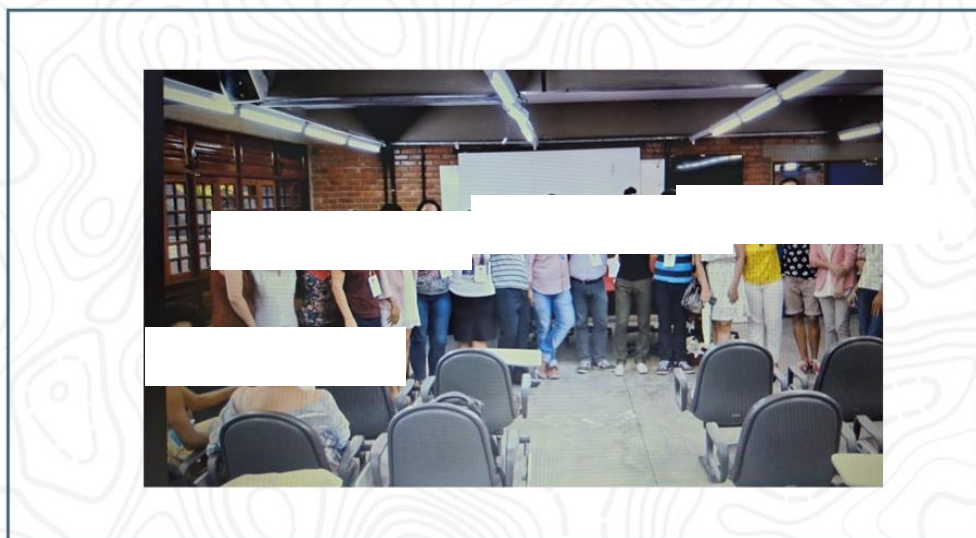
Professora Izabel Cristina Barbosa de Oliveira (ao fundo), docente colaboradora UAB/Letras EAD, discentes de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE - polos Recife e Carpina/PE, da esquerda para a direita, os(as) orientandos(as) de Letras EAD: Evandro Batista de Souza, Adriana Martins, João Kléber Rodrigues dos Santos, Karina Bastos de Luna, eu (Ivanda Martins) ao lado de Karina.

<sup>43</sup> Zuleide Duarte, homenageada no evento MILBA UFRPE, é escritora renomada, publicou diversas obras, tais como: *Ficção: Travo; Da arte de maternar e outras artes* (contos). Ensaio: *África de Áfricas* (organizadora), *Leituras luso-brasileiras, D'Eça e D'Outros, Outras Áfricas: elementos para uma literatura da África*.



A **Figura 128** é histórica, um registro do 1º MILBA na UFRPE, com a participação de estudantes, professores(as), escritores(as) e comunidade em geral.

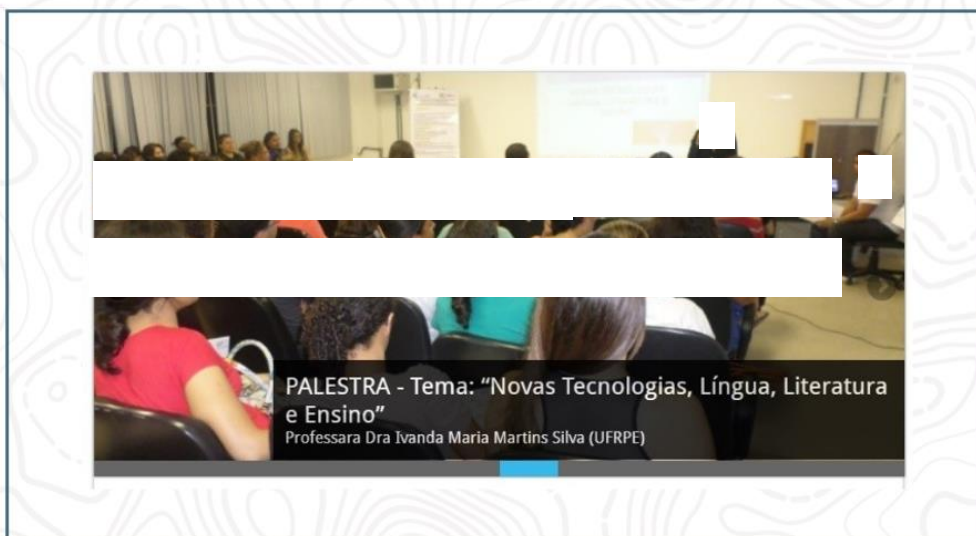
**Figura 128:** Registro do 1º MILBA na UFRPE



Fonte: Acervo da autora (2024).

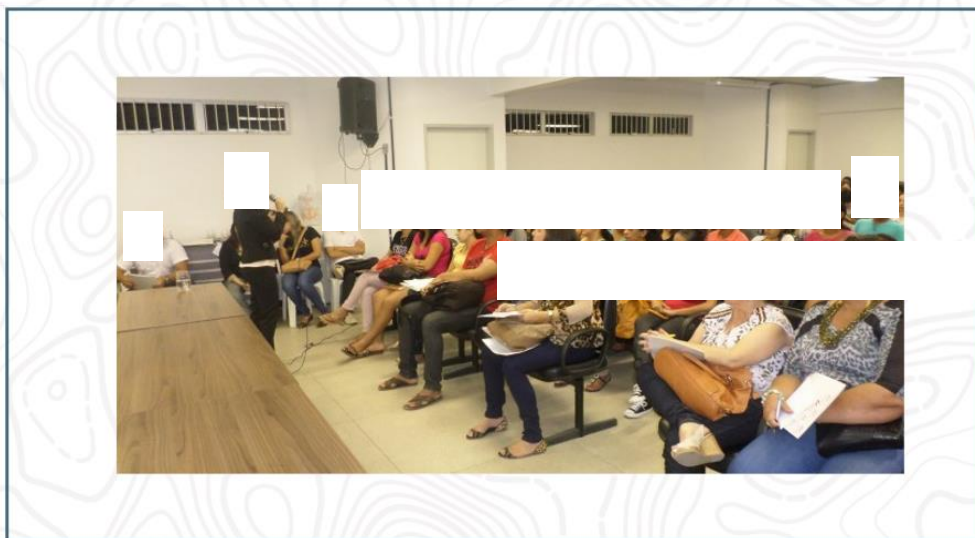
Destaco outros eventos importantes, como, por exemplo, o *IV Seminário de Estudos Linguísticos e Literários* da Universidade de Pernambuco - UPE, realizado nos dias 24, 25 e 26 de setembro de 2014, evento organizado pela Coordenação do Curso de Letras - UPE, com participação de grupos de pesquisas literários e linguísticos, entre eles o CELLUPE, LEL e NELUPE. Com o tema “*Formação do Licenciado em Letras e sua relação com os estudos Linguísticos e Literários*”, as atividades do referido evento contemplaram as seguintes áreas: Linguística; Literatura; Línguas Estrangeiras; Prática de Ensino e Formação Docente. No *IV Seminário de Estudos Linguísticos e Literários* da UPE, ministrei a palestra “*Novas tecnologias, língua, literatura e ensino*”. As **Figuras 129 e 130** mostram cenas do evento.

**Figura 129:** Registros do IV Seminário de Estudos Linguísticos e Literários da UPE (2014).



Fonte: <http://www.upe.br/matanorte/siteantigo/sem-categoria/acompanhe-o-cellupe-2014/>

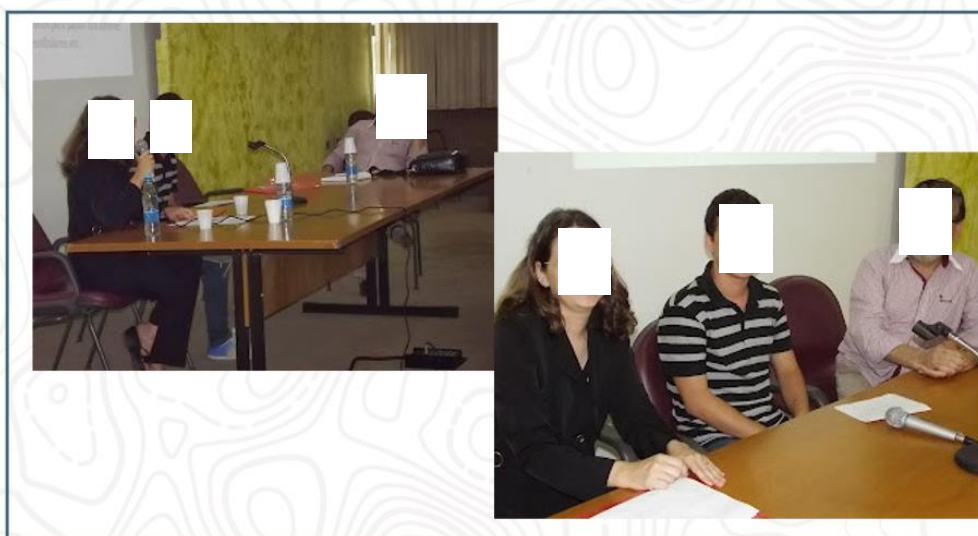
**Figura 130:** Registros do IV Seminário de Estudos Linguísticos e Literários da UPE (2014).



Fonte: <http://www.upe.br/matanorte/siteantigo/sem-categoria/acompanhe-o-cellupe-2014/>

Que saudades desses eventos de formação docente, amigo(a) leitor(a). Recordo-me de outro evento, em 2013, *II Encontro da Leitura e da Literatura – UFPE*, com a participação de estudantes da Licenciatura em Letras - UFPE e discentes do Colégio de Aplicação - CAp/UFPE, momento valioso de reflexões sobre ensino de literatura e formação leitora. Neste evento, tive o imenso prazer de participar da Mesa Temática: *As contribuições da teoria e da crítica para o ensino de Literatura*, com a participação do querido professor Aldo Lima (UFPE) e com a mediação do licenciando de Letras, Eduardo Gonçalves (UFPE).

**Figura 131:** Registros do II Encontro da Leitura e da Literatura – UFPE (2013).



2013 - *II Encontro da Leitura e da Literatura* - UFPE

Mesa: *As contribuições da teoria e da crítica para o ensino de Literatura*, com os professores Ivanda Martins (UFRPE) e Aldo Lima (UFPE). Mediação: Eduardo Gonçalves (UFPE).

Fonte: <http://maisresenha.blogspot.com/2013/11/ii-encontro-da-leitura-e-da-literatura.html>

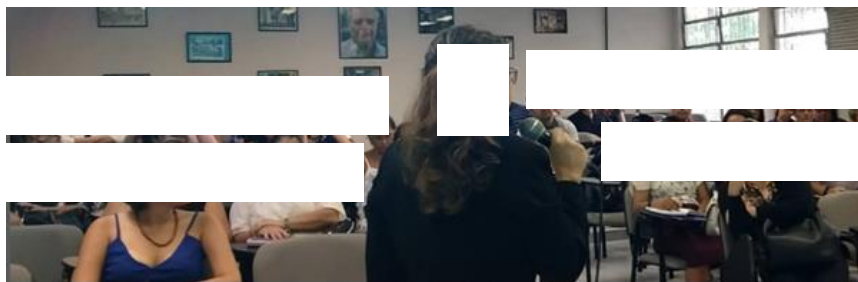


Outro evento importante foi o *Seminário Novos Paradigmas do Ensino de Literatura no Ensino Médio*, uma parceria entre os programas de pós-graduação em Letras e Educação da UFPE. Com sua primeira edição realizada em setembro de 2010, o evento foi coordenado pela professora Livia Suassuna (UFPE) e contou com a participação de discentes de graduação e pós-graduação em Letras. Tornou-se um espaço valioso para fomentar o debate sobre alternativas para o ensino de literatura. Tive a honra de participar da Mesa-redonda - *As relações entre a teoria e o ensino de Literatura*, com o professor Hélder Pinheiro (UFPB), tendo a mediação de Reginaldo Clécio dos Santos, estudante da Pós-Graduação em Letras (UFPE). Este evento teve sequência em edições posteriores e destacou-se nas reflexões e nos compartilhamentos de pesquisas sobre ensino de literatura na Educação Básica.

Destaco, ainda, o *ENLIJE - Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino*, organizado pelo professor Hélder Pinheiro, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. O ENLIJE volta-se para reflexões sobre o ensino de literatura nos níveis fundamental e médio no contexto da Educação Básica. Tive o imenso prazer de ministrar o minicurso *Ensino de Literatura e novas tecnologias* no III ENLIJE, em Campina Grande. Precisamos mais de espaços formativos e eventos que sejam espaços de troca de experiências, de vivências pedagógicas para ampliarmos o debate sobre a prática de ensino da literatura.

Nessas travessias em diferentes eventos, participei, também, de palestras e oficinas promovidas pela Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste – CECINE/UFPE, a convite do professor José Carlos de França Filho, meu ex-aluno da pós-graduação na FAINTVISA. A **Figura 132** mostra uma cena da interação com os(as) professores(as) após a palestra *Letramento literário e os desafios ante as novas tecnologias*, realizada em 19 de maio de 2019, na UFPE - CECINE.

**Figura 132:** Interação com professores(as) após palestra na UFPE/CECINE



Palestra *Letramento literário e os desafios ante as novas tecnologias*. Recife, 19 de maio de 2019- CECINE, UFPE. Fonte: acervo da autora (2024).

Na UFPE, após o longo período da pandemia de Covid-19, os eventos foram retomados, de modo presencial, e participei da XII Jornada PET Letras. Já havia participado de outras edições, mas a edição de 2023 foi especial.

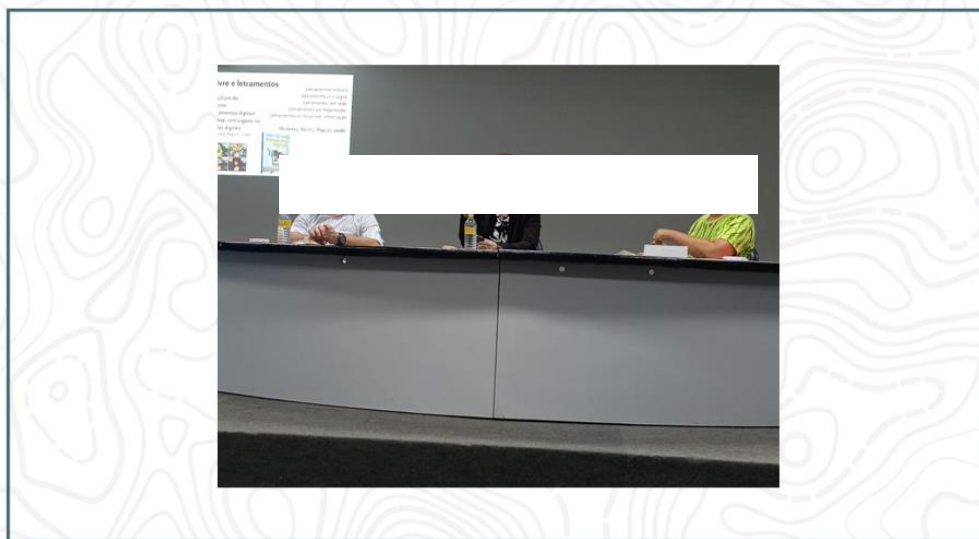
Figura 133: Card de divulgação da XII Jornada PET Letras UFPE (2023).



Fonte: Instagram da XII Jornada PET LETRAS UFPE

Participei da mesa-redonda 1: *Interdisciplinaridades entre Letras, Tecnologias e Mídias*, com os professores Marcelo Sabatini (UFPE) e Sílvio Romero (UFPE). O evento foi organizado pelos(as) discentes de Licenciatura em Letras da UFPE e contou com diversas atividades. Foi um momento muito rico de trocas de experiências e vivências de pesquisas com os colegas docentes da UFPE.

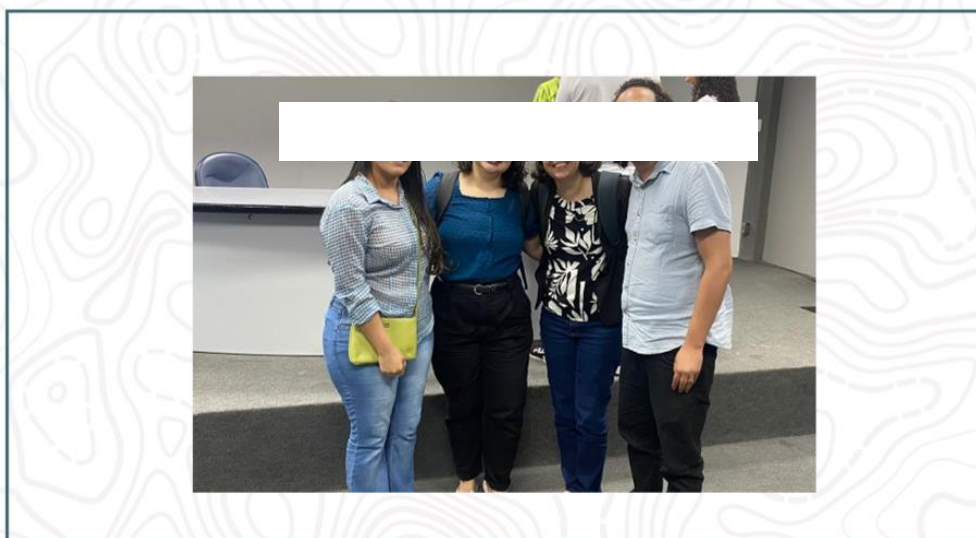
Figura 134: Mesa-redonda na XII Jornada PET LETRAS UFPE.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Licenciandos(as) de Letras EAD - UFRPE participaram da *Jornada PET Letras da UFPE*. A **Figura 135** apresenta os(as) orientandos(as) do Programa de Residência Pedagógica e do PIBIC da Licenciatura em Letras EAD que participaram do evento na UFPE e compartilharam suas vivências com outros(as) discentes de Letras da UFPE. Lívia Santana, Muriel Prado e Raquel Ferreira assistiram à mesa-redonda e prestigiaram o evento.

**Figura 135:** Mesa-redonda na XII Jornada PET LETRAS UFPE.



Da esquerda para a direita: Raquel Ferreira, Lívia Santana, Ivanda Martins e Muriel Prado: orientandos(as) de TCC, Residência Pedagógica, PIBIC e BEXT. Esse grupo participou de vários projetos que orientei na graduação em Letras EAD/UFRPE.

Fonte: Acervo da autora (2024).

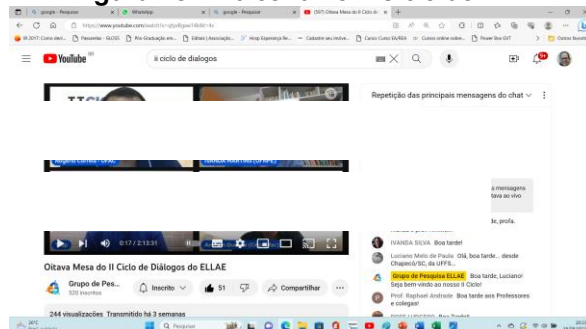
Em 2023, fui convidada pelo professor Dr. Amilton Queiroz, da Universidade Federal do Acre, para ministrar palestra no *II Ciclo de Diálogos IN-Trans-disciplinares em Línguas e Literaturas do ELLAE*, evento de extensão que busca unir a comunidade e o mundo acadêmico em discussões relevantes socialmente. As **Figuras 136, 137 e 138**, a seguir, apresentam registros desse evento realizado no canal do *YouTube*, em 25/07/2023. Abordei o tema: *Por uma educação literária aberta e dialógica na cultura digital*.

Figura 136: Cartaz de divulgação do II Ciclo de Diálogos



Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 137: Palestra no II Ciclo do ELLAE



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qtyxBgaw14k&t=6947s>

Figura 138: Cartaz de divulgação do II Ciclo de Diálogos



Fonte: Instagram do II Ciclo de Diálogos (2023).

São muitas memórias de eventos maravilhosos que marcaram minhas travessias acadêmicas. Compartilhar leituras, vivências e experiências em eventos sempre abriu meus horizontes nas travessias formativas. Destaco, ainda, a solenidade em comemoração aos 10 anos da EAD/UFRPE. O evento foi realizado em celebração aos 10 anos de atividades acadêmicas da Educação a Distância na UFRPE. As imagens a seguir retratam as memórias desse momento tão importante para a EAD/UFRPE. Neste evento, houve o lançamento da obra que organizei, intitulada: *Educação a distância: cenários, experiências e práticas*, com alguns registros das pesquisas e experiências dos diversos cursos de graduação e pós-graduação, ofertados na modalidade a distância, pela UFRPE. O evento contou com a participação de ex-reitores da UFRPE, Valmar Corrêa de Andrade, Maria José de Sena, atual Reitora da UFRPE em 2024, docentes, discentes e colaboradores(as) da UAEADTec. As Figuras 139, 140, 141, 142, 143 e 144 registram alguns dos principais momentos do evento.

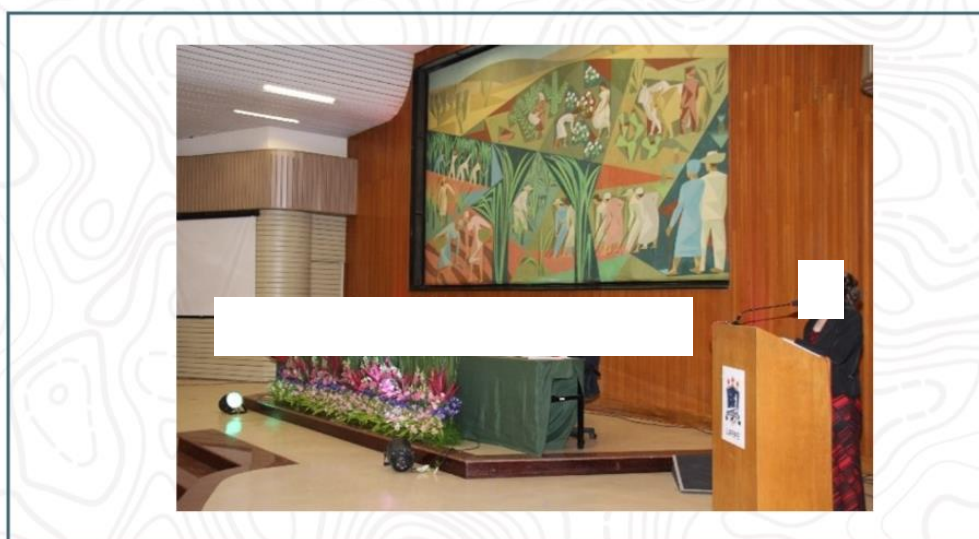


**Figura 139:** Sessão de abertura- Evento de Comemoração – 10 anos UAEADTec



Acervo da autora (2024).

**Figura 140:** Palestra Evento 10 anos -UAEADTec



Acervo da autora (2024).



**Figura 141:** Palestra Evento 10 anos - UAEADTec



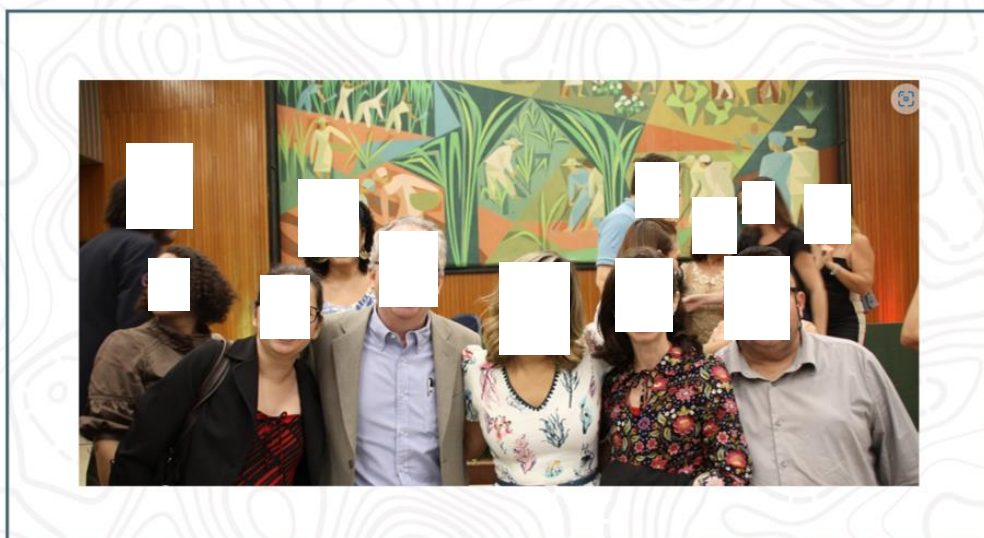
Acervo da autora (2024).

**Figura 142:** Mesa de abertura - Evento 10 anos da UAEADTec/UFRPE



Da esquerda para a direita - ex-reitor da UFRPE, professor Valmar Corrêa de Andrade, professora Maria José de Sena (atual Reitora da UFRPE), docentes da EAD/UFRPE, Sônia França, Juliana Diniz, Ivanda Martins, Francisco Santos. Acervo da autora (2024).

**Figura 143:** Docentes da UFRPE/UAEADTec



Da esquerda para a direita - Profa. Ivanda Martins (ex-coordenadora de Letras EAD/UAEADTec), prof. Jorge Correia (Ex-Diretor da UAEADTec e Ex-Coordenador do Bacharelado em Administração Pública EAD), profa. Juliana Diniz (Ex-Diretora da UAEADTec e atual substituta eventual da Direção Geral da UAEADTec), profa. Adalmeres Mota (Ex- Coordenadora do Bacharelado em Sistemas de Informação EAD) e prof. José de Lima Albuquerque (Coordenador do PROFIAP e docente do PPGTEG/UFRPE). Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 144:** Coordenadoras pioneiras dos Cursos de Graduação EAD/UFRPE, atuaram nas primeiras ofertas dos cursos EAD – Licenciaturas em: Física, Pedagogia, Letras e Bacharelado em Sistemas de Informação.



Acervo da autora (2024). Na **Figura 144**, destaco a participação no Evento de 10 anos da EAD UFRPE, com as queridas amigas docentes da UAEADTec que atuaram desde o início das ações da EAD na UFRPE nas coordenações dos cursos de Licenciaturas em Física, Pedagogia, Letras e Bacharelado em Sistemas de Informação. Da esquerda para a direita: profa. Ana Paulo Teixeira Bruno Silva (ex-Coordenadora da Licenciatura em Física- EAD, de 2017 a 2019, e ex-Coordenadora de Tutoria da Licenciatura em Física EAD, de 2010 a 2016), profa. Ednara Félix Nunes Calado (ex-Coordenadora da Licenciatura em Pedagogia- EAD, de 2013 a 2018, e ex-Coordenação Adjunta da UAB/UFRPE (2020 a 2024), profa. Ivanda Maria Martins Silva (ex-Coordenadora da Licenciatura em Letras EAD, período 2010 a 2019) e profa. Adalmeres Mota (ex-Coordenadora do Bacharelado em Sistemas de Informação EAD, de 2011 a 2018).

Destaco as parcerias com as queridas amigas, as professoras Ana Paulo Teixeira Bruno Silva, Ednara Félix Nunes Calado e Adalmeres Mota, as quais foram pioneiras nas primeiras ofertas de cursos EAD na UFRPE, como coordenadoras de tutoria, coordenadoras de cursos de graduação. Participamos de muitos eventos juntas para socializar experiências de ensino, pesquisa e extensão no contexto da EAD/UFRPE-UAEADTec.

Outros eventos importantes foram/são o *XIV Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância* (ESUD 2017) e *III Congresso Internacional de Educação Superior a Distância* (CIESUD 2017), eventos que ocorreram, simultaneamente, em Rio Grande, Rio Grande do Sul. Em 2017, consegui aprovar alguns trabalhos para participação no ESUD, em coautoria com as professoras Ednara Calado, Ana Paula Bruno Teixeira, Adalmeres Mota Cavalcanti. Os títulos dos trabalhos foram: *Trabalho de conclusão de curso: conexões dialógicas com a Educação Online e Autoavaliação de curso na Educação a Distância: percepção dos discentes*. Divulgamos as experiências dos cursos EAD quanto às ações do TCC e os processos de autoavaliação das licenciaturas EAD, com foco na divulgação dos quadrinhos criados para disseminar a cultura da EAD na UFRPE, disseminando as ações da CPA/UFRPE.

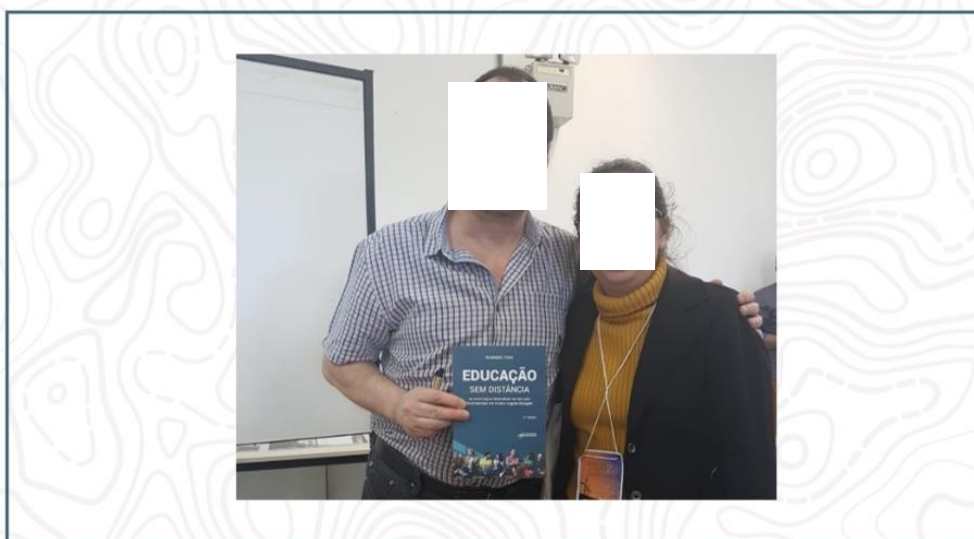
**Figura 145:** Participação no ESUD 2017



Da esquerda para direita: professoras da UFRPE - Ana Paula Bruno Teixeira, Analice Lima, Ednara Calado, Ivanda Martins, e o professor José de Lima Albuquerque, docentes pesquisadores e participantes do ESUD 2017. Acervo da autora (2024).

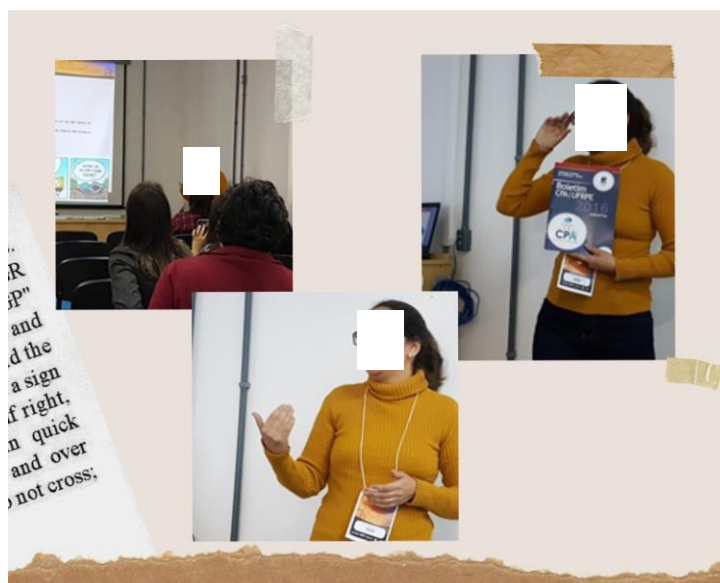


**Figura 146:** Participação no lançamento do livro de Romero Tori



Participação no lançamento de nova edição da obra de Romero Tori, *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem*. O lançamento ocorreu no ESUD 2017, no Rio Grande/RS. Acervo da autora (2024).

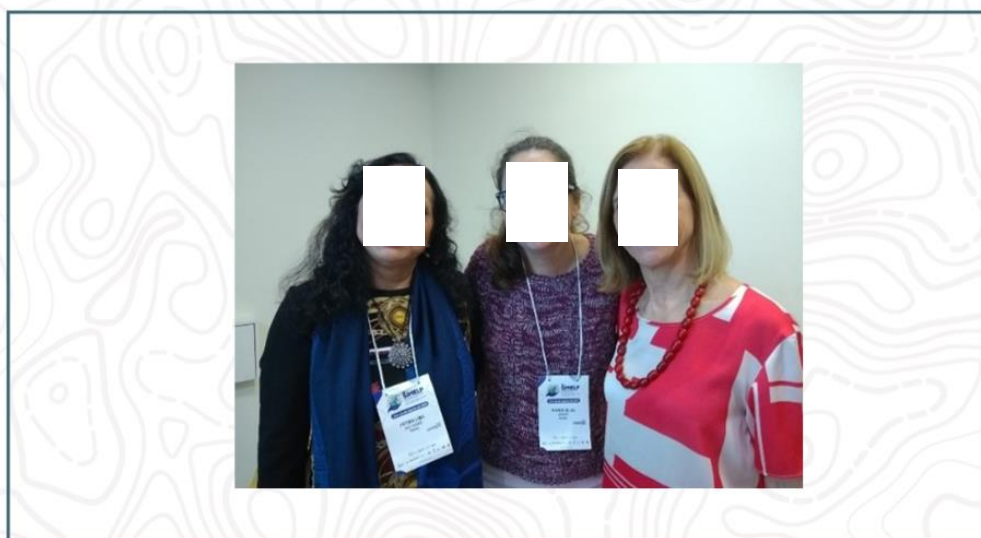
**Figura 147:** Apresentação de trabalho no ESUD 2017 e divulgação do Boletim CPA/UFRPE



Fonte: Acervo da autora (2024).

Na área de Letras, o evento SIMELP também é destacado no cenário internacional. O *SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, idealizado pela Universidade de São Paulo, em parceria com a Universidade de Évora, já foi realizado no Brasil, em Portugal, na China, na Itália. No ano de 2019, em sua sétima edição, vinculado à Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE e à Universidade de São Paulo - USP, o evento ocorreu em Porto de Galinhas, Pernambuco, sob presidência da professora Dra. Renata Barbosa Vicente, no período de 20 a 24 de agosto de 2019. Tive a oportunidade de coordenar mesa-redonda com a participação da professora Dra. Beth Brait (USP), da qual sou fã de carteirinha, e da professora Fátima Lima (PUC- Goiás). Também participei do lançamento de livros, com destaque para a obra do PROGEL/UFPE sobre estudos interdisciplinares da linguagem.

**Figura 148:** Coordenação da sessão de mesa-redonda com a participação de Beth Brait (USP) e Fátima Lima (PUC- Goiás) no SIMELP 2019



Acervo da autora (2024).

**Figura 149:** Lançamento de livros no SIMELP 2019

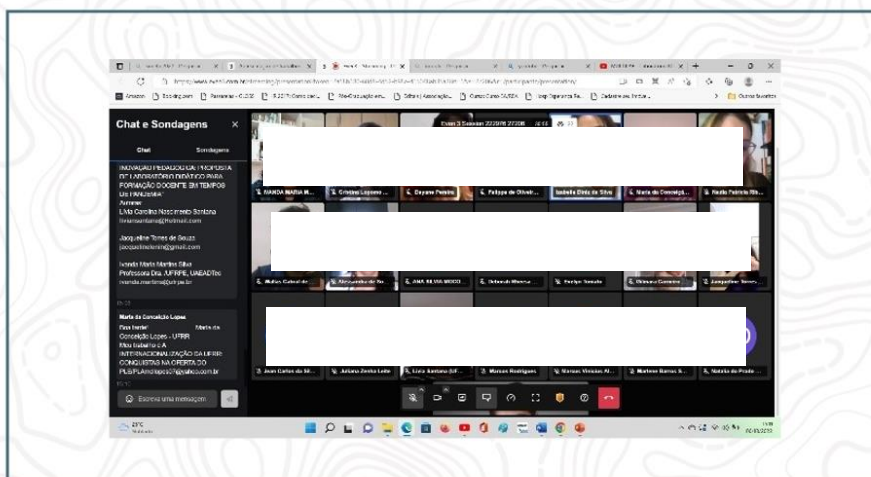


Da esquerda para a direita, os(as) professores(as): Natanael Azevedo, Ivanda Martins, Ana Paula Andrade, Suzana Paulino, Paloma Duarte e José Temístocles Ferreira.  
Acervo da autora (2022).

Em 2022, o SIMELP foi realizado no formato híbrido, com atividades presenciais na USP, em São Paulo, e diversas atividades organizadas de modo remoto. Discentes da Licenciatura em Letras EAD, orientandos(as) do Programa de Iniciação Científica e do Programa de Extensão apresentaram de trabalhos no formato de vídeo-pôster.



**Figura 150:** Apresentação de vídeo-pôster no SIMELP 2022. Discentes do Programa de Extensão MULTILAB Bext (2022) - Lívia Santana e Jacqueline Torres socializando suas pesquisas.

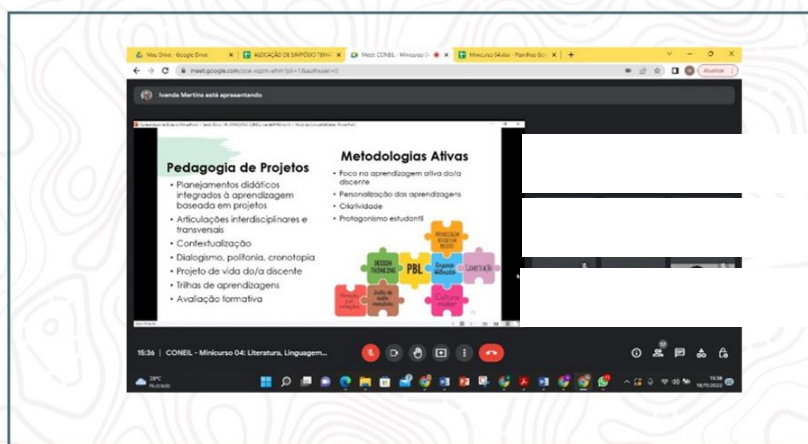


Fonte: Acervo da autora (2024).

Até 2019, participei de diversos eventos nas áreas de Letras e Educação, de forma, ainda, presencial. De 2020 a 2022, em função da pandemia de Covid-19, os eventos foram reconfigurados para os formatos remotos e híbridos, seja com atividades exclusivamente *on-line* ou modelo misto, com ações e vivências realizadas de modo presencial e *on-line*, com apoio de tecnologias digitais. Destaco aqui, neste período, a participação nos eventos *II CONEIL- Congresso Nacional de Estudos Interdisciplinares da Linguagem*, realizado no formato híbrido, com atividades presenciais em Recife e diversos simpósios, mesas temáticas e minicursos realizados de modo remoto.

A **Figura 151** apresenta cenas do Simpósio “*Literatura, tecnologias digitais e educação*” e do Minicurso “*Literatura, linguagem e dialogismo na cultura digital*”, realizados no *II Congresso Nacional em Estudos Interdisciplinares da Linguagem - CONEIL*. Tivemos vários trabalhos submetidos ao Simpósio, com mais de vinte inscritos para socialização de experiência de pesquisas, um momento muito rico e democrático com apoio das TDIC.

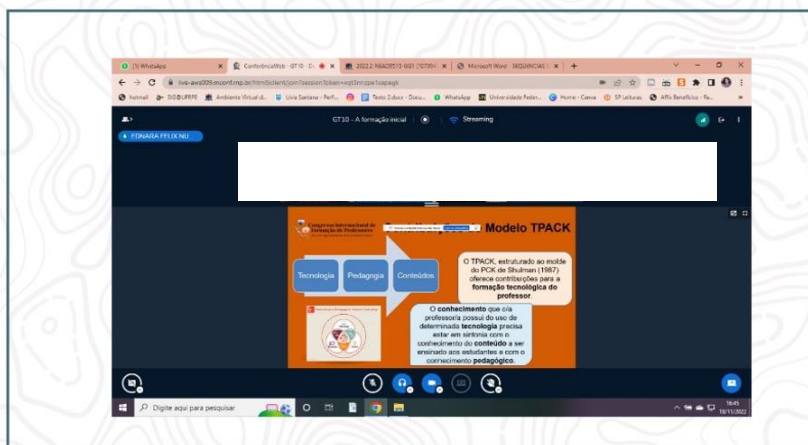
**Figura 151:** Minicurso CONEIL 2022



Fonte: Acervo da autora (2024).

Em 2022, participei do *Congresso Internacional de Formação de professores*, com o tema “*Por uma agenda política, ética e transformadora*”. O evento foi em homenagem à professora Angela Kleiman, realizado no período de 16 a 18 de novembro de 2022, na UFBA, Salvador, Bahia. O evento também foi realizado de forma híbrida e participei do GT sobre Estágio Supervisionado. Foi uma oportunidade de compartilhar as experiências do LABFOR e as ações com oficinas pedagógicas realizadas em Ambientes Virtuais de Aprendizagem no período de pandemia em 2020. Neste evento, assim que entrei na sessão temática para a apresentação do trabalho, tive a grata surpresa de reencontrar um ex-aluno da UFPE, do período em que atuei como professora substituta. Wagner Rodrigues Silva, ex-aluno da UFPE, agora era Professor Titular, da Universidade Federal do Tocantins - UFT, Coordenador da Sessão Temática e pesquisador renomado na área de Linguística Aplicada. Como é gratificante reencontrar ex-alunos em suas travessias formativas e verificar o crescimento acadêmico e profissional desses(as) pesquisadores(as). Com exemplos assim, percebo que a consolidação de minhas *(Trans)Docências* está presente em cada educando(a) com o(a) qual dialoguei/dialogo em processos contínuos de ensino e aprendizagem.

**Figura 152:** Apresentação de comunicação no Congresso Internacional de Formação de Professores (2022)



Fonte: Acervo da autora (2024).

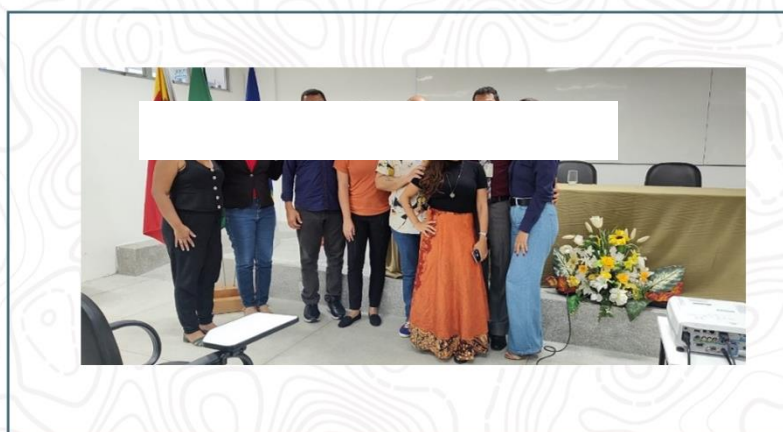
Com o retorno à presencialidade, a partir de 2022, após a pandemia de Covid-19 que ainda estava assolando o planeta, as universidades começaram a ofertar seus eventos em formatos híbridos, com etapas presenciais e remotas. No ano de 2023, participei de eventos no formato remoto e no modelo presencial, como, por exemplo o CicloProf Mata Norte – Ciclo de Palestras do PROFLETRAS Mata Norte, promovido pelo Mestrado Profissional de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE. Ministrei a palestra “*Práticas inovadoras de leitura do texto literário no ensino básico*”, em 29 de março de 2023, conforme as cenas registradas nas **Figuras 153 e 154**.

**Figura 153:** Palestra intitulada “Práticas inovadoras de leitura do texto literário no ensino básico”, no CicloProf - Ciclo de Palestras do PROFLETRAS Mata Norte.



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 154:** Docentes da UPE/Universidade de Pernambuco – PROFLETRAS.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Creio, amigo(a) leitor(a), que os eventos, nos formatos presenciais que conhecíamos antes da pandemia, certamente não serão os mesmos. De certo modo, a rápida inserção das tecnologias digitais nos cenários das universidades, durante o cronotopo pandêmico, propiciou o repensar de modelos, estratégias, recursos em atividades de ensino, pesquisa e extensão. No caso da pesquisa, as tecnologias uniram universidades, pesquisadores(as), discentes, minimizando as fronteiras geográficas e ampliando a rede de interação entre diversos grupos de pesquisas dentro e fora do Brasil.

### 5.2.3.2 Participação como ouvinte em eventos científicos

Ainda existe muita resistência nos meios acadêmicos quanto aos registros de participação como ouvinte em eventos científicos. Parece, muitas vezes, que os(as) professores(as) da Educação Superior são pressionados às apresentações de trabalhos em eventos para inserções nos currículos *Lattes*. Observo essa pressão quanto às apresentações de trabalhos em eventos e noto, também, que vamos esquecendo de contar as nossas participações como ouvintes. Esses processos de participações como ouvintes também são formativos e bem importantes em nossas travessias acadêmicas. Considerando esses aspectos, decidi incluir esta subseção para indicar que participei de **135** eventos como ouvinte (**Apêndice – Quadro 48**).

### 5.3 AVALIAÇÃO DE ARTIGOS EM PERIÓDICOS: AVALIADORA *AD HOC*, QUE CHIQUE!!

Avaliar artigos para publicação em periódicos é sempre uma tarefa importante no campo da Educação Superior. Tive o prazer de receber convites de diversos periódicos, nas áreas de Linguística, Literatura e Educação para contribuir como avaliadora *ad hoc*. Descrevo, aqui, a experiência com esse árduo processo de avaliação na construção de diversos pareceres elaborados nas áreas de Letras, Linguística e Educação para diferentes periódicos.

Na correria da vida universitária, ainda buscava tempo para atuar como avaliadora *ad hoc* em diversos periódicos. Certamente, creio que devo ter avaliado muito mais artigos do que consegui escrever. Essa atividade sempre foi realizada com muito respeito à produção dos(as) pesquisadores(as) que travam verdadeiras batalhas para publicar seus artigos nas concorridas revistas. Apresento o **Quadro 48** com a relação de periódicos nos quais tenho atuado como avaliadora *ad hoc*.

**Quadro 48:** Relação de periódicos na avaliação *ad hoc* de artigos científicos

Título do Periódico	Instituição	Sigla
Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso	Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem /LAEL-PUCSP	PUC/SP
Revista em Tese (Belo Horizonte. <i>Online</i> )	Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PósLit) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG
Cadernos de Pesquisa	Fundação Carlos Chagas	FCC
DLCV Língua, Linguística & Literatura	Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e ao Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da UFPB	UFPB
Letras em Revista	Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	UESPI
Revista Entrepalavras	Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades Departamento de Letras	UFC

	Vernáculas	
Revista <i>Acta Scientiarum.Human and Social Sciences</i>	Universidade Estadual de Maringá	UEM
Revista em Aberto – INEP	INEP	INEP
Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea	Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília	UNB
Revista diálogo das Letras	Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET), do Departamento de Letras Vernáculas e Do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN),	UERN
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP	INEP	INEP
Revista Eletrônica de Educação (São Carlos)- REVEDUC	Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos	UFSCAR
Revista Linhas Críticas UNB	UNB	UNB
OLH@RES - Revista Eletrônica do Departamento de Educação da UNIFESP	Departamento de Educação da EFLCH-Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Campus Guarulhos, da Universidade Federal de São Paulo/ UNIFESP	UNIFESP
Hipertextus Revista Digital da UFPE	NEHTE/Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE	UFPE
CETEC. Revista de Ciência, Empreendedorismo e Tecnologia	FIR- Faculdades Integradas do Recife	FIR

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq

A relação completa dos pareceres emitidos em processos de avaliação de artigos para periódicos está presente no **Apêndice – Quadro 45**, considerando a lista de trabalhos técnicos realizados. No total, elaborei **39 pareceres de avaliação de artigos para diversos periódicos**, conforme descrição no **Apêndice – Quadro 45**.

#### 5.4 PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES CIENTÍFICAS

No ano de 2020, tive o imenso prazer de iniciar a minha participação no Conselho Editorial da Editora Universitária da UFRPE, por meio da Portaria nº 296/2020-GR, de 16 de março de 2020. Neste Conselho Editorial, participei da coordenação do processo de avaliação de obras nas áreas de Letras, Educação a Distância, Educação e Tecnologias. Também participei como membro de corpo editorial de publicações e do Conselho Editorial da *Revista Educação a Distância* (ISSN 2237-2334), conforme o **Apêndice - Quadro 23 - Membro de Corpo Editorial/Conselho Editorial**. Além dessas participações, atuei como membro de Comissões Científicas em diversos eventos, tais como: MILBA, CONEIL, SIMELPE, ESUD, *1º Seminário Internacional Desafios da Educação na Contemporaneidade: formação de educadores em uma sociedade em transição*, e outros. Conforme descrição no **Apêndice – Quadro 45**, tive **37 participações como membro de Comissões Científicas em eventos**.

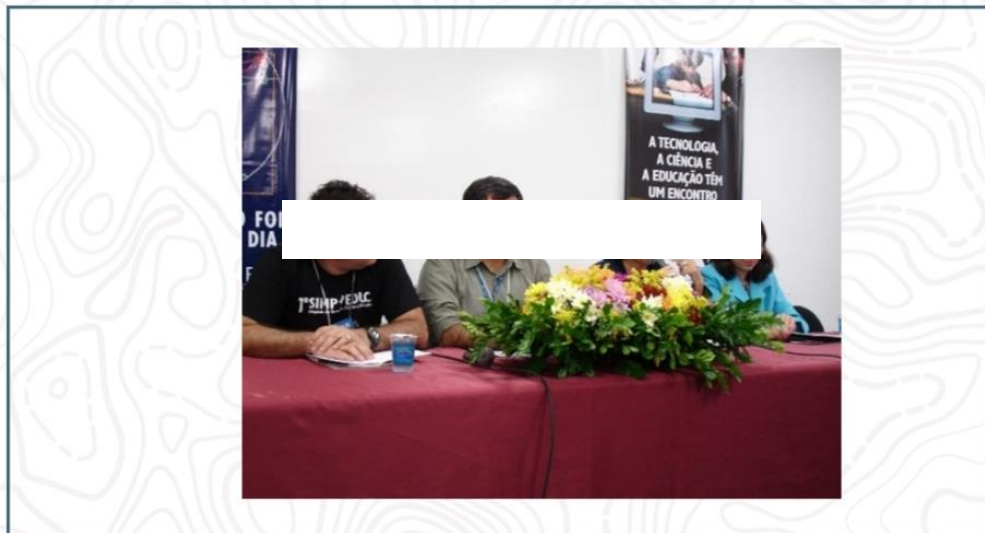


## 5.5 ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

Organizei diversos eventos científicos em minhas andanças pelas práticas extensionistas. No período de 2002 a 2024, **organizei 37 eventos científicos (Apêndice - Quadro 44)**. Dentre os eventos que organizei, destaco o Simpoeduc, ação extensionista desenvolvida, ainda na FIR, com apoio do CNPq. Foi um evento científico, de caráter interdisciplinar, que congregou docentes e discentes dos diferentes cursos ofertados pela FIR. O projeto de evento de extensão Simpoeduc foi aprovado no Edital MCT/CNPq 03/2005, catalogado como processo número 453136/05-2.

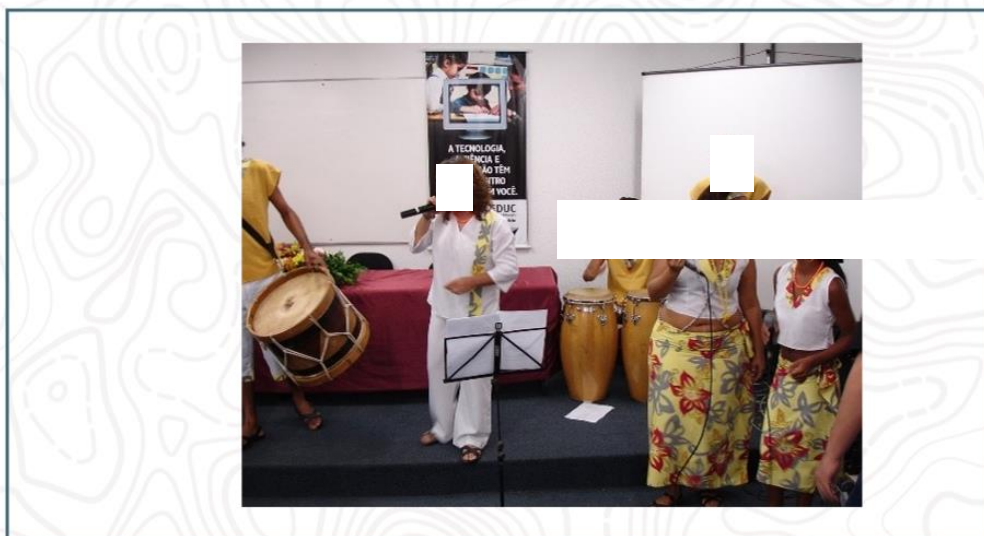
Os eventos *I Simpósio de Tecnologia, Ciência e Educação- Simpoeduc* e *V Jornada de Iniciação Científica - Jonic* foram realizados, simultaneamente, nos dias 05, 06 e 07 de outubro de 2006, com o objetivo principal de divulgar a produção científica de forma integrada, reconhecendo pesquisas geradas pelos programas de incentivo à iniciação científica (PIBIC/Facepe – PIBIC/FIR), objeto principal da V JONIC, bem como pesquisas oriundas de trabalhos de outras naturezas, divulgando a ciência em sintonia com as demandas sociais de forma multidisciplinar, objetivo primordial do I Simpoeduc. O Simpoeduc abordou, de modo multidisciplinar, as inter-relações entre Tecnologia, Ciência e Educação, considerando os impactos dos avanços tecnológicos nas estratégias de ensino-aprendizagem e na forma de pensar a ciência em sua função pragmática e social. As **Figuras** a seguir revelam alguns registros do Simpoeduc, tais como: a sessão de abertura, com a participação da querida professora Nelly Carvalho (UFPE) e as sessões de mesas redondas e o momento cultural.

**Figura 155:** Palestra da professora Nely Carvalho (UFPE) - Abertura 1º Simpoeduc



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 156:** Momento cultural na abertura do 1º Simpoeduc com a participação da professora da Educação Básica e escritora Jeane Siqueira



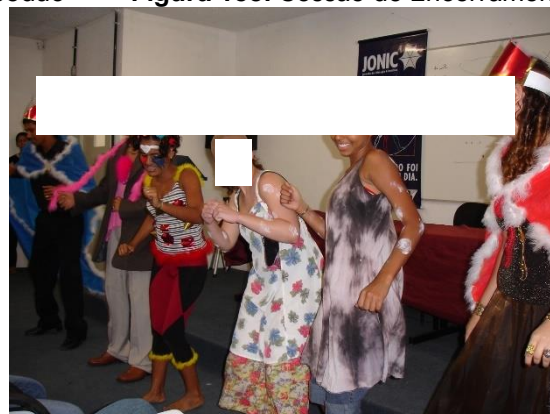
SACE/ Salão de Arte, Ciência e Educação. Profa. Jeane Siqueira e estudantes da escola pública Municipal de Tejipió. 5/10/2006. Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 157:** Sessão de mesa-redonda no Simpoeduc



Sessão de mesa-redonda: *Gênero, saúde, educação e políticas públicas*. Da esquerda para direita: professoras Josineide Meneses (FIR), Alda Batista (FIR) e professor Walfrido Menezes (FIR). Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 158:** Sessão de Encerramento



SACE/Salão de Arte, Ciência e Educação - *Dramatizando a História*. Apresentação de estudantes da Escola Estadual Senador Paulo Guerra, sob orientação da professora Kátia Pereira. Fonte: Acervo da autora (2024).

Busquei, seja no contexto privado ou na Universidade pública, desenvolver ações de integração entre ensino, pesquisa e extensão. O Simpoeduc foi um evento articulador entre diversas áreas do conhecimento, contemplando os cursos de graduação e de pós-graduação da FIR. Além disso, o Simpoeduc buscou integrar escolas e Universidades, incentivando movimentos dialógicos entre docentes, discentes e pesquisadores(as).

Ainda na FIR, outro evento que organizei foi o *SEPE- Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão*. Com o tema “*Ensino, pesquisa e extensão: integrando universidade e comunidade*”, o *I Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPE)*, realizado nos dias 24 e 25 de maio de 2007, no campus da Faculdade Integrada do Recife (FIR), revelou-se como um evento que buscou promover maior integração entre a universidade e as demandas sociais da comunidade. O SEPE pretendeu ampliar as reflexões sobre ensino, pesquisa e extensão, tendo em vista as relações indissociáveis entre esses três pilares que

proporcionam a sintonia entre Universidade e Sociedade. Nesse sentido, o *I Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPE)* trouxe contribuições para ampliação e divulgação do conhecimento científico, promovendo a participação de pesquisadores, docentes e discentes de várias áreas do conhecimento, no sentido de minimizar as distâncias entre ciência e sociedade.

Vários temas foram contemplados, tais como: saúde, educação, cidadania, Estatuto da Criança e do Adolescente, relações étnico-raciais, leitura e produção textual, projetos educacionais, inclusão social, formação docente, educação ambiental, práticas pedagógicas interdisciplinares, metodologias de ensino, políticas públicas, arte e educação, além de vários outros que foram amplamente vivenciados nas seguintes atividades: sessão de mesas-redondas, feira extensão em ação, oficinas pedagógicas, palestras e sessão de pôster. Vale ressaltar que as oficinas pedagógicas tiveram a participação de estudantes de escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, além da valiosa participação dos(as) discentes do Projeto Recriar (COEX-FIR). Por meio da rodada de oficinas, buscamos aproximar escola e Universidade, fomentando a descoberta e o prazer da produção científica nas crianças e adolescentes, futuros(as) pesquisadores(as) em sintonia com as exigências do mundo contemporâneo. Vários projetos de trabalho, relatos de experiências docentes, além de diversos projetos de extensão foram divulgados na feira Extensão em Ação e na Sessão de Pôster, atividades que contaram com a participação de docentes e discentes do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. As propostas de mesas-redondas discutiram temas, tais como: educação, meio ambiente, tecnologia, projetos, políticas públicas e inclusão social. As **Figuras** a seguir revelam algumas atividades realizadas durante o SEPE.

**Figura 159:** Sessão de abertura – SEPE



Conferência de abertura - Prof. Dr. Sérgio Abranches (UFPE) - SEPE, 24/05/2007.  
Sessão de Abertura: José Ricardo Diniz (direção geral- FIR), Sérgio Abranches (UFPE) e Ivanda Martins (FIR). Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 160: Registros do 1º SEPE- FIR.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Outro evento que organizei foi o LLEDUC - *Encontro Interdisciplinar de Língua, Literatura e Educação*. Este evento foi realizado de 2010 a 2017, com o objetivo principal de aprimorar a qualificação da formação inicial de licenciandos(as) de Letras da UAEADTec/UFRPE, considerando as articulações entre os eixos de ensino-pesquisa-extensão, bem como tendo em vista uma abordagem interdisciplinar/transversal. O LLEDUC foi realizado nos polos EAD onde a Licenciatura em Letras era ofertada nas primeiras entradas. Desse modo, o evento foi realizado, inicialmente, em Pesqueira, Carpina, e, posteriormente, em Afrânio, conforme as entradas do curso de Letras aprovadas pelo Programa UAB/CAPES. O vídeo disponível no *Facebook* da UAEADTec apresenta a memória do LLEDUC no aniversário de 10 anos da UAEADTec/UFRPE. O vídeo está disponível em: <https://11nk.dev/AnG1o>

Na edição do LLEDUC 2017, os(as) monitores(as) organizaram um *blog* com informações e fotos do evento: <http://letrasLleduc.blogspot.com/2017/10/>. As fotos descritas a seguir revelam cenas e memórias do LLEDUC nos polos de Pesqueira, Carpina e Afrânio, com docentes, tutores(as), colaboradores(as) UAB, discentes e coordenações de polos EAD.

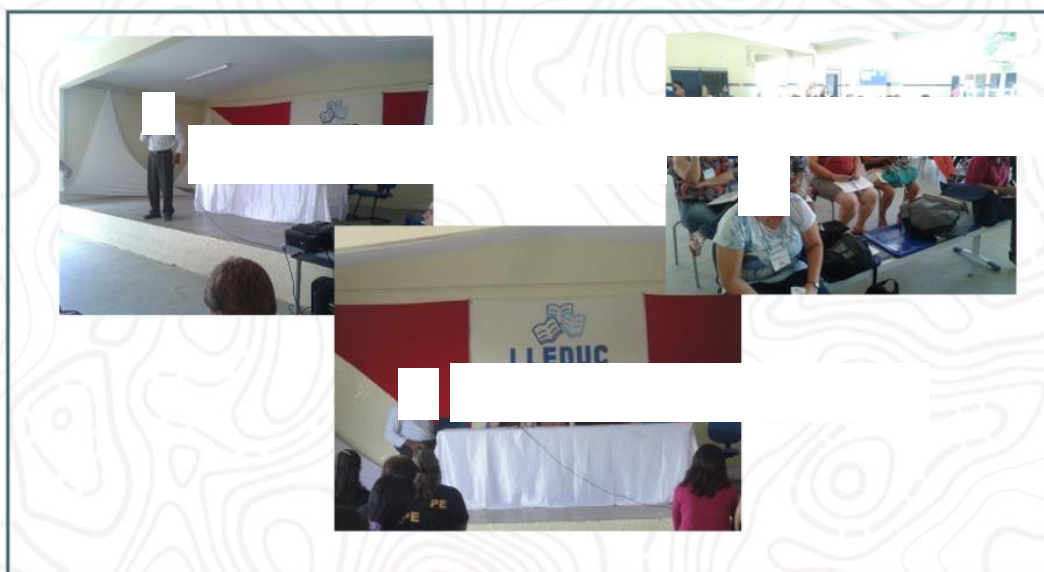


**Figura 161:** Cenas da Sessão de Abertura do 1º LLEDUC- Polo Pesqueira (2010).



Fonte: Acervo da autora (2024). Na primeira imagem, da esquerda para a direita: Ivanda Martins (Coordenação de Letras EAD em 2010), Josivânia Freitas (Coordenação de Tutoria do Curso de Pedagogia EAD em 2010), Maria Lúcia Cabral (docente colaboradora UAB/ Letras EAD), Luci Ferreira Leite (Coordenação do Polo Pesqueira em 2010), prof. Dr. Francisco Luís dos Santos (Diretor da UAEADTec em 2010), Maria de Fátima Bezerra de Araújo (tutora presencial Letras EAD/UFRPE), Águeda Rosana Mascarenhas do Rego Barros (Coordenação Adjunta - Polo Pesqueira em 2010).

**Figura 162:** Sessão de Abertura do 4º LLEDUC - Polo Carpina



Fonte: Acervo da autora (2024). Abertura da 4ª Edição do LLEDUC – Polo Carpina (ano 2014). Na primeira imagem, da esquerda para a direita: Manoel Terêncio (Coordenador de Polo Carpina, Ivanda Martins (Coordenação de Letras EAD/UFRPE); Ana Paula Andrade (Letras UAB/EAD/PCR), José Carlos França (UFPE). Na segunda imagem, Coordenadora Adjunta do Polo Carpina e Tutora Presencial Letras EAD.

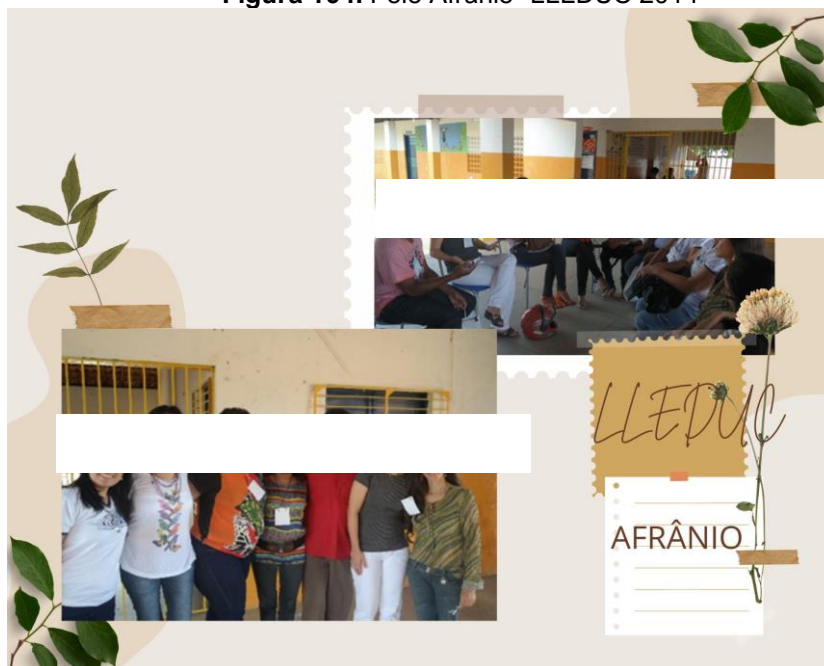


**Figura 163:** Licenciandos(as) de Letras EAD/UFRPE – LLEDUC (Polo Afrânio)



Acervo da autora (2024). Da esquerda para a direita: professoras tutoras Andrea (sentada, vestindo a camisa do LLEDUC); professor Raimundo Nonato (Coordenador - Polo Afrânio), sentado e vestindo camisa vermelha; logo atrás do coordenador, Marnete (tutora presencial do Polo Afrânio), quase ao lado de Marnete, professora Sônia Virgínia (Docente UFPE), vestindo camisa colorida; Ivanda Martins (Coordenação de Letras EAD em 2014) bem ao lado de Marnete, professoras Adriana (Apoio à Tutoria UAB) e Ceuline, esta que é a primeira sentada na extrema direita da imagem, e todos(as) os(as) licenciandos(as) do Polo Afrânio que participaram ativamente do LLEDUD, desde a organização à oferta de oficinas pedagógicas articuladas às vivências do ESO.

**Figura 164:** Polo Afrânio- LLEDUC 2014



Acervo da autora (2024). Professoras tutoras Andrea e Ceuline, Apoio à Tutoria (Adriana), Sônia Virgínia (Docente UFPE), Raimundo Nonato (Coordenador do Polo Afrânio), Ivanda Martins (Coordenação de Letras EAD/UFRPE), professora tutora presencial Marnete.

**Figura 165:** Sessão de Abertura do LLEDUC – 2017 – UFRPE/sede- Recife



Acervo da autora (2024). Da esquerda para a direita: Ivanda Martins (UFRPE), Ewerton Luna (UFRPE), Ednara Calado (UFRPE), Sulanita Santos (UFPE), Maria Lúcia Cabral (Coordenação Pedagógica Letras EAD/UAB/UFRPE).

**Figura 166:** Registros do LLEDUC na UFRPE com participação de todos os polos ativos de Letras EAD em 2017– Carpina, Pesqueira, Afrânio.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Outro evento que organizei em articulação com as ações da Coordenação de Letras EAD foi o *SEPE - Seminários de Pesquisa em Letras e TCC*, evento de extensão articulado ao processo de formação inicial docente de licenciandos(as) em Letras da Unidade Acadêmica de Educação e Tecnologia (UAEADTec/UFRPE). Neste evento, os estudantes de Letras EAD tinham a oportunidade de socializar suas experiências de pesquisa, com base nos eixos formativos, tais como: estudos linguísticos e literários, com conexões em relação às temáticas pedagógicas. O objetivo principal do evento era divulgar as pesquisas produzidas

no componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso, com vistas a incrementar a produção científica na área de Letras. As **Figuras 167 e 168** apresentam algumas cenas do SEPE realizado na sede da UFRPE, em 2019. Nesta edição do SEPE, estudantes de diferentes polos, como Pesqueira, Carpina, Recife, Surubim, apresentaram suas pesquisas de TCC na sede da UFRPE, em Recife - PE.

**Figura 167:** Sessão de Abertura do SEPE – Seminário de Pesquisas e TCC de Letras EAD - ano 2019.



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 168:** Docentes e discentes no SEPE – Seminário de Pesquisas e TCC de Letras EAD – ano 2019.



Professores(as), tutores(as) de TCC e estudantes da Licenciatura em Letras EAD/UAEADTec- UFRPE.  
Fonte: Acervo da autora (2024).

Ufa! Você deve estar cansado(a), amigo(a) leitor(a), mas vamos lá! Após essa arqueologia visual das cenas de minhas participações em eventos, é o momento de narrar as minhas vivências nas inúmeras bancas examinadoras, conforme a próxima seção.

## 5.6 PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS: MÚLTIPLAS APRENDIZAGENS

Participei de bancas examinadoras de TCC, monografias de Especialização, Mestrado, Doutorado, concursos e outras ao longo de minhas travessias nas múltiplas (Trans)Docências. Sempre busquei avaliar os trabalhos no sentido de contribuir para aprimorar as produções, com vistas à divulgação científica. Participei de bancas em diferentes universidades e faculdades, tais como: UFRPE, UFPE, UPE, UNICAP, FUNDAJ, FAFIRE, UFPB, UFRRJ, FANTVISA, FIR, FAESC, UFABC-SP. O **Quadro 49** apresenta a síntese do panorama de minhas participações em bancas de Trabalho de Conclusão e Curso, Cursos de Especialização – Pós-Graduação *Lato Sensu*, Mestrado e Doutorado.

**Quadro 49:** Relação de participações em bancas

Tipo da banca	Nº	Instituição/Programa
Trabalho de Conclusão de Curso Graduação	<b>69</b>	UFPE - Licenciatura em Letras UFRPE - Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa e Língua Espanhola (presencial); Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD e Licenciatura em Pedagogia EAD FIR - Bacharelado em: Psicologia, Turismo, Fonoaudiologia.
Monografia Pós-graduação <i>lato sensu</i>	<b>25</b>	UFRPE - Especialização em Mídias na Educação; Especialização em Direitos da Criança e do Adolescente - FAESC - Especialização em Ensino de Língua Portuguesa FAFIRE - Especialização em Literatura Brasileira
Mestrado Exame de Qualificação	<b>60</b>	UFRRJ/PPGEA- RJ - Pós-Graduação em Educação Agrícola UFRPE/Progel- Pós-Graduação em Estudos da Linguagem UFRPE/PPGTEG - Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância UFPE/PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras UFPE/PGLetras - Pós-Graduação em Letras UFPE/PPGEdu - Pós-Graduação em Educação UFPE/EDUMATEC - Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica Fundaj/UFRPE/ PPGECl - Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades
Mestrado Defesa pública	<b>74</b>	UFABC/PCHS- SP - Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais UFRPE/Progel - Pós-Graduação em Estudos da Linguagem UFRPE/PPGTEG - Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância UFRPE/PPGIA - Pós-Graduação em Informática Aplicada UFPE/PROFLETRAS - Mestrado Profissional em Letras UFPE/PGLetras - Pós-Graduação em Letras UFPE/EDUMATEC - Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica FUNDAJ/UFRPE/ PPGECl – Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades UPE/PROFLETRAS - Mestrado Profissional em Letras UPE/PPGE- Pós-Graduação em Educação
Doutorado Exame de Qualificação	<b>18</b>	UFPE/PGLetras - Pós-Graduação em Letras UFPE/PGEdu - Pós-Graduação em Educação UFPE/EDUMATEC - Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica



Doutorado Defesa pública	22	UNICAP/PPGCL - Ciências da Linguagem UFPE/PGLetras - Pós-Graduação em Letras UFPE/PGEdu - Pós-Graduação em Educação UFPE/EDUMATEC - Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica UNICAP/PPGCL - Pós-Graduação em Ciências da Linguagem Proling/UFPB - Pós-Graduação em Linguística
<b>Total</b>	<b>268 bancas</b>	

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*.

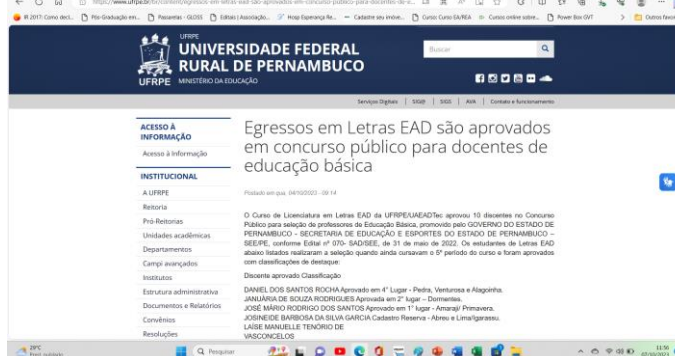
Conforme o **Quadro 49**, participei ativamente de diversas bancas de Trabalho de Conclusão de Cursos, Especialização, Mestrado e Doutorado, perfazendo o total de **268** participações. Não computei, aqui, as bancas de outra natureza, como PIBID, PRP e outras que ainda fazem parte de nossas rotinas acadêmicas. Nas próximas subseções, descreverei, de modo detalhado, as minhas participações em bancas de trabalhos acadêmicos.

### 5.6.1 Bancas de Trabalhos de Conclusão de Curso - graduação

Participar de bancas de Trabalhos de Conclusão de Cursos de graduação sempre foi uma atividade muito prazerosa em minhas travessias como docente. Acompanhar os(as) estudantes em seus percursos formativos iniciais no campo da pesquisa me deixava muito orgulhosa e me levava aos tempos de minha graduação, ativando minhas memórias como discente de Iniciação Científica. No período de 2005 a 2024, tive o prazer de participar de **69** bancas de TCC (**Apêndice – Quadro 34**).

No ano de 2023, participei de uma verdadeira maratona de bancas de TCC pelo quantitativo de discentes concluintes do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE. Neste período orientei aproximadamente **18** discentes na elaboração de TCC. O Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE teve **10** discentes aprovados em Concurso Público para seleção de professores de Educação Básica, promovido pelo Governo do Estado de Pernambuco - Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco – SEE/PE, conforme Edital nº 070- SAD/SEE, de 31 de maio de 2022. A **Figura 169** mostra a notícia na página principal da UFRPE sobre a aprovação dos(as) discentes.

**Figura 169:** Notícia sobre a aprovação de discentes do Curso de Letras EAD UFRPE em Concurso Público para seleção de professores de Educação Básica - Governo do Estado de Pernambuco



Fonte: Site da UFRPE (2023). <https://encurtador.com.br/bhHPS>



Os/As estudantes de Letras EAD listados(as), no **Quadro 50**, realizaram a seleção quando ainda cursavam o 5º período do curso e foram aprovados(as) com classificações de destaque.

**Quadro 50:** Relação de discentes do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE aprovados(as) em Concurso Público - Seleção de Professor(a) de Educação Básica do Governo do Estado de Pernambuco

Discente aprovado(a)	Classificação
DANIEL DOS SANTOS ROCHA	Aprovado em 4º Lugar - Pedra, Venturosa e Alagoinha.
JANUÁRIA DE SOUZA RODRIGUES	Aprovada em 2º lugar – Dormentes.
JOSÉ MÁRIO RODRIGO DOS SANTOS	Aprovado em 1º lugar - Amaraji/ Primavera.
JOSINEIDE BARBOSA DA SILVA GARCIA	Aprovada em Cadastro Reserva - Abreu e Lima/Igarassu.
LAÍSE MANUELLE TENÓRIO DE VASCONCELOS	Aprovada em 1º lugar - Pesqueira, Poção e Sanharó.
LÍVIA CAROLINA NASCIMENTO SANTANA	Aprovada em 1º lugar – Recife.
MARIA CRISTINA DOS SANTOS OLIVEIRA	Aprovada em 1º lugar – Escada.
MARLÍ RODRIGUES PAIXÃO	Aprovada em Cadastro Reserva - Afrânio/Petrolina.
MURIEL PRADO DE MELO JUNIOR	Aprovado em Cadastro Reserva - Cabo Santo Agostinho, Ipojuca.
RAFAELA KAROLINA SOUZA MARQUES	Aprovada em Cadastro Reserva – Limoeiro.

Fonte: Site UFRPE (2023).

A **Figura 170** apresenta as discentes Lívia Santana e Laíse Vasconcelos em suas bancas de TCC, com apresentações de seus trabalhos com base nas vivências pedagógicas realizadas no Programa de Residência Pedagógica do Núcleo de Letras - Língua Portuguesa EAD da UFRPE.

**Figura 170-** Bancas TCC Letras EAD



Fonte: Acervo da autora (2024).

Como era gratificante orientar TCC e participar dessas bancas, observar a evolução da trajetória formativa dos(as) licenciandos(as) no processo de construção de suas identidades docentes. Além da avaliação dos trabalhos de TCC, participei de diversas bancas no âmbito dos cursos de pós-graduação *lato sensu*. Ficou curioso(a), leitor(a), então, já pode seguir para a próxima seção.

### 5.6.2 Bancas de cursos de pós-graduação *lato sensu*

No período de 2007 a 2024, participei de **25** bancas de cursos de pós-graduação *lato sensu*, avaliando trabalhos dos cursos de especialização em que atuei como orientadora ou como professora (**Apêndice – Quadro 35**). Minha atuação em bancas de especialização foi mais tímida na UFRPE, com apenas **17** participações, considerando os trabalhos na pós-graduação *lato sensu* em *Mídias na Educação* e no *Curso de Especialização em Direitos da Criança e do Adolescente*.

Na UFRPE, não há muitos cursos de especialização *lato sensu*, e, muitas vezes, é maior o estímulo para que o(a) estudante ingresse logo nos Mestrados da Universidade. Como eu cursei *Especialização em Literatura Brasileira*, na UFPE, compreendo bem a importância dessa etapa formativa e a importância das vivências dos(as) estudantes em cursos de pós-graduação *lato sensu*, como período de transição para o Mestrado. Em meus percursos formativos, optei por esta escolha, ou seja, cursar, inicialmente, a Especialização para depois fazer a imersão no Mestrado, embora, como já narrei, tive que cursar o meu último semestre da *Especialização em Literatura Brasileira* de modo simultâneo ao primeiro semestre do Mestrado, visto que já havia sido aprovada no PGLetras/UFPE. Quando cursei a Especialização na UFPE, a duração da pós-graduação *lato sensu* era de 1 ano e 6 meses. Na contemporaneidade, os Cursos de Especialização são mais compactos, mais aligeirados em instituições privadas de ensino, por exemplo, alguns cursos de pós-graduação *lato sensu* podem ser finalizados em 6 (seis) meses ou até em período inferior.

Quando comecei a orientar estudantes no Mestrado, percebi a maturidade de estudantes que já tinham vivências em Iniciação Científica ou em Cursos de Especialização. Tais mestrandos(as) demonstravam maior autonomia em seus percursos investigativos e finalizavam o Mestrado mais rapidamente.

### 5.6.3 Bancas de Mestrado: rotinas na vida da professora universitária

Nesta seção, descrevo as minhas participações em bancas de Mestrado, seja na etapa de Exame de Qualificação, seja na defesa pública. Fui convidada por diferentes programas de pós-graduação, como PROFLETRAS/UPE, EDUMATEC/UFPE, PROFLETRAS/UFPE, PPGTEG/UFRPE, PGLetras/UFPE, PGEdU/UFPE, UNICAP/PPGCL, UFRRJ/PPGEA, PPGEI-Fundaj/UFRPE, UFABC/PCHS- SP, e outros, para participar de bancas de Mestrado. Participei sempre com o olhar atento às pesquisas apresentadas e reconhecendo o valioso esforço de todos(as) pesquisadores(as) que apresentam seus trabalhos com verdadeira paixão. É muito gratificante contribuir para a formação de pesquisadores(as) no contexto do Mestrado, compreendendo todos os desafios vivenciados pelos(as) mestrandos(as) que precisavam se dividir entre trabalho, família e estudos/pesquisas. As produções de

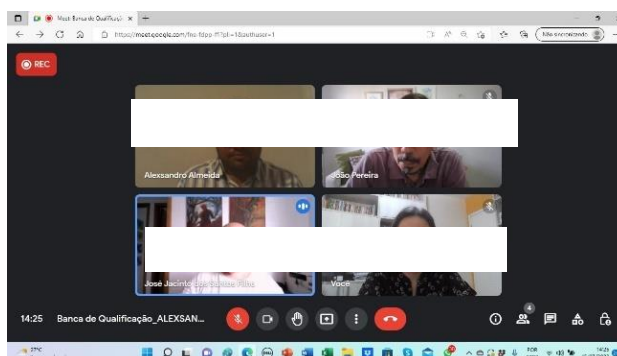
Dissertações de Mestrado avaliadas revelavam a dedicação de mestrandos(as) envolvidos(as) com suas pesquisas.

### 5.6.3.1. Bancas de Exame de Qualificação - Mestrado

No período de 2013 a 2024, participei de **61** bancas de **Exames de Qualificação de Mestrado (Apêndice – Quadro 36)**. Acredito que as bancas de qualificação são mais valiosas em termos de compartilhamentos de leituras e de experiências, com vistas a contribuir para aprimorar as pesquisas ainda em andamento. Busquei estreitar o diálogo com os(as) pesquisadores(as) sempre com muito respeito, buscando conhecer as travessias dos(as) mestrandos(as) em suas singularidades.

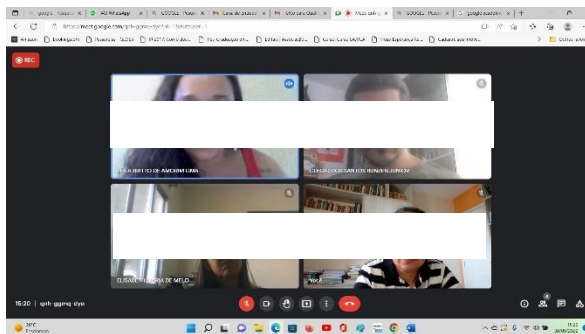
Creio que o contexto da pandemia de Covid-19 foi o mais desafiador para mestrandos(as) e seus/suas orientadores(as). Participei de diversas bancas neste período e aprendi muito com os relatos de desafios e superações dos(as) mestrandos(as). Alguns/Algumas tiveram que mudar rotas de pesquisa, ajustar cenários de coleta de dados, em função da interrupção das atividades presenciais em escolas, universidades e demais instituições de ensino. Outros trabalhos descobriram as potencialidades das tecnologias no universo de pesquisas aplicadas em ambientes virtuais, com apoio de recursos tecnológicos que ajudaram a (re)inventar caminhos para outras trilhas de pesquisas. As **Figuras** a seguir descrevem as minhas participações em algumas bancas de Exame de Qualificação de Mestrado em diferentes programas de pós-graduação, nas áreas de Letras, Linguística e Educação.

**Figura 171:** Banca de Exame de Qualificação de Alexsandro Almeida – PROGEL/UFRPE (2022).



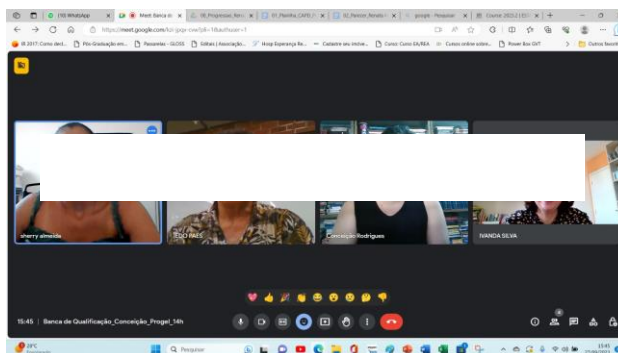
Exame de Qualificação de Alexsandro Almeida, meu orientando no PROGEL/UFRPE e egresso de Letras EAD/UFRPE, foi meu orientando PIBIC – Letras EAD. Participação dos professores José Jacinto dos Santos Filho (UPE/PROFLETRAS) e João Pereira da Silva (UFRPE/PROGEL).

**Figura 172:** Banca de Exame de Qualificação - Elisabeth Maria de Melo – PROFLETRAS/UFPE (2022).



Exame de Qualificação da mestrandia Elisabeth Maria de Melo, em 2022, orientanda do professor Clecio dos Santos Bunzen Júnior (UFPE), participação das professoras Ivanda Martins (UFRPE) e Leila de Amorim Britto de Amorim Lima (UFAPE). Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 173:** Banca de Exame de Qualificação de Conceição Rodrigues – PROGEL/UFRPE – (2023).



Banca de Exame de Qualificação da mestrandia Etelvina Conceição de Maria Araújo Rodrigues, escritora pernambucana e minha orientanda no PROGEL/UFRPE, com a participação do professor Iêdo de Oliveira Paes (PROGEL/UFRPE) e da professora Sherry Almeida (DL-UFRPE).  
Fonte: Acervo da autora (2024).

Tive o prazer de reencontrar Conceição Rodrigues<sup>44</sup> (Cecita) no PROGEL/UFRPE, minha ex-aluna na pós-graduação da FAFIRE, autora pernambucana de destaque na cena literária e que desenvolve o trabalho de pesquisa: *Literatura viva na escola: conexões dialógicas com a obra e a voz do autor pernambucano Raimundo Carrero*. Valorizar a produção literária pernambucana sempre foi/é uma luta que também persigo em meus estudos, desde a Iniciação Científica até o Doutorado. O trabalho de Cecita certamente contribuirá para dar ainda mais visibilidade à obra de Raimundo Carrero<sup>45</sup>, autor com rica

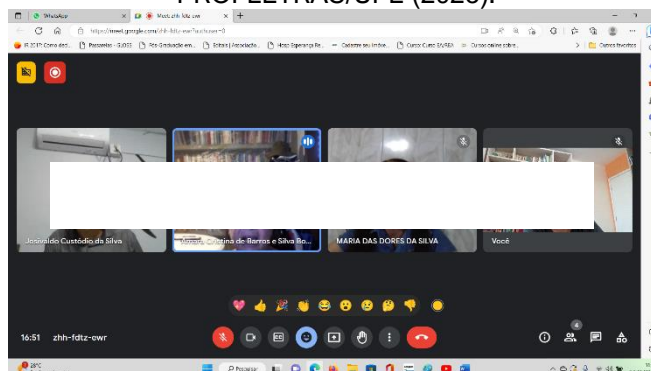
<sup>44</sup> Conceição Rodrigues é autora pernambucana de destaque na cena literária contemporânea, com a publicação das obras: *“Molhada até os ossos”* – poemas (2020), Editora Patuá; *“Os dedos das santas costumam faiscar”* - poemas (2021), Editora Patuá; *“E deus não acudiu ninguém”* – contos (2023), Editora Patuá. Site da Editora Patuá:

<https://www.editorapatua.com.br/busca?n=E%20deus%20n%C3%A3o%20acudiu%20ningu%C3%A9m>

<sup>45</sup> Raimundo Carrero é escritor da cena literária pernambucana com vasta produção ficcional, tendo obras premiadas, como: Prêmio Jabuti na categoria contos, com livro *“As Sombras Ruínas da Alma”*; Prêmio São Paulo de Literatura, com o romance *“Minha Alma é Irmã de Deus”*. Em 2018, a Companhia Editora de Pernambuco - CEPE publicou o volume *“Condenados à Vida”*, que reúne sua tetralogia composta pelos livros *“Maçã agreste”* (1989), *“Somos pedras que se consomem”* (1995),

produção que precisa ser sempre revisitada, lida, relida, pesquisada, abordada dentro e fora dos muros das escolas e das academias.

**Figura 174:** Banca de Exame de Qualificação de Maria das Dores da Silva PROFLETRAS/UPE (2023).



Banca de Exame de Qualificação de Maria das Dores da Silva, orientanda da professora Dra. Amara Cristina Botelho (UPE), minha ex-professora da Licenciatura em Letras- UFPE. Participação do professor Josivaldo Custódio da Silva (UPE) na banca realizada em 25/05/2023. Fonte: Acervo da autora (2024).

Destaco, amigo(a) leitor(a), a banca de Exame de Qualificação de Mestrado de Maria das Dores da Silva, mestranda do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade de Pernambuco- UPE, com trabalho intitulado: *“Formação do leitor e letramento literário: leitura e escrita de contos no 5º ano do Ensino Fundamental”*. Recebi o convite da orientadora, a querida professora Amara Cristina Botelho, da UPE. Como relatei anteriormente, Cristina foi minha professora, na UFPE, e cursei diversas disciplinas de Teoria Literária e Literatura Brasileira com ela. Agora, eu estava reencontrando Cristina nesta etapa de banca de Exame de Qualificação e me sentia honrada por participar da avaliação do trabalho. A banca de Exame de Qualificação contou, também, com a participação do professor Dr. Josivaldo Custódio da Silva (UPE).

### 5.6.3.2 Bancas de defesas públicas de Dissertações de Mestrado

A participação em bancas de Mestrado sempre foi uma atividade contínua em minhas travessias acadêmicas. Recebi vários convites para participar de bancas de Mestrado, na UFRPE, e em outras instituições, como, por exemplo, na UFPE. Os professores do EDUMATEC/UFPE sempre realizavam os convites para participações em bancas de Mestrado e Doutorado. Na UFRPE, outros(as) colegas docentes contaram com o meu apoio nas verdadeiras maratonas para as defesas dos trabalhos de Dissertação.

A **Figura 175** revela duas cenas dos momentos de Defesa de Mestrado. A primeira foto, com a participação do professor Sérgio Abranches e da professora Maria Auxiliadora Padilha, do EDUMATEC/UFPE, mostra a minha participação com os(as) colegas professores(as) da banca de Mestrado de Patrícia Matias. A segunda foto apresenta a Defesa de Dissertação de Janete Márcia do IFPI, orientanda do professor José de Lima



Albuquerque, com os(as) componentes da banca examinadora, professor Jorge Correia, eu (Ivanda) e a professora Zélia Jófili.

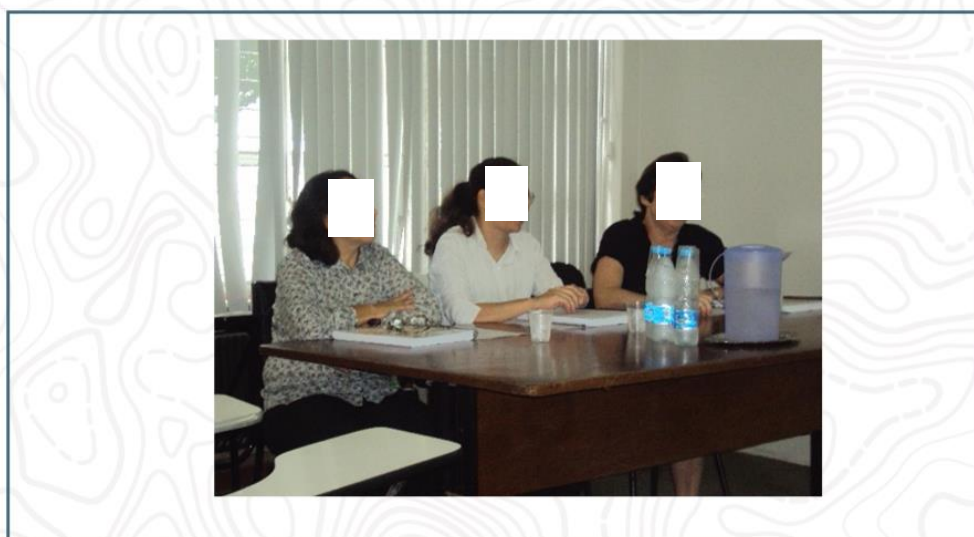
**Figura 175:** Registros de participação em Bancas de Mestrado



Fonte: Acervo da autora (2024).

A **Figura 176** apresenta a participação na banca de defesa pública de Mestrado da professora Albaneide de Souza Campos, no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, com as queridas professoras Maria Lúcia Barbosa e Lívia Suassuna.

**Figura 176:** Participação em Banca de Mestrado, na UFPE - Albaneide de Souza Campos – ano 2012.

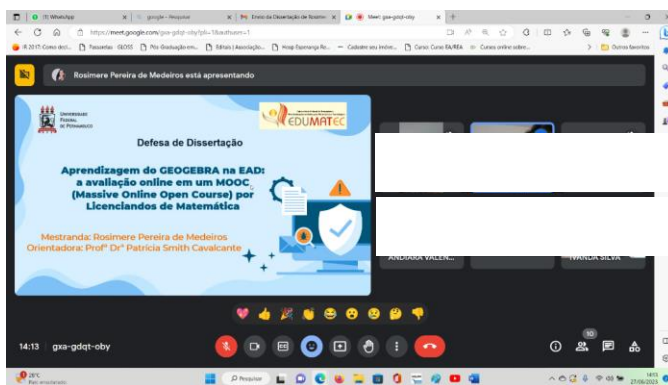


Da esquerda para a direita: professoras Maria Lúcia Barbosa (UFPE), Ivanda Martins (UFRPE) e Lívia Suassuna (UFPE). Fonte: Acervo da autora (2024).

No cronotopo pandêmico, participei de diversas bancas e percebi a luta de mestrandos(as) que realizaram suas pesquisas, fazendo adaptações, ajustes, em função da paralisação de aulas presenciais em escolas e universidades em função do cenário da

pandemia de Covid-19. No campo de pesquisas na área de Educação, muitos(as) ajustaram temas, incluíram os desafios de processos de ensino e aprendizagem, em função de mediações pedagógicas e tecnológicas transformadas em modelos de ERE, EH e novas experiências com a EAD. A seguir coloco alguns registros de participações em bancas do EDUMATEC/UFPE e do PPGTEG/UFRPE, no cenário pandêmico, com a participação dos(as) colegas professores(as), Patrícia Smith Cavalcante (EDUMATEC/UFPE), José de Lima Albuquerque (PPGTEG/UFRPE), Ednara Calado (UAEADTec/UFRPE), Sulanita Santos (UFPE).

**Figura 177:** Banca de Mestrado de Rosimere Pereira – EDUMATEC/UFPE (2023).



Banca de Mestrado 27/06/2023. Título da Dissertação: Aprendizagem do Geogebra na EAD: a avaliação *online* em um MOOC (*Massive Online Open Course*) por Licenciandos de Matemática. Autora: Rosimere Pereira de Medeiros. Orientadora: Patrícia Smith Cavalcante (UFPE/EDUMATEC).

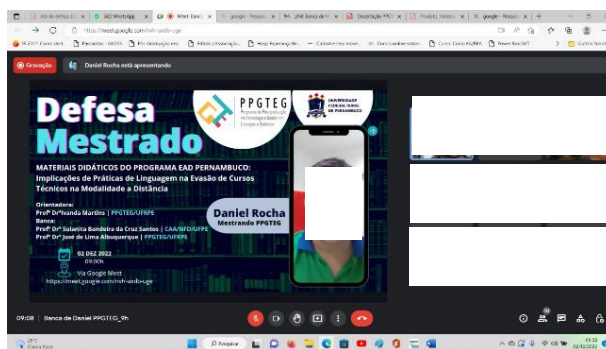
A **Figura 177** apresenta o registro de participação na banca de Rosimere Pereira de Medeiros, orientanda da professora Patrícia Smith Cavalcante (EDUMATEC/UFPE). Esta banca foi muito especial, pois Rosimere é discente egressa da Licenciatura em Matemática, curso ofertado na modalidade a distância pela UFPE. Como professora que atua e pesquisa no campo da EAD, participar do processo formativo de estudantes egressos(as) da EAD era sempre um privilégio, pois eu conhecia, de perto, a dura realidade vivenciada pelos(as) educandos(as) que encontraram, na EAD, uma oportunidade de acesso à Educação Superior de qualidade em um país onde uma pequena parcela da população consegue ingressar nas universidades públicas federais. As **Figuras** a seguir revelam cenas de minhas participações em bancas de Mestrado do PPGTEG, tendo em vista os trabalhos de orientações no período pandêmico.

**Figura 178:** Banca de Mestrado- Bruno Bispo – PPGTEG/UFRPE (2022).



Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 179: Banca de Mestrado – Daniel Rocha - PPGTEG/UFRPE (2022).



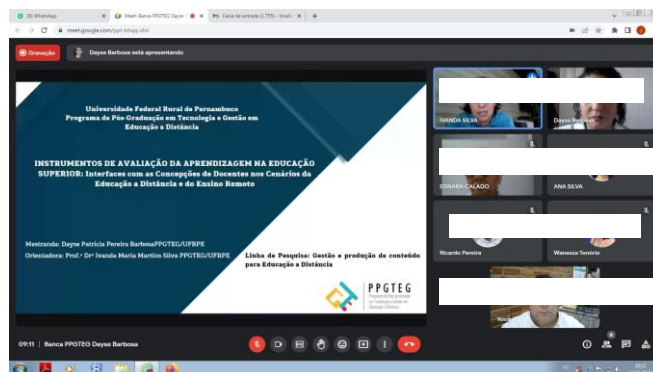
Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 180: Banca de Mestrado- Paulo Ricardo Pereira – PPGTEG/UFRPE (2022).



Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 181: Banca de Mestrado- Dayse Barbosa – PPGTEG/UFRPE (2023).



Acervo da autora (2024).

Os processos de orientação desta turma do PPGTEG/UFRPE, a qual ingressou em plena pandemia (2020.1), foram bem corridos e desafiadores. Destaco as orientações dos(as) mestrandos(as) do PPGTEG/UFRPE: Bruno Bispo, Daniel Rocha, Dayse Barbosa, Paulo Ricardo Pereira, Ana Paula Severo, Wanessa Tenório de Lima. De fato, olhando com as lentes de hoje, não sei como consegui realizar essas seis orientações simultâneas em um cenário tão desafiador, sobretudo, tendo em vista pesquisas aplicadas no campo da Educação. Mas, amigo(a) leitor(a), creio que já estou comentando sobre os processos de orientação, ratificando que sou prolixa, lembra?

No período de 2013 a 2024, participei de **77** bancas de **Defesa de Mestrado (Apêndice – Quadro 37)**. Não irei listar todas as bancas para não cansar sua leitura,

amigo(a) leitor(a). Mas, se ficou curioso(a), pode dar uma olhadinha no **Apêndice** com o detalhamento do panorama de minhas atividades. Então, sigamos em frente nas próximas travessias rumo às bancas de Doutorado.

## 5.7 BANCAS DE DOUTORADO: EXPERIÊNCIAS INESQUECÍVEIS

A participação em bancas de Doutorado foi um marco importante em minhas travessias no *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Aprendi muito com as leituras das Teses de Doutorado que avalei, com os(as) professores(as) examinadores(as) das bancas, com os(as) doutorandos(as) que apresentavam suas pesquisas com tanta dedicação. Tive a honra de participar de bancas com a presença de estudiosos(as) renomados(as) na área de Educação, tais como: Thelma Panerai, Ana Beatriz Carvalho, Maria Auxiliadora Padilha, Sérgio Abranches, Patrícia Smith, Daniela Melaré Vieira Barros, da Universidade Aberta de Portugal, Alexandra Lilaváti Pereira Okada, pesquisadora e docente da *Open University (OU-UK)*, coordenadora da comunidade internacional de pesquisa *CoLearn OU-UK*, Miguel Angel Zabalza, professor emérito da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, professora Jane Paiva (UFRJ), Leôncio José Gomes Soares (UFMG), além de outros(as) renomados(as) pesquisadores(as).

Diversos(as) pesquisadores(as) renomados(as) na área de Educação, com experiências nas conexões entre Educação, Linguagem e Tecnologias, também participaram em bancas de Doutorado, nas quais tive o maior prazer de participar. Desse modo, cito vários(as) colegas pesquisadores(as) da UFRPE, UFPE, UNICAP, Fundaj, UFRJ, e outras universidades: Julia Larré, Carmi Ferraz, Livia Suassuna, Thelma Ferraz Leal, João Batista Neto, Maria Lúcia Soares, Sulanita Santos, Clecio Bunzen, Siane Gois, Nádia Azevedo, Jane Paiva, Leôncio Soares, e tantos(as) outros(as) colegas. Não posso deixar de mencionar que tive mais participações em Bancas de Doutorado na área de Educação e participei de outras bancas nas áreas de Literatura e Linguística. Sempre esses eixos formativos acompanharam minhas travessias e ampliaram as oportunidades para que eu conseguisse dialogar com pesquisadores(as) que estavam defendendo suas Teses na luta contínua da vida acadêmica.

Nas próximas seções, descrevo as minhas experiências em bancas de Doutorado, nas etapas de Exames de Qualificação e nas defesas públicas.

### 5.7.1 Bancas de Exame de Qualificação - Doutorado

Participei de diversas bancas de Qualificação de Doutorado, considerando convites dos(as) professores(as) orientadores(as) e dos programas de pós-graduação. Participei de **18** bancas de Exames de Qualificação, no âmbito do Doutorado, em diversos programas de pós-graduação, tais como: EDUMATEC/UFPE, PGEdU/UFPE, Pgletras/UFPE, UFABC - SP, UNICAP (**Apêndice - Quadro 38**).

O momento do Exame de Qualificação é sempre uma grande vitória para os(as) doutorandos(as) que buscam aprimorar seus projetos de pesquisas, suas versões parciais das Teses, e compartilham leituras e vivências de pesquisas com os(as) avaliadores(as) da banca. Ansiedade, euforia, paixão, solidariedade, respeito, dedicação, criticidade: diversos sentimentos e estados emocionais dos(as) pesquisadores(as) entrecruzam-se nessa etapa avaliativa do Exame de Qualificação. Certamente, busquei realizar as leituras e as



intervenções, estabelecendo amplo diálogo com os(as) demais colegas docentes avaliadores(as), e, sobretudo, com os(as) doutorandos(as) na socialização de suas valiosas pesquisas.

### 5.7.2 Bancas de defesas públicas de Teses de Doutorado

Até o ano de 2024, participei de **23** bancas de **Teses de Doutorado** na qualidade de Examinadora Externa. Foram diversas bancas, nas áreas de Letras e Educação, como professora convidada pelos programas de pós-graduação: PGEdU/UFPE, PPGEC/UFPE, PGLetras/UFPE, Proling/UFPE, EDUMATEC/UFPE, UNICAP (**Apêndice – Quadro 39**). Tive a honra de participar de travessias formativas de muitos(as) doutorandos(as) que buscavam aprofundar suas pesquisas no Doutorado. Aprendi com as avaliações dos(as) demais colegas professores(as). Cada um/a olhava a Tese com lentes diversas e as contribuições eram múltiplas e valiosas para os(as) autores(as).

No período pandêmico, participei de bancas com pesquisadores(as) de renome internacional, como Alexandra Lilaváti Pereira Okada, pesquisadora e docente da *Open University* (OU-UK), coordenadora da comunidade internacional de pesquisa CoLearn OU-UK, Miguel Angel Zabalza, professor emérito da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. Em uma banca de Doutorado com o professor Zabalza, lembro-me de seu comentário sobre a avaliação dos(as) professores(as) na banca. Com toda a humildade, o professor Zabalza fez uma crítica à postura de certos(as) avaliadores(as) que tecem comentários, muitas vezes, pouco construtivos, sem respeito ao trabalho dos(as) doutorandos(as).

De fato, é preciso repensar posturas e práticas quando um/a professor(a) está na condição de avaliação em uma banca. Todos(as) nós já passamos por essa experiência, seja de modo mais tranquilo, ou de forma mais ansiosa. As críticas podem e devem ser feitas, mas, tudo depende do modo como usamos a linguagem para expressar nossas ideias. Precisamos ouvir mais nossos(as) orientandos(as), conhecer suas angústias, motivá-los(as) a continuar a travessia, nem sempre fácil, às vezes com “várias pedras no caminho”, como já assinalou a voz poética de Drummond. Temos que decidir, como pesquisadores(as), se tiramos as pedras no caminho, pulamos essas pedras, andamos por cima delas, ou, simplesmente, abandonamos o caminho, tudo depende da estratégia adotada. Revisito o belo poema de Drummond e tento driblar as “pedras no meio do caminho”.

#### No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
No meio do caminho tinha uma pedra

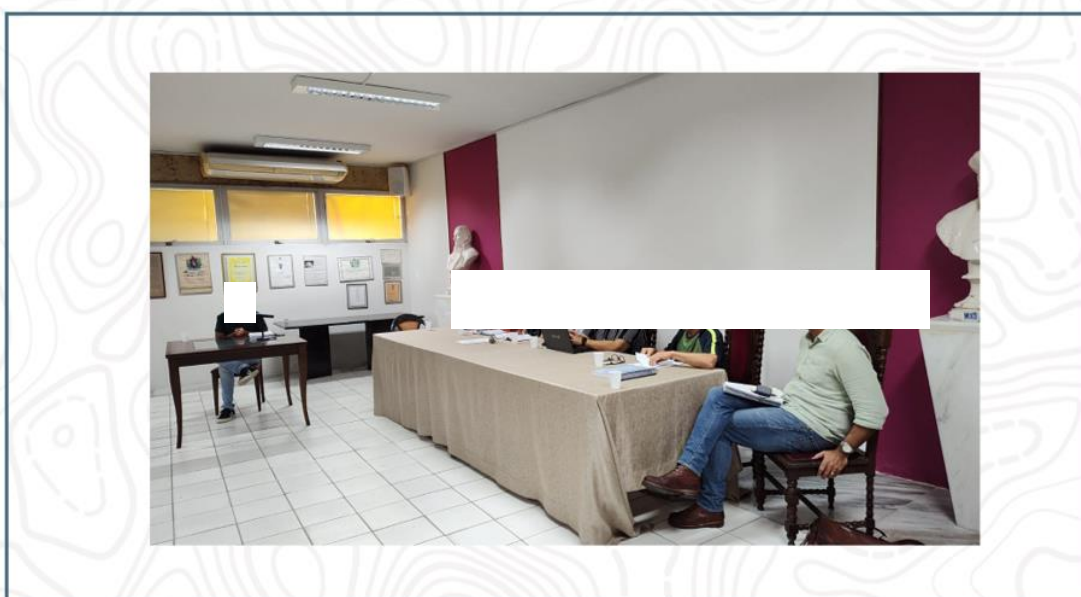
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra.



No ano de 2024, tive a grata oportunidade de continuar minhas travessias acadêmicas participando de bancas de Doutorado, tanto no formato remoto, quanto no modelo presencial. Destaco a participação na banca de defesa de Tese de Anderson Felix dos Santos, orientando do professor Dr. Lourival Holanda, da UFPE. Quando atuei como professora substituta na UFPE, professor Lourival era chefe do Departamento de Letras, e sempre conduzia os trabalhos com muita serenidade e competência. A participação na banca de Anderson me fez voltar ao tempo da UFPE, quando eu ainda estava como discente voluntária de Iniciação Científica no projeto de literatura pernambucana, da querida professora Cristina Botelho. Nesse projeto, conheci a obra do autor pernambucano Gilvan Lemos, a qual estudei em minha Dissertação de Mestrado e, posteriormente, na Tese de Doutorado. Anderson desenvolveu sua Tese intitulada *Aspectos de Bildungsroman em Noturno sem música (1956), Os olhos da treva (1975) e Morcego cego (1998), de Gilvan Lemos*<sup>46</sup>.

A defesa foi realizada na Academia Pernambucana de Letras, em Recife, com a participação de vários colegas, como: Lourival Holanda, Eduardo França, Josivaldo Custódio da Silva, José Jacinto dos Santos Filho, Manuella Mirna Eneas de Nazaré e Janilto Andrade. Seguem alguns registros dessa banca especial. Foi uma grande honra participar desse momento tão importante na travessia acadêmica de Anderson, egresso do PROFLETRAS da UPE- Mata Norte.

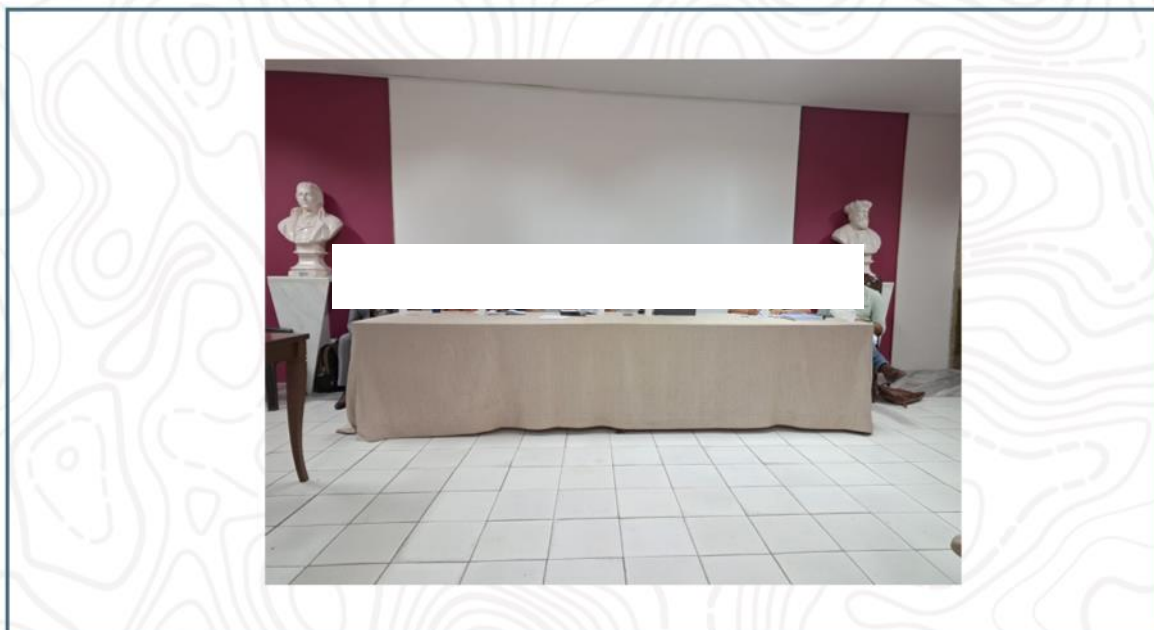
**Figura 182:** Banca de Defesa de Tese (Doutorado) - Anderson Felix dos Santos



Fonte: Acervo da autora (2024).

<sup>46</sup> SANTOS, Anderson Felix dos. *Aspectos de Bildungsroman em Noturno sem música (1956), Os olhos da treva (1975) e Morcego cego (1998), de Gilvan Lemos*. 2024. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

**Figura 183:** Banca de Defesa de Tese (Doutorado) - Anderson Felix dos Santos



18 de março de 2024, Banca de Defesa de Tese de Doutorado – Anderson Felix dos Santos Academia Pernambucana de Letras, Recife, Pernambuco. Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 184:** Banca de Defesa de Tese (Doutorado) – Anderson Felix dos Santos



Da esquerda para a direita: Profª Draª Manuella Mirna Eneas de Nazaré, Prof. Dr. Josivaldo Custódio da Silva, Profª Draª Ivanda Maria Martins Silva, Prof. Dr. Anderson Felix dos Santos, Prof. Dr. Lourival Holanda, Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho, Prof. Dr. Janilto Andrade e Prof. Dr. Eduardo França. 18 de março de 2024, Banca de Defesa de Tese de Doutorado – Anderson Felix dos Santos Academia Pernambucana de Letras, Recife, Pernambuco.

Ao ler a Tese de Anderson, descobri que a minha Tese de Doutorado foi a primeira em Pernambuco sobre a obra de Gilvan Lemos. Defendida em 2003, após 21 anos, apenas 3 Teses de Doutorado estavam listadas no Catálogo de Teses da CAPES. O trabalho de Anderson configura-se como a 4ª Tese sobre a obra do autor pernambucano. Fico pensando quantos caminhos ainda precisam ser trilhados para consolidar pesquisas na área de literatura pernambucana. Certamente, as produções literárias de Gilvan Lemos e de diversos autores e autoras de renome nos cenários nacionais e internacionais, como, Luzilá Ferreira, Cida Pedrosa, Raimundo Carrero, Marcus Accioly, Conceição Rodrigues, e tantos(as) outros(as), ainda precisam ser amplamente lidas, relidas, revisitadas, analisadas, estudadas dentro e fora das universidades, em espaços escolares e não escolares, nas bibliotecas comunitárias, em todos os espaços de circulação da leitura literária. As vozes dos(as) autores(as) pernambucanos(as) merecem destaque e precisam ser ouvidas por meio de suas obras literárias que transbordam as possibilidades de leituras nas variadas interpretações de seus leitores. Para finalizar esta seção, vamos respirar a poesia de Cida Pedrosa <sup>47</sup>, com os profundos versos a seguir:

sol a sol  
sol suspenso  
terra e sal  
céu e sol  
tirar da flor  
a seda branca

\*\*\*

o sol anestesia a dor e de dor é feito  
como deve ser feito de dor o frio do outro campo

Então, amigo(a) leitor(a), caminhemos nesse Sertão, *de sol a sol*, nas travessias ilimitadas. Pronto(a) para continuar nas trilhas das minhas vivências em participações nas bancas de comissões julgadoras?

## 5.8 PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE COMISSÕES JULGADORAS

A minha participação em bancas de comissões julgadoras foi relativamente tímida, se considerarmos bancas de Concursos Públicos, por exemplo, para ingresso de docentes na UAEADTec. Alguns concursos para docentes foram realizados no início de atividades da EAD na UFRPE, quando as ações da EAD ainda estavam atreladas ao Departamento Deinfo - UFRPE. Assim, de 2009 a 2010, participei de algumas bancas para avaliar as experiências de docentes na área de Educação a Distância, visto que havia, nos editais, indicativos direcionados para requisitos específicos sobre a modalidade EAD. Neste cenário, diversas universidades públicas brasileiras divulgaram editais de seleção para docentes em sintonia com as demandas de expansão da EAD nos cursos de graduação e de pós-graduação *lato*

---

<sup>47</sup> PEDROSA, Cida. **Solo para Vialejo**. São Paulo: Cepe Editora, 2019.

<https://www.cepe.com.br/noticias/leia-cinco-poemas-de-rsolo-para-vialejo--de-cida-pedrosa--premio-jabuti-de-melhor-livro-do-ano>

sensu no Brasil. Os/As candidatos(as) estudavam pontos específicos na área de EAD a fim de realizar as provas escritas e didáticas em conexão com os conhecimentos específicos das áreas.

Após esse período, como a EAD conta/contava com recursos do Programa UAB, com apoio de bolsas para docentes e tutores(as) colaboradores(as), os concursos específicos para docentes efetivos da UFRPE ficaram reduzidos. Os Editais da EAD foram ampliados para colaboradores(as), de acordo com os recursos da CAPES para pagamento de bolsas pelo Programa UAB.

Os/As docentes e os(as) servidores(as) técnicos(as) que começaram a ingressar na UAEADTec foram oriundos(as) de remoções de outros departamentos e Unidades Acadêmicas, muitos(as) sem experiências no campo da modalidade EAD. Creio que essa estratégia da UFRPE atendeu ao cenário de dificuldades orçamentárias que as universidades públicas brasileiras enfrentaram, sobretudo no período de 2016 a 2022, com desmontes de políticas públicas direcionadas à Educação Superior. No entanto, tal estratégia certamente teve, e continua tendo, repercussões, principalmente, na dimensão pedagógica dos currículos e das metodologias dos cursos de graduação EAD.

Professores(as) sem experiências em EAD, em geral, introduzem estratégias didáticas ancoradas em modelos presenciais de ensino, produzindo impactos ineficazes em processos de ensino e aprendizagem mediados pelas tecnologias digitais. A formação docente para EAD precisa ser repensada, continuamente, para que os(as) docentes consigam refletir, criticamente, sobre trilhas didático-pedagógicas alinhadas aos desafios de ensinar e aprender, considerando as características específicas da Educação a Distância. A seguir, apresento a relação de bancas de concurso público e de outra natureza das quais tive a oportunidade de participar.

### 5.8.1 Bancas de Concurso Público

No período de 2009 a 2023, participei de **09** bancas de Concursos Públicos, conforme o **Quadro 51 (Apêndice – Quadro 40)**.

**Quadro 51:** Participação em Bancas de Concurso Público

Nº	Ano	Bancas
01	2023	BARBOSA, M. R. S. A.; SILVA, I. M. M.; ALVES, J. H. P.; RODRIGUES, L. A. R.; SEGABIBAZI, D. M. Banca do Professor Associado - JOSIVALDO CUSTÓDIO DA SILVA - Progressão ao Cargo de Professor Associado UPE-. 2023. Universidade de Pernambuco.
02	2022	GOMES, G. K.; MORAIS, J. B. M.; SILVA, I.M.M. Concurso Público para professor universitário da UPE 2022 - Perfil de Atuação: Literaturas de Língua Portuguesa, Ensino e Práticas Pedagógicas. 2022. Universidade de Pernambuco.
03	2010	SILVA, I. M. M.; MOTA, A.; TEDESCO, P. Concurso de Provas e Títulos para Professor Assistente I- EAD, área EAD, Práticas de Linguagem no Ensino de História, A linguagem dos livros didáticos de História, Linguagens alternativas para o ensino de História. 2010. Universidade Federal Rural de Pernambuco.
04	2010	SANTOS, M. S.; TEDESCO, P.; SILVA, I. M. M. Banca Examinadora Concurso Público de Provas e Títulos Adjunto I, área Educação a Distância-EAD- Laboratório de Oralidade, Leitura e Produção Textual. 2010. Universidade Federal Rural de Pernambuco.
05	2009	SANTOS, M.; SILVA, I. M. M.; ALVES, T. P. Seleção Pública de Provas e Títulos para Professor Adjunto I, área Educação a Distância-EAD/Interfaces homem-máquina/Desenvolvimento de Jogos/Programação. 2009. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

06	2009	MIRANDA, A. C.; SILVA, I. M. M.; SALAZAR, N. Seleção Pública de Provas e títulos para Professor Adjunto I, área Educação a Distância - EAD/Física I, Física II, Física III, Física IV. 2009. Universidade Federal Rural de Pernambuco.
07	2009	MIRANDA, A. C.; SILVA, I. M. M.; SALAZAR, N. Seleção Pública de Provas e Títulos para Professor Adjunto I, área Educação a Distância EAD/Física Experimental I, II, III e IV. 2009. Universidade Federal Rural de Pernambuco.
08	2009	SANTOS, M.; DINIZ, J.; MELO, J.; SILVA, I. M. M. Membro suplente Comissão Examinadora Concurso Professor Substituto, área de Informática - Deinfo. 2009. Universidade Federal Rural de Pernambuco.
09	2008	SILVA, I. M. M. Membro suplente externo do Concurso público para Professor Adjunto- Edital 86, de 12.08.2008, Área de Português Instrumental- Metodologia do Ensino dos Conteúdos Específicos para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Período do concurso: 17 a 19 de dezembro de 2008. Universidade Federal de Pernambuco – Núcleo de Formação Docente – Campus do Agreste-Caruaru.

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo Lattes- CNPq

Das bancas de Concurso Público, destaco a minha participação, em 2022, na banca de Concurso Público para professor(a) da Universidade de Pernambuco - UPE 2022 - perfil de atuação: *Literaturas de Língua Portuguesa, Ensino e Práticas Pedagógicas*. 2022. Os trabalhos deste concurso foram realizados de modo híbrido, com aplicação de provas escritas, de modo presencial, e as demais etapas, como a prova didática e a avaliação de títulos, foram realizadas de modo remoto. A UPE realizou, em 2022, um concurso com mais de 20 perfis de professores(as) e com diversas bancas de diferentes áreas, um trabalho organizado que transcorreu com tranquilidade durante todas as etapas. Este concurso foi direcionado, justamente, para a área de Literatura em suas interfaces com o ensino. Foi uma experiência muito gratificante participar e acompanhar os(as) jovens professores(as) que participaram da concorrida seleção para ingresso na UPE.

No início das atividades de EAD na UFRPE, período de 2008 a 2010, também participei de bancas de concurso público para seleção de docentes. Estávamos aprendendo com a modalidade e as universidades buscavam planejar e realizar concursos para a inserção de docentes e profissionais com experiências na EAD. É uma pena que esse movimento de abertura de concursos públicos específicos para EAD não tenha se consolidado na UFRPE, pois as demandas continuam crescendo e a contratação de docentes e servidores(as) experientes quanto às especificidades da EAD é importante para continuarmos as travessias na Educação Superior sempre considerando padrões de qualidade previstos para a modalidade EAD.

### 5.8.2 Outras participações em bancas

Também participei de bancas de outra natureza, como, por exemplo: bancas de seleção PIBID, PRP, bancas dos Seminários de Pesquisa PIBIC/PIC UFRPE, além de bancas de seleção para ingresso em programa de pós-graduação, conforme o **Apêndice – Quadro 41**. No total, participei de **29 bancas de outra natureza**. Foram tantas bancas, amigo(a) leitor(a), quantas memórias e aprendizagens nas travessias do *Grande Sertão... (Trans)Docências*.



## 5.9 PREMIAÇÕES E HOMENAGENS: DESTAQUES EM MINHAS TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS

Amigo(a) leitor(a), vida de professora universitária não é fácil, mas a recompensa é grande. As premiações, como as menções honrosas, e as indicações como paraninfa, patronesse e professora homenageada nas refeições de grau refletem a dedicação ao ofício da docência. Não quero aqui defender apenas essas “premiações” ou “menções honrosas” oficiais como destaques na vida de um/a professor(a) universitário(a). Certamente, o maior prêmio que cobizamos, como educadores(as), é o reconhecimento dos(as) educandos(as) a respeito do nosso trabalho pedagógico no exercício das *(Trans)Docências*. Digo, ainda, o meu melhor prêmio é reencontrar os(as) estudantes em novas travessias formativas, ou seja, orientandos(as) PIBIC que ingressam nos mestrados e, posteriormente, nos doutorados. Reencontrar esses(as) estudantes como profissionais formados(as) que ainda se lembram das nossas aulas como encontros dialógicos, que mantêm vivas suas memórias dos espaços formativos pelos quais passaram, que nos dizem: “*professora, que saudades de suas aulas, viu?*”. Existe “premiação” melhor, amigo(a) leitor(a)?

Para além dessa “premiação” refletida na formação dos(as) estudantes com os quais tive a oportunidade de compartilhar saberes e conhecimentos diversos, preciso comentar alguns pontos importantes, tais como: a conquista da Lâurea na colação de grau da graduação, o voto de louvor proferido pelo Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco, bem como a indicação de minha Tese de Doutorado para o prêmio de Melhores Teses do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE.

Desde as minhas vivências como discente da graduação, percebi a importância de valorizar os destaques, como, por exemplo a conquista da Lâurea Universitária, como comentei anteriormente. Na graduação em Letras da UFPE, a Lâurea Universitária configurou-se como destaque importante em minhas travessias como discente no processo de reconhecimento de minha dedicação aos estudos.

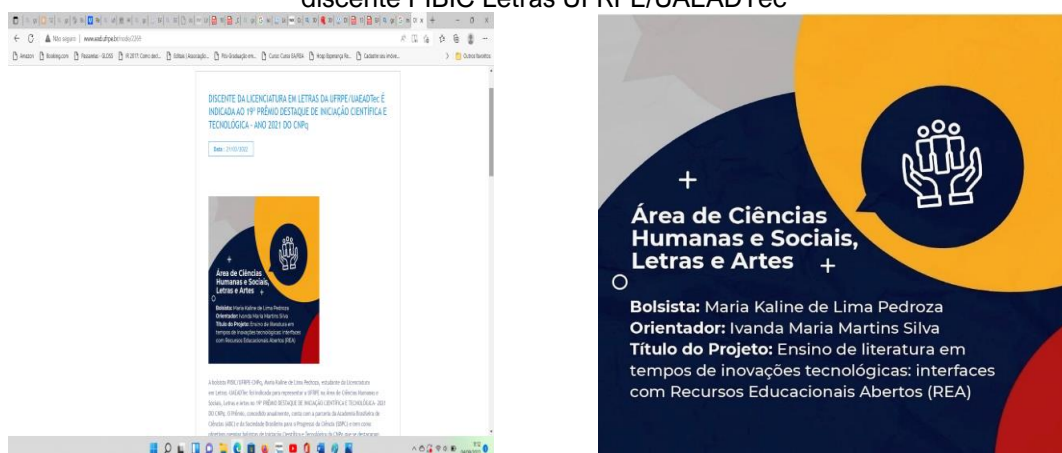
No Mestrado, o voto de louvor à Dissertação, intitulada: “*O cronotopo na obra Espaço Terrestre*”, promovido pelo Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco também foi um marco importante para valorizar pesquisas direcionadas à literatura pernambucana.

No Doutorado, a minha Tese também conquistou o prêmio de *Melhores Teses* de Doutorado do PG Letras UFPE, com destaque para a pesquisa direcionada ao ensino de literatura no contexto da Educação Básica. No ano de 2005, a FIR- Faculdade Integrada do Recife concedeu-me o prêmio *Professora Carmem Monteiro*, ao valorizar a minha dedicação aos trabalhos nos eixos de ensino, pesquisa e extensão da referida faculdade.

Na orientação de pesquisas no cenário de Iniciação Científica, tive a honra de orientar trabalhos que foram premiados e se destacaram em eventos, como, por exemplo, o Congresso de Iniciação Científica da UFRPE. Tais trabalhos receberam menção honrosa, com destaque para a apresentação de pesquisas de orientandos(as) da Iniciação Científica. Em 2021, tive a grata surpresa de orientar trabalho PIBIC indicado ao prêmio do CNPq. A bolsista PIBIC/UFRPE-CNPq, Maria Kaline de Lima Pedroza, estudante da Licenciatura em Letras – UAEADTec, sob minha orientação, foi indicada para representar a UFRPE na Área de

Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes no 19º Prêmio Destaque de Iniciação Científica e Tecnológica - ano 2021 do CNPq. O Prêmio, concedido anualmente, conta com a parceria da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e tem como objetivo premiar bolsistas de Iniciação Científica e Tecnológica do CNPq que se destacaram durante o ano, considerando relevância e qualidade do relatório final PIBIC. Maria Kaline de Lima Pedroza concorreu com a pesquisa *Recursos Educacionais Abertos (REA) para ensino de literatura: organizando sequências didáticas com foco em práticas de letramentos literários na cultura digital*. O plano de pesquisa da bolsista é fruto do meu projeto global de pesquisa, intitulado - *Ensino de literatura em tempos de inovações tecnológicas: interfaces com Recursos Educacionais Abertos (REA)*, aprovado no Edital PIBIC/UFRPE/CNPq 2020/2021.

**Figura 185:** Notícia no site da UAEADTec sobre indicação de premiação de discente PIBIC Letras UFRPE/UAEADTec



Fonte: <http://www.ead.ufrpe.br/node/2269>

Imagine, leitor(a), a minha felicidade apenas com essa indicação do trabalho de Kaline para representar a UFRPE nesta tão importante premiação. Não importa ter conquistado ou não o prêmio, o que realmente importa é o reconhecimento do Comitê PIBIC/UFRPE e da comunidade de avaliadores(as) na área com esta indicação. Ressalto que Kaline era discente da EAD, do polo Surubim, dependia da bolsa PIBIC – CNPq e enfrentava muitos desafios para continuar seus estudos na UFRPE. A discente venceu os desafios, finalizou o seu curso de Letras EAD e ingressou no PROGEL/UFRPE assim que finalizou a graduação.

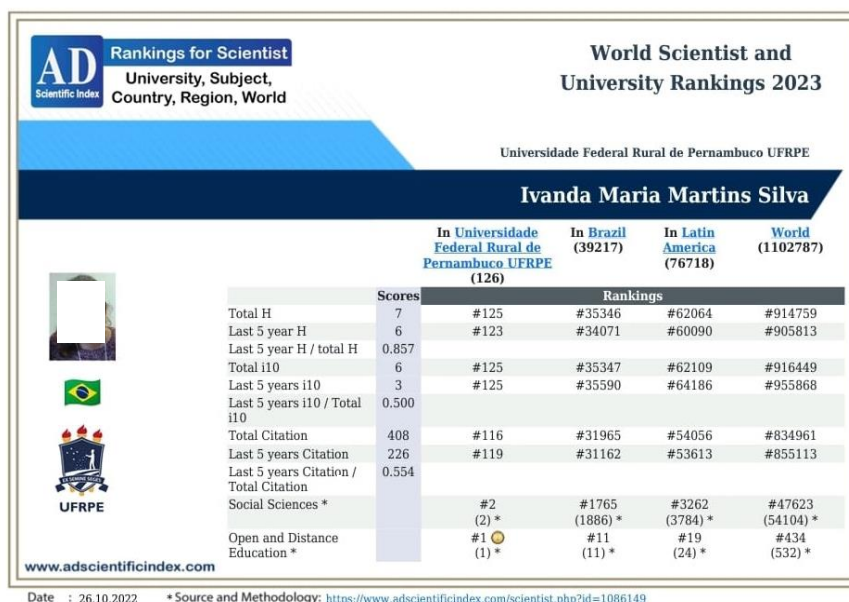
### 5.9.1 Times Higher Education World University Rankings

Para minha surpresa, meu nome foi indicado no *Times Higher Education World University Rankings 2023*, representando a área de Educação pela UFRPE. Várias instituições brasileiras integram o *ranking* mundial, inclusive outros docentes da UFRPE também foram indicados. Entre os critérios para integrar o *ranking* estão qualidade de ensino (ambiente de aprendizagem, reputação, desempenho estudantil, número de professores com Doutorado, docentes premiados e renda institucional); volume de publicações de pesquisa.

O *AD Scientific Index* é um sistema de classificação e análise baseado no desempenho científico e no valor agregado da produtividade científica de cientistas individuais. Além

disso, fornece *rankings* de instituições com base nas características científicas dos cientistas afiliados. O *AD Scientific Index* é o primeiro e único estudo que mostra os coeficientes de produtividade total e dos últimos cinco anos de cientistas com base no *índice h* e pontuações e citações do *índice i10* no *Google Scholar*.

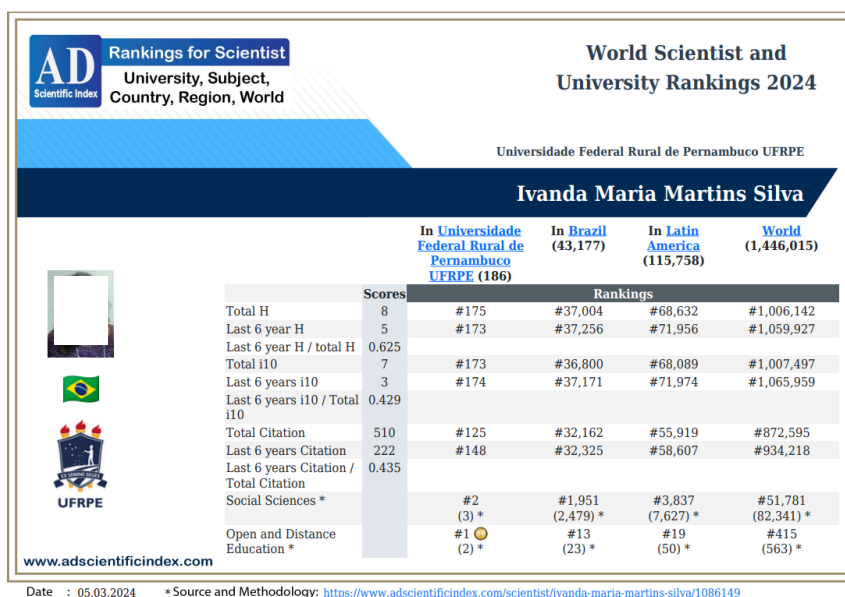
Figura 186: Certificado do *Times Higher Education World University Rankings 2023*



Fonte: <https://www.adscientificindex.com/scientist/ivanda-maria-martins-silva/1086149>

Nesse *Ranking* de 2023, minha classificação final foi 1ª na instituição UFRPE, 11ª no Brasil, 19ª na América Latina e 434ª no mundo, com base no eixo temático *Open and Distance Education*. Em 2024, já houve atualização dos dados, conforme a **Figura 187**.

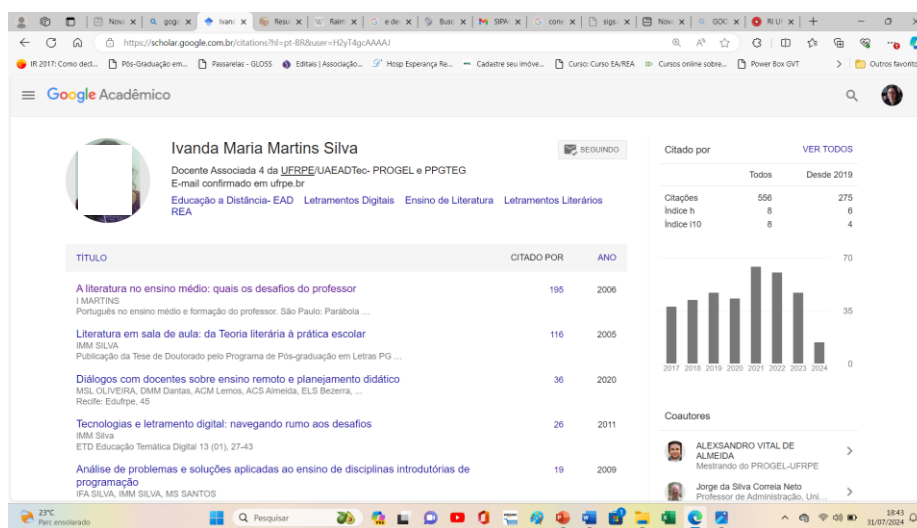
Figura 187: Certificado do *Times Higher Education World University Rankings 2024*



Fonte: [https://www.adscientificindex.com/scientist\\_print.php?id=1086149](https://www.adscientificindex.com/scientist_print.php?id=1086149)

Nesse *Ranking* de 2024, minha classificação final foi 1ª na instituição UFRPE, 13ª no Brasil, 19ª na América Latina e 415ª no mundo, com base no eixo temático *Open and Distance Education*. Esse *ranking* é estabelecido com base no perfil do *Google Acadêmico*. Para dizer a verdade, amigo(a) leitor(a), não sei se esse *ranking* é, de fato, fiel à realidade, para pesquisas neste eixo temático de Educação Aberta – Educação a Distância, pois há autores(as) que, certamente, publicaram bem mais e não apareceram. O *ranking* deve considerar todas as citações lançadas no *Google Acadêmico*, incluindo todas as minhas linhas temáticas de publicações: ensino de literatura, EAD, letramentos digitais e literários, entre outros temas que fazem parte de minhas travessias no campo da produção científica. A **Figura 188** evidencia o meu perfil no *Google Acadêmico*, com **556** citações até o ano de 2024.

**Figura 188:** Perfil do *Google Acadêmico* – ano 2024.



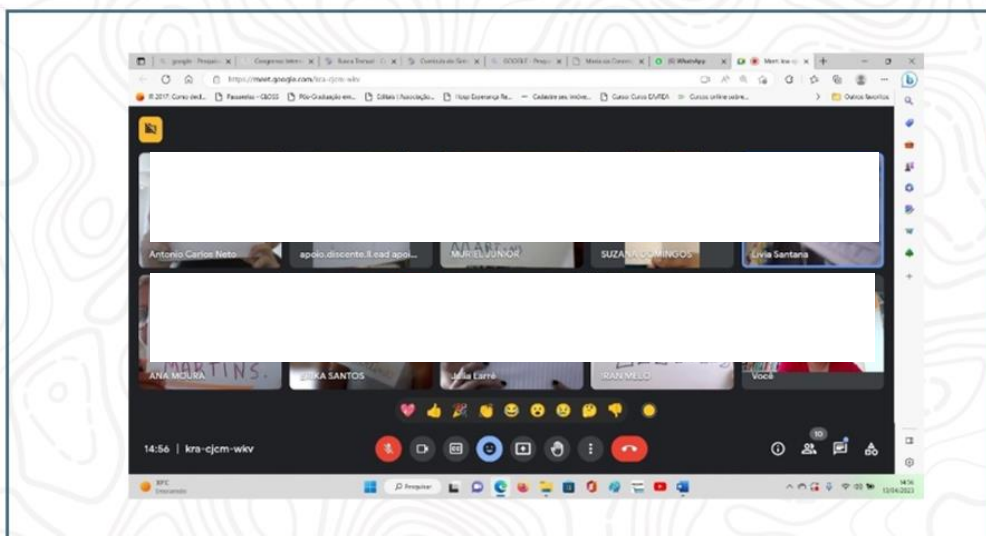
Fonte: <https://scholar.google.com.br/citations?user=H2yT4gcAAAAJ&hl=pt-BR&authuser=1>

Como pesquisadores(as), os(as) professores(as) universitários(as) precisam se desdobrar em diversos portais, como Rede Nacional de Ciência para Educação (<http://plataforma-cpe.org/>), *Researchgate* (<https://www.researchgate.net/>), *Web of Science* (<https://www.webofscience.com/wos/woscc/basic-search>). Confesso que tento, mas não consigo acompanhar a velocidade de pesquisas compartilhadas. São muitas informações, valiosos compartilhamentos entre os(as) pesquisadores(as), mas a árdua missão do(a) professor(a) universitário(a) de atuar no tripé ensino-pesquisa-extensão, tendo ainda o compromisso com as atividades de gestão, não favorece muito essa atuação nas redes de pesquisas. De qualquer modo, fui “me pesquisar” nessas redes e descobri a nuvem de palavras a seguir com algumas expressões centrais que dialogam com minhas linhas de pesquisas. A **Figura 189** apresenta a nuvem de palavras divulgada no portal da Rede Nacional de Ciência para Educação. A Plataforma CpE é uma ferramenta de busca de pesquisadores(as) brasileiros(as), cujos trabalhos impacta ou pode impactar a Educação brasileira.



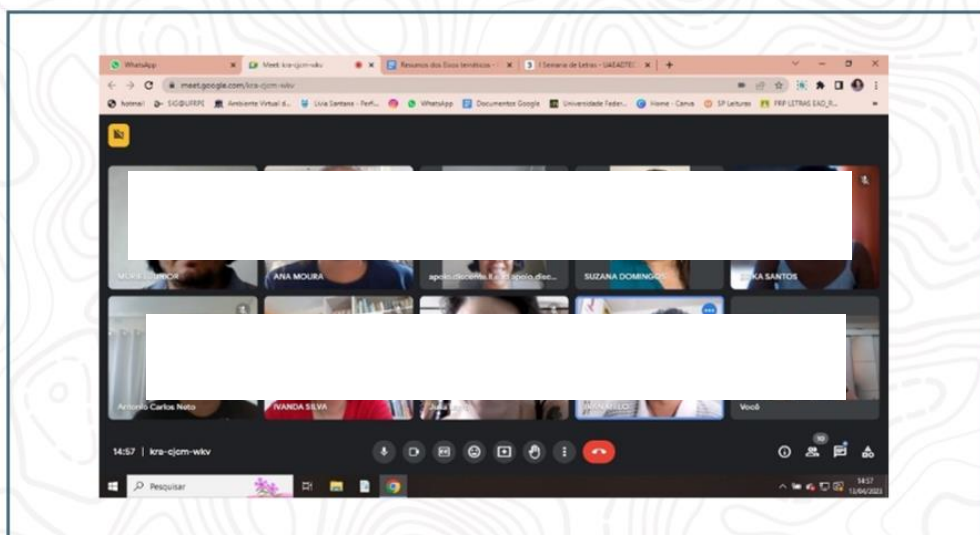


**Figura 190:** Professora homenageada da Semana de Letras EAD/UFRPE (2023).



Fonte: Acervo da autora (2024). Reunião em 13 de abril de 2023, docentes e discentes de Letras anunciando meu nome como professora homenageada da Semana de Letras EAD/UFRPE.

**Figura 191:** Professora homenageada da Semana de Letras EAD/UFRPE (2023).



Fonte: Acervo da autora (2024). Reunião em 13 de abril de 2023, docentes e discentes de Letras anunciando meu nome como professora homenageada da Semana de Letras EAD/UFRPE.

Imagine, leitor(a), a minha emoção naquele momento. Claro que chorei e de tão emocionada quase não consegui falar nada. Só afirmei que aquele momento seria registrado neste Memorial e expressei minha eterna gratidão pela homenagem. Essa homenagem, sem dúvida, foi marcante em minha trajetória na Licenciatura em Letras – EAD/UFRPE, um momento inesquecível que ficará gravado em minhas memórias.

Desse modo, a Semana de Letras foi realizada nos dias 23, 24 e 24 de agosto de 2023, com atividades *on-line*, sessão de abertura, minicursos, palestras, sessão de encerramento. Amigo(a) leitor(a), foram tantas emoções que nem sei por onde começar. Como diria Chicó, “*não sei, só sei que foi assim*”. A **Figura 192** apresenta cartazes de divulgação do evento.

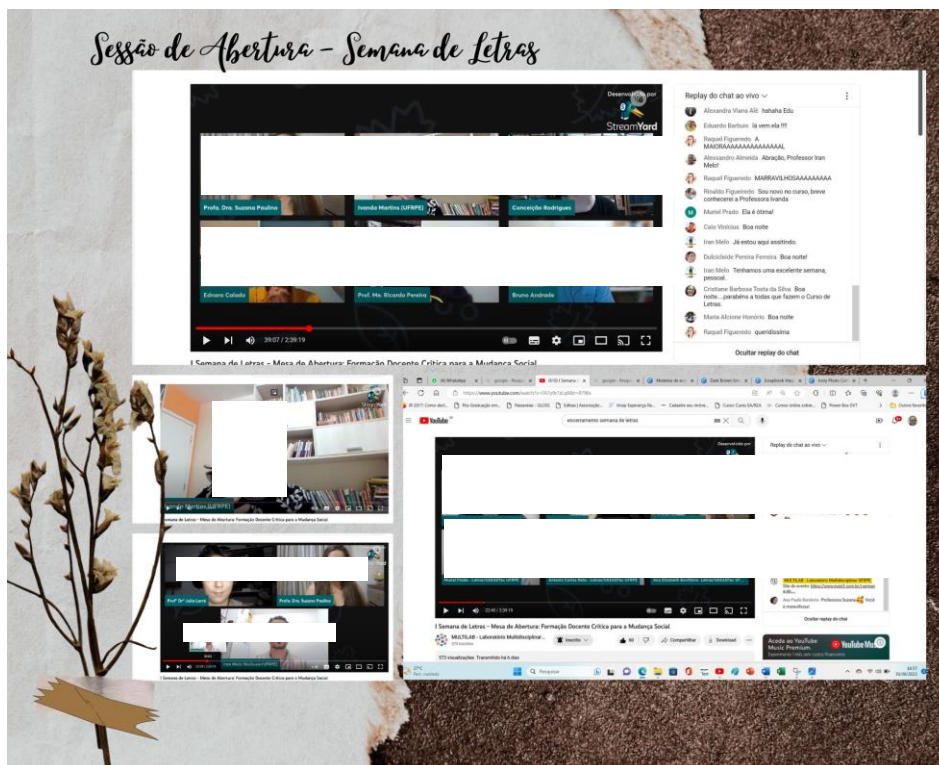
Figura 192: Cartazes de divulgação da Semana de Letras EAD/UFRPE



Fonte: Instagram da Semana de Letras EAD <https://www.instagram.com/semana.letras.ead/>

A Mesa de Abertura da I Semana de Letras EAD – UFRPE/UAEADTec teve como tema “Formação docente crítica para a mudança social”. Este foi um momento de muitas emoções diante de lindas homenagens com depoimentos de orientandos(as) que trilham as veredas das (Trans)Docências. Participaram da abertura da Semana de Letras: Conceição Rodrigues, escritora, professora, minha ex-orientanda do Curso de Especialização em Literatura Brasileira, na FAFIRE, agora mestranda orientanda no PROGEL/UFRPE; Ednara Calado, amiga e professora da UAEADTec, ex-orientanda no Doutorado em Ensino de Ciências – UFRPE; Ricardo Pereira, designer instrucional, professor e ex-orientando no PPGTEG/UFRPE; Bruno Andrade, jornalista, ex-orientando na Licenciatura em Letras EAD. Quantas vivências, que depoimentos lindos. Transbordei de emoção com essa linda homenagem. Destaco a minha gratidão eterna para a Comissão Organizadora do evento, formada pelos(as) professores(as): Julia Larré, Suzana Paulino, Iran Melo; e pelos(as) licenciandos(as) de Letras EAD: Lívia Santana, Muriel Prado, Ana Elizabeth Bonifácio, Antônio Carlos Neto.

Figura 193: Sessão de Abertura - Homenagem na Semana de Letras EAD/UFRPE



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FA7y9s1zLq8&t=8796s>

Figura 194: Minicurso - Semana de Letras EAD/UFRPE



Fonte: Acervo da autora (2024).

No evento da Semana de Letras UAEADTec, as homenagens foram intensas e os(as) discentes compartilharam seus poemas, como as queridas Laíse Vasconcelos e Jacqueline Torres<sup>48</sup>. Laíse escreveu o lindo poema a seguir:

**Beija-flor** (Laíse Vasconcelos)

És um beija-flor polinizando um jardim  
E em cada flor que tocas espalhas grãos de esperança  
Que germinam para a dança da vida  
Transformando sonhos, produzindo mudanças.  
E quando o brotinho olha para o sol e vê cruzar o beija-flor  
Percebe que o jardim é o seu lugar  
No cair da chuva, sentirá amor.

Creio que Laíse nem sabia, mas o meu pássaro favorito é o beija-flor, pela beleza, pela diversidade de espécies e de coloridos, além do fato de estar sempre livre na natureza, buscando marcar o seu lugar. De vez em quando, em minha varanda, aparece um beija-flor ou outro e estou sempre mantendo viva, em minha memória, a lembrança desse lindo poema de Laíse, querida discente que tive o prazer de orientar na Iniciação Científica e na Residência Pedagógica.

Quantas emoções ao perceber todo o carinho dos(as) discentes. Na sessão de encerramento não foi diferente. Tive o prazer de reencontrar o amigo e ex-aluno da UFPE, agora professor renomado nacional e internacionalmente, Clecio Bunzem, que fez uma linda *aula homenagem*, revisitando minha Tese de Doutorado que completava 20 anos, em 2023, e continuava atual na luta pela valorização da literatura nas escolas em processos de formação de leitores críticos. Clecio ministrou uma *aula homenagem* com diversas citações de minha Tese e reflexões sobre meu trabalho no campo do ensino de Literatura. Foi um momento emocionante e inesquecível.

---

<sup>48</sup> Jacqueline Torres é escritora pernambucana e atuou no Programa de Extensão MULTILAB, projeto LABDIGITAL, além de ter participação ativa no Programa de Residência Pedagógica no Núcleo de Língua Portuguesa EAD/UFRPE – CAPES. Autora do livro "Cosendo palavras soltas", lançado na IX Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, em outubro de 2013. *Link do blog da autora: <https://jacquelinets.blogspot.com/>* Participou da Roda de Conversas Literárias: *O lugar da poesia na formação de leitores, com participação de Conceição Rodrigues e Cida Pedrosa*, disponível no Canal do Programa de Extensão MULTILAB UFRPE. <https://www.youtube.com/watch?v=yDWXnMLKUMk>



Figura 195: Sessão de Encerramento - Semana de Letras EAD/UFRPE



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=dBu8Xq2Qva4>

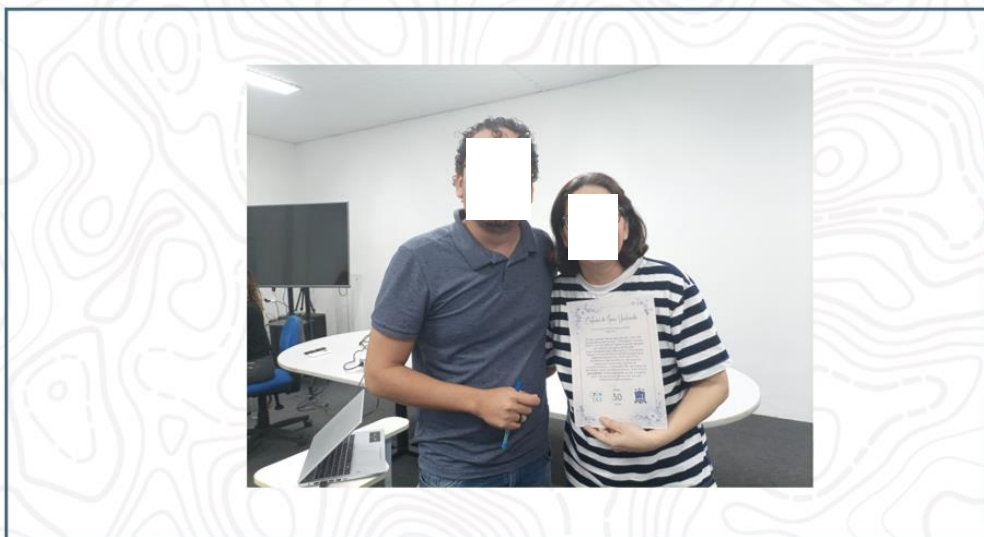
Em minhas travessias, foram vários os momentos nos quais tive a honra de ser homenageada, ou receber menção honrosa por trabalhos de orientação, ou ainda, pelo reconhecimento na produção científica, como o destaque no *Times Higher Education World University Rankings*, como já narrei na seção anterior. Como também já comentei, a premiação de minha Tese de Doutorado, como a Melhor Tese de Doutorado, na área de Teoria da Literatura, no ano de 2023, também marcou, de modo significativo, as minhas travessias.

Durante a minha trajetória acadêmica, foram **25** prêmios e homenagens (**Apêndice – Quadro 24**). As indicações das turmas para patronesse, paraninfa, professora homenageada são reflexos das relações que sempre cultivei com discentes no acompanhamento de suas travessias formativas. Fiquei muito feliz com essas indicações, pois são os valiosos reconhecimentos dos(as) estudantes sobre as práticas docentes “dialógicas” e “polifônicas” (Bakhtin, 2014) que busquei desenvolver como educadora marcada pela inclusão de minhas *(Trans)Docências*.

Em abril de 2024, tive a honra de ser indicada pelos(as) discentes do Curso de Licenciatura em Letras EAD – UFRPE/UAEADTec como Paraninfa da turma concluinte do segundo semestre letivo de 2023. Essa turma foi muito especial, com participação dos(as) bolsistas do Programa de Residência Pedagógica – PRP de Letras EAD e dos(as) orientandos(as) do PIBIC/UFRPE. A **Figura 196** mostra o momento que Muriel Prado, juramentista da turma de Letras EAD, entrega meu certificado de paraninfa para a colação de grau a ser realizada em 30 de abril de 2024.



**Figura 196:** Entrega do certificado de Paraninfa da Turma de Concluintes 2023.2 do Curso de Licenciatura em Letras EAD- UFRPE/UAEADTec.



Acervo da autora (2024).

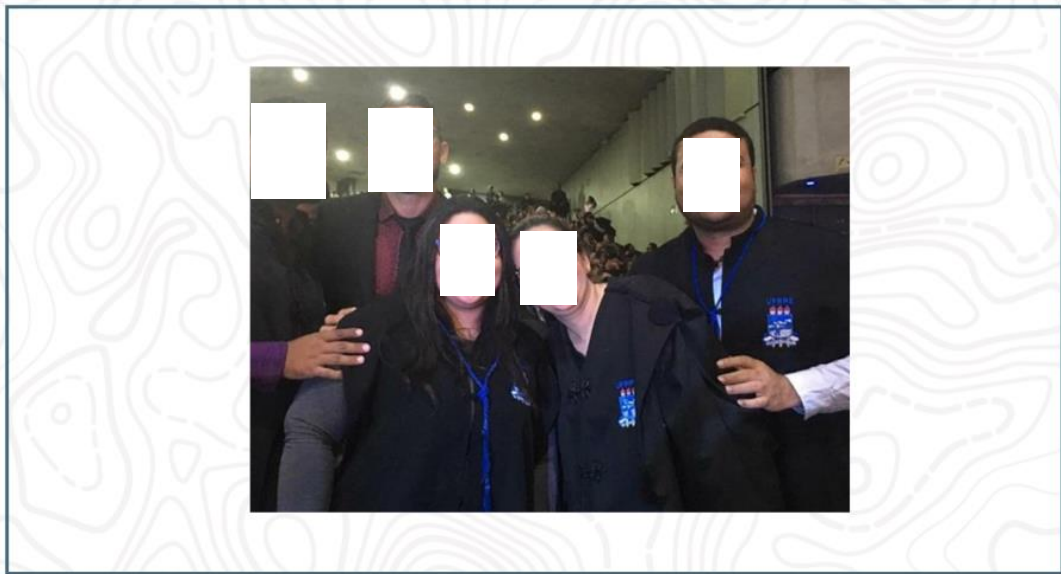
As próximas figuras apresentam algumas cenas de colação de grau dos(as) licenciandos(as) de Letras EAD.

**Figura 197:** Cenas de colação de grau das turmas de Letras EAD



Fonte: Elaboração da autora (2024).

**Figura 198:** Colação de grau – ano 2018, turma do polo Recife



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 199:** Colação de grau – ano 2024, Docentes da UAEADTec com o Reitor da UFRPE, professor Dr. Marcelo Brito Carneiro Leão.



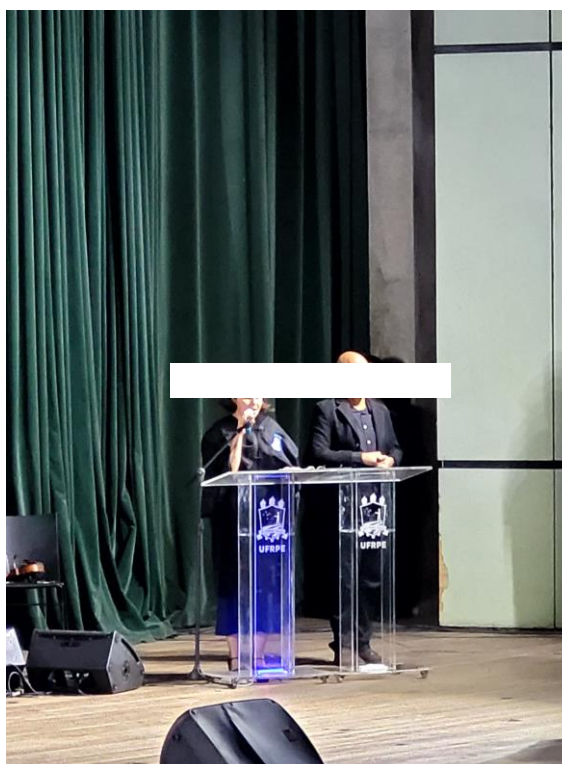
Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 200:** O discurso da Paraninfa Ivanda Martins na Colação de Grau das Turmas da UFRPE, sede, UACSA e UAEADTec – 30 de abril de 2024, Teatro Guararapes do Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda- PE.



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 201:** O discurso da Paraninfa Ivanda Martins na Colação de Grau das Turmas da UFRPE, sede, UACSA e UAEADTec – 30 de abril de 2024, Teatro Guararapes do Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda- PE.



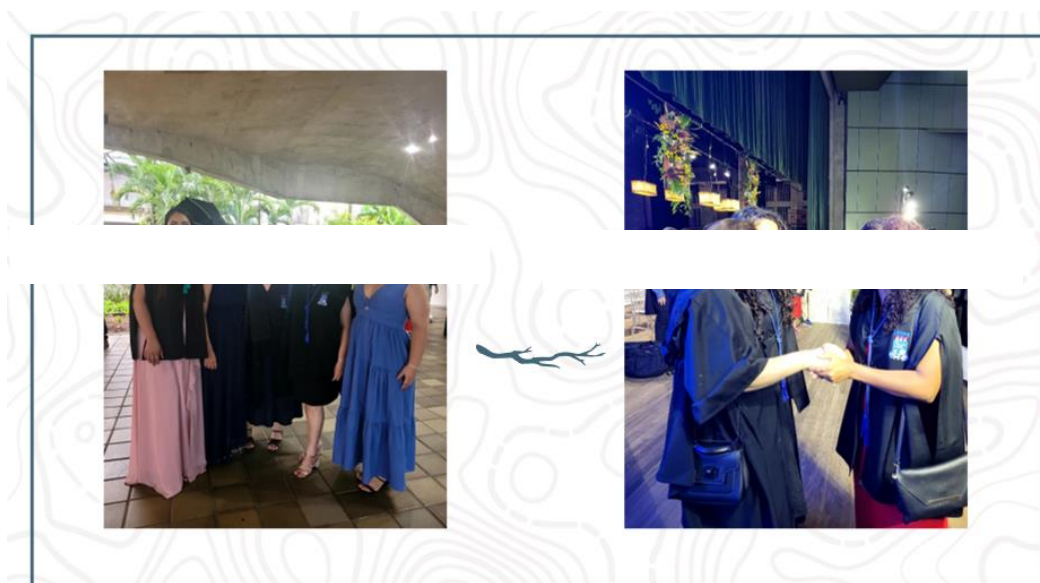
Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 202:** O Reitor da UFRPE (ciclo 2020-2024), Marcelo Carneiro Leão, conferindo o grau aos(às) formandos(as) na Colação de grau em 30/04/2024.



Fonte: Acervo da autora (2024).

**Figura 203:** Concluintes da Licenciatura em Letras EAD- 2023.2 na Colação de Grau em 30/04/2024



Fonte: Acervo da autora (2024).



**Figura 204:** Licenciandos(as) de Letras EAD – concluintes da turma 2023.2



Colação de grau em 30/04/2024, no Centro de Convenções em Olinda, Pernambuco.  
Fonte: Acervo da autora (2024.).

A colação de grau da turma de Letras EAD, concluintes 2023.2, foi muito especial. Essa turma ingressou na UFRPE em plena pandemia de Covid-19, em março de 2020. Foram muitos desafios e diversas aprendizagens nesse cenário de incertezas diante da interrupção de atividades de ensino, pesquisa e extensão no contexto presencial. Em meu discurso, como representante dos(as) homenageados(as), evidenciei três palavras norteadoras – *Travessia, Coragem e Esperança*, as quais certamente guiaram os(as) estudantes até o momento de celebração e de vitória da Colação de Grau.

Cansado(a), amigo(a) leitor(a)? Estou quase finalizando este Memorial. Mas, ainda preciso narrar as experiências no eixo da gestão universitária. No próximo capítulo, compartilho algumas vivências em atividades administrativas. Pronto(a) para continuar essa travessia?



# Capítulo 6

## 6 GESTÃO: VIVÊNCIAS E DESAFIOS NAS ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS

*Epitáfio*<sup>49</sup> – Titãs

Devia ter amado mais  
Ter chorado mais  
Ter visto o sol nascer  
Devia ter arriscado mais  
E até errado mais  
Ter feito o que eu queria fazer

Devia ter complicado menos  
Trabalhado menos  
Ter visto o sol se pôr  
Devia ter me importado menos  
Com problemas pequenos  
Ter morrido de amor

### 6.1 O PAPEL DA GESTÃO NA CONSTITUIÇÃO DE MINHAS (TRANS)DOCÊNCIAS: “TUDO VALE A PENA, SE A ALMA NÃO É PEQUENA”

**Mar Português** - Fernando Pessoa <sup>50</sup>

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

Iniciarei, neste momento, o relato de minhas experiências na gestão universitária. Considerando o eixo da gestão, cito a canção do grupo Titãs: “*Devia ter complicado menos/Trabalhado menos/Ter visto o sol se pôr*”. Mas, como sou uma professora

<sup>49</sup> TITÃS. Epitáfio. In: TITÃS. **A melhor banda de todos os tempos da última semana**. São Paulo: WEA, 2001. Faixa 4.

<sup>50</sup> PESSOA, F. **Mensagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

esperançosa, romântica e resiliente, deixo o pessimismo de lado para narrar as minhas vivências na gestão universitária. Então, vamos lá, amigo(a) leitor(a)! Sigamos em frente! Há um poema que, também, é bem adequado para iniciar este capítulo. Desse modo, apresento, mais uma vez, a leveza profunda da poesia de Mario Quintana.

#### Poeminho do Contra

Mario Quintana

Todos esses que aí estão  
Atravancando meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho!

Lembra desse poema de Quintana, amigo(a) leitor(a)? Já citei esses versos anteriormente quando descrevi minhas travessias na publicação de periódicos. Nesse momento, também vi que seria pertinente revisitá-lo, pois, no eixo da gestão, precisamos do voo passarinho para continuarmos a fazer e a refazer caminhos.

Quando ingressei na Educação Superior, o tripé de ensino-pesquisa-extensão foi colocado como norteador da docência. Creio que o eixo da gestão deveria ser enfatizado em Editais de Concurso Público para seleção de docentes da Educação Superior, pois as atividades administrativas consomem muito tempo de nossa jornada laboral e ficamos, de certa forma, prisioneiros(as) das amarras de certos cargos, certas funções administrativas que, muitas vezes, sequer desejamos assumir. Mas, como já disse o poeta, *“Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”*. Então, vamos lá, amigo(a) leitor(a), apresentarei, neste momento, as vivências na gestão e as aprendizagens neste eixo de atividades administrativas. Não posso negar que a gestão teve importância em minhas travessias como docente universitária. Então, sigamos em frente nas múltiplas e sinuosas veredas de minha jornada.

## 6.2 A GESTÃO NO CONTEXTO PRIVADO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Minhas andanças no território da gestão universitária foram iniciadas no contexto privado da Educação Superior. De fevereiro de 2003 a fevereiro de 2007, atuei como Supervisora de Pesquisa da FIR - Faculdades Integradas do Recife. No período de 2004 a 2007, atuei como Supervisora de Divulgação Científica, no Núcleo de Divulgação Científica da COPEX - Coordenação de Pesquisa e Extensão da FIR. Neste núcleo, desenvolvi atividades, tais como: organização de eventos, apoio à divulgação científica, além de atuar como editora científica da *Revista Multidisciplinar CETEC- Revista de Ciência, Empreendedorismo e Tecnologia*. Esta revista contemplava as áreas dos diferentes cursos de graduação da FIR, configurando-se como oportunidade de publicação para docentes e discentes.

Em 2007, fui convidada pela Direção Geral da FIR para assumir a Coordenação Geral de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação (COPEX/FIR). Esta Coordenação gerenciava as ações de pesquisa e extensão, por meio do acompanhamento de projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos sob a coordenação dos professores dos diferentes cursos de graduação e pós-graduação da FIR. A COPEX ainda contemplava as ações da pós-

graduação na FIR, com a oferta de Cursos de Especialização. Vários projetos eram realizados e as ações de extensão assumiam destaque, envolvendo a comunidade no entorno da FIR.

Destaco o Projeto Espaço Recriar, o qual contemplava mais de 100 crianças e adolescentes entre 5 a 17 anos de idades. Formado com a participação de monitores(as), discentes dos cursos de graduação da FIR, o projeto contava com crianças e adolescentes do bairro do Prado, circunvizinho à FIR. Este projeto tinha o objetivo de integrar o espaço acadêmico com as demandas da comunidade do entorno. Além disso, pretendia sensibilizar os(as) graduandos(as) para as interações dialógicas com a comunidade, visando ao desenvolvimento de práticas sociais. O projeto contava com a organização de diferentes turmas da comunidade atendida, considerando a faixa etária e as demandas de crianças e adolescentes da comunidade. Os/As monitores(as) da FIR apoiavam os trabalhos com mediações pedagógicas nas áreas de informática básica, leitura e Língua Inglesa. A FIR contava com cursos de graduação nas áreas de tecnologia, direito, saúde e relações internacionais. A professora Susan Lewis, coordenadora do *Projeto de Extensão Espaço Recriar*, organizava a *Festa do dia das crianças*, ou seja, evento de culminância das ações desenvolvidas durante o período letivo. As **Figura 205** a seguir revela alguns momentos dessa grande festa.

**Figura 205:** Festa do dia das crianças - Projeto de Extensão Espaço Recriar- FIR (ano 2007).



Festa do dia das crianças, atividade do Projeto de Extensão Recriar, ano 2007. Da esquerda para a direita- Profa. Dra. Anna Myrna Jaguaribe (docente de Fisioterapia/FIR), Profa. Dra. Ivanda Martins (Coordenação de Pesquisa e Extensão – Copex/FIR em 2007), Profa. Dra. Susan Lewis (Coordenação do Projeto Espaço Recriar) e Betânia Silva (Assistente Administrativa da Copex). Estudantes da FIR e Monitoras do Projeto de Extensão Espaço Recriar- ano 2007. Fonte: Acervo da autora (2024).

Está acompanhando, leitor(a)? São muitas andanças, não é verdade? Vamos continuar nessas travessias? Agora, é o momento de narrar as minhas experiências na gestão, tendo em vista o contexto público da Educação Superior. Vamos lá? Continue comigo, amigo(a) leitor(a), pois as travessias estão apenas começando, viu?

### 6.3 A GESTÃO NO CONTEXTO PÚBLICO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: TRAVESSIAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE

As coisas mudam no devagar depressa dos tempos.

*Grande Sertão: Veredas* – Guimarães Rosa

Nesta seção, irei descrever as minhas travessias na gestão universitária, tendo em vista os desafios enfrentados na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Início com as atividades na Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE.

#### 6.3.1 Travessias de (quase) uma década na Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE

**Das utopias** – Mario Quintana

Se as coisas são inatingíveis... ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos, se não fora  
A presença distante das estrelas!

Assim que ingressei na UFRPE, a gestão começou a me acompanhar de perto. Pensei que teria mais tempo para me dedicar a projetos de ensino, pesquisa e extensão. Estava deixando a correria do contexto privado da Educação Superior, no qual trabalhava nos três turnos (manhã, tarde e noite), e pensei que a “calmaria” do cenário da Universidade Pública estaria se aproximando. Amigo(a) leitor(a), esta foi uma visão “romântica” do ingresso no Ensino Superior Público e, logo, percebi que estava enganada. Como já mencionei, fui até chamada, literalmente, de “romântica” por alguns/algumas colegas, assim que ingressei na UFRPE. Sempre dizia que, certamente, eu era, e ainda sou, romântica, pela minha formação sensível no campo dos estudos literários e pela visão sempre esperançosa da carreira docente. Já fiz, no segundo capítulo deste Memorial, a confissão com essa afirmativa: sou romântica sim, não nego. O mundo precisa de pessoas “românticas”.

Conforme relatos já destacados, ingressei na UFRPE no segundo semestre de 2008, em 1 de setembro de 2008, e já, em 2009, tive que iniciar as travessias na concepção do Projeto Pedagógico do Curso - PPC de Licenciatura em Letras EAD. A UFRPE propôs o Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa na modalidade de Educação a Distância, criado pela Resolução CEPE/UFRPE nº 383/2009, processo nº 23082.015328/2009. Inicialmente, o curso estava vinculado ao PARFOR, com parcerias com a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Em sua primeira oferta, no primeiro semestre de 2010, foram disponibilizadas 100 vagas nos municípios de Carpina e Pesqueira, conforme Edital nº 03/10-PREG/UFRPE. No primeiro semestre de 2010, as primeiras turmas de Letras ingressaram na UFRPE e vivi, de perto, como Coordenadora da Licenciatura em Letras EAD, os desafios que as primeiras turmas enfrentaram. Foram disponibilizadas 50 vagas para Carpina e 50 para Pesqueira. A Licenciatura em Letras EAD iniciou suas ações com professores(as) colaboradores(as) vinculados(as) ao Programa UAB. Em 2010, a UFRPE vivenciava uma expansão das atividades de EAD, em função do incremento de recursos do

governo federal, ainda na política de formação docente do Governo Lula, com vistas a expandir processos de formação inicial de professores(as) por meio da EAD.

Em 2010, o Curso de Licenciatura em Letras EAD contava, apenas, com uma docente lotada no Núcleo EAD (ainda não era Unidade UAEADTec) que também assumiu a função de Coordenação do Curso. Amigo(a) leitor(a), adivinhe só quem era essa docente. Já imaginou? Isso mesmo, apenas “euzinha”, com formação na área de Letras, que havia acabado de ingressar na UFRPE para atender às demandas da EAD, estava atuando na licenciatura em Letras EAD, como docente e coordenadora. Nessa época, não conhecia os trâmites institucionais da UFRPE e comecei, aos poucos, aprendendo a aprender na prática, em função das demandas que surgiam continuamente. A Coordenação de Curso EAD atua em vários sistemas de gestão, com uma complexidade ainda maior, se compararmos às funções administrativas no contexto do ensino presencial.

Amigo(a) leitor(a), lembra daquela noção de *polidocência* que apresentei no primeiro capítulo deste Memorial? Pois é, na EAD, este conceito é muito relevante para compreendermos os diversos atores que acompanham os(as) discentes nos sistemas da arquitetura pedagógica multidisciplinar da EAD. A Coordenação de Curso EAD atua nessa dimensão multidisciplinar, com apoio dos(as) docentes autores(as), formadores(as), tutores(as), equipe de gestão, coordenações de polos e tantos outros atores importantes nas diversas ações que a modalidade requer. Desse modo, tive que desenvolver várias funções, como, por exemplo, coordenar a equipe do curso, formada, em 2010, por coordenação de tutoria, tutores(as) virtuais e presenciais, coordenações de polos. A gestão dos trabalhos relativos às solicitações de diárias e passagens, acompanhamento das viagens de tutores(as) aos polos, monitoramento de distribuição de materiais didáticos EAD, logística da alocação de bolsas UAB, formação docente e discente, além de outras ações eram frequentes na dinâmica da Coordenação do Curso de graduação EAD.

Em 2010, o curso não tinha secretário(a), ou seja, servidor(a) efetivo(a) para as ações administrativas. Além disso, cada Coordenação de Curso não contava com o apoio do(a) Substituto(a) Eventual, espécie de Vice Coordenador(a) de Curso. Na época, havia, na EAD, apenas três profissionais terceirizados que davam apoio a todos os cursos de graduação e de pós-graduação EAD nas questões de secretaria. As demandas de trabalho eram imensas e a equipe profissional era muito reduzida, com participação de colaboradores(as) da UAB.

Quando ingressei na EAD/UFRPE, também atuei em alguns processos formativos para docentes autores(as) de conteúdos didático-pedagógicos para cursos de graduação ofertados na modalidade a distância. Tentava ajudar as ações que se iniciavam de acordo com as demandas emergentes dos cursos EAD. Nesse período, enfrentei inúmeros desafios, contínuas aprendizagens e trocas de experiências com docentes, discentes, técnicos(as), tutores(as), gestores(as), coordenações de polos, colaboradores(as), direção geral da Unidade, Coordenação UAB, Coordenação geral de cursos de graduação, suporte, produção de materiais didáticos, setor de bolsas UAB, recepção geral, logística, SCDP, setor de estágio EAD, CGE, DRCA, CPA, PREG, Pró-Reitorias, e tantos outros).

No primeiro semestre de 2011, o Curso de Licenciatura em Letras EAD teve a aprovação de sua segunda oferta, com 50 vagas no polo de Afrânio, conforme Edital nº 11/11 PREG/UFRPE. Esta segunda oferta estava atrelada ao Programa da Universidade Aberta do Brasil - UAB. No segundo semestre de 2014, houve a terceira oferta do curso com



25 vagas em Carpina e 25 em Pesqueira, conforme Edital nº 21/2014-PREG/UFRPE. No segundo semestre de 2015, o curso iniciou a sua quarta oferta, com mais 30 vagas no polo Recife e 30 em Surubim, conforme Edital nº 25/2015 - PREG/UFRPE. A quinta oferta foi realizada no segundo semestre de 2017, com 40 vagas no polo Carpina e 40 no polo Surubim, de acordo com o Edital nº 31/2017- PREG/UFRPE.

Em março de 2016, a UFRPE recebeu visita *in loco* de Comissão Externa de Avaliação para o Curso de Licenciatura em Letras EAD. A avaliação do curso obteve conceito 4, tendo em vista os eixos: Dimensão 1. Organização Didático-pedagógica; Dimensão 2: Corpo Docente e Tutorial; Dimensão 3: Infraestrutura. A Comissão atribuiu os seguintes conceitos: *Dimensão 1: Organização Didático-Pedagógica - 4,3; Dimensão 2: Corpo Docente e Tutorial - 4,6; Dimensão 3: Infraestrutura - 4,3.* Desse modo, o Curso de Licenciatura Letras EAD obteve média final **4,4**, com conceito final **4,0**. A Portaria de Reconhecimento de Curso nº 718, de 16 de novembro de 2016, foi publicada no Diário Oficial da União, seção 1, nº 220, quinta-feira, 17 de novembro de 2016.

Em 2011, a primeira turma da Licenciatura em Letras EAD, ainda com a participação de discentes oriundos(as) do PARFOR, realizou o Enade. Os ingressantes foram inscritos no Enade 2011, mas ficaram isentos da realização do exame, o qual foi aplicado com os concluintes. Em 2014, estudantes concluintes do Polo Afrânio, além de discentes remanescentes de outros polos, os quais não concluíram o curso no período regular, participaram do Enade. Foi um período bem difícil, pois parecia que o próprio sistema do Enade ainda estava em fase de adaptação para as especificidades da EAD. Tivemos estudantes corretamente cadastrados(as) no sistema, mas que foram alocados(as) pelo Inep para a realização do exame em municípios diferentes dos polos EAD indicados. Como exemplo, tivemos discentes do polo Carpina com alocação para realização do exame em Afrânio, o que inviabilizou a participação de diversos(as) educandos(as). Nesta primeira experiência com o Enade, o resultado final da avaliação no exame foi nota **2,0 (dois)**, conceito regular, considerando a escala de 1 a 5, em que 1 é insuficiente, 2 regular, 3 bom, 4 muito bom e 5 excelente.

Amigo(a) leitor(a), imagine a pressão institucional diante desse resultado “regular”. Após esse processo, tive que me desdobrar em várias ações formativas do curso para motivar as novas turmas de Letras EAD para participação no exame. Realizei diversas visitas aos polos para conversar com os(as) discentes, participei de inúmeras reuniões com setores da UFRPE, como CPA, PREG, CGE, DRCA a fim de construir plano de ação para apoiar e orientar discentes, docentes, tutores(as) sobre as etapas formativas do curso que poderiam ter impactos no próximo exame. Desse modo, organizei rodada de oficinas formativas contínuas no AVA UFRPE/EAD, promovi rodas de diálogos para sensibilizar os(as) discentes, agendei diversas reuniões com o NDE – Núcleo Docente Estruturante de Letras EAD. Todo esse processo foi realizado para apoiar os(as) discentes na nova etapa do Enade.

Em 2017, os(as) estudantes concluintes do Curso de Licenciatura em Letras EAD, 3ª oferta, oriundos(as) dos polos de Carpina/PE, Pesqueira/PE, Recife/PE participaram do Enade. Nesse processo, o Curso de Licenciatura em Letras - EAD conquistou avaliação **4,0 (quatro)** muito bom, no Enade 2017. Certamente, houve o aprimoramento das ações desenvolvidas no curso, no sentido de acompanhar os(as) estudantes quanto à publicação de informações sobre o Enade, realização de processos formativos com docentes e discentes, além de reuniões com o NDE. Tais ações foram determinantes para minimizar

dificuldades dos(as) estudantes, ampliando a conscientização sobre a importância do exame, tendo como resultado a avaliação positiva com nota **4,0** no Enade 2017.

Foi neste cenário que atuei como Coordenadora de Curso de graduação EAD, no período de março de 2010 a março de 2019, embora minhas atividades de gestão já tivessem sido iniciadas no segundo semestre de 2009, com a elaboração do Projeto Pedagógico do Curso. Enquanto estive à frente da Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE, as minhas travessias nos eixos de pesquisa e extensão ficaram um pouco tímidas, pois o tempo destinado às atividades de ensino e de gestão era imenso. Mesmo assim, continuei ministrando aulas e orientando discentes na graduação e na pós-graduação, participei e organizei diversos eventos de extensão, além de muitas outras atividades que consegui realizar neste período intenso de trabalho.

Nesta etapa, o que me afligia, um pouco, era o fato de muitos(as) discentes enxergarem em mim apenas a imagem da Coordenadora de Curso. Minha imagem como docente ficava ofuscada pelo reflexo da imagem da gestora que precisava resolver todas as questões administrativas, ou seja, análise de processos, encaminhamentos junto aos setores da UFRPE (DRCA, CGE, PREG, e outros), mediações de conflitos em interações entre discentes, docentes, e tutores(as), organização da gestão de bolsas para o curso, monitoramento das viagens aos polos EAD, solicitações à gráfica EAD para impressão e distribuição de materiais didáticos, além de várias outras ações no campo da gestão.

Outro ponto importante é que, na posição de gestora, comecei a me envolver com questões emocionais e desafios pessoais de diversos(as) estudantes. Como Coordenadora de Curso, ouvia de perto diversos relatos dos(as) estudantes. É natural que os(as) discentes apresentassem suas narrativas, suas histórias pessoais, suas dificuldades que, muitas vezes, influenciavam as suas travessias nas trilhas de aprendizagens. Muitos(as) enfrentavam transtornos de ansiedade, depressão, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade – TDAH, além de outros desafios no campo da saúde mental.

Em 2019, quando deixei a Coordenação de Curso, senti que já era o momento de outro(a) colega docente assumir para que eu pudesse respirar um pouco e me dedicar mais ao ensino, à pesquisa e à extensão. Destaco que, na UFRPE, o período para a gestão de Coordenação de Curso é de dois anos, podendo ter recondução pelo mesmo período. Na época em que atuei por quase uma década, sem interrupção, apenas eu estava efetivamente lotada na UAEADTec e o corpo docente do curso contava com a participação de docentes de outros departamentos, de outras Unidades Acadêmicas, além de colaboradores da Universidade Aberta do Brasil – UAB, ou seja, bolsistas da CAPES.

Em 2018, a professora Aliete Rosa ingressou na UAEADTec e tornou-se a Substituta Eventual da Coordenação da Licenciatura em Letras EAD. Em março de 2019, finalmente consegui respirar com a minha saída da Coordenação do Curso, pois a professora Aliete assumiu a função. Neste período, a UAEADTec conseguiu ampliar o seu quadro de docentes na área de Letras, com colegas docentes que estavam pedindo transferência de outras Unidades da UFRPE, como a Unidade Acadêmica de Garanhuns - UAG e a Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho - UACSA para a atuação na UAEADTec. O ingresso desses colegas docentes no Curso de Licenciatura em Letras EAD foi fundamental para apoiar os(as) estudantes em atividades e orientações nos eixos de ensino, pesquisa e extensão, além da abertura do primeiro Mestrado Acadêmico na área de Letras –

PROGEL/UFRPE. Os/As professores(as) removidos da UACSA para a UAEADTec acumularam ainda mais trabalho, com as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão nessas duas Unidades Acadêmicas. Essa sobrecarga de trabalho perdura até o cenário atual, visto que a área de Letras na UAEADTec conta com atividades no curso de graduação, a Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD, bem como nos cursos de pós-graduação, a Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente – LINFOR e o Mestrado Acadêmico em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE.

Amigo(a) leitor(a), se você acredita que as minhas vivências na gestão terminam por aqui, com o relato das ações na Coordenação do Curso de Letras/Língua Portuguesa EAD/UFRPE, está completamente enganado(a). *Mire veja* outras experiências que descrevo a seguir. As travessias continuam nos redemoinhos do Grande Sertão.

### **6.3.2 A gestão no cenário da EAD/UFRPE**

Na UFRPE, além da Coordenação na Licenciatura em Letras EAD, desenvolvi outras atividades de gestão, apoiando os cursos de graduação ofertados na modalidade a distância pelo Programa UAB. Nesse sentido, desenvolvi outras ações administrativas, tais como: Coordenação de Tutoria na Licenciatura em Computação EAD (2008); Coordenação Geral de Tutoria nos cursos de graduação UAB; Supervisão de Mediação Pedagógica EAD (2009); Coordenadora do Programa de Capacitação em Tecnologia e Educação a Distância (2010). A seguir, descrevo, rapidamente, cada uma dessas funções que desenvolvi no Programa da UAB/UFRPE.

#### **6.3.2.1 Coordenação de Tutoria na Licenciatura em Computação EAD/UFRPE**

No ano de 2008, assim que ingressei na UFRPE, além das atividades de ensino, comecei a mergulhar no universo da gestão universitária. No segundo semestre de 2008, assumi a Coordenação de Tutoria na Licenciatura em Computação EAD. Nesta função, desenvolvi processos de formação de professores(as) tutores(as) que atuavam na Licenciatura em Computação EAD. As formações destacavam temas, como: introdução à EAD, ambiente virtual de aprendizagem, interação com os(as) discentes, elaboração de *feedbacks*, linguagem e afetividade na EAD, didática intercomunicativa, desenho pedagógico, planejamento didático, entre outras redes temáticas diretamente relacionadas às ações que os(as) tutores(as) desenvolvem nas mediações pedagógicas mediadas pelas tecnologias digitais.

#### **6.3.2.2 Coordenação Geral de Tutoria nos Cursos de Graduação EAD/UAB**

No mesmo ano de 2008, desenvolvi ações como Coordenadora Geral de Tutoria com atuação nos cursos de graduação ofertados na modalidade a distância pela UFRPE. Nesse período ainda inicial das atividades de EAD - UFRPE, as demandas por formação docente eram imensas. Era tudo muito novo, estávamos descobrindo as potencialidades da modalidade EAD. Como já destaquei, o Sistema UAB foi instituído pelo Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006, com vistas ao desenvolvimento da EAD para expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de Educação Superior no Brasil. Os/As professores(as)

tutores(as) que ingressavam na UAB, nesse período, estavam, ainda, se apropriando das características da modalidade para atuar nos ambientes virtuais de aprendizagem e apoiar a aprendizagem dos(as) educandos(as). Diante do quantitativo limitado de docentes, quem atuava na EAD tinha que se desdobrar em múltiplas funções, em virtude das contínuas demandas que surgiam naquele contexto. Os eixos de ensino e de gestão eram os mais explorados, com atividades docentes, escrita de materiais didáticos, coordenações e outras atividades administrativas em inúmeros colegiados e comissões.

### 6.3.2.3 Supervisão de Mediação Pedagógica EAD/UAB- UFRPE

No ano de 2009, comecei a atuar na formação de professores(as) autores(as) que estavam elaborando materiais didáticos impressos - MDI para os cursos de graduação EAD da UFRPE. Nesse período, também exercitei a escrita da produção de conteúdos didático-pedagógicos para EAD e elaborei diversos volumes de materiais didáticos. Os processos de formação de autores(as) e a escrita de materiais didáticos eram muito dinâmicos, com tempos curtíssimos, diante da crescente demanda para o funcionamento das ofertas das disciplinas. Nesse período, a EAD contava com uma equipe de ilustradores(as), diagramadores(as), jornalistas, ou seja, colaboradores(as) bolsistas do Sistema UAB. Aos poucos, construímos *templates* para produção de materiais didáticos, guias e roteiros de orientações para os(as) docentes autores(as). Coordenei uma pequena equipe de mediadores(as) pedagógicos(as) que acompanham a produção escrita de materiais didáticos. No início das atividades de EAD, os materiais didáticos impressos ganhavam destaque e eram produzidos para dialogar com os perfis de estudantes que ingressavam naquele momento de abertura de cursos EAD. Esses cursos eram planejados em conexões com programas, tais como: PARFOR, Pró-Licenciatura e UAB. Os/As discentes ingressavam nos cursos EAD com diversas dificuldades de letramentos digitais e acadêmicos. O público era formado por docentes em formação inicial, que buscavam a *1ª Licenciatura* na EAD, outros em formação continuada que ingressavam nos cursos de *2ª Licenciatura*<sup>51</sup>. Os materiais didáticos eram produzidos com base em avaliação diagnóstica desse perfil que ingressava nos cursos EAD. Nesse sentido, era priorizada linguagem dialógica no sentido de estreitar a interação entre professores autores e licenciandos(as) leitores(as) como estratégia para apoiar a aprendizagem na EAD e contribuir para a construção da autonomia do(a) cursista.

---

<sup>51</sup> No PARFOR, existiam diferentes possibilidades de ingresso para os cursos de licenciatura:

- *1ª Licenciatura*, para professores(as) sem graduação, com a carga horária de 3.200 horas, sendo 400 horas de Estágio Supervisionado.
- *2ª Licenciatura*, para professores(as) licenciados(as) que atuavam fora de sua área de formação. A *2ª Licenciatura* contava com 1.200 horas, incluindo as horas de Estágio Supervisionado, para aqueles que pretendiam cursar a licenciatura fora de sua área de formação.
- Havia, ainda, a Formação Pedagógica, para bacharéis sem licenciatura, que atuam nos cursos profissionalizantes de escolas públicas.

### 6.3.2.4 Coordenação do Programa de Capacitação em Tecnologia e Educação a Distância EAD/UAB – UFRPE

Em 2010, a EAD/UFRPE vivenciou uma nova etapa na oferta de cursos de graduação, com rápida expansão dos números de vagas para as licenciaturas em: Artes Visuais, Computação, História, Pedagogia, Letras, Física, Ciências/Interdisciplinar. Também novas vagas foram abertas para os cursos de Bacharelado em Sistemas de Informação e Administração Pública. Nesse momento inicial das ofertas dos cursos EAD, atuei como Coordenadora do Programa de Capacitação em Tecnologia e Educação a Distância EAD/UAB. Organizamos materiais de apoio à formação docente (tutores(as), professores(as) mediadores(as) nos AVA, docentes autores(as), coordenações, colaboradores UAB em geral). Os módulos de materiais didáticos foram organizados com foco em temas que precisam ser trabalhados com esse público, tais como: introdução à EAD, ambientes virtuais de aprendizagem, processos de avaliação na EAD, sistemas de tutoria na EAD, além de outros temas. Os processos de formação docente eram planejados de modo híbrido, com etapas realizadas, de forma assíncrona, no AVA UFRPE/UAEADTec, e outros momentos presenciais na sede, em Recife.

### 6.3.3 E no apagar das luzes, entra em cena a gestão no PROGEL/UFRPE

Quando pensei que não retornaria à gestão na UFRPE, surge um novo desafio. Em 2024, o PROGEL organizou processo de consulta para a Coordenação do programa. Como Substituta Eventual da Coordenação, participei da chapa com o professor Dr. Eduardo Barbuio, candidato à Coordenação do PROGEL. A chapa foi aprovada para dar continuidade aos trabalhos das gestões anteriores que fizeram um trabalho de excelência, com a participação dos professores Natanael Duarte e Vicentina Rodrigues, na primeira gestão do PROGEL, além da participação das professoras Cláudia Roberta Tavares Silva e Brenda Carlos de Andrade, que atuaram na segunda gestão do programa. Mais trilhas surgiram no *Grande Sertão...(Trans)Docências*, agora com ênfase na gestão do PROGEL, ciclo 2024-2026. Após essa primeira consulta, foi preciso ajustar e realizar novo processo que está em tramitação, no qual fui indicada para à Coordenação do PROGEL/UFRPE (ciclo 2024/2026).

**Figura 206:** Cartaz de divulgação da Chapa 1- Eleição para a Coordenação do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE



Fonte: Site do PROGEL (2024).



Essa minha participação na gestão, no PROGEL, ainda está em processo de consolidação, em função de questões administrativas institucionais. Alguns ajustes estão sendo realizados em função das demandas de trabalho do professor Eduardo Barbuio, bem como das atividades que também estou desempenhando como docente na graduação em Letras EAD e nos cursos de pós-graduação *lato sensu* (LINFOR) e *stricto sensu* (PROGEL/PPGTEG). Como já disse, amigo(a) leitor(a), sempre tentei fugir da gestão, mas parece que as atividades administrativas me perseguem e, em algum momento, me reencontro com essa face de minhas *(Trans)Docências*, unindo as imagens da professora, pesquisadora e gestora no cenário dinâmico da vida acadêmica na Universidade. Retomo as palavras de Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas*: “Esta vida está cheia de ocultos caminhos. Se o senhor souber, sabe, não sabendo, não me entendera” (Rosa, 2019, p. 115).

Além dessas ações de gestão que descrevi até o momento, destaco a minha participação em diversos Colegiados e Comissões da UFRPE, com atividades que desenvolvo até a atualidade, conforme descreverei na próxima seção. Prepare-se, amigo(a) leitor(a), pois as trilhas na gestão universitária continuam sempre ativas. Tome um fôlego e continue nas trilhas da leitura. Conto com a sua participação ao longo dessas travessias.

#### 6.4 TRILHAS ADMINISTRATIVAS: PARTICIPAÇÃO EM COLEGIADOS E COMISSÕES NA UFRPE

Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto.

*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa

Creio que é praticamente impossível relatar, com detalhes, todas as minhas participações em comissões e colegiados dos cursos de graduação e de pós-graduação nos quais atuei, e ainda atuo, na UFRPE. Nem conto os Grupos de Trabalho, os quais, principalmente durante o período da pandemia de Covid-19, se intensificaram bastante. O fato é que, amigo(a) leitor(a), a gestão e a participação em atividades administrativas sempre me acompanharam, embora eu tentasse “escapar” dessas ações.

Na UAEADTec, participei de Comissões de Pesquisa (COMPESQ), Planejamento Estratégico, Avaliação e Progressão Docente (CAPD), Avaliação de Plano Individual de Trabalho e Relatório Individual de Trabalho - PIT/RIT, Conselho Técnico Administrativo da Unidade (CTA), Colegiado Geral de Cursos de Graduação (CGCG), além de outras comissões, como, por exemplo, Comissões de Consulta para Coordenações de Cursos, as quais iam surgindo, de acordo com as demandas no eixo administrativo. Participei de inúmeras reuniões, elaborei diversos regimentos das comissões, escrevi pareceres de processos e muitas atas de reuniões. Essas são apenas algumas atividades administrativas das comissões e dos colegiados.

Além das comissões e dos colegiados da UAEADTec, participei de outras comissões importantes na UFRPE, tais como: Comissão Própria de Avaliação - CPA, Comissão Executiva do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI UFRPE, Comissão do Projeto Político-Pedagógico Institucional - PPI UFRPE, além dos Grupos de Trabalho no período da pandemia de Covid -19, com vistas à organização das atividades acadêmicas, com base no

modelo remoto. Destaco, a seguir, minha participação na CPA/UFRPE, com muitas aprendizagens nos processos de avaliação institucional.

#### **6.4.1 Avaliação institucional: minhas andanças na CPA/UFRPE**

No período de 2012 a 2018, tive a valiosa oportunidade de atuar como membro titular, representante do segmento docente da UAEADTec, na Comissão Própria de Avaliação da UFRPE. A minha participação na CPA/UFRPE foi regulamentada pela Portaria nº 575/2012-GR, de 07 de maio de 2012, retificada pela Portaria nº 570/2013 – GR, de 8 de abril de 2013. Essa participação na CPA foi uma etapa de muitas aprendizagens. Passei a conhecer melhor os principais desafios da UFRPE, acompanhei diversas visitas *in loco* do INEP e participei de inúmeras reuniões neste período. A equipe de trabalho era sempre muito dedicada e colaborativa, com participação ativa de docentes, discentes, técnicos e representantes da sociedade civil.

Como a UFRPE atuava na sede, em Recife e em outras Unidades Acadêmicas, a CPA também contava com representantes da Unidade Acadêmica de Garanhuns - UAG, Unidade Acadêmica de Serra Talhada - UAST, Unidade Acadêmica de Cabo de Santo Agostinho - UACSA. O volume de trabalho era imenso e o corpo profissional para dar apoio às atividades de caráter técnico-administrado sempre reduzido. Na época em que atuei na CPA/UFRPE, lembro-me que uma das demandas da comissão era contar com a participação de profissionais de Tecnologia da Informação e Estatística para a organização de dados dos relatórios da CPA.

Mesmo com quadro profissional reduzido, a CPA contava com a dedicação de seus membros, sob a liderança da Coordenação Geral. Na época em que atuei, a CPA contou com a Coordenação Geral da professora Maria do Rosário de Fátima Brandão de Amorim e, posteriormente, da professora Giselle Nanes. Nesse período, a CPA buscava estreitar o diálogo com outras comissões de diferentes instituições de Pernambuco, no sentido de compartilhar experiências. Em 2012, com o objetivo de promover o diálogo interinstitucional sobre autoavaliação com diversas CPA de instituições públicas e privadas de Instituições de Ensino Superior de Pernambuco, a CPA/UFRPE promoveu, de maneira pioneira, o *I Fórum das CPA de Pernambuco*. Certamente, o pioneirismo do I Fórum revelou-se a partir da necessidade de integrar as diferentes representações das CPA em Pernambuco, visando a consolidar as ações de autoavaliação institucional e ampliar a divulgação das experiências de cada IES. Tendo em vista o eixo temático norteador “*Desafios e Perspectivas no Processo de Autoavaliação Institucional*”, o *I Fórum das CPA de Pernambuco* buscou dialogar, com as demais CPA do estado sobre autoavaliação, sobre as normas legais adotadas pelos órgãos normatizadores e vantagens que as Instituições de Ensino Superior podem ter com a aplicação e desenvolvimento da avaliação para melhoria da qualidade nas dimensões ensino, pesquisa e extensão, bem como para o debate sobre autoavaliação e gestão universitária.

A programação do evento contou palestras de representantes da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES) e instituições de referência na Avaliação Institucional. Nesse sentido, o evento teve a participação do presidente da CONAES, professor Dr<sup>o</sup> Robert Evan Verhine, além da presença de representante da CPA da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, professora Dr<sup>a</sup> Renata Archanjo.

Figura 207: Registros do I Fórum das CPA de Pernambuco

**O SEMINÁRIO**

**Apresentação**  
O encontro tem como objetivo dialogar com as demais CPAs do Estado de Pernambuco sobre autoavaliação, normas legais adotadas pelos órgãos normalizadores e vantagens que as instituições de ensino superior podem ter com a aplicação e desenvolvimento da avaliação para a melhoria da qualidade nas dimensões ensino, pesquisa, extensão e gestão.

**Objetivo**  
O objetivo geral é promover a qualificação dos membros das CPAs e na constituição de conhecimentos que os habilitem a implementar o Projeto de Avaliação Institucional - ciclo 2012-2013.

**OS PALESTRANTES**

**Robert Evan Verhine**  
Pró-Reitor de Pesquisa da Universidade Federal da Bahia e Presidente Pro-Tempore da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior - CONAES

**Renata Archanjo**  
Coordenadora da CPA da UFRN

**Maria do Carmo Brandão**  
Coordenadora da CPA da UFE

**Anísio Francisco Soares**  
Avaliador Externo da UFRPE

**PROGRAMAÇÃO**

**DIA 19/11 - São João Nobre**

8h30 Credenciamento dos participantes  
9h30 Abertura

10h Palestra "Avaliação Institucional nas Universidades Brasileiras: Desafios e Perspectivas" - Prof. Dr. Robert Verhine

12h Almoço

14h Palestra "Educação Superior no Brasil e a trajetória da Avaliação Institucional na Universidade Federal do Rio Grande do Norte" - Profa. Dra. Renata Archanjo

15h "O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e a sua implementação na Universidade Estadual de Pernambuco - UPE" - Profa. Dra. Maria do Carmo Brandão

16h Exposição: Gestão do processo de avaliação e os procedimentos e instrumentos avaliativos - Prof. Dr. Anísio Soares

**DIA 20/11 - Prédio Vasconcelos Sobrinhos**

8h Abertura das atividades

Os desafios institucionais para o processo auto-avaliativo - As experiências das CPAs públicas e privadas das Instituições de Ensino Superior de Pernambuco

10h Sessão de comunicação oral - Relato das IES particulares

12h Almoço

13h Abertura das atividades

14h Sessão de comunicação oral - Relato das IES públicas

15h Consolidação do documento sobre "Os desafios institucionais para o processo auto-avaliativo - As experiências das CPAs públicas e privadas das Instituições de Ensino Superior de Pernambuco"

Fonte: CPA- Comissão Própria de Avaliação da UFRPE (2024).

Como membro da CPA/UFRPE, participei de algumas publicações importantes com registros das pesquisas e dos cenários de avaliação institucional. Também participei da autoria da História em Quadrinhos – HQ *O que é CPA?* Essa publicação foi realizada com o objetivo de sensibilizar os(as) discentes da UFRPE para a participação nos ciclos de avaliação institucional.

Figura 208: HQ CPA/UFRPE



Figura 209: HQ CPA/UFRPE



Fonte: Acervo da CPA UFRPE (2024).

**Figura 210:** Cartaz de divulgação de Seminário CPA UFRPE



**Figura 211:** Mesa temática sobre Avaliação Institucional no Seminário CPA UFRPE – ano 2018.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Fonte: <https://encurtador.com.br/rvGSO>

Quando finalizei a minha participação na CPA/UFRPE, a professora Isabel Cristina Pereira de Oliveira assumiu a presidência da comissão e deu continuidade aos trabalhos, com o apoio dos servidores Carlos Antônio Pereira Gonçalves Filho e José Pereira do Canto, além da colaboração de todos os membros da comissão. Além da participação na CPA UFRPE, também atuei como membro titular na Comissão Executiva para a elaboração do PDI UFRPE - ciclo 2021 a 2030, conforme descrição a seguir.

#### 6.4.2 Lá vem o PDI/UFRPE aí, gente! (Re)descobrimo a Universidade

A gente vive, eu acho,  
é mesmo para se desiludir e desmisturar.

Grande Sertão: Veredas – Guimarães Rosa

No período de 2019 a 2021, atuei como membro titular da Comissão Executiva para a elaboração do PDI UFRPE - Ciclo 2021/2030. Essa versão atualizada do PDI UFRPE foi aprovada por meio da Resolução CONSU/UFRPE nº 152, de 29 de novembro de 2021. A revisão do PDI UFRPE foi coordenada pela Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional – Proplan/UFRPE. Destaco os(as) coordenadores(as) desse processo de atualização do PDI UFRPE: Carolina Guimarães Raposo – Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento Institucional; Rafael Rodrigues Carvalho – Coordenador de Planejamento e Desenvolvimento Institucional; Joana dos Santos Silva – Chefe da Seção de Articulação e Inovação.

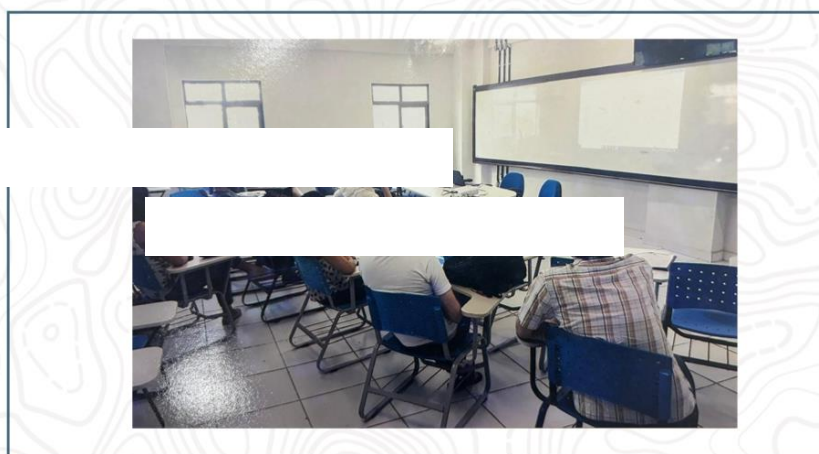
A minha participação na Comissão Executiva foi regulamentada pela Portaria nº 908/2019 – GR, de 25 de julho de 2019, atualizada pela Portaria nº 996/2020-GR, de 19 de novembro de 2020. Na Comissão Executiva, atuei como representante docente da



UAEADTec para coordenar Grupo de Trabalho – GT, visando à organização de informações relativas à modalidade EAD no documento institucional.

Inicialmente, os trabalhos da Comissão Executiva do PDI/UFRPE foram organizados presencialmente, no segundo semestre de 2019. No dia 1 de outubro de 2019, tivemos nossa segunda reunião da Comissão Executiva do PDI (2021-2030). A **Figura 212** a seguir apresenta cena dessa segunda reunião da Comissão, encontro realizado na Sala 305, do Departamento de Biologia da UFRPE, em Recife. Nas primeiras reuniões, estudamos o Projeto de Revisão do PDI, com a Coordenação da Pró-Reitoria de Planejamento e Gestão Estratégica – PROPLAN, Pró-Reitora Carolina Guimarães Raposo e do servidor da PROPLAN, Rafael Carvalho, Diretor de Planejamento e Acompanhamento. Nesse período, jamais poderíamos imaginar que enfrentaríamos uma pandemia no início de 2020.

**Figura 212:** Reunião da Comissão Executiva do PDI/UFRPE (2021-2030).

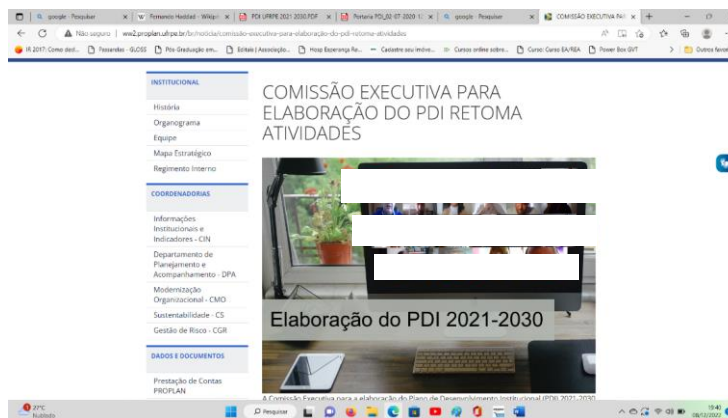


Reunião da 2ª Reunião da Comissão Executiva do PDI/UFRPE (2021-2030), realizada em 1/10/2019, antes do cenário pandêmico. Departamento de Biologia – sede UFRPE, Recife, PE.  
Fonte: Acervo da PROPLAN- UFRPE.

Na versão anterior do PDI, o texto que versava sobre a EAD ocupava metade de uma página, com apenas dois parágrafos, sendo um deles uma citação direta sobre a regulamentação da EAD. Diante dessa invisibilidade da EAD no documento institucional, tive que levantar informações sobre a contextualização histórica da EAD, mapeando listas de cursos de graduação e pós-graduação, informes sobre o Programa UAB quanto à seleção de bolsistas, articulação com os polos EAD, enfim, tive que realizar levantamento completo para apoiar o Grupo de Trabalho responsável pela construção do capítulo sobre EAD no PDI.

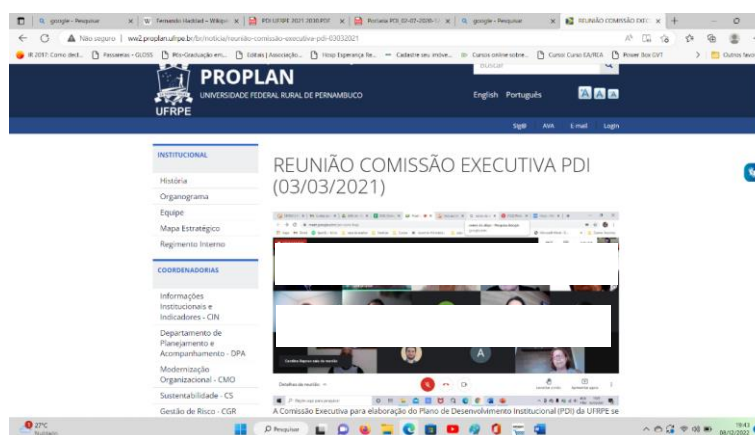
**Figura 213:** Site da Proplan com registros do processo de elaboração do PDI 2021-2030





Fonte: <http://ww2.proplan.ufrpe.br/br/noticia/comiss%C3%A3o-executiva-para-elabora%C3%A7%C3%A3o-do-pdi-retoma-atividades>

Figura 214: Site da Proplan com registros do processo de elaboração do PDI 2021-2030



Fonte: <http://ww2.proplan.ufrpe.br/br/noticia/reuniao-comissao-executiva-pdi-03032021>

No início de 2020, com a interrupção de atividades presenciais na UFRPE, em função do cenário de pandemia de Covid-19, os trabalhos foram redimensionados para atividades síncronas e assíncronas realizadas com apoio de plataformas digitais. Este foi um período de muito trabalho, inúmeras e longas reuniões, e muitas aprendizagens com a construção colaborativa do PDI UFRPE. As documentações e os registros sobre o PDI UFRPE estão disponíveis no site da PROPLAN: <http://www.proplan.ufrpe.br/br/content/plano-de-desenvolvimento-institucional>. Além das participações nas comissões da Administração Superior, também participei, intensamente, de colegiados e comissões nos cursos de graduação e pós-graduação da UFRPE, conforme apresentarei a seguir.

### 6.4.3 Colegiados e comissões de cursos de graduação e pós-graduação

As atividades administrativas no eixo da gestão universitária são inúmeras. A participação em diversos colegiados e comissões torna-se uma missão do(a) professor(a) nas universidades. Durante a minha trajetória acadêmica, participei de inúmeros colegiados e diferentes comissões nos cursos de graduação e de pós-graduação nos quais atuo/atuei. Nesta seção, descrevo, rapidamente, as minhas vivências em comissões e colegiados dos cursos de graduação, modalidade a distância, e de pós-graduação da UFRPE. De 2010 a 2024, na Licenciatura em Letras EAD/UFRPE e em outros cursos de graduação, sempre estive presente em colegiados do curso, tais como: CCD, NDE, COAA e algumas comissões,

em função das demandas didáticas. Além dessas comissões, participei amplamente de diversos outros colegiados, grupos de trabalho e outras comissões. O **Quadro 52** apresenta breve síntese de minha participação em colegiados e comissões dos cursos de graduação e pós-graduação na UFRPE nos quais colaborei.

**Quadro 52:** Colegiados e comissões em cursos de graduação e de pós-graduação na UFRPE

<b>Colegiado/ Comissão</b>	<b>Função</b>	<b>Curso</b>
CCD	Membro Suplente	PPGTEG/UFRPE
CCD	Membro Suplente	Licenciatura Plena em Letras presencial
CCD	Membro Suplente	Bacharelado em Administração presencial
CCD	Presidente	Licenciatura em Letras EAD
CCD	Membro Titular	Licenciatura em Letras EAD
CCD	Membro Titular	Licenciatura em Pedagogia EAD
NDE	Presidente	Licenciatura em Letras EAD
NDE	Membro Titular	Licenciatura em Letras EAD
NDE	Membro Titular	Licenciatura em Pedagogia EAD
NDE	Membro Titular	Licenciatura em Computação EAD
COAA	Presidente	Licenciatura em Letras EAD
COAA	Membro Titular	Licenciatura em Pedagogia EAD
COAA	Membro Titular	Licenciatura em Computação EAD
COAA	Membro Titular	Bacharelado em Sistemas de Informação EAD
Comissão de Egressos	Presidente	PROGEL/UFRPE
Comissão de Seleção de Ingresso	Membro Titular	PROGEL/UFRPE

Fonte: Elaboração da autora (2024).

No **Apêndice - Quadro 47**, você encontrará, amigo(a) leitor(a), o detalhamento de todas as minhas atividades administrativas realizadas na UFRPE. Vamos adiante com a descrição de mais comissões e outros colegiados.

#### **6.4.4 Outros colegiados e outras comissões....Ufa! Será que darei conta?**

Ao longo de minhas travessias acadêmicas, o trabalho nas comissões e nos colegiados sempre foi intenso. Reuniões, análise de processos, elaboração de pareceres, registros de atas foram algumas ações administrativas que sempre estiveram atreladas a tais participações no âmbito da gestão universitária. Em minha trajetória, na UFRPE, destaco os

Grupos de Trabalho da Pró-Reitoria de Graduação – PREG, no período pandêmico, de 2020 a 2021, as minhas participações nas Comissões Executivas do PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional e do PPI - Projeto Pedagógico Institucional, de 2019 a 2021, além da participação no Conselho Editorial da Editora da UFRPE. No âmbito da UAEADTec, como já citei, foram inúmeras comissões de pesquisa - COMPESQ, progressão docente - CAPD, CTA, CGCD e outras nas quais tive participação como membro titular ou como presidente (**Apêndice - Quadro 47**).

No **Quadro 53** apresentado a seguir, destaco a síntese global das diversas comissões e dos diferentes colegiados em que tive participação ativa, sempre como membro titular ou como presidente.

**Quadro 53:** Atividades Administrativas – Gestão – UFRPE

Função	Comissões da UAEADTec e da UFRPE
Membro Titular	CTA UAEADTec – Conselho Técnico Administrativo
Membro Titular	CGCG UAEADTec – Colegiado Geral dos Cursos de Graduação EAD
Presidente	COMPESQ - Comissão de Pesquisa UAEADTec
Membro Titular	COMPESQ - Comissão de Pesquisa UAEADTec
Membro Titular	CAPD - Comissão de Progressão Docente UAEADTec
Membro Titular	Comissão de Estágio Probatório UAEADTec
Membro Titular	Comissão de Planejamento Estratégico UAEADTec
Membro Titular	Comissão PIT/RIT UAEADTec
Membro Titular	CPA UFRPE
Membro Titular	PDI UFRPE- Comissão Executiva
Membro Titular	PPI UFRPE
Membro Titular	GT PREG UFRPE – PLE
Membro Titular	GT Retomada de Atividades Presencias durante o cenário de Covid-19
Membro Titular	Conselho Editorial UFRPE
Membro Titular	Comissão de Consulta para Coordenação da CPA/UFRPE
Presidente	Comissão de Consulta para Coordenação da Licenciatura em Pedagogia EAD
Membro Titular	Comissão de Consulta para Coordenação da Licenciatura em Letras EAD

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Viu, amigo(a) leitor(a), a minha participação em atividades administrativas foi sempre intensa, com muitos colegiados, inúmeras comissões, diversos processos para dar conta. O **Quadro 53** é apenas uma síntese das trilhas percorridas no campo da gestão, mas, certamente, não consegue descrever, de modo detalhado, todas as ações que acompanham os trabalhos administrativos. Só sabe o árduo trabalho no âmbito da gestão universitária

quem, de fato, viveu tais experiências e teve que conciliar as ações administrativas com as demais atividades de ensino, pesquisa e extensão, as quais acompanham a vida acadêmica do(a) professor(a) da Educação Superior.

Amigo(a) leitor(a), tomo a liberdade para iniciar um novo capítulo (quase final) para abordar as minhas relações com a literatura. É preciso discutir o papel da literatura em minhas travessias, considerando experiências e vivências como professora e pesquisadora atuante no campo artístico-literário. Conto com a sua companhia, mais uma vez, nesse processo dinâmico da leitura. Sinta-se convidado(a) para continuarmos juntos(as) nessas trilhas (quase) finais.

# Capítulo 7

## 7 MAIS UM (QUASE ÚLTIMO) CAPÍTULO. QUAL O LUGAR DA LITERATURA EM MINHAS TRAVESSIAS?

### Procura da Poesia

Carlos Drummond de Andrade

Não faças versos sobre acontecimentos.  
Não há criação nem morte perante a poesia.  
Diante dela, a vida é um sol estático,  
não aquece nem ilumina.  
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.  
Não faças poesia com o corpo,  
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.

[...]

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
há calma e frescura na superfície intata.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.  
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.  
Espera que cada um se realize e consume  
com seu poder de palavra  
e seu poder de silêncio.  
Não forces o poema a desprender-se do limbo.  
Não colhas no chão o poema que se perdeu.  
Não adules o poema. Aceita-o  
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada  
no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

**Q**uando estava quase finalizando este Memorial, já pensando no último capítulo, fui tomada por um desejo de escrever sobre o papel da literatura em minhas travessias. Desse modo, este capítulo surge para apresentar as minhas reflexões sobre a literatura, tendo em vista as múltiplas relações que construo com o campo artístico-literário, seja como professora, seja como pesquisadora. Amigo(a) leitor(a), pense bem: se sou professora de literatura, cursei Especialização em Literatura Brasileira, Mestrado e Doutorado na área de Teoria Literária, se pesquisei no campo de estudos literários, como poderia deixar de lado as reflexões sobre a importância da literatura em minha vida acadêmica, não é verdade?

Abro este capítulo com uma pitada poética do grandioso poema *Procura da Poesia*, do genial Carlos Drummond de Andrade. O sujeito lírico já colocou o poder expressivo das palavras no universo poético, com suas múltiplas “*faces secretas sob a face neutra*”. A literatura tem esse potencial revelador e transformador na interação com os(as) leitores(as).



Desse modo, curvo-me às potencialidades estéticas e expressivas da literatura que habita em mim e trago reflexões sobre minhas relações com essa companheira de longas datas. Então, leitor(a): “trouxeste a chave?” para fazer esta imersão e abrir as portas da literatura que habita em mim?

## 7.1 A LITERATURA QUE HABITA EM MIM: O QUE PENSO SOBRE LITERATURA?

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Antonio Candido

Não poderia finalizar este Memorial sem dizer o que penso sobre a literatura que habita em mim. Você já deve ter percebido, amigo(a) leitor(a), a minha relação íntima com a literatura. O próprio título deste Memorial, “*Grande Sertão... (Trans)Docências: travessias dialógicas de uma educadora nas múltiplas e sinuosas veredas acadêmicas*”, já indica as conexões entre a minha história de vida e as potencialidades da literatura em minhas vivências acadêmicas. A literatura sempre esteve viva em minhas andanças no *Grande Sertão... (Trans)Docências* ao marcar os meus passos na formação acadêmica, da graduação ao Doutorado, e nas vivências profissionais, seja na Educação Básica, seja na Educação Superior, tendo em vista o exercício das *(Trans)Docências* no campo artístico-literário.

As minhas concepções sobre o fenômeno literário guiam a minha práxis como educadora resiliente, esperançosa e romântica, a qual ainda acredita no potencial transformador da arte em sua dimensão humanística. Como já bem afirmou Antonio Candido, “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (Candido, 1995, p. 177). Compreendo a literatura nas múltiplas interfaces entre o fenômeno literário e as relações sociais. As minhas concepções de linguagem, literatura e educação estão ancoradas em perspectivas dialógicas, com foco em abordagens de autores(as) que analisam as relações indissociáveis entre essas áreas do conhecimento e a sociedade.

No território da linguagem, já indiquei, no primeiro capítulo deste Memorial, as influências da abordagem dialógica do pensador russo Mikhail Bakhtin em minhas travessias, considerando as noções de *dialogismo*, *polifonia*, *cronotopia*, *exotopia* e outras categorias norteadoras de pesquisas e vivências pedagógicas. No eixo da educação, a *Pedagogia do Diálogo*, de Paulo Freire, bem como a *Pedagogia da terceira margem*, à luz de Antônio Nóvoa acompanham as minhas trilhas nas *(Trans)Docências*, como também destaquei nas bases teóricas deste Memorial, apresentadas no primeiro capítulo.

No tocante às reflexões sociológicas, revisito as minhas leituras da obra do sociólogo Pierre Bourdieu sobre a própria noção de campo literário. O conceito de *campo literário* é uma possibilidade mais versátil de entendimento da engrenagem que envolve a produção, a circulação e o consumo do material artístico. Estreitamente vinculado à noção de valor,

pressupõe tomadas de posição que definem a boa ou má acolhida das obras em seu interior e sua duradoura ou efêmera permanência na memória do sistema literário. Bourdieu indicou a noção de campo literário, cuja lógica de organização orienta-se pela conquista de valores específicos e por lutas de autonomia dos(as) escritores(as) com relação à tutela do Estado e às injunções do mercado. É nos espaços de posições relativamente autônomas que as escolhas estéticas são feitas e as obras são criadas em processos de experiências individuais e coletivas dos(as) escritores(as). Como professora e pesquisadora no campo literário, preciso apresentar as minhas concepções sobre a literatura que orientam a minha práxis pedagógica. Início, assim, com a clássica noção de Antonio Candido:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 1995, p. 176).

Penso que a literatura deve ser compreendida com base nessa ótica plural e ampla que Candido (1995) propõe, respeitando-se todas as criações literárias de diferentes manifestações em prosa ou verso, para além de rótulos. Certamente, ainda conforme propôs Candido (1995), a humanidade precisa da fabulação: “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (Candido, 1995, p. 176). Compreendo, também, a literatura como um “direito humano inalienável” (Candido, 1995) e valorizo o potencial da arte literária nos processos de formação e humanização dos(das) leitores(as), retomando, também, o enfoque de Antonio Candido (Candido, 1972).

Trago outros autores, como, por exemplo, Roland Barthes. Na visão de Barthes (1980), a literatura precisa ser compreendida em sua natureza interdisciplinar, pois “todas as ciências estão presentes no monumento literário” (Barthes, 1980, p. 16). Na esteira de Barthes (1980), defendo que a leitura literária é um *ato interdisciplinar e (in)disciplinar* de resistência, tendo em vista o empoderamento e a emancipação do(a) leitor(a) nos processos de (re)construção de sentidos diante da polissemia literária.

Inspiro-me nas reflexões de Alberto Manguel, autor que defende o ato de ler como prática de poder. Manguel destaca que o(a) leitor(a) é temido(a) pelas sociedades, tendo em vista a criticidade e o poder de questionar que orientam o ato dinâmico da leitura como prática social. Nesse sentido, ainda conforme Manguel, a literatura dá ao leitor a possibilidade de questionar a realidade e produzir outros “mundos possíveis” por meio da experiência literária (Manguel, 1997).

Valorizo, assim, essas visões democráticas da literatura que precisam ser mais difundidas, em diálogo com a construção de relações mais significativas dos(as) leitores(as) com as obras literárias, reconhecendo o valor não apenas estético/linguístico da literatura, mas, sobretudo, o potencial transformador da leitura literária como ato político, simbólico, ideológico, histórico e sociocultural.

A literatura precisa ser compreendida dialogicamente ligada ao mundo empírico, não de modo passivo, mas sim como transfiguração da realidade, visto que a obra literária inaugura um mundo possível, repleto de ditos e não ditos que devem ser atualizados pelo leitor. Como diria Bakhtin, a linguagem literária “*reflete e refrata*” a realidade, revelando potencialidades *dialógicas, polifônicas, cronotópicas e plurilíngues* representadas no

universo ficcional. Compreendo a literatura em suas dimensões políticas, históricas, culturais, psicológicas e sociais, no processo dialógico de interação com a sociedade, sob o viés do dialogismo, em sua acepção mais ampla, como movimento antropológico estreitamente ligado aos processos dialógicos e dialéticos que envolvem as interações entre autores, obras, leitores em diferentes contextos (Bakhtin, 1993, 2014).

É fundamental perceber as dimensões dialógicas e polifônicas da literatura, compreendendo as vozes sociais representadas mimeticamente nas obras literárias. Nesse sentido amplo, destaco, mais uma vez, a visão de Candido (1981) sobre a literatura como um sistema orgânico formado pelas relações entre autores(as), obras e leitores(as) que vão sendo reconfiguradas nos processos históricos, sociais e culturais. Desse modo, como afirmou o crítico literário:

O conjunto dos três elementos (autor-obra-público) dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (Candido, 1981, p. 23-p.24).

Diante da complexidade de definição do fenômeno literário, concordo com Eagleton (1983): “a literatura não pode ser de fato definida objetivamente. A definição de Literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido” (Eagleton, 1997, p. 09). Nesse sentido, ao destacar o papel do(a) leitor(a) em suas relações com a literatura e os modos de ler a obra literária, Eagleton (1997) propõe:

Todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura”. Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis. E essa é uma das razões pelas quais o ato de se classificar algo como literatura seja extremamente instável (Eagleton, 1997, p. 13).

É reconhecendo essa “instabilidade” na definição da literatura, diante das potencialidades artísticas e estéticas do fenômeno literário, que busco trilhar meus caminhos rumo à docência no campo artístico-literário, conforme destaco na próxima subseção. A literatura que habita em mim transborda, ganha “sabores e saberes” infinitos, como diria Roland Barthes, ultrapassa rótulos/definições, revela as múltiplas “faces das palavras”, como Drummond destacou em seu poema *Procura da Poesia*. A literatura que habita em mim procura, incansavelmente, nos termos de Clarice Lispector, o “instante já” na fluidez dos universos imaginários, dos mundos possíveis, personifica-se na imagem de minhas *(Trans)Docências*, dialoga com meus movimentos exotópicos em direção ao direito à docência no campo artístico-literário. Compreendeu, leitor(a), esta imersão poética? Será que estou inspirada? Você irá me dizer, amigo(a) leitor(a), ao continuar lendo as páginas seguintes.

## 7.2 O DIREITO À DOCÊNCIA NO CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO: PARA ALÉM DO DIREITO À LITERATURA

São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o Direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura.

Antonio Candido

Ser professora de literatura não é uma missão fácil. Eu diria que ser professora de literatura em um país repleto de desigualdades sociais e econômicas, onde o livro ainda é um bem cultural inacessível para grande parcela da população, é um ato de resistência. Em minha trajetória, como professora de literatura, na linha temporal marcada por continuidades e descontinuidades, houve momentos em que me aproximei mais da docência no campo artístico-literário, e outros nos quais os distanciamentos com os processos de ensino e aprendizagem da literatura se mostraram mais evidentes. Na verdade, posso dizer que nunca consegui ser professora “exclusiva” de literatura, ou seja, minhas experiências como docente transbordaram as fronteiras do campo artístico-literário. Basta retornar, amigo(a) leitor(a), ao capítulo no qual descrevo as disciplinas ministradas na graduação e na pós-graduação. Certamente, ministrei mais aulas de Estágio Supervisionado Obrigatório, Trabalho de Conclusão de Curso, além de outros componentes curriculares relativos a práticas de linguagem, leitura e produção de textos, quando comparo com a quantidade de aulas de Literatura e estudos literários.

Mesmo com a minha formação acadêmica na pós-graduação, na área de Teoria da Literatura, em minhas travessias profissionais, não consegui exercer a plenitude da docência apenas com o foco na literatura. Tive que diversificar as minhas experiências como docente para atuar nas áreas de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Textos, Metodologia da Pesquisa, Educação a Distância, além de trilhar outros caminhos para abrir minhas possibilidades de atuação em cursos de graduação e pós-graduação.

O mercado de trabalho para a docência apenas no campo artístico-literário está cada vez mais reduzido, em função de diversos fatores, tais como: o “apagamento” da literatura nas orientações curriculares nacionais e estaduais, as concepções estigmatizadas sobre a literatura que ainda circulam nas escolas. Como exemplo, sobretudo no Ensino Médio, prioriza-se, ainda, a ideia da literatura como *corpus* literário que precisa ser ensinado a qualquer preço, tendo em vista a classificação de autores(as) e obras em períodos monolíticos, priorizando-se uma abordagem anacrônica sem viés crítico-reflexivo sobre as dimensões estéticas que valorizam a polissemia literária. Em tempos de cultura digital, com a explosão de gêneros digitais e exemplos de outros formatos para expressões literárias (*fanfics*, fotopoemas, videopoemas, nanocontos, etc.), parece que a escola continua anacrônica e analógica quando aborda a literatura.

Os mitos que comentei há 21 anos, quando defendi a minha Tese de Doutorado, no ano de 2003 (Silva, 2003), ainda encontram espaço nos ambientes escolares<sup>52</sup>. Muitos

---

<sup>52</sup> As reflexões sobre os mitos no ensino de literatura podem ser encontradas no capítulo “A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor?” In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. **Português no**

estudantes ainda continuam acreditando que a “*Literatura é muito difícil*”, visto que o texto literário é compreendido, muitas vezes, como objeto cultural de difícil penetração para os(as) discentes leitores(as). Quantas e quantas vezes teremos que ouvir dos(as) discentes da Educação Básica: “*professor(a), eu posso apresentar a leitura do texto literário com as minhas próprias palavras?*”. As vozes dos(as) estudantes continuam silenciadas diante de processos inadequados de escolarização da leitura literária, como já bem pontuou Magda Soares (Soares, 1999).

Diante dos desafios de ser professora de literatura neste cenário, proponho ampliar as reflexões não apenas pelo *direito à Literatura*, como propôs Candido (1995), mas, sobretudo, pelo *direito à docência de Literatura*. Precisamos de professores e de professoras de Literatura, leitores e leitoras que sejam capazes de multiplicar experiências de fruição estética no campo artístico-literário. É preciso investir mais na formação de professores(as) de literatura, seja na formação inicial, nas licenciaturas em Letras, seja em processos de formação continuada em cursos de pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*. Nesse sentido, é essencial refletir sobre a “ensinagem” (Anastasiou, 2002; Anastasiou; Alves, 2004) de literatura em articulação com processos de formação docente, como tento descrever a seguir.

### 7.3 A “ENSINAGEM” DE LITERATURA E A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: TRILHAS INOV-ATIVAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Vivenciar estratégias de ensinagem situa-se como uma forma altamente possibilitadora de um fazer diferenciado: os docentes vão vivendo, construindo sínteses acerca das formas do fazer docente, reforçando buscas, dúvidas, assertivas e dificuldades, nos processamentos grupais.

Léa das Graças Camargos Anastasiou

No primeiro capítulo deste Memorial, destaquei a noção de “ensinagem” como norteadora de minhas travessias nas *(Trans)Docências*. Retomo, aqui, essa noção de Anastasiou (2002) e Anastasiou e Alves (2004), tendo em vista as relações dialógicas e indissociáveis entre os processos de ensino e aprendizagem. As ações de ensinar e aprender envolvem diversos movimentos dialógicos entre os sujeitos, professores(as) e estudantes, no compartilhamento de saberes, experiências, vivências.

Apresento o termo “ensinagem” como noção indicada por Anastasiou (2002) para referir a uma prática social, crítica e complexa em educação entre professor e estudantes, englobando tanto a ação de ensinar quanto a de apreender, tendo em vista um processo de parceria entre os sujeitos. Para Anastasiou (2002), a ensinagem requer o método dialético de



ensinar. É preciso considerar o aspecto do saber referente ao *gosto que tem um sabor*. Nesse aspecto, o processo de ensinar inclui “*saborear o novo conhecimento*” proposto. Certamente essa noção de ensinagem dialoga com a abordagem freireana, na perspectiva de que “*não há docência sem discência*”, as duas completam-se, combinam-se dialogicamente nos processos formativos de ensinar aprendendo a aprender.

Revisito esta noção de “ensinagem” para o campo artístico-literário e ressalto que ensinar e aprender nos eixos de leituras e práticas de letramento literário precisam ser ações compreendidas sob o viés dialógico em várias dimensões, as quais aponto a seguir: a) Ensinagem do direito à leitura literária; b) Ensinagem de estratégias para aprimorar práticas de letramento literário; c) Ensinagem dos processos estéticos e literários para viabilizar experiências literárias; d) Ensinagem da literatura com base em *metodologias inov-ativas*<sup>53</sup> (Filatro e Cavalcanti (2018). Quando penso na *ensinagem* da literatura, revisito as reflexões sobre metodologias ativas, conforme o enfoque de Moran (2015):

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa (Moran, 2015, p. 17).

As reflexões sobre metodologias ativas merecem ser amplamente discutidas na formação inicial de professores(as) de literatura. Defendo que o professor de literatura precisa avaliar suas concepções sobre o fenômeno literário e buscar conexões com pressupostos teórico-metodológicos nos campos da “*didática intercomunicativa*”<sup>54</sup> (Clementino, 2008), das *metodologias inov-ativas* (Moran, 2015; Filatro e Cavalcanti, 2018; Filatro, 2019), e da *pedagogia da autonomia e do diálogo* (Freire, 2020a). É importante reconhecer que “nas metodologias ativas de aprendizagem, o aprendizado se dá a partir de problemas e situações reais; os mesmos que os alunos vivenciarão depois na vida profissional, de forma antecipada, durante o curso” (Moran, 2015, p. 18).

Com o objetivo de contribuir para a formação inicial docente do(a) professor(a) de literatura e, percebendo os desafios da modalidade EAD como espaço formativo, sempre busquei, nos componentes curriculares ministrados, articular as trilhas de aprendizagens no campo artístico-literário com metodologias ativas para repensar a educação literária no contexto da Educação Básica. Nesse sentido, quando ministrei o componente curricular

---

<sup>53</sup> Retomo a expressão “*metodologia (inov)ativa*”, conforme Filatro e Cavalcanti (2018), autoras do livro *Metodologias inov-ativas: na educação presencial, a distância e corporativa*. Desse modo, de acordo com a perspectiva de Filatro e Cavalcanti (2018), a *metodologia inov-ativa* é uma maneira de englobar a inovação com foco no protagonismo do estudante a fim de propiciar aprendizagens criativas e ativas. Nesse sentido, a noção de *metodologia inov-ativa* reúne os conceitos de metodologias ativas ou (cri)ativas.

<sup>54</sup> Esse tema da didática intercomunicativa foi abordado em um artigo publicado em periódico com o professor Claudemir Silva, ex-aluno da FAINTVISA. Cito a referência do trabalho publicado:

SILVA, I. M. M.; SANTOS, C. Didática intercomunicativa e afetividade na educação a distância. **REDOC - Revista Docência e Cibercultura**, v. 8, p. 1-15, 2024.e-ISSN:2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/72991> Acesso em: 30 jun. 2024.

*Metodologia do Ensino de Literatura*, na Licenciatura em Letras EAD/UFRPE, no segundo semestre de 2022, organizei propostas de trilhas inov-ativas para práticas de leituras literárias. Este componente foi ofertado na modalidade a distância para os polos EAD/UFRPE: Afrânio, Jaboatão dos Guararapes, Pesqueira, Recife e Surubim, situados em Pernambuco. O trabalho pedagógico teve o apoio de cinco professores(as) tutores(as), com a participação de, aproximadamente, 130 estudantes distribuídos(as) nos diversos polos EAD / UFRPE.

A ementa contemplada foi: concepções de Literatura e ensino de Literatura. Metodologias ativas aplicadas ao ensino de Literatura. Organização, planejamento e execução de atividades de ensino da literatura na Educação Básica (anos finais do Ensino Fundamental - 6º ao 9º ano - e Ensino Médio). Destaco, ainda, os objetivos gerais do desenho didático do componente curricular, ou seja, planejar e realizar atividades para o ensino de Literatura na Educação Básica (6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio). Como objetivos específicos, temos: 1) Compreender a literatura como fenômeno artístico-estético em diálogo com a diversidade de textos e gêneros literários, ampliando reflexões sobre práticas de leitura literária e letramento literário; 2) Avaliar orientações curriculares para ensino de Literatura na Educação Básica, com foco nos seguintes documentos norteadores: Base Nacional Comum Curricular (BNCC), parâmetros curriculares estaduais e novo currículo do Ensino Médio de Pernambuco; 3) Refletir sobre metodologias inov-ativas aplicadas ao ensino de Literatura; 4) Elaborar planejamentos didáticos para ensino de Literatura na Educação Básica (anos finais do Ensino Fundamental - 6º ao 9º ano e Ensino Médio).

O desenho didático da disciplina priorizou três unidades temáticas descritas a seguir:

- **Unidade 1:** Literatura, escolarização e formação de leitores(as): desafios e perspectivas para o ensino de literatura na Educação Básica;
- **Unidade 2:** Pressupostos teórico-metodológicos e orientações curriculares para ensino-aprendizagem de Literatura na Educação Básica (anos finais do Ensino Fundamental 6º ao 9º ano e Ensino Médio);
- **Unidade 3:** Metodologias inov-ativas e planejamentos didáticos para ensino de Literatura na Educação Básica.

Cada uma das unidades teve a duração de 20 horas, totalizando 60 horas, total da carga horária didática da disciplina. Algumas estratégias utilizadas foram seminários, leituras dirigidas e execução de pesquisas, priorizando a aprendizagem ativa, vista como técnica de ensino caracterizada por três pilares principais: experiência colaborativa, conteúdo *on-line* e personalização de aprendizagens. Nesse modelo, o(a) discente desempenha papel de protagonista, construindo percursos de aprendizagem, com foco na autonomia, na construção do conhecimento e no compartilhamento de saberes diferenciados. Em relação às estratégias metodológicas, destaquei a Aprendizagem Baseada em Projetos- ABP, com foco em projetos de ensino de literatura. Esse tipo de aprendizagem tem o objetivo fazer os estudantes investigarem, por meio do conceito “aprendendo a fazer”.

Quanto aos critérios de avaliação, considerei a participação dos(as) estudantes em: a) atividades propostas durante a realização da disciplina; b) fóruns temáticos, de maneira efetiva, dando contribuições para a construção do conhecimento, opinando, fornecendo outros *links* e fomentando as discussões; c) atividades de leituras e pesquisas propostas; d)

elaboração de proposições didáticas e projetos de ensino, com foco na formação do leitor literário; e) processos contínuos de autoavaliação e de avaliação formativa. Além disso, priorizei a avaliação formativa, processual, com foco em processos diagnósticos, reguladores e de intervenção. Para a avaliação da aprendizagem, utilizei alguns instrumentos, tais como: a) produção de registros de leituras/esquemas/resumos/resenhas críticas; b) organização de memoriais reflexivos; c) criação de mapas conceituais; d) elaboração de relato de experiência docente.

As atividades didáticas foram realizadas, de modo assíncrono, no AVA *Moodle* - Ambiente Virtual de Aprendizagem - UFRPE. Realizei, ainda, alguns encontros síncronos pela plataforma *Google Meet*, no turno da noite para tirar dúvidas e orientar os(as) discentes. Na dinâmica das atividades didáticas, coloquei como situação-desafio a organização do **Ateliê de Ensino de Literatura – Leituras, Letramento Literário e Metodologias Ativas**. O Ateliê consistiu em espaço formativo para articulações entre teoria e prática, com base na organização de planejamentos didáticos-pedagógicos, com foco na formação de leitores(as) críticos(as) nos territórios diversos das leituras literárias, considerando conexões entre práticas de leituras e letramentos para motivar o ensino de literatura na Educação Básica. Esse Ateliê revelou-se como laboratório didático de formação inicial docente para apoiar as práticas pedagógicas do docente de Língua Portuguesa e Literatura em proposições didáticas para mediação de leituras e letramentos nos anos finais do Ensino Fundamental, e/ou na EJA, e/ou no Ensino Médio. Para essa atividade, os(as) discentes foram organizados(as) em grupos (times de aprendizagem) de três a quatro componentes. Foram listadas trilhas temáticas e cada uma delas envolveu gêneros literários em articulação com outras linguagens. Após selecionar a trilha temática, os(as) discentes foram convidados(as) a pensar na articulação com uma metodologia ativa para motivar o ensino de literatura na Educação Básica. As trilhas listadas foram as seguintes, conforme o **Quadro 54**:

**Quadro 54:** Trilhas inov-ativas para práticas de leituras literárias

Nº	Trilha Temática	Gêneros sugeridos	Metodologias Ativas sugeridas
T01	<b>Leituras literárias e a linguagem cinematográfica</b> <i>Ementa:</i> Estudar as conexões dialógicas entre literatura e cinema, por meio da análise de (re)leituras e adaptações de obras literárias para o cinema.	Romances Contos Fábulas	Aprendizagem baseada em projetos Aprendizagem baseada em problemas
T02	<b>Literatura, fotografia e representações sociais: leituras literárias em debate</b> <i>Ementa:</i> Literatura e fotografia – linguagem literária e linguagem fotográfica em representações sociais.	Romances Poemas Fotopoemas	Aprendizagem entre pares e times
T03	<b>Literatura e pintura: leituras intertextuais</b> <i>Ementa:</i> Estudadas as conexões entre literatura e pintura, compreendendo a linguagem literária e a linguagem pictórica em conexões estéticas dialógicas/intertextuais.	Romance Conto Narrativas gráficas Narrativas digitais	Gamificação
T04	<b>Literatura, música e poeticidade na formação de leitores</b> <i>Ementa:</i> Estudar as conexões entre literatura e música, compreendendo a linguagem literária e as linguagens musicais (música popular brasileira, samba, <i>hip hop</i> , etc).	Poemas Cordel Canção <i>Slam</i>	Gamificação
T05	<b>Literatura, dança e teatro: expressões artísticas</b>	Autos	Rotação por estações

	<p><b>em práticas de letramentos literários</b>  <i>Ementa:</i> Analisar conexões entre literatura, dança e teatro, identificando o potencial da integração entre linguagem literária e linguagens corporais em adaptações de obras literárias para expressões artísticas de dança e teatro.</p>	<p>Comédias                  Tragédias                  Espetáculos de dança</p>	<p>de aprendizagem</p>
T06	<p><b>Literatura e linguagens na cultura digital: elaboração de podcasts literários</b>  <i>Ementa:</i> Abordar a leitura literária por meio de articulações com a produção de podcasts literários.</p>	<p>Poemas                  Resenhas de obras literárias                  Crônicas</p>	<p>Cultura Maker</p>
T07	<p><b>Videopoemas na escola: dinamizando práticas de letramentos literários</b>  <i>Ementa:</i> Estudar o videopoema como gênero híbrido divulgado na cultura digital, no sentido de motivar os/as discentes a práticas de letramentos literários em sintonia com o dinamismo dos meios/recursos digitais.</p>	<p>Poemas                  Videopoemas                  Canções</p>	<p>Cultura Maker</p>
T08	<p><b>Literatura e quadrinhos: um diálogo entre linguagens verbais e não verbais</b>  <i>Ementa:</i> Abordar as conexões entre a Literatura e a linguagem dos quadrinhos – <i>graphic novels</i>, <i>webcomics</i>, tirinhas, considerando adaptações literárias para quadrinhos.</p>	<p>HQ-                  quadrinhos  <i>Webcomics</i>                  Narrativas gráficas</p>	<p>Rotação por estações</p>
T09	<p><b>Literatura e artes urbanas: leituras de grafites em cena</b>  <i>Ementa:</i> Abordar as conexões dialógicas entre a Literatura e as linguagens nas artes urbanas/ <i>Street Arts</i> – expressões literárias, <i>Street Arts</i> e o grafite.</p>	<p>Contos                  Crônicas                  Murais de rua                  Grafites</p>	<p>Estudo de casos</p>
T10	<p><b>Literatura, memes e intertextualidade: da leitura literária à produção criativa</b>  <i>Ementa:</i> Estimular a produção de memes criativos com base na leitura/interpretação de obras literárias.</p>	<p>Memes                  Romances                  Contos</p>	<p>Cultura Maker</p>
T11	<p><b>Literatura infantojuvenil na sala de aula</b>  <i>Ementa:</i> Abordar a literatura infantojuvenil em sala de aula, considerando características da produção literária infantojuvenil em articulação com a mediação de leituras e práticas de letramentos literários.</p>	<p>Livros de literatura infantojuvenil</p>	<p><i>Storytelling</i></p>
T12	<p><b>Mashups literários e (re)leituras literárias na sala de aula</b>  <i>Ementa:</i> Abordar a leitura literária por meio de releituras a partir de <i>mashups</i> literários. Compreender <i>mashups</i> como produção que consiste na leitura de clássicos da literatura e na sua apropriação dessacralizada para fins de adaptação de seus textos segundo princípios da cultura remix, na qual se explora a hibridização de linguagens e a articulação entre o erudito e o pop, o antigo e o novo.</p>	<p>Contos                  Romances                  Releituras de obras literárias</p>	<p><i>Stoytelling</i>                  Aprendizagem Baseada em Times</p>
T13	<p><b>Leituras poéticas e outras linguagens</b>  <i>Ementa:</i> Realizar estudos comparativos entre produções poéticas e outras linguagens, com vistas à formação de leitores críticos na escola.</p>	<p>Poemas                  Fotopoemas                  Videopoemas                  Cordel  <i>Slam</i>                  Repente</p>	<p>Aprendizagem entre pares e times</p>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Os/As estudantes elaboraram planejamentos didáticos no formato de oficinas pedagógicas, buscando motivar práticas de leituras literárias e de letramentos na Educação Básica. Selecionaram um/a autor/a e uma obra literária para o planejamento do projeto, tendo em vista a representatividade no contexto das produções literárias. Os planejamentos didáticos articularam a leitura literária e as práticas de letramentos em espaços escolares e não escolares, incluindo clubes de leituras, bibliotecas comunitárias, bibliotecas escolares, *Ongs*, literatura no espaço prisional como recurso de redução de pena, leitura literária em gabinetes de leitura, etc.

Em relação às propostas das oficinas, os(as) licenciandos(as) selecionaram o formato. Em função do cenário ainda pandêmico, com retorno gradual às atividades presenciais nas Universidades e nas escolas, coloquei as seguintes opções para que os(as) licenciandos(as) conseguissem ofertar as oficinas pedagógicas: 1) *de modo presencial*, na escola campo do Estágio Supervisionado Obrigatório, tendo como público-alvo os estudantes da Educação Básica; 2) *de modo remoto*, por meio de encontros síncronos pelo *Google Meet*, podendo ou não conter interações assíncronas no *Google Classroom*, com participação de discentes da Educação Básica e/ou licenciandos(as) da UAEADTec; 3) *de modo remoto* por meio de redes sociais, como *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*, tendo como público-alvo estudantes da Educação Básica e licenciandos(as) da UAEADTec; 4) *de modo híbrido*, com interações presenciais nas escolas campo do ESO, ou interações remotas, com apoio de tecnologias e plataformas digitais.

Os/As licenciandos(as) selecionaram o formato das atividades didáticas para iniciar os planejamentos e colocar em prática os conhecimentos construídos durante os processos de ensino e aprendizagem no AVA UFRPE. Relato essa experiência com o componente curricular de *Metodologia de Ensino da Literatura*, pois foi marcante o envolvimento dos(as) licenciandos(as) com os desafios propostos para possíveis articulações entre teoria e prática no campo artístico-literário. As vivências pedagógicas nesse componente curricular consolidam o meu lugar como professora de literatura preocupada com a formação inicial de licenciandos(as) que irão atuar na Educação Básica. As minhas múltiplas *(Trans)Docências* mostraram-se articuladas nessas vivências pedagógicas, com destaque para a *docência dialógica*, a *docência polifônica*, a *docência exotópica*, a *docência cronotópica* e a *tecnodocência* e a *docência Severina* como territórios de reinvenções de minhas abordagens didáticas para a “ensinagem” de literatura.

Fiz questão de narrar uma experiência pedagógica no campo da EAD, também, para desconstruir certos mitos que ainda circulam dentro e fora dos meios acadêmicos sobre a educação mediada por tecnologias digitais. Certamente, ainda observo mitos, seja quanto à modalidade de EAD, seja no tocante ao lugar da literatura nos espaços acadêmicos. A experiência docente narrada revela aproximações entre literatura, tecnologias, inovação pedagógica e EAD como possíveis caminhos para a formação docente inicial de professores(as) que atuarão na Educação Básica. Precisamos desconstruir preconceitos e visões estereotipadas que ainda circulam, criando verdadeiros abismos entre os conhecimentos construídos nas Universidades e os desafios enfrentados pelos(as) professores(as) no chão da escola.

Continuo a minha luta quanto ao incremento do debate sobre a abordagem da literatura na Educação Básica, tendo em vista os constantes desafios em processos de



formação de estudantes leitores(as). Aliada às potencialidades da EAD, a literatura pode alcançar voos mais longos, pode conquistar novos(as) leitores(as). O direito à literatura, de modo amplamente democrático, pode ser universalizado, por meio da capilaridade que a EAD proporciona, chegando a professores(as) em formação, oriundos(as) de diferentes municípios polos EAD que irão atuar em diversas escolas com uma multiplicidade de estudantes.

Já que toquei, rapidamente, sobre possíveis preconceitos no campo artístico-literário, neste momento, convido você, amigo(a) leitor(a), a refletir sobre o *círculo do preconceito literário* que ainda parece ser disseminado na academia, conforme destaque na próxima seção.

#### 7.4 MITOS PARA ALÉM DA ESCOLA: A ACADEMIA E O CÍRCULO DO “PRECONCEITO LITERÁRIO”

##### Biografia do orvalho – Manoel de Barros

A maior riqueza  
do homem  
é sua incompletude.  
Nesse ponto  
sou abastado.  
Palavras que me aceitam  
como sou  
— eu não aceito.  
Não aguento ser apenas  
um sujeito que abre  
portas, que puxa  
válvulas, que olha o  
relógio, que compra pão  
às 6 da tarde, que vai  
lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai. Mas eu  
preciso ser Outros.  
Eu penso  
renovar o homem  
usando borboletas.

Em minha Tese de Doutorado, defendida em 2003 (Silva, 2003), eu já discutia o processo de escolarização da literatura, inspirada nas abordagens de Magda Soares (Soares, 1999) e de outros(as) autores(as). Em diálogo com o enfoque de Marcos Bagno (Bagno, 2001) que discutiu os mitos que perpetuam o preconceito linguístico, comentei sobre alguns mitos que circulam na escola quando penso na inserção da literatura na sala de aula. Creio que esses mitos ainda perduram e trago, neste momento, reflexões que ainda penso sobre a relação entre a literatura e a escola, normalmente, relação esta marcada por concepções estigmatizadas sobre o fenômeno literário. Senti a necessidade de refletir sobre essas noções estereotipadas, verdadeiros mitos que orientam o trabalho com a literatura na sala de aula. Considero a noção de mito de acordo com a abordagem de Bagno (2001). Para o autor, o mito tende para o provérbio, é formado pelo chavão de natureza acrítica que, repetido à

exaustão, se torna pura metalinguagem. Como Bagno (2001) defendeu os mitos que envolvem o preconceito linguístico, busco discutir os mitos do “preconceito literário”, ou seja, visões estigmatizadas que ainda circulam na escola e orientam práticas de leituras e letramentos no campo literário. Desse modo, destaquei alguns mitos que circulam nas escolas (Silva, 2003, 2005) quando a literatura é abordada, tais como:

- 1) Mito 1: Literatura é muito difícil.
- 2) Mito 2: É preciso ler obras literárias para escrever bem.
- 3) Mito 3: O texto literário é cópia da realidade.
- 4) Mito 4: Apreender o conteúdo do texto literário é a tarefa mais importante no ato da leitura.
- 5) Mito 5: A linguagem literária é marcada pela especificidade.

Não irei aqui aprofundar essa discussão já debatida em minha Tese de Doutorado (Silva, 2003) e em sua versão publicada em formato de livro (Silva, 2005), bem como em alguns capítulos/artigos publicados (Silva, 2006, 2022). No entanto, é preciso dizer que esses mitos disseminam perspectivas ideológicas preconceituosas subjacentes à prática pedagógica. Ao perpetuar esses mitos, a escola contribui para a formação de leitores(as) possivelmente acríticos, com uma visão reduzida do fenômeno literário, os(as) quais não percebem as dimensões polissêmicas, simbólicas e transgressoras do fazer artístico-literário.

Após duas décadas refletindo sobre os mitos que ainda circulam na escola, quando visualizo o processo de escolarização da literatura, na ótica de Magda Soares (1999), sinto, ainda, a necessidade de abrir o debate sobre o círculo do preconceito literário no contexto da academia. Ouso dizer que, talvez, os mitos que a literatura ainda enfrenta na Educação Básica sejam reflexos de processos de formação docente ancorados em concepções que compreendem a literatura como “objeto” de análises linguísticas e literárias pautadas em abordagens teórico-metodológicas que, muitas vezes, só fazem sentido nos limites dos programas de pós-graduação.

Se olharmos, por exemplo, a orientação de Trabalhos de Conclusão de Cursos – TCC, nas licenciaturas em Letras, muitos(as) docentes orientadores(as) traçam suas orientações como se estivessem em cursos de bacharelado e esquecem que estão contribuindo para o processo formativo inicial de um(a) educador(a), o(a) qual irá atuar na Educação Básica, em um contexto bastante desafiador quanto às práticas de letramento literário. Basta olhar alguns temas de pesquisas explorados em TCC na área de Letras, e, certamente, amigo(a) leitor(a), você irá encontrar uma lista imensa de temas muito caros aos(às) professores(as) orientadores(as). No entanto, tais temas, muitas vezes, não dialogam com as experiências dos(as) licenciandos(as) nos componentes de Estágio Supervisionado Obrigatório, práticas pedagógicas ou metodologias de ensino.

Quando assumo o papel de docente orientadora em cursos de graduação, busco compreender as demandas formativas dos(as) licenciandos(as), sobretudo, estabelecendo conexões com as experiências e vivências no Estágio Supervisionado Obrigatório, nos componentes de metodologias e práticas de ensino. Desenvolvi inúmeras orientações no campo dos estudos literários aplicados ao cenário da Educação Básica, utilizando

procedimentos metodológicos da pesquisa-ação<sup>55</sup>, no sentido de motivar os(as) licenciandos(as) a se perceberem como professores(as) pesquisadores(as) em formação inicial na graduação, ou em formação continuada, tendo em vista cursos e programas de pós-graduação. Desse modo, com base nas minhas experiências, destacarei alguns mitos comumente disseminados na cultura da academia, os quais revelam concepções subjacentes, ainda elitistas, sobre a literatura e as relações entre autores(as), obras e leitores(as).

#### 7.4.1 Mito 1: Literatura e Ciência não caminham juntas

Pode parecer uma visão equivocada, ou seja, buscar aproximações entre a Literatura, as artes, os estudos no campo artístico-literário e a Ciência. Na obra *Literatura e Ciência*, organizada por Marco Lucchesi, diversos(as) autores(as) já discutem o potencial da Literatura na construção do conhecimento. Na apresentação da referida obra, Marco Lucchesi problematiza o debate que toma corpo com a organização de textos de Lucia Santaella, Ana Maria Haddad, Márcia Fusaro, Diana Navas, Patrícia Fanaya, Júlio do Valle e Estela Guedes:

A ciência e a literatura não são inimigas. Não se limitam a campos de guerra. Não se excluem como dois corpos estranhos e antagônicos. Integram uma intensa e profunda situação cultural. Leonardo da Vinci, passado meio milênio, ainda é fonte de inspiração para o diálogo entre dois mundos que se abraçam, entre dois polos que se nutrem e se inauguram. Os olhos de Mona Lisa e a projeção perspectiva, arte e ciência constituem um só gesto. Formas de chegar mais longe, mediante poéticas ousadas, que se interpenetram: tornam as fronteiras suaves, subvertem ideias fixas, propõem desenhos e gradientes. Ciência e Literatura, em diálogo, criam percursos ambiciosos, segundo uma tensão mais radial do conhecimento, vocação expansiva, com fome de mundo, olhando para todos os lados, com espanto e entusiasmo (Lucchesi, 2020, *on-line*).

Precisamos ampliar nossas percepções sobre a Literatura como fenômeno multifacetado de múltiplas dimensões que se entrecruzam e desconstroem fronteiras, barreiras, reinventam processos de fruição estética, bem como de construção de conhecimento. Parece existir um senso comum, segundo o qual os leitores de literatura são distantes da “realidade”, vivem em mundos “paralelos”. Nesse sentido equivocado, difunde-se a ideia da literatura como simples expressão artística produzida por autores(as) com muita inspiração, e o texto literário como “objeto” a ser decifrado pelo(a) leitor(a).

Sinto, de modo geral, que, na academia, as concepções sobre o fenômeno literário ainda soam distantes da compreensão da literatura como Ciência. Na área de Linguística, as pesquisas aplicadas certamente já delimitaram seus espaços e consolidaram a compreensão da Linguística como Ciência. Creio que, no campo dos estudos literários, ainda é preciso avançar mais nesse sentido. Quando apresentei o meu Projeto de Tese, no Doutorado, uma das críticas da banca de seleção foi, justamente, o caráter aplicado de minha pesquisa e

---

<sup>55</sup> Considero a pesquisa-ação na perspectiva de Thiollent (2022), como uma abordagem metodológica que combina a pesquisa científica à ação prática para resolver problemas concretos e promover mudanças sociais. Nesse sentido, a participação ativa dos licenciandos nas escolas do ESO pode propiciar a pesquisa-ação como ciclo contínuo de ação, reflexão e ação. A pesquisa-ação visa empoderar os participantes, promovendo sua autonomia e capacidade de intervenção na realidade.

suas interfaces com a Educação, como se não fosse possível desenvolver pesquisas aplicadas, de cunho interdisciplinar, no âmbito dos estudos literários.

Normalmente, as pesquisas na área de literatura são densas, teóricas, de natureza puramente bibliográfica, com a análise de um *corpus* literário e apoio de bases teóricas da Teoria da Literatura e da Crítica Literária. De modo geral, parece haver, ainda, uma concepção predominante da literatura como fenômeno de fruição estética e que precisa ser “decifrado” pelo(a) leitor(a) crítico(a), com base em algum instrumental analítico dos estudos teóricos ou críticos que circundam o campo literário. Será que não há espaço para pesquisas literárias aplicadas? Será que apenas as pesquisas teóricas no campo artístico-literário têm maior prestígio no processo de produção científica nas universidades brasileiras? Como pensar, por exemplo, uma Teoria da Literatura aplicada? De que modo poderemos inovar na área dos estudos literários? Será possível, amigo(a) leitor(a)?

Outro aspecto importante é o fato de muitas Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, no domínio dos estudos literários, não apresentarem capítulos específicos sobre procedimentos metodológicos da pesquisa científica. O capítulo com o desenho da metodologia é, muitas vezes, ocultado diante da necessidade de privilegiar o caráter teórico dos estudos, com as análises literárias desenvolvidas com suas bases hermenêuticas. Ora, como ocultar a metodologia científica dos trabalhos de pesquisa literária se estamos fazendo Ciência no campo literário? Parece que esse fato é reflexo do mito – *Literatura e Ciência não caminham juntas*, logo, os estudos literários podem ocultar as informações sobre os procedimentos metodológicos. Será que podem mesmo?

Participei de muitas bancas no campo de estudos literários e observei as críticas de colegas docentes examinadores(as) quanto aos trabalhos de Dissertação ou Tese de natureza mais aplicada. Em programas com mestrados acadêmicos, por exemplo, se o(a) mestrando(a) realiza uma pesquisa aplicada na área de Literatura já é visto com outros olhos. Quando isso acontece, eu me coloco no lugar daquele(a) mestrando(a), volto ao passado e lembro-me, ainda, das críticas em relação ao meu Projeto de Tese que previa articulações com pesquisa aplicada na escola no âmbito dos estudos literários. Parece que o tempo parou e nada mudou. Será isso mesmo, amigo(a) leitor(a)?

É nesse contexto, pois, que ainda continuo orientando pesquisas aplicadas, seja no mestrado acadêmico em Estudos da Linguagem - PROGEL, seja no mestrado profissional em Tecnologia e Gestão em EAD – PPGTEG. Creio que quando o(a) pesquisador(a) mergulha em seu contexto de pesquisa e se aproxima dos sujeitos e objetos pesquisados, consegue transformar-se e transformar o próprio cenário de pesquisa. As pesquisas aplicadas permitem que vejamos o nosso redor de outra forma, com outras lentes. Do mesmo modo, quando desenvolvemos pesquisas aplicadas no campo artístico-literário, mergulhamos na essência da literatura, compartilhamos nossas experiências literárias, nossas visões sobre o fenômeno literário com outros(as) em verdadeiras comunidades interpretativas. Como leitores(as) de literatura, alcançamos uma plenitude, ficamos plenos de linguagem literária, ficamos “maravilhados(as)” com a polissemia das obras, passamos a compreender a função social da literatura em suas múltiplas interfaces com a história, a política, a cultura e as demais expressões artísticas.

Pode ser, amigo(a) leitor(a), que eu esteja “delirando” um pouco, fazendo reflexões infundadas, mas as faço, neste momento, com base em minhas vivências, seja como

discente/pesquisadora, que enfrentou desafios desde a Iniciação Científica, em minhas travessias na graduação, até o Doutorado, seja como docente/orientadora que viveu, e ainda vive, alguns episódios em que outros(as) colegas de diferentes programas de pós-graduação em estudos teóricos da literatura, defendiam, ou ainda defendem, apenas, pesquisas teóricas no campo dos estudos literários.

Creio que a Literatura não é compreendida, ainda, como Ciência, como fonte de construção de conhecimento, ou seja, não conquistou, pelo menos até o presente momento, o campo de divulgação das pesquisas aplicadas na área da Linguística, por exemplo. Compreendo a Literatura como arte, linguagem, (inter)comunicação simbólica entre autores(as), obras e leitores(as), e, sobretudo, como Ciência que precisa ser valorizada com pesquisas não apenas teóricas, mas também com a produção de estudos aplicados, capazes de revelar as funções sociais da literatura no fazer científico. Nesse sentido, concordo com o pensamento bakhtiniano: “A ciência da literatura deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época” (Bakhtin, 2017, p. 11). Desse modo, acredito que é preciso compreender a Literatura como Ciência, sem perder de vista, as suas múltiplas conexões dialógicas com as dimensões históricas, sociais, culturais, antropológicas, políticas em processos de (re)criações simbólicas da realidade.

Vale ressaltar que quando penso a Literatura em diálogo com a Ciência não quer dizer que defendo uma abordagem formalista, como fizeram os formalistas russos, buscando, no estudo imanente da obra literária, marcas de literariedade<sup>56</sup>. Ao considerar o viés científico, defendo que devemos pesquisar sobre literatura com o olhar analítico comprometido e crítico, sob lentes transdisciplinares, tendo em vista a complexidade da literatura como fenômeno que dialoga com diversas áreas do conhecimento, por sua natureza aberta, simbólica, artística. Precisamos pensar em metodologia de pesquisa literária, categorias de análise literária, articulações entre pesquisas teóricas e aplicadas, estudos (trans)culturais e dialógicos que consigam abarcar a complexidade da literatura para além das fronteiras disciplinares.

A concepção equivocada da Literatura como uma área fora dos domínios da Ciência parece articular-se a outro mito muito difundido nos meios acadêmicos, o *Mito 2: Não há pesquisa aplicada no campo artístico-literário*, conforme apresento na próxima seção.

#### 7.4.2 Mito 2: Não há pesquisa aplicada no campo artístico-literário

Em conexão com o *Mito 1: Literatura não é Ciência*, o *Mito 2: Não há pesquisa aplicada no campo artístico-literário*, já anunciado na seção anterior, aponta para a ausência de pesquisas literárias aplicadas. Será que não seria o momento de se pensar em uma Teoria da

---

<sup>56</sup> De acordo com Jobim (2009): “No início do século XX, um grupo de teóricos da literatura, mais tarde denominados formalistas russos (Eikhenbaum, B. *et al*, *Teoria da Literatura*. Porto Alegre: Globo, 1976) imaginou que seria possível constatar uma propriedade, presente nas obras literárias, que as caracterizaria como pertencentes à literatura. Para denominar esta propriedade, criaram o termo *literarnost*, que foi traduzido para a língua portuguesa como *literariedade*”. (Jobim, 2009. *Literariedade*. In: *Dicionário de Termos Literários*. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literariedade> ).



Literatura aplicada? Será que, ao enfatizar, muitas vezes, pesquisas teóricas no campo literário, a academia não estaria perpetuando a ideia de que a Literatura é um campo restrito para uma elite intelectual que sabe apreciar as “belas” obras literárias nos domínios das universidades?

Destaco o *Mito 2* para reflexões, sobretudo, dos(as) pesquisadores(as) na área de Literatura que priorizam orientações, pesquisas, estudos, apenas, com ênfase em dimensões teóricas, fechadas, cristalizadas em modelos monolíticos e monofônicos centrados, sobretudo, nas vozes de teóricos(as) e críticos(as) já legitimados(as) pela tradição eurocêntrica.

De modo geral, parece que a academia tenta fechar as portas para pesquisas aplicadas no campo artístico-literário, evidenciando Teses e Dissertações que colocam a obra literária como objeto quase inacessível a quase todos(as) os(as) leitores(as) e aberto apenas a um grupo de especialistas, teóricos e críticos literários. Quase sempre, as análises literárias voltam-se para movimentos endógenos, centram-se na aplicação de conceitos teóricos já consolidados.

Muitas vezes, os(as) mestrandos(as) e doutorandos(as), com o aval de seus/suas orientadores(as), partem das vertentes teóricas já cristalizadas e tentam encaixar a obra literária nos limites estreitos de tais bases teóricas. As vozes dos(as) mestrandos(as) e doutorandos(as) ficam ocultas em seus trabalhos, enquanto as Teses e Dissertações tornam-se um aglomerado de citações diretas e paráfrases, verdadeiras repetições de discursos já instituídos pela academia.

É preciso decolonizar em termos de pesquisas literárias, bem como no âmbito do ensino de literatura, descentralizando estudos e abordagens, valorizando-se as diferenças e as produções inter/multiculturais. Fique tranquilo(a), amigo(a) leitor, não entrarei nessas reflexões de decolonialidade, pois, certamente, este capítulo sozinho não daria conta para aprofundar a importância dessa temática tão atual e relevante. Vamos ao próximo mito?

### **7.4.3 Mito 3: O cânone literário não tem mais lugar ao sol nas pesquisas literárias**

O Cânone, palavra religiosa em suas origens, tornou-se uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência, quer se interprete a escolha como sendo feita por grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradições de crítica, ou, como eu faço, por autores que vieram depois e se sentem escolhidos por determinadas figuras ancestrais.

Harold Bloom

Muitas reflexões surgem sobre o cânone literário. Parece haver uma tendência de se questionar o cânone literário a todo e qualquer preço, no sentido de buscar valorizar autores(as) e obras que ficaram invisibilizados(as) na tradição literária. Nas universidades, tenho notado, no contexto atual, que parece existir a preferência por estudos literários com foco em produções contemporâneas que surgem continuamente. Outras vozes de autores e autoras começam a ser ouvidas e valorizadas em pesquisas nos Trabalhos de Conclusão de

Curso, nas monografias dos cursos de Especialização, nas Dissertações de Mestrado e nas Teses de Doutorado.

Já ouvi de certos(as) pesquisadores(as) críticas árduas quanto ao cânone literário, como se pudéssemos desconsiderar toda a tradição literária que foi se consolidando ao longo dos séculos. Creio que é preciso ter calma nessas reflexões e nesses debates tão acirrados que discutem o papel do cânone literário. Diversos autores(as) já entraram nessas discussões e não pretendo repetir os dilemas que envolvem esse debate sobre a importância de ler os clássicos ou o lugar do cânone literário na formação de leitores(as).

Proponho, apenas, o cuidado de refletir, criticamente, sobre a importância do cânone literário. Não se pode desprezar o valor de obras literárias que sobreviveram, e ainda sobrevivem, aos efeitos “corrosivos” do tempo e se mantêm vivas pelos temas universais que abordam. Tais obras têm importância capital em processos formativos e humanizadores em práticas de leituras literárias que precisam se abrir à compreensão de mundos ficcionais possíveis que representam, mimeticamente, de modo verossímil, ou por movimentos de realismo mágico, fantásticos ou distópicos, a realidade dialogicamente articulada aos processos de (re)criação literária. Desse modo, creio que é preciso evitar certos modismos que atacam o cânone a todo e qualquer preço.

As obras literárias, sejam aquelas já configuradas no cânone ou aquelas que ficaram à margem das classificações canônicas, certamente precisam ser valorizadas e respeitadas quando discutimos a literatura em quaisquer espaços: escolas, academias, universidades, clubes de leituras, bibliotecas e outros. É preciso ampliar o leque de possibilidades de leituras literárias para que o(a) estudante consiga trilhar os seus próprios caminhos como leitor(a) autônomo(a), capaz de, por si só, decidir, questionar, criticar, selecionar obras a fim de ampliar o seu repertório de leituras.

Abordagens diacrônicas e sincrônicas podem ajudar o(a) estudante a perceber as relações dialógicas entre obras do passado, do presente e com perspectivas para o futuro. Processos intertextuais, transtextuais, releituras literárias revelam-se promissores para que os(as) leitores(as) ampliem seu “capital cultural” (Bourdieu, 2001, 2015) no campo artístico-literário, valorizando abordagens comparativas dentro e/ou fora do sistema literário, com aproximações entre: literatura e outras linguagens, literatura e temas transversais, literatura para além das fronteiras disciplinares.

É preciso compreender a *transtextualidade* (Genette, 2010) como princípio constitutivo de nossas práticas de leituras literárias. Nesse sentido, a ideia de “literatura de segunda mão”, apresentada por Genette (2010), pode ser promissora para ampliarmos a nossa concepção sobre o *palimpsesto literário*. Na ótica do autor,

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente hipertextos), todas as obras derivadas de uma outra obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através da leitura o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos. Este meu texto não escapa à regra: ele a expõe e se expõe a ela. Quem ler por último lerá melhor (Genette, 2010, s.p).

Creio que cada leitor, cada leitora pode construir o seu próprio cânone literário com suas leituras transtextuais, a fim de selecionar as obras com as quais desenvolve relações afetivas, buscando desenvolver interações com a literatura de modo crítico. Devemos considerar a expressão cânone de forma plural, pois os *cânones* podem ser construídos, desconstruídos, reinventados, recriados a partir dos múltiplos repertórios de cada leitor, de cada leitora.

Nessa perspectiva, o mito 3, “*O cânone literário não tem mais lugar ao sol nas pesquisas literárias*”, precisa ser revisto dentro e fora das academias, dentro e fora dos espaços escolares. Precisamos discutir: de que cânone estamos falando? O que entendemos por cânone? Será que é possível apagar a tradição literária e não considerar as grandes obras clássicas que sobreviveram aos efeitos corrosivos do tempo? De que modo podemos dar vez e voz a autores e autoras invisibilizados(as) pelo cânone instituído pela tradição literária? Como formar leitores(as) capazes de construir seus próprios cânones, ampliando seus repertórios de leituras? Certamente, não encontraremos respostas para tantos questionamentos, mas temos que considerar tais perguntas no amplo debate sobre o cânone.

Lanço, aqui, amigo(a) leitor(a), algumas reflexões importantes (pelo menos para mim...). Será que não seria relevante pesquisar a literatura em suas múltiplas interfaces interdisciplinares em diálogo com diversos outros campos do conhecimento, por vieses filosóficos, antropológicos, sociológicos, históricos, educativos, e diversos outros? O que seria, então, fazer pesquisa na área de literatura? Seria analisar a literatura? Seria pensar sobre literatura? Seria articular a análise literária a outros debates mais amplos que extrapolam o campo literário? Seria, então, pensar a literatura para além da literatura, sob lentes transdisciplinares? Ou, quem sabe, fazer pesquisa na área de literatura seria uma forma de ampliar as discussões sobre literatura, tendo em vista toda a complexidade dos estudos culturais? Mas, alguém pode propor, ainda, a necessidade de pesquisar o futuro da literatura em tempos de inovações tecnológicas e de Inteligência Artificial - IA.

Enfim, há uma diversidade de caminhos teóricos e metodológicos para se pensar a pesquisa no campo artístico-literário. O que, certamente, não podemos fazer é colocar a literatura dentro de uma “caixinha”, com modelos fechados e monofônicos de análise literária. Estudos comparativos, inter/transdisciplinares, inter/multiculturais, intersemióticos precisam ser amplamente debatidos quando pensamos na análise da obra literária em suas múltiplas interfaces para além das “caixinhas”.

Como professora de literatura em uma universidade pública, percebo, ainda mais, a minha responsabilidade na orientação e formação de estudantes nos domínios dos estudos literários. Busco compreender o potencial emancipador/transgressor da literatura para além das fronteiras disciplinares, culturais e históricas.

Amigo(a) leitor(a), são tantas “novas” reflexões que surgem, neste momento, mas, creio que é melhor parar por aqui, senão, este Memorial irá se transformar em um tratado filosófico, não é verdade? Já que toquei em imersões filosóficas, retomo, então, o célebre questionamento de Hamlet, ainda sem resposta: *To be or not to be, that’s que question!* Eu acrescentaria: *pesquisar ou não pesquisar pela/para/sobre e além da literatura: eis a questão!*

## 7.5 QUASE FINALIZANDO O CAPÍTULO...

O senhor sabe o que é silêncio é?  
É a gente mesmo, demais.

*Grande Sertão: Veredas* – Guimarães Rosa

Amigo(a) leitor(a), após essas considerações sobre o papel da literatura em minhas travessias, espero que você ainda esteja aí, acompanhando esta longa narrativa. É o momento de, em movimento cíclico, compreendendo as múltiplas dimensões do passado, do presente e do futuro, retornarmos ao “*princípio do fim*”, abrindo novos caminhos para a autoavaliação de trilhas percorridas, como apresentarei, no próximo capítulo. Vamos lá? Prometo que este será o penúltimo capítulo deste Memorial. Certamente, o último capítulo será construído em sua memória, amigo(a) leitor(a), após o processo de leitura e os preenchimentos das inferências suscitadas. *Trouxeste a chave?*

# Capítulo 8

## 8 O PRINCÍPIO DO FIM OU O RETORNO AO INÍCIO? RUMO A NOVAS VEREDAS, OUTRAS TRAVESSIAS

Tudo acaba mas o que te escrevo continua. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas.

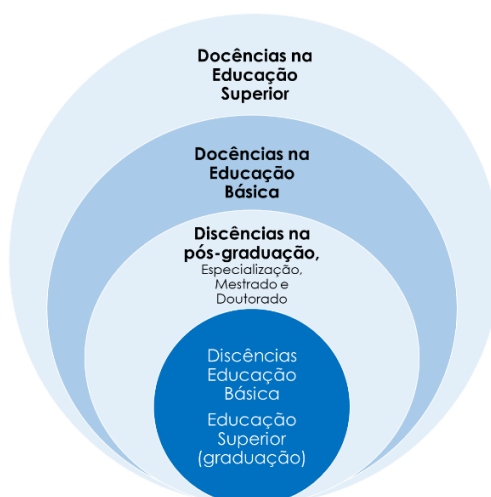
Clarice Lispector

### 8.1 MOVIMENTOS CÍCLICOS DAS TRAVESSIAS NO GRANDE SERTÃO: (TRANS)DOCÊNCIAS. "O QUE TE ESCREVO CONTINUA"...

Com essa epígrafe, de Clarice Lispector, chegamos, amigo(a) leitor(a), ao “*princípio do fim*”. Ou será que estamos retornando ao início das travessias, considerando os movimentos cíclicos das memórias? Com certeza, como indicou a voz ficcional da narrativa de Clarice Lispector, “*o que te escrevo continua*”, e, você, amigo(a) leitor(a), irá preencher as “entrelinhas” deste Memorial, colocando, também, suas percepções e experiências no ato dinâmico da leitura.

Minhas memórias, como narradora, irão dialogar com suas memórias, como leitor(a), que assumiu, aqui, a função de narratário(a), interlocutor(a) ficcional deste relato. Você deve ter percebido os movimentos cíclicos deste Memorial que respeitou o resgate de memórias na consolidação de minhas múltiplas identidades diante da complexidade das docências/discências. Minhas memórias cíclicas, como discente e docente, surgiram representadas, neste Memorial, considerando os preceitos de Paulo Freire, já que “*não há docência sem discência*” (Freire, 2020a). Trago, na **Figura 215**, esses movimentos cíclicos de minhas memórias, os quais conduziram esta longa narrativa, evidenciando caminhos, descaminhos, encontros, desencontros, mudanças de trilhas e rotas nos percursos das ilimitadas veredas rumo ao *Grande Sertão... (Trans)Docências*.

**Figura 215:** Trilhas das múltiplas docências/discências



Fonte: Elaboração da autora (2024).



Como você pode observar, amigo(a) leitor(a), os movimentos cíclicos de constituição de minhas múltiplas docências confundem-se com meus processos formativos iniciais, desde os percursos como discente da Educação Básica e da Educação Superior, percorrendo, ainda, as trilhas nos cenários de docências no campo da pós-graduação, nos cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado. De modo cíclico, retomo as categorias das *(Trans)Docências* apresentadas no primeiro capítulo deste Memorial. Minhas *(Trans)Docências*, representadas pela **tecnodocência**, **polidocência**, **docência dialógica**, **polifônica**, **exotópica**, **cronotópica** e a **docência Severina** fundem-se e confundem-se no “Grande Tempo” das memórias, no vai e vem dos movimentos cíclicos do tempo. Revisito a obra de Guimarães Rosa: “*Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo*” (Rosa, 2019).

A educadora, que hoje sou, percorreu múltiplas veredas no *Grande Sertão... (Trans)Docências*, com suas vivências pedagógicas em contextos privados e públicos de ensino. Minhas travessias dialógicas trilham os inesgotáveis caminhos interconectados nas áreas de Literatura, Linguística e Educação. Do Agreste ao Sertão, da Zona da Mata à região Metropolitana do Recife, do Nordeste ao Sul, percorri diversos caminhos em eventos, cursos de graduação e de pós-graduação. Busquei sempre apoiar a formação de educadores(as) nesse “solo árido” do *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Compreendi, assim como Riobaldo, que o “*Sertão é dentro da gente*”, “*O sertão é sem lugar*”, “*O sertão é do tamanho do mundo*”, “*Sertão é o sozinho*” (Rosa, 2019). Nos (des)caminhos e nas curvas do *Grande Sertão*, “*Viver é um descuido prosseguido*” (Rosa, 2019). Desse modo, recupero minhas memórias no vai e vem das lembranças e percebo que “*eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa*” (Rosa, 2019). Reconhecendo o poder inexorável do tempo no movimento das memórias, unindo presente-passado-futuro, retomo as sábias palavras de José Saramago:

Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidivo como o próprio tempo (Saramago, 2008, *on-line*).

Nesse sentido, como naufraga que sou, como já comentei no início deste relato, naveguei “*no mar do passado*” e projeto-me, neste momento, para o futuro, caminhando para memórias que irão surgir no caminhar do tempo-espaço de múltiplas docências entrelaçadas no tecer de minhas trajetórias acadêmicas. Na esteira bakhtiniana, compreendo o potencial exotópico da memória. Esta, independentemente da sua forma material, seria aquilo que permite aos sujeitos identificarem a sua existência em relação ao outro, como propõe o olhar dialógico bakhtiniano. Temos, ainda nesse viés dialógico, uma necessidade estética absoluta do outro naquilo que tange ao olhar e o olhar da sua memória, memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Desse modo, como abordou Bakhtin, “*nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse*” (Bakhtin, 2010c).

Como passos futuros que evidenciam o inacabamento de minhas memórias, indico os movimentos que serão descritos na próxima seção.

## 8.2 TRILHAS DESCRITIVAS: PANORAMA REFLEXIVO QUALI/QUANTITATIVO DAS TRAVESSIAS ACADÊMICAS

O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam.

*Grande Sertão: Veredas* – Guimarães Rosa

Nesta seção, pretendo elaborar um panorama global quali/quantitativo das travessias acadêmicas, com base nas diversas trilhas percorridas, desde a minha formação, até as rotas nos eixos de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Fique tranquilo(a), amigo(a) leitor(a), não irei repetir tudo o que já narrei. Mas, é importante apresentar as minhas travessias por meio de quadros e gráficos com as sínteses das atividades realizadas. Se, durante toda a nossa trajetória profissional, como professores(as) universitários(as), somos “cobrados(as)” pelos índices qualitativos e quantitativos de produções, não poderia deixar, aqui, de descrever as sínteses dos caminhos percorridos nessa longa trajetória. Então, amigo(a) leitor(a), tenha só mais um pouquinho de paciência, e tente dar uma olhadinha nos registros apresentados em sequência. Considerando as trilhas de ensino, o **Quadro 55** apresenta a síntese de minhas travessias como docente em diferentes instituições de ensino.

**Quadro 55:** Trilhas das atividades de ensino: caminhos das *(Trans)Docências*

Período	Tempo	Nº disciplinas	Instituições	Áreas de atuação na docência
1997 – 2008	11 anos	02	Educação Básica Escola Marcelino Champagnat	Língua Portuguesa Literatura Brasileira
1999 – 2000	01 ano	02	Pós-Graduação <i>lato sensu</i> URCA	Literatura Brasileira
1998 – 1999	01 ano	02	Pós-Graduação <i>lato sensu</i> FACHO	Literatura Brasileira
2001 – 2002	01 ano	02	Pós-Graduação <i>lato sensu</i> FAFIRE	Literatura Brasileira
2002 – 2002	01 ano	02	Pós-Graduação <i>lato sensu</i> FABEJA	Didática Leitura e Produção de Textos
2002 – 2002	01 ano	01	Pós-Graduação <i>lato sensu</i> FAESC	Leitura e Produção de Textos
2007– 2008	08 anos	04	Graduação FAINTVISA	Língua Portuguesa Literatura Brasileira Leitura e Produção de Textos Prática Pedagógica

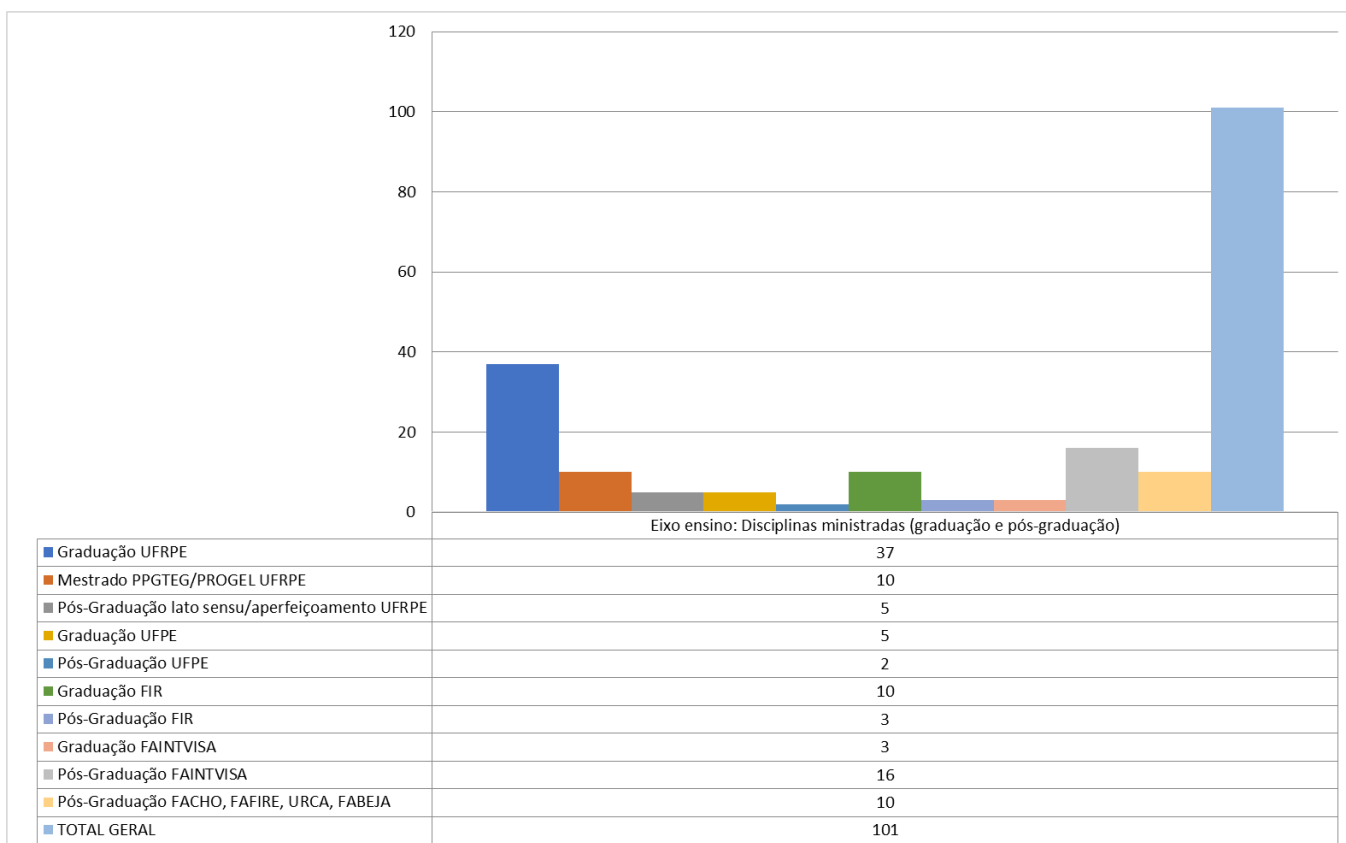
2000 – 2008	08 anos	07	Pós-Graduação <i>lato sensu</i> FAINTVISA	Língua Portuguesa Literatura Brasileira Didática de Língua Portuguesa Metodologia de Ensino de Literatura Leitura e Produção de Textos
1998 – 2008	10 anos	08	Graduação FIR	Língua Portuguesa Comunicação Empresarial Metodologia da Pesquisa
1998 – 2008	10 anos	03	Pós-Graduação FIR	Metodologia da Pesquisa
1996 – 1998	02 anos	05	Graduação UFPE	Literatura Brasileira Análise de Textos Literários
2002 – 2003	02 anos	02	Pós-Graduação <i>lato sensu</i> UFPE	Literatura Brasileira
2008 – 2024 16 anos		37	Graduação UFRPE	Literatura Brasileira Metodologia de Ensino de Literatura Prática Pedagógica Teoria da Literatura Crítica Literária Estágio Supervisionado Obrigatório
		05	Pós-Graduação <i>lato sensu</i> e cursos de aperfeiçoamento UFRPE	Introdução à Educação a Distância Produção de materiais didáticos impressos para EAD
		17	Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> UFRPE	Estudos Interdisciplinares da Linguagem Educação a Distância Seminários Práticas de Linguagem em Educação a Distância Literatura e outras linguagens Literatura e Sociedade

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq

De acordo com o **Quadro 55**, de 1996 a 2024, percorri múltiplas trilhas no exercício da docência, passando da Educação Básica em escola pública estadual, à graduação nos contextos privados e públicos de ensino até os programas de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, estes também em cenários privados e públicos. Nessas travessias, conheci diferentes rotas, da região Metropolitana do Recife, passando pela periferia da realidade da escola pública, viajando pela Zona da Mata, pelo Agreste e pelo Sertão de Pernambuco. Ultrapassei as fronteiras do estado até o sertão do Ceará, com experiências na pós-graduação da URCA. As aprendizagens foram inúmeras nessa constituição de minhas

(Trans)Docências e atuei em diversas áreas, como, por exemplo: Literatura Brasileira, Teoria da Literatura, Crítica Literária, Literatura Infantojuvenil, Língua Portuguesa, Mídias na Educação, Educação a Distância, Estágio Supervisionado Obrigatório, Estudos Interdisciplinares da Linguagem, Literatura e Sociedade, Literatura e outras linguagens, Metodologia do Ensino de Literatura, Tecnologias aplicadas ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura, e outras. O **Gráfico 1** apresenta a síntese de disciplinas que ministrei na graduação e na pós-graduação em diferentes instituições.

**Gráfico 1:** Panorama global de disciplinas ministradas - graduação e pós-graduação (período: 1996 a 2024)

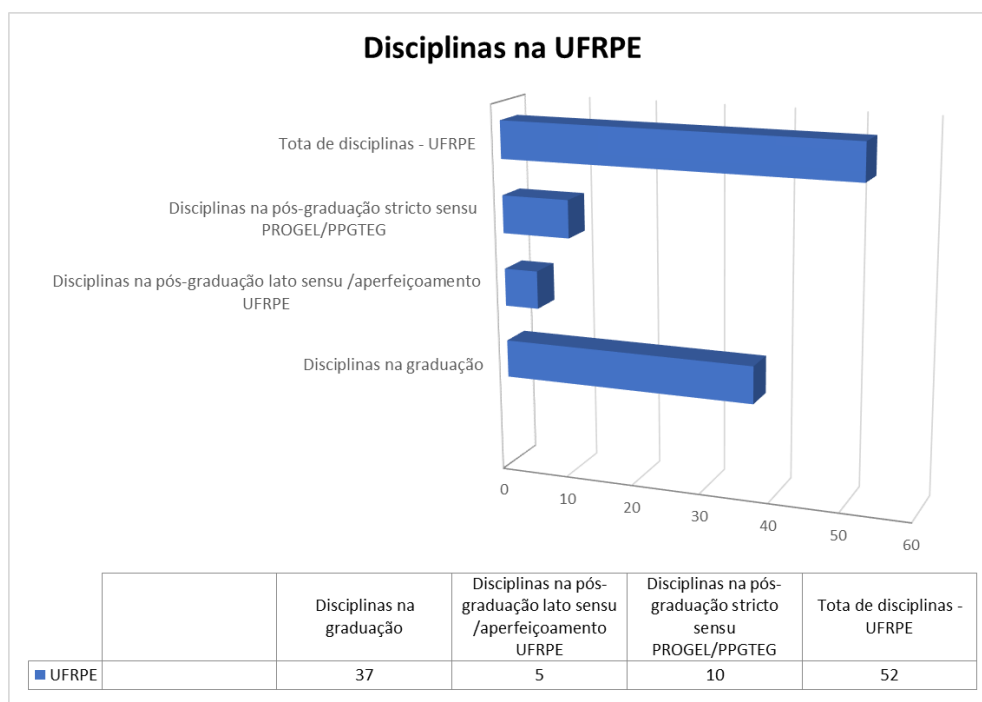


Fonte: Elaboração da autora (2024).

Conforme o **Gráfico 1**, ao longo de minha trajetória acadêmica, ministrei o total de **101** disciplinas, sendo: **37** na graduação da UFRPE, **10** nos Mestrados da UFRPE (programas de pós-graduação *stricto sensu* - PROGEL e PPGTEG), **5** em cursos de aperfeiçoamento e pós-graduação *lato sensu* UFRPE; **5** disciplinas na graduação da UFPE; **2** na pós-graduação da UFPE; **10** na graduação da FIR; **3** na pós-graduação da FIR; **3** na graduação da FAINTVISA; **16** na pós-graduação da FAINTVISA; **10** disciplinas em cursos de pós-graduação nas instituições FACHO, FAFIRE, URCA, FABEJA. Como mostra, ainda, o **Gráfico 1**, do total de **101** disciplinas, **55** foram ministradas na **graduação** (UFRPE, UFPE, FIR, FAINTVISA), **36** em  **cursos de aperfeiçoamento e pós-graduação lato sensu** em diversas instituições (UFRPE, UFPE, FACHO, FAFIRE, FIR, URCA, FABEJA) e **10** na **pós-graduação stricto sensu**, nos **Mestrados** - PROGEL e PPGTEG/UFRPE. Como você pode observar, amigo(a) leitor(a), as atividades de ensino ocuparam espaço significativo em minhas travessias acadêmicas.

Olhando, neste momento, de modo específico para a UFRPE, o **Gráfico 2** apresenta o panorama quantitativo de disciplinas ministradas no período de 2008 a 2024, nos 16 anos de trajetória acadêmica na UFRPE, tendo em vista as experiências didáticas na graduação e na pós-graduação.

**Gráfico 2:** Panorama quantitativo de disciplinas ministradas na UFRPE – graduação e pós-graduação (período: 2008 a 2024).



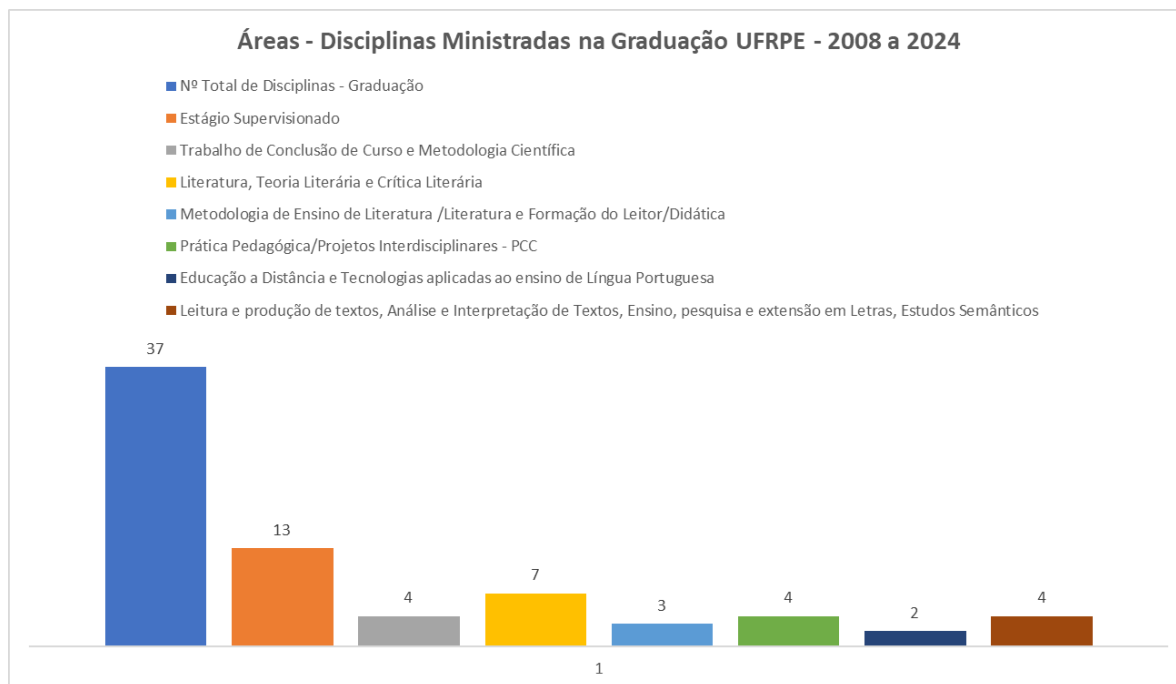
Fonte: Elaboração da autora (2024).

Observe, amigo(a) leitor(a), que das **52** disciplinas ministradas na UFRPE, **37** estão no contexto da **graduação**, e **15** na **pós-graduação**, sendo **10** no Mestrado e **5** em cursos de pós-graduação *lato sensu* ou aperfeiçoamento. Esse panorama revela a minha dedicação à graduação no eixo de ensino. Analisando minhas ações nas dimensões de ensino, pesquisa, extensão e gestão, creio que o **ensino** foi o eixo mais destacado, em virtude da carga horária didática expressiva: **6.540 horas de aulas na graduação** e **900 horas na pós-graduação**. Somando toda a carga horária didática, ministrei **7.440 horas** durante minhas travessias no território do ensino.

Outro dado importante sobre as disciplinas ministradas na graduação da UFRPE diz respeito às áreas temáticas dos componentes curriculares. O **Gráfico 3** apresenta essas áreas, considerando destaques para os componentes de *Estágio Supervisionado Obrigatório* (**13** disciplinas ministradas) e os componentes no campo de estudos literários – *Literatura Brasileira, Teoria da Literária e Crítica Literária* (**7** disciplinas ministradas).



**Gráfico 3** – Áreas das disciplinas ministradas na graduação da UFRPE (período: 2008 a 2024).

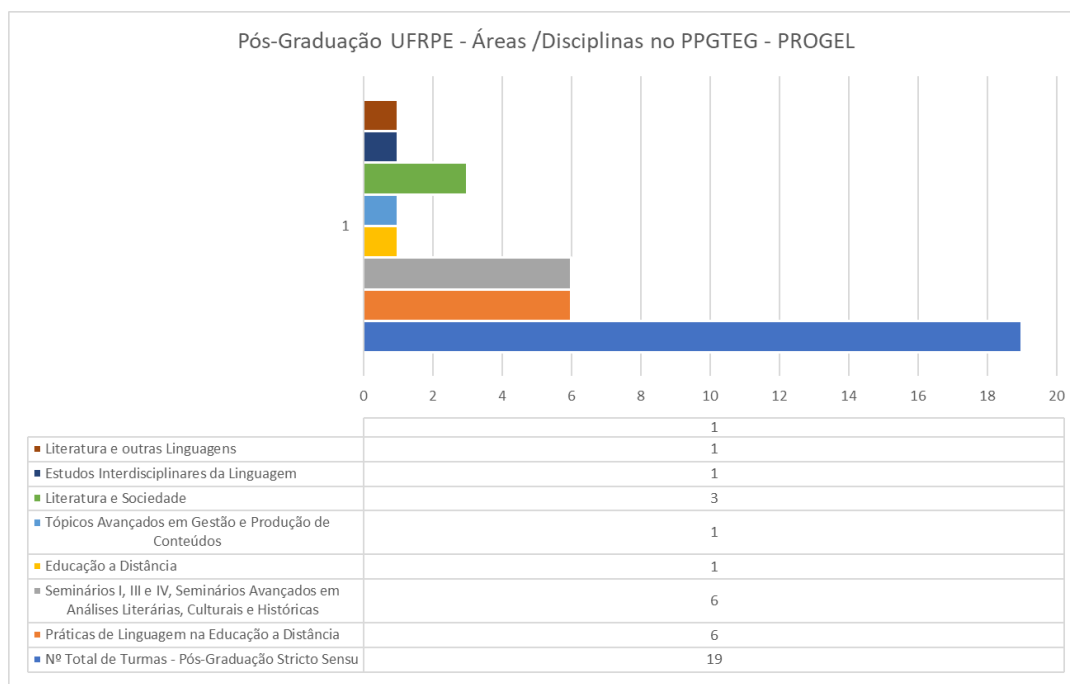


Fonte: Elaboração da autora (2024).

Os dados do **Gráfico 3** evidenciam o destaque para área de **Educação** em minhas atividades de ensino, com o total de **22** disciplinas, considerando *Estágio Supervisionado Obrigatório* (**13** disciplinas), *metodologias de ensino* (**3** disciplinas), *práticas pedagógicas* (**4** disciplinas) com a dimensão de *projetos interdisciplinares*, além de *Educação a Distância e tecnologias aplicadas* (**2** disciplinas). Destaco, também, as áreas de **Estudos Literários** (**7** disciplinas) e **Leitura e Produção de Textos** (**4** disciplinas). É preciso salientar, também, a docência em componentes curriculares de **Trabalho de Conclusão de Curso e Metodologia da Pesquisa** (**4** disciplinas). Como disse no início deste relato, os eixos de Literatura, Linguística e Educação sempre nortearam minhas travessias formativas e minhas experiências profissionais, por meio da interconexão entre diversos saberes, revistando os pressupostos de Tardif (2002), ou seja, saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais ou práticos.

Quanto à pós-graduação, descrevo, no **Gráfico 4**, as áreas de atuação nas disciplinas ministradas nos programas PPGTEG/UFRPE e PROGEL/UFRPE<sup>57</sup>.

**Gráfico 4** – Disciplinas ministradas e turmas na pós-graduação da UFRPE (período: 2011 a 2024)



Fonte: Elaboração da autora (2024).

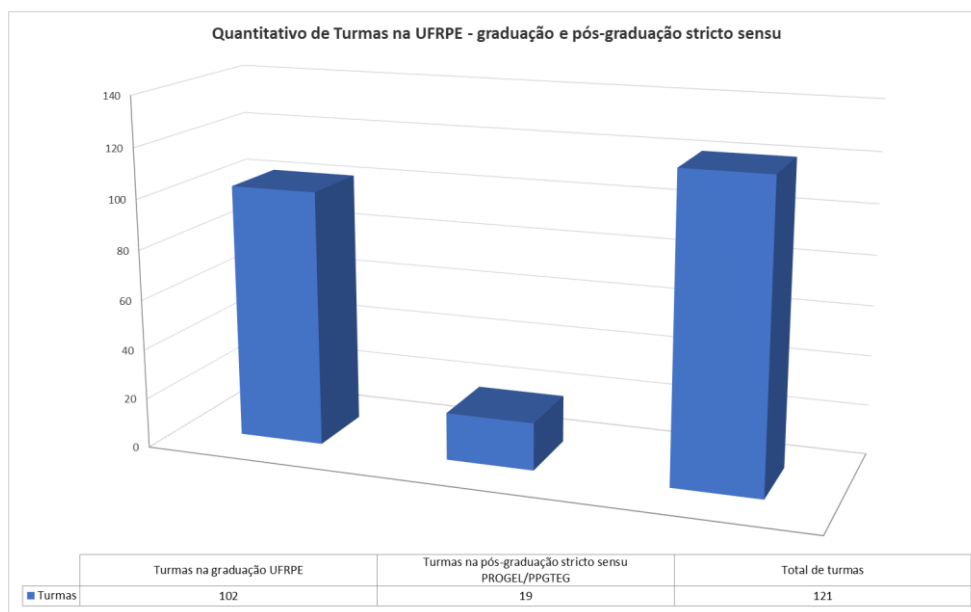
Conforme o **Gráfico 4**, no PPGTEG, considerando o período de 2011 a 2024, ministrei disciplinas nas áreas de *Seminários I, III, IV* (4 disciplinas), *Práticas de Linguagem na Educação a Distância* (6 disciplinas), *Tópicos Avançados em Gestão e Produção de Conteúdos* (1 disciplina), *Educação a Distância* (1 disciplina), totalizando 12 disciplinas. No PROGEL, de 2020 a 2024, ministrei o total de 7 disciplinas, sendo: 2 disciplinas de *Seminários Avançados em Análises Literárias*, 1 disciplina de *Estudos Interdisciplinares da Linguagem*, 3 disciplinas de *Literatura e Sociedade* e 1 disciplina de *Literatura e outras Linguagens*.

Não basta apenas indicar a quantidade de disciplinas ministradas ou as áreas temáticas, preciso destacar, também, o número de turmas que tive na graduação e na pós-graduação da UFRPE, como mostra o **Gráfico 5** a seguir:

<sup>57</sup> O Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da UFRPE tem o “objetivo de formar pessoal qualificado cientificamente para o exercício das atividades profissionais na docência, desenvolvidas através de trabalhos técnico-científicos voltados para temas de interesse público no nível de mestrado acadêmico. Por meio da instrumentalização de seus alunos, com vistas a uma formação básica dentro da área que possibilite sua inserção em uma das linhas de pesquisa oferecidas pelo Programa, o PROGEL busca, portanto, atender à demanda de alunos graduados em Letras ou áreas afins que almejam ingressar em um curso de Pós-Graduação stricto sensu.” (UFRPE, Site do PROGEL/UFRPE: <https://progel.ufrpe.br/>).

O Mestrado Profissional em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância “busca fornecer ampla formação a profissionais que desejam adquirir uma base teórica e quantitativa orientada à busca de soluções efetivas de problemas práticos nas áreas de Educação a Distância. (UFRPE, Site do PPGTEG/UFRPE: <https://www.ppgteg.ufrpe.br/>).

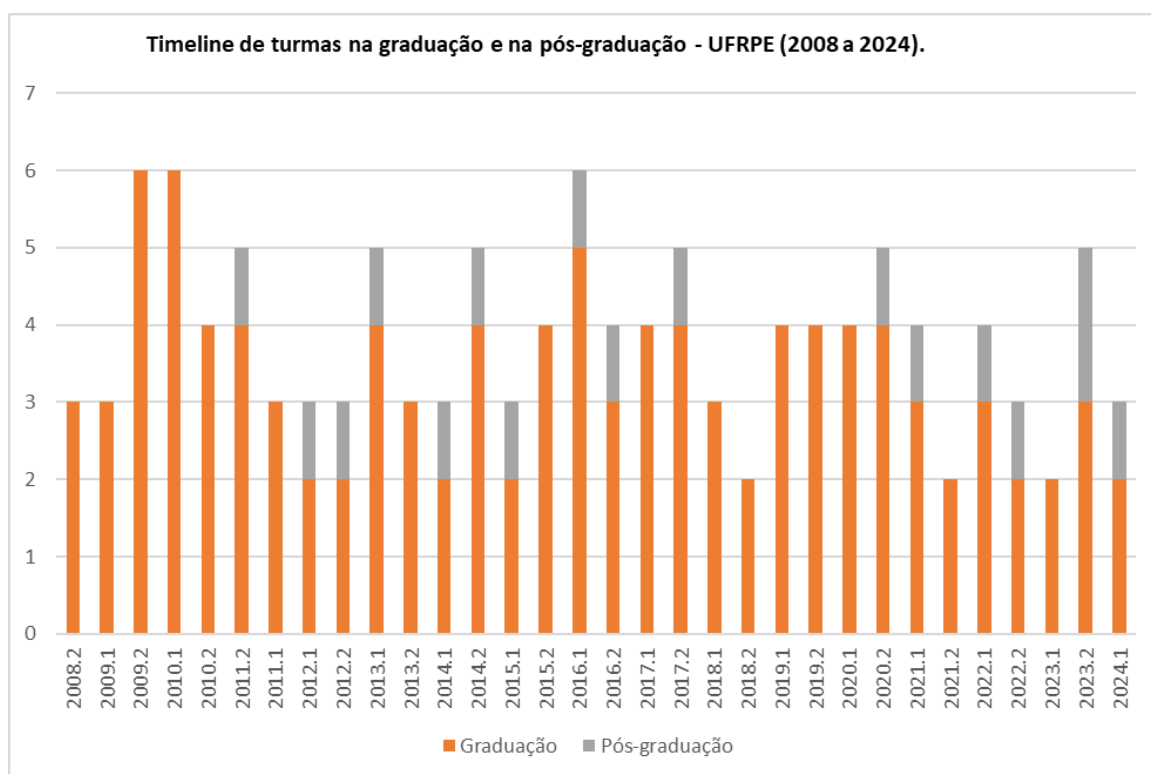
**Gráfico 5:** Panorama quantitativo de turmas na UFRPE - graduação e pós-graduação *stricto sensu* (período: 2008 a 2024).



Fonte: Elaboração da autora (2024).

De 2008 a 2024, lecionei para **121** turmas na UFRPE, sendo: **102** turmas na graduação e **19** na pós-graduação *stricto sensu* - Mestrado, nos programas PROGEL e PPGTEG/UFRPE. No **Gráfico 5**, não indiquei as turmas dos cursos de pós-graduação *lato sensu* e de aperfeiçoamento, com o objetivo, apenas, de evidenciar o destaque do quantitativo de turmas no contexto dos cursos de graduação, seja na modalidade presencial ou na EAD. Ministrei aulas para as turmas do ensino presencial nos semestres 2008.2 e 2009.1, sempre atuando na EAD, bem como nas turmas da graduação presencial. O **Gráfico 6** apresenta a linha temporal com a quantidade de turmas de graduação na UFRPE e pós-graduação *stricto sensu* - Mestrados PROGEL e PPGTEG/UFRPE, considerando os semestres letivos na trajetória acadêmica de ensino, de 2008.2 a 2024.1.

**Gráfico 6:** Timeline de turmas de graduação e pós-graduação – UFRPE (período: 2008 a 2024).



Fonte: Elaboração da autora, com base nos dados do SIG@ UFRPE (2024).

A partir de 2009.2 comecei a atuar, exclusivamente, com turmas EAD, em função do volume grande de trabalho e das novas ofertas da UAB/UFRPE. Destaco a capilaridade da EAD, nos diversos polos nos quais atuei com as turmas de graduação, pós-graduação *lato sensu* e aperfeiçoamento. Na primeira oferta do Curso de Licenciatura em Computação EAD/UFRPE, por exemplo, com a disciplina de *Estágio Supervisionado I*, tive **8** turmas em **8** polos, tais como: Pesqueira/PE, Camaçari/BA, Ipojuca/PE, Trindade/PE, Itabaiana/PB, Ananás/TO, Piritiba/BA, Caucaia/CE. No SIG@ UFRPE, essa carga horária didática de trabalho é computada como apenas uma turma, sem considerar a quantidade de polos. Sem dúvida, o trabalho na graduação sempre foi/é muito intenso na EAD, quando observamos a diversidade de polos em diferentes municípios. O **Quadro 56** apresenta a relação de polos EAD, considerando as minhas atividades de ensino nas disciplinas de graduação EAD da UFRPE, de 2008 a 2024.

**Quadro 56:** Relação de Polos EAD – disciplinas de graduação EAD

POLO	CURSOS	PERÍODO
Ipojuca/PE	Licenciatura em Computação EAD	2008 a 2010
Camaçari/BA	Licenciatura em Computação EAD	2008 a 2010
Trindade/PE	Licenciatura em Computação EAD	2008 a 2010
Itabaiana/PB	Licenciatura em Computação EAD	2008 a 2010
Ananás/TO	Licenciatura em Computação EAD	2008 a 2010
Caucaia/CE	Licenciatura em Computação EAD	2008 a 2010
Piritiba/BA	Licenciatura em Computação EAD	2008 a 2010
Carpina/PE	Licenciatura em Letras EAD Licenciatura em Pedagogia EAD	2010 a 2024 2010 a 2022
Surubim/PE	Licenciatura em Letras EAD	2010 a 2024
Jaboatão dos Guararapes/PE	Licenciatura em Letras EAD	2010 a 2024
Recife/PE	Licenciatura em Letras EAD	2010 a 2024
Afrânio/PE	Licenciatura em Letras EAD	2010 a 2024
Triunfo/PE	Licenciatura em Letras EAD	2010 a 2024
Pesqueira/PE	Licenciatura em Letras EAD	2010 a 2024
	Licenciatura em Computação EAD	2008 a 2010
Palmares/PE	Licenciatura em Pedagogia EAD	2010 a 2022
<b>Total de polos - graduação EAD UFRPE</b>	<b>15 polos EAD</b>	<b>2010 a 2024</b>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Como afirmo, é preciso entender que a graduação é o “alicerce”, a “base” do edifício da Educação Superior, com programas de incentivo à pesquisa (PIBC/PIC), à extensão (BEXT), Iniciação à Docência (PIBID), Residência Pedagógica (PRP), monitoria e tantos outros que estimulam os(as) discentes a finalizarem seus cursos com qualidade e estímulo à produção acadêmica. Certamente, tais estudantes irão se destacar em programas de pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*, bem como em seus contextos profissionais.

As *(Trans)Docências* que hoje constituem as minhas imagens como professora foram construídas e consolidadas ao longo dos diversos caminhos trilhados rumo à aprendizagem da docência em diferentes cenários. Ao entrar em cada sala de aula presencial, ao fazer a imersão em cada Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA, ao trocar experiências, aprendizagens e vivências com os(as) discentes do Normal Médio da escola pública, além das interações com estudantes de graduação e de pós-graduação, fui *aprendendo a aprender* e aprimorando as minhas travessias cronotópicas.

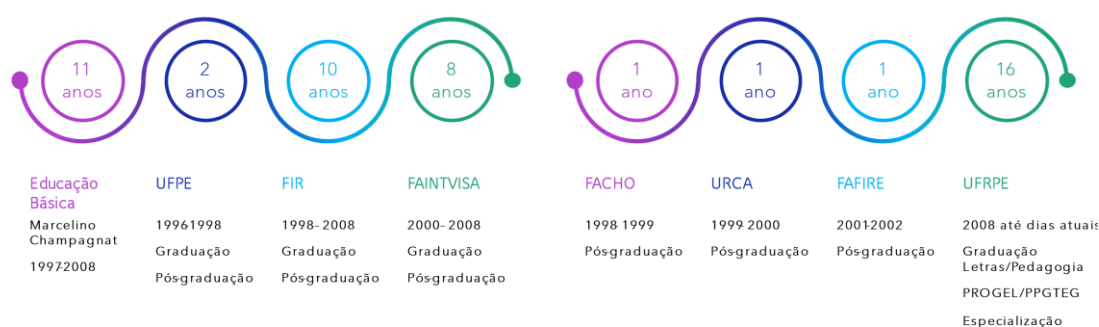
As imagens da *docência dialógica*, da *docência polifônica*, da *docência exotópica*, da *docência cronotópica*, da *tecnodocência*, da *polidocência*, da *docência Severina*, e de tantas outras *(Trans)Docências*, que me escapam, fundem-se nos meus autorretratos como professora esperançosa e resiliente que ainda acredita no poder transformador da educação. Desse modo, busco fazer e refazer meus caminhos de outros modos, ou seja, trilho novas rotas com outros(as) educadores(as), elaboro novas dúvidas, outros questionamentos. Nessa



perspectiva, compreendo que *ser docente* envolve processos contínuos de construção, desconstrução e reconstrução, em face dos inacabamentos e das inconclusões das (Trans)Docências. Creio, conforme o pensamento de Paulo Freire, que o exercício da docência é sempre um processo inconcluso, visto que, como seres históricos, a *inconclusão* é nossa característica constitutiva e formadora. Presente, passado e futuro formam a tríade cronotópica de meus percursos no exercício das (Trans)Docências. Nesse sentido, a **Figura 216** mostra o desenho da *Timeline* das minhas trilhas percorridas.

**Figura 216:** *Timeline* das atividades de ensino – trilhas percorridas nas (Trans)Docências

## TRILHAS PERCORRIDAS NAS (TRANS)DOCÊNCIAS



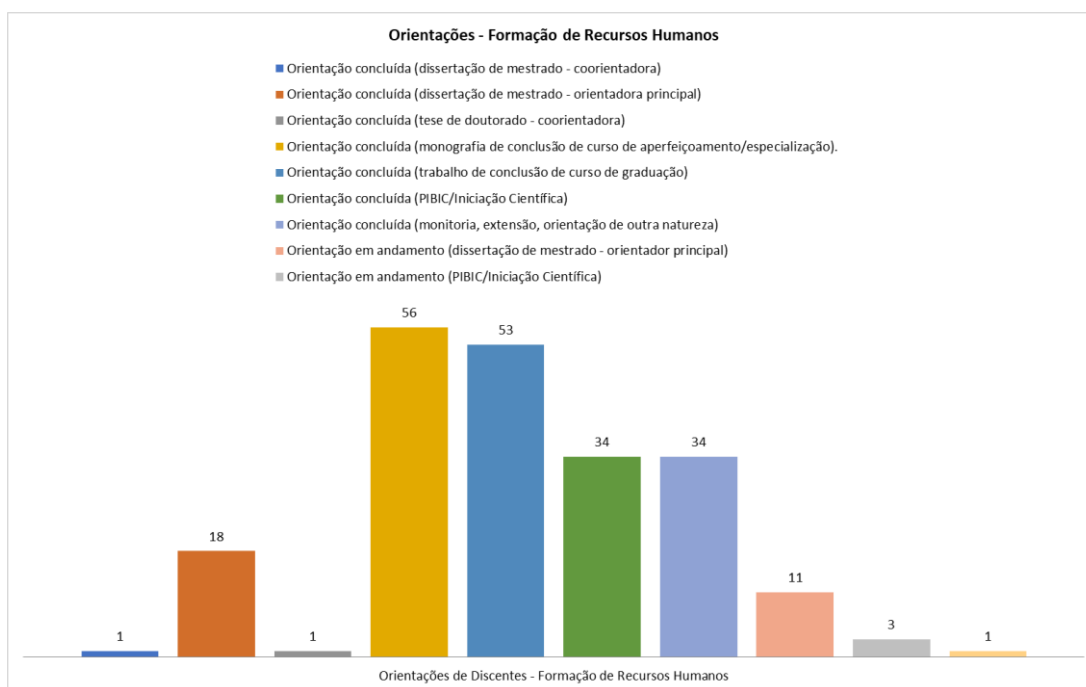
Fonte: Elaboração da autora (2024).

Amigo(a) leitor(a), não adianta ficar somando os anos em cada instituição, pois a conta não irá fechar. Na **Figura 216**, coloquei o período de trabalho em cada instituição, tendo em vista as atividades docentes na graduação e na pós-graduação. Trabalhei em diversas instituições de modo simultâneo até chegar à UFRPE. Na FIR, atuei mais tempo, **10** anos (1998 a 2008) em atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Neste mesmo período, desenvolvia a docência, também, na escola estadual Marcelino Champagnat (1997 a 2008), tendo atuado **11** anos na Educação Básica. Na UFPE, com contrato temporário de professora substituta, atuei, apenas, no período de **2** anos (1996 a 1998). Na FAINTVISA, no contexto de graduação, atuei **1** ano, em 2007, mas tive participação ativa em cursos de pós-graduação *lato sensu* no período de 2000 a 2008. Ministrei aulas em três turnos (manhã, tarde e noite) durante muito tempo. Certamente, hoje, não teria esse fôlego que a **Figura 216** aponta. Após a síntese das travessias no ensino, destaco a formação de recursos humanos como grande pilar em minha trajetória acadêmica.

Nos percursos de minhas (Trans)Docências, tive o imenso prazer de contribuir para as travessias formativas de discentes da Educação Básica, da graduação, da pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. O compromisso com as orientações de discentes sempre foi um eixo norteador que guiou, e continua guiando minhas travessias no *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Como relatei, o trabalho de orientação não é fácil, exige muita dedicação, requer o acompanhamento das produções científicas dos(as) orientandos(as) e o envolvimento com questões de vida de cada um/a, considerando processos humanizadores

na formação de pesquisadores(as). Durante as minhas travessias acadêmicas, considerando a formação de recursos humanos nos cenários de graduação e pós-graduação, orientei **236** discentes, sendo deste total **14** orientações em andamento no primeiro semestre letivo de 2014. Realizei as orientações em diversos cenários, tais como: Iniciação Científica - PIBIC/PIC, Residência Pedagógica - PRP, Iniciação à Docência, PIBID, Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, Especialização, Mestrado, Doutorado, Monitoria, conforme mostra o **Gráfico 7**.

**Gráfico 7:** Formação de Recursos Humanos: orientações - graduação e pós-graduação

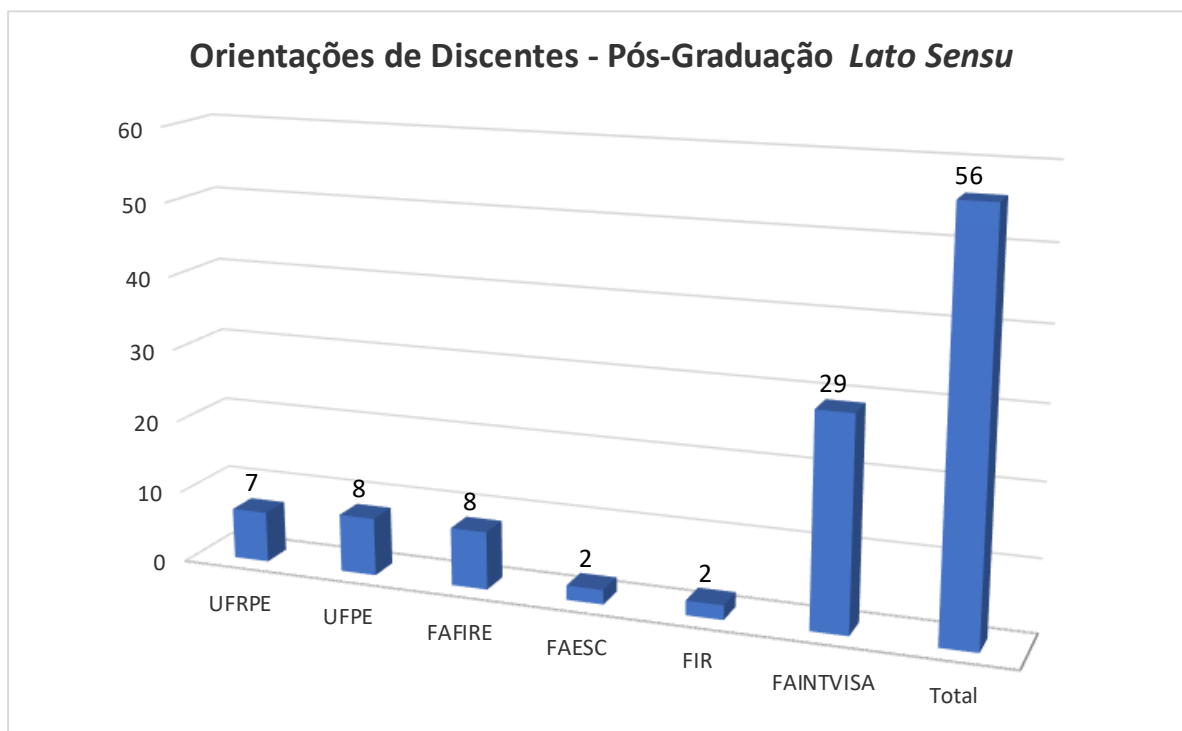


Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

O **Gráfico 7** apresenta a síntese das orientações que realizei durante minha trajetória acadêmica. O total é de **222** orientações concluídas e **14** orientações em andamento no primeiro semestre letivo de 2024, conforme descrição a seguir: **graduação: 146** concluídas, **3** em andamento; **pós-graduação: 76** concluídas, **11** em andamento. Para visualizar maior detalhamento, apresento descrição de orientações concluídas: orientações no Mestrado (**18**); coorientações no Mestrado (**1**); coorientação no Doutorado (**1**); orientações de Monografias em cursos de especialização/pós-graduação *lato sensu* (**56**); orientações de TCC (**53**); PIBIC/PIC (**34**); orientações concluídas (monitoria, extensão, orientação de outra natureza) (**34**); orientações em programas de formação docente: PIBID e Residência Pedagógica (**25**); orientações em andamento (Dissertação de Mestrado) (**11**); orientações em andamento (PIBIC/Iniciação Científica) (**3**). Com base nesses dados do **Gráfico 7**, destaca-se o total de **56** orientações concluídas em cursos de especialização.

Desse modo, destaco, de modo mais detalhado, essas orientações no **Gráfico 8**, a seguir apresentado, o qual apresenta a síntese de orientações em cursos de pós-graduação *lato sensu*, tendo em vista minhas andanças em diversas instituições de ensino, como: UFRPE, UFPE, FAINTVISA, FAFIRE, FIR, FAESC. Orientei **56** trabalhos monográficos em cursos de pós-graduação *lato sensu*, com destaque para **29** orientações na FAINTVISA, **7** na UFRPE, **8** na UFPE, **8** na FAFIRE, **2** na FAESC, **2** na FIR.

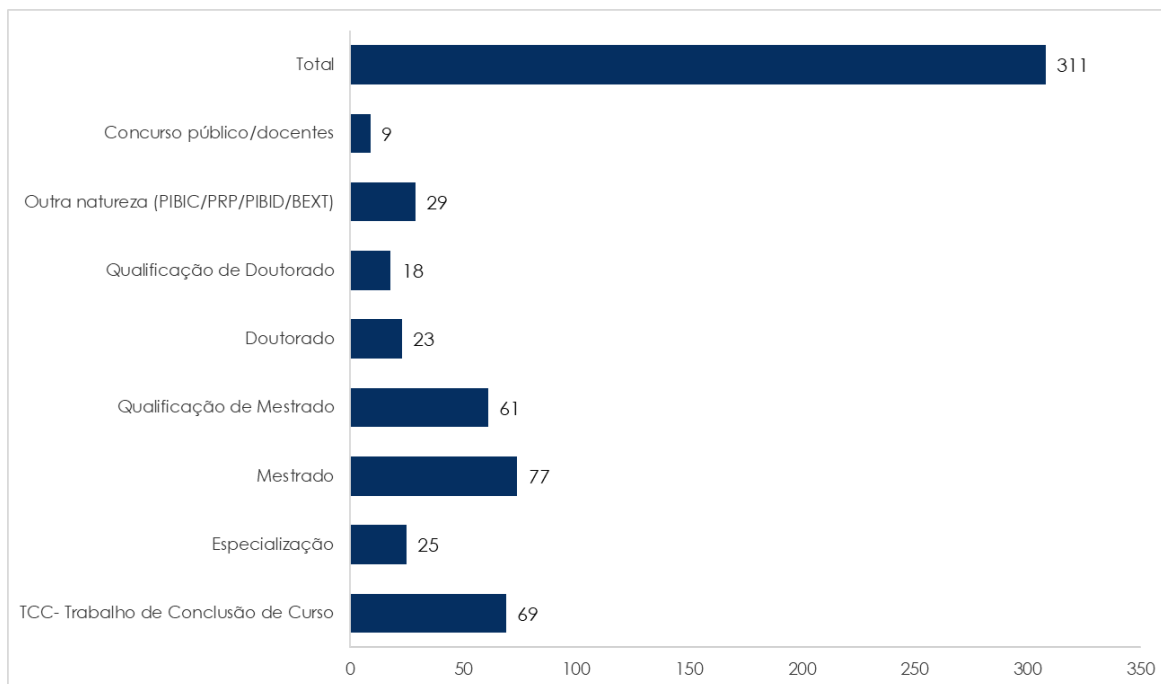
**Gráfico 8:** Orientações na pós-graduação *lato sensu*



Fonte: Elaboração da autora, com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Analisando a minha trajetória acadêmica, destaco a participação em bancas como outra atividade muito importante e atrelada, muitas vezes, às orientações na graduação e na pós-graduação. Participei de muitas bancas como orientadora, como docente convidada, examinadora externa, ou como avaliadora interna. O **Gráfico 9** revela o panorama quantitativo de minhas participações em bancas de TCC, monografias, Mestrado, Doutorado, Exames de Qualificação, Concursos para docentes e bancas de outras naturezas, a exemplo das bancas de seleção e de avaliação de programas, tais como: BEXT, PIBIC/PIC, PIBID e PRP.

**Gráfico 9:** Participação em bancas – TCC, Mestrado, Doutorado, Concursos e outras.



Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

De acordo com os dados do **Gráfico 9**, participei de **311** bancas no total, considerando, em primeiro lugar a participação em **77** bancas de **Mestrado**, e, em segundo lugar, **69** bancas de **Trabalho de Conclusão de Curso - TCC**, em seguida, surgem as bancas de **Exame de Qualificação de Mestrado (61)**. As participações em bancas de **outra natureza** (PIBIC/PIC; PIBID, PRP etc.) totalizaram **29**, também um número significativo para as ações acadêmicas na graduação. Quanto às bancas em  **cursos de pós-graduação *lato sensu***, participei de **25**. No contexto de **Doutorado**, foram **23** participações em bancas de Defesa de Tese e **18** em **Exames de Qualificação de Doutorado**. Bancas de **Concurso Público** para seleção de docentes no Ensino Superior foram **9**.

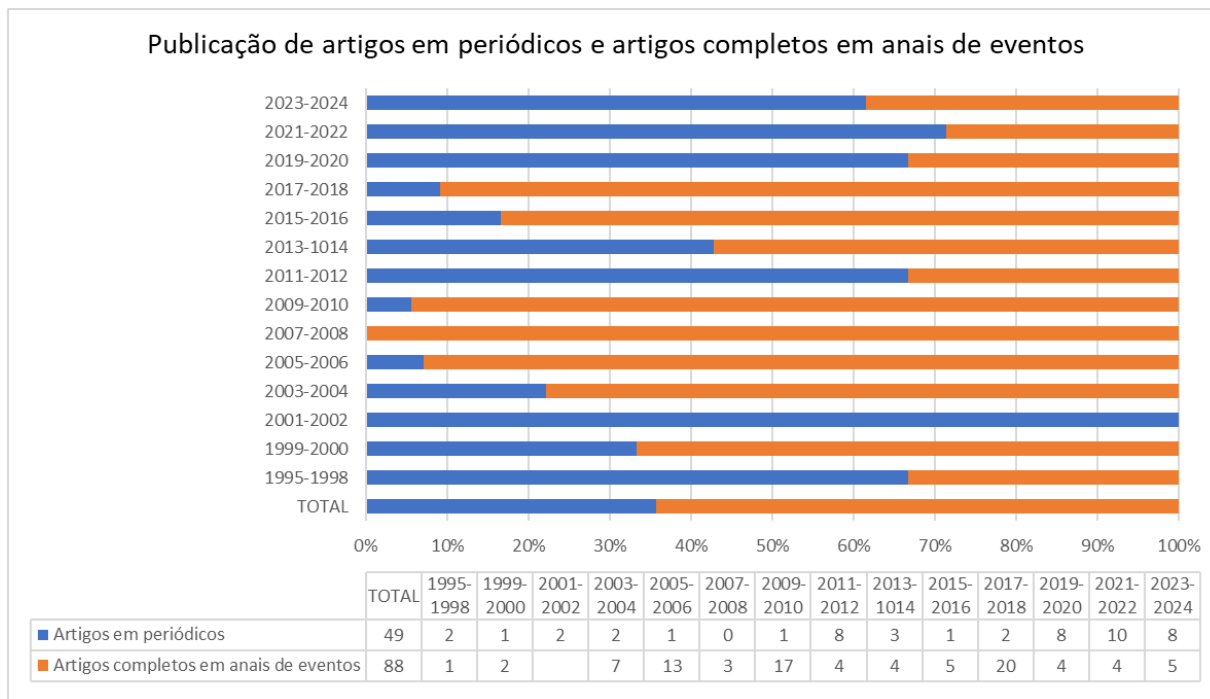
A docência e a pesquisa caminharam juntas em minhas travessias acadêmicas. Busco ser uma professora pesquisadora para motivar os(as) discentes a, também, perceberem a importância das conexões indissociáveis entre ensino, pesquisa e extensão. Cito, mais uma vez, as sábias palavras de Paulo Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 2020a, p. 32).

Nesse sentido, como já destacou Freire (2020a), ensinar exige pesquisa, diálogo e respeito aos saberes dos(as) educandos(as). Desse modo, como docente pesquisadora, compartilhei muitas experiências com os(as) educandos(as) e estes tiveram a oportunidade de exercitar a autoria para desenvolver práticas de letramentos acadêmicos. Foram muitos artigos, capítulos de livros, resumos e diversos outros produtos científicos elaborados e divulgados, muitas vezes, em parcerias com os(as) discentes orientandos(as), colegas docentes, professores(as) da Educação Básica. Assim, amigo(a) leitor(a), no eixo da pesquisa, você pode observar os **Gráficos 10** e **11** que revelam as produções científicas

construídas em minhas travessias acadêmicas. Desta forma, destaco as publicações de artigos em periódicos, capítulos de livros, materiais didáticos e trabalhos completos em anais de eventos, conforme os **Gráficos 10 e 11**:

**Gráfico 10:** *Timeline* da produção científica – publicação de artigos em periódicos e artigos completos em anais de eventos



Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

O **Gráfico 10** apresenta a linha do tempo de minha produção científica, com a descrição de publicação de artigos em periódicos e anais de eventos. No total, publiquei **137 artigos**, sendo: **49** artigos em periódicos e **88** artigos completos em anais de eventos. O período de 2009 a 2010 foi bem intenso em termos de publicações de artigos em eventos científicos, com **18** trabalhos publicados. Era o momento inicial das experiências com as turmas de graduação EAD. Escrevi muitos relatos de experiências nesse período e compartilhei os trabalhos com outros(as) colegas docentes em eventos, como os congressos ESUD, ABED, além de outros.

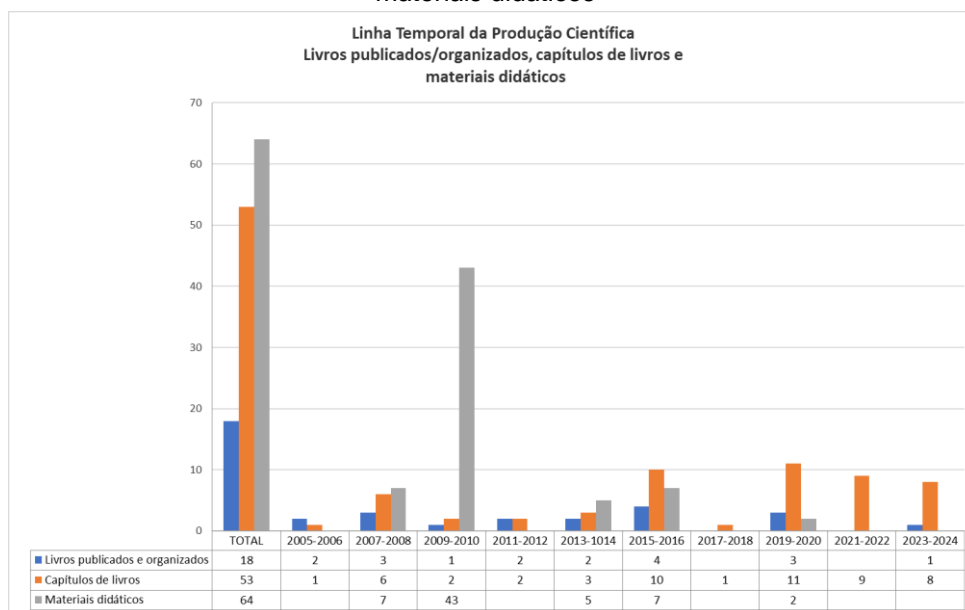
O período de 2017 e 2018 também foi intenso nos processos de escrita e divulgação de artigos em eventos. Por conseguinte, publiquei **22** trabalhos, muitos em parcerias com orientandos(as) dos cursos de graduação e de pós-graduação. Quando deixei a Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE, em março de 2019, comecei a investir mais na publicação de artigos em periódicos. De 2019 a 2024, publiquei **26** artigos em periódicos. Interpreto que esse dado reflete a transição de uma etapa intensa com os trabalhos de gestão, na EAD, para uma fase mais centrada em orientações e pesquisas, com o incremento da produção científica em periódicos.

Além da produção de artigos em periódicos e trabalhos completos em eventos, minha trajetória acadêmica reflete o intenso volume de trabalho nos processos de produção e



organização de livros, capítulos de livros e materiais didáticos, como demonstra o **Gráfico 11**.

**Gráfico 11:** *Timeline* da produção científica – livros publicados/organizados, capítulos de livros e materiais didáticos



Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

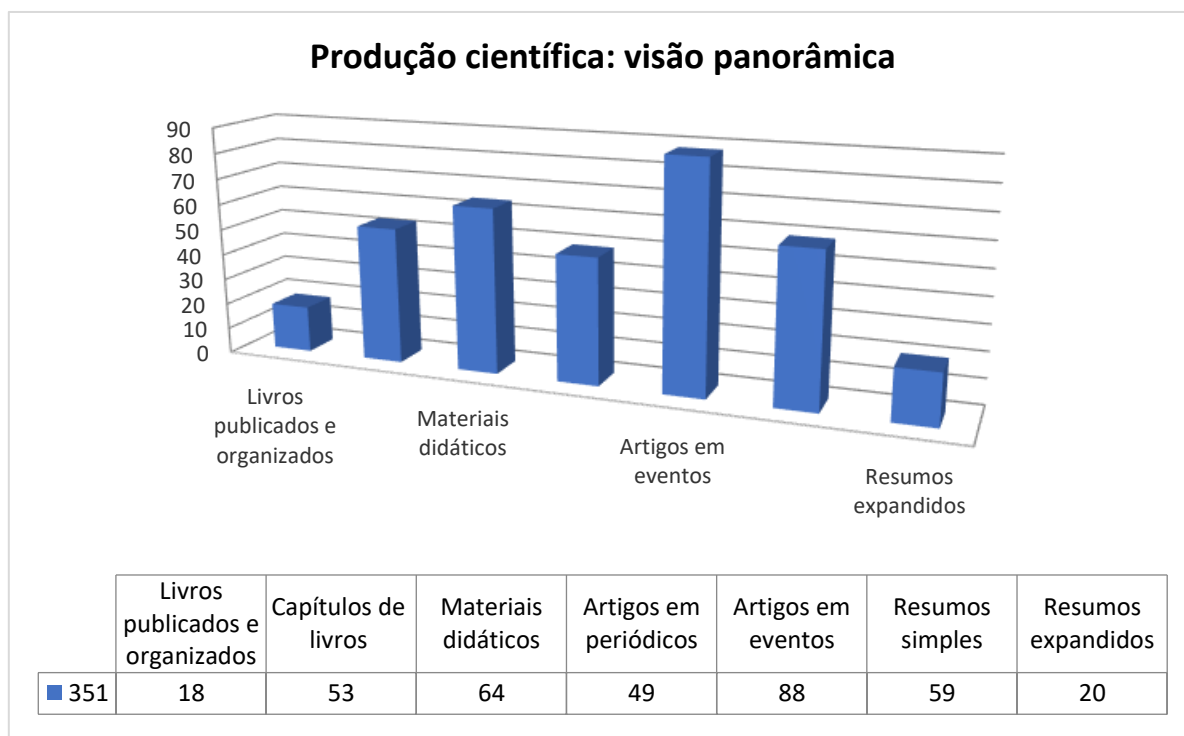
O **Gráfico 11** descreve a linha do tempo de produção científica, com indicações de publicações de livros, capítulos de livros e materiais didáticos, tendo em vista o intervalo de 2005 a 2023. Somando todas as produções, surge o total de **135** publicações. Com base no referido gráfico, destaco, de 2009 a 2010, a intensa produção de materiais didáticos para os cursos EAD da UFRPE e da UPE, com o total de **43** publicações didáticas. Esse foi um período de muitas aprendizagens, diversos desafios para repensar estratégias metodológicas, recursos e materiais didáticos para apoiar as aprendizagens dos(as) educandos(as). Descobri-me como professora autora no processo de elaboração de conteúdos didático-pedagógicos para os cursos EAD.

Em termos da produção de materiais didáticos, publiquei **64** obras didáticas durante a minha trajetória acadêmica. Quanto à produção de capítulos de livros, tive **53** publicações. Destaco o período de 2019 a 2023, **28** capítulos de livros publicados. Parece que após o cenário pandêmico, a produção de capítulos de livros ficou ainda mais intensa. Talvez, as atividades laborais no formato de *home office* tenham ajudado a ampliar a produtividade, mesmo em um contexto tão desafiador quanto o da pandemia de Covid - 19.

Como hipótese, creio que muitos(as) pesquisadores(as) mergulharam, intensamente, no trabalho acadêmico, sobretudo, no campo da produção científica para “escapar” da realidade cruel e insólita que vivíamos naquele momento. Não bastasse a pandemia, o Brasil estava mergulhado nas “trevas” medievais de um desgoverno que incitava a descrença na Ciência e atacava as universidades de diversas formas. Talvez, a produtividade científica desse período soasse como um grito de resistência para mostrar ao planeta a importância da Ciência e a força dos(as) pesquisadores(as) brasileiros(as). Posso dizer que usei essa estratégia e, talvez, os dados revelem esse processo de incremento de minha produção científica em um contexto tão desafiador, como, por exemplo, o cenário pandêmico.

Quanto ao número de livros publicados, consegui publicar, apenas a minha Tese de Doutorado em formato de livro, em 2005, mas tive a oportunidade de organizar **17** obras, totalizando **18** livros. O **Gráfico 12** apresenta uma visão panorâmica de toda a minha produção científica, incluindo: livros publicados/organizados, capítulos de livros, materiais didáticos, artigos em periódicos, artigos completos em eventos, resumos simples e expandidos publicados em eventos. No total, foram **351** trabalhos produzidos, conforme descrição do **Gráfico 12**.

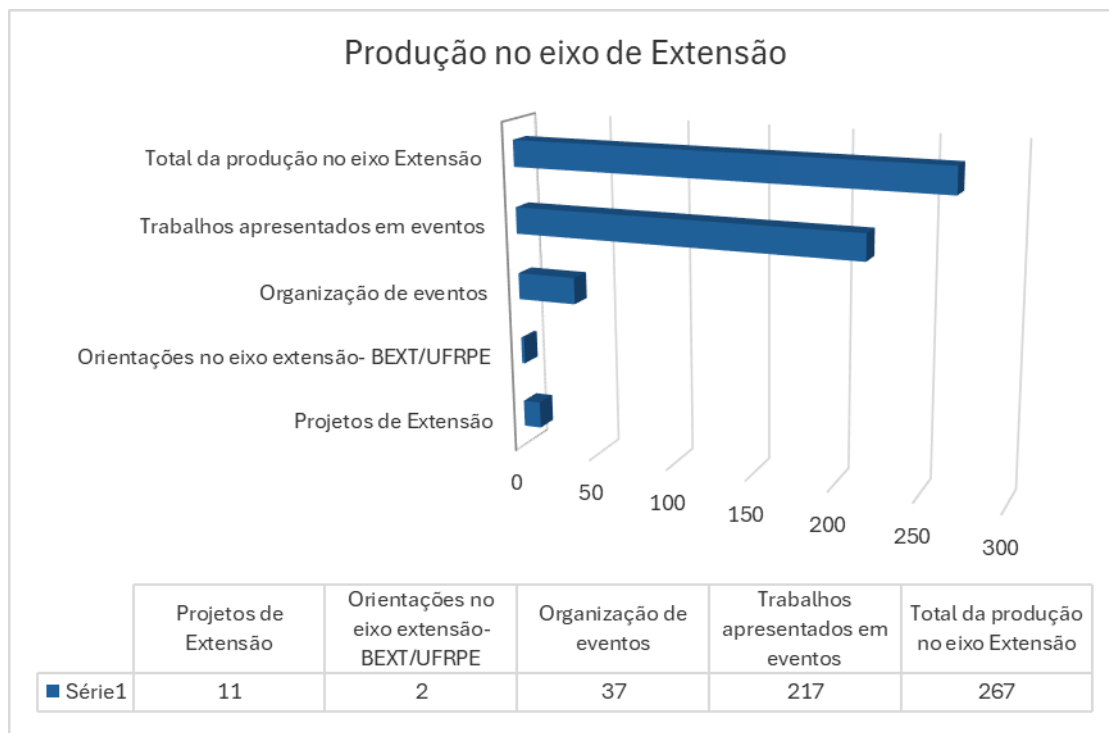
**Gráfico 12:** Produção científica: visão panorâmica



Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Destaco que a produção científica teve papel de destaque em minhas travessias acadêmicas, assim como a dimensão do ensino. Certamente, ensino, pesquisa, extensão são eixos que orientam os percursos dos(as) professores(as) do Magistério Superior. Desse modo, não posso esquecer de descrever as minhas produções no eixo da extensão. Conforme o **Gráfico 13**, quanto às atividades de extensão, tive o total de **267** produções em atividades extensionistas.

**Gráfico 13:** Atividades de Extensão

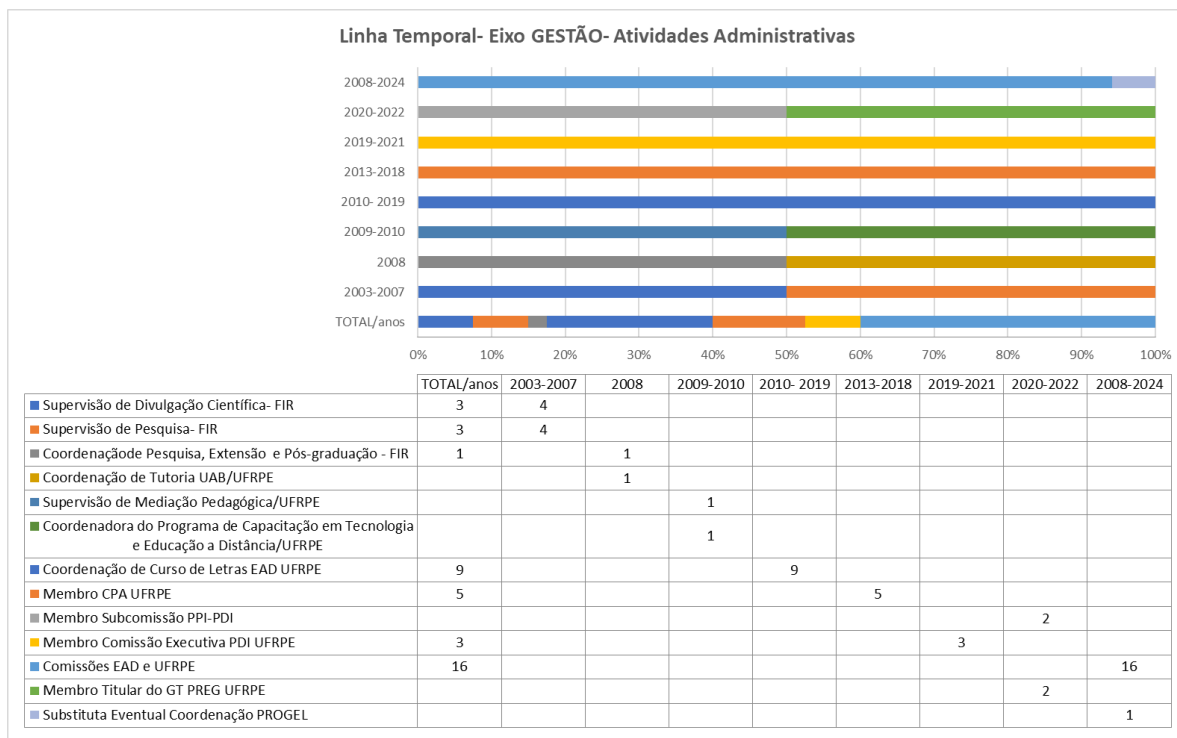


Fonte: Elaboração da autora (2014), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq

Destaco a produção no eixo da extensão apresentada no **Gráfico 13**. Do total de **267** produções, foram: **11** projetos de extensão, **2** orientações de bolsistas BEXT/UFRPE aprovados(as) em editais específicos de extensão, como, por exemplo, BEXT/UFRPE, **37** eventos organizados, **217** trabalhos apresentados em eventos.

Quanto à gestão, o **Gráfico 14** apresenta a síntese de atividades administrativas realizadas no período de 2004 a 2024, com **20 anos** dedicados à gestão acadêmica. Das atividades realizadas, destaco: Supervisão Científica, Coordenação de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação, na FIR; além das ações administrativas na UFRPE: Coordenação de Curso de Graduação – Licenciatura em Letras EAD, Coordenação de Tutoria, Supervisão de Mediação Pedagógica e participação em diversas comissões, variados colegiados e grupos de trabalho.

**Gráfico 14:** Eixo de gestão: síntese de atividades administrativas



Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Conforme o **Gráfico 14**, de 2004 a 2024, durante **20 anos**, desenvolvi diversas atividades de gestão na FIR - Faculdades Integradas do Recife e na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. No **Apêndice**, o **Quadro 47**, intitulado *Atividades Administrativas – Gestão – UFRPE*, apresenta o detalhamento das atividades administrativas, com participação em coordenações, grupos de trabalhos, colegiados e comissões na UFRPE. Apenas na UFRPE, participei de **48** atividades administrativas, no período de **2008 a 2024**. (**Apêndice, Quadro 47**).

Destaco o período de atuação na Coordenação da Licenciatura em Letras EAD UFRPE/UAEADTec, de 2010 a 2019, quando tive a oportunidade de acompanhar a implementação do curso em suas primeiras ofertas, momento em que a UFRPE ainda estava consolidando as atividades acadêmicas de EAD. Nesse cenário, fui a primeira professora e a primeira Coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD/UFRPE. Como relatei, os desafios foram imensos no início da oferta de Cursos EAD, na UFRPE, com corpo profissional reduzido para dar conta das diversas atividades que a modalidade requer.

As participações em inúmeras comissões, tais como: CPA, PDI, PPI, Conselho Editorial UFRPE, comissões internas da UAEADTec, tais como: Comissão de Estágio Probatório, Comissão de Avaliação e Progressão Docente - CAPD, Comissão de Pesquisa - COMPESQ, Comissão de Ensino, Comissão PIT/RIT, Comissão de Planejamento Estratégico, Comissões de Consulta à Coordenação de Curso, colegiados e as comissões específicas dos cursos de graduação, como CCD, NDE, COAA, foram essenciais para aprendizagens na gestão universitária. Posso dizer, com certeza, que vivenciei a gestão universitária de forma plena, mesmo tentando, às vezes, escapar de algumas atividades administrativas para me dedicar mais ao ensino, à pesquisa e à extensão. A gestão sempre aparecia, e ainda aparece, como uma sombra que caminha junto comigo no *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Do período de 2008 a 2024, participei de **48 atividades administrativas**, tendo em vista a participação

em Coordenação de Curso de Graduação, Colegiados de Cursos, Comissões da UAEADTec, Grupos de Trabalho da PREG, Comissão Executiva do PDI, CPA, enfim, uma lista imensa de ações no eixo da gestão. O **Quadro 57** apresenta a síntese de algumas atividades administrativas que desenvolvi durante minhas travessias acadêmicas na UFRPE. (**Apêndice - Quadro 47**).

**Quadro 57:** Atividades Administrativas – Gestão - UFRPE

<b>Nº</b>	<b>Período</b>	<b>Atividade Administrativa</b>
<b>01</b>	2008.2	Coordenação de Tutoria na Licenciatura em Computação, modalidade a distância - EAD
<b>02</b>	2008.2	Coordenação Geral de Tutoria dos cursos de graduação UAB/UFRPE
<b>03</b>	2009.1 a 2010.1	Supervisão de Mediação Pedagógica EAD
<b>04</b>	2010.1	Supervisão Pedagógica dos Cursos de Educação a Distância – UAEADTec/UFRPE
<b>05</b>	2010.2	Coordenadora do Programa de Capacitação em Tecnologia e Educação a Distância
<b>06</b>	2010.1 a 2019.1	Coordenação de Curso de Graduação Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa EAD
<b>07</b>	2012	Membro Suplente do CCD Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância - PPGTEG/UFRPE.
<b>08</b>	2009	Membro Titular do CCD- Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Licenciatura Plena em Letras presencial – sede UFRPE
<b>09</b>	2009	Membro Suplente do CCD- Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Bacharelado em Administração presencial – sede UFRPE
<b>10</b>	2019	Membro Titular da Equipe Multidisciplinar do Curso de Licenciatura em História.
<b>11</b>	2019	Membro Titular do Grupo de Trabalho para elaboração do Modelo Pedagógico da UAEADTec
<b>12</b>	2010 a 2019	Presidente do Colegiado de Coordenação Didática – CCD do Curso de Licenciatura em Letras EAD
<b>13</b>	2019 – atual	Membro Titular do Colegiado de Coordenação Didática – CCD do Curso de Licenciatura em Letras EAD.
<b>14</b>	2010 a 2019	Presidente do Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso de Licenciatura em Letras EAD.
<b>15</b>	2019 – atual	Membro Titular do Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso de Licenciatura em Letras EAD.
<b>16</b>	2016 a 2020	Membro Titular do Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso de Licenciatura em Pedagogia EAD.
<b>17</b>	2015 a 2017	Membro Titular do Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso de Licenciatura em Computação EAD.
<b>18</b>	2010 a 2019	Presidente da COAA - Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras EAD.
<b>19</b>	2015 a 2022	Membro Titular do Colegiado de Coordenação Didática – CCD do Curso de Licenciatura em Pedagogia EAD.
<b>20</b>	2016 a 2018	Membro Titular da COAA - Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia EAD



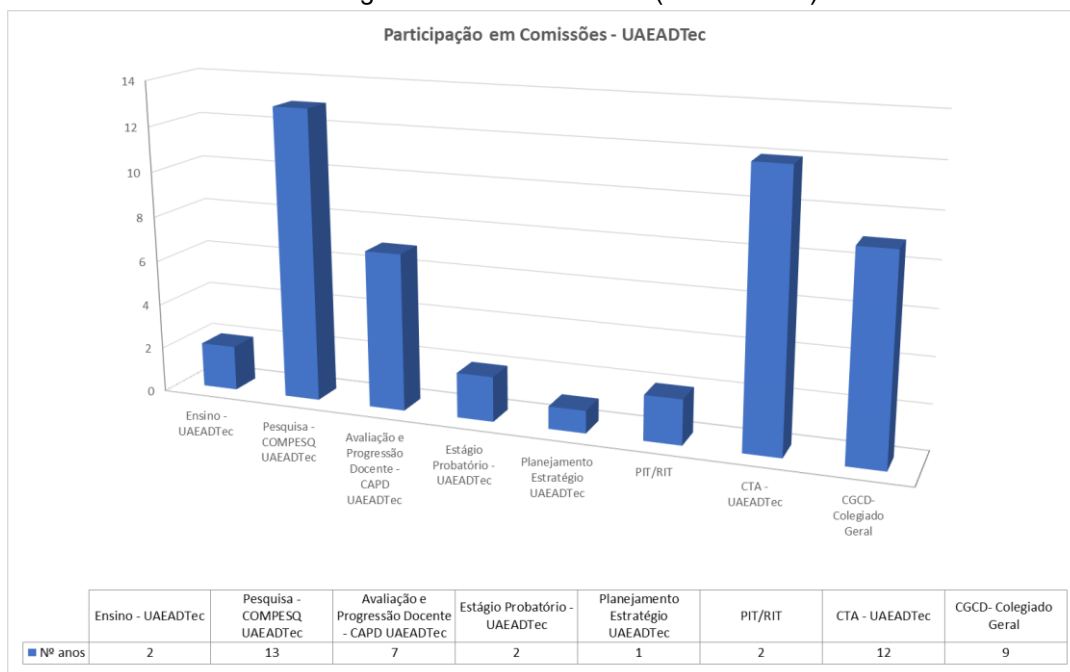
<b>21</b>	2022	Banca de Examinadora Especial do Processo de Equivalência Excepcional do curso de graduação.
<b>22</b>	2015 a 2017	Membro Titular da COAA - Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico do Curso de Licenciatura em Computação EAD.
<b>23</b>	2015 a 2018	Membro Titular da COAA - Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico do Curso de Bacharelado em Sistemas de Informação EAD.
<b>24</b>	2022	Membro Titular da Comissão de Seleção de Ingresso no PROGEL/UFRPE. Membra - Linha 2, da Comissão de Seleção 2022.1 do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE.
<b>25</b>	2011 a 2023	Membro Titular do CTA – Conselho Técnico Administrativo da UAEADTec
<b>26</b>	2010 a 2019	Membro Titular do Colegiado Geral de Coordenação Didática -CGCD da UAEADTec
<b>27</b>	2017 a 2019	Presidente da Comissão de Pesquisa COMPESQ/UAEADTec
<b>28</b>	2011 - atual	Membro Titular da Comissão de Pesquisa COMPESQ/UAEADTec
<b>29</b>	11 de abril de 2017 - atual	Membro Titular da Comissão de Progressão Docente – Comissão de Avaliação e Progressão Docente – CAPD/ UAEADTec
<b>30</b>	2013 a 2014	Membro Titular da Comissão de Ensino - UAEADTec
<b>31</b>	2015 a 2017	Membro Titular da Comissão de Estágio Probatório UAEADTec
<b>32</b>	2021	Membro Titular da Comissão de Planejamento Estratégico UAEADTec
<b>33</b>	2019 a 2021	Membro Titular da Comissão Implementação e Acompanhamento do Plano Individual de Trabalho - PIT e do Relatório Individual de Trabalho - RIT - PIT/RIT UAEADTec
<b>34</b>	2013 a 2018	Membro Titular da CPA – Comissão Própria de Avaliação da UFRPE
<b>35</b>	2019 a 2022	Membro Titular da Comissão Executiva do Projeto de Elaboração do Novo Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI UFRPE
<b>36</b>	2021 a 2022	Membro Titular da Comissão de Editoração e Revisão Final do Plano de Desenvolvimento Institucional PDI UFRPE
<b>37</b>	2021 a 2022	Membro da Subcomissão 4 do Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2021-2030, cuja finalidade consiste na elaboração do Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e Políticas de Atendimento ao Discente.
<b>38</b>	2020 a 2022	Membro Titular do GT PREG UFRPE Comissão de planejamento para a retomada híbrida do semestre 2020.1 mediante a pandemia da COVID-19, nos Cursos de Graduação da UFRPE. Grupo nº 01: Regulação do Ensino de Graduação para 2020.
<b>39</b>	2020 a 2022	Membro Titular do GT PREG UFRPE Comissão de planejamento para a retomada híbrida do semestre 2020.1 mediante a pandemia da COVID-19, nos Cursos de Graduação da UFRPE. Grupo nº 05: Formação docente e discente.

40	2020 a 2022	Membro Titular do GT PREG UFRPE Comissão de planejamento para a retomada híbrida do semestre 2020.1 mediante a pandemia da COVID-19, nos Cursos de Graduação da UFRPE. Grupo nº 06: Comunicação.
41	2020 a 2022	Membro Titular do GT PREG UFRPE Comissão de planejamento para a retomada híbrida do semestre 2020.1 mediante a pandemia da COVID-19, nos Cursos de Graduação da UFRPE. Grupo nº 08: Consolidação.
42	2020 – atual	Membro Titular do Conselho Editorial da Editora da UFRPE
43	2017	Membro da Comissão Coordenadora da Eleição para a composição da CPA – Comissão Própria de Avaliação da UFRPE – Ciclo 2018-2020.
44	2017	Presidente da mesa receptora de votos na eleição de membros docentes e técnico-administrativos para composição da CPA-UFRPE Ciclo Avaliativo 2018-2020.
45	2021	Membro Titular Presidente da Comissão de Consulta para a escolha do Coordenador do Curso de Licenciatura em Pedagogia EAD-UAEADTec.
46	2018.2	Grupo de Trabalho – Selo Editorial EAD- UAEADTec.
47	2024- atual	Membro Titular do Colegiado de Coordenação Didática do Curso de Especialização em Estudos da Linguagem e Formação Docente– LINFOR– UAEADTec/UFRPE.
48	2024	Substituta Eventual da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE. Ciclo 2024-2026.

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes- CNPq*.

Destaco, no **Gráfico 15**, a minha significativa participação em Comissões da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia – UAEADTec/UFRPE, no contexto de 2008 a 2024. Na Comissão de Pesquisa – COMPESQ, atuei de 2011 a 2024, com **13 anos** dedicados às atividades administrativas no campo da pesquisa na UAEADTec. Saliento que ainda estou atuando como Membro Titular na Comissão de Pesquisa, com base na Portaria UAEADTec/UFRPE nº 014/2023, de 24 de março de 2023. Outra comissão importante na qual atuei, e ainda atuo na UAEADTec é a Comissão de Avaliação e Progressão Docente – CAPD/UAEADTec. Desde abril de 2017 atuo na CAPD/UAEADTec, tendo em vista ações direcionadas à análise de processos e emissão de pareceres para promoção e progressão funcional dos(as) professores(as) da Unidade. Também saliento a minha participação no CTA/UAEADTec, de 2011 a 2023, são **12 anos** dedicados como Membro Titular do Conselho Técnico Administrativo – CTA da UAEADTec. No Colegiado Geral de Coordenação Didática dos Cursos de Graduação – CGCG, também atuei no período em que estive na Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras EAD, durante **9 anos**, de 2010 a 2019. Enfim, amigo(a) leitor(a), foram muitos desafios e muito trabalho em atividades administrativas na UFRPE.

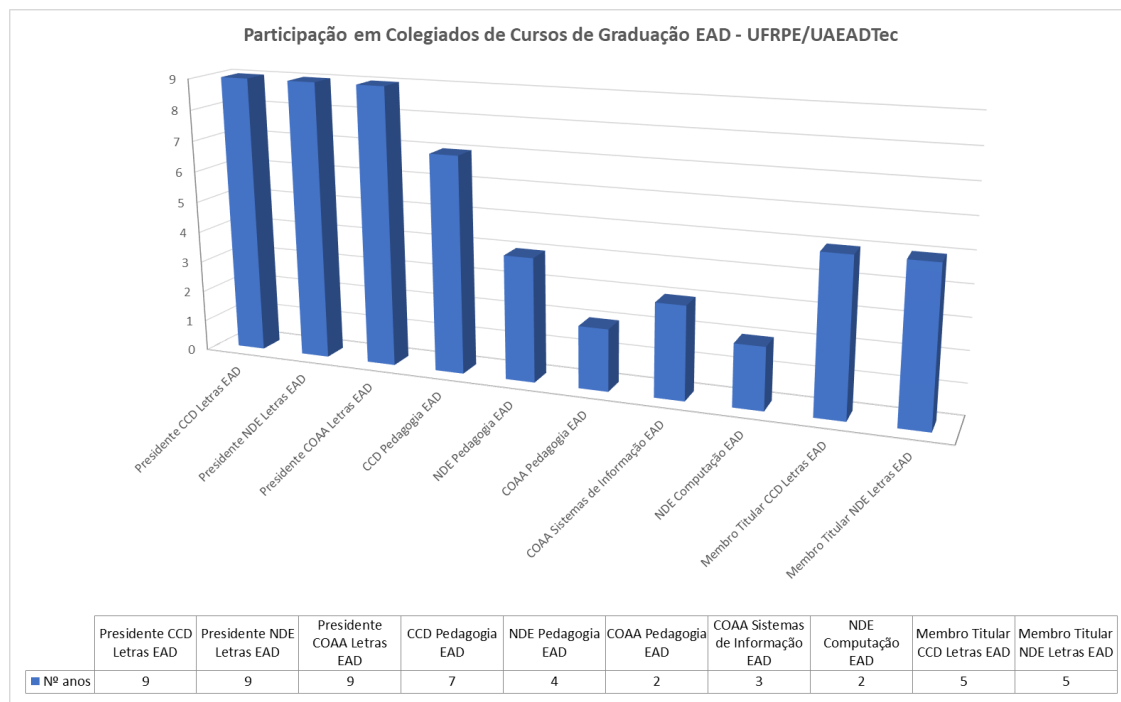
**Gráfico 15** – Participação em Comissões da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia – UAEADTec/UFRPE (2008 a 2024).



Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

Quanto às participações nas Comissões e Colegiados dos Cursos de Graduação, licenciaturas e bacharelados da UFRPE/UAEADTec, destaco as informações apresentadas no **Gráfico 16** a seguir.

**Gráfico 16:** Participação em Colegiados de Cursos de Graduação EAD – UFRPE/UAEADTec.

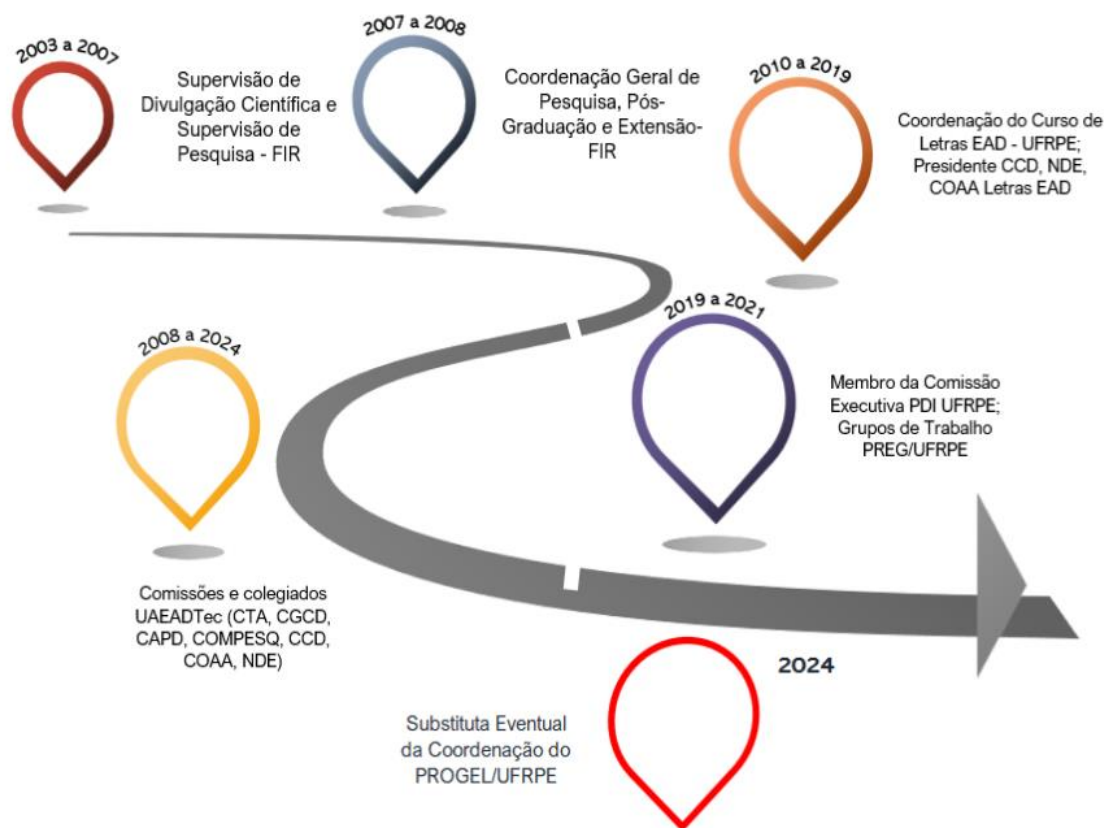


Fonte: Elaboração da autora (2024), com base nas informações do Currículo *Lattes*- CNPq.

De acordo com o **Gráfico 16**, a minha participação nos Colegiados do Curso de Licenciatura em Letras EAD é destacada. Participei como presidente do CCD, do NDE e da COAA no período em que atuei na Coordenação de Letras EAD, de 2010 a 2019. Foram **9 anos** intensos na gestão do curso e nas participações em colegiados. Depois desse período, continuei atuando no CCD e no NDE da Licenciatura em Letras EAD/UAEADTec, como Membro Titular, apoiando sempre as ações acadêmicas e as atividades administrativas do Curso. Nesse sentido, de 2010 a 2024, são **14 anos** dedicados à participação nos Colegiados do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UAEADTec da UFRPE.

Algumas trilhas em minhas travessias na gestão universitária são descritas na **Figura 217**, com o desenho da *Timeline* e indicações de rotas percorridas, desde a gestão na FIR, até as atividades administrativas na UFRPE. Destaco que, em 2024, “no apagar das luzes”, retornei ao ciclo de gestão como Substituta Eventual da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE para o ciclo 2024 – 2026, conforme a Portaria GBR/UFRPE nº 626, de 4 de junho de 2024. Destaco que essa função no PROGEL/UFRPE está ainda em processo, com ajustes que serão necessários, em função das demandas de trabalho dos professores eleitos na última consulta. Professora Vicentina Ramires precisou assumir *pró-tempore* a Coordenação do PROGEL para organizar novos processos. Desse modo, amigo(a) leitor(a), os caminhos no *Grande Sertão.... (Trans)Docências* revelam o caráter cíclico das trilhas percorridas em conexão com aquelas que ainda irei percorrer. Como já disse Riobaldo, “*Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo*” (Rosa, 2019).

Figura 217: Trilhas da Gestão Universitária



Fonte: Elaboração da autora (2024).

Você está acompanhando as minhas travessias, amigo(a) leitor(a), e já deve ter notado que a vida de professora universitária é muito corrida, com diversos compromissos e inúmeras pressões institucionais. Não posso dizer que passei pela vida universitária sem conhecer a dinâmica da gestão acadêmica, não é mesmo? Realizei as atividades administrativas com dedicação e compromisso. Mas, amigo(a) leitor(a), preciso deixar bem claro que o meu amor à docência se destacou, e continua se destacando, em minhas travessias acadêmicas. Dos eixos de ensino, pesquisa, extensão e gestão, destaco, sobretudo, o **ensino** e a **pesquisa** como dois grandes pilares em meus processos formativos e em minhas práticas pedagógicas como docente.

Talvez, amigo(a) leitor(a), você concorde comigo, se visualizar, em termos quali/quantitativos, as minhas produções e atividades nesses dois grandes eixos: o ensino e a pesquisa. Por isso, coloco estas reflexões neste capítulo final, como espécie de movimento metarreflexivo sobre as minhas travessias acadêmicas. Considerando a indissociabilidade entre tempo-espaço, presente-passado-futuro, olho o meu reflexo no espelho do *Grande Tempo* (Bakhtin, 2014) e me vejo nos percursos de redescobertas de travessias. Agora, é o momento de buscar trilhas no futuro, abrindo novos caminhos no *Grande Sertão... (Trans)Docências*.



### 8.3 CAMINHOS FUTUROS E NOVAS VEREDAS: TRAVESSIAS ILIMITADAS NO GRANDE SERTÃO... (TRANS)DOCÊNCIAS

Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só fazer outras maiores perguntas.

*Grande Sertão: Veredas* - Guimarães Rosa

Retomando essa passagem da obra *Grande Sertão: Veredas*, em minhas travessias narradas até aqui, descobri que, só fazendo “*outras maiores perguntas*”, irei conseguir continuar caminhando em busca de respostas ou de mais questionamentos capazes de direcionar “novas” rotas, outras travessias. Com a “escrita de si”, realizada neste Memorial, descobri o exercício de valorizar cada experiência, percebendo a importância da “escrevivência” (Evaristo, 2020) como ato contínuo que revela as potencialidades das narrativas de vida como indispensáveis lugares de fala. Nesse sentido, aponto para outras rotas que poderão surgir em andanças futuras para a construção de novas escrevivências nos (des)caminhos do *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Assim, destaco os seguintes caminhos futuros:

- Desenvolver rotinas profissionais em diálogo e equilíbrio com as vivências pessoais, propiciando conexões saudáveis entre *vida pública* e *vida privada* (Bakhtin, 2014).
- Fortalecer experiências de múltiplas docências em projetos de formação docente para usos pedagógicos de tecnologias, considerando o *framework* TPACK.
- Investir em formação continuada em programas de pós-graduação, com foco em pesquisas interdisciplinares integradoras entre as áreas de Linguagem, Literatura e Educação.
- Ampliar pesquisas sobre Metodologias Ativas para Ensino de Literatura no contexto da Educação Básica.
- Incrementar a produção científica com a escrita e a divulgação de artigos científicos.
- Ampliar a produção científica por meio de autoria, organização de livros e escrita de capítulos de livros.
- Desenvolver projetos de pesquisa, com vistas à articulação entre os cenários de graduação e de pós-graduação, envolvendo discentes de Iniciação Científica, pós-graduandos(as) e mestrandos(as).
- Orientar projetos e ações no eixo da extensão, buscando interconexões dialógicas entre Universidade e Sociedade.
- Investir em projetos de autoformação docente, por meio da participação em cursos de formação continuada e complementar.
- Elaborar projetos de pesquisas, com vistas a propiciar articulações entre: 1) literatura e educação; 2) educação, tecnologias digitais e formação docente.
- Continuar pesquisas na área de Educação a Distância em conexões com os eixos de formação docente e letramentos digitais.

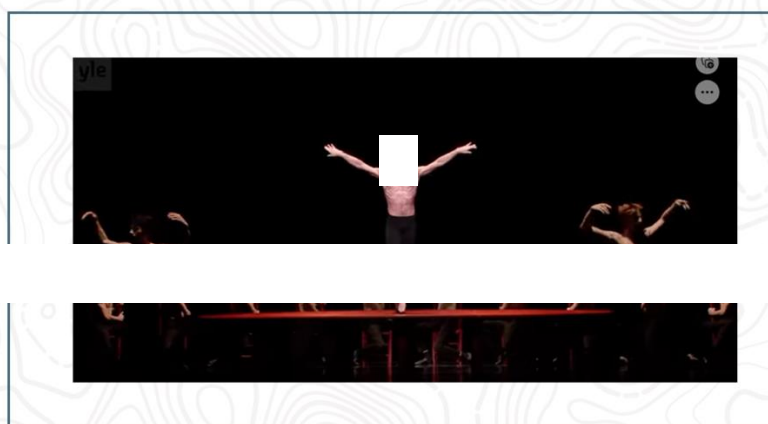
- Buscar parcerias em projetos de escrita e docências compartilhadas, por meio de projetos integradores e interdisciplinares com participação de diferentes docentes.
- Continuar processos de orientações nos cenários de graduação e de pós-graduação, com vistas à formação de recursos humanos, considerando orientações de Iniciação Científica, Iniciação à Docência, Residência Pedagógica, cursos de pós-graduação *lato sensu*, Mestrado e Doutorado.
- Ampliar novas rotas nas trilhas do *Grande Sertão... (Trans)Docências*, considerando diversidade de experiências nos territórios das minhas identidades docentes: *tecnodocência*, *polidocência*, *docência dialógica*, *docência polifônica*, *docência exotópica*, *docência cronotópica* e *docência Severina*.

Em síntese, essas são apenas algumas trilhas que poderão orientar novas rotas, outros caminhos rumo ao incremento de minhas trajetórias no *Grande Sertão... (Trans)docências*. Penso em continuar as travessias e as aprendizagens como professora que está sempre se redescobrando nos redemoinhos que atravessam o passado-presente-futuro. Retomo, assim, José Saramago (1981):

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: “*Não há mais que ver*”, sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já (Saramago, 1981, p. 279).

Para (*quase*) finalizar este Memorial, posso dizer que a minha vida segue o ritmo do Bolero de Ravel. Adoro esta verdadeira obra de arte da expressão musical. Deixo, para você, amigo(a) leitor(a), esta linda apresentação coreográfica de Maurice Béjart, com a interpretação do Bolero de Maurice Ravel para a linguagem performática da dança (<https://www.youtube.com/watch?v=6rQwof50VsA>).

**Figura 218:** Coreografia do Bolero de Ravel - Corpo de Ballet da Ópera Nacional de Paris



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=n7FfCXW-LuM>

Trata-se de um espetáculo com a apresentação do Corpo de *Ballet* da Ópera Nacional de Paris, com o dançarino Nicolas Le Riche e a orquestra de Paris. A integração entre as

linguagens dos corpos, o ritmo da dança, a coreografia e a gradação dos movimentos dos dançarinos com os recursos melódicos criam uma atmosfera mágica de explosão de sentidos. Na leitura que faço desse espetáculo, destaco alguns aspectos, tais como: o jogo entre o claro e o escuro, o cromatismo nas representações dos corpos brancos dos dançarinos, ocupando seus espaços no palco, o pano de fundo negro que marca o contraste de uma estética barroca entre luzes e sombras, o vermelho do tablado principal com a apresentação centralizada do bailarino Nicolas Le Riche, o qual assume a posição de “maestro performático” para os demais bailarinos que vão se reunindo e se organizando, aos poucos, no espetáculo da dança, no ritmo da música.

Assim como ocorre na música, em que cada músico vai revelando suas potencialidades individuais e singulares ao tocar cada instrumento em uma diversidade de ritmos até a formação de uma orquestração polifônica e harmônica na composição musical, com a reunião de todos os instrumentos que vão produzindo sons em um crescendo; na apresentação da dança, cada bailarino vai assumindo a sua posição de modo orquestrado, de forma organizada. A dança revela uma cadência firme e ao mesmo tempo leve, sugerindo imagens de liberdade por meio, sobretudo, da apresentação do bailarino principal que parece assumir a imagem central de um pássaro em voo ao reunir outros pássaros bailarinos, os quais configuram a dimensão da coletividade dos corpos empoderados no palco.

Há muitas versões disponíveis no *YouTube*, destaco, também, a apresentação de Jorge Donn, Bolero de Ravel, ano 1982, inigualável marcação de tempo-espço, disponível em: [https://youtu.be/m5CFJlzlGKM?list=RDEM254FH5SnmLErp\\_KI\\_pXf3w](https://youtu.be/m5CFJlzlGKM?list=RDEM254FH5SnmLErp_KI_pXf3w). Lembro-me de ter assistido a este espetáculo em uma aula de Inglês da querida e saudosa professora Abuêndia Padilha, na graduação em Letras - UFPE. Fiquei encantada com a riqueza artística e a integração entre dança, música, arte e cultura. Guardei essa experiência em minhas memórias e compartilho na finalização deste Memorial. No Bolero de Ravel, são utilizados diferentes recursos para dar variedade à repetição da melodia, tais como: o uso de instrumentos solistas que vão mudando a cada passagem; o gradativo aumento do número de instrumentos; o gradual aumento de volume, chegando a um tremendo crescendo final para toda a orquestra. Desse modo, a polifonia, característica do Bolero de Ravel, marca meus passos nas múltiplas travessias acadêmicas neste *Grande Sertão... (Trans)Docências*.

Foram variados recursos, muitos(as) solistas, diversos instrumentos, diferentes melodias, variadas gradações rítmicas e melódicas que se entrecruzaram em movimentos sonoros altos e baixos, marcações no tempo-espço das vivências construídas, repetições monofônicas e variações polifônicas ao longo dos caminhos e das rotas que escolhi. A vida é feita de escolhas e novos recursos sonoros serão adicionados à composição de meu próprio Bolero, à semelhança da obra de Ravel. Na orquestra polifônica da vida, cada um/a de nós vai compondo o seu próprio Bolero. Assim, selecionamos, também, as coreografias que deverão acompanhar o grande espetáculo, no qual cada solista, cada melodia, cada dançarino(a) e cada movimento tornam-se únicos na formação de nossas histórias, nos desenhos das trilhas de nossas travessias.

Nas coreografias da vida, compondo nosso bolero de Ravel, vamos descobrindo que “Somos muitos Severinos; iguais em tudo na vida”, conforme indicou a voz poética na grandiosa obra *Morte e Vida Severina* (Melo Neto 2016). Minhas travessias confundem-se com aquelas dos professores e das professoras que contribuíram e deixaram suas pegadas

em minhas trilhas formativas. Nesse movimento, assim como Riobaldo: “*Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia*” (Rosa, 2019, p. 53). É na **travessia**, nos encontros, nos desencontros, nas “*pedras no meio do caminho*”, nas mudanças de rotas, nas ilimitadas veredas, que vamos compreendendo o movimento da vida como um grande, largo e revoltoso rio. O rio que corta os caminhos e indica as travessias; o “*Cão sem plumas*”, no dizer poético de João Cabral de Melo Neto.

**O cão sem plumas** - João Cabral de Melo Neto.

Aquele rio  
era como um cão sem plumas.  
Nada sabia da chuva azul,  
da fonte cor-de-rosa,  
da água do copo de água,  
da água de cântaro,  
dos peixes de água,  
da brisa na água.

Sabia dos caranguejos  
de lodo e ferrugem.

Assim como caranguejos, Severinos e Severinas, seguimos unidos na corda da vida, na coletividade, nos múltiplos movimentos do Bolero de Ravel ou do belo espetáculo da dança na coreografia de Deborah Colker.

**Figura 219:** Cena do espetáculo de dança *O cão sem plumas*, coreografia de Deborah Colker.



Bailarinos em "*Cão sem plumas*" - Foto: Arthur de Souza/Folha de Pernambuco

<https://www.folhape.com.br/cultura/critica-cao-sem-plumas-da-cia-de-danca-deborah-colker-mergulha-em-noss/29943/>

Como docente, eterna aprendiz, continuo caminhando com muita humildade e resiliência. Busco aprender a aprender a cada instante, despertando a curiosidade epistemológica nos(as) queridos(as) discentes, ratificando a verdadeira essência da docência, ou seja, a arte de ensinar aprendendo a aprender, sempre de forma dialógica. Finalizo este Memorial com duas canções, a primeira é de Marisa Monte – *Feliz, alegre e*

forte<sup>58</sup>, disponível em: <https://www.letras.mus.br/marisa-monte/feliz-alegre-e-forte/> Essa canção reflete a leveza de minhas travessias, com as trilhas que me trouxeram até aqui, neste movimento de autorreflexão sobre as minhas rotas no *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Posso dizer que “sou feliz, alegre e forte/ Tenho amor e sorte/Aonde quer que eu vá” (Monte, 2022) e agradeço sempre por ter chegado até aqui, neste momento tão importante de minhas travessias no *Grande Sertão... (Trans)Docências*.

Retomo outra linda canção, *Leve e Suave*, de Lenine<sup>59</sup>, disponível em: <https://www.letras.mus.br/lenine/leve-e-suave/> Desse modo, destaco a leveza e a beleza da vida que, como sugere a canção de Lenine: “Há de ser leve/Um levar suave/Nada que entreve/Nossa vida breve” (Lenine, 2020). E, já finalizando, retomando o princípio do fim, agradeço, amigo(a) leitor(a) a sua companhia nessas múltiplas travessias deste *Grande Sertão... (Trans)Docências*. Finalizo, então, este Memorial com as seguintes expressões simbólicas (**Figura 220**) reunidas em uma nuvem de palavras para que você, leitor(a), preencha as entrelinhas e perceba que “o que eu te escrevo continua”, como já indicou a genial escritora Clarice Lispector.

Revisito, também, a canção *Paciência*<sup>60</sup>, com os versos de Lenine:

Mesmo quando tudo pede  
Um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede  
Um pouco mais de alma  
a vida não para.

**Figura 220:** Nuvem de palavras – *Grande Sertão... (Trans)Docências*



<sup>58</sup> MONTE, Marisa. **Feliz, Alegre e Forte**. Intérprete Marisa Monte. Composição: Marisa Monte, Pretinho da Serrinha e Rachell Luz. Álbum **Portas**, 2022. Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ciSNk6Ofhs8> Acesso e: 10 fev. 2024.

<sup>59</sup> LENINE. **Leve e Suave**. Videoclipe lançado em 2020, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kLVB-1NcYqs> Acesso e: 10 fev. 2024.

<sup>60</sup> LENINE. *Paciência*. In: LENINE. **Na pressão**. Rio de Janeiro: RCA/BMG, 1999, Vídeo disponível em: <https://youtu.be/SWm1uvCRfva> Acesso em: 10 fev. 2024.



Fonte: Elaboração da autora (2024).

Convido, assim, você, amigo(a) leitor(a) a finalizar a leitura e fechar o círculo desta longa narrativa, desse **Grande Sertão... (Trans)Docências**. Em síntese, retomo a grande obra de Guimarães Rosa, reconhecendo que o “Sertão” está em todo o lugar, “o Sertão é sem lugar”, “Sertão: é dentro da gente”, e são infinitas as travessias neste descortinar de minhas múltiplas (Trans)Docências. Destaco, assim, as palavras do narrador Riobaldo:

Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso [...]. Eu carrego um sertão dentro de mim, e o mundo no qual eu vivo é também o sertão. [...]. (Rosa, 2019).

Viver é um descuido prosseguido. [...] (Rosa, 2019, p. 57).

E me cerro, aqui, mire e veja. Isto não é o de um relatar passagens de sua vida, em toda admiração. Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras. [...] (Rosa, 2019, p. 434).

Retomando o caráter cíclico do princípio do fim, cito as palavras de Riobaldo:

Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem são. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado [...]. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. [...] Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe; e se sabe, me entende (Rosa, 2019, p. 136).

Espero ter conseguido reviver “as horas antigas”, estabelecendo conexões entre o passado, o presente e o futuro, reencontrando-me na escrita deste Memorial, como docente em exercício contínuo de formação e de transformação. As imagens de minha memória ficarão registradas nesta longa narrativa. Recupero o poema de Drummond para destacar o caráter perene da memória que ficará sempre presente em minhas travessias no *Grande Sertão... (Trans)Docências*.

### Memória

Carlos Drummond de Andrade

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

E, para finalizar, brinco com algumas palavras em um exercício de experimentalismo no campo da linguagem para despertar, você, amigo(a) leitor(a), e manter a leitura para além das linhas e fazer a imersão nas múltiplas faces das palavras. *Trouxeste a chave?*

S  
E  
R  
T  
Ã  
O

... VE - RE - DAS ...

# **(TRANS)DOCÊNCIAS**

RECOMEÇOS

## TRAVESSIAS

ESPERANÇAR

ESTRADAS

N  
O  
N  
A  
D  
A

...AURORAS...



## REFERÊNCIAS

- ACCIOLY, M. Da prosa e da poesia. In: ACCIOLY, M. **Poética: pré-manifesto ou anteprojeto do Realismo Épico (época-épica)**. Recife: Ed. Universitária, 1977. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/11854/da-prosa-e-da-poesia> Acesso em: 10 fev. 2023.
- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papyrus, 2000.
- AMIEL, T.; GONSALES, P.; SEBRIAM, D. A educação aberta no Brasil: dos recursos à promoção de direitos digitais. In: MALLMANN, E. M. *et al* (Orgs.). **REA: teoria e prática**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.
- ANASTASIOU, L. G. C. A ensinagem como desafio à ação docente. **Revista pedagógica – UNOCHAPECÓ**, v. 4, n. 8, p. 65-77, 2002. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3911> Acesso em: 20 abr. 2023.
- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade**. Santa Catarina: Univille, 2004.
- ANASTASIOU, L. das G. C. Profissionalização continuada do docente da educação superior: desafios e possibilidades. **Revista olhar de professor**, v. 8, n. 1, p. 9-22, 2005. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1424/1069> Acesso em: 20 abr. 2023.
- ANDRADE, C. D. de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- ARENHALDT, R; MACHADO, A; SANTOS, I. Toda história de vida é uma obra de arte: ateliê biográfico como estratégia de criação de projetos de vida na Educação Básica. **REVASF**, Petrolina, Pernambuco, vol. 12, n.27, abril, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1665> Acesso em: 20 ago. 2023.
- ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede: Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621> Acesso em: 20 ago. 2023.
- ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1997.
- ASSIS, M. **Dom Casmurro**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- AUSUBEL, D. P, NOVAK, J. D., HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BAGNO, M. **Dramática da Língua Portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo, Loyola, 2001.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio Paulo Bezerra. 5.ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 5.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c, p.21-192.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2015 a.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2015 b.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola, 2015.

BARROS, M. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BARROS, M. O apanhador de desperdícios. *In*: BARROS, M. **Memórias inventadas**: as infâncias. São Paulo: Record, 2003.

BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.

BATISTA NETO, J. Narrativas da trajetória escolar de um formador de professor: memória, história e formação. **Interritórios: Revista de Educação**. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, Brasil. v.5 n.9 [2019] Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interritorios/article/view/243609> Acesso em: 20 ago. 2023.

BEHAR, P. A. **O ensino remoto emergencial e a educação a distância**. UFRGS, 2020.

BEHAR, P. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BELLONI, M. L. Educação a distância e inovação tecnológica. **Trabalho, educação e saúde**, v. 3 n. 1, pp. 187-198, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/GBM3YFDNTT45ctv5B3pfrHG/abstract/?lang=pt> Acesso em: 10 set. 2023.

BOURDIEU, P. **Escritos da educação**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, M. M.; AMADO J. (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-192.

BRAIT, B. A emergência, nas fronteiras entre língua e literatura, de uma perspectiva dialógica de linguagem. **Bakhtiniana**, São Paulo, 12 (2): 5-23, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/YJG56MGBLXQXyPqZQcnV95k/?lang=pt> Acesso em: 10 fev. 2024.

BRASIL. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância**. Brasília, agosto de 2007.



BRASIL. **Decreto nº 9.057**, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o Art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. **Decreto nº 5.800**, de 8 de junho de 2006. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB.

BRASIL. **Portaria MEC nº 343**, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19.

BRASIL. **Portaria MEC nº 345**, de 19 de março de 2020. Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 5/2020**, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 9/2020**, aprovado em 8 de junho de 2020. Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2020, que tratou da reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 10/2020**, aprovado em 16 de junho de 2020. Prorrogação do prazo a que se refere o artigo 60 do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017, para implantação de instituições credenciadas e de cursos autorizados, em razão das circunstâncias restritivas decorrentes da pandemia da Covid-19.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 11/2020**, aprovado em 7 de julho de 2020. Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 16/2020**, aprovado em 9 de outubro de 2020. Reexame do item 8 (orientações para o atendimento ao público da educação especial) do Parecer CNE/CP nº 11, de 7 de julho de 2020, que trata de Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da pandemia.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 19/2020**, aprovado em 8 de dezembro de 2020. Reexame do Parecer CNE/CP nº 15, de 6 de outubro de 2020, que tratou das Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.

BRASIL. **Portaria MEC nº 544**, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343 e nº 473.

BRASIL. **Portaria MEC nº 572**, de 1º de julho de 2020. Institui o Protocolo de Biossegurança para Retorno das Atividades nas Instituições Federais de Ensino e dá outras providências.

BRASIL. **Portaria MEC nº 1.038**, de 7 de dezembro de 2020. Altera a Portaria MEC nº 544.

BRASIL. **Resolução CNE/CP Nº 2**, de 10 de dezembro de 2020. Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 1**, de 29 de dezembro de 2020. Dispõe sobre prazo de implantação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) durante a calamidade pública provocada pela pandemia da Covid-19.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 6/2021**, aprovado em 6 de julho de 2021. Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2**, de 5 de agosto de 2021. Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar.

BRASIL. **Resolução nº 7**, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024.

BRASIL. **Lei nº 10.861/2004**, a qual instituiu o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior/SINAES.

BRUNO, F. Fotobiografia: uma proposta antropológica e estética. **Revista Espaço Acadêmico**, 14(163), p. 09-20, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/26003> Acesso em: 10 nov. 2022.

BUZATO, M. E. K. Sobre a necessidade de letramento eletrônico na formação de professores: o caso Teresa. In: CABRAL, L.G, SOUZA, P., LOPES, R. E.V. & PAGOTTO, E.G (Orgs.). **Linguística e ensino: novas tecnologias**. Blumenau: Nova Letra: pp.229-267, 2001.

BUZATO, M. Desafios empírico-metodológicos para a pesquisa em letramentos digitais. **Trabalhos em linguística aplicada**. Campinas, 46(1): 45-62, jan./jun, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/558qxFvw9tdPbR6BFmpkTLr/> Acesso em: 10 fev. 2024.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1981.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.

CAPES - COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Edital 24/2022** - Programa Residência Pedagógica Chamada Pública Para Apresentação De Projetos Institucionais.

CAZUZA. O tempo não para. In: CAZUZA. **O tempo não para**. Warner Music, 1983. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cazuza/45005/> Acesso em: 14 jun.2024.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, R. ¿La muerte del libro?. Orden del discurso y orden de los libros. **Co-herencia**, vol. 4, núm. 7, julio-diciembre, 2007, pp. 119-129 Universidad EAFIT. Medellín, Colombia. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/774/77413255002.pdf> Acesso em: 12 dez. 2023.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002

COLL, C.; MAURI, T.; ONRUBIA, J. A incorporação das tecnologias de informação e comunicação na educação: do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso. In: COLL, C.; MONEREO, C. (Org.). **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 66-96.

CORDEIRO, V. M.; SOUZA, E. C. (Orgs.). **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010.

COUTINHO, A. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

DEMO, P. **Educação hoje**: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo: Atlas, 2009.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpM/abstract/?lang=pt> Acesso em: 5 jan. 2024.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Paulus, 2008.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUN, M. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola, 2016.

DRUMMOND, C. D. No meio do caminho. In: MORICONI, I. (Org.). **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DRUMMOND, C. D. **Lição de coisas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ECO, U. **Leitura do texto literário**: lector in fabula. Lisboa: Presença, 1993.

ECO, U. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ECO, U. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos literários. Lisboa: Presença, 1993.

EVARISTO, C. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento** [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo> Acesso em 15 jul. 2023.

EVARISTO, C. Recordar é preciso. In: EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

- EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FARACO, C. **Linguagem e diálogo**: as ideias do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.
- FILATRO, A. **DI 4.0: inovação em educação corporativa**. São Paulo: Saraiva Educação, 2019.
- FILATRO, A.; CAVALCANTI, C. C. **Metodologias inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa**. São Paulo: Editora Saraiva, 2018.
- FISH, S. Literature in the reader: affective stylistics. In: TOMPKINS, J. (Ed.). **Reader-response criticism**: from formalism to post-structuralism. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1986.
- FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: MOTTA, M. B. [org.]. **Michel Foucault**: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2015.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2020a.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 27. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2020c.
- FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, P; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FREITAS, M. (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- GATTI, B. A. A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas. **Revista USP**. São Paulo, n. 100. p. 33-46, dezembro/janeiro/fevereiro, 2013-2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76164> Acesso em: 10 nov. 2023.

- GONZAGA, Luiz; MAIA, Hervé Cordovil. A vida de viajante. Intérprete: Luiz Gonzaga. **O melhor de Luiz Gonzaga**. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1985. 2 min, 50 s. CD. A letra completa da canção está disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82381/> Acesso em: 10 nov. 2023.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006.
- HALL, S. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. v.1. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- ISER, W. O jogo do texto. *In*: LIMA, C. L. (Org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 105 a 118.
- JAUSS, H. R. **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- JAUSS, H. R. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. *In*: LIMA, C. L. (Org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.63-82, 1979.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, Obras Completas 9, 1875. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- JAPIASSU, H. **O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- JOBIM, J. L. Literariedade. *In*: **Dicionário de Termos Literários**. 2009, Disponível em: <https://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/literariedade> Acesso em: 30 jun. 2024.
- KAHLO, F. ZAMORA, M. **Cartas Apaixonadas de Frida Kahlo**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- KENSKI, V. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2008.
- KOEHLER, M. J.; MISHRA, P. What is technological pedagogical content knowledge? **Contemporary Issues in Technology and Teacher Education**, 9(1), 60-70, 2009. Disponível em: <https://citejournal.org/volume-9/issue-1-09/general/what-is-technological-pedagogicalcontent-knowledge/> Acesso em: 16 out. 2022.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In*: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.
- LENINE. *Paciência*. *In*: LENINE. **Na pressão**. Rio de Janeiro: RCA/BMG, 1999, Vídeo disponível em: <https://youtu.be/SWm1uvCRfvA> Acesso em: 10 fev. 2023.
- LENINE. **Leve e Suave**. Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kLVB-1NcYqs> Acesso e: 10 fev. 2024.



LESSIG, L. **Free culture**: how big media uses technology and the law to lock down culture and control creativity. Penguin Press, 2004.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, L.; LOUREIRO, R. C. **Tecnodocência**: concepções teóricas. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

LINS, Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (Gonzaguinha). O que é, o que é? *In*: **Caminhos do Coração**. Rio de Janeiro: EMI, 1982. LP.

LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco LTDA, 2020.

MÃE, V. H. Bibliotecas. *In*: MÃE, V. H. **Contos de cães e maus lobos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. *In*: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do Ethos. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiano Comesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2006.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MELO NETO, J. C. de. **Morte e Vida Severina**: auto de Natal pernambucano. São Paulo: Alfaguara, 2016.

MILL, D.; RIBEIRO, L. R.; OLIVEIRA, M. R. (Orgs.). **Polidocência na Educação a Distância**: múltiplos enfoques. São Paulo: Edufscar, 2010.

MISHRA, P.; KOEHLER, M. Technological pedagogical content knowledge: a framework for teacher knowledge. **Teachers College Record**. v. 108, n 6, 2006. Disponível em: [https://one2oneheights.pbworks.com/f/MISHRA\\_PUNYA.pdf](https://one2oneheights.pbworks.com/f/MISHRA_PUNYA.pdf) Acesso em: 22 set. 2022.

MONTE, Marisa. *Feliz, Alegre e Forte*. Intérprete Marisa Monte. Composição: Marisa Monte, Pretinho da Serrinha e Rachell Luz. Álbum **Portas**, 2022. Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ciSNk6Ofhs8> Acesso e: 10 fev. 2024.

MOORE, M. Teoria da distância transacional. **Revista brasileira de aprendizagem aberta e a distância**, São Paulo, ago, 2002. Disponível em: <http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/article/view/111/17> Acesso em: 10 fev. 2022.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, C. A.; MORALES, O. (Orgs.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania**: aproximações jovens. Coleção mídias contemporâneas. Vol. II. PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: [https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf) Acesso em: 10 jan. 2024.

MOSER, B. A lost interview with Clarice Lispector. **The New Yorker**. 13 feb. 2023. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/the-new-yorker-interview/a-lost-interview-with-clarice-lispector> Acesso em: 20 jan. 2024.

NASCIMENTO, M. Caçador de mim. In: NASCIMENTO, Milton; VERDE, Luiz Carlos Sá (compositores). **Caçador de Mim**. São Paulo: Ariola, 1981. Faixa 1.

NÓVOA, A. **Pedagogia: a terceira margem do rio**. Conferência proferida no dia 7 de junho de 2010, na Assembleia da República. Conferência Que currículo para o século XXI? Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pedagogianovoa.pdf> Acesso: 6 dez 2023.

NÓVOA, A.; ALVIM, Y. Os professores depois da pandemia. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 42, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/> Acesso: 6 dez 2023.

PAPERT, S. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PASSEGGI, M. C. Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica. In: PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Org.) **(Auto)Biografia**: formação, territórios e saberes. Natal: EDUFRN, 2008.

PASSEGGI, M. C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI; SILVA (Org.) **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PASSEGGI, M. C. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino. **Tempo, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2006.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte: UFMG, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/abstract/?lang=pt> Acesso em: 4 out. 2023.

PASSEGGI, M. C. Memoriais: “cantos de experiência” vivida e em devir. **Regae: Rev. Gest. Aval. Educ.** Santa Maria v. 10 n. especial e68281, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/regae/article/view/68281> Acesso em: 10 ago. 2023.

PASSEGGI, M. C. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re)conhecimento. In: CORDEIRO, V. M.; SOUZA, E. C. (Orgs.). **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010.

PERNAMBUCO. **Decreto nº 48.810**, de 16/03/2020. Altera o Decreto nº 48.809, de 14 de março de 2020, que regulamenta, no Estado de Pernambuco, medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019, conforme previsto na Lei Federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.

PESSOA, F. **Mensagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **The Horizon**, v. 9, n. 5, 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em: 10 ago. 2023.

PRINCE, G. Introduction to the study of the narratee. In: TOMPKINS, J. (Ed.) **Reader-response criticism: from Formalism to Post-structuralism**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1986.

QUINTANA, M. **Esconderijos do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

QUINTANA, M. Autorretrato. In: QUINTANA, M. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RAAB, D. Transpersonal approaches to autoethnographic research and writing. **The Qualitative Report**, v. 18, n. 21, p. 1-18, 2013. Disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/tqr/vol18/iss21/2/> Acesso em: 20 set. 2023.

REUTER, Y. Lire: une pratique socio-culturelle. **Pratiques**. Metz. n° 52, pp. 65-82, 1986. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/prati\\_0338-2389\\_1986\\_num\\_52\\_1\\_1411](https://www.persee.fr/doc/prati_0338-2389_1986_num_52_1_1411) Acesso em: 20 set. 2023.

REZENDE, N. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, M.; REZENDE, N.; JOVER-FALEIROS, R. (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Companhia das Letras, 22ª edição, 2019

ROSA, J. G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, M.; REZENDE, N.; JOVER-FALEIROS, R. (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SANTAELLA, L. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. **Revista tempos e espaços em educação**. Volume 7, Número 14 - setembro/dezembro, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/3446> Acesso em: 12 fev. 2024.

SANTOS, E. EAD, palavra proibida. Educação *online*, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? **Revista docência e cibercultura**, agosto de 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119> Acesso em: 15 ago. 2023.

SANTOS, A. Educação aberta: histórico, práticas e o contexto dos recursos educacionais abertos. In: SANTANA, B.; ROSSINI, C.; PRETTO, N. **Recursos educacionais abertos: práticas colaborativas e políticas públicas**. Salvador: Edufba, 2012.

SARAMAGO, J. **O caderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SARAMAGO, J. **Palavras para uma cidade**. Outros Cadernos de Saramago. 17 set, 2008. Disponível em: <http://caderno.josesaramago.org/1253.html> , acesso em 15 fev. 2024.

SARAMAGO, J. **Viagem a Portugal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.

SATER, A. Tocando em frente. In: SATER, A. **Tocando em frente**. Som Livre, 1990. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44082/> Acesso em: 10 jan.2024.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SEIDEL, V. F. Da singularidade à polifonia: uma proposta de releitura da teoria bakhtiniana. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso** 17 (1), Jan-Mar 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/52595> Acesso em: 10 ago. 2023.

SHULMAN, L. S. Knowledge and teaching: foundations of the new reform. **Educational review**, 57 (1), pp. 1-22, 1987. Disponível em: <https://meridian.allenpress.com/her/article-abstract/57/1/1/31319/Knowledge-and-Teaching-Foundations-of-the-New?redirectedFrom=fulltext> Acesso em: 20 set. 2023.

SILVA, W. Vitae memorabilem: o memorial acadêmico como escrita autobiográfica entre historiadores e antropólogos. **Revista Nupem**, Campo Mourão, v. 14, n. 32, p. 41-58, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/4853> Acesso em: 20 set. 2023.

SILVA, O. O que é extensão universitária? **Integração ensino-pesquisa-extensão**, III(9):148-9, maio/97.

SILVA, I. M. M.; SILVA, C.; OLIVEIRA, A. Didática intercomunicativa: do diálogo às relações afetivas no contexto da educação a distância. In: SILVA, I.; DOMINGOS, S. (Orgs.). **Cenas da Educação a Distância: aprendizagens, metodologias e inovações**. Recife: EDUFPE, 2020. (Coleção educação a distância em debate; 3).

SILVA, I. M. M. **Interação texto-leitor na escola**: dialogando com os contos de Gilvan Lemos. Programa de Pós-Graduação em Letras. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura, UFPE, Recife, 1997. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7642> Acesso: 20 out. 2022.

SILVA, I. M. M. **O cronotopo na obra Espaço Terrestre**: o diálogo tempo-espaco como princípio organizador da narrativa. Programa de Pós-Graduação em Letras. Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura, UFPE, Recife, 2023. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/25275370/letras-digitais-30-anos-de-teses-e-dissertaaues> Acesso: 20 out. 2022.

SILVA, I. M. M. **Gênero discursivo mediacional**: diálogos com a produção de materiais didáticos impressos para educação a distância. Universidade de Brasília. V Curso de

especialização em educação continuada e a distância. Trabalho de Conclusão de Curso, Brasília – DF, 2011.

SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula: da teoria à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE. Coleção Teses, Recife, 2005.

SILVA, I. M. M. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. **Anais do Evento PG Letras 30 Anos**. Vol. I (1): 514-527p., 2003. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12730672/literatura-em-sala-de-aula-da-teoria-literaria-a-> Acesso em: 10 nov. 2023.

SILVA, I. M. M. Literatura no Ensino Médio: conexões com orientações curriculares. **Olh@res**, Guarulhos, v. 5, n. 2, novembro 2017. 90-107p. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/709> Acesso em: 10 nov. 2023.

SILVA, I. M. M. Ensino de literatura: interfaces com a cultura digital. **Pensares em Revista**. São Gonçalo-RJ, n. 5, pág. 62 – 82, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/16550> Acesso em: 10 nov. 2023.

SILVA, I. M. M. Ensino de literatura na era digital: conexões ilimitadas com o *Reader-Response Criticism*. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 49235-49250, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/13623> Acesso em: 10 nov. 2023.

SILVA, I. M. M. Ensino de Literatura na era das mídias digitais: e agora, professor(a)? *In*: SUASSUNA, Lívia. (Org.). **Literatura e Educação: temas em interface**. 1ed. Recife – PE, 2023, p. 133-147. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/literatura-e-educacao-temas-em-interface/> Acesso em: 5 fev. 2024.

SILVA, I. M. M. A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor? *In*: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2022, p. 77-115.

SILVA, I. M. M. Cronotopos dos (des)encontros nas travessias da cibercultura: tecnologias, letramentos digitais e formação docente. *In*: ALVES, T. P.; CARVALHO, B. (Orgs.). **Cultura digital e educação: pesquisas em novos cenários**, Recife, Editora da UFPE, 2024. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/906> Acesso em: 5 fev. 2024.

SILVA, I. M. M.; PEDROZA, M. K. L. ; SILVA, E. F. Educação literária aberta na cultura digital: potencialidades de recursos educacionais abertos para práticas de letramentos literários. *In*: **Estudos Interdisciplinares da Linguagem e Ensino**. 1ed. Campina Grande: Realize Editora, 2023, v. 2, p. 39-52. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/92232> Acesso em: Acesso em: 10 abr. 2024.

SHULMAN, L. S. Knowledge and teaching: foundations of the new reform. **Harvard Educational review**, 57 (1), pp. 1-22, 1987. Disponível em: <https://people.ucsc.edu/~ktellez/shulman.pdf> Acesso em: 15 jun. 2023.

SOARES, M. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 2001.



SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 jun. 2023.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, A.; BRANDÃO, H. (Orgs.). **A escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TITÃS. Epitáfio. *In*: **A melhor banda de todos os tempos da última semana**. São Paulo: WEA, 2001. Faixa 4.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Resolução CONSU/UFRPE nº 086/2014**. Estabelece normas para a avaliação de desempenho docente para fins de Promoção para a Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior e Classe de Titular da Carreira do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, UFRPE, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Resolução CONSU/UFRPE nº 120/2018**. Aprova alteração da Resolução nº 086/2014 do CONSU da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Estabelece normas para a avaliação de desempenho docente para fins de Promoção para a Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior e Classe de Titular da Carreira do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, UFRPE, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Resolução CONSU/UFRPE nº 009/2019**. Regulamenta procedimentos para as progressões funcionais e promoções das carreiras de Magistério Superior e do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, UFRPE, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Resolução CONSU/UFRPE nº 065/2020**. Altera as Resoluções nº 086/2014 e 120/2018, devido à suspensão das atividades presenciais. Recife, UFRPE, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Resolução nº 085/2020 CEPE/UFRPE**. Dispõe sobre a Regulamentação, em caráter excepcional, da oferta de unidades curriculares e de outras atividades acadêmicas no Período Letivo Excepcional (PLE), no formato remoto, no âmbito dos cursos de graduação na Universidade Federal Rural de Pernambuco, em função da suspensão das atividades presenciais devido à pandemia do Covid-19. Recife, UFRPE, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. **Plano de Desenvolvimento Institucional- PDI 2021-2030**. Recife, UFRPE, 2021.

URBANA, Legião. Tempo Perdido. Intérprete: Legião Urbana. *In*: **Dois**. Rio de Janeiro: EMI, 1986. 1 disco sonoro (vinil). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22489/> Acesso em: 5 abr.2024.

VELOSO, C. Oração ao Tempo. *In*: VELOSO, C. **Cinema Transcendental**. [s.l.]: Universal Music, 1979. 1 disco sonoro (37 min).

VELOSO, C. Livros. *In*: VELOSO, C. **Livro**. Rio de Janeiro: Universal Music, 1997. Faixa 1. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/81628/> Acesso em: 10 out. 2023.

VIEIRA, C. E. Exercício de escrita de si: uma trajetória intelectual no âmbito do ensino e da pesquisa em história da educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 63, p. 291-312, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/dyMMc8zhpvLDqLWhTPmrqYP/?format=pdf> Acesso em: 6 jun. 2024.

ZEICHNER, K. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. *In*: GERALDI, FIORENTINI & PEREIRA. **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998, p. 207-236.

ZILBERMAN, R. **Fundamentos do texto literário**. Curitiba, PR: IESDE, 2013, p.34.

WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da Literatura**. Publicações Europa-América. 1976, 5ª edição. p. 21- 30.

**APÊNDICE – Memorial Descritivo Analítico – Síntese de Atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão**

**ANEXOS - Documentação Comprobatória do Memorial Descritivo Analítico**